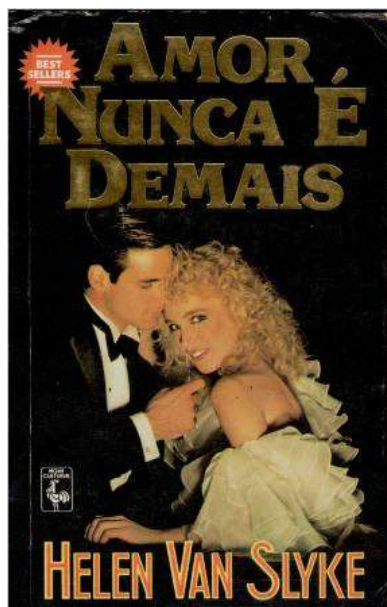




Uma mulher independente em busca da felicidade, do amor e da fortuna.

Dinâmica e sedutora, Lindsay Tresher casa-se aos dezenove anos com seu primeiro e único namorado. A guerra, a traição do marido e o nascimento de uma filha levam seu casamento à ruína. Vinte anos mais tarde, apaixona-se por seu chofer, e a diferença social interfere na ligação. Mas os anos não passaram inutilmente para Lindsay — agora uma rica mulher de negócios — e ela aprendeu que nunca é tarde para amar.

Disponibilização: Marisa Helena, Digitalização: Marina, Revisão: Gaby



Título original: *No Love Lost*

© Copyright desta edição, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1986.

Publicado sob licença da Edward J. Acton, Inc., Literary & Software Management, Nova York, e da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.

Tradução publicada sob licença da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.

Capa: Keystone.



Primeira parte
Os anos de crescimento

Capítulo 1

— Aquela mulher telefonou hoje.

Em seus dez anos de idade, Lindsay parou antes de alcançar a porta do vestíbulo ao pressentir, pelo tom de voz de sua mãe, que não era hora oportuna de entrar. Houve um curto silêncio, rompido apenas pelo tilintar dos cubos de gelo na coqueteleira. O pai de Lindsay sempre se servia de um drinque antes do jantar. Ainda que o ano fosse o de 1930 e vigorasse algo chamado Proibição, Howard Thresher não tinha nenhuma intenção de renunciar a seus martinis ou ao vinho no jantar ou a quaisquer outras comodidades de uma vida civilizada. Ele era um cavalheiro por natureza, orgulhava-se de proclamar essa condição, e por Deus pretendia viver como tal, ainda que Herbert Hoover ou qualquer outro maldito presidente dispusesse o contrário.

Sentindo-se culpada por espionar atrás da porta, mas confusa e intrigada, Lindsay permaneceu quieta, prestando atenção à resposta do pai.

— Que mulher é essa, querida?

Pauline Thresher falou com um toque que soou desdenhoso:

— Pelo amor de Deus, não finja, Howard. Não a esta altura dos acontecimentos. Você, como de costume, não tem feito segredo algum desse caso. Não acha um tanto ridículo agir como se não soubesse de quem estou falando? — Sua voz elevou-se ligeiramente. — Sua atual amante telefonou, é claro. Exatamente como costumam fazer eventualmente.

— Entendo. Perdoe-me, querida. Farei com que isso não volte a acontecer. Ela sabe muito bem que não deve telefonar para cá.

Pauline riu. Não era um riso agradável, e Lindsay sentiu-se estremecer na escuridão do corredor.

— Querida, você está sendo ridícula. Você é uma dama. Não há termo de comparação nos apelos físicos dos dois sexos. Nós temos abordado isso centenas de vezes. Em todos esses anos tenho sido inteiramente sincero com você. Tenho dado a você tudo de mim. Por que vir com isso de novo, simplesmente por causa desse telefonema fora de propósito? Eu já lhe disse que sinto o que ocorreu, mas afinal de contas você estava a par de que essa mulher existia. Você soube a respeito de cada uma das outras. Porque elas não são uma ameaça a você, querida, e eu não a ofenderia a ponto de manter encontros às escondidas. Eu a respeito. Você é minha mulher. A mãe de meus filhos.

Houve um longo silêncio antes que Pauline dissesse:

— É inútil conversarmos mais sobre o assunto. Lembre-se apenas de uma coisa, Howard. Sei o que essas mulheres são em sua vida. Sou mesmo fraca demais. Aceito isso simplesmente porque o amo. Mas nunca, nunca permita que uma delas se aproxime de mim novamente, seja pessoalmente ou pelo telefone! Juro a você que, se acontecer de novo, não serei responsável por meus atos!

Lindsay aguardou mais alguns minutos, mas nenhuma outra palavra foi dita. Quando ela entrou na sala de estar, seus pais estavam sentados em seus lugares habituais, sorvendo seus drinques. Se ela não tivesse ouvido aquela discussão teria imaginado que aquela era uma noite igual a qualquer outra. Mas não era. Papai e mamãe estavam zangados um com o outro por algo de que ela não devia inteirar-se. Claro que poderia perguntar-lhes a respeito, mas tinha certeza de que recordaria cada palavra do que ouvira e as transmitiria a James quando ele voltasse para casa, de Harvard, na próxima semana, por ocasião das festas natalinas. Seu irmão lhe explicaria o que estava acontecendo. Ele estava com dezoito anos. Já bem crescido, mas bem mais acessível que a maioria dos adultos. James era o seu amigo mais querido. Mais íntimo ainda que Adele Frampton, sua melhor amiga desde que eram criancinhas. James era mesmo mais especial que a mãe do papai Howard, que morava com eles no grande apartamento. "Gandy", nome que Lindsay dera à velha senhora quando ainda não era capaz de pronunciar *grandmother*¹, era uma fonte infalível de sabedoria e reconforto. Mas a garotinha sentia que aquela troca intrigante de palavras era algo sobre o que ela só podia falar com James. Fora a primeira vez em sua vida que ouvira sua mãe falar tão alteradamente e seu pai mostrar-se tão zangado, e a percepção de que eles podiam discutir fazia o mundo maravilhoso e protegido de Lindsay parecer subitamente menos seguro. Ela os amava tanto. Ao lado de James e Gandy, eram as coisas mais importantes em seu mundo infantil.

Como se mesmo o ambiente tivesse mudado nos últimos poucos minutos, Lindsay percorreu com o olhar a grande sala de estar, seus grandes olhos castanhos demo-rando-se em cada peça da decoração familiar. Era uma sala maravilhosa, com pé-direito de três metros e sessenta de altura e, numa extremidade, janelas que ofereciam uma vista deslumbrante do Central Park. Naquela noite esse panorama era obscurecido pelas pesadas cortinas de veludo em tom lilás, a cor preferida de Pauline, que se repetia no grande sofá e nas cadeiras de encosto ako. O fogo ardia vivamente na lareira, acima da qual se via um velho retrato a óleo do pai de Howard, Mortimer Thresher, falecido durante a gripe espanhola de 1918, dois anos antes de Lindsay nascer. Fora nessa época que Gandy viera morar com o filho, Pauline e o filho deles, James, então com seis anos. Gandy vivia ali desde que Lindsay viera ao mundo, uma mulher cordial, dedicada, com um senso de humor que seu filho não compartilhava e uma tolerância quanto às fraquezas humanas que sua nora tentava, com muita dificuldade, igualar. Conquanto fosse uma mulher simples, adorava coisas bonitas, e se sentia grata por ser rica o bastante para se permitir tê-las. Durante os anos em que estivera casada com Mortimer, Sara Thresher tinha adquirido os tesouros que trouxera consigo para a casa de seu filho. Eram suas as delicadas caixas Fabergé, cuidadosamente trancadas em pequenos armários de colecionador que flanqueavam a lareira. Suas, também, eram as finas e valiosas telas de Renoir e Manet, penduradas nas paredes da sala de estar, além do aparelho de chá georgiano, de prata, na sala de jantar, e os elegantes tapetes orientais espalhados pelo apartamento, o maior dos quais praticamente cobria todo o piso da sala que Lindsay observava agora tão meticulosamente.

¹ Avó. (N. do T.)

— Algum dia — dissera uma vez Gandy — todas essas coisas serão suas, querida Lindsay. Suas e de James. Cuide bem delas, meu bem, não pelo dinheiro que representam, pois seu valor monetário não tem importância, mas sim pelas suas qualidades ímpares. São obras de arte. Representam o amor, o amor do artista que levou anos criando-as, o amor de sua velha Gandy, que encontrou a felicidade em cada dia de sua vida justamente contemplando tal efusão de genialidade. Quando eu morrer, sentir-me-ei feliz por saber que aqueles que significam mais para mim disporão de anos para deleitar seus olhos com a visão de toda esta beleza.

Lindsay não tinha entendido tudo aquilo, mas a menção feita pela avó à sua própria morte teve um eco terrível, assustador.

— Você não vai morrer, Gandy. Nunca!

Sara rira e a apertara nos braços, tranquilizando-a.

— Bem, isso não acontecerá tão cedo, eu lhe prometo. Afinal, não fiz sessenta anos ainda. Sei que isso parecerá um século para você, mas, se for do desejo de Deus, ainda terei um bom número de anos pela frente. — Assumira uma expressão séria ao acrescentar: — Desejo ver você crescer, sabe disso. Você será uma bela mulher. E inteligente. Mais do que eu e talvez mais do que sua mãe. Pelo menos assim espero. — Sara parecera perdida em seus pensamentos por um momento. Então dissera: — Nunca se mostre tola a respeito de homens, pequena Lindsay. Eles são como crianças. Necessitam de uma mão amorosa, mas firme.

A menina ficara olhando fixamente para a avó, sem compreender.

Sara sorria.

— Que tolices estou dizendo! Viu o que você fez com toda essa tolice de se preocupar acerca de eu deixá-la para sempre? Nunca a deixarei, você sabe. Sou como uma moeda de um pêni. Não uma falsa, mas uma de metal brilhante. Lembre-se, querida, posso aparecer quando menos se espera. Se você encontrar um pêni brilhante, em algum lugar, em todos os anos que virão, você o apanhará do chão e dirá: "Aí está a Gandy!" Vai se lembrar disso?

Lindsay meneara a cabeça solenemente.

— Sim, senhora.

— Ótimo. — Sara rebuscou no bolso de seu vestido. — Ora, ora! Aqui está um reluzente pêni! Veja, tome-o. É o primeiro de muitos que virão. Guarde-o para dar sorte, minha querida. Com o tempo você terá milhares de "Gandys", todos dizendo-lhe o quanto é amada.

Sentada quietamente agora, ouvindo seus pais conversarem com naturalidade, como se nenhuma palavra detestável tivesse sido pronunciada momentos atrás, Lindsay recordou as estranhas palavras de sua avó. "Eu sou amada", pensou. "Gandy ainda está aqui, amando-me tal como o fazem mamãe, papai e James. Não tenho que me preocupar com coisa alguma. Tudo está igualzinho ao que sempre foi." Mas sentou-se com a testa franzida, mergulhada em seus pensamentos, alheada, até que Gandy entrou na sala dizendo que a mulher mais velha ia juntar-se a eles.

— Bem, a jovem senhora desta casa deve ter algo muito sério em sua mente esta noite.

E os três adultos olhavam agora para ela, Lindsay, com curiosidade.

— O que há, gatinha? Alguma coisa saiu errada hoje na escola?

— Não, papai, tudo está bem.

— Você certamente não transmite essa certeza. Tem o ar de quem acaba de perder sua melhor amiga.

Pauline acompanhou o fio dos pensamentos do marido e pegou a deixa:

— Você e Adele não brigaram, brigaram?

— Não, mamãe. Nós não brigamos.

Pauline e Howard trocaram um olhar de relance e compartilharam de uma mesma indagação muda. Anos e anos de convivência conjugal tinham tornado suas reações semelhantes. A ênfase dada por Lindsay ao "nós" fora intencional. Teria ela ouvido a desagradável discussão de alguns minutos atrás?

— Bem — disse Howard —, *alguma coisa* certamente está aborrecendo você. Não acha que seria melhor dizer-nos do que se trata?

Acuada, Lindsay disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Eu poderia usar um corte de cabelo de namorada?

Pauline olhou-a fixamente.

— Um *quê*? O que vem a ser afinal um corte de cabelo de "namorada"?

— Muitas meninas lá da escola estão usando-o. É um penteado curto e reto, com franjinha. Somente... bem, as franjinhas são cortadas em curva, como um coração, com a ponta no meio da testa.

— Bom Deus! — explodiu Howard. — Que sugestão detestável!

Pauline mostrou-se mais gentil ao dizer:

— Lindsay querida, não posso acreditar que você queira cortar seu belo cabelo. Porque, afinal, ele chega quase ao meio das suas costas e é tão bonito como fios de ouro!

Lindsay não desejava realmente usar aquele corte de cabelo idiota. Ela não sabia por que mencionara tal detalhe. Talvez simplesmente pelo fato de Polly Roberts e algumas daquelas meninas tolas da escola terem adotado tal penteado. Mas ela estava zangada com seus pais de uma maneira irracional, e a reação de desagrado deles levou-a a teimar:

— Vocês nunca me deixam fazer tudo o que os outros fazem! Eu não posso agir por mim mesma! Não posso escolher minhas próprias roupas. Vocês me tratam como se eu fosse um bebê!

— Lindsay! — disse o pai com sua voz nada contemporizadora. — Não queremos ouvir mais nada sobre essa idéia absurda. Tolice, moda passageira sem gosto! Corte de cabelo "namorada", qual! Quanto às suas outras queixas, desde que você persiste em agir como um bebê, não acho que deva se surpreender de que a tratemos como tal. Quando você tiver idade suficiente para tomar decisões inteligentes, sua mãe e eu nos sentiremos felizes em permitir que o faça. Até então, sugiro que você atente para seus modos. Não toleramos crianças malcriadas nesta casa.

Lindsay olhou para o tapete, sem responder.

— Não seja tão duro com ela, Howard — disse Gandy. — Crianças têm instinto gregário. Não é assim tão terrível que Lindsay deseje fazer o que as outras meninas estão fazendo. Isso não quer dizer que eu gostasse de vê-la cortar seu cabelo. Ela cedo

desistiria dessa moda — acrescentou, mais em benefício de Lindsay do que de seu filho. — E não acho que ela tenha noção de quanto tempo leva para o cabelo crescer de novo.

— Mamãe, eu preferiria que a senhora não interferisse — disse Howard, com firmeza. — Não temos obrigação de dar a Lindsay uma justificativa para a nossa recusa. A resposta é, muito simplesmente, não.

A menina tinha uma expressão tão patética que intimamente Pauline se inclinou a seu favor. Howard estava certo, naturalmente, mas era tão desprovido de tato. Ele realmente não se preocupava o mínimo com os sentimentos de uma pessoa. Sua palavra era lei, e ele não admitia nenhuma argumentação contrária. Ninguém sabia disso melhor do que ela. Agora Lindsay se via esmagada, e Gandy se sentia como uma intrometida. E não havia nada que ela, Pauline, pudesse fazer por ambas. Que coisa estúpida, pensou, um detalhe tão insignificante vir a tornar todos ali tão desgostosos. Howard era forte. Howard era generoso. Mas ele era também dogmático, ditatorial e, amiúde, cruel.

Pauline contemplou novamente a expressão acabrunhada de Lindsay. E subitamente se convenceu de que aquela expressão desolada nada tinha a ver com aquele ridículo corte de cabelo. Fora simplesmente uma mentira tola e inofensiva, ideada ao sabor do momento, para camuflar o que na realidade a estava incomodando. "Nossa intuição inicial estava correta", pensou Pauline. "Ela ouviu Howard e eu discutindo sobre o presente romance dele. Até que ponto terá entendido o que ouviu? O suficiente, é claro, para perturbá-la profundamente." Pauline reconhecia aquela expressão de infelicidade. Já vira uma outra muito parecida, três anos atrás, no rosto de seu filho.

Com um momentâneo toque de algo aproximado do ódio, Pauline olhou seu marido, que, acreditando ter resolvido uma questão menor de disciplina, estava relaxando agora, sorvendo seu segundo drinque. "Maldito Howard! Diabos o levem", pensou Pauline, "por seu egoísmo, por sua indecente alegação de inocência!" Não bastava que ele a fizesse infeliz e humilhasse sua própria mãe. Não, agora ele também conseguira trazer a infelicidade para seus dois filhos. James tomara conhecimento do caso há três anos. E Pauline pensou: "Desejaria que Lindsay pudesse conservar suas ilusões por mais tempo. Howard faz alarde de suas indiscrições tanto fora de seu lar como dentro dele. Tem-se quase a impressão de que ele se orgulha de ser infiel. Como se isso o tornasse mais homem".

E Pauline se perguntou se devia tocar nesse assunto com Lindsay, como finalmente tivera que fazer com James. Impossível. Como alguém poderia explicar isso a uma criança de dez anos? "Talvez", pensou Pauline, uma vez mais apegando-se a uma tênue esperança, "eu esteja apenas supondo que ela saiba de algo. Não posso ter certeza de que ela se achava do outro lado da porta enquanto eu e Howard discutíamos. Ou que, se ela estava, possa ter alguma noção do que aquilo significa. Talvez eu esteja tão absorvida pelo meu problema que atribua a outrem as dificuldades que são só minhas."

"Deixemos por enquanto as coisas como estão", disse a si mesma. "Haverá bastante tempo, mais tarde, para explicações." Se, na verdade, alguém pudesse algum dia explicar um relacionamento tão complicado como o dela e Howard.

Capítulo 2

Lindsay pensou que nunca chegaria a hora em que James voltaria de Harvard. Sua ansiedade normal de rever seu adorado irmão era intensificada pelo desejo de lhe fazer perguntas acerca daquela conversa carregada de maus presságios. Os dias pareciam arrastar-se muito lentamente. Pela primeira vez em sua vida, mesmo os fascinantes preparativos para o Natal não ocuparam totalmente a atenção da menina. Estando a escola fechada para as férias, Lindsay e Gandy foram à Saks comprar os presentes que dariam a seus familiares e o presente especial que a menina gostava de escolher para Adele. A grande árvore fora entregue em casa e colocada num canto da sala de estar, aguardando ser enfeitada na véspera do Natal. Até três anos atrás, Lindsay não tivera permissão para participar. Até então, fora sempre enviada cedo para a cama a fim de "esperar por Papai Noel", mas agora que não mais acreditava nele, tomaria parte do entretenimento natalino. Ela amava isso: ver os ornamentos antigos serem retirados de seus envoltórios de seda, contemplar o glorioso símbolo vivificado pelas luzes e pingentes de ouro e papel prateado, como se fosse um grande gigante rebrilhante montando guarda às dúzias de pacotes a seus pés.

Mas naquele ano essa antecipação emotiva estava sendo nublada pelo desassossego. Lindsay estava tão indiferente a respeito de tudo que Gandy ficou preocupada. Enquanto a observava brincando com a colherinha em vez de tomar seu *sundae* de chocolate no Schrafft's, a avó se perguntou o que estaria acontecendo. A menina tinha estado tão quieta naquelas duas últimas semanas, mais do que nunca desde que Howard dissera não ao seu pedido para usar aquele ridículo corte de cabelo. Lindsay parecia ausente, pensativa, quase dolorosamente confusa. Muito diferente de seu jeito normalmente vivaz, quase arrebatado. Sara pensara em conversar com Pauline sobre isso, mas hesitara. Tomava todo o cuidado em não interferir no modo como o filho e a nora educavam seus filhos, e ainda se recordava bem da acerba repreensão de Howard quando ela intervieria ligeiramente na discussão acerca do tal corte de cabelo. Por vezes ela se sentia como uma hóspede naquela casa, mesmo morando ali já há doze anos.

"Teria sido melhor se eu tivesse permanecido em meu próprio apartamento quando Mortimer morreu", pensou ela pela centésima vez. "Devia ter agido assim quando ainda era corajosa o bastante para viver sozinha. Corajosa o bastante? Que tipo de bravura deveria possuir? A do tipo que nunca tive", pensou. "Nunca conseguiria viver só. Não posso imaginar isso, mesmo agora."

Era difícil não ter nenhum papel efetivo na direção de uma casa ou possuir voz ativa em relação aos pequenos problemas do dia-a-dia que surgiam. Mas tinha plena consciência de como as gerações podem conflitar-se. Ela nunca seria a mãe importuna ou a sogra abelhuda, ou mesmo a avó agressivamente sabe-tudo. Ainda agora, quando algo não ia bem, como ocorria com Lindsay, ela se perguntava como Pauline e Howard podiam ignorar isso.

— Há alguma coisa com seu *sundae*?

— Não, Gandy. Ele está ótimo. Só que não estou com muita fome.

— Ora, *isto* sim é uma surpresa! Pela primeira vez vejo você brincar com seu sorvete. Tem certeza de que se sente bem?

— Sim, senhora.

Avó e neta mergulharam em silêncio de novo.

— Se alguma coisa a está incomodando, Lindsay querida, pode me contar. Bem, às vezes é bom conversar sobre um problema.

O pequeno rosto permaneceu fechado.

— Não há nada me aborrecendo, Gandy. Simplesmente desejo que James venha logo para casa.

Então era isso. O que quer que estivesse preocupando a menina ela o reservara para discutir com seu irmão. Muito justo, pensou Sara. "Ela se sente mais chegada a ele do que a qualquer de nós. Qualquer que seja a dificuldade, James irá resolvê-la. Ele é um ótimo rapaz. Muito diferente de seu pai." E Sara enrubesceu, com certo remorso, ao perceber o que acabara de pensar. Mas, infelizmente, era verdade. Howard era como *seu* pai. Mortimer fora o mesmo tipo de homem forte, obstinado, e, sim, infiel. Seu filho, naturalmente, herdara esses traços. Mas James, ela o sabia de algum modo, seria diferente. Era mais sensível, mais atencioso. Já era na verdade um homem muito gentil.

Sara sentiu-se melhor. Pelo menos Lindsay faria confidências sobre seus problemas a alguém em quem confiava. E James, por sua vez, certamente daria a ajuda e a tranquilidade de que Lindsay parecia necessitar.

Lamentavelmente para Lindsay, quando James finalmente chegou, parecendo ainda mais bonito e crescido do que se mostrara no Dia de Ação de Graças, nada fez para realmente desfazer o mistério. Em vez disso, quando ela lhe repetiu tudo o que ouvira, tomando todo o cuidado em relatar com fidelidade o que fora dito pelos pais, seu irmão voltou-se para ela com ar zangado.

— Você é uma pequena e vulgar bisbilhoteira! Que há com você? Deu para ficar atrás das portas escutando as conversas íntimas de outras pessoas?

Lindsay sentiu-se surpresa e magoada.

— Não fiz o que você diz. Estava simplesmente para entrar na sala e...

— Então por que afinal não *entrou* logo, em vez de se esconder no vestíbulo?

Por que ele estava tão furioso? E Lindsay se pôs a observá-lo, enquanto ele abria a mala, as gavetas do armário, e guardava suas roupas. Sentada na cama do irmão, Lindsay nada disse, mas seus olhos se encheram de lágrimas. Se James não ia conversar com ela, esclarecê-la, quem mais poderia fazê-lo?

Enquanto andava de um lado para outro, pendurando suas roupas nos cabides, James observava a irmã com o canto do olho. Diabos! Por que ela tinha que ser exposta àquilo tão cedo? Ele só descobrira o que acontecia em casa quando completara quinze anos. Lembrava-se de como se sentira então: cético de início, e depois ultrajado pelo comportamento de seu pai. E nunca se recuperara daquela indignação. Provavelmente nunca se recuperaria. Mas pelo menos já era crescido o bastante para entender o que os colegas de colégio lhe diziam, pensou. Falatórios que os garotos tinham ouvido de seus pais. "Pobre pequena Lindsay. É jovem demais para entender. Estou certo de que ela nem sequer sabe algo sobre sexo entre pessoas casadas, muito menos ainda esse tipo de coisa. Tudo o que ela sabe é que algo não está bem, algo que a ameaça."

Terminou de arrumar suas coisas, finalmente, e sentou-se ao lado da irmã, segurando entre as suas uma das mãos pequenas e gorduchinhas de Lindsay.

— Ouça, garotinha, não há nada com que se preocupar. Entenda, pessoas casadas algumas vezes discutem sobre coisas que não são na realidade tão sérias como parecem. Esqueça isso. Mamãe e papai provavelmente discordam quanto a isso ou aquilo o tempo todo. Simplesmente não ocorreu a você ouvi-los discutir antes. Tenho certeza de que os dois já tiveram um bocado de discussões parecidas nesses vinte anos de casados. — E apontou o dedo para ela, brincalhão. — E você é uma garota muito travessa por ter ouvido às escondidas essa discussão, sabe bem. Isso se chama andar escutando atrás das portas, e pessoas educadas não fazem tal coisa. É como tirar do gancho o fone da extensão quando alguém está falando em outra sala. Ou abrir uma carta endereçada a outra pessoa.

A explicação referente a discussões entre casais não satisfez a Lindsay. Nem a tática de James de tentar converter o tema abordado num reparo sobre sua falta de educação conseguiu desviar sua atenção do assunto. Lindsay tinha certeza de que tudo aquilo era um plano para mantê-la na ignorância de algo, alguma coisa que a família não queria que ela viesse a descobrir. E se perguntou se seus pais estariam pretendendo se divorciar. Suas coleguinhas falavam às vezes sobre divórcio. Os pais de algumas dessas meninas tinham se divorciado, e agora elas tinham duas mães e dois pais. E Lindsay detestaria isso.

— Mamãe e papai estão querendo se divorciar, James?

— Claro que não, tolinha! De onde você tirou essa idéia boba?

— Bem, por que mamãe ficou tão transtornada porque uma mulher telefonou para cá? Ela parecia estar com ódio de papai. E ele também não foi nada gentil com ela.

James suspirou. Aquilo não ia ser fácil.

— Querida, mamãe ficou simplesmente aborrecida porque alguma pessoa amiga de papai veio importuná-la, isso é tudo. Ou talvez nem mesmo fosse uma amiga. Pode ter sido alguma mulher lá do escritório. Você sabe como mamãe detesta quando ele trata de assuntos de negócios recebendo visitas ou telefonemas aqui em casa. — Deu um abraço apertado em Lindsay. — Seja sincera! Você se preocupa à toa. Nossos pais pareciam os mesmos ao jantar, não pareciam? E você desde então não ouviu mais nenhuma discussão, nada que soasse como uma charada, ouviu? A menina fez que não com um gesto de cabeça.

— Muito bem. Viu? Aquilo foi apenas uma briguinha, e acabou. Você e Adele ficam estremecidas uma com a outra de vez em quando. Até mesmo eu e você já tivemos nossas discussões. Todos se aborrecem de vez em quando, não importa o quanto se queiram bem. Acontece com marido e mulher. Com os melhores amigos deste mundo. — E ele fez cócegas nas costelas de Lindsay. — Mesmo com irmãos e irmãs. Mas eles sempre fazem as pazes.

Lindsay riu baixinho, mas, quando James parou de falar, voltou a ficar séria. Seus grandes olhos se fixaram nos do irmão, suplicantes.

— Você tem certeza, James? Mamãe e papai ainda se amam?

Ele podia responder a isso sinceramente.

— Pode apostar que sim. E eles nos amam. Pode contar com isso. Nada irá destruir seu lar, garotinha. Nunca. Eu lhe dou minha palavra. — Ergueu-a e a fez ficar de pé, dando-lhe um tapinha afetuoso no traseiro. — Agora, corra! Tenho que me lavar, tirar do

corpo toda a poeira da estrada de New Havem Oh, Lindsay, sinto que tenha parecido duro com você momentos atrás, mas realmente não deve ficar escutando atrás das portas. Isso me põe zangado. Prometa que não fará isso de novo.

— Não farei. Apresse-se e desça logo.

— Certo. Estarei com você num instante.

Quando Lindsay saiu do quarto, James despiu-se e meteu-se sob o chuveiro. Ensaboando-se vigorosamente sob a ducha de água morna, sentiu a antiga indignação retornar. Lembrou-se do dia em que soubera daquelas coisas sobre seu pai. De início não entendera direito o que seus colegas estavam falando. Julgara que fosse apenas mais uma daquelas conversinhas sujas dos rapazes do colégio, todos aqueles falatórios sobre o seu pai ser um tipo vistoso e muito mulherengo. Mas quando captou o sentido do que estavam dizendo e soube que repetiam o que haviam ouvido em suas casas, sentiu-se doente.

— Meu pai diz que seu velho está demais. Anda dormindo com alguma dona lá para os lados do West Side.

— Sim, Jim. Ouvi dizer que ele vai lá todas as tardes.

— Caramba! Minha velha subiria pelas paredes se acontecesse isso com ela! Por que sua mãe não reage?

James olhou para seus colegas friamente.

— Não sei do que vocês estão falando.

— Ora, vamos. Claro que sabe. Todo mundo sabe. Seu pai tem uma amante. Por favor, não faça de conta que ainda não sabe! Ouvi minha mãe dizer que ele é e sempre foi um marido infiel.

James se atracara com seus atormentadores, e a próxima coisa que percebeu depois foi que o professor de física, Ed, estava apartando e esclarecendo a briga num aposento fechado. Naquela tarde James voltou para casa com um olho quase fechado e um bilhete de reprimenda do diretor do colégio, que exigia uma resposta de seu pai ou de sua mãe. Movido por um cavalheirismo instintivo, ocultou a verdade à sua mãe. Disse a ela que ficara com o olho roxo durante uma partida de basquetebol. Então aguardou que seu pai estivesse sozinho na biblioteca após o jantar, trabalhando à sua mesa. Sem mesmo bater à porta, como era seu costume, ele foi entrando e se defrontou com Howard Thresher, que deixou de lado o papel que examinava para olhar o filho com certa surpresa.

— Deseja alguma coisa, James?

Numa resposta muda, o rapaz colocou o bilhete do diretor do colégio quase junto ao rosto do pai.

— Esteve brigando, hein? Pensei que tivesse ganho esse olho roxo jogando basquete.

— Isso foi o que eu disse a mamãe.

O pai sorria com indulgência.

— Entendo. Claro. Ela ficaria muito nervosa se pensasse que você andou metido em brigas. Bem, um homem tem que aprender a se defender. Presumo que você estivesse se defendendo, certo?

James sentiu sua desconfiança começar a evaporar-se. O pai era uma pessoa tão ocupada. Era difícil imaginá-lo escapulindo até um apartamento para se deitar com uma mulher. Talvez os rapazes do colégio estivessem enganados. Talvez aqueles...

— Bem, James? Eu lhe fiz uma pergunta.

— Eu estava defendendo você. — E prosseguiu brusca, acusadoramente: — Os rapazes estavam dizendo... isto é, eles ouviram seus pais dizerem... — e parou de repente.

— Sim? Prossiga. Ouviram o quê?

"Tudo bem, dane-se", pensou James. E arrematou:

— Que você tem uma mulher a quem vê todas as tardes. E que você... vai para a cama com ela.

Pronto. Estava dito. Ele esperara pela negativa de seu pai. Ansiara por ela. Desejara imensamente ouvir uma resposta plena de indignação. Mas Howard simplesmente se recostara em sua grande cadeira estofada de couro, perfeitamente relaxado, as mãos unidas à sua frente, o rosto atraente tão calmo e controlado como sempre.

— Eles estão inteiramente certos, filho. Eu faço isso.

James ficou olhando para o pai, de queixo caído.

— Não fique tão chocado assim, pelo amor de Deus! Na sua idade, você deve conhecer a realidade da vida. Lamento apenas não ter tido uma oportunidade de lhe falar sobre isso antes que você soubesse por estranhos. Devia ter percebido que já era crescido o bastante para entender essas coisas. Na realidade você já é um homem, certo? Temos a tendência de nos esquecer de que as crianças se desenvolvem num abrir e fechar de olhos.

James procurava encontrar as palavras certas. Murmurou:

— Então é verdade? Você... você trai mamãe? Está de amores com outra mulher?

— Não. Isto é, eu amo somente sua mãe, James, e sempre amarei. Traição? Acho essa expressão vulgar ao extremo, mal escolhida no caso. Não há nenhuma "traição", como você diz. Sua mãe sabe o que eu faço. Ela está sempre ciente de meus pequenos arranjos e os aceita como são. Nunca permito que nenhum desses casos dure o bastante a ponto de se converter num sério problema para ela ou para mim.

— Mas você é infiel! Rompeu com seus votos conjugais. E o admite!

— Ora vamos, James, não faça disso um melodrama! Não é algo tão terrível assim, você sabe. Não cometi nenhum desvio de fundos nem assassinei ninguém. Simplesmente faço o que a maioria dos homens de nossa classe social fazem: cultivar um flerte passageiro. Você, sem dúvida, fará a mesma coisa um dia, quando se casar. Ninguém em nosso meio se importa com isso. Quando muito, é algo que vem acrescentar-se à imagem do homem citadino e galante. Sua mãe aceita isso. Ela é uma mulher inteligente, que sabe que a monogamia não é um estado natural para o homem. Sinto apenas — repetiu Howard — que essa informação tenha chegado a você de um modo tão sórdido. Mas espero que você o compreenda agora e perceba que isso nada tem a ver com a minha vida familiar. Não há nenhuma ameaça à sua mãe ou a você e sua irmã. Isto está bem claro, James?

— Claro? — James estava horrorizado. — Não, não está claro, papai. Isso é algo sujo, nojento e impossível de compreender. Não posso acreditar que você faça isso com mamãe. Ou que ela não se incomode.

O tom de voz de Howard permaneceu calmo e cordato.

— Eu me pergunto se você está tão transtornado por causa de sua mãe como está quanto a seus colegas. Acredite em mim, James, aposto que seus colegas que procedem das melhores famílias vivem a mesma situação, conquanto possam não estar a par disso. E aqueles cujos pais não mantêm uma ligação normal e sacramentada são ainda piores. São os que pagam os carinhos de uma prostituta ou escolhem mulheres doentes e pervertidas quando se ausentam da cidade. Acredite, meu modo de ser... nosso modo. . é civilizado e inteligente. Você entenderá isso um dia. Nesse meio tempo, não acho que valha a pena meter-se em brigas por causa disso. Se o assunto vier à tona de novo, simplesmente ignore-o. Evidentemente esses adolescentes imbecis não iriam entender nada ainda que você tentasse explicar-lhes. Daí, sugiro que você não faça nada. — E Howard pegou sua caneta, dizendo: — Vou escrever um bilhete curto para o diretor do colégio informando que você foi punido, e que esse infeliz incidente não se repetirá.

Em silêncio, James deixou o aposento, segurando o bilhete. "Eu o odeio", pensou. "Nunca serei como ele. Minha mulher não sofrerá esse tipo de humilhação, nem meus filhos tampouco." Pensou de novo em sua mãe. Como se sentiria na realidade diante das coisas que seu marido fazia? Devia desprezá-lo também. Mas continuava a viver com ele. E até mesmo a dormir com ele, supunha. Por que ela não abandonava aquele homem terrível? "Nunca serei capaz de falar nisso com ela, naturalmente. Não seria capaz de abordar um assunto tão embaraçoso com ela."

Mas não precisou perguntar-lhe. Alguns dias depois Pauline entrara em seu quarto e dissera:

— James querido, acho que será melhor termos uma pequena conversa.

Ele soube, antes que ela prosseguisse, qual era o assunto, mas simplesmente ficou aguardando.

— Seu pai me falou sobre a conversa que teve com você. — Ela se interrompeu, indecisa quanto a prosseguir. Então, involuntariamente, ergueu o queixo e aprumou-se. — Tenho certeza de que é difícil para você entender isso. Você é um idealista, como eu já fui. Nós o educamos, seu pai e eu, no seio do que esperamos fosse um ambiente normal, feliz, bem-ajustado.

A despeito de seus esforços, James sorriu com ironia.

— Eu sei — disse Pauline. — Você pensa que isso tudo é uma farsa. Nada mais do que uma simples fachada de um lar e uma família. Mas isso não é verdade, James. Seu pai é um bom homem, afetuoso em relação a você e a Lindsay e dedicado a mim. Ele é brilhante, você sabe, altamente influente no mundo bancário. Trabalha muito para conseguir que nós tenhamos uma vida confortável e despreocupada acerca do futuro, mesmo se, que Deus não o permita, algo venha a lhe acontecer. Nem todos os homens se mostram assim preocupados com sua mulher e filhos. Ele trabalha para assegurar a você e a Lindsay uma ótima educação e dinheiro para que possam escolher o que desejam fazer na vida. Ele fez um seguro de vida em meu nome, e eu lhe sou grata. Acho que você devia ser grato a ele também.

James parecia indiferente.

— E isso é tudo o que importa, mamãe? Ter segurança e riqueza? Não se sente magoada por ele procurar outras mulheres? Não preferiria ter um marido fiel a uma grande conta bancária?

Pauline estremeceu. De que forma segura aquele me-nino-homem tocara no ponto mais sensível de sua infelicidade. Naturalmente ela tinha negociado algo em troca da lealdade plena de Howard. Dinheiro era algo adorável. Tornava a vida mais fácil para ela e assegurava proteção a seus filhos. Mas não era um substituto para o tipo de dedicação única e indivisível de que Howard era incapaz, o tipo de aceitação serena de uma só companheira que ela pensava entrever em outros casamentos. E no entanto não permanecera ao lado de Howard por causa de conforto material. Permanecera com ele, sim, porque, apesar de tudo, ainda o amava como no dia em que tinham se conhecido. Asprezas emocionais à parte e tudo o mais, ele era seu marido e amante. E ela aceitava suas falhas com resignação, rebelando-se vez ou outra, *mas* sabendo, de um modo estranho, que os vícios de Howard eram quando muito uma parte dele mesmo, como suas virtudes, e que contribuíam para o fascínio que ela sentia por ele como um todo.

— Gostaria de poder explicar isso a você, querido — ela disse por fim ao filho. — Não é a simples segurança material que me prende a seu pai. Acontece que o amo o bastante para perdoar essas suas fraquezas. Não tem sido fácil. E não presumi que o fosse. Tem havido muitas lágrimas, muitas horas de busca de um alento espiritual e uma grande dose de natural ressentimento de minha parte. Algumas vezes tenho me dito que sou uma tola ao prosseguir nessa situação. Mas — apressou-se a acrescentar — não quero que você venha a pensar que faço isso por você e Lindsay. Não estou "mantendo um lar unido para a segurança dos filhos". Não creio que esteja em jogo um ato de generosidade para com alguém. Não, estou aqui porque prefiro viver com um Howard Thresher com defeitos do que com um alguém mais perfeito. — Fez uma pausa, olhando o filho nos olhos em busca de algum indício de compreensão. — Pode compreender isso, James? Não pode perceber que eu me sentiria completamente infeliz sem ele?

James moveu a cabeça numa negativa.

— Não, mamãe, não posso. Ainda não entendo por que ele faz isso se a ama. E não compreendo como você pode amá-lo, sabendo o que ele faz. — Seu rosto tornou-se sombrio. — Toda essa conversa sobre os homens de nossa classe! Toda essa história acerca de como eu farei a mesma coisa! Não é verdade. Ele está apenas procurando justificativas para fazer algo que o leva a se sentir um grande homem.

Pauline suspirou. Ele tinha razão, é claro. Aquela crença de Howard de que estava seguindo a tradição achava-se tão enraizada em sua mente que ele a encarava como uma verdade. Era um meio conveniente de resguardar sua consciência, se na verdade ele a tinha. Isso eliminava qualquer culpa que ele pudesse sentir acerca de como fazia sua mulher infeliz. "A verdade brota dos lábios das crianças", ela pensou. James conseguira ver claramente o que ela, Pauline, não quisera ainda admitir: Howard era um homem totalmente egoísta. O que James não percebera era que seu pai também era terrivelmente inseguro. Necessitava de outras mulheres, não para obter uma gratificação sexual, mas para resguardar seu ego. Para provar, incessantemente, que era atraente e másculo. Necessitava de mulheres menos inteligentes que sua esposa, mais

impressionáveis diante de sua figura e menos prontas a criticá-lo do que ela, Pauline. Ela não entendia essa necessidade. Seria preciso um psiquiatra para descobrir a causa da falta de confiança bem-disfarçada de Howard. Certamente não havia nenhuma explicação evidente. Mas em alguma parte, bem no íntimo, ele se sentia inseguro quanto à sua masculinidade, duvidava de sua superioridade, talvez até de sua inteligência. As pessoas não tinham nenhuma idéia disso. O próprio Howard, ela tinha certeza, nunca percebera os motivos reais desse seu procedimento irregular. Mas Pauline sabia que tais causas existiam. E crendo nisso, ela continuara a amá-lo, a perdoá-lo, e mesmo com relutância a sentir pena dele.

Mas não poderia dizer nada disso a um menino de quinze anos. Estava além mesmo da incomum capacidade de apreender as coisas denotada por James. Saber que seu pai era fraco e assustado podia magoá-lo ainda mais. Não, estava errada. Se ela pudesse explicar aquilo em que acreditava, James poderia sentir-se menos zangado com seu pai, compreender melhor sua fraqueza humana. Em vez disso, o filho de Howard achava-se agora frio e desgostoso, vendo seu pai somente como um homem arrogante e infiel.

— James querido, não o julgue tão duramente. Nem a mim tampouco. Há muitas coisas que você compreenderá assim que essa vida complexa que cada um de nós leva tornar-se mais clara a seus olhos. Não odeie seu pai nem sinta pena de mim. Nós dois estamos fazendo o que devemos fazer. O que nós desejamos fazer. Você não precisa seguir o exemplo dele, tanto como eu não desejo que Lindsay siga o meu. Mas lhe peço que seja tolerante e lembre-se de que nós o amamos acima de todas as coisas, do único modo que nós conhecemos.

Ele não entendera isso então, e continuava a não entender agora. Durante três anos mostrara-se escrupulosamente educado para com o pai, ocultando seus verdadeiros sentimentos. Após aquela conversa com sua mãe, passara a sentir mais compaixão do que desdém por ela. Pelo menos, ela amava o marido, de uma maneira cega talvez, ou tola, mas com toda a sinceridade de sua alma. Ele tinha que respeitar isso. Mas nunca poderia sentir o mesmo pelo homem ao qual ela devotava uma paixão tão devastadora. Ainda que, de vez em quando, essa paixão fosse ameaçada por uma humilhação insuportável, como sem dúvida acontecera na noite em que Lindsay ouvira seus pais discutirem.

"Ao 'diabo com esse 'acordo inteligente' que nossos pais mantêm!", pensou James, secando o corpo e terminando por jogar com raiva a toalha no piso do banheiro. "Quem irá dizer a verdade a Lindsay? Irá ouvi-la, como foi o meu caso, de suas coleguinhas? Deus sabe que não serei eu que tentarei explicar-lhe. Ela ainda é uma criança. Não tem nenhuma idéia do que significa tudo isso."

E, no entanto, ele sabia que sua irmã não ficara satisfeita com os afagos e respostas evasivas que lhe dera. Era inteligente demais para esquecer as palavras que ouvira atrás da porta, mesmo se deixasse que o assunto morresse. E se perguntou se devia falar com sua mãe. Talvez fosse mais sensato deixar que Pauline tomasse a decisão de conversar com Lindsay ou não, como o fizera com ele anos atrás.

Não. Era ridículo. Lindsay era jovem demais para receber o tipo de impacto que havia afetado a vida dele, James. Tudo o que podia fazer era aguardar que Lindsay deixasse aos poucos as perguntas desertarem de sua mente, pelo menos até que ela tivesse

idade suficiente para aceitar as respostas, mesmo que, como ele, não pudesse assimilar o lado racional da questão.

"Diabos levem nossa condição 'civilizada' de vida", pensou James. "Ela fez de mim um cínico acerca do casamento, descrente de meu pai e protetor tolerante de minha mãe. Ela modelou todos os rumos de meus pensamentos, e talvez vá alterar todo o meu futuro. E quando Lindsay descobrir isso, quando o seu dia chegar, só Deus sabe o que essa revelação lhe causará", pensou por fim.

Capítulo 3

Insatisfeita como se achava com a explicação dada por James, Lindsay era, porém, muito criança ainda para que finalmente não deixasse escapar aqueles pensamentos perturbadores. Nos dias que se seguiram, as festas do Natal a envolveram naquela onda de felicidade reservada somente para as criaturas muito jovens e os sentimentais incorrigíveis. Aos dez anos, Lindsay estava na idade perfeita para aqueles festejos: jovem o bastante para ficar cheia de ânsia e emoção diante dos presentes sem deplorar a comercialização da época natalina, e crescida o suficiente para desfrutar daquelas dádivas e para extrair prazer da apreciação dos outros. Era uma ocasião mágica para ela a de precipitar-se até a entrada de serviço à frente da dona da casa, para receber as intermináveis, caixas de celofane com flores e os pacotes enviados pelas lojas, trazidos até o apartamento pelo "homem do elevador dos fundos", correr até a porta da frente e cumprimentar os inúmeros amigos da família que chegavam para permutar presentes com os Threshers. Foi um período de excitação que parecia infundável, para a menina e para todos ali. Mesmo Howard parecia mais jovial e doce sob os efeitos do calor efusivo e da camaradagem daqueles dias festivos. Voltara cedo para casa todas as noites entre o Natal e o Ano-Novo, um fato observado com satisfação pelos membros adultos da família, acostumados a chegadas tardias com um lapso inexplicável de duas ou três horas após sua saída do escritório.

Se havia algo que empanava o prazer de Lindsay naquele ano, era a percepção de que aquela ocasião estava longe de ser feliz para sua amiga Adele. Quando elas compararam os presentes natalinos, tornara-se por demais evidente que a comemoração no lar dos Framptons estava longe de ser pródiga. Em lugar das roupas e brinquedos caros que Lindsay recebera de seus pais, Adele ganhara dos seus apenas uma marinheira com gola branca e um pequeno medalhão dourado preso a uma correntinha. Lindsay admirou-o de modo exagerado, embora reconhecesse, por estar acostumada a ver sempre coisas finas, que o pequeno adorno era somente uma fantasia.

— É tão bonito, Adele! — disse Lindsay. — Gostaria de ter um assim!

Adele sorriu.

— Não vale muito, mas meus pais não podem gastar muito este ano. Papai ficou mal com a crise no mercado de ações, você sabe. No ano passado meus presentes já tinham sido comprados, assim não houve muita diferença. Mas mamãe já me avisara de que neste Natal nós simplesmente não teríamos dinheiro para gastar. — Ela tinha uma

expressão inquieta. — Não entendo realmente o que está acontecendo, mas acho que talvez tenhamos até de nos mudar. Mamãe e papai estiveram conversando sobre isso na noite passada. Papai diz que não há comprador para nosso apartamento e que ele não tem como mantê-lo; assim, pode ser que se veja obrigado a livrar-se dele mesmo por um dólar.

— Um dólar! — Lindsay exclamou, atônita. — Mas ele é igualzinho ao nosso apartamento, apenas um andar acima! Quem iria vender um apartamento por um dólar? Você deve estar enganada, Del. Não pode ter ouvido direito. — Pensou em sua conversa com James. — Será que você esteve ouvindo a conversa entre seus pais às escondidas? Não é uma coisa correta, Del.

— Não. Eles conversaram sobre isso justamente na mesa durante o jantar. — E inesperadamente, Adele se pôs a chorar. — Estou tão assustada, Lind. Papai dá a impressão de já ser um velho. E mamãe não consegue se concentrar em coisa alguma. Ela despediu a empregada e está fazendo a limpeza e cozinhando sozinha. Papai nem sequer vai ao escritório. Não vai lá há meses. — Enxugou os olhos. — Eu não devia estar contando tudo isso a você, ainda que seja a minha melhor amiga. Eles não querem que ninguém saiba. Mas isso é terrível. Suponho que estejamos pobres agora, e detesto isso!

Lindsay passou os braços em torno dos ombros de sua amiguinha. Ela também não entendia o que se passava. Ouvira falar sobre alguma coisa chamada "Depressão", e chegara mesmo a ver na rua homens maltrapilhos tentando vender maçãs. Mas aquilo nada tinha a ver com pessoas como ela e Adele. Eram pessoas que não tinham dinheiro nenhum.

Não era esse o caso dos Framptons, que formavam um tipo de família igual ao dela.

— Tudo vai ficar bem — disse Lindsay. — Não se preocupe, Del. Falarei com papai. Ele ajeitará as coisas.

— Não tenho certeza de que ele consiga. Seja como for, nem você devia saber disso.

— Qual! Somos amigos, sua família e a minha. Tenho certeza de que seu pai não pretende que você guarde segredo para nós. — Lindsay sorriu, completando: — Não se preocupe. Papai não deixará vocês se mudarem. Direi a ele que eu não poderia suportar isso!

Adele assumiu uma expressão menos tristonha.

— Pensa realmente que dará certo, Lindsay? Tem certeza de que ele pode resolver tudo?

— Naturalmente. Papai pode cuidar de tudo. — Estava aliviada em ver a amiguinha com ar mais animado. — Venha, nós nem chegamos ainda a abrir os presentes que demos uma para a outra. Estou doidinha para ver qual é o meu.

— Não é grande coisa — retrucou Adele, de novo com uma expressão deprimida.

Lindsay rasgou o papel que envolvia uma pequena caixa que fora comprada na Woolworth's, onde eram vendidos artigos muito variados e a preços reduzidos. Dentro da caixa de papelão estava um diário comum encadernado com uma imitação de couro. Era um pequeno presente, muito modesto, mas Lindsay exclamou ao vê-lo:

— Meu primeiro diário! Tenho pensado tanto em ter um! Como você adivinhou, Del? A outra menina denotou agrado.

— Gostou mesmo dele? Você sempre vive dizendo que irá ser uma escritora algum dia. Pensei que isso aí fosse um bom modo de começar.

— Eu o adorei! Começo a escrever nele esta noite. E ninguém terá permissão para ler, exceto você. Você é a única que conhece todos os meus segredos.

Por um instante, Lindsay franziu a testa. Havia um segredo que Adele não conhecia: aquele incidente curioso entre sua mãe e seu pai antes da semana de Natal. Ela não chegara a esquecer aquilo. Era tão assustador que Lindsay não podia sequer contar para sua amiga. Resolutamente, tratou de expulsar esse detalhe de sua mente.

— Vamos, Del. Abra o seu presente.

Somente quando Adele estava quase acabando de desfazer o embrulho é que Lindsay percebeu quão desiguais eram os presentes de ambas. Ela dera a Adele uma pulseira de ouro legítimo, à qual fora anexado um livrinho de figuras encantadoras. Lindsay inserira no mesmo uma foto sua como um sinal da amizade entre as duas. Agora ela se preocupava pelo fato de seu presente ser tão mais caro que o da amiga. Na ocasião da compra da pulseira, Gandy a tinha considerado algo excessivo para uma menina pequena dar a outra, mas Lindsay insistira com obstinação.

— Adele e eu sempre damos superpresentes uma à outra, Gandy. Somos as melhores amigas deste mundo.

Sua avó tinha mostrado uma relutância incomum, Lindsay percebia agora. Provavelmente ela sabia que Adele não poderia comprar, em troca, algo tão caro. E Lindsay observou nervosamente Adele retirar a pulseira do fino estojo da Saks. Isso iria perturbar Adele e fazê-la chorar de novo? Lindsay esperava que não. Não importava o custo dos presentes. A única coisa importante era que as duas fossem tão chegadas como irmãs, que o que era de uma fosse da outra também. Assim Lindsay esperou, prendendo a respiração, pela reação de Adele, vindo a soltar um suspiro de alívio quando os olhos de sua amiguinha brilharam, deliciados.

— Oh, Lind, é formidável! Vou usá-la sempre. Nunca a tirarei do pulso! É o melhor presente que já recebi!

— O meu também. Feliz Natal, Del. Gosto muito de você.

— Eu também gosto muito de você. — E o rostinho de Adele ensombreceu-se novamente. — Oh, Lind, eu morreria se tivesse que ir para longe de você!

— Não se preocupe. Você não irá embora — disse Lindsay de novo.

Mas Howard Thresher não resolveu o problema sobre o qual Lindsay lhe falou naquela noite. Na realidade, ele nem sequer deu-lhe esperanças de que os Framptons permanecessem muito tempo no apartamento do andar de cima.

— É realmente uma lástima, querida — disse Howard —, mas Carl Frampton é uma dessas pessoas que não tiveram sorte. Não sei como ele conseguiu se agüentar no ano passado. Perdeu tudo na Bolsa de Valores, juntamente com um milhão de outros homens. Um golpe duro para sua família, sem dúvida. Ele terá problemas com aquele apartamento, tal como Adele lhe disse. Não será capaz de mantê-lo, e hoje em dia não há muitos homens que estejam interessados em comprar um apartamento tão grande e no décimo segundo andar da Fifth Avenue.

— Você quer dizer que Adele irá mesmo se mudar? — E os lábios de Lindsay tremeram. — Você não pode deixá-la ir, papai!

— Não sei o que poderia fazer a esse respeito, Lindsay. Carl teve a má sorte, ou a estupidez, de investir até seu último centavo no mercado de ações. Sua ambição foi maior que seu bom senso. Ele terá que recomeçar tudo. E já está com mais de quarenta anos. Não será fácil, especialmente nos dias que correm.

Lindsay entendeu apenas em parte o que lhe disse seu pai. Nada sabia sobre coisas como mercado de ações ou manutenção de um apartamento de luxo. Tudo o que sabia era que o Sr. Frampton não dispunha de dinheiro para residir no andar de cima. E isso significava que Adele também não poderia. À beira das lágrimas, fez mais uma tentativa.

— Papai, não poderia dar algum dinheiro ao Sr. Frampton? Nós temos um bocado, não temos?

Howard fitou-a compassivamente. Pobre criança. Ela estava com o coração partido diante da idéia de perder sua companheira querida. Mas, naturalmente, não havia nenhum meio de ajudá-la. Ele não podia auxiliar Carl Frampton. Mesmo um empréstimo, caso ele fosse idiota o bastante para emprestar algum dinheiro a um homem sem nenhuma garantia, não iria adiantar muito para Carl. E Carl provavelmente não aceitaria a caridade de alguém. Era um homem fino, de boas maneiras e agradável, conquanto seu ambiente fosse menos influente que o de Howard. Desejaria poder ajudar de algum modo, ainda que tão-somente para apagar aquela expressão desesperadamente triste do rosto de Lindsay. Mas não podia resolver os problemas de Frampton. Ele mesmo os provocara. Fora sua própria culpa, e ele teria que sair daquele apuro de algum modo. Lindsay não iria entender, mas aquilo não podia ser evitado.

— Sinto muito, querida — disse Howard gentilmente. — É muito complicado. Você tem apenas que acreditar em mim quando lhe digo que se tivesse uma solução eu a apresentaria. Não se preocupe. Adele não irá se mudar para muito longe daqui. Você poderá vê-la quase tantas vezes como a vê agora. Tenho certeza disso.

Mas ele não tinha tal certeza. Só Deus sabe para onde o infeliz Carl teria que ir, pensou Howard. Talvez tivesse até de deixar Nova York. Tinha uma vaga lembrança de que os Framptons procediam de alguma cidadezinha do sul esquecida por Deus. Em Maryland ou na Virgínia. Não conseguia se lembrar do nome do povoado. Talvez o infeliz Carl contasse com parentes que pudessem hospedá-lo. A despeito de seu desdém pela estupidez daquele homem, Howard sentia por ele uma pitada de pena. Não lhe seria fácil sufocar seu orgulho e viver da ajuda de parentes, ou aceitar um modesto e penoso emprego para poder sustentar a mulher e a filha. O sucesso fora tão fácil quanto humilhante fora a queda. Ou pelo menos assim supunha. Fracasso era uma situação desconhecida para Howard, e algo repugnante. Ele idolatrava o sucesso tanto quanto desprezava a sua falta.

Ainda assim, sentia pena de Carl. E de sua mulher, Louise. Que mulher bonita a Sra. Frampton! Mais do que bonita; sensual. Adele era o seu retrato, e algum dia iria tornar-se tão atraente como sua mãe, caso tivesse uma educação adequada na boa sociedade. Mas isso era discutível, agora que Carl tinha condenado sua mulher e sua filha a uma vida medíocre.

Perdido em seus pensamentos, ele quase se esquecera de Lindsay, que permanecera desolada à sua frente, ainda esperando que seu maravilhoso pai tivesse alguma resposta mágica a dar. "Eu nunca falhei em atendê-la", pensou Howard com

remorso. "Ela deve estar desapontada comigo." Então voltou à realidade. Que tolice! Lindsay esqueceria Adele em três meses e se tornaria logo muito ligada afetuosamente a alguma nova "melhor amiga". Bom Deus, aquilo não era o fim do mundo!

— Anime-se, garotinha — ele disse. — O pai de Adele irá cuidar bem dela. As coisas não são tão sombrias como podem parecer neste momento. Você encontrará uma nova amiguinha, mesmo que não possa vê-la da mesma forma que a Adele.

A menina moveu a cabeça.

— Eu não quero uma nova companheira, papai. Quero que Adele fique aqui.

Howard estava ficando impaciente. Aquilo tudo era uma perda de tempo.

— Bem, sinto muito o que aconteceu, Lindsay, mas você tem que entender que isso não será possível, e, assim, deve também aceitar a situação. É hora de você aprender que não pode ter tudo exatamente do modo como deseja. Nenhum de nós pode.

— Você pode, papai. Você consegue tudo o que quer. Por que eu não posso?

Howard olhou-a fixamente. O que afinal aquilo significava? O que uma criança como Lindsay sabia? Que a casa girava à volta dele? Que havia um suprimento aparentemente inesgotável de dinheiro e um pequeno exército de pessoas no lar e no escritório aguardando apenas que ele estalasse um dedo para se movimentarem? Talvez ela supusesse essas coisas e se sentisse com direito a ter os mesmos privilégios de que seu pai desfrutava. Bem, ele tinha que cortar aquela idéia pela raiz.

— Você é jovem demais e ignora muitas coisas para fazer tais declarações, mocinha. Não levo a sério sua atitude. Na verdade, não vou admiti-la. Você não pode saber se eu obtenho ou não tudo o que quero. E nem isso é assunto seu. — O tom de voz de Howard se elevava, irritado. — Já ouvi lamúrias demais sobre o caso de Adele. Não desejo discutir isso de novo. Você pode ir agora.

— Papai, você não podia...

— Chega, Lindsay, já disse não! Agora, por favor, *saia!*

Desconsolada, Lindsay saiu e se pôs a procurar a avó. James estava ausente. Fora a um daqueles eternos bailes de debutantes que as pessoas persistiam em organizar, a despeito da publicidade desfavorável do que tal dispêndio de luxo e dinheiro representavam numa época em que o povo estava praticamente passando fome. Pauline achava-se ocupada com os preparativos para a sua festa de Ano-Novo, uma outra irremovível instituição social. Sara Thresher estava sentada tranqüilamente em seu quarto, escrevendo mensagens pessoais de agradecimento e cartões de Natal para amigos queridos de todo o mundo que se lembravam dela naquela época do ano. Quando Lindsay bateu à porta e entrou no quarto, Sara imediatamente deixou de lado a caneta e concedeu plena atenção à menina.

— Está muito ocupada, Gandy?

— Nunca estou ocupada para você, querida. — "Mais problemas", pensou Sara, contemplando aquele rosto tristonho. Ou talvez o mesmo problema anterior, que ela desconhecia ainda qual fosse. — Aconteceu alguma coisa?

Desta vez Lindsay assentiu. E as palavras vieram num tropel.

— É sobre Adele, Gandy. Seu pai perdeu todo o dinheiro e eles vão ter que se mudar, e aí eu pedi ao papai para ajudá-los. E ele disse que não podia e então ficou feito louco comigo e...

— Calma! — exclamou Sara cobrindo os ouvidos com as mãos, numa fingida confusão. — Cada coisa de uma vez, por favor! — Sorriu de modo tranquilizador. — Não fique tão nervosa, Lindsay, querida. Talvez isso não seja tão ruim como parece. Adele pode não estar a par inteiramente dos fatos. Afinal, ela tem somente nove anos, um menos que você. Talvez ela tenha apenas ouvido seus pais falarem que o pior *poderia* acontecer. Adultos falam assim, você sabe. Chamam isso de fazer "planos de emergência". Aposto como o Sr. e a Sra. Frampton não vão se mudar realmente. É provável que tenham falado apenas sobre algo que é *possível*, mas não *provável*. Entenda, meu bem, a maioria de nós passamos a vida nos preocupando acerca de coisas que nunca acontecem. Os Framptons podem estar fazendo justamente isso, mas Adele não o percebe. Portanto, não há motivo para você se afligir com algo que pode não vir a acontecer nunca e, assim, essa preocupação não irá mudar nada. Qual o sentido de causar esse sofrimento a si mesma? Haverá tempo de sobra para se sentir infeliz, caso o que você receia se realize, embora eu tenha quase certeza de que eles não vão se mudar.

A expressão de Lindsay animou-se.

— Acha mesmo que isso não acontecerá, Gandy? Você acredita que Adele poderá permanecer neste prédio?

— Certeza eu não posso ter, meu bem. Não sei qual é a situação na realidade. Mas homens inteligentes como seu pai e o Sr. Frampton geralmente sabem solucionar seus problemas. Tenho um palpite de que o pai de Adele resolverá esse outro problema sem tomar as medidas drásticas que ela pensa que ele terá que tomar. Por que simplesmente não esperamos para ver o que acontece?

Lindsay rodeou o pescoço da avó com seus braços, exclamando:

— Oh, Gandy, você faz com que eu me sinta muito melhor! Eu a adoro.

— E eu a quero muito, criança. Demais até para suportar vê-la afligir-se a respeito dessas questões complicadas. — Beijou a neta na testa. — Agora, conte-me. Adele gostou da pulseira?

Com seus temores afugentados, Lindsay sorriu, feliz.

— Gostou muito. Disse que nunca irá tirá-la do pulso. E me deu um diário de verdade, muito íntimo, com um fecho e uma pequenina chave. Vou começar a escrever nele todas as noites. É isso o que eu quero ser — afirmou solenemente —, uma escritora. Irei escrever um monte de livros e ganhar dinheiro em penca e comprar para você tudo o que desejar. Para James também. E para mamãe e papai, naturalmente.

— Bem, essa é uma adorável ambição, e chego a apostar que você fará isso, também. E como me sentirei orgulhosa de ver minha neta convertida numa famosa senhora romancista.

— Vou começar a partir de agora. Anotarei o que você me disse sobre não se preocupar com coisas que provavelmente não irão acontecer. É uma boa coisa para ser lembrada, não é?

— Sim, meu bem. É uma das mais importantes.

"Se pelo menos *pudéssemos* controlar nossos temores assim tão facilmente", pensou Sara quando a menina saiu. "É tão fácil dar conselhos e tão difícil segui-los. Preocupo-me o tempo todo e me odeio por isso. Sinto muito receio da infidelidade

evidente de Howard e do que isso acarretará para sua mulher e seus filhos. Tenho muito medo de que Pauline venha a abandoná-lo algum dia, destruindo seu casamento. Sinto-me aflita, pensando egoisticamente no que isso irá me afetar. Que solene fraude eu sou, dizendo a Lindsay para não se sentir infeliz e lamentosa senão quando houver motivo para tal, uma crise real. Vivo com esse medo imaginário, vendo desastres em cada esquina. E ousou dizer a essa criança para não ficar preocupada.

"Mas Lindsay é simplesmente uma criança. Ela deve ficar livre de inquietações. Esta é a única fase de sua vida em que ficará despreocupada. Só Deus sabe, quando ela for uma mulher, os vários e autênticos sofrimentos que terá de suportar."

Às seis horas da manhã seguinte, Pauline Thresher foi despertada pelo som de estridentes sirenas e vozes excitadas ecoando na rua junto ao edifício. Sentou-se na cama e prestou atenção por um momento antes de olhar de relance para Howard, deitado perto dela. Ele parecia adormecido, mas assim que ela deslizou da cama e vestiu um robe grosso, abriu os olhos.

— Onde afinal você pensa ir a esta hora?

— Vou apenas ver o que está acontecendo. Dá a impressão de quê há um milhão de radiopatrulhas ou de bombeiros, justamente aí embaixo. Pensei que talvez pudesse ver algo da nossa janela.

— Pelo amor de Deus, Pauline, o que você vai fazer? Debruçar-se na janela do décimo primeiro andar para ver o motivo dessa agitação toda? Faz dez graus aí fora e está tudo escuro como breu, além disso. Provavelmente trata-se apenas de um bando de bêbados de fim de semana sendo advertidos pela polícia. Volte para a cama. Estamos ainda no fim da noite!

Pauline hesitou.

— Acho que vou ver se o barulho despertou Gandy e Lindsay.

— Está louca? Vocês têm vivido a vida toda em Manhattan. Que há de incomum no som de algumas sirenas?

— Não sei, Howard. Simplesmente tenho um pressentimento de que alguma coisa terrível aconteceu.

Howard voltou a meter-se sob as cobertas.

— Mulheres! Se não há crise, elas criam uma.

Pauline caminhou suavemente até o corredor. Um fiapo de luz era visível sob uma das portas, a do quarto de sua sogra. Bateu levemente à porta e Sara veio abrir de imediato, como se tivesse estado ali à espera.

— Eu estava pensando em ir até lá fora. Que barulheira! O que você supõe que esteja acontecendo?

— Não sei. Howard diz que talvez seja apenas algum bando de bêbados que fazem arruaça e agora estão às voltas com a polícia. Mas para mim isso parece outra coisa.

Ela estremeceu. O apartamento era frio — só se aquecia um pouco às sete horas —, mas não era somente a temperatura baixa que lhe dava arrepios. Ela sentia um esquisito pressentimento de que algo trágico tinha ocorrido. Algo que afetaria a todos. Não sabendo o que a acometia, Pauline se ouviu dizer:

— Vou pôr um casaco e descer até o saguão. Não sei por que tenho esta premonição, Gandy, mas não consigo afugentar o pressentimento de que algo terrível aconteceu.

A velha senhora assentiu.

— Quer que eu vá com você?

— Não, não. Voltarei dentro de poucos minutos. — Pauline se esforçou para rir. — Provavelmente irei parecer a maior imbecil deste mundo, vagueando escada abaixo semi-vestida. Mas simplesmente tenho que saber o que houve.

Howard estava dormindo novamente quando ela voltou a seu quarto. O barulho lá na rua continuava, e ao olhar pela janela, Pauline pôde ver as luzes dos faróis de viaturas oficiais. Sem fazer ruído, ela calçou sapatos e colocou seu casaco de *mink* sobre a roupa de dormir, sem deixar de pensar em como lhe era estranha essa atitude impulsiva. Howard tinha razão. Ela tinha vivido naquela cidade toda a vida. Deveria estar acostumada — e imunizada — à atividade nas ruas durante as vinte e quatro horas do dia. "Por que sei que desta vez é diferente?", pensou. "Por que tenho tanta certeza de que é importante descobrir do que se trata?"

O grande saguão, quando ela ali chegou, fervilhava de movimentação. Alguns moradores do prédio tinham descido, mas havia policiais em todos os cantos. De início Pauline pensou que devia ter havido um roubo, mas então viu uma ambulância parada à porta, e, nos poucos segundos a seguir, um médico, identificado pela sua maleta negra, que passou por ela depressa e tomou o elevador. Pauline observou o indicador dos andares mover-se e a seguir deter-se no décimo segundo andar. Desconcertada, ela se acercou de Mike, o porteiro da noite.

— Que está acontecendo, Mike? Que significa toda essa agitação?

O homem estava muito pálido.

— Deus nos acuda, Sra. Thresher, trata-se do Sr. Frampton.

— Que houve com ele? Teve um ataque cardíaco?

Mike parecia quase impossibilitado de falar.

— Não, senhora. Ele... isto é, há cerca de meia hora atrás...

Pauline teve vontade de sacudi-lo.

— Como? O que houve há meia hora atrás?

— Ele... ele caiu da janela do seu quarto, Sra. Thresher.

Pauline pensou que iria desmaiar. Não era possível. Carl Frampton morto? Não. Não podia ser. Estaria ele embriagado? De que outro modo podia ter caído da janela? Ele não iria saltar. Nunca. Era tão cheio de vida, tão apaixonado por sua mulher e dedicado à sua filha. Mesmo no ano anterior, tão duro quanto esse para ele, Carl procurara se manter jovial e otimista. Ela soubera que outros homens, afetados pela quebra da Bolsa em 29, tinham se suicidado. Mas Carl sobrevivera mais de um ano. Seguramente até aquele dia ele não desejara fazer aquela coisa impensada. Tomou consciência de que Mike ainda estava falando com ela.

— O médico acabou de subir para ver a Sra. Frampton. Imagino que ela esteja muito abalada, Sra. Thresher.

Louise, oh, Deus, Louise! E a pobre pequena Adele! Deviam estar sozinhas lá em cima. Os Framptons, ao contrário dos Threshers, não tinham mais uma criada que dormisse em casa. De algum modo, Pauline procurou fazer um esforço para se controlar.

— Obrigada, Mike — disse educadamente. — Vou subir e ver o que posso fazer.

— Sim, senhora. — O porteiro suspirou com força. — Uma coisa terrível. Nunca houve um homem mais amável que o Sr. Frampton. Tinha sempre um sorriso e uma palavra gentil para todos. Simplesmente não parece possível, não é? Estamos vivendo dias terríveis, Sra. Thresher.

Apesar de sua aflição, Pauline divagou, pensando em como um prédio de apartamentos se assemelhava a um pequeno mundo. Os zeladores sabiam de tudo: as chegadas e saídas dos moradores, as festas e os escândalos, e provavelmente até mesmo as dificuldades financeiras dos que ali residiam.

Temerosa do que ia encontrar, Pauline tomou o elevador até o décimo segundo andar. A porta do apartamento dos Framptons estava ligeiramente aberta, e ela bateu de leve antes de se permitir entrar. Todas as luzes se achavam acesas, mas não havia ninguém à vista. Hesitante, caminhou pelo corredor na direção do quarto do casal. Ao se aproximar da porta, pôde ouvir uma voz de homem. O médico estava falando com Louise, e quando Pauline se acercou mais pôde ouvir o que ele dizia.

— Mas deve deixar que lhe dê um sedativo, Sra. Frampton. É imperativo. A senhora não está em condições de...

Louise o interrompeu. Parecia quase histérica, mas o que disse, porém, tinha sentido.

— Não posso tomar nada que me faça dormir, doutor. Tenho uma menina para cuidar. Não há ninguém que olhe por ela.

— Não há nenhum parente seu que eu possa chamar, Sra. Frampton? Algum amigo íntimo, talvez? Ou um de seus vizinhos?

Pauline disse suavemente ainda no corredor:

— Louise? É Pauline Thresher. Posso entrar?

O médico respondeu:

— Sim, certamente, Sra. Thresher, deve entrar! A senhora foi a resposta à minha prece. Estava justamente perguntando...

— Eu sei — disse Pauline. — Desculpe-me, mas escutei o que dizia.

Voltou-se para a mulher de expressão sofrida que estava na cama. Elas nunca tinham sido verdadeiramente amigas íntimas, mas se gostavam, encontravam-se com frequência em reuniões sociais e se sentiam próximas por causa da mútua dedicação de suas filhas. O coração de Pauline confrangeu-se agora diante da figura desolada de sua vizinha. Os belos olhos de Louise estavam ampliados pelo horror, pela dor e pela incredulidade. A boca, carnuda e sensual, tremia como se estivesse reprimindo um grito animal de desespero. Mas uma onda de alívio espalhou-se pelo rosto de Louise quando percebeu que alguém tinha vindo ajudar, e começou a soluçar.

O médico não perdeu tempo em dar-lhe o sedativo. Depois fechou sua maleta rapidamente e saiu após prometer que voltaria mais tarde. Só então Louise se pôs a falar.

— Oh, Pauline, graças a Deus você está aqui! Foi tudo tão rápido. Tão terrivelmente rápido. Eu acordei, e Carl estava junto à janela, olhando para fora. Eu não sabia o que

estava se passando. Antes que pudesse me mover, ele se aproximou da cama, beijou-me e disse: "Você vai ficar bem agora, querida. Você e Adele não terão com que se preocupar. Mas isso tem que se parecer com um acidente. Lembre-se. Um acidente!" — Louise agora estava quase gritando. — E então, antes que eu pudesse fazer algo, ele voltou para perto da janela e... oh, meu Deus, trepou no peitoril e saltou. Nem sequer vacilou! — Soluçou com mais força e então seus soluços converteram-se em gemidos desesperados assim que mergulhou de novo nos travesseiros. Sua cabeça moveu-se para um lado e outro, como se ela estivesse sendo torturada fisicamente.

Pauline sentiu um mal-estar, mas controlou a necessidade imediata de correr ao banheiro e vomitar. Controlou-se com esforço enquanto alcançava a mão de Louise, que se movia nervosamente fora das cobertas.

— Você precisa repousar um pouco, querida. Não se preocupe quanto a Adele. Eu a levarei para o nosso apartamento. Gandy olhará por ela, e Lindsay irá fazer-lhe companhia. Então eu volto aqui e fico com você. Não deve ficar sozinha agora. Estarei aqui o tempo que você necessitar.

Pauline gostaria de saber a quem deveria telefonar informando sobre o acontecido. Louise devia ter parentes ou amigos mais chegados para ajudá-la a superar aquele transe, mas como saber se ela já estava semi-consciente sob o efeito do sedativo? Em poucos minutos estaria dormindo profundamente. Não havia outra coisa a fazer senão assumir a iniciativa e aguardar que Louise acordasse. Pauline contemplou aquele rosto acabrunhado, contorcido sobre o travesseiro, e pensou: "Maldito seja você, Carl Frampton, seu execrável covarde! Como pôde fazer isto com ela e aquela pobre criança? Como ousou abandoná-las? Você agora está morto e salvo. Mas o que farão as duas agora, sem dinheiro e nenhum meio de subsistência?" Aquele suicídio fora um ato egoísta. Carl não conseguira fazer frente às conseqüências de seu próprio fracasso. Deixara esse encargo para Louise e Adele.

Adele. Foi aí que Pauline se deu conta de que não vira a menina desde que havia entrado no apartamento alguns minutos atrás. Louise já estava dormindo sob o efeito do sedativo. Mas onde estava Adele?

Foi encontrar a menina em seu quarto, escondida num canto como um coelho assustado. Pauline acercou-se dela e tomou-a em seus braços.

— Está tudo bem, queridinha. Não tenha medo. Sua mãe está descansando, e eu vou levar você para junto de Lindsay e Gandy.

A menina não chorava, mas estava tremendo como se experimentasse calafrios violentos. Ela agarrou-se a Pauline e então disse:

— Ouvi um barulho e pessoas vindo para cá. E mamãe estava gritando. Tive medo de sair do quarto. Estou apavorada, Sra. Thresher. O que é isso? Aconteceu alguma coisa com minha mãe? Onde está meu pai? Por que eles não estão aqui?

Pauline mal conseguia conter as lágrimas. A visão daquela criança perplexa bastava para confranger seu coração.

— Houve um... acidente, querida Adele. Mas sua mãe está bem. — Tentou gentilmente libertar-se daqueles pequenos braços. — Venha. Você vai vestir alguma coisa mais quentinha e depois nós vamos descer.

Adele não acedeu. Começou a soluçar.

— Eu quero meu pai. Onde está ele? Por que não vem e cuida de mim?

"Meu Deus", pensou Pauline, "que posso dizer a ela? A verdade. Sim, ela terá que conhecê-la logo." Com firmeza, mas suavemente, ela separou-se de Adele, segurando os ombros da menina e olhando-a fixamente.

— Seu pai é a pessoa que sofreu o acidente, querida. Ele não está... não está mais conosco. Eis por que sua mãe estava gritando tanto e teve que dormir agora um pouco. As pessoas vieram aqui porque seu pai se acidentou.

Adele parou de chorar. Uma expressão terrível, de quem compreendera algo, surgiu em seu rosto.

— Não está mais conosco? — repetiu. — Quer dizer que. . ?

Pauline acentuou a pressão de seus dedos sobre os ombros da menina, como se assim pudesse transmitir mais força e compreensão àquele corpinho de criança.

— Seu pai morreu esta manhã, minha querida. Ele deve ter tentado abrir a janela, quando então perdeu o equilíbrio e caiu. — A expressão de Adele era quase impossível de suportar. — Ele não sofreu — disse Pauline desajeitadamente. — Ele não sentiu nada.

Oh, Deus, que palavras cruéis e inadequadas! Mas o que mais podia ser dito? Tinha que mentir para Adele, convertendo o suicídio de Carl num mero acidente. Ou talvez tivesse sido isso realmente. Ninguém sabia com certeza. Fosse como fosse, Pauline não se sentia com forças para dizer àquela criança que seu pai se suicidara.

A menina ficou imóvel, enregelada, uma estátua pequena e perfeita.

— Meu pai está morto? — A entonação era de incredulidade. — Não. Você está enganada. Meu pai não está morto. Não. Morto, não. Morto, não. — E sua voz começou a elevar-se até a histeria. — Eu não deixarei meu pai morrer! — Livrou-se de Pauline e correu para a porta. — Papai! — pôs-se a gritar. — Papai, onde você está?

Pauline conseguiu segurá-la e a manteve junto de si.

— Silêncio, criança. Silêncio. Você não vai querer acordar sua mãe.

As lágrimas deslizavam pelo seu rosto assim que apertou com força entre os braços a menina histérica. Adele forcejou para se soltar, mas Pauline continuou a segurá-la com firmeza até senti-la relaxar-se em seus braços.

— Eu sei — murmurou Pauline. — Eu entendo, Adele. Entendo como você se sente.

Mentira. Ela não podia, para começar, imaginar a agonia daquela pequena criatura. Podia somente calcular como Lindsay se sentiria caso Howard lhe faltasse. Meninas sempre veneram seus pais, seus heróis, os primeiros amores de suas vidas. Que esse amor e segurança lhes fossem arrancados de repente de uma maneira tão desapiedada era monstruoso. Carl Frampton era um monstro por ter feito aquilo à sua filha.

Se pelo menos Adele fosse um pouco mais criança, pensou Pauline, não teria idéia do assustador significado da morte. Ou se fosse um pouco mais velha, poderia suportar melhor a perda de seu ídolo. Mas Adele estava na idade errada para enfrentar aquela tragédia. Segurando com firmeza o delicado corpo da menina, Pauline sorriu com amargura. Idade errada? Que tolice. Não há nenhuma idade certa para se aceitar a perda de alguém a quem se ama. Não há tempo determinado para que as mulheres deixem de sentir e lamentar o destino injusto que levou seus amados de vez. Se — que Deus não o permitisse — Howard estivesse para morrer, ela ficaria tão arrasada como Louise, e Lindsay se sentiria tão desolada e incrédula como Adele. "Nós os amamos", pensou

Pauline. "Mesquinhos, interesseiros, egoístas que o sejam com freqüência, ainda consideramos a vida sem eles insuportável."

Capítulo 4

Três dias depois, o clima de pesadelo daquela manhã arrefecera, conquanto persistisse o pesado fardo da tristeza. A irmã e o cunhado de Carl tinham vindo de Wheeling, no sul da Virgínia, para reclamar seu corpo e levá-lo para ser sepultado no jazigo da família, próximo de seus parentes. A mãe de Louise, viúva, chegara de Chicago para tomar conta da casa e cuidar de Adele, que ficaria no apartamento, enquanto sua mãe, em companhia do irmão de Carl e de sua mulher, viajaria para assistir ao funeral.

Pauline fora contra a decisão de não permitirem a Adele ir ao enterro de seu pai. E mencionou isso a Louise, numa tentativa de persuadi-la.

— Adele sabe que seu pai morreu, Louise, mas ela pode achar isso mais difícil de aceitar se ele simplesmente desaparecer. Posso entender muito bem como você se sente acerca de fazer uma menina pequena passar pela experiência de um funeral, mas isso pode ajudar Adele a enfrentar á finalidade de tal rito.

— Não. — Louise mostrou-se taxativa. — Ela é muito criança para suportar essas cenas mórbidas. É algo macabro. Poderia marcá-la para o resto da vida.

— A ausência de aceitação também poderá marcá-la — retrucou Pauline, calmamente. — Não deixa de ser confortador saber que algo representa realmente o fim, que Adele não poderá esperar vê-lo de novo.

Louise moveu a cabeça replicando:

— Você faria Lindsay passar por isso?

— Sim. Sim, faria. Seria terrível para ela, mas estaria mais em paz. Ou assim creio. Teria finalmente de acreditar no fato como verdadeiro, por mais triste que isso viesse a ser para ela. Não passaria a vida procurando por seu pai. Não falo literalmente, é claro, mas talvez emocionalmente.

— Estou certa de que se expressou bem — disse Louise. — Você foi tão maravilhosa em toda essa provação, que não sei como agradecer-lhe. Mas não posso concordar com sua sugestão, Pauline. Adele é muito jovem. Irá superar isso. Por que acrescentar cenas terríveis à sua memória? Deus sabe que já contamos com bastantes cenas penosas.

— É claro — disse Pauline. — Ela é sua filha. Você sabe o que é melhor para ela.

Uma Adele acabrunhada e infeliz foi deixada aos cuidados de sua avó materna enquanto seu último ponto de apoio se ausentava por alguns dias. Desde a manhã do "acidente", ela se mantivera praticamente em silêncio. Após aquele desabafo nos braços de Pauline, ela pouco falara. Docilmente, deixara-se levar para o apartamento dos Threshers e ser abraçada e confortada por Gandy, animada de modo exagerado por James, e acompanhada em todas as horas em que estava acordada por uma Lindsay não muito compreensiva. Howard, sempre contrafeito diante das coisas que lhe faziam lembrar a morte, tinha batido de leve e rapidamente na cabeça da menina e dissera-lhe

que ela era sempre bem-vinda à sua casa. Adele tinha assentido com a cabeça e dissera, com seus melhores modos de aluna bem-educada:

— Obrigada, Sr. Thresher. Mamãe e eu apreciamos sua bondade.

Somente Pauline notara o sereno desespero naqueles olhos tão jovens. "Muito estranhamente", ela pensou, "creio que Louise superará isso melhor do que Adele. Louise se lamenta, naturalmente. Perdeu seu amado. Mas pode compreender melhor a situação porquanto sabe por que Carl fez aquilo. Adele não sabe. Deus é testemunha de que não entendi o motivo de início. Cheguei a amaldiçoar Carl por sua insensibilidade, e estava enganada. O motivo de seu gesto nunca me ocorreu, até Howard me ter explicado que tudo o que Carl tinha era seu seguro de vida, no valor de uns cem mil dólares. O bastante para assegurar a sobrevivência imediata de sua família, a qual, estivesse ele vivo, sabia não poder sustentar. Foi, no exato sentido do termo, um sacrifício supremo. E no entanto não posso deixar de pensar que sua família preferiria enfrentar a pobreza junto com ele do que viver confortavelmente sem sua presença."

E Pauline voltou a pensar em sua conversa de três anos atrás com James. Dinheiro era algo bom de se ter, mas não substituíra o companheirismo, o amor e a com partilha. Louise nunca teria negociado a vida de Carl em troca de segurança material, mas ele não lhe facultara essa opção. E por isso Pauline nunca o perdoaria. Deveria ter sido uma decisão conjunta. Já que isso fora impossível, Carl decidira que sabia o que era melhor. Fora um sacrifício, naturalmente. Renunciar ao dom mais precioso de todos, sua vida, fora o galante gesto derradeiro. Tinha certeza de que ele o encarara desse modo. "Mas você estava errado, Carl", ela se disse. "Você subestimou seu próprio valor. Você era o marido e o pai, não meramente uma conta de refeição. E foi um ato egoísta seu não se oferecer você mesmo em vez do seu dinheiro."

Bem, aquilo já estava feito e consumado. Como era ridículo bater nessa mesma tecla! Conquanto lamentasse sinceramente a perda sofrida, Louise parecia não experimentar tais sentimentos. Ela dizia, repetidas vezes, como seu marido fora corajoso e maravilhoso, a ponto de morrer por sua família. Nem uma única vez dissera que desejava que ele vivesse por sua família. E fora incapaz de permanecer no mesmo apartamento e manter Adele no mesmo colégio. Com o tempo, Pauline tinha certeza, Louise encontraria um outro homem e provavelmente faria um bom casamento. Ela era uma bela mulher e tinha apenas trinta e três anos. "Farei quarenta e um no ano que vem", pensou Pauline. "E sinto-me como se tivesse cem. Curioso. Howard fará quarenta e três, mas mudou muito pouco nestes últimos vinte anos. Tem um rosto desses que são perenemente jovens, e em certos aspectos parece menos maduro que seu próprio filho. Aos setenta, Howard provavelmente estará ainda em forma e elegante, ativo e cheio de vitalidade. E", ela pensou, pesarosa, "provavelmente ainda andarás atrás de outras mulheres."

Embora ela não o demonstrasse, a morte de Carl Frampton também exercera um efeito profundo em Lindsay. Convertera Adele de uma companheira risonha numa sombra discreta, alguém realmente não muito agradável com quem conviver naquela idade. E Lindsay se perguntou se agiria do mesmo modo se algo acontecesse a seu pai, e sentia-se apreensiva que esse algo pudesse ocorrer. Naqueles poucos dias já passados, havia se aproximado dele constantemente, sentava-se em seu colo e o abraçava quando era possível, exigindo sua atenção até Howard sentir-se molestado com isso.

— Pelo amor de Deus, Lindsay, você não tem nada para fazer? Vá brincar no parque. Está uma bela tarde. Você devia apanhar um pouco de ar puro.

— Está frio demais, papai. E Adele não irá.

— Então procure alguma coisa para se ocupar em seu quarto. Você está me deixando irritado! Não posso me mover nestes últimos dias sem dar com você atrás de mim.

— Por que você não vai até a cozinha para ver como vão indo os preparativos para a festa? — sugeriu Pauline. — Gandy está lá, ajudando Gertrude a aprontar as coisas. Talvez você possa ajudar também.

Quando, relutante, Lindsay saiu, Pauline voltou-se para Howard:

— Não pode perceber o que está acontecendo, Howard? A morte de Carl perturbou Lindsay terrivelmente.

— Por que iria afetá-la? Ela é uma criança. O que isso significa para ela?

— Lindsay já tem idade para saber que ele morreu. E tem medo de que o que aconteceu com Adele possa acontecer com ela.

Por um momento ele não entendeu aquilo, e então mostrou-se surpreso.

— Você quer dizer que Lindsay anda se agarrando a mim porque pensa que eu possa morrer?

— Exatamente.

— Mas isso é tolice! Não estou disposto a me atirar de uma janela!

— Claro que não. Mas Lindsay não sabe disso. Tudo o que ela vê é sua melhor amiga lamentar a perda do pai. Ela está entendendo, pela primeira vez, o que significa perder alguém a quem se ama, e isso a assusta. Não seja rude com ela, Howard. Ela deseja sentir que você está seguro, e que sempre estará aqui.

— Eu nunca tinha ouvido tamanha tolice! Será que essa criança vai se pendurar nas abas de meu casaco o resto da vida?

— Espero que não. Com toda a sinceridade.

Mesmo antes de ter feito aquela sugestão, Pauline sabia que era uma tolice, pois dois dias após a morte de Carl ela perguntara ao marido se não achava que seria mais respeitoso cancelarem a festa de Ano-Novo. Howard a fitara como se ela tivesse perdido o juízo.

— Respeitoso? Para quem? Por Deus, Pauline, essa morte não se deu em *nossa* família. Devido ao modo como todos aqui estão se portando, chega a parecer que os Framptons são nossos parentes, ou pelo menos nossos mais caros amigos. E não é esse o caso. Nós nem sequer temos muita intimidade com eles. O que a fez ter tal idéia?

— Não sei. Apenas não me sinto muito disposta a festejar algo. Não posso apagar da memória a lembrança daqueles primeiros minutos: a terrível descrição feita por Louise de como aquilo aconteceu, e a expressão aterrada de Adele quando eu a encontrei. Foi uma das piores coisas por que já passei.

Havia um toque de exasperação na voz de Howard, embora ele fizesse um esforço incomum para se mostrar compreensivo.

— Tenho certeza de que foi uma coisa penosa para você, minha querida, embora eu não saiba por que tinha que se apressar em subir até lá.

Essas palavras a irritaram muito.

— *Alguém* tinha que subir. Deus sabe que você não iria se dar a esse trabalho! Dormiu o tempo todo enquanto aquilo acontecia.

— E teria sido bem melhor se você tivesse feito o mesmo! Não quero ouvir falar mais sobre isso, Pauline. Lamento a morte de Frampton, mas ele é apenas um entre milhares. Homens têm-se atirado de janelas desde' outubro do ano passado, mas não acho que seus vizinhos tenham mudado seus hábitos por causa disso. Você está sendo completamente ridícula ao sugerir que cancelemos nossa festa anual. Nossos amigos iriam pensar que você enlouqueceu. E teriam toda a razão.

Pauline cedeu. E disse:

— Presumo que sim. Suponho que isso seja ridículo da minha parte. Mudar nossos planos não iria ajudar Louise ou trazer Carl de volta.

Howard voltou os olhos para o alto, exclamando:

— Meu Deus! O que aconteceu com todo mundo aqui? Você está agindo como o fantasma da festa. Lindsay está se comportando como um ratinho assustado. Até mesmo minha mãe vive esticando o rosto, atenta à porta da frente, esperando ver não sei o quê. Parece que somente os homens nesta família têm algum juízo. Não vejo James parar em casa, e não posso deixar que tudo isso perturbe minha vida normal.

— Não, certamente não pode. Você está fazendo ainda suas visitas diárias à sua amante, eu sei. Não gostaria de convidá-la também para a festa?

— Não se ponha a falar como uma tola, Pauline! Você exagerou as dimensões dessa tragédia toda. Agora trate de refletir. Já que deseja se apegar a lugares-comuns, eu lhe apresento um: leve em conta as bênçãos recebidas. Simplesmente sinta-se tremendamente feliz por se ter casado com um homem esperto o bastante para não pôr em risco o seu futuro.

Pauline tinha que admitir que ele tinha razão. Ela estava permitindo que aquela tragédia se convertesse numa obsessão. Era natural sentir pena, ajudar do modo que ela pudesse. Mas, como dizia Howard, isso não envolvia pessoas realmente de sua intimidade. E se arrependeu de ter feito menção àquela outra mulher. Uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Ou tinha? Teria o sacrifício de Carl ressaltado uma vez mais o egoísmo de Howard? Moveu a cabeça como se desejasse afugentar certas idéias. Que tipo de tolice estava pensando? A dívida feita por Carl era do tipo que nenhuma mulher desejaria. Howard estava certo. Ela devia atentar para os seus benefícios.

— Sinto muito, querido. Tenho estado nervosa nestes dois últimos dias. Sua atitude é sensata. Naturalmente faremos bem em abrir nossa casa como de costume. Não sei em que podia estar pensando quando sugeri cancelar a festa.

Howard resmungou. Mulheres! Para elas cada crise se convertia numa novela. Tratavam de algum modo de relacionar consigo mesmas tudo o que acontecia com os outros. Não era de espantar que ele sempre tivesse que ter uma "amiga". Era um alívio passar algumas horas diariamente com alguma cabeça-de-vento que não pensasse em outra coisa senão em agradá-lo. Não que Pauline fosse uma mulher fria. Nada disso. Era tão apaixonada como qualquer outra que ele já conhecera, mas mesmo durante o relacionamento sexual ele se dava conta da atividade de pensamento de sua esposa. Na realidade não podia suportar mulheres inteligentes. Esposas deviam ser bem-educadas, distintas, anfitriãs perfeitas, fiéis e dedicadas. Deviam mostrar-se sexualmente

interessadas por seus maridos, mas nunca deviam fazer um homem sentir-se desconfortável. Isso era o que destoava em Pauline. Era inteligente demais. Por vezes, podia percebê-la julgando-o e descobrindo o que ele desejava. Howard não tinha certeza sobre quais seriam as qualidades que ela desejava que ele possuísse, além e acima da que era óbvia, a fidelidade. Acontecia simplesmente que algumas vezes a surpreendia olhando-o com ressentimento, como se acreditasse que ele a via como alguém inferior. Bem, isso era o que ele desejava sentir, por Deus! As mulheres deviam saber que satisfazer a um homem era a melhor coisa que poderiam fazer. Pauline tentara, ele assim presumia. Como acontecera agora, ao se desculpar pelo seu nervosismo, pondo-se de acordo com ele a respeito da festa anual, o que era seu modo de se render ao seu superior bom senso. Mas isso nunca soava convincente. Ela realmente não o achava mais inteligente ou mais sábio do que ela. Ou, talvez, até mesmo mais forte. As mulheres que ele visitava faziam-no sentir essas coisas, e gostava delas por causa disso. Necessitava dessa sensação, tinha que reconhecer.

"Nunca devia ter-me casado com uma mulher diplomada num curso superior", pensou Howard, com azedume. "Não devia ter escolhido Pauline Fillford, a menina prodígio com diploma universitário obtido aos vinte anos. Suponho que considereei essa conquista como uma proeza, atraindo a atenção dessa jovem superinteligente que estava disposta a renunciar a um futuro brilhante para assumir o papel de Sra. Howard Thresher. Foi um golpe. Nunca passei de um estudante comum. Gostei da idéia de que seu amor por mim fosse mais forte do que qualquer ambição que pudesse ter. Não sabia que passaria vinte anos me perguntando se esse amor não incluía também sua serena condescendência.

"Não que Pauline não tenha sido o tipo de mulher que eu desejava em todos os outros aspectos. Ela me oferece tudo. Exceto a única coisa de que necessito: adoração cega. E que há de errado nisso?", perguntava-se Howard. "Todo homem cheio de vida busca essa qualidade acima de tudo em sua mulher. Carl Frampton e Louise eram um exemplo: ela pensava que o sol se punha e se escondia nele. Pelo menos isso ele teve, aquele pobre-diabo."

Nunca ocorrera a Howard pensar que essa adoração cega que lhe causava inveja fora realmente aquilo que custara a vida de Carl. Sabendo como Louise confiava nele e o adorava, Carl não pudera suportar tornar-se um fracasso aos olhos dela. Preferira perder aquela adoração quando vivo, convertendo-a numa lembrança que se prolongaria após a morte. Mas Howard não percebia isso.

Certamente nem sequer desconfiava de que Pauline tivesse percebido.

O primeiro dia de 1931, desolador, nervoso, e intensamente frio, com grandes rajadas de vento, serviu de cenário às mulheres que, estremecendo debaixo de seus abrigos de *mink* e zibelina e acompanhadas de homens enregelados em seus finos e elegantes Chesterfields, compareceram à festa anual dos Threshers. Encantadas por serem acolhidas no calorzinho agradável do grande apartamento, ficaram por um momento aquecendo-se em frente ao fogo crepitante da grande lareira da sala de estar, trocando votos de saúde e felicidade.

A gigantesca árvore de Natal erguia-se a um canto, um derradeiro e esplêndido vestígio daquela estação festiva. No dia seguinte ela seria levada dali, expulsa para a

calçada como centenas de outras, fazendo com que as calçadas parecessem uma triste e abandonada floresta de um verde efêmero, tocado aqui e ali por um desolado pingente de gelo ainda retinindo num ramo seco.

Lindsay detestava pensar naquela altiva árvore sendo despida e descartada, esperando que um caminhão de lixo a levasse. E, no entanto, não lastimava que as férias de Natal daquele ano estivessem no fim. Pelo menos agora a Sra. Frampton voltaria para casa, e isso faria Adele mais feliz. As aulas recomençariam e as coisas voltariam ao normal. Nem sequer lamentava, como normalmente costumava acontecer, que James logo tivesse que retornar a Harvard. Ele lhe fazia carinhos e caçava dela, brincalhão, como sempre, mas desde o dia de seu retorno ao lar, quando ela lhe falara sobre aquela discussão entre seus pais, James nunca fora o mesmo. Tinha passado muito pouco tempo com ela. Para dizer a verdade, ficara muito pouco tempo em casa. E quando estava em casa, ela sentia que ele a evitava, como se tivesse receio de que ela recomençasse a fazer perguntas sobre seus pais.

Era tudo muito confuso, e não havia ninguém para esclarecê-la. Somente James sabia o que ela escutara atrás da porta, mas sua mãe percebia que alguma coisa continuava a fazê-la infeliz. Na tarde anterior, quando Lindsay lia um livro em seu quarto, Pauline entrara e tentara ter uma conversa com ela.

— Algum problema, gatinha? Você tem andado quieta demais nestes últimos dias.

Lindsay ergueu o olhar para aquele rosto expectante. A mãe era tão bonita e tão boa. Era difícil mentir para ela. E Lindsay escolheu dizer uma meia verdade.

— James age de modo engraçado. Não brinca comigo nem me leva para passear. Tudo o que faz é ir a festas todas as noites e dormir a manhã toda até vir almoçar às pressas. Que está acontecendo com ele, mamãe?

Pauline esboçou um ligeiro sorriso.

— Isso é apenas parte do amadurecimento, querida. James está com dezoito anos, e pela primeira vez você está sentindo a diferença de idade entre vocês. Ele agora é um moço, Lindsay querida, com interesses que você só irá compartilhar daqui a alguns anos. Procure ser paciente. Quando você tiver dezoito anos e James estiver com vinte e seis, não irá se sentir tão distante dele.

— Dezoito anos! Ainda tenho oito pela frente!

A mãe riu.

— Bem, talvez isso aconteça mais cedo. Tudo o que quero dizer é que James é um jovem adulto, e você, ainda uma menina. Quando se fica mais velho, a diferença de idade não parece tão grande. Seu irmão gosta muito de você. Sabe disso. Mas ele está interessado em outras coisas. Festas de debutantes e chás dançantes, por exemplo.

— E garotas — disse Lindsay com desdém. — Tudo o que ele faz é agarrar-se ao telefone para conversar com aquela tola da Candice Simms. Ele vai trazê-la para a nossa festa?

— Receio que sim, Lindsay. Não é que eu não goste de Candice. Ela é uma jovem adorável. Sua família e a nossa têm sido amigas há anos.

— Ele vai se casar com ela, mamãe?

— Casar com ela? — Pauline pareceu surpresa. — Oh, céus, não! Não agora, de jeito nenhum. Meu Deus, James é quase um menino!

— Você acabou de dizer que ele já é um moço.

— Quis dizer isso apenas em relação à sua vida social. Homens não se casam aos dezoito anos, querida. Não um homem inteligente, como James. Antes de pensar a sério nisso, ele terá que concluir seu curso e arrumar um emprego.

— Talvez ele não queira esperar. Ele e Candice ficam arrulhando como pombos ao telefone.

Pauline olhou fixamente para a filha e então sorriu gentilmente.

— Ora, ora, Lindsay Thresher, acho que você está com ciúmes! — Então falou mais a sério: — Eu entendo. Sei que deve ser difícil para você. Você e James sempre foram tão chegados. No entanto, em certos pontos, é como se você fosse somente uma criança. — Agora quase parecia estar pensando em voz alta. — É uma pena que não tenha nascido mais cedo, suponho, pois então, você e James teriam crescido juntos. Teria sido mais interessante para você. — Pauline levantou-se da cadeira. — Bem, não podemos nos preocupar com isso, podemos? Amanhã será o início de um novo ano e você já estará caminhando para os onze anos. Logo estará alcançando seu irmão, por assim dizer.

"Nunca o alcançarei", pensou com tristeza Lindsay, enquanto observava os convidados formando grupos e tagarelando acerca do dia de Ano-Novo. James mantinha o braço de Candice enfiado no seu enquanto seguiam pelo salão, e ele a apresentava aos amigos de seus pais. James estava exultante, obviamente orgulhoso daquela debutante tão radiante em seus dezoito anos, fitando-o com uma evidente admiração. Os pais de ambos sorriam numa clara aprovação. Decididamente formavam um par apropriado. Não de todo, naturalmente. Eram jovens demais. Mas algum dia... Quando Candice tivesse terminado seu período de apresentação à sociedade e realizado a grande *tournee* pela Europa, haveria tempo bastante para anunciar o noivado. E após um período conveniente, quando James se tivesse diplomado e se associado ao pai no banco, haveria um grande casamento, unindo as famílias Simms e Thresher e gerando, no devido tempo, netos que assumissem seus postos na sociedade nova-yorkina como as gerações passadas tinham assumido.

Lindsay ouvira seus pais conversarem sobre essa possibilidade quando James estava ausente. Ela, particularmente, não imaginava Candice como uma cunhada. A mocinha tratava a irmãzinha de James com aquele tipo de falsa tolerância adotada pelas pessoas que não gostam realmente de crianças. Estava sempre fazendo de conta que eram iguais. Isso era tolo e aborrecido. Lindsay desejava que Candice parasse de tentar fazer amizade com ela. Candice era a pequena de James, uma adulta, Por que tentava impressionar a todos com aquela história de como era afeiçoada à irmã de seu adorado noivo em perspectiva? "Bolas", pensou Lindsay, "ela espera que eu proceda como faço com Adele! Ela é *tola*! Por que James não consegue entender que coisinha estúpida ela é?" E Lindsay desejou que James não viesse a se casar com Candice. Em suas fantasias, ela imaginava que ele esperaria até que Adele estivesse com dezoito anos e então a desposasse. Isso seria adorável para todos. Adele seria então uma irmã de verdade para ela.

Adele e sua avó não tinham vindo à festa de Ano-Novo, embora Pauline as tivesse convidado. A mãe de Louise, uma enfadonha senhora dada a usar sempre vestidos

negros de gola alta e a soltar profundos suspiros, agradecera à Sra. Thresher, mas replicara que em seu modo de pensar "era inoportuno para alguém mais íntimo de Carl aceitar um convite social naquela ocasião". Pauline recusara-se a aceitar isso como a repreensão que de fato era.

— Desejo que reconsidere sua decisão, Sra. Darby. Trata-se somente de uma pequena reunião familiar, nada de público, e penso que a senhora apreciaria conhecer algumas das amigas de Louise. Além disso, ficar naquele apartamento tendo unicamente Adele como companhia deve deixá-la muito solitária.

— Estou muito acostumada a ficar sozinha lá em Chicago — retrucou a mulher, sem nenhum toque de auto-piedade. — É muita bondade de sua parte, Sra. Thresher, mas não posso ir.

Adele ficara desapontada. Não estava ainda em seu natural naqueles dias, evidentemente afetada pela morte de seu pai, mas, como disse a Lindsay, desejara que sua avó tivesse decidido comparecer à festa.

— Lá em cima está tudo muito triste, Lind — disse Adele. — Vovó chora o tempo todo. O que não deixa de ser um tanto engraçado, pois sei que ela não gostava de papai tanto assim.

A curiosidade de Lindsay foi espicaçada.

— Como você sabe?

— Ouvi mamãe e ela conversarem quando vovó esteve aqui visitando a gente no ano passado; logo após papai ter perdido seu dinheiro. Ela disse a mamãe que ele nunca fora muito bom para ela, e que sabia que ele teria um mau fim. Tentou fazer mamãe voltar para Chicago, levando-me junto, mas naturalmente mamãe não quis ir. Disse a vovó que amava papai e que ficaria com ele o resto da vida. — Adele focou engasgada, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Por que ele tinha que morrer, Lind? Sinto tanto a falta dele.

Lindsay não soube o que dizer. Era também uma criança, com a inabilidade infantil de encontrar palavras de conforto. Em vez disso, tratou de distrair a amiguinha.

— Ei, vamos treinar nosso bridge, Adele. Venha. Talvez James e Gandy joguem conosco mais tarde.

As duas meninas estavam justamente começando a aprender a jogar bridge, e antes da tragédia recente tinham tomado muito interesse naquilo. Mas agora Adele movia a cabeça numa negativa.

— Não tenho vontade de jogar, Lind.

— Bem, então podemos ir a pé ao museu.

— Hum... Acho que vou voltar para cima. Vovó não gosta que eu me afaste dela por muito tempo.

— Oh, puxa! Você está se comportando como uma pessoa antiquada! Torço para que sua mãe chegue e você comece a agir como você mesma de novo! Sinceramente, Adele, sinto muito o que aconteceu, mas você está se mostrando uma desmancha-prazeres!

No exato instante em que disse isso, Lindsay se arrependeu. Adele estava se parecendo agora com um cachorrinho maltratado. Ela ergueu-se devagarinho e se

aproximou da porta. Assim que tocou a maçaneta e a fez girar, voltou-se e disse com muita dignidade:

— Espero que seu pai nunca morra, Lindsay.

A lembrança daquela conversa do dia anterior provocou um ricto de perturbação no rosto de Lindsay. Ela se portara de modo tão detestável com sua melhor amiga e se sentira por demais envergonhada mesmo para telefonar e lhe pedir desculpas. Fora um modo terrível de iniciar um ano novo.

Gandy acercou-se e se sentou ao lado da neta.

— Está se divertindo, querida?

Lindsay moveu a cabeça numa negativa.

— Não. É terrível. Todo mundo aqui é tão velho!

Sara Thresher sorriu. E disse seriamente:

— Bem, isso é verdade. Sinto que Adele não tenha podido vir. Ela teria feito companhia a você.

— Não acho que ela volte a falar comigo, Gandy. Fui tão mesquinha com ela ontem. Disse-lhe que ela estava agindo como uma grande desmancha-prazeres.

— Ah, Lindsay, você não devia ter dito isso! Ela está sofrendo tanto.

— Eu sei. Não queria dizer aquilo. Só que não pude evitar. — E pareceu prestes a chorar. — Por que as coisas têm de mudar, Gandy? Por que coisas terríveis acontecem com pessoas tão boas?

A velha senhora suspirou.

— Não existe resposta para isso, meu bem. Algumas coisas não podem ser explicadas. Eis por que temos que ter fé. Crer que fomos esclarecidos sobre a vontade de Deus. Temos de confiar n'Ele e aceitar as coisas para as quais não conseguimos encontrar nenhum sentido ou significado. Não é algo fácil, Lindsay. Não sou religiosa o bastante para encontrar consolo na fé cega. Não entendo por que o Sr. Frampton tinha que morrer tão moço. Não sei por que sua mulher tinha que padecer essa dor, ou por que sua filha tinha que ficar sem seu pai quando mais necessitava dele. Gostaria de poder dizer a você por que tais coisas acontecem. Mas não posso. Tudo o que *posso* lhe dizer é que algumas vezes magoamos ainda mais aqueles que já estão sofrendo, como você fez com Adele. Não é por raiva de tais *pessoas*, mas sim pelas coisas que lhes aconteceram. Sei que você está se detestando por ter sido rude com sua amiga, mas não deve. Foi um reflexo natural nesses casos. Você não estava furiosa com o comportamento de Adele, e sim zangada com aquilo que o motivou. De certa forma, você estava realmente procurando protegê-la, tentando ajudá-la a superar sua dor. Pode entender isso, Lindsay?

— Não tenho certeza, Gandy. Nem tudo.

— Você entenderá, meu bem. Dê tempo ao tempo. O tempo é uma coisa notável. Não somente cura, como também ensina.

Fez uma pausa, observando a menina tentar assimilar aqueles novos conceitos. Como era maravilhosa uma mente jovem! Especialmente uma tão receptiva como a de Lindsay. A menina tinha a inteligência da mãe e o charme irresistível do pai. "De mim", pensou Sara, "espero que ela herde uma pequena dose de sensibilidade, pois isso é tudo o que tenho para oferecer-lhe." A velha senhora tinha uma expressão pensativa,

expectante. "Três valiosos bens. Queira Deus que Lindsay os saiba usar nos anos futuros", pensou Gandy.

Capítulo 5

Quando, anos mais tarde, Lindsay procurou relembrar a primeira metade da década de 30, esta lhe surgiu como uma espécie de borrão. Ela recordou certas coisas, como o suicídio do Sr. Frampton logo após o Natal, e de como esse fato custara a Adele quase um ano para voltar ao normal. Evocou as conversas sobre a quebra no mercado de ações e a Grande Depressão que se seguiu. Mas quando suas companheiras se diziam "filhas da Depressão" e de como fora difícil a vida naqueles dias, Lindsay sentia-se quase envergonhada ao perceber que aqueles anos ruins tinham corrido sem perturbar de modo drástico sua adolescência.

Algumas coisas se tinham gravado em sua memória, naturalmente. Coisas triviais, na maioria. Em 1931 houvera o primeiro falatório acerca do Partido Nazista, mas isso sua memória não registrara. Como, na verdade, não deixara registro na mente da maioria dos americanos. Suas lembranças giravam em torno do primeiro filme em cores de Walt Disney, *Flores e árvores*. Recordava a satisfação demonstrada por seu pai quando Al Capone, o famoso gângster, fora para a prisão por sonegação ao fisco. E também o jubilo de sua mãe quando alguém chamada Hattie Caraway tornara-se a primeira mulher eleita para o Senado dos Estados Unidos.

O ano de 1932 deixara uma lembrança mais vívida. Seu pai ficara enfurecido quando F. D. Roosevelt fora eleito presidente. E ela podia ainda ver o rosto sofrido de Gandy quando os jornais anunciaram o seqüestro do filho dos Lindberghs. James, então no penúltimo ano em Harvard, estava empolgado por uma novela sobre touradas, *Morte à tarde*, de Ernest Hemingway. Lindsay tentara ler esse livro, mas não significou muito para ela. Muitos anos depois, quando pela primeira vez viu uma tourada, na Espanha, evocara o entusiasmo de seu irmão e o entendera. Amante de animais como ela era, incapaz de suportar a visão de uma boneca quebrada, viu na tourada o perigo, a bravura e o excitamento sexual que James devia ter visualizado. Por seu turno, aos doze anos Lindsay estava mais interessada no fato de que seu ídolo, Greta Garbo, ganhara fama por seu desempenho em *Grande Hotel*. Manifestara franco desdém pela devoção de Adele por uma nova estrelinha do cinema, Shirley Temple. Uma nojenta exibicionista de quatro anos de idade, pensou então Lindsay, quando, impaciente, assistiu a *Red-haired alibi*, o primeiro filme da criança de cabelo encaracolado.

O maior acontecimento de 1933 foi a formatura de James. Ela sentiu um enorme orgulho dele. Toda a família compareceu, naturalmente, e assim fizeram também Candice e seus pais. Candy e James estavam namorando, há mais de dois anos. Até Walter Winchell chegara a escrever sobre eles, certa vez, numa crônica sobre o Stork Club. Mas não se fazia nenhuma menção a noivado, e Lindsay rezava todas as noites para que isso não acontecesse realmente. No começo daquele ano, ocorrera a posse de Roosevelt como presidente, cerimônia à qual os pais de Lindsay, embora tendo sido convidados,

não compareceram. Papai Howard, um republicano de quatro costados, augurara coisas calamitosas para o mundo dos grandes negócios e, embora fosse difícil para ele, quase denotou agrado quando "aquele homem" fechou os bancos por um período de três dias em março. Pauline, talvez por vingança, insistia em falar sobre a indicação de Frances Perkins para o Departamento do Trabalho. "Pensem nisso!", ela dissera durante um jantar. "Por fim, temos uma mulher na equipe presidencial. Estamos finalmente começando a fazer progressos!" O pai simplesmente sorria com desdém: "Apenas mais um ato desse maldito tolo", disse então. "O homem é um anarquista. E que dizer de sua mulher!" Lindsay fizera treze anos naquele ano, mas apesar de se sentir bastante crescida, a mãe vetou sua ida ao cinema para ver Mae West em *She done him wrong*. Em vez disso, ela foi levada a ver *Little women*, estrelado por Katherine Hepburn, e simulou estar terrivelmente aborrecida por isso.

É divertido como pequenos fatos retornam à mente. Em 1934 houve o nascimento das gêmeas quíntuplas Dion-ne, e agentes do FBI mataram John Dillinger. Fora prometida a Lindsay uma viagem à Europa no novo S. S. *Queen Mary*, mas não, é claro, antes que ela estivesse preparada para a sua própria Grande Viagem. O banho de sangue provocado por Hitler na Alemanha e o assassinato do chanceler austríaco Dollfuss cometido pelos nazistas nada significavam para uma menina de catorze anos que começava a sentir interesse real pelos rapazes. O primeiro a conquistar seu coração foi Geoffrey Murray, que tinha quinze anos e viajara para Andover. Ela não tinha permissão para marcar encontros em sua idade, é claro, mas os dois combinaram cuidadosamente encontrar-se, e devidamente escoltados. Lindsay considerou esse encontro como a coisa mais bela que já vivera.

— Acho que me casarei com Geoff Murray — confidenciou alegremente a Adele.

Sua amiga, absorta em experimentar em segredo um novo rímel, espichando-se diante do espelho do banheiro, disse:

— Você é doida. Vai levar anos e anos para poder se casar. Além disso, ele mal olha para você. Todas as garotas do colégio estão louquinhas por ele.

Lindsay não se perturbou.

— E daí? Ainda me casarei com ele. Espere e verá. Com quem você vai se casar, Del?

— Com ninguém. Nunca me casarei. Casamento não dá certo.

Lindsay podia ter contido sua língua. Todo mundo dizia que o segundo casamento de Louise Frampton fora um desastre. Mal se tinha passado um ano da morte de seu primeiro marido quando ela se casou com o advogado da família. Lucius Tamlin era um homem desagradável, ríspido e anti-social. Muitas pessoas se perguntavam por que alguém tão atraente como Louise o escolhera. Somente Gandy parecia ter uma explicação satisfatória sobre o caso.

— Suponho que tenha sido a solidão, querida Lindsay. A solidão leva uma mulher a fazer coisas estranhas. E imagino que a Sra. Frampton estivesse assustada, também. Tinha uma filha para sustentar e educar. Talvez o Sr. Tamlin lhe tenha oferecido a segurança que lhe foi roubada tão subitamente.

— Mas por que *e/le*, Gandy? Ele é horrível! E tão exigente com Adele. Ela me disse que sua mãe e ele vivem brigando o tempo todo.

— As pessoas cometem enganos quando estão com medo. Suponho que a Sra. Frampton tenha pensado que não haveria muitos homens interessados numa pobre viúva com uma filha menor. — Sara Thresher balançou a cabeça. — Por outro lado, posso estar inteiramente enganada. Talvez ela tenha gostado dele.

— Gostado *dele*? — Lindsay exibiu um ar de incredulidade. — Puf! Ele é tão desagradável! Como uma mulher bonita como a Sra. Frampton pode amar um homem tão desagradável?

— A atração entre as pessoas não tem explicação. Não é improvável que essas pessoas se casem e pareçam inteiramente felizes.

— Mas eles não são felizes, Gandy. Adele me disse que acha que eles se odeiam.

— Lindsay, que coisa terrível de se dizer! Adele é apenas uma criança, e você também. Você não está em condições de saber como o Sr. e a Sra. Tamlin se sentem realmente um com o outro. Ninguém está, exceto eles. As pessoas têm modos estranhos de encontrar seu complemento natural. Talvez Lucius Tamlin ofereça à Sra. Frampton algo de que ela precisa de um modo que nenhum de nós pode entender. Seja tolerante, Lindsay. Não julgue os outros por seus próprios padrões. Você pode cometer erros e um dia ansiar pelo mesmo tipo de compreensão de que a mãe de Adele provavelmente necessita.

Agora Lindsay observava a amiga pelo espelho. Adele não falara sério sobre não se casar nunca. Tinha certeza disso. Adele estava simplesmente desencantada com a atmosfera em seu lar. Quando ela conhecesse alguém e se apaixonasse, mudaria de atitude. Sentindo-se muito experiente em seus catorze anos, Lindsay não estava segura de que Adele soubesse muito sobre sexo. Pauline tinha contado tudo sobre o assunto à filha há um ano, mas quem sabia se Louise Frampton chegara a ter uma conversa franca e íntima com Adele? E embora as duas garotas fossem muito íntimas, isso não era algo que Lindsay pudesse ensinar à amiga. Talvez fosse justamente o sexo o que mantinha a mãe de Adele e o padrasto juntos, pensou subitamente Lindsay. Era impossível imaginar os pais de alguém fazendo as coisas que Pauline lhe contara, mas eles deviam fazê-lo. Talvez o Sr. Tamlin fosse sexy, e talvez fosse isso que levara a Sra. Frampton a desposá-lo. Sim, tinha de ser isso. Que mais poderia ser? Ainda que sua mãe tivesse dito que o ato de amor físico entre pessoas casadas era uma coisa bela, Lindsay duvidava seriamente que Lucius Tamlin pudesse ser belo de qualquer forma. Agora, quanto ao pai, pensava Lindsay, a coisa era diferente. Ele era tão bonito e agradável. Ela o idolatrava até mais do que a seu ídolo no cinema, Leslie Howard, que fora ver às escondidas em *Servidão humana*.

A conversa áspera de quatro anos atrás já fora quase esquecida. Ela não chegara a ouvir outra como aquela, e mamãe e papai pareciam perfeitamente felizes. "Eu era então uma garotinha", pensou Lindsay zombando. "Como fui pensar naquela história de divórcio! James tinha razão. Eles tinham tido apenas uma pequena discussão. Mas eu entendo como Adele se sente. Se as pessoas vivessem aos gritos umas com as outras em minha casa todo o tempo, eu me sentiria tão infeliz como Adele."

Pensou novamente em como seria maravilhoso se Adele pudesse se casar com James. Seu irmão ainda não estava comprometido, assim Lindsay cruzou seus dedos às costas. Adele estava se tornando uma beleza. Não tinha a pele ruim ou o cabelo pegajoso

de algumas de suas colegas. "Nem eu tampouco, graças a Deus", disse a si mesma. Esperava que James começasse a se interessar por Adele qualquer dia. Ele não chegara a tanto ainda, mas se simplesmente não viesse a fazer algo idiota nos próximos dois anos, então talvez...

James, na verdade, não parecia inclinado a fazer nada senão trabalhar e se empenhar bastante em ser um *playboy*, saindo a cada noite com uma garota diferente. Em 1935, Candice anunciou de repente seu noivado com outro rapaz, acontecimento que perturbou Pauline mas que não pareceu afetar visivelmente James.

— Eu simplesmente não o entendo, James — disse sua mãe numa das raras noites em que ele jantara em casa. — Pensei que você gostasse de Candice. Vocês dois saíram juntos durante tanto tempo. Todos os consideravam noivos, embora não oficialmente. Tanto os Simmses quanto seu pai e eu simplesmente tínhamos isso como coisa certa.

— Deixe-me de fora dessa história, Pauline — disse Howard Thresher parecendo aborrecido. — Nunca considere coisa alguma como certa. James tem idade bastante para tomar suas próprias decisões.

— E tem idade suficiente também para se casar — replicou Pauline com firmeza. — Vinte e três anos. A mesma idade que você tinha quando se casou.

Howard deu a impressão de que ia dizer algo cortante em resposta, mas ao olhar de relance para Gandy e Lindsay, que estava sentada ouvindo muito quieta a conversa, simplesmente contraiu os lábios num ricto desaprovador.

— Mamãe, ainda não estou preparado para o casamento — disse James. — Gosto de Candy. Ela é uma pequena formidável, mas, se está com tudo assentado para se casar, comigo não se dá o mesmo.

— Quer dizer que ela não está disposta a esperar enquanto você anda por aí atrás de garotas todas as noites, dançando rumba, ou sei lá que outra dança tola da moda. Nós nunca interferimos em sua vida, James, mas quando você começará a proceder como um homem responsável?

James enrubescou de raiva.

— O que é um homem responsável, mamãe? O casamento tornou você automaticamente responsável? — Olhara ele realmente de relance e quase sarcasticamente para seu pai? — Até que eu encontre a mulher que sirva para mim inteira e totalmente, não me casarei simplesmente por já ter "idade suficiente".

Howard estava ficando cada vez mais impaciente com aquela conversa.

— Pelo amor de Deus, Pauline, deixe o rapaz em paz! Ele está indo bem no emprego. Deixe-o cometer os excessos naturais da juventude enquanto pode. Vocês, mulheres! Sempre forçando casamentos, como se não suportassem ver alguém desfrutando de liberdade.

Foi a vez de Pauline enrubescer.

— Isso não parece ter estorvado demais você. — Interrompeu-se, lamentando o que dissera na frente dos outros. — Muito bem — prosseguiu, mais calma. — Não direi mais uma palavra sobre o assunto. Pensei apenas que James deveria saber como ficamos desapontados.

— Como você ficou desapontada — emendou Howard. — Você e os Simmses. Eles devem estar sentindo que Candice deixou escapar um bom partido.

Continuaram a comer em silêncio. Depois do jantar, embora não fosse seu costume, Howard disse que ia sair um pouco. Lindsay notou que sua mãe e Gandy trocaram olhares de estranheza e viu que James sorriu com um tipo de sorriso cínico e íntimo. Quando James subiu ao seu quarto para se aprontar para sua noite, Lindsay o acompanhou. Sentou-se na cama do irmão, observando-o pentear o cabelo e pôr alguma espécie de loção de aroma suave.

— James?

— Hein?

— O que acontece com papai e mamãe?

— O que você quer dizer?

— Eles se comportaram de modo tão esquisito durante o jantar.

— Ora, Lindsay, você ouviu tudo. Mamãe está aborrecida comigo porque não me caso, e papai acha que não devo me apressar.

— Isso não é o que eu queria dizer — retrucou Lindsay movendo a cabeça. Sua expressão e sua voz soavam muito maduras para seus quinze anos. — Lembra-se do que conversamos faz muito tempo? Sobre aquela discussão e como pensei que talvez fossem se divorciar?

James olhou-a com ar cauteloso.

— Sim, lembro. Vagamente. E então?

— Acho que você não me contou a verdade.

Ele não respondeu, mas seu silêncio valia como uma afirmação.

— Já estou com quinze anos, James. Entendo muito mais coisas do que entendia naquela época. Mamãe e papai não são felizes juntos, são? Você pode sentir que não. Suponho que eles já não eram felizes anos atrás, quando pela primeira vez percebi que alguma coisa não ia bem.

James respirou fundo. Lindsay estava novamente voltando àquela discussão entre seus pais. Exceto que dessa vez ela não se satisfaria com uma explicação evasiva acerca de como todos os casais têm briguinhas de quando em quando. "Muito bem. Talvez seja a hora de Lindsay ficar sabendo do que se passa. O número mágico nesta casa parece ser o 15. Eu estava com quinze anos quando descobri o trato singular que mamãe e papai mantêm."

— Lindsay — disse finalmente —, não sei ao certo como explicar isso a você. Não tenho mesmo certeza de ser a pessoa indicada para tentá-lo. Na realidade isso é função deles. — Um toque de azedume vibrou em sua voz. — Mas, naturalmente, não o farão. Vão simplesmente deixar que você descubra tudo através de uma coleguinha de língua solta, no colégio, tal como aconteceu comigo.

Lindsay procurava ser paciente.

— Descobrir o quê?

James sentou-se a seu lado, como o fizera anos atrás e, também como então, pegou as mãos da irmã entre as suas, como se buscasse consolá-la.

— A coisa é assim: de um modo estranho, mamãe e papai são felizes juntos. Bem, não exatamente felizes, mas satisfeitos. Isto é, papai está contente com o modo como sua casa é cuidada e com o fato de ter uma esposa bonita e inteligente e filhos decentes. Só

que ocorre que... ele deseja outras coisas também. Eis o que motiva a tensão entre ele e mamãe.

— Que outras coisas são essas?

— Uma dose maior de liberdade que muitos homens casados têm. Papai é um bom marido, mas se ressentido das restrições que o casamento impõe. Quero dizer que ele é antiquado a respeito de algumas coisas. Por exemplo, quanto aos direitos do homem e da mulher. Do ângulo em que ele vê o assunto, parece-lhe correto que os homens façam algumas coisas, mas não aceita que as mulheres possam fazer o mesmo. Chamam a isso "padrão duplo". — Estava se expressando de modo desajeitado, como o olhar confuso de Lindsay lhe dizia. Com os diabos, a garota desejava ouvir a verdade e ele a estava proporcionando. — O fato é, Lind, que papai pensa não haver mal algum em um homem casado ver outras mulheres, contanto que não leve a sério o fato e não o deixe interferir na sua vida familiar. Ele cresceu ouvindo seu pai ensinar-lhe isso. É um tipo de acordo de cavalheiros entre as chamadas classes altas.

Lindsay mostrou-se confusa.

— O que quer dizer com "ver outras mulheres"? Você se refere a ir para a cama com elas?

— Sim, principalmente. Não são mulheres que possam ser visitadas socialmente ou apresentadas aos amigos. Representam apenas um entretenimento.

— E papai faz isso?

— Sempre fez, meu bem. Ele tem sido infiel quase desde o dia em que se casou com mamãe, assim suponho. — A expressão chocada de Lindsay era quase insuportável para ele. — Sei como você está se sentindo, menina, mas não deixe isso atormentá-la. Eu me lembro de como me senti quando fiz essa descoberta. Desejei matá-lo pelo que ele estava fazendo com mamãe. Mas quando falei com nossa mãe, entendi que aquilo não era a pior coisa do mundo para ela. Ela o ama tanto que está disposta a resignar-se com a situação. E ele a ama também, do seu modo insensato. Não podemos julgá-los. Temos apenas de aceitar as coisas tal como são, e o modo como ambos continuarão vivendo.

Lindsay estava encontrando dificuldades para assimilar aquela incrível revelação. Seu pai era infiel. Havia alguém mais que ele amava, alguém que eles não conheciam. Sua mãe lhe dissera que o amor físico entre pessoas casadas era uma bela coisa, mas e quanto ao amor entre os que não eram casados? Certamente devia ser um pecado. A Bíblia chamava a isso adultério. E o pai incorria nessa culpa. Pensar em seu adorado pai como um pecador fez Lindsay começar a chorar. James passou o braço em volta de seus ombros delicados.

— Ei, não fique assim. Não chore, meu bem. Papai não deixa de querê-la por isso. Nem mamãe, embora isso seja difícil de entender.

— Mas ele... ele ama outra mulher. Você acabou de dizer! — E os soluços de Lindsay se intensificaram.

— Não. Não, eu não disse isso. Nunca mencionei a palavra "amor". Essa coisa que ele faz, essa sua fraqueza, nada tem a ver com amor. Ele não ama essas mulheres, Lindsay, simplesmente acredita que são uma outra parte de sua vida. Mamãe entende isso. Não digo que ela goste. Eis aí por que eles brigam algumas vezes. Mas ela sabe há

muito tempo que isso faz parte da vida de papai, e que se o ama tem que aceitá-lo assim mesmo. Se ela pode aceitá-lo, Lind, nós também podemos.

Lindsay enxugou os olhos e exclamou:

— Eu nunca aceitarei isso! Eu o odeio! Como os homens podem fazer coisas tão terríveis? Pensei que quando as pessoas se casassem fosse para sempre, a menos que uma delas morresse ou então viessem a se divorciar. Nunca soube que duas pessoas simulassem ser felizes juntas quando uma delas era... — interrompeu-se, na falta de palavras para descrever aquele monstruoso estado de coisas. — Eu o odeio — disse novamente.

James moveu a cabeça numa negativa.

— Não. Você não deve odiá-lo. Compreendo por que você pensa assim. Eu senti o mesmo, por um longo período, após ter feito aquela descoberta. Pensei que ele nem mesmo merecia meu desprezo. Mas você não pode odiar um homem por uma fraqueza dele, Lind. E o modo como papai vê o caso é doentio. Ele não sabe disso, naturalmente. Não percebe que seu egoísmo humilha mamãe e a faz infeliz. Voluntariamente, ele não iria magoá-la. Acontece simplesmente que não pode entender por que ela faz objeção a algo que ele considera tão sem importância.

Lindsay ficou sentada muito quieta por longos minutos, tentando assimilar o significado de tudo aquilo, mas era algo muito profundo para ela. Confiava em James. Se ele dizia que o pai não percebia como seu procedimento era vergonhoso, ele tinha que acreditar no irmão. Mas nesse instante sua adoração infantil desaparecia para sempre. Nunca mais voltaria a adorar seu pai. Tentaria não detestá-lo, mas as coisas entre eles nunca mais seriam iguais. Finalmente, ela perguntou:

— Todos os homens pensam assim, James? Você também?

— A resposta é não às duas perguntas. Por que você acha que não estou ansioso para me casar com Candice ou outra mulher? Porque não pensarei em casamento até estar o mais certo possível de que a mulher escolhida é a única no mundo para mim. Talvez eu nunca a encontre. Mas até que venha a encontrá-la, permanecerei descompromissado. Odeio pensar em fazer com alguma mulher o que papai faz com mamãe. Eu não poderia me suportar. E... — acrescentou lentamente: — não tenho certeza de que poderia respeitar uma mulher que suportasse essa infidelidade.

— Foi isso o que você quis dizer durante o jantar, não foi?

— Receio que sim.

— E foi o que mamãe quis dizer quando falou que o casamento não tinha estorvado a liberdade de papai?

James assentiu.

— Mas se ela sabe que é isso o que se dá com o casamento, por que então quer ver você casado?

— Ela ainda crê no casamento, Lindsay. Como eu também, nas circunstâncias adequadas. Mamãe sabe que o casamento pode ser um modo adorável de se viver. Quando sua hora chegar, Lind, ela desejará ver você casada também. Ela não acredita que todos os homens sejam como papai ou que todas as mulheres tolerem o que ela preferiu suportar. — Fez uma pausa demorada. — Não espero que você assimile tudo isto de imediato. Não poderia, possivelmente, na sua idade. Mas já é hora de você conhecer

os fatos e aprender a conviver com eles. Você é uma mocinha, com idade suficiente para se inteirar dos segredos da família. Um dia você irá enxergar além deles, e espero que tenha compaixão. Ou, pelo menos, aprenda com essa experiência a não fazer de sua vida uma coisa confusa.

Lindsay levantou-se graciosamente. Sentia como se uma vida inteira se tivesse passado desde que entrara naquele quarto. Todos os tipos de pensamentos rodopiavam em sua mente, mas ela denotou equilíbrio e controle quando fitou seu irmão.

— Obrigada por ser sincero comigo, James. Pensarei em tudo isso.

— Lembre-se, Lindsay, pense mas não julgue.

Ela lhe deu como resposta somente um leve e amadurecido sorriso.

Durante as semanas seguintes, Lindsay pensou naquilo um pouco mais. Por vezes Howard a surpreendia olhando-o como se nunca o tivesse visto antes. Esse olhar fixo, intenso e analítico era perturbador.

— Lindsay, para que diabos você está olhando? Você faz com que eu me sinta como se tivesse de repente me transformado num animal estranho.

— Desculpe, papai. Eu estava pensando em outra coisa.

— Bem, pois então, pelo amor de Deus, concentre-se em algum outro ponto deste aposento. Posso sentir seus olhos me perfurarem!

"Gostaria que isso fosse possível", pensou Lindsay. "Gostaria de ver o que se passa em sua mente." Muitas coisas, antes não notadas, lhe vinham à mente agora. James dissera que o pai de seu pai ensinara-o a adotar aquele procedimento injusto, desleal. Isso significava que Gandy devia ter passado pela mesma situação vivida por Pauline, e no entanto ambas pareciam aparentemente serenas e satisfeitas com a vida que levavam. Como podiam sentir-se assim?, perguntou-se Lindsay. Como podiam suportar o conhecimento de que seus maridos tinham rompido os votos do casamento? Deus certamente puniria o pai. Lindsay presumia que mesmo agora Ele estava punindo o avô que ela nunca chegara a conhecer. Estremeceu à idéia de Mortimer Thresher se consumindo no inferno eternamente. No ano anterior, Lindsay tornara-se muito interessada em religião, um fato que divertia seu agnóstico pai.

— O que significa toda essa devoção religiosa que acometeu Lindsay? — perguntou Howard à sua mulher. — Lembro-me de que você tinha que arrastá-la para a igreja, e ela ia batendo os pés e gritando. Agora ela vai à igreja duas vezes aos domingos, e além disso leciona na escola dominical.

— Trata-se apenas de uma fase passageira. A maioria das meninas passa por isso. Ela poderia estar fazendo coisas piores, lembre-se disso.

— Certo. Mas é um pouco cansativo compartilhar um apartamento com uma adolescente santa.

Pauline riu.

— Tenho que concordar, mas estou certa de que se trata apenas de algo passageiro. Penso que Adele é a responsável por toda essa devoção. Ela converteu-se na maior devota desde que Louise voltou a se casar, e Lindsay acompanha tudo o que Adele faz. E vice-versa.

— Bem, isso é tremendamente aborrecido. A qualquer minuto imagino que ela venha me dizer que perdoa meus pecados.

— Não acho que ela conheça os seus pecados, Howard. Pelo menos espero que não.

Howard simplesmente deu de ombros e voltou a ler seu jornal, mas o comentário sereno de Pauline alcançou seu íntimo. Ela nunca deixava de tentar fazê-lo sentir-se culpado. Mas nunca tinha êxito. Howard Thresher não conhecia o significado da culpa nem sofria as dores de uma consciência pesada. Não zelava pela família? Não procurava manter as aparências? As intermináveis acusações de Pauline, algumas vezes sutis; outras não, eram motivo de irritação constante. Seria de se esperar, se disse com raiva, que após quase vinte e cinco anos de casados ela desistisse de apoquentá-lo. Aquilo era a única coisa de que ela podia se queixar. Pauline não se dava conta da sorte que tinha. Bastava ver o caso de Louise Frampton, agora Sra. Tamlin. Que desperdício aquela mulher estonteante casar-se com aquele palerma, tudo porque estava tão ansiosa por segurança. Pauline nunca teria tais preocupações. "Se eu morresse amanhã", pensou Howard, "coisa que de modo algum desejo que aconteça, Pauline estaria com a vida assegurada. E seus dois filhos também. Meu pai nos deixou, a mim e a mamãe, financeiramente amparados, e estou fazendo o mesmo quanto a minha família. Pecados! Serão as minhas pequenas aventuras pecados? De modo nenhum. Maior pecado seria ser menos homem, incapaz de enfrentar as batalhas. Carl Frampton cometeu um pecado maior ao suicidar-se do que eu poderia cometer com meus casos."

Não havia ninguém com quem Lindsay pudesse falar sobre as desesperantes revelações que seu irmão lhe fizera. Como James tinha feito anos atrás, Lindsay instintivamente refugou a idéia de contar à sua mãe o que sabia, e dessa vez Pauline não estava consciente da necessidade de dar explicações. Lindsay pensou em conversar com Gandy sobre o assunto, mas estava incerta quanto à receptividade que alcançaria. Afinal de contas, seu pai era filho de Gandy, seu filho único, e ela poderia não querer ouvir aquelas coisas sobre ele. "Talvez ela nem mesmo saiba", pensou Lindsay ingenuamente. "E não gostaria de ser eu a pessoa a lhe contar isso. Mesmo que o marido de Gandy tenha feito a mesma coisa com ela, talvez vovó não saiba o que papai faz. Iria magoá-la com tal revelação, e isso eu nunca faria. Eu a quero muito."

Aquilo não era algo que ela pudesse confidenciar a Adele. Era vergonhoso demais para compartilhá-lo mesmo com sua melhor amiga. E Adele poderia contar à sua mãe, e aí então as pessoas iriam saber como Howard Thresher era imoral, o que seria terrível demais para Pauline. Não, essa descoberta decepcionante era uma coisa que ela não podia mencionar a ninguém. Sua única válvula de escape residia naquilo que pensava e transcrevia nas páginas de seu diário. Desde que Adele lhe dera o primeiro diário de presente, renovava-o a cada ano. Agora já havia cinco deles, repletos dos mais variados tipos de pensamentos e imagens, e todos bem escondidos no fundo de seu armário, onde ninguém poderia encontrá-los. Dava-lhe certo conforto confiar a descrição de seus sentimentos juvenis àquelas páginas. O diário era o repositório de seus receios. Era também o cofre do tesouro de suas esperanças — o lugar onde ela ousava desejar, seriamente, em meio a outras coisas, o amor de Geoffrey Murray.

Em 1936, Lindsay começou a ter motivos para pensar que seu desejo poderia ser realizado. Quando completou dezesseis anos obteve permissão para sair com rapazes,

contanto que estivesse de volta às dez horas da noite, e a mãe soubesse exatamente aonde ela fora e com quem. Para maior encantamento de Lindsay, Geoff foi um dos primeiros a convidá-la para sair. Numa de suas férias escolares, procedeu com muita propriedade, telefonando e perguntando a Lindsay se ela gostaria de ir ao Radio City Music Hall com ele. Deliciada, Lindsay quase perdeu a fala.

— Oh, sim! — disse por fim. — Eu adoraria! — Houve uma momentânea hesitação. — Terei que pedir permissão, é claro, mas tenho certeza de que vou obtê-la.

— Há um *show* às oito — disse Geoff. — Passo aí para apanhar você lá pelas sete e meia, a menos que você me telefone dizendo que não pode ir.

Um *show* às oito horas! Lindsay sentiu seu coração apertar-se. Ela nunca infringia o toque de recolher às dez horas. Sua mãe devia abrir uma exceção. Ela *tinha* que fazê-lo!

E Pauline, percebendo a ansiedade refletida no rosto da jovem, não pôde dizer não.

— Mas não desejo que faça disso um hábito, Lindsay. Ainda é jovem demais para se recolher tão tarde.

— Mamãe, tenho dezesseis anos! Outras garotas...

— Não sou a mãe dessas outras garotas. Nesta casa nós temos normas. Ocasionalmente, como se dá com todas as normas, elas podem ser quebradas. Mas só ocasionalmente. Certo, meu bem?

— Sim, senhora. — Ela teria concordado com tudo naquela emergência. Um encontro com Geoff Murray! Era, de longe, o momento mais importante de sua vida.

Já passava de meia-noite quando ela voltou para casa, e a mãe estava à espera, com uma estranha expressão em seu rosto. Antes que Pauline pudesse dizer algo, Lindsay começou a falar aos borbotões:

— Oh, mamãe, tive uma noite maravilhosa! O *show* foi ótimo, e depois fomos ao Rumpelmayer's, onde tomamos uma soda e conversamos muito. Geoff tem alguns amigos na Inglaterra que dizem que o Rei Eduardo irá renunciar ao trono para casar com Wallis Simpson. Pode imaginar o que é ser rei da Inglaterra e abdicar por não poder casar com a mulher desejada? Acho isso a coisa mais romântica que jamais ouvi! E Geoff é tão interessante, mamãe. Estamos lendo *E o vento levou*. Não é uma coincidência? E Geoff diz estar seguro de que o Presidente Roosevelt será reeleito e...

— E você sabe que já passa de meia-noite, jovem senhora? Quando lhe dei permissão para ficar fora de casa até mais tarde do que de costume, não pensei que você viesse a abusar dessa vantagem. Estava preocupadíssima com você.

— Sinto muito, mamãe. Não queria preocupá-la. Pensei que você soubesse que eu estava em segurança com Geoff.

— Lindsay, não se trata de que não confie em você, mas é jovem ainda e ingênua. Não conheço muito bem Geoffrey Murray, e além disso não se pode confiar nos homens, mesmo nos de dezessete anos. Você não está segura com nenhum deles. É mais do que hora de aprender isso. Não há nenhum homem que não tente se aproveitar de uma mulher se puder, não apenas fisicamente, mas no plano emocional também. Dirigir-nos e nos fazer infelizes parece que lhes dá uma espécie de prazer. Não quero que isso aconteça a você.

Lindsay ficou olhando fixamente para sua mãe durante aquela longa e desapassionada fala. Por que a mãe estava levando aquilo tão a sério? Não fora nada

mais que um encontro inofensivo. Na verdade, tinha sido excitante. Quando Geoff a beijara ao dizer-lhe boa-noite no táxi, ela sentira uma espécie de vibração. Mas Geoff não a forçara a nada. E ele nunca a faria infeliz. Sua mãe era sempre tão calma, controlava tão bem seus sentimentos. Não era natural nela proceder daquele modo simplesmente porque Lindsay chegara com um atraso talvez de uma hora além do esperado. Havia algo mais, ela supunha. Alguma coisa realmente terrível provocara aquele assomo de rancor em relação aos homens. E a própria Pauline tinha uma expressão diferente, Lindsay podia notar agora. Seu rosto, normalmente tão descontraído e composto, parecia conturbado e sombrio, e os dedos finos, sempre tão delicados, cruzavam-se e se descruzavam enquanto ela falava.

— Mamãe, o que há? Você não pode ficar assim, tão nervosa, só porque cheguei a casa um pouquinho tarde. Aconteceu alguma coisa? Está doente? O que há?

Inesperadamente, Pauline ocultou o rosto entre as mãos e começou a soluçar. Lindsay permaneceu imóvel, surpresa, insegura quanto ao que devia fazer. Ao que se recordava, jamais vira sua mãe chorar, nunca a vira sofrer uma crise violenta de nervosismo.

— Mamãe, não fique assim! — exclamou finalmente. — O que quer que tenha acontecido não pode ser tão ruim assim. O que posso fazer? Diga-me o que posso fazer por você.

Lentamente, Pauline ergueu o rosto e olhou para sua filha.

— Não há nada que você possa fazer, querida. Estou tão envergonhada de ter cedido ao desespero assim diante de você, mas simplesmente. . . eu... — Sem forças, começou a soluçar de novo. E então, em meio às lágrimas, ela disse: — Lindsay, procure entender. Pedi o divórcio a seu pai.

Capítulo 6

Aquele prelúdio ao divórcio foi um tanto penoso. Pela primeira vez Pauline e Howard Thresher deram adeus à discrição e suas desavenças foram ventiladas na presença da família. Agora não havia mais segredos para as "crianças", que os viam discutir, trocar acusações e ameaças. Todo o rancor de cerca de vinte e cinco anos era vertido agora por ambas as partes, como se até então aquela ira não tivesse podido ser expressa em voz alta ou com suficiente veemência por ter sido disfarçada tanto tempo sob um verniz de civilidade. Lindsay, Gandy e James não tinham como contê-los e se sentiam incapazes de escapar ao clima desagradável que envolvia aquele lar que antes se mostrava aparentemente sereno.

Howard, que não queria o divórcio, recusava-se a aceder.

— Nunca! — disse ele. — Se se trata de uma questão de deserção, não serei eu a desertar.

— Não se trata de uma questão de deserção — gritou Pauline. — A alegação para o divórcio é o adultério, como você sabe muito bem! E não terei dificuldades em prová-lo!

— Não terá? Você não conhece muita coisa sobre leis. O acusado deve ser apanhado em flagrante, e você não acha que eu seria tolo o bastante para permitir que isso me acontecesse!

— Maldito seja, Howard Thresher! Se eu não tivesse sido tão idiota, teria tratado de seguir você! Poderia tê-lo surpreendido milhares de vezes em um de seus pequenos ninhos de amor!

— Mas não fez isso, fez? — Por um instante sua raiva desapareceu e ele mostrou-se conciliador, razoável. — Pauline, eu lhe imploro que não tome tal atitude. Nunca a iludi. Você sempre esteve a par dessa parte da minha vida. Ela não afetou meus sentimentos acerca de minha família durante mais de vinte e cinco anos. Por que nos destruímos a todos agora, apenas porque...

O assomo de fúria de Pauline foi intenso.

— Apenas porque você finalmente foi longe demais? Não é isso o que está dizendo? A ira de Howard voltou a rivalizar com a da mulher.

— Sim, é isso o que estou dizendo! Muito bem, admito que Joanne não devia ter vindo aqui naquela noite. Não tive participação nisso, mas foi uma cena desagradável-e já me desculpei por ela uma centena de vezes. Ela estava embriagada e meio perturbada porque eu terminara nosso caso. Sim, foi muito desagradável! Mas que diabo, Pauline, não foi a primeira vez que uma mulher idiota entrou em contato com você! Simplesmente porque ela veio aqui pessoalmente, ao invés de telefonar.

Foi a vez de Pauline falar com calma.

— Não, certamente não foi a primeira vez que uma dessas mulheres entrou em contato comigo. Mas chega um momento, Howard, quando até mesmo alguém tão sem fibra como eu deve tomar uma decisão. Não posso aturar mais essa situação. Não posso suportar por mais tempo humilhações e frustrações. Não podia me divorciar antes de você por uma única razão: nossos filhos eram muito jovens. Jurei a James que não permanecia com você unicamente por ele e Lindsay, mas não era verdade. Não queria vê-los crescer separados de seus pais. Por isso fiquei e suportei suas ofensas, Howard. E acreditava que o amava mais do que jamais poderia amar qualquer outro homem. E o suficiente para sufocar meu orgulho quando você ia buscar satisfação de seus desejos em outra parte. Mas eu estava me iludindo. Sua falta de consideração ia me devorando como um tumor maligno, consumindo meu íntimo, e me fazendo adoecer de rancor. Quando aquela mulher... a tal Joanne... veio aqui naquela noite, fiquei revoltada. Não só por ela, mas por você. É absurdo, Howard. Eu o amo, mas não posso respeitá-lo ou a mim mesma. Estou com quarenta e seis anos. Se ainda há uma oportunidade para mim de refazer minha vida, é agora.

— E que tipo de vida nova você pensa que terá? Você não está preparada para ganhar a vida. Nunca trabalhou um dia sequer até hoje. E não obterá um centavo meu se for embora. Quanto ao sustento de Lindsay, está certo. Mas nada mais, Pauline. Nem um mísero centavo, mesmo que eu tenha que lutar com você em cada tribunal desta terra!

Pauline ficou olhando-o fixamente, indefesa.

— Não pode estar, falando sério, Howard. Você seria tão cruel? Vinte e cinco anos de dedicação não valem algo? Não tenho direito a uma espécie de indenização por esse infeliz emprego?

— Você se esquece de algo. Não sou mais seu "empregador". Você deseja demitir-se.

— Oh, meu Deus! Não posso acreditar nisso. Não posso crer que você queira que eu permaneça a seu lado, sabendo como me sinto quanto a este casamento.

Howard sentiu que havia vencido, mas falou sem nenhum toque de emoção:

— Pauline, eu lhe disse muitas vezes que estou contente com a minha vida do modo como ela se apresenta. E isso inclui você e esta casa. Lamentarei caso nosso relacionamento mude, mas não posso forçar você a me querer. Se sente tanta repulsa por mim, como afirma, não me aproximarei de você. Não precisa se preocupar quanto a isso. Nós simplesmente manteremos a aparência de formarmos uma sólida família e continuaremos a cuidar de nossos assuntos como fazemos há anos. — Aguardou um momento e então disse: — Podemos considerar a questão encerrada? Sem mais conversa sobre divórcio?

Pauline fechou os olhos para se impedir de ver o sorriso de superioridade de Howard.

— Eu... eu não sei. Terei que pensar.

— Pense todo o tempo que quiser, minha querida. Ficaria muito impressionado se você viesse a resignar-se a viver sem mim, distante de tudo o que se pareça remotamente com o conforto a que você e Lindsay estão acostumadas.

Quando ele saiu do quarto, Pauline atirou-se na cama e ficou a olhar fixa e desesperançadamente para o teto. Ele a vencera novamente. Como poderia ela se sustentar e a Lindsay de uma maneira decente? Sozinha, ela poderia se arrumar. Estaria em paz e poderia morar num quarto mobiliado, trabalhar numa loja, viver de acordo com o que ganhasse. Mas Lindsay estava numa idade que devia ser a fase mais excitante de sua vida. Ela devia ter roupas bonitas e uma mesada, iria fazer seu *début* dentro de dois anos e conseguir um marido abastado e de sua própria classe social. Sem Howard, ela não teria nenhuma dessas coisas. Ela seria "a pobretona" em seu meio. Se, na realidade, esse meio não a engolisse inteiramente.

Talvez James pudesse ajudar, pensou Pauline em desespero. Ele tinha um bom emprego. Talvez os três juntos...? Não. Estava fora de questão. Ele não tinha o bastante para sustentar a mãe e a irmã. Nem isso lhe devia ser exigido. Pauline nunca fora uma dessas mães que esperam que seus filhos tomem conta delas. Ela estragara sua própria vida. Era injusto pedir a James que pagasse por isso.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma ligeira batida na porta e a entrada de sua sogra.

— Pauline, podemos ter uma conversa, ou estou incomodando-a?

Pauline sentou-se na cama e tentou sorrir.

— Não, não está me incomodando, Gandy. Entre.

A velha senhora sentou-se devagar na cadeira do toucador, perto da janela.

— Tenho algo a lhe dizer, Pauline. Uma coisa que você pode achar realmente muito estranha. — Ela estava ligeiramente trêmula, mas sua voz mostrava-se firme. — Sei o que está se passando entre você e Howard.

Pauline fez um trejeito com os lábios.

— Tenho certeza de que todos nesta casa sabem. Temos nos comportado mal. Sinto muito. Sei que é embaraçoso para você e as "crianças" nos ouvirem gritar um com o outro. — Fez uma pausa. — Isso não acontecerá mais. Não posso obter o divórcio.

— É sobre isso que vim lhe falar. Você compreende...

— Não precisa se preocupar mais, querida. Eu e ele continuaremos juntos.

Sara Thresher assentiu com a cabeça.

— Você não entende o que estou tentando dizer. Ouça-me, por favor. Howard me procurou faz alguns minutos e me contou que não haverá divórcio porque ele não fará qualquer tipo de acordo sobre pensão com você e que você não poderia possivelmente se sustentar e a Lindsay.

— Isso é verdade. Ele tem todos os trunfos, como receio.

— Isso é ultrajante! Ele não é dono de você. É meu filho, meu filho único, mas está procedendo como um tirano. Como pode chantagear você para que permaneça onde não deseja ficar! Deus sabe que não desejo ver esta família dissolver-se, mas me daria um sofrimento muito maior ver você acuada aqui por causa da falta de piedade de Howard!

Pauline não retrucou. Aonde Gandy estaria querendo chegar?

— Vim aqui fazer uma oferta a você — disse Sara, como se pudesse ler na mente de sua nora. — Sou uma mulher rica, Pauline. Posso me permitir manter uma casa para todos nós, e gostaria de fazê-lo. Howard está errado acerca dessa situação. Terrivelmente errado. Você merece ter uma vida tranqüila, e Lindsay também. E se eu posso proporcionar-lhe isso, por que não fazê-lo?

Pauline não podia crer no que estava ouvindo.

— Você faria isso? Ficaria do meu lado contra Howard?

— Não se trata de estar contra Howard; trata-se de justiça contra tirania, do modo como encaro a situação. Oh, custa-me muita dor ir contra meu próprio filho, mas eu faria isso a qualquer momento em que ele tirasse proveito injustamente de uma situação. Se você quiser, encontraremos um apartamento onde possamos viver juntas, com Lindsay. E James também, se assim o desejar, embora eu suponha que, na sua idade, ele prefira ter a oportunidade de viver independentemente, por sua conta. Eu me sentirei muito contente ainda de dar a você o dinheiro para passar seis semanas em Reno, já que é o único meio de poder conseguir o divórcio.

Pauline estava perplexa.

— Eu... eu não sei o que dizer. Você é uma mulher notável, Gandy. Um ser humano extraordinário.

Sara moveu a cabeça.

— Na realidade não. Eu amo Howard; ele é minha carne e meu sangue. Mas percebo nele todas as coisas terríveis que eu via em seu pai. Nunca tive a sua coragem, minha querida. Nunca pude me decidir a deixar Mortimer ainda que ele me esmagasse a cada dia de minha vida, do modo como Howard faz com você. Minha geração não aceitava de bom grado o divórcio, e eu nunca tive fibra suficiente para ir contra a sociedade. Mas vivi num inferno durante quase quarenta anos com Mortimer Thresher, e, filho meu ou não, não desejo o mesmo para você.

Pauline ainda se achava presa a certo ceticismo.

— Mas Howard ficará tão zangado com você se fizer isso!

— Deixe-o ficar — disse Sara, com acidez. — Como minha mãe costumava dizer: "Se ele fica furioso, logo acabará por se sentir contente". Não tenho medo de Howard nem de seu gênio. E tenho todo o direito de fazer o que me agrada com meu dinheiro. A maior parte dele já era meu quando me casei. Minha família me deixou bem amparada. E Howard herdou de seu pai, portanto não o estou privando de nada. Se decido gastar o que tenho com minha nora e minha neta enquanto estou viva, é de longe melhor do que deixá-las passar dificuldades enquanto esperam que eu venha a morrer.

Pauline mostrou-se entre risonha e chorosa.

— Como posso lhe agradecer? Como poderei lhe agradecer pelo que está fazendo?

— Você não tem que me agradecer. De certo modo isso é um egoísmo meu. É como se finalmente desse a Mortimer o troco por tudo aquilo que ele me fez passar. Gosto desse sentimento, Pauline. Ele me torna realmente independente pela primeira vez em minha vida.

Em 1939, ao completar dezenove anos, Lindsay cursava o segundo ano da Universidade de Vassar e era dona de uma beleza arrebatadora. Popular e requestada, fizera seu *début* no Natal anterior e fora então "apresentada oficialmente" à sociedade e a seus muitos e jovens pretendentes. Não que ela estivesse interessada em alguns deles. Havia aproximadamente um ano ficara noiva de Geoffrey Murray, conquanto Pauline não lhe permitisse oficializar o noivado. Intimamente, Pauline via perdidas as oportunidades de conseguir que Lindsay permanecesse na universidade até o final do curso. Conhecendo a vontade firme que caracterizava sua filha, tinha certeza de que Lindsay posteriormente se rebelaria e insistiria em deixar Vassar e se casar com Geoff. Mas não poderia fazê-lo por enquanto. Geoffrey estava terminando seus estudos e, sendo um rapaz inteligente, estava mais que desejoso de esperar até poder sustentar adequadamente sua futura mulher.

Como tudo havia mudado, pensava Pauline. Fazia quase três anos que ela obtivera o divórcio em Reno e retornara ao apartamento da Park Avenue que compartilhava com Lindsay e Gandy. Conforme a velha senhora previra, James decidira não morar com elas. Alugara um pequeno apartamento na East Fifties e parecia inteiramente satisfeito com sua vida de solteiro. Contento demais para o gosto de Pauline. Aos vinte e sete anos, James não demonstrava nenhuma inclinação para o casamento. Por vezes, sentindo-se culpada, sua mãe se punha a imaginar se ele poderia ser possivelmente... Não. Ela expulsava rapidamente tal pensamento. James era muito interessado em garotas. A impressão que se tinha era de que arranjava uma nova pequena a cada semana. Não havia nada de efeminado em seu filho. Sua relutância em se casar, Pauline temia, tinha raízes no que ela sofrera com sua própria e infeliz experiência matrimonial. Esse pensamento a fazia entristecer-se. Pauline lamentava ainda, realmente, que seu filho desprezasse o pai e tivesse deixado de trabalhar no banco tão logo ela se separara de Howard. Implorara ao filho que não fizesse aquilo, mas ele não a ouvira.

— Se eu não guardar distância dele, poderei vir a cuspir-lhe no rosto. Continuar a trabalhar para ele? Esqueça isso. Não quero nem saber que ele existe, muito menos ainda ter de vê-lo diariamente.

— Está agindo errado, James. Sua lealdade a mim me comove, mas não desejo que você ou Lindsay tomem partido nisso. O caso nada tem a ver com você ou sua irmã. Seu pai gosta muito de ambos. Nossos problemas são nossos apenas. E perturba-me ver você assim zangado por minha causa.

— Não é somente por sua causa. Ele representa tudo o que eu desprezo em relação à chamada classe alta. Não poderia suportar a presença dele se o encontrasse casualmente. Por que devo gostar dele só porque somos parentes?

— Ele é seu pai, James. Ele lhe deu a vida.

— Isso é algo bastante fácil de fazer. Devo ser grato por isso? — James sorriu. — Gandy tem mais senso do que qualquer um de nós. Aí está um exemplo de como julgar as pessoas pelo que são, não fechando os olhos a seus defeitos pelo simples fato de termos o mesmo sangue.

Não havia como negar essa assertiva, admitiu Pauline. A despeito do impacto inicial e o rancor de Howard quando sua mãe o pusera a par de seus planos, Sara se mantivera firme. Devia ser doloroso para ela que seu único filho nem mesmo lhe dirigisse a palavra agora, pensou Pauline, mas Sara nunca falava sobre isso. Que mulher fantástica: aos sessenta e nove anos, era cheia de energia, nada queixosa, generosa tanto em sua maneira de compreender as coisas como com o seu dinheiro. Houve ocasiões em que Pauline se sentia culpada por deixar que Gandy a sustentasse e a Lindsay. A pequena e ridícula mesada com que Howard contribuía para o sustento de Lindsay nem sequer dava para custear os estudos da jovem. Ele tinha contestado o divórcio, como dissera que faria, e em resultado disso, ela, "a desertora", tinha ficado em má situação financeira.

— Não se preocupe — disse Sara. — Há dinheiro de sobra para todos nós. Não durarei mais que o meu dinheiro, e nem você nem seus filhos terão com que se preocupar quando eu morrer.

— Mas isso não parece direito — ponderou Pauline, ainda preocupada. — Quero dizer, sinto-me mais ligada a você do que jamais cheguei mesmo a me sentir quanto a minha mãe. Mas ainda assim...

— Pauline, você é a filha que sempre desejei ter. Não poderia me sentir mais afeiçoada a você se a tivesse trazido ao mundo. — Seus olhos se umedeceram. — Nunca ameí Howard como amo você. Suponho que isso seja um erro meu. Algo que não é natural. Mas é a verdade. Pode-se criar um filho e realmente nunca conhecê-lo. Agradeço a Deus que você nunca tenha tido essa experiência.

Pauline sorriu afetuosamente.

— Eu me pergunto que idiota deu início um dia a todas essas brincadeiras terríveis a respeito das sogras. Quem procede assim não conhece você. As únicas pessoas que mais a querem além de mim são seus netos, Gandy. Eles a adoram. Se eu fosse do tipo invejoso, estaria agora com ciúmes.

— Eles são jovens encantadores. E têm amor de sobra para nós duas.

Sim, eles eram ótimos, pensou Pauline. De personalidades totalmente diferentes, contudo. Lindsay tão expansiva, tão fervorosa, ansiosa por amor, pela vida, pelo casamento; James, tão interiorizado e pensativo, apesar de seus modos de homem citadino.

Presa de emoções diversas, Pauline acolheu a decisão de Lindsay de continuar a ver Howard. Conquanto Lindsay conhecesse os fatos, incluindo a ridícula contribuição do pai ao seu bem-estar, não adotava a atitude agressiva que James demonstrava em relação a Howard. Quando se trata do pai, uma jovem sempre age diferente, supunha Pauline. "Nunca conheci meu pai. Na verdade nunca conheci direito minha mãe também. Os dois morreram juntos num desastre de trem quando eu estava com cinco anos. Mas presumo que, se eles estivessem vivos, eu teria sentido em relação a meu pai o mesmo impulso que Lindsay sente em relação ao dela."

Pauline lembrou a morte de Carl Frampton e de como Lindsay se apegara demais a Howard, como se temesse que algo o roubasse dela. Mesmo quando ocorrera o divórcio, embora Lindsay apoiasse a decisão materna, parecera esboçar-se nela uma leve tristeza, um anseio, relutante mas real, de não perder seu pai. Quando Lindsay voltava da universidade para casa, via Howard uma ou duas vezes por semana, para almoçar ou jantar, e lhe trazia notícias dele. Pauline não desencorajava esse procedimento. Estava contente por Lindsay não odiar seu pai. E, admitia para si mesma, curiosa por saber como ele ia passando. Após mais de vinte e cinco anos de vida em comum com um homem, uma mulher não pode perder de repente todo o interesse por ele, ainda que se sinta feliz por estar livre.

Howard morava ainda no mesmo apartamento da Fifth Avenue, com uma governanta para atender a suas necessidades. No início, Pauline julgara que, com toda a certeza, Howard voltaria a se casar logo, e estava surpresa de que ele não o tivesse feito ainda. Howard era o tipo de homem que necessitava de uma esposa para as "amenidades", o que uma governanta não podia proporcionar. Para ele, "esposa" era sinônimo de "anfitriã". Tinha certeza de que Howard encontraria bem depressa alguém para presidir suas reuniões e jantares, para ser delicada com seus contatos de negócios, organizar os encontros sociais adequados e atender aos convites e listas de cartões de boas-festas. A própria análise que fazia do ex-marido a fez sorrir. Que opinião modesta tinha ela acerca de seu próprio papel. Mas era exata. A única outra coisa que ela fizera de importante para Howard fora dar-lhe dois filhos.

Envergonhada de sua curiosidade, ela realmente encorajava Lindsay a lhe falar sobre Howard após aquelas visitas.

— Como está seu pai? Ele está bem?

— Ele parece ótimo, mamãe. Foi a San Francisco no mês passado, para uma convenção de banqueiros, e disse que se divertiu muito. A propósito, ele finalmente mandou redecorar o apartamento. Irá ficar ultramoderno, diz ele. Com muito cromo e couro.

— Ah, sim?

— Brinquei com ele acerca de converter o apartamento numa moradia típica de um solteirão, mas ele disse que não, desejava apenas uma mudança do ambiente em que tinha vivido toda a sua vida. Devo reconhecer que era hora de ele fazer algo naquele apartamento. Quando Gandy tirou de lá todas as suas coisas, aquele lugar tornou-se um barracão. Não sei como ele conseguiu viver ali nesses três anos.

— Tenho certeza de que ele não passa muitas horas em casa. — Havia um toque de malícia impregnando o comentário de Pauline que Lindsay captou.

— Não, não passa. Ele tem uma cozinheira, naturalmente, mas me disse que joga fora grande parte da comida. E, é claro, recebe um bocado de convites. Suponho que isso ocorra com qualquer homem solteiro. Principalmente quando é rico e atraente. — Lindsay hesitou. — Por vezes penso que ele gostaria de tê-la de volta, mamãe. Quero dizer, ele fala muito sobre o modo como as coisas eram, os entendimentos e as reuniões para jantar que você promovia e que boa dona-de-casa você era. Ele parece ter... bem, amadurecido, presumo. Não parece mais tão zangado acerca do divórcio.

— Muita generosidade da parte dele, estou certa.

Lindsay franziu a testa.

— Mamãe, você não sente falta dele? Nem mesmo um pouquinho?

Pauline pensou na resposta que daria.

— Sentir falta dele? Sim, Lindsay, acho que sinto, sob alguns aspectos. Sinto falta de um companheiro. Mulheres de meia-idade descasadas não são obsequiadas com convites, como você pode ter observado. Ressinto-me de não ser casada em todos os aspectos superficiais. A aceitação social que uma mulher casada merece é infinitamente maior do que a de uma mulher sozinha. Mas não sinto falta da infelicidade de imaginar onde seu pai se encontra durante muitas noites. Ou, pior ainda, de ter de perguntar por que ele sente necessidade de procurar a companhia de outras... pessoas. Paz de espírito é uma coisa preciosa, minha querida. E eu a tenho. E ela é mais do que compensadora pelas coisas que não tenho.

— Ele nunca quis magoá-la, mamãe. Até mesmo James admite isso. Agia apenas do modo como ele era. Talvez agora...

— Não, querida. Homens como seu pai nunca mudam. Não tenho a certeza que você tem de que ele gostaria de ter de volta o lar antigo. Mas ainda que o quisesse, não haveria nenhuma diferença. E eu não iria passar de novo por tudo aquilo, nem mesmo por causa de todas essas coisas que perdi.

— Mas e quanto a... bem, ao sexo? Você ainda é moça. Você não teve sequer um encontro nestes três anos.

Como responder a isso? Naturalmente ela sentia falta do relacionamento sexual. Howard era o único homem que ela conhecera na intimidade. Sendo virgem quando eles tinham se casado, ela permanecera fiel ao marido todos aqueles anos. Algumas vezes, em desespero, pensara em arranjar um amante, quando mais não fosse somente para ferir Howard, fazê-lo provar o gosto de seu próprio remédio. Mas nunca pudera proceder assim. Seus padrões morais não lhe permitiam isso. Seu marido tinha sido um bom amante, embora ela lamentavelmente não dispusesse de nenhuma base comparativa. Sentia falta de seus carinhos de amante? Sim, sentia. Aquele leito amplo era tão solitário. Às vezes era levada a pensar e recordar como, em meio ao ato amoroso, sentira raiva ao saber que ele desfrutava das mesmas sensações com outras mulheres. Naquelas ocasiões, ela o odiara. Mas nunca se negara a ele, porque assim também se negaria a si mesma.

Percebeu que Lindsay estava aguardando uma resposta.

— Tenho desejos normais — disse Pauline simplesmente. — A maioria das mulheres os têm. Mas isso não é motivo suficiente para cogitar em me reconciliar com

seu pai, Lindsay. Não que eu tenha — ela repetiu — a mais remota idéia de que ele estivesse interessado nisso.

— Você pensa em se casar novamente?

Pauline sorriu ao responder:

— Nada é impossível, meu bem. Até agora não apareceu nenhum candidato, mas prometo que se encontrar um pensarei mais a sério no assunto. Você gostaria que eu voltasse a me casar?

— Sim. James me falou uma vez que você ainda acreditava no casamento, quando adequado. Eu penso assim também, mamãe. Acho que é o modo como as pessoas pretendem viver.

Pauline olhou-a de relance, com desconfiança.

— Mas isso somente quando as pessoas estão preparadas para tal. Espero que James tenha acrescentado esse detalhe. O casamento não é para crianças. Veja o meu caso. Eu não tinha ainda vinte e um anos quando me casei com seu pai. Talvez não tivesse idade suficiente para saber realmente o que estava fazendo. E era jovem demais ainda para vir a apreciar devidamente os entretenimentos a que toda jovem deve ter direito antes de se tornar esposa e mãe.

— Mas nem todos os homens são iguais. Você lamenta ter se casado com papai, mas isso não quer dizer...

— Espere. Eu não quis dizer que lamento ter casado com seu pai. Tivemos alguns momentos maravilhosos. O que lamento é que ele seja como é, e que eu não tenha podido suportá-lo. Mas o casamento me trouxe muitas coisas boas também, Lindsay. Uma sogra que é a mulher mais inteligente que já conheci. E dois filhos ótimos, inteligentes, afetuosos. Eu desejo para você um casamento ainda melhor. Em que haja mais igualdade, talvez. Pelo menos uma união baseada numa avaliação amadurecida e respeito um pelo outro.

— Geoff e eu temos essas coisas, mamãe.

— Sim, tenho certeza de que têm. Tudo o que peço é que você dê uma oportunidade a essas coisas de amadurecerem mais, para que o casamento se torne um ato bem pensado, tanto como um gesto de amor.

Consciente do que estava planejando fazer, Lindsay sentiu um terrível sentimento de culpa ao ouvir o pedido sensato de sua mãe. Não fora fácil persuadir Geoff a fugirem juntos. Isso exigira toda a arte de sedução de que ela podia dispor. Chegara mesmo a brincar com o instinto de masculinidade de Geoff.

— Se você não casar comigo — dissera Lindsay na noite anterior —, então pelo amor de Deus me leve para a cama! Não acho que você seja humano. Temos saído juntos há três anos e nada mais aconteceu além de uma carícia desajeitada. Não sei o que você quer, Geoff, mas eu desejo amar. Amor de verdade. Não somos crianças. Certo, você não quer se casar, mas deve me desejar.

— Naturalmente que a quero, Lindsay! Meu Deus, estou louco de desejo por você! Mas você não é uma pequena qualquer com quem eu possa ir direto para a cama. Você é a mulher que será minha esposa.

— Querido, estamos em 1939, não em 1839. Você não irá se detestar pela manhã.

— Ela acercou-se mais dele. — Geoffie, meu bem. Não nos faça esperar mais.

— Com os diabos, Lindsay, não! — Afastou-se dela. — Talvez eu tenha sido educado segundo algum código de ética tolo e antiquado, mas não posso fazer isso com você. Temos que esperar, meu bem. Não será por muito tempo. Dois anos, eis tudo, e aí então nos teremos um ao outro para sempre.

Ela explodiu:

— Dois anos mais! Isso está ótimo para você, não está? Você pode fazer amor com alguma garota sem compromisso. Você pode ir a uma dessas casas suspeitas. Mas e quanto a mim? — Antes que ele pudesse responder, ela prosseguiu: — As mulheres sentem os mesmos apelos. Muito bem. Se você não quer me atender, macacos me mordam se não encontrarei alguém que queira!

— Lindsay, você não faria isso!

— Ah, não? Se você pode, por que eu não posso? Por que somente aos homens se permite a experiência sexual antes do casamento? E a infidelidade, depois? Eu vi minha própria mãe ser paciente e leal enquanto meu pai ia atrás de parceiras para o amor na cidade. Bem, isso não serve para mim. Tenho tanto direito como qualquer homem de praticar o sexo. E se não posso fazer isso com o homem que amo, eu o farei em algum lugar com outro. E nada de esperar mais dois anos!

— Sei que você não fala a sério. Sei que não pode. Você me ama.

— Claro que o amo. Gosto de você desde que era menina. E casarei com você quando estiver pronto para isso. Mas nesse meio tempo, não pretendo ficar por aí, frustrada e nervosa. E lhe digo mais uma coisa, Geoff Murray. Não ouse, agora ou futuramente, me recriminar por minha atitude. Lembre-se apenas de que teve a chance de ser o primeiro, e a rejeitou.

— Lindsay, por favor, não diga tal coisa. Eu morreria ao pensar em você na companhia de outro homem.

— Bem, então?

Geoffrey suspirou.

— Não deixarei que você faça algo que depois irá lamentar. Algo que ambos iremos lamentar. — Houve uma longa pausa. — Estamos sendo tolos, Lindsay, mas se é isso o que você deseja, nós o faremos. Vamos nos casar.

— Você não tem que fazer isso. Casar comigo, quero dizer. Nós podíamos...

— Não. Você é uma pequena meio louca e impossível, mas eu a amo. Se não vai esperar os dois anos de que lhe falei, e se isso é tão importante para você...

— É, querido. Porque eu o amo demais. E porque não posso resistir a ficar juntinho de você.

— Sua mãe...

— ...terá um ataque, eu sei — concluiu Lindsay por ele. — Ela planeja um grande casamento, com toda pompa e circunstância. E, como você, ela faz planos para o futuro. Sinto muito quanto a isso. E detesto fazê-la sofrer. Mas ela sofreria mais se eu começasse a dormir fora...

Geoffrey fez a última tentativa para dissuadi-la.

— Lindsay, há mais coisas para se viver além do sexo. Não é algo em que se possa alicerçar um casamento.

— Mas nós não estamos nos baseando nisso ou naquilo. Nós planejamos nos unir. Estamos apaixonados. Tudo o que estamos fazendo é antecipar um pouco a data do casamento.

E ao ouvir a voz afetuosa e suave de sua mãe, Lindsay sentiu uma pontada de remorso. Pauline ficaria magoada. No dia seguinte, a essa mesma hora da noite, ela receberia um telegrama expedido de Elkton, Maryland, anunciando que Lindsay e Geoffrey tinham se casado. "Tenho que fazer isso, mamãe", ela se disse silenciosamente. "Ele é o único homem que eu quero, e não posso esperar mais."

— Pelo amor de Deus! — James disse ao telefone. — Você está brincando! Ela é doida, aquela garota! Eles ainda estão estudando. De que afinal eles pensam viver?

— Eu não sei. — Pauline deu uma olhada de novo no telegrama. — Eles simplesmente não puderam esperar. Não estou de todo surpresa, James, embora contasse com o quase impossível, isto é, que Geoff fosse o ponto de equilíbrio da balança. Sei que Lindsay é mais impulsiva, mas contava com que Geoff não fosse fazer uma tolice.

— Bem — disse James desajeitadamente —, pelo menos ela escolheu um bom rapaz.

— Sim. Devemos dar graças por isso. Suponho que terei de telefonar para seu pai. Alguém deve informá-lo.

— Se você quer que eu telefone, eu o farei.

— Não. Acho que ele deve saber isso por mim. Ela é sua filha também.

— O que Gandy disse?

— Ela está desapontada, como eu. Casamento já é algo difícil, mesmo sem começar assim, com muitos problemas. Mas o que podemos fazer, James?

— Nada. Ajeitar as coisas do melhor modo possível. Espero que eles terminem os estudos.

— Também espero. Mas não consigo ver como conseguirão.

— Outros jovens têm conseguido. Terão que ficar separados durante o período letivo.

Pauline sorriu sem alegria.

— Você não conhece sua irmã.

Suas mãos estavam trêmulas quando ela discou seu antigo número de telefone. Exceto para uma conversa formal sobre o *début* de Lindsay, já se iam três anos que ela não falava com Howard. Nem sequer cruzara com ele na rua ou o vira ao entrar num restaurante. Não que ela jantasse fora amiúde, mas se sentia feliz por não tê-lo visto à mesa com alguma mulher. Era um absurdo de sua parte, mas ela detestaria ter a comprovação viva do que já sabia: que seu marido era bem-sucedido ao conquistar a admiração de uma moça bonita. Corrigiu a tempo: seu ex-marido. Estranho, ainda pensava nele desse modo. Ainda se sentia casada. Pior, ainda o amava. Sua situação chegara um dia a tornar-se insustentável, mas tinha havido muitos momentos, muitas horas solitárias em que ela lamentara o seu divórcio. Princípios! pensava Pauline, com azedume, em tais momentos. Tais princípios pareciam menos importantes vistos desse ângulo distante. Ela agira motivada pela raiva, pelo ultraje, culminando anos de orgulho ferido. E que obtivera em troca? Um triunfo da virtude e um abismo de solidão.

Alegremente retornaria à sua antiga vida, reconhecia intimamente, se houvesse algum modo de fazê-lo com dignidade. Não que Howard, pensou realisticamente, ainda pudesse mostrar-se propenso a uma reconciliação. Ele provavelmente devia estar desfrutando bem sua liberdade. E por que não?

Uma voz estranha atendeu ao chamado telefônico.

— Residência do Sr. Thresher.

— Por favor, ele está aí?

— Quem está falando?

Pauline quase sussurrou: Sra. Thresher. E então, achando que ele poderia pensar tratar-se de Gandy, acrescentou:

— É a Sra. Howard Thresher.

— Um momento, por favor.

Houve uma longa pausa antes que Howard dissesse:

— Pauline?

— Sim. Como vai?

— Muito bem. E você?

— Ótima. Isto é, pessoalmente, tudo bem. Telefonei para falar sobre Lindsay.

Pauline captou de imediato um indício de alarma.

— Lindsay? Que aconteceu com Lindsay? Está doente? Sofreu um acidente?

— Não, não. Ela está bem. Simplesmente acabei de receber um telegrama dela.

Lindsay e Geoffrey Murray casaram-se ontem à noite em Elkton.

Fez-se um curto silêncio.

— Então essas crianças fugiram e se casaram sem nos dizer nada?

Foi estranho como, ainda que isso nada significasse, Pauline se animou ao ouvir aquele "nos". Como se eles ainda fossem uma família unida. "Pare com isso!", ela se disse numa autocensura. "Chega de ser uma sentimental tão tola."

— Sim — disse Pauline. — Receio que tenham fugido.

Howard explodiu: ,

— Meu Deus, como você pôde permitir que isso acontecesse? Não tem nenhum controle sobre aquela criatura? Não lhe deu nenhuma orientação? Que espécie de mãe você é, afinal de contas?

Todos os devaneios românticos se dissiparam. Ele se mostrava o que sempre fora: arrogante e acusador. Impossível. Como ele ousava acusá-la de ser uma mãe negligente? Não tentou dissimular sua raiva.

— Você parece esquecer que ela tem dezenove anos! Não é mais uma criancinha que pode ser vigiada dia e noite. Ela é uma moça com idéias próprias. É bem filha sua, eu diria, propensa a abrir seu próprio caminho não importando a quem possa ferir no trajeto!

— Não jogue isso para cima de mim! Era sua obrigação zelar por ela. Pelo menos, eu esperava que você cuidasse para que ela não viesse a cometer o mesmo erro em que você incorreu!

— Não acho que ela tenha cometido um erro — disse Pauline, indignada. — Geoffrey é um moço leal, sensato e não irá ferir os sentimentos de Lindsay. Ele não irá humilhá-la ou dedicar-se unicamente a seus próprios prazeres!

— Com os diabos, Pauline, não me venha com isso de novo! Não canalize todos os seus ressentimentos para esse caso. Nosso casamento nada tem a ver com o deles!

— Não tem? Você pensa que se Lindsay ainda contasse com seu pai em casa ela teria tido toda essa pressa em substituí-lo por um outro homem?

— Oh, por Deus! Não diga tal tolice! Você está sempre me criticando por tudo. Você é tão santa que chegou até a fazer tudo para levar minha própria mãe para seu lado.

Tudo aquilo era tão sem sentido, tão inútil, pensou Pauline. Acusações e contra-acusações, e que diferença isso fazia agora? Ela procurou responder calmamente:

— Em uma coisa você está com razão: nossas diferenças não importam mais. Trata-se de uma história antiga. Pensei simplesmente que você devia ser informado a respeito de Lindsay. Não há realmente mais nada a dizer.

— Espere! Como eles vão se arranjar? Onde vão morar?

— Eu lhe asseguro que não sei, Howard. E não considero isso realmente como sendo de minha responsabilidade. Talvez você queira assumi-la.

Ele tinha desejos de esganá-la. Com mil diabos, por que não previra o que iria acontecer? Por que esperara para avisá-lo só quando já era tarde demais? "Eu podia ter conversado com Lindsay", pensou, "se tivesse tido alguma idéia do que ela tinha em mente. Eu lhe diria então como são preciosos esses anos da juventude, e como é tolo se amarrar assim antes de ter tempo para desfrutar da vida. O mesmo vale para esse jovem tolo, Geoffrey Murray, em cuja cabeça eu tentaria pôr algum juízo. Um estudante ainda! O que ele sabe acerca de cuidar de uma esposa? Provavelmente instigado pelo desejo sexual, ele persuadiu Lindsay a se casarem, sabendo que não a teria de outro modo."

— Faça com que Lindsay me telefone quando voltar — disse Howard, ríspidamente.

— Naturalmente. Ela fará isso sem que eu lhe peça. Ela ainda o adora, Howard. Tenho certeza de que você ficará muito satisfeito em saber disso.

E Pauline desligou suavemente.

Por um instante permaneceu olhando fixamente o telefone. Mentira quando dissera que não se sentia responsável pelo acontecido. Claro que se sentia. E iria sentir-se assim até o fim de seus dias. Porque, se atribuía o casamento de Lindsay ao fato de ela ter perdido seu pai, também tinha que aceitar o fato de que ela, Pauline, fora a pessoa que afastara sua filha de Howard.

Capítulo 7

Aconchegada ao seu jovem marido no amplo leito de casal, Lindsay jamais se sentira tão feliz. Geoff fora maravilhoso. Sexo era algo fabuloso. Ainda mais do que ela imaginara. Recordou a noite anterior, sua noite de núpcias. No caminho para Elkton, ela havia começado a alimentar dúvidas. Geoff tinha uma expressão tão séria, quase infeliz, como se lamentasse a opção que ela lhe dera. "Talvez eu esteja errada", pensara Lindsay enquanto seguiam de carro através da escuridão da noite. "Talvez ele venha a lamentar isso, até mesmo a ficar ressentido comigo."

E a breve cerimônia tinha sido tão descolorida. O juiz de paz tinha mau hálito e uma barba por fazer há dois dias, e sua bocejante esposa, que servira de testemunha do casamento, parecera meio adormecida durante o rápido ritual que unira os dois jovens.

Mas, mais tarde, quando chegaram a Washington e assinaram o livro de registro do Hotel Shoreham, tudo foi perfeito. Geoff a abraçara e lhe dissera o quanto a amava, jurando que nunca a faria passar por um só momento de infelicidade. E ela lhe prometera o mesmo, consciente uma vez mais da idéia de pertencer a um homem bonito e forte. Aquilo era melhor do que ser a menina do papai. Havia a mesma sensação de bem-estar, com o delicioso acréscimo da gratificação física que ia além de seus sonhos impetuosos. "Fui feita para isto", pensou Lindsay. "Feita para ser amada apaixonadamente e corresponder com tanta intensidade que por instantes nem sei quem sou ou onde estou." A lembrança daquelas horas a fez vibrar, e inclinou-se e beijou Geoff, que estava acordado. Ele a trouxe para si, e de novo Lindsay conheceu a alegria de ser uma mulher sedutora.

Somente muito mais tarde, após o desjejum ter sido servido no quarto do hotel, Geoff reassumiu seu ar sério e preocupado.

— Temos que fazer alguns planos — disse Geoff.

— Sim, querido. O que você disser está bem.

Ele sorriu, dizendo:

— Que mulher educada, obediente! Onde está aquela criaturinha impetuosa, decidida, que me *raptou*?

— Contento por ser sua escrava, que mais? — Lindsay sorriu, cheia de contentamento. — Observe essas penugens em volta da minha boca, por favor. Sou o gato que engoliu o canário. Oh, Geoff, sou tão feliz! O casamento não é uma glória?

— Falando com a voz da experiência, diria que você tem razão. Doze horas se passaram e eu ainda não estou cansado de você.

— Você nunca se cansará de mim. Não lhe darei nenhuma chance.

— Como iremos nos arrumar, meu amor? Você sabe como irão ser os próximos dois anos. Nós estaremos estudando em lugares diferentes, vendo-nos somente nos fins de semana e feriados. Não vai ser fácil, Lind. Não estou lamentando o que fizemos, não me entenda mal. Mas temos que ser realistas sobre o modo como iremos viver. Nem minha família nem a sua irão nos sustentar. Será como se mantivéssemos um noivado longo, exceto que quando nos encontrarmos nos fins de semana estaremos realmente juntos. Como na noite passada. — Uma expressão sonhadora percorreu seu rosto. — Você foi maravilhosa, querida. Não se espera que uma virgem seja tão versátil. Acho que você deve ter sido cortesã numa vida anterior. Foi? Teria sido Madame Pompadour, talvez? Ou Scarlett O'Hara? Sim, você sempre foi Scarlett, mesmo aos dezesseis anos.

Lindsay mal ouviu a última parte do que ele lhe dizia.

— Não vamos viver juntos? Do que você está falando?

— Meu bem, não podemos montar casa no momento: Supunha que você já soubesse disso. Tenho que concluir meu curso, e você o seu.

— Você tem que concluí-lo, mas eu certamente que não. O que farei com uma educação universitária? Sou uma mulher casada. Esta é a única carreira que desejo.

— Errado, meu bem. Isso pode ser muito bom por algum tempo, mas e depois? Que acontecerá quando nossos filhos estiverem crescidos e você tiver muito tempo livre? Você pode querer trabalhar algum dia, e aí não terá qualificações, nem experiência, e nem uma instrução adequada.

Lindsay olhou-o, espantada.

— Mas isso pode acontecer só daqui a vinte anos! Quem pode programar o que irá fazer quando tiver quarenta anos?

— Se sua mãe tivesse feito isso, ela poderia ser uma mulher mais feliz atualmente.

— Isso não é justo! É trapaça de sua parte, Geoffrey Murray! O que está tentando me dizer? Que terei que me divorciar de você algum dia?

Geoffrey passou os braços em torno da cintura de Lindsay.

— Claro que não, querida. Planejo ficar com você o resto da minha vida. Mas tudo pode acontecer. Eu posso morrer...

— Pare com isso! Não quero ouvir mais essa conversa!

— Muito bem — disse Geoff. — Esqueça o futuro. Temos que ser práticos agora, Lind. Se você deixar a Shoreham e arrumarmos um apartamento fora do campus universitário, como iremos pagar o aluguel? Como já disse, não acho que possamos contar com nossas famílias, e, para ser franco, realmente não desejo essa ajuda.

— Posso arrumar um emprego.

— Para fazer o quê?

— Como vou saber? Trabalhar numa loja, talvez. Ou num jornal. Você sabe que sempre desejei ser escritora. Posso escrever à noite enquanto você está estudando. Será maravilhoso, nós dois em nossas mesas de trabalho à noite, fazendo algo útil. Talvez eu me torne um sucesso como romancista e isso nos faça logo ricos. — Ela era toda sorrisos e autoconfiança de novo. — Você verá, querido. Será divertido.

Geoff abanou a cabeça. Lindsay era uma criança grande. De corpo uma mulher, mas emocionalmente tão jovem! Ele estava somente com vinte anos, um ano apenas a mais do que sua esposa, mas em termos de maturidade Lindsay poderia até ser sua filha adorada e fictícia. "Foi um erro", pensou com tristeza. "Apesar do muito que a amo, do muito que a desejo, nunca deveria ter concordado com esse casamento apressado. Não estamos preparados para tal."

— Lindsay, meu amor, temos que ser práticos. Você não conhece as coisas mais rudimentares sobre cuidar de uma casa ou cozinha, e acho que detestaria se as conhecesse. Mas ainda que você possuísse essas habilidades, como poderia trabalhar, escrever à noite, e manter uma casa limpa, comprar mantimentos e prepará-los?

— Você não me ajudaria?

— Naturalmente que sim. O máximo que pudesse. Mas o curso em Harvard é puxado. Com aulas durante o dia todo e exercícios para fazer à noite, como iria eu encontrar tempo para ser útil nos serviços caseiros? Não, simplesmente não podemos fazer isso no momento — repetiu. — Podemos ficar com o seu pessoal ou o meu quando não estivermos assistindo às aulas. Poderemos até passar fins de semana em Boston. Mas não temos condições de alugar um apartamento, e não poderíamos mantê-lo mesmo que conseguíssemos obter em alguma parte o dinheiro do aluguel.

Os olhos de Lindsay se encheram de lágrimas.

— Você está sendo rude. Lamenta ter-se casado comigo, não é? Por que se casou então, se não pretendia que vivêssemos juntos?

Geoff contraiu os lábios. Desejava lembrar a Lindsay que ela não lhe dera muita escolha. Seria o casamento ou encontros de amor às escondidas. Ou pior ainda, ela teria esses encontros com outro homem. Pensara ter feito a coisa certa para ela. Talvez tivesse se enganado. Talvez tivesse sido melhor para eles dormirem juntos uma vez ou outra. Pelo menos, Lindsay não teria contado com uma vida em comum. Estavam em 1939. Pessoas distintas não compartilhavam o mesmo quarto a menos que fossem casadas. Mas, pensou Geoff, rapazes decentes também não seduziam as jovens com quem planejavam casar-se. Ou ainda não permitiam que elas os "seduzissem". Mas não disse o que estava pensando. Em vez disso, abraçou Lindsay com mais força e falou:

— Querida, eu a amo. Quis casar com você. Na realidade você não duvida disso, duvida?

Com a voz quase abafada por encostar a cabeça no ombro de Geoff, ela disse suavemente:

— Não. Não duvido disso. Mas não posso ficar separada de você agora. Por favor, por favor, deixe-me tentar as coisas ao meu modo. Estou certa de que Gandy irá nos ajudar se não tivermos êxito.

Ele suspirou.

— Gandy já não faz bastante por você, meu bem?

— Ela não se incomoda. Disse para mamãe que preferia gastar seu dinheiro conosco agora do que deixá-lo como herança para nós quando morresse. E papai nos ajudará também. — Novamente ela se animou, fitando Geoff com um sorriso. — Isso será apenas temporário, de qualquer forma. Até você concluir seus estudos e arranjar um emprego. Aí então nós lhes devolveremos o dinheiro. Oh, por favor, diga sim, querido. — Começou a acariciá-lo amorosamente. — Você não deseja passar sem mim, deseja?

Geoff sentiu aquela excitação retornar. Com os diabos, ele era incapaz de recusar-lhe algo quando os corpos de ambos se uniam. Era uma loucura. Por mais que tentassem resolver o caso, parecia uma loucura. Mas como podia dizer não a Lindsay?

— Muito bem — disse por fim Geoff. — Daremos um jeito. Só Deus sabe como, mas resolveremos isso quando voltarmos para Nova York.

Adele e Lindsay estavam frente a frente à mesa de um pequeno restaurante no Saguão das Palmas do Hotel Plaza.

— Muito bem — disse Adele —, agora conte-me tudo.

Lindsay sorriu com malícia.

— Tudo?

Sua amiga fez uma careta.

— Você sabe o que quis dizer. Fale-me sobre seu casamento. Ainda estou zangada com você, sabe disso. Você sempre me prometeu que eu seria sua dama de honra.

— Eu sei, Del. E teria sido se as coisas tivessem se passado de modo diferente. Mas simplesmente não podíamos esperar mais. Mamãe e papai e os pais de Geoff nunca concordariam que nos casássemos enquanto ainda estivéssemos estudando, e, assim, tivemos que fazer as coisas desse modo. — Riu. — Não foi muito chique, isso posso dizer a você. Refiro-me à cerimônia. — E ela descreveu a sombria e pequena casa do juiz de

paz em Elkton e os participantes da cerimônia. — Era uma casa exatamente igual a essas dos filmes. Terrível! Mas depois disso... bem, foi tudo maravilhoso. Geoff é mais romântico do que Clark Gable.

— Um passável Rhett Butler — disse Adele, brincalhona. — Sinceramente, Lind, você é incrível. Quantos anos você tinha quando me disse que se casaria com Geoff? Treze? Catorze?

— Catorze. Sabia disso então e jamais tive dúvidas durante cinco anos. E estava certa. Esse é o modo como você tem que ver as coisas. Fixar em sua mente o que você deseja e ater-se a isso até consegui-lo. — Olhou de modo interrogativo para a amiga. — O que você deseja, Del? O que decidiu fazer?

— Não sei. Nada de especial. Lecionar, talvez. Gosto de crianças.

— Então case-se e tenha um rebanho só seu.

Adele sorriu.

— Você faz isso parecer tão simples. Mas não há ninguém com quem eu queira me casar agora. Provavelmente não haverá nunca.

— Isso foi o que você disse quando lhe falei pela primeira vez sobre Geoff. Quer dizer que ainda encara o assunto do mesmo modo?

Adele assentiu.

— Com mais certeza ainda.

— As coisas ainda vão mal em sua casa?

— Mal? Não, realmente não. Mamãe e Lucius ainda brigam como gato e cachorro, mas não vivo muito por perto agora. Graças a Deus e à universidade. E, como você bem sabe, quando estou em casa me mantenho ocupada com outras coisas: como enfermeira voluntária em Lenox Hill e os cursos especiais de verão em Colômbia. Estou muito ocupada para poder pensar em rapazes.

Lindsay estava a par de tudo. Ela e Adele permaneciam tão íntimas como sempre, confidentes e guardiãs de segredos como haviam sido toda a vida. Adele fora a única pessoa a quem Lindsay contara que ia fugir com Geoff. Sua amiga não procurara dissuadi-la. Ela conhecia melhor a situação. Tudo o que dissera fora: "Tem certeza de que essa é a coisa certa, Lind? É um passo terrível. Casamento é uma enorme responsabilidade". Lindsay a tranqüilizara ao dizer que sabia exatamente o que estava fazendo, e Adele se limitara a dizer: "Você sabe que lhe desejo toda a felicidade deste mundo. A ambos".

"Desejo que Adele possa encontrar a felicidade", pensava agora Lindsay. "É uma garota formidável. Não é estranho que ela não deseje se apaixonar. A vida de sua mãe a afetou. Talvez ela recrimine de algum modo a Sr a. Tamlin pela morte do Sr. Frampton. Certamente ela a censura por ter-se casado com aquele desagradável Lucius. Mas não tem sentido ser contra o casamento por causa dos fracassos de nossos pais. Teria sido mais fácil para mim me sentir desse modo. O fato de mamãe ter-se divorciado de papai por causa da infidelidade dele devia ter deixado um gosto pior em meus lábios do que tudo o que aconteceu a Adele. Graças a Deus não deixou. Eu sou eu. Sou diferente. Não repetirei os erros que vi à minha volta quando estava me tornando uma moça."

— Você começará a pensar em homens no instante em que encontrar o parceiro certo — disse Lindsay. — Isso está apenas demorando um pouco mais no seu caso. Caramba, como já disse, eu era obcecada por ele há anos.

— Certamente. Você deve ter razão. Não se preocupe com isso. Agora, diga-me, vocês pensam seriamente em alugar um apartamento em Boston? Não posso acreditar que seu pessoal a deixe abandonar os estudos.

— Eles não estão entusiasmados com isso, mas o que podem fazer? Eu lhes disse que não me separaria de Geoff. Prefiro fazer faxina nos próximos dois anos do que ficar longe dele. Vou arrumar algum emprego, e, com a mesada de Geoff e a minha, nos ajeitaremos. Não teremos uma residência de milionário, mas encontraremos um lugar decente, e pelo menos estaremos juntos.

— Será uma mudança radical.

— E eu não sei disso? Mamãe, papai e Gandy não param de repeti-lo nestes últimos dois dias! Mas é o que eu desejo, Del.

"E você sempre consegue o que deseja", pensou Adele. "Que criatura afortunada e sem complexidades você é, Lindsay Thresher Murray. Tão certo como a vida será boa para você. Tão liberta de indagações sobre seus méritos. Não que você não mereça isso. Mas o que fará se algum dia as coisas não se ajustarem exatamente como você espera que se ajustem?"

— O que James disse sobre você e Geoff?

Lindsay deu de ombros.

— Não entendo James nestes últimos dias. Eu o adoro, mas não sei o que ele pensa a respeito de tudo isso. Ele disse que eu era uma criança terrivelmente mimada, naturalmente, tal como eu esperava que dissesse. E eu disse que ele era igual. Com vinte e sete anos e nem sequer pensa em assentar sua vida. Onde se viu tal coisa? Se ele pensa que tenho feito mamãe sofrer, deveria atentar para o modo como o seu estilo peculiar de vida a afeta também.

— Modo de vida peculiar? Em que sentido?

— Oh, eu não sei. Ele simplesmente não parece ligar a mínima para nada. Mamãe não sabe, mas ele está vivendo com uma garota. Só sei disso porque passei pelo seu apartamento um dia, faz dois meses, e ela estava lá. Perguntei a James mais tarde se ia casar-se com ela e ele apenas riu e disse que não havia nenhuma chance de que tal acontecesse. Disse que se tinha os genes de papai certamente não iria fazer uma mulher sofrer por eles. — Lindsay tinha uma expressão, tristonha. — Ele ainda está tão zangado com papai! Isso o faz uma espécie de... não sei, pessoa indiferente. Você sabe, Del, acostumei-me a esperar que você e James se apaixonassem um dia, mas agora sinto-me contente que isso não tenha acontecido. — Hesitou. — Sei que parece maluquice, mas tenho um pressentimento terrível acerca de James. Como... como se ele não ligasse para o fato de viver ou morrer.

Adele olhou com curiosidade para a amiga.

— Que coisa estranha, Lindsay. Simplesmente porque ele não deseja se casar?

— Não é isso somente. É como uma tendência oculta nele, uma espécie de atitude de "que tudo vá para o inferno". Oh, ele é gentil e carinhoso com mamãe, com Gandy e comigo, mas no fundo é como se não tivesse nenhum propósito e nenhuma esperança. —

Riu. — Eu pareço meio maluca, não? Acontece apenas que o amo realmente muito. Sempre fomos tão chegados um ao outro. E nestes últimos anos sinto que não posso alcançá-lo.

Se Lindsay tivesse alguma idéia do verdadeiro estado de espírito de James, sentir-se-ia mais do que vagamente preocupada. Aquele rapaz sensível tinha evoluído, tornando-se um homem reflexivo e profundamente preocupado, convencido de que o mundo estava caminhando para uma catástrofe maior do que qualquer outra já conhecida. Com crescente receio, ele tinha lido tudo que pudera encontrar acerca da agora evidente ameaça da Alemanha nazista, e se convencera de que o envolvimento da América naquela situação seria apenas uma questão de tempo. Estava surpreso de que as pessoas atentassem tão superficialmente para o fato de que os embaixadores norte-americano e alemão tivessem sido chamados a seus países, em 1938. E quando a guerra de verdade começou na Europa no ano seguinte, James não pôde acreditar no fato de que a maioria das pessoas pareciam pensar que aquele era "um assunto só dos europeus".

Tentou conversar sobre isso com sua mãe, que ele considerava uma mulher altamente conscientizada. Mas nem mesmo Pauline tinha idéia do envolvimento do país no conflito.

— Fizemos isso antes, James — disse ela. — Enviamos nossos rapazes para lutar no estrangeiro em 1917. Foi uma época terrível. Não faremos isso de novo. Deixe a Inglaterra e a França travarem suas próprias batalhas. Há todo um oceano entre nós.

Ele ficara espantado.

— Mamãe, você é inteligente demais para crer nisso. Meu Deus, a Pan Am está efetuando vôos com muita regularidade para a Europa nestes últimos dias. E você tem lido sobre o que está acontecendo. Balões de defesa sobre Londres, mulheres e crianças evacuadas. Hitler varrendo tudo à sua frente. Não podemos deixar o barco correr, se é que somos uma nação civilizada!

— Também não podemos travar todas as batalhas do mundo, James. Lembro-me da última guerra. Você, não. Foi de cortar o coração. Tantos mortos e tantas pessoas feridas, incapacitadas para a vida. Não, o povo americano não deixará que isso volte a acontecer.

— Eu realmente não participo de sua opinião, mamãe. Papai não teve que ir para a guerra por ser casado e ter um filho pequeno... eu. — Fez uma súbita pausa. — Entendo — disse agora com suavidade. — Você receia por mim e Geoff, não é?

Os lábios de Pauline tremeram.

— Sim. Temo por você. E por todos os jovens. E por suas mulheres e mães, ou namoradas. Oh, não sou uma tola, James. Sei que isso provavelmente irá acontecer. E se acontecer mesmo, que Deus nos ajude a todos. Rezo apenas para que essa guerra acabe antes que minha família seja envolvida nela. Ver você e Geoff partirem... — sua voz tornou-se inaudível.

— Geoff está casado e na universidade ainda. Não será convocado. Lindsay nesse meio tempo pode até já estar grávida.

Sua mãe não retrucou. Ali estava uma coisa que ela rezara para que não acontecesse. Lindsay e Geoff já estavam levando uma vida difícil, com ele na universidade e ela trabalhando numa loja de roupas femininas em Cambridge, e tentando

manter em ordem seu apartamento conjugado. No entanto, pareciam bastante felizes. E orgulhosos, também. Gandy desejava fazer mais pelo casal, enviar dinheiro para contratarem uma empregada diarista, até mesmo ajudá-los financeiramente para que Lindsay não precisasse trabalhar fora. Mas eles tinham recusado. Lindsay concordara em continuar recebendo a mesma mesada que recebia quando no colégio de moças, mas nada mais. Pauline achava que sua filha podia muito bem ter aceitado aquela mostra de generosidade de sua avó, mas Geoffrey fora taxativo:

— Tomamos nossa decisão, Gandy, e viveremos de acordo com ela. Muito obrigado. Você tem sido mais do que generosa. Mas Lindsay já sabia que teríamos de lutar pela vida. Ela está se portando muito bem. Ambos estamos fazendo a nossa parte.

Pauline preocupava-se com eles, desejava que tivessem aguardado um pouco mais para se casarem, mas resignava-se com o fato de que sua filha havia escolhido um homem forte e de confiança. A gravidez era a única coisa que ela receava. Jovens e exuberantes como aqueles dois eram, não poderiam cuidar de sua nova vida e de um bebê também. Mas após aquela conversa com James, ela aceitaria até mesmo a vinda de um bebê caso isso evitasse que Geoffrey fosse convocado.

— Talvez o pior não venha a acontecer — disse Pauline. — O Presidente Roosevelt diz...

— Mamãe... — a voz de James traía uma censura. — Você não acredita nisso. Sabe que é somente uma questão de tempo. Um ano, dois, talvez mais cedo, se ocorrer, como parece, que a Inglaterra não consiga resistir. — Hesitou. — Eu... eu odeio fazê-la passar por isto, mas tomei uma decisão. Sou solteiro e estou na idade de me alistar, e não quero esperar ser convocado. Vou para o Canadá e me alistarei na RAF. Eles estão aceitando voluntários.

— James, não! Você não pode! Não deve! Por favor, eu lhe imploro. Por que você tem de ser tão tolo? A guerra pode não nos atingir. Ou, se isso ocorrer, talvez não seja chamado. Já está com vinte e oito anos. Quando for hora, eles poderão convocar somente os mais jovens. — E Pauline prosseguiu, suplicante: — Na pior das hipóteses, se entrarmos nessa guerra, você poderá ser comissionado para a Escola de Treinamento de Oficiais. Talvez possa servir em Washington...

— Mamãe, não posso esperar. Não posso me manter em meu empreguinho idiota e sem importância e sem fazer nada a respeito do destino trágico para o qual o mundo está caminhando. Sou o tipo de pessoa que *deve* ir, mamãe. Não tenho mulher, nem sequer uma namorada firme. E nem ninguém para deixar para trás e com quem me preocupar. Ou saber que se preocupam comigo.

Pauline assumiu uma expressão acabrunhada.

— Você tem a mim, James. Você é meu filho único.

— Eu sei. Sei como isso deve afetá-la. Daria tudo para não afligi-la, mamãe, mas penso que você deseja que eu faça o que é direito. Não se trata de uma decisão impensada. Venho refletindo sobre isso há muito tempo. E tudo acabará bem para mim. Voltarei para casa com o peito cheio de medalhas e um sotaque britânico. Isso deverá agradar às garotas, não acha?

— Não. Não tente levar isso para o terreno da brincadeira. — Pauline respirou fundo. — Quando você pensa partir?

— Dentro de duas semanas. Já comuniquei isso lá no escritório. Tenho apenas que resolver alguns assuntos, sublocar meu apartamento, coisas assim. E pensei em fazer uma rápida visita a Lindsay e Geoff. Você, Gandy e eu nos divertiremos um pouco antes da minha partida. Talvez eu adquira ingressos para vermos *O homem que veio para jantar*. E comprarei para você uma dessas novas meias de náilon como presente de despedida. Que tal?

Pauline tentou conter as lágrimas.

— Ótimo. James, você não pensa em ver seu pai?

— Não, mamãe. Para quê? Há quase quatro anos que não falo com ele.

— Ele é seu pai, não pode se esquecer disso. Não acha que deve a ele a oportunidade de uma palavra de despedida?

— Penso que nada devo a ele. Não posso agir como um hipócrita a ponto de encenar um adeus comovido. Por Deus que não. — Olhou para a mãe e sorriu. — Oh, minha mãe querida, está alimentando intimamente esperanças de que o influente Howard Thresher possa me persuadir a esperar por um cômodo e alto posto, mais tarde, no Pentágono?

Pauline enrubesceu. Sim, pela sua mente passara a idéia de que Howard pudesse falar sensatamente com James, dissuadi-lo numa conversa de homem para homem. Devia ter sabido que essa idéia era inviável. A última pessoa no mundo que poderia influenciar James de algum modo seria seu pai.

"Se pelo menos James tivesse se casado quando desejei que o fizesse", pensou Pauline, "ele agora já seria pai. E dependentes o manteriam a salvo no lar. Por que ele tem que ser tão teimoso?" Idealismo era uma motivação forte, ela pressupunha. Certamente o seu James não era um homem violento. Não conseguia se lembrar de tê-lo visto brigar com alguém um dia. Exceto daquela única vez, anos atrás, quando seus colegas no colégio tinham-lhe dito certas coisas sobre seu pai. Naquele dia terrível, quando seu respeito por Howard fora destruído para sempre.

Quando James se retirou, Pauline ficou sentada por longo tempo, junto à janela, olhando sem ver para os cimos dos edifícios de Nova York. "Aos poucos vou perdendo tudo", ela pensou. "Primeiro, Howard. Agora, os filhos. Logo restaremos apenas Gandy e eu, e por quanto tempo ainda contarei com ela? Gandy está com setenta anos. Nunca se sabe se de um dia para o outro. . ."

Por fim, com impaciência; Pauline se refez. Não devia recair naquela autopiedade desagradável. Ela fizera uma escolha quanto ao seu casamento. Quanto a James e Lindsay, eles eram adultos e livres para escolher o rumo de suas próprias vidas sem atribuir a ela o peso da responsabilidade. Gandy viveria bastante ainda. Setenta anos não era uma idade excessiva atualmente, especialmente quando uma pessoa tinha boa saúde e um espírito alerta e interessado. Como um cachorrinho sacudindo as gotas d'água de seu pêlo, Pauline tentou expulsar sua depressão. Tinha que acreditar que tudo acabaria bem. E embora não fosse religiosa, iria orar diariamente pela felicidade de sua filha e pela segurança de seu filho.

Capítulo 8

Lindsay preferiria morder sua língua a admiti-lo, mas houve ocasiões em seu primeiro ano de casada em que desejou não ter-se mostrado tão ansiosa para se casar. Não que Geoff não fosse maravilhoso. Quanto ao aspecto físico, seu casamento era perfeito. Bem, quase perfeito. Amiúde, Lindsay se sentia tão cansada após um dia inteiro na loja, uma corrida até a mercearia, e depois de volta a seu pequeno apartamento para se arrumar e preparar o jantar, que tudo que desejava era cair na cama, ler um livro por alguns minutos e mergulhar num sono reparador enquanto Geoff, sentado na salinha de estar, repassava a matéria aprendida em aula.

Por vezes Lindsay invejava a "vida fácil" de Geoff. Para ele muito pouca coisa mudara. Oh, claro que ele tentava ajudá-la nas tarefas caseiras, lavando pratos, fazendo os serviços domésticos mais pesados no domingo, o único dia da semana em que ficavam juntos em casa. Mas ele sabia menos ainda acerca de cozinhar ou conservar em ordem uma casa do que ela. Assim, aquelas obrigações fatigantes eram, em sua maioria, confiadas a ela.

Lindsay desejava que Geoff não fosse tão terrivelmente orgulhoso, às suas custas. Com prazer ela teria aceitado o dinheiro extra que Gandy oferecera para pagar uma faxineira ou mesmo para que eles pudessem jantar fora mais vezes. Mas seu marido não concordara com isso.

— Sei que é duro para você, Lind, mas não somos crianças. Não podemos continuar dependendo dos outros. Já basta que continuemos a receber nossas mesadas.

— Que boa coisa nós temos! Se tivéssemos que viver do que eu ganho, morreríamos de fome. Para você é bastante fácil ser tão altivo e importante. Você não está fazendo duas tarefas. Nem mesmo *uma*.

Ele não respondeu, mas a fixidez de seu olhar dizia muito, e Lindsay sentiu-se envergonhada de si mesma.

— Eu sei — ela acabou dizendo. — Eu não devia me queixar. Foi tudo idéia minha, mas sinceramente pensava...

Geoff concluiu a frase para ela:

— Que sua vida iria ser exatamente a mesma, um tanto melhor. Você estaria casada comigo, não teria mais que ir à universidade, e as pessoas ainda estariam prontinhas para atendê-la.

— Isso não é verdade! Ninguém me atendia assim servilmente.

— Ora, vamos, querida. Alguma vez você preparou uma refeição ou espanou um móvel? Precisou, por acaso, economizar cada centavo ou teve que trabalhar para ganhá-lo? Não era uma beleza comprar qualquer coisa de que você gostasse na Bergdorf Goodman? Caramba, Lindsay, posso mencionar uma dúzia de coisas de que se vê privada agora. Não pense que não me dou conta de como tem sido uma boa companheira. Mas você devia ter pensado em todas essas coisas antes. Já me conhecia muito bem para saber que eu nunca aceitaria caridade.

— Caridade? De uma pessoa de sua própria família?

— A fonte não importa. Ainda é uma esmola. E quanto menos agradecido me sentir, mais feliz serei.

Ele estava certo, naturalmente. Ainda era tempo de recuar, mesmo casados. Ela podia ter feito o que ele desejara: continuado no colégio para moças, passando junto dele os feriados e fins de semana, desfrutando das comodidades a que estava acostumada sem ter que trabalhar fora, de que ela não gostava. Mas isso teria sido estar casada somente pela metade. E Lindsay nunca fora de meias medidas. Nunca admitiria tal situação, mesmo agora, quando lhe faltavam as diversões, a liberdade, o conforto. Ela amava Geoffrey e adorava ser a Sra. Murray. Além do mais, aquilo não seria para sempre. Um ano mais e Geoff completaria seu curso. Quando ele conseguisse um bom emprego, tudo iria mudar. Eles deixariam aquele sombrio conjugado e começariam a viver como pessoas civilizadas.

— Querido, desculpe-me por ser tão grosseira. Não lamento o que fizemos. Nem por um minuto. Além disso, resta somente um ano e aí então tudo irá mudar. Você será bem sucedido e vamos rir ao lembrar tudo isto.

— Não conte com que tudo mude da noite para o dia, meu bem. Serei então um rapaz de vinte e dois anos com um diploma universitário, mas sem nenhuma experiência nos negócios. Duvido que alguém me ofereça um emprego de cinquenta mil dólares anuais.

— Papai o ajudará, se nós lhe pedirmos.

— Mas nós não iremos pedir-lhe nada. Não desejo a ajuda de seu pai. Não quero ganhar um emprego somente por ser genro de alguém.

Lindsay perdeu a paciência.

— Por que está sendo tão detestável? É como se você desejasse sofrer. E me fazer sofrer junto com você. Não o entendo! Posso compreender que James recuse qualquer envolvimento com papai, embora eu considere isso um tanto infantil; ele está zangado por causa do que se passou com mamãe. Mas que mal haveria em papai fazer alguns contatos para você? Todo mundo utiliza esses contatos para obter bons empregos!

— Nem todos. Algumas pessoas gostam de obtê-los por merecimento. — Sua voz se abrandou. — Sei que pareço um cara emproado, arrogante. Talvez esteja me esforçando excessivamente para não tirar proveito de sua família: seu pai, sua avó. Mas, Lind, minha querida, estou claramente consciente das responsabilidades de um homem. O fato de ver você trabalhar fora, e nos sustentar, em parte me faz sofrer, mas prefiro que lutemos por algum tempo do que esperar que outras pessoas nos tirem de uma situação em que ingressamos de olhos bem abertos. — Fez uma pausa. — Só deixaria que você recorresse à sua família numa única emergência, isto é, se eu tivesse que partir para algum lugar.

— Partir? Aonde você iria?

— A nenhuma parte, provavelmente. Não por enquanto, de qualquer modo. Talvez nunca. Mas lembre-se do que James disse quando veio nos visitar. Ele está convencido de que nossa entrada na guerra é pura questão de tempo. E, nesse caso, eu terei que ir. Talvez eles permitam que eu termine meus estudos. E posso não ser convocado imediatamente por ser casado. Na minha idade, e com uma esposa que não deve ficar sem amparo, provavelmente seria dispensado.

Lindsay mostrou-se perplexa e depois zangada.

— James está louco! Ele é um romântico absolutamente doido que pensa ser excitante usar o breve de aviador e fazer bravatas ao sobrevoar Londres! Eu me mantenho informada sobre o que acontece. A América está em primeiro lugar. Tenho lido os discursos que Charles Lindbergh e outras pessoas inteligentes têm feito. Este país não entrará na guerra. Isto é ridículo.

— Espero que você tenha razão, mas receio ter que concordar com James. O isolacionismo é simplesmente impossível nesta época. Os americanos são um povo curioso. Enquanto uma guerra não alcança o seu solo natal, acreditam que podem ficar fora dela. Mas basta que algo aconteça a qualquer parte deste país e estaremos metidos no conflito até o pescoço.

Lindsay ergueu o queixo, resoluta.

— Não quero falar mais sobre isso. Você e James, qual! Homens! Acho que adoram brincar de soldados!

Geoffrey moveu a cabeça numa negativa.

— Não. Odeio isso. Mas se for meu dever...

— Oh, que seu dever se dane! — De repente se pôs a rir. — Percebe que estamos discutindo, querido? E sobre algo que nunca acontecerá? Devemos estar doidos. Como passamos de minha vida outrora regalada para esta absurda discussão sobre a guerra? Ei, anime-se! Preparei o melhor bife acebolado com batatas deste mundo e estou louquinha para prová-lo. Vou alimentar meu marido obstinado, maravilhoso e cheio de princípios elevados, e depois... — olhou-o num convite mudo — depois, irei fazê-lo esquecer que existe qualquer espécie de nuvem negra imaginária flutuando em alguma parte a milhares de quilômetros de distância.

Geoff sorriu. Lindsay era ainda uma garota. Ainda era a bonita e pequena Lindsay Thresher, que se recusava a encarar coisas desagradáveis. Ele a amava intensamente e rezava para que estivesse certa acerca de tudo. Mas em seu íntimo, ele sabia que não era verdade.

Durante o desjejum, Sara Thresher observou pensativamente sua nora do outro lado da mesa. Pauline estava com má aparência. Parecia ter envelhecido dez anos desde que James partira. As cartas dele diziam pouco, sujeitas como estavam à censura, mas o rádio e os jornais revelavam muito. Demais até, pensava a velha senhora. Como milhões de outras pessoas, ela chorou durante a transmissão do discurso de Winston Churchill, em que ele aludia a "sangue, suor e lágrimas", e ficou sentada gelada de terror assim que Ed Murrow descreveu os reides sobre Londres, as noites de ataques aéreos constantes e as imagens de incêndios e mortes. Lamentou a rendição da França e a ocupação de sua amada Paris, aquela cidade de beleza e cultura seculares. Pior que tudo, porque humana e egoisticamente sentia a tragédia afetar seu lar, estremecia às notícias sobre bombardeios noturnos efetuados por esquadrilhas da RAF contra a Alemanha, ciente de que seu neto tomava parte deles, esperando a cada dia, tal como Pauline, por uma carta que anunciaria que James ainda estava vivo. Inquietante, também, fora a aprovação pelo Congresso do Decreto de Serviço Seletivo para a mobilização militar dos Estados Unidos. O conflito estava se acercando. Estava terrivelmente próximo de casa. Geoffrey iria diplomar-se em junho próximo. Todas as noites Sara ajoelhava-se ao lado de sua cama e

orava pelo fim daquela loucura, antes que aquela guerra sem sentido, desencadeada por um louco, viesse a engolir a todos.

A única nota animadora — e ainda por confirmar, pensava Sara com certa tristeza — era que até Howard parecia mais brando e humano sob o manto de ansiedade que os cobria a todos. James não fora vê-lo antes de partir para o Canadá, mas Pauline telefonara para seu ex-marido e o informara. Dessa vez, em contraste com a sua rudeza por ocasião do casamento de Lindsay, Howard parecera realmente comovido, quase arrependido. E perguntara se poderia visitar Pauline e sua mãe.

— Tenho sido teimoso — disse ele pelo telefone. — Não espero que você me perdoe, Pauline, mas talvez possamos ser amigos. Já se passaram quatro anos. Mamãe está bem? Gostaria de visitá-la, se ela permitir.

Pauline concordara em consultar Gandy e depois voltar a telefonar para ele. E as duas mulheres conversaram durante muito tempo sobre o surpreendente pedido de Howard.

— Não soube o que dizer, Gandy. Não tinha certeza de como você reagiria.

Sara suspirou.

— Eu mesma não tenho certeza. Se se tratasse de qualquer outro homem, sabendo como ele se comportava com você, eu diria sem hesitar que nunca desejaria pôr os olhos nele de novo. Howard tem-se mostrado um ser humano terrível. Egoísta. Vingativo. Arrogante. São qualidades negativas que eu não posso admitir em ninguém, especialmente em meu filho. — Piscou ligeiramente ao fitar Pauline. — Serei franca com você. Não gosto realmente de Howard. Sei que é uma coisa terrível de ser dita, mas ele foi um menino egocêntrico e um rapaz presunçoso, um papel-carbono do pai. Quando consigo me expressar sem paixão sobre isso, admito que nunca o considere, o mínimo que fosse, uma pessoa digna de ser amada. — Então assumiu um ar mais sério. — Mas ele é meu filho, apesar de tudo. Essa separação me magoa, no aspecto emocional, e nada tem a ver com a lógica. Carne e sangue. Não se pode fugir a essa força, suponho, não importa o quão racional uma pessoa tente ser. Sim, acho que gostaria de revê-lo, Pauline. Mas o mais importante é: você gostaria?

Pauline sorriu suavemente.

— Eu não me incomodo, querida. Já se passou tempo bastante para que isso venha a me afetar. Estranho como posso me sentir tão distante ao pensar no homem com quem vivi durante um quarto de século. Ele se tornou quase um estranho para mim. Como algum velho conhecido que fiquei sem ver por certo tempo. Não me importo que ele venha visitar-nos, desde que você assim queira. Eu mesma sempre desejarei ver James, não importa o que ele faça. Esse é o tipo de coisa que as mães não podem evitar.

Assim, Howard apareceu para o chá uma tarde e ficou combinado então que viria visitar Gandy e Pauline uma vez por semana para saber notícias de James. Ele estivera em contato com Lindsay e se mostrava preocupado, como o estavam as duas mulheres, acerca de seu futuro.

— Esta maldita guerra! — ele explodiu. — F. D. R. está fazendo sua campanha na base da promessa de que ficaremos de fora, mas como pode alguém em seu juízo perfeito crer nisso? O país está sendo agitado pelos pedidos de armas e equipamento bélico por parte dos europeus, e Roosevelt ainda diz que somos neutros. Neutros!

Estamos vendendo destróieres à Inglaterra e Deus sabe o que mais estamos fazendo, sem que ninguém saiba ao certo. E ainda há mais, ele será reeleito, tomem nota do que digo. Wendel Wilkie não terá nenhuma chance. Pelo amor de Deus, vamos ter o mesmo presidente pela terceira vez! Para onde vamos?

— Você acha que eles convocarão Geoff? — A pergunta de Pauline era puramente retórica. Naturalmente que ele seria chamado. Pobre Lindsay. Iria sentir a mesma ansiedade em relação a seu marido que Pauline sentia quanto a seu filho.

— Receio que sim — respondeu Howard —, embora de momento não estejam enviando para o *front* os mais moços.

Os três mergulharam em silêncio.

— Recebi ontem uma carta de James — disse finalmente Pauline. — Ele está bem. Foi promovido a capitão. Naturalmente, não diz onde se encontra exatamente, mas deve ser bem próximo de Londres. Parece que ele vai a Londres com frequência, e diz ser incrível a calma com que os ingleses se comportam sob esse inferno de reides noturnos.

— O grande tolo! Por que não se mantém afastado? Como se já não fosse bastante ruim travar combates aéreos, ele ainda tem que ir a uma cidade que está sendo bombardeada. Tudo bem quanto aos britânicos e sua tola "fortaleza de ânimo", mas por que James tem que se comportar como se fosse um deles?

Sua mãe se esforçou por sorrir, dizendo:

— Gosto dos ingleses. Tão civilizados e tão sóbrios. Lembro-me de ter dito certa vez durante uma conversa com um amigo inglês que seus compatriotas nunca pareciam nervosos. Sabem o que ele me respondeu? Disse: "Minha cara Sara, o autocontrole de que você fala, nós só o tivemos a partir da época de Cromwell. Antes nos comportávamos como uma nação de tenores italianos!"

Howard e Pauline riram. Podia-se confiar em Gandy para desviar uma conversa para um ângulo sadio e reconfortador. Pela milésima vez, Pauline pensou em como Gandy era uma criatura extraordinária. Se pelo menos Howard tivesse herdado um pouco daquele calor humano e daquele humor. Ele parecia mais cordato nos últimos dias, mas era ainda o mesmo Howard, sempre seria, supunha Pauline. Na semana anterior, quando ela o acompanhara até a porta, ele lhe perguntara se gostaria de jantar fora numa daquelas noites. Pauline movera a cabeça negativamente.

— Obrigada, mas creio que não. Não sou refinada a esse ponto. Jantar com o ex-marido é um pouco Noel Coward demais para mim.

Howard parecera surpreso com a recusa. Reação típica dele, pensara Pauline. Tinha certeza de que ele pensara que ela agarraria a oportunidade de estar com ele de novo.

— Não consigo ver nada de impróprio nisso — ele disse.

— Impróprio não é. Embaraçoso talvez. Não gostaríamos que comesçassem a maliciar após todo esse tempo de separação, gostaríamos?

Howard olhara-a fixamente. Ela estava positivamente se divertindo com aquilo. "Não significo nada para ela", pensou. "Aqui estou, oferecendo-me para levá-la para jantar, e ela praticamente ri de mim." Sentia-se aborrecido sem razão aparente. Por que incomodar-se com aquilo? Havia inúmeras mulheres mais jovens, mais bonitas e mais agradáveis. Ele tivera apenas um gesto de gentileza. Pauline devia sentir-se entediada por viver sozinha com uma velha senhora.

— Duvido que despertássemos qualquer falatório, Pauline — disse, amuado. — Todos sabem que pretendo permanecer descomprometido.

— Tenho certeza de que *muitas* pessoas estão cientes disso. — Pauline parecia divertir-se. — Especialmente um bom número de mulheres que devem ter calculado que você voltaria a se casar há muito tempo atrás. — Parecia agora exibir uma curiosidade isenta de emoção. — Para ser franca, sou uma delas. Por que não se casou de novo, Howard? Não que isso seja da minha conta.

— Tem razão, Pauline. Isso não é da sua conta.

Ele saía apressadamente e caminhara alguns quarteirões, pensando sobre a primeira conversa verdadeiramente pessoal que os dois tinham tido durante tantos anos, e se perguntando por que convidara Pauline para sair. "Pela mesma razão, seu idiota, que você vai àquela casa todas as semanas", foi o que respondeu a si mesmo. "Naturalmente, você está preocupado com James. Naturalmente, também, você gosta de ver sua mãe. Mas é Pauline quem o impele para lá. Você ainda não se desligou dela. Talvez gostasse de se casar com ela de novo." Pauline fora a esposa perfeita durante todos aqueles anos: tudo o que um homem poderia desejar. Se pelo menos ela não fosse tão ridiculamente "classe média" acerca dos hábitos dele. Ela jogara fora um dos melhores casamentos de que duas pessoas jamais desfrutaram. E tudo porque ocasionalmente ele visitava alguma criaturinha tola. Uma idiotice. Isso é o que ela era: uma tola. O que, em nome de Deus, o fazia pensar em retornar para *aquilo* novamente?

Logo que ele saiu, Pauline, com um meio sorriso no rosto, deu alguns passos pela sala de estar.

— Imagine só, Gandy. Howard me convidou para jantar.

— Oh, sim?

— Eu lhe agradei educadamente e recusei. Vê-lo para falar sobre nossos filhos é uma coisa. Marcar encontros com ele é outra.

Sara assentiu.

— Só que ele ainda gosta de você, Pauline.

— Gosta mesmo? Não. Creio que não. Howard gostava de mim como esposa. Talvez tenha chegado a me amar algum dia, de seu modo característico. Mas nada além disso. Penso que seu ego simplesmente não pode aceitar o fato de que eu ou outra qualquer pudesse chegar a abandoná-lo. Desconfio de que Howard gostaria de me ver interessada nele de novo somente para provar que pode obter isso. Talvez até para então tomar ele próprio a iniciativa de se afastar. Posso estar cometendo uma injustiça, mas não posso deixar de pensar que assim ele se consideraria vingado.

Sara olhou-a afetuosamente.

— Não acho que você esteja cometendo uma injustiça. Acho-a muito mais inteligente do que eu. Você enxerga através de Howard muito mais claramente do que a mãe dele conseguiria. Do modo como você vê as coisas, sei que está certa. Howard nunca pôde tolerar os perdedores, especialmente tornar-se um deles. Estou realmente feliz por você se sentir assim, Pauline. Sei que minha atitude é chocante e bem pouco maternal, mas fico contente de que você não se interesse mais por Howard.

Pauline assentiu, mas no seu íntimo uma voz importuna disse: "Não se interessa mesmo? Será que ainda não continua a amá-lo? Não terá demonstrado toda essa força

de vontade em recusar ó convite dele por temer, talvez, fosse isso o prelúdio de algo mais? Não desejaria, de fato, ter ainda um marido?"

E a resposta desesperadora, relutante, silenciosa, foi um sim. Um maldito sim.

O vigésimo primeiro aniversário de Lindsay e a formatura de Geoffrey aconteceram com um intervalo de uma semana em junho de 1941, e para todos foi ocasião de se alegrarem, pôr de lado desavenças e desejar felicidades ao jovem casal.

Lindsay estava em êxtase. Todos os que ela amava tinham ido a Boston: mamãe, papai, Gandy e Adele. Os pais de Geoff também, naturalmente. "Se James estivesse aqui", pensou Lindsay com tristeza, "este seria o dia mais feliz da minha vida." Diante de Pauline declarou não haver necessidade de se afligir por causa dele, mas, a despeito de sua aparente confiança, Lindsay se preocupava diariamente com o irmão, como intimamente se sentia assustada com o futuro do marido, embora exteriormente continuasse a insistir em que a América nunca entraria na guerra. Por vezes chegava até a se esforçar por crer nisso. Entrevia finalmente o tipo de vida de mulher casada pelo qual ansiara. Ela e Geoff iriam alugar um pequeno e elegante apartamento em Nova York. Teriam por fim condições de contratar uma diarista para ajudar na manutenção do apartamento, e ela poderia voltar a fazer as coisas de que gostava. Podia mesmo ter tempo para tentar escrever alguma coisa. Sempre desejara fazê-lo, mas nunca dispusera de tempo e disposição para tal nos últimos dois anos.

Somente uma outra coisa toldava sua aura de contentamento: Geoff tinha aceitado um emprego numa agência de publicidade de Nova York, e com um salário baixo. Ela se mostrara surpresa e zangada quando ele lhe falou sobre aquele emprego.

— Uma agência de publicidade! Você deve estar brincando! Não entendo. Você se preparou para o negócio de administração de empresas.

— Publicidade é negócio, querida, um grande negócio. Certo, tenho que começar modestamente. Serei apenas um auxiliar executivo no setor de contabilidade, mas há um grande futuro à minha frente. Ganharei somente seis mil dólares por ano para começar, mas...

— Seis mil dólares! — Lindsay exclamou, chocada. — Não podemos viver com esse dinheiro! Isso não é justo, Geoffrey. Desejo viver como gente civilizada. Deus sabe o quanto tivemos que economizar nestes dois anos. Pensei que você teria um pouco de consideração por mim. Você nem sequer me consultou antes de aceitar esse maldito emprego! Isso é imperdoável! É a minha vida também, você sabe. Meu futuro. O mínimo que devia feito era ter conversado sobre isso comigo!

Ele assentiu.

— Eu sei. Foi um erro, mas... bem, que inferno, eu sabia que você seria contra, mas esse emprego é algo que realmente me interessa. Sei que, com o tempo, obterei muito sucesso. O mundo da publicidade é fascinante, muito mais excitante que qualquer firma comercial, onde eu seria apenas um dentre centenas de rapazes anônimos que examinam declarações de perdas e danos. — Olhou-a, suplicante. — Por favor, não fique zangada, Lind. Sei que devia ter consultado você. Tem toda a razão quanto a esse ponto. Mas sei que deseja que eu me sinta feliz em meu trabalho. Se eu não me sentir feliz, você também não o será.

Lindsay procurou acalmar-se.

— Afinal de contas, como conseguiu tal emprego?

— Com um colega da universidade. O pai dele é dono da Ford, Wheeler e Koch, uma das grandes empresas publicitárias. Estão procurando jovens universitários recém-formados e ambiciosos. Chegam mesmo a enviar um camarada à universidade para recrutá-los.

— Entendo — disse Lindsay, com frieza. — Que foi feito de toda aquela conversa sobre não aceitar favores? Aparentemente, aceitar ajuda de alguém está muito certo, contanto que não seja de meu pai.

— Que diabo, Lindsay, não é a mesma coisa, e você sabe! Essas pessoas foram apenas intermediários. Tive as mesmas oportunidades que outros doze rapazes. Ninguém me deu um empurrãozinho ou solicitou favores especiais para mim. Consegui o emprego porque tenho as qualificações exigidas, não por ser parente de alguém!

— E porque é amigo e colega de turma do filho do diretor da empresa. Não acho que haja muita diferença, Geoff.

Ele olhou-a com ar derrotado.

— Está bem. Se você detesta isso tanto assim, não aceitarei mais o maldito emprego. Procurarei outra coisa qualquer.

— Para ver você me odiar por impedi-lo de fazer o que deseja? Não posso agir assim. Oh, que diabo, querido, se isso é o que você deseja realmente, não vamos converter essa coisa no fim do mundo. Presumo que muitos casais jovens vivem com menos.

O sorriso dele foi a recompensa de Lindsay.

— Você é maravilhosa, querida! Vai dar tudo certo! Você verá. Conheceremos um bocado de gente inteligente, interessante, nesse ramo de negócio. Pessoas realmente empreendedoras. E teremos condições de alugar um bom apartamento. Não dos grandes, mas muito melhor do que este. E, Lind, quero que você disponha de uma boa faxineira. E, naturalmente, não terá mais que trabalhar fora. Seis mil dólares dão para mais coisas do que você pensa.

— Certamente. Eu sei. Fiquei magoada apenas porque você devia, pelo menos, ter pedido minha opinião antes de aceitar o emprego. Ainda estou magoada. Mas provavelmente será muito bom fazer amizade com todos aqueles tipos da Madison Avenue. E desejo que você seja feliz, Geoff. Eu o amo muito.

— E eu a você, querida. Mais do que dizem minhas palavras. — Abriu-se num sorriso. — Aposto que nossas famílias ficarão surpresas. Seu pai com seu insípido negócio bancário, e o meu com suas rendas imobiliárias. Eles provavelmente pensarão que perdemos o juízo.

"Sim, provavelmente é o que dirão", pensou Lindsay. "Papai nunca entenderá e mamãe vai se preocupar conosco. Mamãe... Estou me comportando igualzinho a ela. Colaborando em tudo o que meu marido deseja, mesmo que isso me desaponte. O que foi que Gandy me disse há muito tempo atrás? Algo sobre não ser tola em relação àquilo em que os homens estão interessados. Alguma coisa sobre serem eles como crianças que necessitam de uma mão firme, mas amorosa. Bem, ou carinhosa, mas não muito firme. Devia ter defendido meu direito de participar dessa decisão de Geoff. Cansei de ver como mamãe era uma criatura fraca em seu casamento, dando a impressão de ficar à

parte. Raios, deixei Geoff tomar todas as decisões nestes dois anos e ainda me comporto assim. Mas quando estivermos em Nova York, as coisas serão diferentes. Farei com que ele entenda ser mais inteligente dedicar-se a um negócio realmente importante do que entreter-se com essa fantasia infantil. Papai e eu planejaremos algo juntos para Geoff. Detesto pensar no que papai dirá quando souber o que Geoff decidiu fazer. Ele vai ficar furioso."

Howard Thresher ficou mais que furioso. Esteve próximo da apoplexia. Eles estavam todos reunidos a uma grande mesa do salão de jantar do Ritz Carlton, em Boston, quando Geoff anunciou sua decisão. Tanto Lindsay como seu pai olharam para ele fixamente, como se tivesse enlouquecido de repente.

Antes que o recém-formado Sr. Murray pudesse falar, Howard exclamou:

— Que espécie de loucura é essa, Geoff? Publicidade? O negócio mais instável deste mundo! Bom Deus, foi para isso que seus pais o colocaram em Harvard? Para bolar anúncios de sutiãs para a *Vogue*?

— Não é isso exatamente o que vou fazer, Sr. Thresher. Não vou ser criador de *slogans*. Não vou fazer anúncios. Minha responsabilidade será a de ajudar a manipular várias contas expressivas, algumas delas representando milhões de dólares de publicidade em revistas e no rádio.

— Que movimentem milhões, pode ser — disse Howard —, mas sei como essa gente trabalha. Um dia resolvem retirar a conta que têm com sua agência e entregá-la a outra, e isso é o fim para todos os que lá trabalham. Não sabe por acaso como agências conhecidas de publicidade andam atrás de quem trabalhe nelas? Você é um homem casado. Estou surpreso com essa falta de responsabilidade em propiciar um futuro tranqüilo e seguro para sua esposa, já que liga tão pouco para seu próprio futuro!

— Preocupo-me bastante com o futuro de Lindsay, senhor — retrucou Geoff, tenso. — Se não acreditasse que esta é uma grande oportunidade, não teria resolvido assumi-la. O senhor sabe que estamos ingressando num campo novo: a televisão. Três anos atrás havia apenas vinte mil aparelhos de tevê na cidade de Nova York. Esse total agora deve ter triplicado ou quadruplicado. Será o maior veículo de publicidade, que o mundo já conheceu. Revolucionará a indústria, e as agências de publicidade faturarão fortunas com isso.

— Televisão. — Howard quase cuspiu essa palavra. — Imagens no ar. Eu pensava que você abordaria algo substancial e comprovado.

— Como os negócios bancários?

— E por que não? Ou os bens imóveis, como seu pai. Algum negócio do qual um homem se orgulhe de participar. Publicidade é um negócio de má reputação, filho, o território dos inúteis e sonhadores.

Geoff rey voltou-se para o pai.

— Concorda com isso, pai?

O Sr. Murray tinha um ar contrafeito.

— Até certo ponto, sim, filho. As pessoas sempre necessitam de casas, escritórios e dinheiro. Banqueiros e corretores de imóveis têm um lugar importante em qualquer comunidade. Mas, Geoff, há algo mais em que estive pensando. Uma outra área de negócios que desejo que você leve em consideração.

Todos o olharam com curiosidade. Stuart Murray pigarreou nervosamente e disse:

— Não gosto de parecer alarmista, mas sou uma pessoa que acha que breve estaremos em guerra. Gostaria de ver você em alguma indústria de fornecimento de navios ou munições. Ou mesmo em algum serviço do governo. Algo, de fato, que lhe permita ser automaticamente dispensado do serviço militar por estar desempenhando uma atividade essencial. — Mostrou-se ligeiramente embaraçado.

— Talvez isso pareça muito pouco patriótico, Geoffrey, mas sua mãe e eu temos conversado sobre o assunto. Sabemos que é uma atitude egoísta, mas você é nosso filho único, nosso único garoto. Não desejamos vê-lo convocado e morto por uma causa sem sentido. Se você não pensa nisso por nossa causa, então pelo menos o faça por Lindsay. Você tem uma esposa jovem. Um dia, assim esperamos, terão filhos que perpetuarão o sobrenome Murray. Isso parece pelo menos prudente, com tudo indicando que eles estão...

— Observação muito Oportuna, Stuart! — exclamou Howard em aprovação veemente. — Você está cem por cento certo. Acontece que me dou muito com Henry Kaiser, que está fabricando navios na costa oeste. Tenho certeza de que se telefonar para ele.

Foi a vez de Geoffrey atalhar:

— Desculpe. Posso entender o que está pensando. Não descarto a possibilidade de que o exército venha a me chamar. Mas, papai, Sr. Thresher, todos vocês, tenho que assumir esse risco. Não sabemos se entraremos em guerra, e não irei pautar minha vida por essa possibilidade. Mas se a América tiver que lutar, não fugirei a meu dever escudando-me em algum emprego que me fará intocável, por estar incumbido de um trabalho burocrático para construtores de navios. Eu me detestaria por isso. Seria um impostor e um covarde.

— E um homem vivo — disse Howard cinicamente.

— Se você não se preocupa com sua própria vida, então devia considerar a possibilidade de minha filha tornar-se viúva antes de completar seus vinte e cinco anos.

Houve um instante de silêncio tenso. As mulheres à mesa não tinham até ali tomado parte na conversa, mas agora Pauline falou serenamente.

— Você está errado, Howard. Tanto você como Stuart. Geoffrey não é uma criança a ser instruída quanto às suas obrigações. Ele é um homem, e dos bons. — Olhou afetuosamente para Lindsay. — E tem uma mulher forte e inteligente, que o apoiará no que ele decidir fazer. Não é fácil para nenhum de nós ver alguém a quem amamos ir para a guerra. Deus sabe como sofro por causa disso. Não há um só dia em que não me preocupe com James, e nenhum momento em que não reze por sua segurança. Mas sei que ele fez o que tinha que fazer, e teria agido erradamente se tentasse detê-lo. O mesmo ocorre com Geoffrey. Ele deve programar sua vida como julgar melhor, com convicção e coragem. Viver diariamente com medo de morrer significa morrer mil vezes. Geoffrey está certo. Enquanto podemos viver, devemos fazê-lo normalmente, confiando em que todas as coisas terríveis nunca acontecerão, vivendo um dia de cada vez e sendo felizes com isso. E o único modo pelo qual podemos evitar enlouquecer de medo.

Howard olhou-a com aborrecimento.

— Meu Deus! De novo essas bobagens sentimentais e nada práticas! Você pode ter certeza de que se eu soubesse o que James pretendia fazer teria achado um modo de detê-lo, justamente como encontraria um meio de deter Lind... — Ele se interrompeu bruscamente, embaraçado pelo que deixara escapar em parte. — Peço desculpas, não queria dizer isso. Julgo que Lindsay e Geoffrey eram jovens demais para casar. Eu teria tentado impedi-los. Mas estou contente por não tê-lo feito. Sinto-me orgulhoso do modo como eles têm conduzido a situação. Têm sido muito inteligentes. O que é mais uma razão para que eu espere que ajam com inteligência agora.

Sara Thresher escutara atentamente sem dizer uma palavra. Olhou para Lindsay e Adele, tão jovens, as duas, tão ansiosas para viver. "O que estão pensando as mulheres da nova geração?", ela se perguntou. "O que devem pensar desses homens que defendem a fuga ao dever e o desrespeito pelo orgulho e pela dignidade? Isso afeta Adele apenas indiretamente, por causa de sua afeição por Lindsay. Mas quanto a Lindsay? Ninguém chegou ainda a consultá-la."

— Lindsay, minha querida, o que pensa de tudo isso?

— Eu penso como Geoff, Gandy. Do mesmo modo que mamãe. — E ergueu o queixo. — O que meu marido fizer terá a minha aprovação, como mamãe disse. Não estamos com medo.

Sara assentiu.

— Você está certa, menina. O medo é para os velhos. Poder passar sem ele é uma das alegrias da mocidade.

Capítulo 9

Adele estava em seu quarto naquela tarde de domingo de dezembro quando as notícias chegaram. Como os americanos de todas as partes, de início ela não pôde crer no que o rádio estava divulgando. Os japoneses tinham acabado de atacar Pearl Harbor. Navios afundados. Vidas perdidas para sempre. O presidente compareceria ao Congresso no dia seguinte para solicitar uma declaração de guerra. Ela tentou assimilar o que aquilo significava. James estava com a razão. Ele sabia o que se avizinhava. Todos o pressentiam, mas somente James tinha certeza. E agora estavam unidos a ele nessa certeza.

Involuntariamente, ela relanceou o olhar pelo lugar onde guardava as cartas de James. Começara a escrever para ele quando o vira partir, não confidenciando isso a ninguém, nem mesmo a Lindsay. Ele lhe enviara de início cartas casuais, cordiais, linhas escritas para uma amiga de sua irmã. Mas com o tempo aquelas cartas tinham adquirido um novo calor em resposta às dela. A timidez em pessoa, Adele ousara expressar-se em suas cartas. Sempre amara James e, embora de início não conseguisse exprimir esse sentimento diretamente e revelá-lo ao rapaz, sua adoração era inequívoca, lia-se nas entrelinhas. James, sensível e perspicaz, viera a compreender os sentimentos da jovem, e, para surpresa e alegria dela, estes pareciam ser recíprocos. O idílio, impensado por James quando partira, florescera com a ausência de inibição que as palavras escritas

proporcionam. Mål acreditando ainda no que acontecia, Adele agora sabia que James a via sob uma nova luz e, miraculosamente, amava o que via.

Ansiava por contar tudo a Lindsay, que uma vez desejara justamente que aquilo se realizasse, mas algo a fazia recuar. Sua descoberta era muito particular, muito preciosa, valiosa demais para ser compartilhada mesmo com sua amiga mais querida, a irmã do homem que ela amava.

Pensou na última carta de James, recebida há apenas uma semana. Pela primeira vez, ele falara de viverem juntos.

"Como é estranho, querida Adele, ter sido necessária essa separação para nos unir. É extraordinário que a garota que deixei para trás tenha se convertido na mulher a quem mais quero no mundo. Você não pode imaginar que ansiedade sinto por revê-la, contemplá-la realmente pela primeira vez, como se nunca o tivesse feito antes.

Às vezes penso que deve ser uma fantasia que você se tenha tornado tão real para mim, tão importante. E então começo a me preocupar. Serei eu o mesmo James que ela diz que sempre quis? Não serei velho demais para ela, talvez? Nove anos é uma grande diferença. Bem, talvez não tão grande, mas assustadora se observarmos como nossas vidas se delinearam nesses últimos dois anos. Por vezes sinto-me um velho. Já vi tantas coisas, minha querida, enquanto você se fazia mulher.

Mas então soube, como somente um homem apaixonado pode saber, que essa realidade esteve sempre ali, bastaria que eu não tivesse sido cego. E agora tenho algo por que voltar para casa e uma mulher maravilhosa, gentil e docemente estranha, e no entanto familiar à minha espera. Você me esperará, minha querida? Será realmente verdade que você me tenha esperado todos esses anos e eu me tenha alheado demais para percebê-lo? A resposta deve ser sim. Vivo para uma vida inteira de 'sins'."

Momentaneamente, Adele se esqueceu do perigo que cercava James, o mesmo perigo que muitos de seus amigos deveriam compartilhar agora. Pensou unicamente naquela nova felicidade que estava sentindo e na vida que ficaria para trás quando aquela guerra terminasse e James voltasse para casa. Mas essa euforia desapareceu assim que o rádio prosseguiu divulgando suas terríveis mensagens, anunciadas no tom formal de locutores e comentaristas que podiam dissimular suas emoções através de um relato desapassionado. Seus pensamentos se dirigiram a Lindsay, e lembrou a conversa à mesa do Ritz. A amiga tinha sido maravilhosa, enunciando serenamente sua lealdade ao marido, mas Adele não acreditara um pingo naquilo. Lindsay era uma pessoa prática e concordaria com seu pai e seu sogro, sem dúvida desejosa de que Geoff viesse a aceitar os conselhos deles. "Mas", pensou Adele, "dou minha plena aprovação ao apoio moral que ela está lhe dando. Espero que não ceda agora, quando aqueles homens mais velhos poderão, muito provavelmente, dizer-lhe: 'Eu a avisei'."

Impulsivamente, pegou o telefone e ligou para o apartamento dos Murrays em Nova York. Lindsay atendeu após a terceira chamada. Adele percebeu que a amiga estivera chorando.

— Lind? Você está bem?

Houve um curto silêncio. Adele pôde imaginar Lindsay engolindo as lágrimas, procurando se recompor. Finalmente, numa voz quase normal, Lindsay disse:

— Claro. Como alguém pode se sentir hoje? Presumo que você já tenha ouvido as notícias.

— Sim. Mas ainda não consigo acreditar. O que diz Geoff?

— Ele... ele não está aqui. Foi dar um passeio. — E Lindsay começou a chorar. — Oh, afinal, por que deveria mentir para você? Ele saiu danado da vida. Tivemos uma briga feia. Ele diz que vai se apresentar como voluntário, Del. Desse modo, pode ingressar na Escola de Candidatos a Oficial e obter uma comissão. Diz que isso é melhor do que ser um G.1.² — Lindsay soluçou com mais força. — Que se dane! Por que não ouviu papai? Ele podia estar agora num emprego isento do recrutamento militar. Mas não. Tinha que fazer o que *e/le* queria. Sempre tão rígido quanto ao seu dever "caso a hora chegue". Bem, essa hora chegou, certo? Justamente do modo como nossos pais tinham dito que chegaria. Geoff não liga para o que me aconteça. Nunca ligou. Aqueles anos terríveis em Cambridge ... E agora. . .

— Lindsay, pare com isso! Pare de sentir pena de si mesma! Pelo menos espero que não tenha dito essas coisas a Geoff.

— Claro que *lhe* disse! — Subitamente, Lindsay parou de chorar. — Pode estar certa de que disse isso tudo a ele! Por que não deveria dizer? É verdade. Homens! Quando eles ligam para nós? Papai ligou para o sofrimento de mamãe por causa de suas aventuras? James se incomodou por partir-lhe o coração ao ir para a guerra? E agora é Geoff. Ele podia me ter poupado disto se não tivesse sido tão terrivelmente teimoso. — Lindsay respirou fundo. — Está certo. Que ele se vá. Que desfrute de sua maldita liberdade. Isto é o que realmente deseja. É o que todos eles querem. Mas não vou ficar sentadinha em casa, torcendo as mãos e chorando. Terei também a minha liberdade. E por Deus, vou aproveitá-la bem!

Adele procurou apelar para a sensatez:

— Lind, meu bem, você não disse nada disso a sério. Você está apenas triste e assustada. Não a recrimino. Sei como se sente a respeito de Geoff. Você daria a vida por ele. Não finja ser tão insensível. Não há nada de errado em admitir que teme pela pessoa que você ama. Nós todas estamos temerosas. — Aí se interrompeu. Estivera a ponto de contar a Lindsay sobre ela e James, mas não era a hora. Lindsay estava absorvida demais em suas próprias emoções para querer ouvir algo sobre outra pessoa. — Ouça, estarei de volta na próxima semana para as férias. Tenha fé. Teremos uma boa e longa conversa.

— Você tem tanta sorte, Adele — Lindsay pareceu de repente pensativa. — Você está certa em nunca se ter apaixonado. E nunca ter pensado em se casar. Não tem sentido a gente se colocar à mercê de alguém.

Sem querer, Adele sorriu: "Se você soubesse", pensou. "Mas logo saberá. E me pergunto como irá reagir."

— Não posso acreditar! — disse Pauline. — James e Adele? Estou encantada, naturalmente. Adele é como uma filha para mim. Mas não tinha a menor idéia...

² Alistado no Exército (N. do T)

— Ninguém tinha. — Lindsay acendeu nervosamente um cigarro. — Ela nem sequer contou para mim quando estive em casa na semana passada. Amor por correspondência. Eu me pergunto como isso poderá dar certo. Ele nem sabia que ela existia quando partiu para o *front*.

— Não parece particularmente contente, querida. Pensei que ficaria muito feliz. Tenho a impressão de que você sempre tentou aproximar os dois.

— Isso foi quando eu era criança. Quando pensava que todos os que eu amava deviam se amar uns aos outros. — E deu um risinho. — Quando eu pensava que o casamento era a coisa mais linda depois de Benny Goodman e *banana splits*. Caramba! Como eu sabia pouco da vida!

— Lindsay, não deve falar assim. Não deve se sentir tão zangada com a decisão de Geoffrey. É a mais sensata.

— É mesmo? Você está enganada. Penso que a atitude mais sensata teria sido a de aceitar a sugestão de papai e do pai dele.

— Você não disse isso em Boston.

— E como poderia? Tente compreender um pouco minha posição, mamãe. Sou a mulher de Geoff, e das esposas se espera que apóiem em público aquilo em que seus maridos acreditam, não é assim? Deus sabe que discurso inflamado você fez naquele dia! E Gandy estava lindamente sentimental também. O que se esperava que eu fizesse? Dizer que os homens estavam com a razão? Era isso o que eu pensava, mas de que serviria tê-lo dito? Geoff não arredaria pé de sua posição, e as coisas teriam sido ainda piores para nós. Vou lhe dizer uma coisa: ele estava certo quanto a seu emprego. Ele o adora. Passamos seis meses muito bons. Mas temos certeza quanto ao inferno que iremos enfrentar por isso agora.

— Haverá muitas mulheres pagando o mesmo preço, querida. Sofrendo e se preocupando como nós duas.

— Francamente, mamãe, acho isso um consolo muito pequeno. Há solidariedade na desgraça? Bobagem! Não consigo me preocupar muito com o que outras mulheres estão sentindo. Sei apenas o que terei que passar. E as coisas não precisavam ser assim. É isso que torna tudo tão frustrante.

— Pense em como Adele deve ter-se sentido todos esses meses. E ela não se queixou. Nem sequer nos disse nada.

Lindsay se levantou e começou a andar pela sala.

— Gosto de Adele, mas ela é uma completa tola. Sempre foi. Com toda aquela permanente tristeza em relação a seu pai. Depois seu retraimento quando sua mãe se casou com Lucius Tamlin. Reconheço que ele é um grosseirão, mas e daí? Adele não tinha de comportar-se como se se tratasse de *seu* marido! E aquela história que ela recitou sobre não querer se casar jamais. Acho que ainda se sente assim, se você quer saber a verdade. Penso que para ela é muito conveniente manter um caso de amor a distância. É justamente o tipo de coisa vaga, sonhadora, como ela aprecia. Quanto a James, nem por sombra consigo entendê-lo. A guerra certamente deve tê-lo mudado a ponto de fazê-lo se apaixonar por uma garota da qual se lembra apenas como um espectro da menina do passado! Acho que ambos se prendem a uma fantasia: James mostrando-se romântico acerca "da garota que ficou em casa", e Adele sentindo-se muito

segura porque só colhe flores e palavras de amor sem as exigências físicas de um homem real. Não me surpreenderia se ela fosse frígida, mamãe. Não me surpreenderia nem um pouco se ela se pusesse a correr se James de repente se materializasse.

Pauline mostrou-se chocada.

— Lindsay, como pode dizer tais coisas? Adele é sua amiga mais antiga e querida!

— É possível sermos objetivos acerca das pessoas que amamos, mamãe. Posso ser objetiva sobre Geoff. Posso ver como ele é teimoso, embora o ame. Você não sentia o mesmo em relação a papai? Você o amou mesmo sabendo de seus defeitos, embora no fim não tenha podido resignar-se mais. O amor é cego, mamãe. Pode-se ser temporariamente míope, mas, a menos que se seja uma imbecil, chega a hora em que se pode ainda amar uma pessoa sem a ilusão de que ela é perfeita.

— Como você é sensata, Lindsay. — Havia um toque de sarcasmo na voz de Pauline. — As coisas devem parecer a você sempre muito claras ou muito negras.

A ironia não escapou a Lindsay.

— Você acha que estou agindo como uma sabichona de vinte e um anos. Tudo bem. Talvez esteja. Estou magoada. Muito sentida com as decisões que Geoff toma sem se incomodar se eu as aprovo ou não. Eu o amo, mas sei que ele não é perfeito. É tão terrível assim? Será motivo de vergonha ser racional em vez de pateta? Não posso amar as pessoas, Geoff, Adele, você, papai, e mesmo Gandy, sem fazer de conta que são santos? Estarei do lado delas, eu as defenderei. Mas isso não quer dizer que banque a tola a respeito delas. Se você quer que eu lhe dê um exemplo concreto, saiba que quando tive idade suficiente para entender a sua situação com papai, achei que não foi muito inteligente de sua parte separar-se dele. Certo, ele a magoou. Deve ter sido um choque terrível para seu ego saber que ele estava andando com outras mulheres. Não acho que isso seja direito. De fato, penso que é uma sujeira. Mas você tinha outras coisas. Uma boa vida. Posição social. Todas as aparências de um casamento feliz. E você mandou tudo isso às favas porque não podia suportar saber que papai estava tendo um caso. E acho que você está arrependida. Penso que ainda o ama. Mas você não pôde aceitá-lo como ele é. Não pôde amar nada, exceto a perfeição.

Pauline sacudiu a cabeça, aborrecida.

— Não posso discutir com você, Lindsay. Mas saiba que cada pessoa é diferente. Há um ponto de saturação que acontece em ocasiões diferentes. Não tenho a sua força, minha querida. Você deve tê-la herdado de seu pai. Eu a invejo pela sua frieza de espírito, mas também a deploro. Isso rouba um pouco da humildade, e mesmo alguma vulnerabilidade, que é atraente nas mulheres. Vocês, filhas do pós-Guerra Mundial, são uma raça diferente. Suponho que isso seja uma sorte. Pode ajudá-las a sobreviver à II Guerra Mundial com menos padecimentos. Peço a Deus que sim. Você irá necessitar de toda a sua energia nos dias que virão, quando Geoffrey se for.

De repente, sem nenhum indício prévio, Lindsay se pôs a chorar.

— Oh, mamãe, estou tão apavorada! Tento me fazer de durona, procuro me mostrar zangada com Geoff, mas não posso. Eu o amo tanto que não sei como poderei viver sem ele.

Pauline se acercou da filha e tomou-a em seus braços, confortando-a como fazia quando Lindsay era criança.

— Acalme-se, filhinha. Eu sei. Eu a compreendo. Você representou essa pequena cena para si mesma, não para mim. E você não acredita, tanto quanto eu, no que disse. Mas tudo acabará saindo bem para você. E também para Geoff. Todos ficaremos bem. Será duro, mas sobreviveremos. Nós, desta família, somos feitos de uma substância vigorosa, e graças a Deus não nos envergonhamos de ser humanos.

Quando Geoffrey, elegante em seu novo uniforme de tenente, finalmente partiu para a Escola de Treinamento de Oficiais em Fort Leavenworth, no Kansas, foi uma Lindsay carinhosa e esfuziante que o acompanhou até a estação para as despedidas.

— Você podia ir comigo, você sabe. Poderíamos conseguir um pequeno apartamento próximo à academia e estaríamos juntos quando eu tivesse uma folga.

Lindsay sacudiu a cabeça.

— Não, querido, não agora. Você estará muito ocupado. E não me imagino como uma *hooker*.

Ele a olhou intrigado.

— De que está falando? Uma *hooker*? Mas uma *hooker* é uma prostituta.

— Você está se esquecendo de algo que aprendeu no colégio. Houve um General Hooker durante a Guerra Civil, e as mulheres que acompanhavam os soldados eram chamadas *hookers*. Bem, não acompanharei um batalhão, nem mesmo por sua causa. Ouvi falar dessas pobres esposas que seguiam em fila um regimento, vivendo sabe Deus como, em que tipo de acomodações, lutando por lugares nos trens, pendurando fraldas para secar em lavatórios dos vagões. Isso não serve para mim.

— Você não tem nenhuma fralda para pendurar, menina.

Lindsay assumiu um ar sério.

— Não. Lamenta isso, Geoff? Você gostaria que tivéssemos um filho?

— Não, enquanto tudo isso não tiver terminado. Mas teremos, meu bem. Quantos você queira, quando eu voltar para casa. Você será uma mãe formidável.

— Oh, vamos. Eu não daria para isso. Não tenho paciência.

— Talvez não. Mas tem bastante bom senso para duas pessoas, e bastante amor para qualquer batalhão de guris.

Ela piscou os olhos úmidos de lágrimas.

— Por falar em batalhão, você irá perder seu trem se não se apressar.

Geoff abraçou-a com mais força e beijou-a.

— Eu a amo, Lindsay. Quando tudo tiver terminado, viveremos dias maravilhosos.

— Pode apostar nisso, tenente. — Contornou o rosto dele com suas mãos suaves e o acariciou ternamente. — Cuide-se bem, querido.

— Telefone assim que puder. E você, cuide-se também. Tem certeza de que deseja ficar no nosso apartamento? Poderia ir para o de sua mãe. Fico preocupado com o fato de você viver sozinha, Lind. Você nunca ficou só, e...

— E já tenho idade suficiente, sou casada e muito presa a meus hábitos para viver com minha mãe. Estarei bem, Geoff. Verdade. Eu me mantereí ocupada, e escreverei diariamente.

Essa cena se passara há seis meses, e por algum tempo Lindsay *tinha* ido bem. Mantivera-se ocupada, trabalhando na Stage Door Canteen, servindo café e roscas,

dançando com soldados que estavam de partida de Nova York, dizendo-lhes com orgulho que seu marido também estava no

82

exército. Após alguns meses, Geoff obtivera uma licença, e eles dois tiveram um encontro glorioso de três dias, com apenas uma rápida visita a seus familiares, tendo passado a maior parte do tempo a sós no apartamento, amando-se e simplesmente relaxando-se, como se desfrutassem um fim de semana em tempos de paz. Lindsay não dissera a Geoff que Howard estava agindo no sentido de conseguir um lugar para ele no Pentágono, em Washington, quando seu treinamento militar se completasse. "Que Geoff nunca venha a saber disso ", ela rezou. "Que ele pense que foi simplesmente um golpe de sorte. Mas quando chegaram as ordens do comando, estas não se referiam ao Pentágono. Geoff fora designado para servir no teatro de operações europeu como ajudante-de-ordens de um general próximo de Londres. Geoff ficou encantado com a idéia e Lindsay se empenhou em ocultar sua aflição.

— Na Europa! — ela exclamou, com desalento. — Oh, Deus, não!

— Querida, não poderia ter mais sorte. Vou trabalhar para o Alto Comando na sede do ETO³. Não estarei na linha de frente. Reconheço que me sinto aliviado. Não sou tão bravo como procuro ser. Simplesmente verei a guerra passar atrás de alguma mesa de escritório do Alto Comando, andando de cá para lá em volta de pessoas como Eisenhower. — Sorriu largamente. — Provavelmente verei o caro James. Aquele caso de amor a longa distância ainda continua?

— Ao que eu saiba, sim. Adele terminou seu curso, mas não sei o que pretende fazer agora. Ela está pensando em ingressar no WAAC.

— O Corpo Auxiliar Feminino do Exército? Você está brincando! Não consigo imaginar Adele ou você num uniforme militar!

Lindsay se eriçou.

— Não sei por que isso é tão difícil de imaginar. Eu ficaria um bocado bem de uniforme. Provavelmente bem melhor do que Adele. Acho que ela alimenta a tola idéia de que poderia ser enviada para a Inglaterra e ficar perto de James. Isso é uma loucura, naturalmente. Ela tem escrito a James, e eu aposto que ele vai tirar-lhe essa idéia da cabeça.

— Naturalmente que sim. Em primeiro lugar, ela não poderia saber para onde iriam enviá-la, ainda que requeresse servir no estrangeiro. E em segundo lugar — começou a rir —, juro, querida, a simples idéia de Adele andando empertigada e batendo continência é algo inimaginável.

Lindsay tinha um ar pensativo.

— Não acredito que ela faça isso, mas devo admitir que nestes últimos tempos Adele parece muito mudada. Sempre pensei nela como alguém um tanto... bem, passiva. Ela parece forte, contudo. Muito confiante. Mais em paz consigo mesma, eu creio, do que sempre foi até então. Estranho, não é? O mundo está se despedaçando e Adele está florescendo.

Geoffrey ergueu uma sobrancelha, comentando:

³ Teatro de Operações Europeu (N. do T.)

— O amor é uma coisa maravilhosa.

— Suponho que sim. Imagino que errei ao pensar que Adele desejava apenas um passatempo. James lhe enviou um anel, você já sabe. Eles agora estão oficialmente noivos. Não é uma surpresa?

— Vivemos dias estranhos e cheios de fatos inesperados, meu amor. A guerra faz de estranhos companheiros de cama.

Ela o olhou amorosamente.

— Só espero ter certeza de que você não tentará checar essa teoria quando estiver a milhares de quilômetros daqui.

— E por que afinal de contas eu faria isso, quando tenho a melhor de todas esperando por mim em casa?

Assim que Geoff partiu, Lindsay telefonou para o pai.

— Papai, o que houve? Pensei que você tivesse ajustado tudo para que Geoff fosse servir em Washington! Ele está seguindo para a Europa, meu Deus!

— Sinto muito, meu bem. Isso é o que acontece por se ter amigos superzelosos. O homem de Washington que ia me prestar esse favor achou que devia ampliá-lo. E em vez de Geoff ser designado para um lugar burocrático no Pentágono, esse meu contato idiota de uma figa arrumou para o rapaz o posto de ajudante-de-ordens de um figurão do Alto Comando na Europa. A propósito, essa escolha foi acompanhada de uma promoção. Geoff não sabe ainda, mas quando chegar lá já será o Capitão Murray.

— Essa não posso engolir! Como esse seu amigo idiota ousou fazer isso? Que imbecil...

— Acalme-se, Lindsay. A mentalidade marcial supera nossa compreensão. Esse tolo pensou estar nos prestando um grande serviço. Ao seu modo de ver, essa é uma oportunidade que todo jovem oficial almeja. Ouça, minha querida, a coisa ainda poderia ser pior. Agradeça por eu ter influência, caso contrário seu marido podia ter ido combater em alguma ilha desolada e castigada pela malária no Pacífico.

— Eu sei, papai. Obrigada. — Lindsay parecia derrotada. Hesitou. — Geoff disse que poderá ver James.

Houve uma pausa.

— Presumo que possa — disse Howard. — Soube por sua mãe que ele enviou um anel de noivado a Adele.

— Sim, papai, eles pretendem se casar.

— Ela é boa demais para ele, você sabe.

Lindsay não retrucou.

— Adele é uma moça adorável, altruísta. E seu irmão irá tirar proveito disso. Ele tem atrativos, não vou negá-lo. Mas sempre usou sua simpatia pessoal indiscriminadamente, fosse para influenciar sua mãe e sua avó ou para atrair garotas como Candice Simms e só Deus sabe quantas outras mais. Duvido que ele possa gostar sinceramente de alguma mulher, e detestaria ver Adele magoada.

Lindsay quase riu apesar de seu estado de espírito conturbado. "Vejam só quem fala acerca de usar o charme pessoal promiscuamente!", ela pensou. "Meu Deus, isso é o *pot*

*de chambre*⁴ falando do bidê! De todas as pessoas que falam em não magoar ninguém, meu pai é o menos indicado para dizer algo. Mas, naturalmente, ele não se vê como é na realidade. Nunca nos vemos como realmente somos."

— Não penso desse modo, papai. Acho que James esperou até ter absoluta certeza de encontrar a mulher à qual ele poderia ser fiel para sempre. — Lindsay não pôde resistir a uma tirada irônica: — Ele encara isso de modo muito firme, o senhor sabe. Fidelidade é terrivelmente importante para ele.

— Não é isso o que tenho ouvido dizer. Contudo, não devo me preocupar com aqueles dois. Eles já são adultos. James está com quanto mesmo? Trinta? E Adele?

— É um ano mais moça que eu. Está com vinte e um.

— Idade suficiente para saber o que pensa, presumo, — Howard deixou de lado o assunto. — Não se preocupe com Geoff, minha querida. Ele estará perfeitamente seguro. Na verdade, provavelmente irá distrair-se bastante.

— Em meio a uma guerra?

— A guerra tem muitas facetas, Lindsay. Diria até que pode ser muito agradável se você estiver alojado num confortável hotel de Londres, sem nada mais árduo para fazer do que providenciar para que o champanha apropriado seja servido segundo suas ordens nas reuniões dos oficiais do Alto Comando.

— Você acha que é isso o que Geoff vai fazer?

— Não me surpreenderia se fosse assim. Meu amigo de Washington é muito influente. Você está se ajeitando aí sozinha?

— Sim. Só que me sinto entediada. Trabalhar para a USO⁵ está bem, mas não me dá a impressão de estar contribuindo muito.

— Você está elevando o moral das tropas. Isso é muito importante.

— Suponho que sim, mas parece-me algo vago.

— Lindsay, isso é ridículo. O que mais você iria querer fazer? Trabalhar numa fábrica? Não posso imaginá-la como Rosie, a Rebitadora.

Lindsay podia sentir a impaciência de seu pai por encerrar aquela conversa. Assuntos triviais de família sempre aborreciam Howard, e para ele aquela sensação de inutilidade experimentada por Lindsay não merecia a perda de seu valioso tempo. Ela podia imaginar o que ele estava pensando: " 'Deixemos que ela desfie suas queixas com sua mãe. As mulheres são feitas para isso. Para ouvir. Para serem pacientes. Para dar atenção a tolices tais como o tédio de suas filhas casadas'. Está certo, papai, não incomodarei mais seu grande espírito masculino com meu estado de ânimo tão sem importância. . . "

— Isso não é da minha conta, Pauline, mas Lindsay vem me preocupando ultimamente.

Pauline afastou o olhar da carta que estava escrevendo para James.

⁴ Penico, em francês no original. (N. do T.)

⁵ United Service Organization. (N. do T.)

— Como assim, Gandy? Pensa que está acontecendo algo? Ela comentou alguma coisa com você?

— O que ela não diz é o que me preocupa. Talvez esteja me comportando como uma velha tola, mas tenho a impressão de que Lindsay anda muito alheada, ressentida com algo. Quando lhe pergunto sobre Geoff, ela diz: "Oh, não se preocupe com ele, Gandy. Ele está se entretendo muito em Londres". Ela parece não querer sequer falar nele, como se a tivesse abandonado. Não entendo. Era de se supor que ficasse contente que Geoff tivesse um posto razoavelmente seguro. Quando sei do que está se passando nesses dias, pergunto-me se Lind não devia dar graças a Deus por seu marido não tomar parte no desembarque na Sicília, ou que ele não esteja na força aérea com todos aqueles bombardeios contínuos da Alemanha. — E se interrompeu, aflita, ao notar a expressão angustiada de Pauline. — Oh, minha querida, perdoe-me. Não devia ter mencionado isso.

— Está tudo bem. Sei que James toma parte nesses bombardeios aéreos. Ele tocou ligeiramente nisso em suas cartas para Adele e para mim. Nada podemos fazer além de rezar.

Sara ficou sentada em silêncio por um momento, tentando concentrar sua atenção nas meias que estava tricotando para as remessas de auxílio que a Cruz Vermelha fazia para o estrangeiro. Havia pouca coisa que as senhoras pudessem fazer naqueles dias exceto rezar, principalmente sendo idosas como ela. Lindsay podia entreter aqueles pobres rapazes solitários que compareciam à uso, e Adele podia entregar-se a seu trabalho para o Serviço de Voluntárias Americanas, dirigindo viaturas do exército e da marinha a qualquer hora do dia ou da noite, indo e retornando à base com o pessoal credenciado. Mesmo Pauline dava sua contribuição como enfermeira auxiliar no hospital dos veteranos. "Mas eu", se disse Sara com pesar, "fico sentada aqui tricotando e me apoquentando. Muito pouco posso fazer por todos."

— É por culpa de Howard que Lindsay está tão aborrecida — disse finalmente Sara. — Ele nunca devia ter dito a ela que Geoffrey tinha uma missão tão cômoda e charmosa...

Pauline sorriu afetuosamente.

— Acho que ele teve boa intenção, Gandy. Pelo menos conseguiu para Geoff um posto razoavelmente seguro. Não seja tão dura com ele. Não é culpa dele que Lindsay não tenha apreciado a escolha. Por falar nisso, no íntimo acho que ela a aprovou. Acontece apenas que está só e entediada e com um pouco de pena de si mesma. Essa menina nunca se mostrou propriamente feliz quando as coisas não aconteciam à sua feição. Estou certa de que ela pensa que a guerra é uma grande inconveniência pessoal, iniciada somente para desorganizar sua vida.

— Diga-me agora, quem está sendo dura com quem? — exclamou Sara, indignada. — Lindsay está muito infeliz, Pauline. E não sei o que devemos fazer para ajudá-la.

— Gandy querida, nada há que *possamos* fazer. Ela é uma mulher casada. É hora de que aprenda que seus dias de criança mimada já acabaram. Na hora em que ela tiver Geoffrey de volta, se sentirá melhor. — Pauline assumiu uma expressão melancólica. — Todas nós nos sentiremos bem quando nossos rapazes retornarem. Até lá, temos que levar a situação do melhor modo que pudermos. Lindsay, Adele, você e eu.

— Alguém deveria dizer a Lindsay que seu marido não está levando uma vida regalada como Howard a descreveu.

— Tenho certeza de que ela sabe disso, querida. Lindsay gosta de representar um pouco de vez em quando. Tudo para chamar a atenção. Mas no fundo é uma moça muito sensível e humana.

— Espero que sim — disse Gandy, pensativa. — É o que certamente espero.

A apreciação feita por Gandy se acercava mais da verdade do que o comentário elogioso e confiante de Pauline. Embora fosse verdade que Lindsay estivesse contente por Geoff não se achar em perigo, se sentia mais do que superficialmente ressentida pela vida emocionante que ele estaria levando. E, lamentavelmente, começou a expressar isso nas cartas que lhe escrevia.

"Deve ser maravilhoso levar uma vida tão povoada de astros", ela escrevera, depois que Geoff lhe revelara que fora realmente apresentado a Winston Churchill. "Você certamente está provando que Sherman estava errado. A guerra não é um inferno. Aparentemente é um inferno, mas com um bocado de divertimentos excitantes, se você estiver no lugar adequado."

A carta que Geoff lhe escreveu em resposta aborreceu-a e a desapontou. "Não posso entender o tom queixoso que você vem usando ultimamente, minha querida. Não é próprio de você. Certamente não iria se sentir mais feliz se eu estivesse no fundo de uma trincheira para me proteger dos ataques aéreos inimigos ou se voasse à noite num bombardeiro como faz James! O que está acontecendo, Lindsay, querida? Estou certo de que isso deve ser difícil para você, com tantas pessoas distantes, com o racionamento e tudo o mais, mas o fato é que você dá a impressão de estar furiosa por eu não estar levando uma vida mais dura aqui."

"Que espécie de monstro você pensa que eu sou?", replicou com aspereza Lindsay em sua carta seguinte. "Claro que estou contente por você não estar em perigo. Mas o que diria você se fosse uma mulher largada em casa, sem outra companhia senão a de pessoas de seu sexo, ou então de um bando de G.I. caipiras e pouco asseados que nos pisam nos pés ao dançar na Stage Door Canteen? Adele decidiu não ingressar no WAAC (ou, melhor, James decidiu por ela), mas nesse momento essa não parece uma má idéia para mim. Talvez eu consiga que me enviem a Londres. Pelo menos estaríamos juntos. Estou pensando em pedir a papai que consiga isso para mim, do mesmo modo como ele manobrou para obter para você esse seu cômodo posto."

Lindsay sabia que não devia ter escrito aquela última frase, mas não deu importância a isso. Que Geoff se aborresse ao saber que seu sogro tinha mexido os pauzinhos a seu favor. Geoff certamente não ligaria para o fato de se beneficiar de influências, agora que estava naquele posto!

O longo silêncio de Geoff que se seguiu àquela carta deixou-a meio assustada. Geoff devia estar furioso. "Bem, que fique", ela pensou na defensiva. Por que ele não deveria saber que graças a ela é que estava levando boa vida em plena guerra? Mas quando por fim a carta dele chegou, toda a inflexibilidade de Lindsay dissolveu-se num atoleiro de remorso.

"Estou muito surpreso e desapontado com você, Lindsay. Sabe como me desagrada profundamente que alguém me faça alvo de favoritismo, e sua revelação deliberada de

algo que você já sabia com muita antecedência pode significar unicamente que deseje me punir por eu estar ausente. Você teve sucesso ao me cientificar de que obtive minhas insígnias de capitão e minha presente missão não por méritos, mas sim por influência de seu pai. Fez com que me sentisse envergonhado, pensando em todos os meus amigos que tiveram que pôr suas vidas em risco na Europa, na África e nos atoleiros de Guadalcanal. Amigos que morreram ou ficaram seriamente feridos por não disporem de sogros com conhecidos influentes em altos postos, ou esposas que não conseguem deixar de se intrometer em nome de seus próprios interesses egoístas."

O remorso de Lindsay rapidamente se converteu em raiva. A calma dele! Recriminá-la por ter-se interessado pela segurança dele. Censurá-la por ter pedido a seu pai que fizesse por alguém um simples favorzinho. Quem afinal ele pensava que era? Devia ficar felicíssimo por ela ter feito aqueles contatos. Se ele os tivesse usado mais cedo nunca *estaria* no raio daquele exercito.

Furiosa, respondeu à carta, dizendo tudo isso e mais ainda. Recordou-lhe como ele se mostrara cabeçudo quando estava na universidade e ela trabalhava intensamente. Repetiu que se ele não tivesse insistido tanto em aceitar o emprego na agência de publicidade, estaria ocupando um cargo numa indústria essencial, em vez de andar para lá e para cá agora metido em seu uniforme idiota. Frisou que não gostava de ser tachada de intrometida ou interesseira, principalmente quando todos os seus esforços tinham sido feitos em favor dele, Geoff.

Semanas se passaram sem nenhuma resposta. E, teimosa, Lindsay também não escreveu ao marido. Mas intimamente se afligia ao pensar que o afastara dela devido a um assomo de orgulho e raiva, embora justificáveis no seu modo de ver. Em mais de uma noite ela chorou antes de adormecer, sentindo-se ainda ofendida, mas desejando ter-se controlado mais. Se ele estivesse ali, ela poderia consertar as coisas com brincadeiras suaves e carinhos de amante. Geoff se sentiria feliz com isso. Mas não podia desabafar numa carta. Ele lhe devia desculpas. E infeliz como se sentia, esperaria por uma carta dele antes de lhe escrever de novo.

Quando finalmente a carta dele chegou, seu tom era frio. Geoff não fazia referência ao desabafo dela, mas simplesmente comentava ocorrências triviais de seu dia-a-dia, perguntava por cortesia por sua sogra, Gandy e Adele. Pedia a Lindsay que dissesse a Adele que vira James, que estava bem e ansioso para voltar para casa.

Aquela carta quase impessoal era pior do que uma outra explosão de raiva. Era como se Geoff tivesse se afastado dela, já não sentisse nem a emoção suficiente para se aborrecer com ela. Essa deliberada indiferença pela carta explosiva que ela lhe escrevera era mais reveladora do que as duras acusações que ele lhe dirigira anteriormente. Era de arrasar. Pela primeira vez, Lindsay temeu de verdade pelo resultado de seu comportamento impulsivo.

Capítulo 10

Em maio de 1944, como faziam com freqüência, Geoffrey e James encontraram-se para jantar no Savoy, em Londres. Geoff parecia anormalmente preocupado, e seu cunhado o contemplou com ar irônico por cima de seu copo de uísque com água.

— Alguma coisa o preocupa, companheiro? O ambiente está carregado no QG?

Geoff assentiu. Estavam muito tensas as coisas por lá. O Dia D, como os militares o denominavam, estava sendo planejado, provavelmente para junho, se o tempo permitisse. Os Aliados desembarcariam na Normandia. Era o maior segredo militar de todos os tempos, e Geoff não podia revelá-lo nem sequer a James.

— Bastante tenso — disse. — Sinto não poder falar sobre o assunto.

— E não deve. Falemos sobre outra coisa. Como vai Lindsay?

Geoff parecia mais infeliz do que nunca. As coisas não iam bem entre ele e sua mulher. As cartas de Lindsay continham zanga e acusações sem motivo, e ele estava ao mesmo tempo desconcertado e irritado com isso. Tentava dizer a si mesmo que se achava simplesmente solitário e frustrado. Lindsay era uma mulher de grande energia física. Provara isso anos atrás quando tornara inevitável para ele o casamento. Não era o tipo de mulher que pudesse sobreviver sem um homem, e no entanto Geoff estava seguro de que ela lhe estava sendo fiel e se sentindo frustrada por causa disso. Ainda assim, não havia razão alguma para descarregar nele seus ressentimentos. Ele não podia evitar aquela separação. Milhões de outras mulheres estavam passando pela mesma provação. E um grande número de homens também. Nas dependências do QG tornara-se habitual a zombaria ao comportamento monástico do Tenente-Coronel Murray. Ele provavelmente era um dos poucos oficiais que não tinham qualquer espécie de ligação amorosa na Inglaterra. Apesar de todo o desejo sexual que sentia, não podia permitir-se a companhia de outra mulher que não sua esposa.

— Ei, estou aqui — disse James. — Lembra-se de mim? Pretendíamos tomar um drinque, e não fazer um voto de silêncio.

— Desculpe — disse Geoff novamente. — Estava pensando em Lindsay.

— Sente um bocado a falta dela, hein? Posso compreender isso. Caramba, sinto falta de Adele, e nem sequer tenho o tipo de lembranças que você tem. Meio louca essa coisa entre Adele e mim, não é? Por Deus, espero que tudo dê certo quando eu voltar para casa.

— Dará. Ela sempre gostou de você. Lindsay costumava me dizer que sonhava ver você e Adele se apaixonarem.

— Ela nunca me falou nisso. Nunca pensei em Adele senão como aquela garota bonitinha que era a companheira de brincadeiras de Lindsay. Eu podia ter me casado com ela antes de partir.

— Talvez você não tivesse que partir se estivesse casado.

— Mas você se alistou.

— Sim. Só que quando Lindsay e eu nos casamos eu não sabia então que haveria uma guerra. Você sempre teve a certeza de que a guerra viria, não é, James? Muito antes de nós todos. — Agitou o copo de uísque distraidamente. — Você se incomoda se eu me abrir com você? Quero dizer, ficaria constrangido se eu realmente botasse para fora tudo o que sinto sobre o modo como as coisas estão se passando entre nós?

James recostou-se em sua cadeira.

— Nada me deixa embaraçado, companheiro. Vá em frente e fale. Tire esse peso de seu peito. Tenho a impressão de que você precisa desabafar.

Lentamente de início, e depois em tom mais rápido e emocionado, Geoff começou a falar sobre seu casamento, como acontecera, os problemas surgidos quando ele ainda estava na universidade, e a recente descoberta de que Howard Thresher influíra em sua carreira militar.

— Fiquei furioso ao saber dessa história — disse Geoff. — E daí começou algo terrível entre nós, algo que se parece com uma bola de neve. Droga, eu já ficara zangado com seu pai, James, faz muito tempo. Aquilo foi apenas orgulho ferido. Sei que é meio infantil guardar ressentimentos por receber ajuda quando os motivos são bons. Mas essa... essa fenda entre Lindsay e mim parece cada vez mais profunda e ampla. Ela está solitária e infeliz, e não está sendo nada razoável. E, com franqueza, James, ressinto-me do fato de Lindsay se queixar e descarregar sobre mim sua frustração. Por isso reajo mal às suas alfinetadas, e isso a torna ainda mais indignada e... Bem, isso evoluiu tanto que nos comportamos como duas pessoas idosas e caturras, atirando farpas uma contra a outra através do Atlântico. Que há conosco, afinal? Amo Lindsay e tenho certeza de que ela me ama, mas esta separação está nos destruindo, e não há nada que eu possa fazer a respeito. Você nos conhece, James. Que posso fazer para consertar essa situação?

James respirou profundamente.

— O que vou lhe dizer pode parecer uma coisa muito desagradável, especialmente dita pelo irmão de Lindsay, mas acho que o melhor para você seria procurar uma mulher.

— O quê?

— Eu lhe disse que pareceria algo torpe, até mesmo absurdo, mais ainda quando você se lembra de que desprezei meu pai por ter sido infiel. Mas os tempos que vivemos são diferentes. Eu chegaria a matá-lo caso enganasse Lindsay se estivessem vivendo juntos, mas você já está longe dela há dois anos. E durante esses dois anos você tem sido um celibatário. Isso não é bom. Você está tenso como o couro de um tambor. Contém-se a muito custo. E tudo assume proporções exageradas quando não se tem nenhuma válvula de escape física. Tudo o que me contou sobre a desavença entre você e Lindsay é uma ninharia. Não vale um caracol. Mas parece ganhar dimensões de tragédia por você se achar sob uma terrível tensão em seu trabalho, e essa tensão é ainda mais reforçada por você não dar vazão aos apelos naturais. Pelo amor de Deus, Geoff, você já está com vinte e cinco anos! No auge de sua virilidade, e no entanto sublima todas as suas necessidades prementes. Não me surpreende que esteja assim abalado. Vá para a cama com alguma dessas coisinhas bonitas e ternas. Aí sua noção de perspectiva lhe voltará. E Lindsay nunca precisará saber que você lhe fez um favor.

— Um favor — Geoff repetiu franzindo a testa. — Não sei. Tenho pensado nisso. Agora, sentado aqui, não posso dizer a você que não tenha desejado a companhia de uma mulher. Mas não sei se poderia fazer isso a Lindsay. Eu... não tive muita experiência com mulheres antes de casar. Certo, tive uma garota ou duas, mas nada de entusiasmar. Era praticamente virgem, e Lindsay também. Ela não conhecera nenhum homem intimamente senão a mim, e tenho certeza de que ainda é assim. Seria uma coisa terrivelmente injusta. Provavelmente eu me sentiria tão culpado depois que desejaria me matar.

James deu de ombros.

— Faça o que quiser.

— Sei que pareço um menino tolo, mas...

— Oh, pelo amor de Deus, Geoff, pare com isso! Desse modo parece realmente um garoto tolo. E assustado também. Não me surpreenderia se você tivesse *medo* de se aproximar de uma mulher, já que praticamente só dormiu com uma até hoje. Você me inspira uma súbita pena. Quem é você, afinal? Algum vitoriano retrógrado? Estamos em guerra, homem. Estamos longe das mulheres que amamos. Mas isso não nos impede de sermos humanos!

Geoff começou a se sentir irritado.

— E quanto a Lindsay? Espera que eu me alegre se ela dormir com alguém enquanto estou ausente?

— Não conto com que você venha a saber disso. Da mesma forma como ela não saberá. Mas espero que Lindsay tenha bom senso suficiente para reconhecer o que a está afetando. E bastante coragem para fazer algo a respeito.

— Você é incrível!

— Não — retrucou James serenamente. — Sou realista. Veja, não tenho nenhuma obrigação com Adele. Quero dizer, não somos casados. Mesmo que fôssemos, eu ainda assim faria sexo aqui, e não me preocuparia que ela fizesse o mesmo lá. Pelo amor de Deus, Geoff, não estamos falando sobre amor, mas sim sobre biologia. Você pode dormir com vinte garotas e ainda assim gostar muito de sua mulher. E desejar ainda ir para casa e ser fiel a ela daí em diante. Trata-se de um tempo e de um lugar diferentes. Não o estou aconselhando a namorar uma jovem tenente de saias ou alguma enfermeira bonitinha. Nada disso! Estou lhe dizendo para relaxar, a fim de que possa pensar direito e salvar seu maldito casamento!

Geoff ficou pensando um momento.

— E você daria o mesmo conselho a Lindsay?

— Claro que daria. Ela provavelmente necessita da mesma coisa. E, se contasse com isso, não se comportaria como uma mulher azeda.

Geoff começou a rir.

— Ninguém acreditaria nessa nossa conversa. Você fala como uma conselheira sentimental. Dando conselhos aos que sofrem de dor-de-cotovelo. Desejaria poder estar seguro de que está certo — disse, sério de novo. — Meu desejo, realmente, é que pudesse me convencer de que é esse o problema.

— E que mais pode ser? Você o resolvia bem quando estavam juntos, não é? Pense bem, companheiro. Afinal de contas, não se trata de nenhum quebra-cabeça.

Numa tarde quente de julho, Lindsay preparou um martíni e o entregou à sua aíniga, sentada muito à vontade no canto do sofá. Adele tinha uma aparência maravilhosa naqueles dias. O uniforme elegante lhe caía bem, seus olhos brilhavam de excitação, e todo o seu corpo deixava transpirar energia e saúde.

— Devo reconhecer que o AWVS⁶ parece combinar com você.

Adele sorriu.

⁶ Serviço Voluntário Feminino Americano (N. do T.)

— Isso é tão interessante, Lind! Gostaria que você se unisse a nós. Conseguimos uma casa particular na East 66th Street, entre a Fifth Avenue e a Madison. Durmo lá uma noite por semana. Gosto realmente deste trabalho. E agora que estamos dirigindo carros comuns do exército e da marinha, isso é ainda melhor do que no começo, quando tínhamos que usar os nossos.

— Mas vocês trabalham seis dias por semana! E algumas vezes você tem que dirigir tarde da noite! Isso não a deixa nervosa?

— Nem um pouco. É fascinante. — Adele mordiscou o lábio inferior. — Acho que não deveria contar-lhe isso. É tido como algo altamente confidencial. Mas estão trazendo de avião para cá pessoas importantes da Europa. Especialmente cientistas. Por vezes me encontro às três ou quatro da manhã no Aeroporto La Guardia, recolhendo no carro *vips* vindos de toda parte. Isso me faz sentir... bem, muito útil. Como se estivesse ajudando a meu modo, assim como James está fazendo.

— Parece pesado demais para mim — disse Lindsay. — Mesmo entediada como estou com os reservistas solitários, acho que sou mais indicada para a cantina. Assim como Geoff está melhor no escritório do QG, conquanto alegue que gostaria de estar nas trincheiras.

Adele fingiu não ter captado a ironia azeda.

— Como está Geoff?

— Oh, ele está simplesmente ótimo. Teve um período maravilhoso brincando de soldado antes do Dia D. Deve ter sido divertido ir espetando todos aqueles alfinetes coloridos num mapa de operações.

— Não fale assim, Lind. Ele está apenas cumprindo seu dever. — A voz de Adele era quase suplicante. — Sei o quanto ele lhe faz falta. Essa separação é tão dura para ele quanto para você.

"Talvez nem tanto", pensou Adele. Soubera da conversa que James tivera com Geoffrey. Seu noivo lhe escrevera uma carta muito séria e refletida. De início, ela ficara um pouco chocada com o fato de James ter feito tal sugestão ao marido de sua irmã. Mas assim que terminara de ler a carta, começara a compreender e aceitar o fato de que todos aqueles homens, mesmo James, necessitavam de alguns momentos de distração. Podia entender o que reconhecia em James como a admissão tácita de seus próprios "pecados". Eles em nada diminuíaam seu amor por ela. O mesmo se aplicava a Geoff. Tais "pecados", se ele os tivesse, não diminuiriam sua afeição por Lindsay. Mas ela não podia, como James gentilmente sugerira, recomendar a Lindsay que tivesse um caso também. Esse requinte ela não possuía. Era ainda virgem, e pensou que isso talvez não a capacitasse a entender as necessidades de quem já não o era. Não condenaria Lindsay se ela viesse a ter um caso. Simplesmente não achava correto fazer tal sugestão à amiga. Ainda que Adele superasse suas reservas no tocante à moral, Lindsay seria esperta o bastante para saber que tal idéia nunca saíra da cabeça de sua "austera" amiga. Ela somaria dois mais dois e chegaria a uma conclusão próxima demais da verdade.

Como se lesse em sua mente, Lindsay disse de repente:

— Esta separação, como você a chama, é mais do que difícil, Del. É quase insuportável. Você não pode fazer idéia. É inexperiente ainda. Mas quando somos amadas por um homem, sentimos isso terrivelmente. Conheço mulheres das quais não se

espera tal reação, mas elas se sentem assim também. Sei o que mamãe sentiu quando deixou papai. E sinto-me assim. Meu Deus, como desejo ser amada! Sempre desejei. E sempre será assim, até que eu me torne uma velha senhora exaurida, sem nenhum apelo sexual!

Adele tentou rir.

— Não seja louca. James acha que a guerra estará terminada no próximo ano, com a França e a Bélgica já libertadas, Guam recapturada, e Churchill em Moscou. E há uma dúzia de outros fatos encorajadores. Tudo está se desenrolando depressa. Geoff estará de volta muito antes de você se transformar numa velha caduca, embora você possa ser uma "velhinha" de vinte e cinco anos quando ele retornar...

Lindsay teve que rir também.

— Desculpe-me, Del. Às vezes tenho idéias tolas. E tenho que admitir que as cartas de Geoff têm sido muito mais ternas ultimamente. Estamos quase voltando às nossas antigas cartas cheias de amor. Houve um longo período no qual não conseguíamos nos comunicar. Mas parece que está tudo bem de novo. Ele parou de se mostrar duro com papai. E se desculpou por ter sido tão áspero. E até me enviou rosas pelo meu aniversário. Está doidinho para me agradar, e naturalmente estou mais que desejosa de que tudo volte às boas.

Adele sentiu uma pontada de ansiedade. A impressão que tinha era de que Geoff estava se excedendo. Ela não duvidava do amor dele por Lindsay, mas, sabendo o que sabia, perguntava-se se aquela súbita mudança de atitude não seria fruto de um sentimento de culpa, além de carinho. Bem, aquilo não importava, contanto que eles se reconcilhassem. E mudou de assunto:

— Como vão seus pais e sua avó?

— Mamãe está bem. E papai... é incrível. Juraria que ele não mudou nada nestes vinte anos. Vai fazer cinqüenta e seis anos em agosto e poderia passar por um quarentão. O homem é um danado. Nem uma ruga ou um vinco. Gostaria de poder dizer o mesmo de mamãe. Ela é dois anos mais moça que ele e parece vinte anos mais velha. Preocupa-se demais com James e Geoff. Nós também, naturalmente, mas mamãe demonstra isso. E Gandy também. Claro, ela é realmente idosa. Que Deus a abençoe, já passou dos setenta e quatro.

— Isto não é idade demais nos dias de hoje, Lind. E Gandy sempre foi tão cheia de vida.

— Eu sei. Mas de repente ela *parece* velha. Não posso agüentar olhar para ela. Droga, esta guerra faz coisas terríveis com as mulheres!

— E com os homens também, querida.

— Eu sei. Temos um papel mais cômodo. Pelo menos assim suponho. Mas não tenho muita certeza se é menos duro para alguém ficar na retaguarda do que envolvido na guerra. É menos perigoso, claro, mas você pode morrer de tédio quase tão facilmente como por levar uma bala.

Adele sorriu.

— Você não morrerá de tédio. Nenhuma de nós morrerá. Tente ser paciente, Lind. Isso não vai durar muito. Mas ainda gostaria que você se juntasse a mim no AWVS. Você encontraria muita satisfação ali.

Lindsay moveu a cabeça negativamente.

— Sinto, mas não posso. Nasci para abelha rainha. Não daria certo tentar fazer de mim uma operária nessa etapa do jogo.

Quando se despediu de seu cunhado naquela noite de maio, Geoff se sentia ainda mais confuso do que antes de terem aquela conversa. James falara a sério, e sua sugestão era válida, e, como ele mesmo dissera, realista. Mas é algo tão terrivelmente frio fazer amor com uma mulher a quem não se ama de verdade. Estaria usando alguém. E seria tão injusto para ela quanto, ele sentia intimamente, para Lindsay. E não estava seguro de que poderia agir assim. Não quanto ao ato físico, mas emocionalmente. Estava com receio. Quanto a isso, James tinha razão. Não era o receio de não poder cumprir o ato sexual, mas sim de, apesar da resolução que viesse a tomar, ficar envolvido demais. Já vira isso acontecer antes. Rapazes que iniciavam um caso para se divertir e que terminavam por se apaixonar, vendo-se obrigados a escrever às suas esposas, explicando que tinham conhecido outra mulher e 'que desejavam o divórcio. "E se isso acontecesse comigo?", perguntou Geoff a si mesmo. "Eu me desprezaria. Magoaria profundamente Lindsay. E ela não merece isso."

Mas no instante seguinte ele se dizia que estava sendo ridículo. Era muito maior o número de aventuras que terminariam quando os soldados voltassem ao lar do que o de ligações permanentes, que causassem a ruptura das anteriores. Esses homens eram pessoas inteligentes, como James, que não simulava ser um santo. Deixavam claro desde o início que se tratava apenas de um entretenimento, que havia alguém em seu país à sua espera e que significava indo para eles. Se a garota não entendia isso, nada feito. Já ouvira outros oficiais conversarem a esse respeito. Havia mesmo falatórios acerca dos oficiais mais graduados. Nenhum deles se divorciaria de sua mulher. Estavam simplesmente buscando um conforto em meio às missões de vida ou morte que desempenhavam no momento.

Foi com essa disposição de espírito que Geoff teve, várias semanas depois, sua primeira conversa de verdade com uma jovem oficial inglesa chamada Pamela Schramm, a "Tenente" Schramm, solteira, vinte e dois anos, com uma tez bem britânica, macia e perfeita, e uma silhueta que nem mesmo um uniforme militar poderia dissimular. Por várias vezes, desde que fora servir no QG alguns meses atrás, ela tentara alguma intimidade com Geoff, mas ele se esquivara de modo brusco, sentindo talvez, já então, que ela era a primeira ameaça séria ao código que se auto-impusera.

Tudo começou muito inocentemente. Todos estavam jubilosos com o rumo que as coisas estavam tomando. Apesar das baixas sofridas, os Aliados tinham conquistado Orvieto e Cherburgo. Os russos haviam capturado cem mil alemães em Minsk, e alguns oficiais germânicos tinham tentado assassinar Hitler. No Pacífico, o Premier Tojo renunciara, e os japoneses haviam sofrido pesadas baixas na batalha do golfo Leyte. Eram bons prenúncios. Ainda havia um longo caminho a percorrer, mas o conflito certamente já estava chegando a seu fim, e ingleses e americanos mostravam-se francamente otimistas quanto à paz antevista. E entre eles se achavam Geoffrey e Pamela.

— Não é estupendo, Coronel Murray? A guerra logo estará terminada. Eu sei que vai acabar.

— Graças a Deus! E já não é sem tempo, para mim. Para todos nós. — Estava fascinado pela euforia da jovem. — Tenho certeza de que você será feliz. Provavelmente se casará e terá seu lar, certo?

— Oh, não tenho certeza quanto a isso, senhor. — Uma sombra cruzou seu rosto. — Eu estava noiva, mas ele foi morto no ano passado. Era da RAF. Seu avião foi abatido na Alemanha durante um dos ataques aéreos contra as represas do Ruhr.

Geoff sentiu-se desconcertado.

— Sinto muito.

— Eu também. Mas a vida continua, não é mesmo? Não adianta ficar me lamentando. Isso não traria Charles de volta. E não acho que ele gostaria que eu ficasse desolada. Ele era um homem muito vigoroso, coronel. Amava a vida. Nós todos a amamos, não?

— Sim, naturalmente. Ela é muito preciosa.

— Não tanto assim, coronel. O senhor e eu temos visto muitas delas serem desperdiçadas. Muitas vidas e muito tempo.

Geoffrey olhou-a incisivamente.

— Coronel, perdoe-me se fujo um pouco às normas, mas não se pode evitar ouvir certas conversas. Eu o admiro muito. Sua mulher é uma afortunada. Ainda assim, pergunto-me o que o torna tão mais forte que os demais. Desculpe-me por falar sem cerimônia, mas o senhor é um homem muito atraente e dizem... — Pamela enrubesceu. — Oh, meu Deus, não sei o que deu em mim, coronel. Eu lhe peço desculpas. Esqueci de todo o regulamento e a disciplina.

Ela estava com uma expressão tão embaraçada que Geoffrey acabou rindo.

— Devia levá-la à corte marcial, tenente, por tal quebra de etiqueta! Mas em vez disso eu lhe infligirei uma punição ainda mais severa. Gostaria de jantar comigo hoje à noite? Talvez possamos encontrar algum restaurante pequeno e sossegado e tentar ignorar o tilintar de copos sobre as mesas enquanto esses malditos nazistas continuam a enviar seus desagradáveis e pequenos foguetes V-2.

O riso emitido por Pamela igualou-se ao dele.

— Acho que é uma superpunição, coronel. Ficarei encantada.

Pamela era realmente encantadora. Alegre, relaxante, divertida, e nem um pouco leviana. Tornara-se evidente desde o início que Pamela tinha atração por ele. Não que ela fosse uma mulher fácil. Pelo contrário, era uma moça de boa educação e recatada. Mas a guerra afetara em algo aquelas garotas inglesas. Todas elas viam à sua volta tantas mortes e destruição, tanto sangue derramado e tanto sofrimento, que o código moral de suas mães e avós parecia-lhes tolo e ultrapassado. Cada dia era uma dádiva, cada momento uma bonificação. E alguém podia ser morto no segundo seguinte por uma bomba alemã. O que uma hora ou duas de êxtase significariam exceto esquecimento momentâneo e prazer para uma dessas jovens e o homem com quem os compartilhava?

Geoffrey, inteiramente consciente de seus sentimentos não revelados, sentia-se, não obstante, pouco à vontade. Sabia que poderia ir para a cama com Pamela naquela

mesma noite e que ambos apreciariam isso. Mas ela não deveria pensar nem por um momento que...

Eles conversaram, riram juntos e tiveram um jantar maravilhoso. E quando saíam do restaurante, Pamela, com uma franqueza que desarmou Geoffrey, disse-lhe:

— Aonde vamos agora, coronel?

Geoffrey começou a gaguejar como um adolescente.

— Eu... eu não sei. Isto é...

A franqueza da tenente fora desconcertante. Por um instante, ele pensou numa Lindsay mais jovem: "Case-se ou durma comigo ou eu encontrarei alguém que o faça". Aquela garota não lhe propunha casamento, mas era o mesmo tipo de sinceridade.

— Pamela, sabe que desejo fazer amor com você. Venho querendo isso a noite toda, mas você deve entender...

— Geoffrey, sei que você é casado. Precisa me lembrar disso? Sou alguém que se encantou com sua fidelidade. Se isso ainda permanece válido, tudo bem. Nada de ressentimentos. Mas se não... bem, tenho um pequeno apartamento. Pertence a uma amiga que foi para o Canadá com os filhos. Eu o uso quando me dá vontade. Charles e eu o usávamos. É bem confortável.

— Você e Charles? Não irá ser penoso para você? Não desejaria fazê-la lembrar tempos mais felizes.

— Ali não há outras lembranças senão as de amor. Se você quiser ir lá comigo, meu caro, ficarei encantada. E não precisa ficar preocupado imaginando que estará assumindo algum tipo de compromisso. Eu aceito o fato pelo que é realmente, sem outras implicações.

— Mas isso não parece justo para você. Sabe que tenho que voltar para casa um dia desses. Não gostaria de fazê-la sofrer.

— Oh, que é isso, coronel! Sou uma garota crescida. Não tenho uma grande vivência dessas coisas, mas sei alguma coisa. Conheço o seu tipo. Você é bom, generoso e leal, mas não o encaro como marido, e não chorarei quando você partir. Lembrar-me-ei apenas de como é gentil.

— Pamela, você é muito compreensiva. Muito especial.

— Nada disso. Sou muito egoísta. Preciso me apegar a alguém também.

Aquela foi a primeira de muitas noites plenas de contentamento. Pam era uma garota apaixonada, que se entregava toda, tão interessada no prazer dele como no seu. Ela lhe falou sobre sua família e o encorajou a falar sobre seus parentes e Lindsay.

— Seu sogro parece ser um patife.

— E suponho que é. Ou era. Eu costumava achar sua atitude inaceitável.

— E agora? — Pamela olhou-o com malícia.

— Ainda acho o mesmo. Isto é, ele não tinha razão alguma para ser... infiel. Tinha uma mulher bonita e boa companheira. Ele não necessitava de outras mulheres. Não sentia carência de sexo. Simplesmente precisava satisfazer seu ego.

— Certo. Um tolo. Mas isso deve ter sido duro para a Sra. Thresher. E para Lindsay.

Ouvir Pamela pronunciar o nome de sua mulher tão casualmente provocou em Geoffrey uma pontada de culpa. Já tinha sentido isso, naqueles últimos dias, não apenas por causa de seu caso com Pamela, mas porque aquilo que temera realmente parecia

estar a ponto de acontecer. "Estou gostando desta moça", ele pensou, aflito. "Ela está se transformando em algo mais do que simplesmente uma mulher com quem vou para a cama. Ela me compreende como Lindsay nunca o fez, aceita-me sem exigências ou críticas. Compartilhamos algo que sempre estará vivo: esta maldita guerra. Nós a vivemos com tanta intensidade que nunca seremos realmente capazes de esquecê-la." A palavra amor nunca fora pronunciada entre eles, mas Geoffrey sabia que ela estava presente. Eles estavam se apaixonando, e isso era ilusório, impossível.

Às vezes pensava em dizer a ela que aquilo deveria terminar antes de criar raízes. Antes que ambos fossem colhidos na armadilha de um afeto maior. Mas não conseguia tomar coragem para tal. Tocado pelo remorso, passara a escrever com mais frequência para Lindsay, cartas amorosas, e desprezava a si mesmo por sua hipocrisia, dizendo-se repetidamente que estava unicamente seguindo a sugestão de James e que Lindsay nunca saberia de nada. "Não estou roubando nada de minha mulher", era o que se dizia. "Estou apenas tentando sobreviver." Mas sabia que isso era uma mentira. Encontrara em Pamela o tipo de relacionamento amadurecido que nunca conhecera com Lindsay. Pam era dois anos mais moça que Lind, mas era uma eternidade mais velha em termos de sabedoria, serenidade e altruísmo.

Havia momentos, durante seu relacionamento sexual com Pam, em que ele, arrebatado, pensava em pedir-lhe que se casassem. Sabia agora que não desejava abandoná-la. A idéia de nunca mais tornar a vê-la, de nunca mais ouvir seu riso, de não sentir mais aqueles braços suaves em volta de seu pescoço, mergulhavam-no em total desespero. Mas era isso o que iria acontecer. Sabia-o e Pamela também. E a sua paixão era mais intensa justamente por causa disso. .

Com sua aguda percepção dos sentimentos dele, Pamela tinha consciência do que o atormentava.

Certa noite, ela disse:

— Não deve se preocupar, querido. O que estamos fazendo não é errado. É belo.

— Eu sei. É uma verdade, mas não se trata de pensar se está errado ou não. Não posso é suportar a idéia de ver nosso caso acabar.

— Não se preocupe com o amanhã.

— Mas como posso evitar? — E Geoff esqueceu todas as suas resoluções. — Eu a amo. Você sabe disso.

— Sim. Naturalmente. E eu o amo.

— Então como podemos deixar isso acabar? Como poderei ir para casa e fingir ser feliz quando estarei pensando em você a cada minuto? Como posso ser o tipo de marido que Lindsay merece quando minha mente e meu coração estão aqui com você?

Ela o acalentou em seus braços.

— Você se esquecerá, meu querido. Com o tempo isto será apenas uma lembrança tênue, mas bonita.

— Nunca. Nunca me esquecerei. E quanto a você? Poderá se afastar de mim tão facilmente?

— Facilmente não. Nem pense nisso. Mas inteligentemente. Sabíamos desde o começo o que era nosso caso e como terminaria. Nada mudou.

O rosto de Geoff estava contraído pela angústia.

— Mudou, sim. Tudo mudou. Nós nos apaixonamos.

Pam afastou-se dele e disse bruscamente:

— E nos separaremos. Eu me casarei com alguém, terei filhos e pensarei de vez em quando no meu adorável americano. Mas não morrerei de amor. E nem você. As pessoas não agem assim, Geoffrey. Elas vivem interludios e os deixam de lado para fazer aquilo para que foram destinadas.

— Meu Deus, como pode ser tão cínica sobre isso?

Ela riu e voltou a cair nos braços dele.

— E não é agradável para você que eu seja assim?

Capítulo 11

O pior de tudo para Lindsay eram os feriados. Não só a levavam a sentir falta de Geoff, relembrando outros dias de Natal e Ano-Novo, como a faziam entristecer-se ao ver os solitários reservistas na cantina. Pobres coitados. Tão distantes de casa e de todos que amavam. Tão assustados com o iminente momento em que embarcariam para o estrangeiro para serem alvos da morte que agia sem cessar. Ela lera acerca da ofensiva alemã nas Ardenas, em dezembro de 1944, a terrível Batalha do Bolsão, e sentira um autêntico alívio por seu marido não estar na frente de combate. Seu ressentimento quanto ao "confortável" posto ocupado por Geoff já passara. Nunca lamentara que seu pai tivesse feito gestões em favor de Geoff. Pensara diversas vezes em pedir a Howard para usar sua influência a fim de obter o desligamento de Geoff, mas não ousara fazê-lo. Se Geoff descobrisse que uma vez mais fora tratado com favoritismo, nunca a perdoaria. Mas ela se sentia terrivelmente só e quase constantemente deprimida naqueles dias. Pensara por vezes em esquecer seus problemas por algumas poucas horas, levando para casa um soldado bonito a fim de passarem uns momentos juntos. Deus sabia que as oportunidades eram muitas. Não se passava uma noite sem que algum daqueles rapazes lhe fizesse uma proposta amorosa. Mas ela ria disso, apontava para o seu anel de casamento e dizia:

— Ei, soldado, gostaria que sua garota fizesse isso com você?

Tudo parecia desolador e melancólico. Até mesmo a alegria exuberante que Adele irradiava era incômoda. Para surpresa de Lindsay, a amiga lhe disse que estava pensando em deixar o AWVS.

— Mas por quê, afinal? Pensei que adorava esse serviço!

— Adorava. Mas agora só estamos transportando feridos. Sinto-me envergonhada, Lindsay, mas não posso agüentar mais. Cada vez que vejo um daqueles rapazes sofrendo tanto, meu coração dói. E penso em James e temo por ele. Por esses dois motivos, não vejo como poderei prosseguir. Sei que é lamentável da minha parte, mas vivo mais apavorada a cada dia que passa.

— Não deve se sentir culpada, Del. Deus sabe que você tem cumprido seu dever. James seria o primeiro a compreender essa sua desistência, e ele odiaria que você se afliesse tanto por sua causa. Ele está indo muito bem. Veja como tem sobrevivido aos

perigos da guerra. Está há quase três anos na Nona Força Aérea dos EUA, desde que o transferiram da RAF. Ele leva uma vida fascinante.

— Espero que sim.

— Isso eu lhe asseguro.

Somente alguns dias depois ela recordou tais palavras e quase supersticiosamente lamentou tê-las dito.

O telefone tocou às oito horas de uma manhã enevoada e muito fria de janeiro. Por um instante, Lindsay não reconheceu a voz de sua mãe. Pauline mal conseguia falar.

— Lindsay, venha depressa.

Seu primeiro pensamento endereçou-se à sua avó.

— Que aconteceu, mamãe? Foi Gandy?

Pauline começou a soluçar.

— Não... trata-se de James. Acabo de receber um telegrama. Ele está... está...

Lindsay ainda se apegou a uma leve esperança.

— Ferido, mamãe? James foi ferido?

A resposta ergueu um muro de angústia.

— Ele morreu. James está morto.

Lindsay ficou gelada. Não. Não podia ser. Não James. Outros filhos e irmãos de pessoas conhecidas estavam mortos agora, mas não os de sua família. Não James. Tentou se recompor.

— Estarei aí em dez minutos, mamãe. Fique firme. Já estou indo.

Aturdida, ela emalou algumas roupas e se apressou a pegar um táxi. Graças a Deus ainda era cedo, pensou maquinalmente. Uma hora mais tarde não haveria nenhum táxi vago em Nova York. Todo mundo os estaria usando para ir para o trabalho. Sua mente parecia obscurecida, e ela procurou concentrar-se no que devia ser feito. "Tenho que telefonar para papai", pensou. "Tenho certeza de que ele ainda não sabe. E Adele. Oh, meu Deus, Adele. O que essa notícia irá causar-lhe? Todas as suas esperanças de felicidade apagadas agora pelas palavras terríveis escritas num pedaço de papel amarelo. E eu disse a ela que James levava uma vida 'fascinante'. E que ele ia sobreviver. É como se eu tivesse lhe dado azar." Pela primeira vez a consciência de que aquilo não era um pesadelo a acometeu, e ela teve vontade de chorar. Com determinação, conteve as lágrimas. Tinha que ser forte por sua mãe, por Gandy e por Del. Não podia ficar histérica.

Encontrou a mãe andando de um lado para outro na sala do apartamento, apertando com força o telegrama na mão direita. Gandy, sentada numa poltrona ao lado da lareira apagada, olhava fixamente para a frente, os olhos enxutos mas sombrios como a própria morte. Lindsay correu para Pauline e a envolveu em seus braços. O corpo de sua mãe tremia como se estivesse com calafrios. Por um longo instante as duas permaneceram aferradas uma à outra, sem nada dizer, até que por fim Lindsay desfez o abraço suavemente.

— Venha aqui e sente-se, mamãe. Já comeu ou bebeu alguma coisa hoje?

— Não quero nada — respondeu Pauline, movendo a cabeça.

— Mas você deve tomar alguma coisa. Pelo menos o café que vou fazer. — Lembrou-se de que a empregada só chegava às dez. — Vamos, procure comer alguma coisa, marnãe. Algo quente, que nos reconforte um pouco. — Como alguém podia se

comportar tão ridiculamente numa ocasião daquelas! Falando sobre comida quente quando a mulher à sua frente estava morrendo de pesar. E Gandy. Ela não tinha sequer falado ainda com a avó. Acercou-se dela então e ajoelhou-se ao lado da poltrona. — Você está bem, querida?

Sara fez que sim.

— Cuide de sua mãe, Lindsay. Faça com que ela se deite. Telefone para o médico. Ela precisa de um sedativo.

— Sim, é claro. Eu devia ter pensado nisso.

Como Gandy sabia se conter. Como era forte e inteligente, pensou Lindsay. "Sua dor deve ser tão terrível como a nossa, mas está determinada a não causar problemas. Seu primeiro pensamento agora, como sempre, se dirige aos outros."

Mas Pauline se recusou a ir para a cama. Também não permitiu que Lindsay chamasse o médico. Ela não o disse, mas estava se lembrando daquela ocasião, anos atrás, quando Carl Frampton morrera e Louise se esquecera de suas responsabilidades, deixando que sua filha ficasse aos cuidados dos Threshers. De algum modo, em seu estado de choque, Pauline associou aquela morte com a de agora. Tinha de permanecer de pé. Precisava cuidar de Lindsay, do modo como o fizera com Adele. Esquecia que elas não eram mais crianças, que James não era seu pai. Totalmente desorientada, começou a falar como se James tivesse se matado.

— Ele não queria fazer isso, você sabe — disse Pauline numa voz estranha, tensa. — Foi um acidente. Ele não abandonaria deliberadamente a mulher e a filha.

Lindsay e sua avó entreolharam-se, assustadas. Do que Pauline estava falando? Ela não estava chorando agora. Seus olhos estavam embaciados e ela parecia imersa em transe. Lindsay ficou apavorada. "Meu Deus", pensou, "mamãe está perdendo a razão. Acidente? Mulher e filha? O que estava ela dizendo?" Ela e Gandy olharam sem saber o que fazer por aquela mulher distante, que pronunciava cuidadosamente cada uma das estranhas palavras.

Foi Gandy quem reagiu primeiro. Ergueu-se da poltrona e disse baixinho para Lindsay.

— Chame o médico agora. — Então acercou-se de Pauline e segurou-a pelo braço suavemente. — Está tudo bem, querida. Foi um acidente. Ele não queria isso.

— Ele caiu, você sabe. Ele não saltou. Estava apenas tentando fechar a janela.

Sara compreendeu então. Pauline retornara a 1930. Era de Carl Frampton que ela estava falando, não de James. Sua mente tinha bloqueado a idéia da morte de seu filho.

— Temos que cuidar de Adele, Gandy. Ela está lá em cima, muito só. Você vai tomar conta dela, por favor?

— Sim, querida, eu farei isso. Não se preocupe.

— Tenho que ficar com Louise, você sabe. Howard não irá sequer se levantar da cama para ajudar.

— Está tudo bem. Daremos um jeito.

Lindsay voltou à sala de estar e disse que o médico estava a caminho. "Graças a Deus, ele mora no quarteirão vizinho", pensou Sara. "Podemos mantê-la entretida até o médico chegar."

— Lindsay me ajudará a cuidar de Adele, Pauline querida. Agora sente aqui um pouquinho antes de subir.

Lindsay olhou fixamente para a avó. Teriam as duas enlouquecido? Mas pelo menos Pauline consentiu em que a fizessem sentar-se numa cadeira. Recostou-se com ar fatigado e fechou os olhos.

— Por que eles são tão egoístas? — Parecia não estar falando com ninguém em particular. — Por que nos abandonam?

— Mamãe, o que...

Gandy interrompeu Lindsay com um gesto de cabeça de advertência.

— Assim está melhor — disse para sua nora. — Você se acalmará em poucos minutos. Lindsay e eu sabemos o que fazer.

— Ele não devia ter feito aquilo, você sabe. Foi uma coisa tola e perigosa para ser feita ali no escuro. Ele devia ter chamado alguém.

Gandy aproximou-se silenciosamente de sua neta e disse em voz muito baixa, para que Pauline não ouvisse:

— Ela está tendo alucinações. Foi o choque. Está confundindo a morte de James com a do pai de Adele.

— Como?

— Está tudo bem. Tenho certeza de que é coisa passageira. — Gandy tinha uma expressão triste. — Há algumas coisas odiosas demais para que a mente humana as aceite de início. Meu Senhor, por que isto? Por que James? — E a velha senhora enxugou os olhos. — Ele era um rapaz tão bom. Amava tanto sua mãe, e ela pensava que o sol nascia e morria nele. Em vocês dois. Oh, Lindsay, meu coração está doendo por ela.

Lindsay buscou a mão de sua, avó e segurou-a com força. Nenhuma palavra foi trocada.

Uma hora depois já fora possível levar Pauline a deitar-se e tomar um sedativo. Isso após ter sido convencida a ceder quase à força pelo médico. Com ar parado, na sala de estar, Howard Thresher lia e relia o texto do telegrama, como se não pudesse acreditar naquilo.

"Lamentamos informar-lhe que seu filho, major James Thresher, força aérea dos EUA, foi morto em combate em 1.º de janeiro de 1945, no heróico cumprimento de seu dever."

— Palavras! Malditas palavras vazias! Eles *lamentam!* O governo *sente* muito! Mas isso não trará meu filho de volta, trará? E não devolverá o equilíbrio mental à sua mãe.

— Papai, ela não está louca. O médico nos assegurou que após um bom repouso ela voltará ao seu natural.

— Seu natural? Ela nunca mais será a mesma. Não depois disso. Pode recuperar o equilíbrio emocional, pelo menos assim espero. Mas esse tipo de choque é algo de que alguém nunca se recupera de todo. Diabos, por que ela não o reteve? Por que o deixou partir?

Lindsay sentiu-se chocada, retrucando:

— Papai, não diga essas coisas! Você sabe que ela o teria retido aqui caso pudesse. E que diferença isso faria? Ele teria partido mais cedo ou mais tarde. Tal como Geoff.

— Pelo menos você teve o bom senso de me avisar a tempo sobre Geoff. Assim pude tornar as coisas mais fáceis para ele. E teria feito o mesmo por James se alguém tivesse tido a honestidade de me consultar!

— Já basta, Howard — disse Gandy com firmeza, como se ele fosse uma criança. — Não é hora para recriminações. Temos que superar isso juntos. Lindsay, e quanto a Adele? Telefonou para ela, naturalmente.

— Sim, Gandy. Irei vê-la assim que tiver certeza de que mamãe está bem.

— Pobre criança. — Sara suspirou. — Ela o amava muito.

— James era o único homem que ela jamais amou — disse Lindsay. — Meu Deus, não sei como poderei encará-la.

— Mas deve ir — falou Gandy. — Ela precisa de você, Lindsay. Você não é somente sua amiga mais querida, você é a irmã de James. Tenho certeza de que ela deseja vê-la mais do que a qualquer pessoa.

A caminho do apartamento dos Framptons (nunca conseguia pensar nele como o "apartamento dos Tamblins", mesmo após todos aqueles anos), Lindsay fazia votos de que a mãe de Adele lhe fosse de alguma ajuda. Mas tinha dúvidas. Louise Tamblin era uma mulher doente, e seu marido era um tipo rude, insensível. Por que afinal Adele continuava a morar ali?, perguntou-se. Ela devia ter sua própria casa. Os Tamblins não se importariam se ela se mudasse, mas por algum motivo Adele agarrara-se ao ninho. Errado. Ela deveria ter procurado outro lugar para morar, mas nunca parecera querer partir, a despeito da ausência de afeição que manifestava pelo padrasto. Agora é que ela nunca sairia de lá, pensou Lindsay. Teve o terrível pressentimento de que Adele nunca se casaria. "Ela será a filha solteirona típica, vivendo sempre em casa, mais tarde tomando conta de pais enfermos e idosos, dedicando sua vida a duas pessoas que não poderiam se querer menos. Ela será uma criatura patética e tola, vivendo da lembrança de um amor perdido que nem fora, na realidade, um amor completo. "Eu não a deixarei agir assim", decidiu subitamente Lindsay. "Não permitirei que ela morra com James. Vou insistir junto a ela até que comece a viver de novo como antes. Mas não vou querer que ela não se sinta pesarosa. Todos estamos desolados; mamãe e Gandy e Adele e eu. Mesmo papai. Ele foi tão duro com James. Mas o amava. Isso ficou claro em sua revolta esta manhã."

No instante exato em que entrou no pequeno apartamento emprestado e viu Geoffrey sentado, o rosto oculto entre as mãos, Pamela soube que alguma coisa terrível acontecera.

— Geoffrey, o que houve? Más notícias?

Geoffrey ergueu o olhar, e Pam notou que ele estivera chorando.

— Foi James. Meu cunhado. Morreu quando seu avião foi abatido sobre um maldito campo de pouso alemão no leste da França. Sua esquadrilha estava perseguindo os aviões da Luftwaffe em retirada. — Ergueu-se e se acercou do pequeno bar num canto da sala, servindo-se de uma dose forte de uísque. — Meu Deus! Que dizer disso? Ele era o melhor sujeito que já existiu. Decente. Civilizado. O primeiro a cumprir com seu dever. E agora, já tão próximo do fim...

Não havia nada a dizer. Abatida, Pamela retirou seu gorro e se deixou cair no sofá-cama onde costumava dormir.

— Solicitei uma licença de emergência, Pam. Não sei se irão concedê-la, mas devo ir para casa, pelo menos por algum tempo. Lindsay deve estar transtornada. E sua mãe também. E a pobre Adele. Estava noiva de James. Maldição! Ele era a pessoa mais sensível que já conheci. O melhor. — Fez uma súbita pausa. — Se não fosse por ele, eu não teria você. Foi ele quem me disse para...

— Para você procurar uma mulher. — Não havia nenhuma censura na voz de Pamela. — Muito inteligente da parte dele, querido. Ele entendia a natureza humana.

— Não quis dizer isso do modo como soou. Você não é simplesmente uma mulher qualquer para mim, sabe disso. Eu a amo, Pam. Detesto deixá-la, ainda que por uns poucos dias, mas preciso voltar.

— Naturalmente que precisa, querido. Tenho certeza de que lhe concederão a licença. Você deve ir. Estarei esperando por você aqui. Não se preocupe.

Geoffrey procurou sorrir.

— É a sua frase predileta. "Não se preocupe." Você pensa realmente desse modo?

Ela lhe devolveu o sorriso.

— Tenho que pensar assim, querido coronel. E você também. Não temos realmente nenhuma escolha, temos?

Lindsay mal pôde acreditar quando Geoff lhe enviou um telegrama comunicando que logo estaria em casa, de licença. Ele não podia dizer exatamente quando. Isso dependeria de quando pudesse obter carona num avião. Mas ela ficou contando as horas. A perspectiva do retorno de Geoff era o único foco brilhante em seu escuro mundo.

Sua mãe recuperara a lucidez e isso fora quase pior. Consciente do que acontecera, renovia-se pelo apartamento como um fantasma, quase sem dizer uma palavra, nunca sorrindo. Em breve o corpo de James seria enviado para sua cidade cercado de honras militares. A expressão de Pauline mostrou-se inexpressiva quando Howard lhe contou isso.

— Isso na realidade não tem importância — ela disse. — Ele morreu. O que resta não é James.

— Eu sei, minha querida, mas será de algum consolo para nós sabermos onde ele repousará para sempre.

Pauline não deu a impressão de tê-lo escutado, mas Lindsay sim, e estava surpresa e comovida com a paciência demonstrada pelo pai naqueles últimos dias. Após aquele seu desabafo de irritação inicial, ele se revelara um Howard Thresher que ela mal reconhecia: gentil, tolerante, infinitamente compreensivo com sua ex-mulher. "Acho que ele ainda a ama", devaneou. Como seria curioso que aquela tragédia os unisse de novo. Ela sempre esperara por isso, e desconfiava que sua mãe também sentia o mesmo. Talvez agora, ligados por aquele elo de sofrimento, eles encontrassem consolo um no outro. Se James pudesse saber disso, alegrar-se-ia. Apesar de toda aquela revolta contra o pai, ele gostaria de vê-los reunidos em paz. Talvez agora isso fosse possível. A morte do filho causara em Howard um sério efeito. E poderia levá-lo a ver um grande número de coisas sob uma nova luz.

"Se pelo menos mamãe correspondesse mesmo um pouco", pensava Lindsay. "Mas ela nem parece notar a presença dele. Ela mal se dá conta de qualquer um de nós. E Adele acha-se quase no mesmo estado. Uma zumbi. Um membro dos mortos-vivos."

Nada do que Lindsay fora capaz de dizer ou fazer pôde tirar sua amiga daquele rígido alheamento, igual ao de Pauline. Tinha sido triste e frustrante desde aquela primeira manhã, fazia agora uma semana, quando Lindsay fora ver a amiga. Adele estava em seu quarto, deitada. Sua mãe andava pelos cantos, tal como Lindsay calculara, chorando e torcendo as mãos, lamentando a terrível injustiça de tudo aquilo. Lindsay sentira vontade de esbofeteá-la. Aquilo não fazia nenhum bem a Adele. A amiga necessitava menos de consolo do que de algum tipo de tratamento de choque, e, por mais penoso que fosse, Lindsay acabou tendo de usá-lo.

Adele se negara a levantar-se; Lindsay sentara-se na beirada da cama, e, como passou a fazer diariamente, ralhava com ela em tom afetuosos.

— Del, sei como você se sente. É quase impossível agüentar. Mas tem de fazer força e ir em frente. Não pode mudar o que aconteceu. James não desejaria que você agisse desse modo. Ele amava sua vida, e você está sendo injusta com ele, recusando-se a retomar sua própria vida. Pensei que você gostasse dele o bastante para não desonrar sua memória deste modo.

— Ele não sabe, Lindsay.

— Como pode ter tanta certeza? Terá resolvido o mistério da vida após a morte?

Adele desviava o rosto, abatida, sem retrucar.

— E então? — insistia Lindsay — Resolveu esse mistério?

— Oh, Lindsay, pare com isso, por favor. Sei que está tentando me ajudar, mas não pode. Ninguém pode. Tudo terminou para mim. Não há nenhum futuro. Nunca haverá mais ninguém como James. Por favor, Lind, vá embora. Não me importo com o que me aconteça. Desejo apenas ficar sozinha.

— Para quê? Para que possa mergulhar em sua auto-piedade e arrastar nós todos com você?

— Não estou arrastando você para nada. Você é forte, Lindsay. Gostaria de possuir um décimo de sua força.

— O que está dizendo? O que sabe você sobre a minha disposição? O que todos pensam que eu sou, alguma espécie de borboleta de ferro? Meu Deus, Adele, há sempre um limite! Não posso dar apoio a você e mamãe e me preocupar com Gandy e tentar ocultar minha própria mágoa. Foi meu irmão quem morreu, lembra-se? Eu o amava também. Ele era meu ídolo, meu melhor amigo, uma das pessoas mais queridas para mim no mundo. Gostaria de ir para minha cama agora, também, e chorar e curtir minha dor, mas não tenho tido tempo porque vocês estão me sugando cada grama de estamina que tenho!

Pela primeira vez, Adele mostrou-se quase zangada.

— Você tem Geoffrey. Você sempre teve tudo o que desejou. Sei que perdeu seu irmão. Mas não perdeu seu namorado.

— E nem você. — E Lindsay fez sua voz soar deliberadamente dura. — Um romance de garota de colégio por correspondência, eis tudo o que teve, Del. Encare a realidade. Você e James nunca foram namorados de fato. Você nunca chegou a beijá-lo, exceto talvez uma lambi-dinha na face! Você o amava, eu sei. E no fim ele passou a querê-la. Mas isso foi um jogo de faz-de-conta. Certo, talvez algo viesse a acontecer se ele tivesse voltado. Ou talvez não acontecesse. Quem sabe como James se sentiria ao

ver você de novo? E quem sabe como você teria se sentido? Há coisas demais que nunca iremos saber, Del. As fantasias, temos que esquecê-las. Não adianta nada lamentar o que poderia ter sido. Você é jovem. Tem toda uma vida pela frente. Que diabo! Saia desta cama e recomece a viver!

Era como falar para um muro de pedra. Adele fechava os olhos e os mantinha assim até que Lindsay, exasperada, levantava-se e saía. Era penoso dizer coisas tão terríveis para a amiga. Era terrível feri-la daquele modo. Mas alguém tinha que fazê-la ver as coisas tais como eram, pensava Lindsay. Alguém tinha que salvá-la de si mesma.

Encorajada pela nova e paciente atitude de seu pai, Lindsay finalmente ousou apresentar-lhe aquele problema.

— Simplesmente não sei o que fazer — ela disse. — Deus sabe como posso imaginar o sofrimento de Del. Mas ela não pode ficar nessa apatia para sempre, papai. Tal qual uma heroína sofredora de um romance vitoriano. O que devo fazer? Quero ajudá-la. Sinto mais pena dela do que poderia descrever. Mas não consigo fazê-la reagir. Ela não deseja ser ajudada, eis a verdade.

Howard pareceu comovido.

— É terrível — assentiu. — Sempre gostei de Adele. Ela é como uma segunda filha para mim. Você, quer que eu vá vê-la, Lindsay? Acha que eu poderia ajudá-la?

— Eu ficaria agradecida a você se fizesse isso. Quero dizer, ir vê-la. Quanto à ajuda, tenho certeza de que ninguém pode ajudá-la. Mas ela sempre gostou de você também. É você é o pai de James. Você irá, papai? Detesto causar-lhe esse incômodo, mas já esgotei todos os meus recursos.

— Ficarei feliz em falar com ela, Lindsay. Não é nenhum incômodo. Eu ainda moro no andar de baixo, e, portanto, fica quase no meu caminho. — Franziu a testa. — Essa pobre menina. Seu pai se suicidou e agora seu noivo está morto. Suponho que a Sra. Frampton... isto é, Sra. Tamlin, não seja de muita valia nesses momentos. Bonita mulher, mas pouco inteligente, pelo que me lembro. Eu a tenho visto raramente nestes últimos anos.

— Ela não mudou, infelizmente. Ainda é incapaz e tola. Está fazendo mais mal do que bem a Adele.

— Está bem, irei lá hoje à noite e verei o que acontece. Pelo que você me contou, estou certo de que minha presença não lhe será prejudicial. — Olhou a filha afetuosamente. — Você é uma boa garota, Lindsay. Algumas vezes tem se metido em apuros, mas na essência é uma ótima pessoa. De tempera firme e generosa. Sinto orgulho de você.

Lindsay sentiu-se triunfante. Era o primeiro elogio verdadeiro de seu pai de que tinha lembrança.

— Acho que sou como você, papai — disse, quase timidamente.

Howard soltou um risinho.

— Muitos diriam agora: "Mas que disparate!" Sua mãe inclusive, receio. Seja como for, nós dois nos entendemos, gatinha, não é assim? Fazemos o melhor que podemos.

"Gatinha." Há quantos anos ele não a chamava assim? "Ele mudou", pensou de novo Lindsay. "Ficou realmente mais carinhoso." Sentia vontade de lhe dizer que desejava que ele e a mãe voltassem a viver juntos, mas não se atreveu. Não era assunto

seu. Ela não era uma criança que necessitava dos cuidados do pai e da mãe sob o mesmo teto. Mas ficaria feliz se eles se unissem de novo, pensou. "Somos uma meia família singular."

— Tem tido mais notícias de Geoffrey?

— Não. Espero apenas que a campainha da porta toque e ele entre.

— O que há, você sumiu com a chave dele?

Lindsay levou um susto e custou a perceber que ele estava brincando. O pai fazendo piadas? Que boas novas! Aquilo era uma nova realidade. Sorriu.

— Só espero que ele se lembre de como usar a chave. Já faz tanto tempo! Nem posso acreditar que ele esteja de volta. Desejo que volte para sempre, eis tudo.

Howard ficou pensativo.

— Bem, vejamos o que se pode fazer sobre isso. Não prometo nada, mas verei o que posso fazer.

— Oh, papai, fará isso? Será que vai conseguir?

— Não tenho a menor idéia, mas posso tentar. Apenas uma coisa, Lindsay. Em nome dos céus, não mencione isso a ninguém. Especialmente a Geoffrey.

Lindsay ergueu a mão direita.

— Juro solenemente. É algo com que você não tem que se preocupar. Aprendi minha lição.

Capítulo 12

Somente dez dias após a morte de James é que Geoffrey obteve sua licença e tomou o avião rumo a Nova York. Durante o voo, seus pensamentos se fixaram em duas mulheres: a esposa que o aguardava e a amante que deixara para trás. Fora muito penoso afastar-se de Pamela. Em poucos meses apenas ele se sentira mais íntimo de Pam, em muitos aspectos, do que de Lindsay, a quem já conhecia há tantos anos. Compartilhar o perigo aproxima as pessoas, cria entre elas um elo singular de compreensão que se faz tão forte como um compromisso matrimonial. Geoffrey estava contente por aquela separação de Pamela ser temporária. Quanto ao que aconteceria quando chegasse a hora de voltar para casa em definitivo, disso ele não tinha a menor idéia. Evitava pensar no momento em que teria que fazer a escolha decisiva. Não que Pamela esperasse que ele se divorciasse de Lindsay para casar-se com ela. Nem uma só palavra sobre isso fora trocada entre eles. "Mas essa idéia deve estar na mente de Pam, como está na minha", pensou Geoffrey. "Sei que é o que desejo", admitiu para si mesmo, "mas não sei se terei forças para fazer isso com Lindsay."

Preocupava-se, também, com o que sentiria quando visse sua mulher. Ainda a amava. Era possível, percebia, amar duas mulheres de modo inteiramente diferente. Lindsay tinha suportado muita coisa durante seu casamento: dois anos difíceis enquanto ele estava na universidade, e ires anos de solidão, estando ele no exército. Os atrativos físicos de Lindsay nunca deixaram de excitá-lo, mas tinham sido responsáveis por seu casamento apressado, um casamento que, ele sabia agora, não deveria ter acontecido.

Os dois eram crianças buscando a companhia um do outro. Em termos de companheirismo e entendimento, eles nunca tinham se harmonizado. Suas idéias sobre a vida e a felicidade eram de todo diferentes.

E no entanto Lindsay era leal e amorosa e, acima de tudo, inocente de qualquer suspeita de infidelidade conjugal, pensava Geoffrey. Sabia que ela o aguardava ansiosamente, crendo que ele era o mesmo Geoff com quem se casara. E ele não o era. Não era mais o colegial brincando de dono-de-casa, ou o publicitário esperançoso, satisfeito em conseguir clientes e fazer carreira na agência. Não estava seguro agora acerca da carreira que desejaria seguir, ou qual o tipo de vida almejado. Estava muito mais maduro, muito menos idealista. Mesmo o seu "cômodo posto" o enrijecera e o fizera sentir-se cioso de cada precioso minuto de sua vida. Não podia se imaginar retornando ao seu antigo mundo de festinhas, coquetéis e almoços no 21, aos ternos da Brook Brothers e às sugestões de anúncios publicitários para clientes abastados.

Não, não cogitara ainda sobre o que desejaria fazer, e no entanto intuía, com certo desconforto, que após aquela viagem poderia ficar sabendo o que *não* desejaria.

Tomou um ônibus para a cidade e depois, com alguma dificuldade, conseguiu um táxi que o levasse a seu apartamento. Seu e de Lindsay. Teve que compartilhar o táxi com duas outras pessoas, uma prática que o deixou surpreso. Esquecera que a escassez de táxis tornara o sistema de lotação permitido, mas isso não o incomodou. Chegou quase a agradecer pela demora, quando os passageiros tinham que saltar, como se desejasse protelar tanto quanto possível seu reencontro com a mulher.

O motorista, já de certa idade, mostrou-se tagarela e queixoso quando Geoffrey casualmente lhe perguntou como iam as coisas em Nova York.

— Não tem andado por aqui há algum tempo, hein?

— Não, estive servindo no exterior. Acabo de chegar de licença.

O velho atrás do volante deu um risinho de desdém.

— Vai encontrar algumas mudanças. Essa droga de fazer lotação, por exemplo. Você deve pensar que gosto disso, certo? Três corridas em vez de uma. Pois bem, deixe que lhe diga, companheiro, isso é uma amolação. Só dá confusão. Pessoas tentando pular para dentro do carro dos dois lados. Como animais. Diabos, tenho visto camaradas se pegarem a murros por causa de uma vaga. Até mesmo mulheres, trocando desaforos entre si e dizendo o diabo de mim por não obterem um lugarzinho neste carro. Mas eu não me meto nisso. Continuo simplesmente sentado e deixo que eles briguem. Isso pouco me importa.

Geoff sorriu.

— Mas você deve estar fazendo uma boa féria.

— Certo, mas para quê? O que se pode comprar? Os alimentos estão racionados e a gasolina também. Você tem que ter esses malditos cupões. Cigarros são difíceis de conseguir, a menos que você deseje ficar numa fila uma hora inteira, e depois eles lhe dão somente dois maços. Escuridão parcial. *Blackouts*. Exercícios de defesa antiaérea. Todo mundo amolando a gente para comprar esses malditos bônus de guerra. A cidade cheia de todo tipo de matutos. Dando-nos gorjetas de um centavo, pelo amor de Deus! Eu lhe digo, esta guerra é dura de agüentar.

Geoff começou a se sentir aborrecido.

— Se você acha duro isso tudo, que dizer dos rapazes que estão sendo mortos e feridos? Que dizer dos civis de outros países que mal têm o que comer e que vivem cada momento de suas vidas se perguntando se de repente alguma bomba irá destruir suas casas e seus familiares? Nós, deste país, temos muita sorte. Não sabemos o quanto é duro tudo isso.

— Ouça, cara, sou tão patriota como qualquer outro, mas não sou cego. Talvez não estejamos passando tão mal como os marujos ou soldados ingleses, ou os franceses, os italianos ou ainda os pequenos e malcheirosos chinas, mas não começamos essa guerra, começamos? Eles é que a arrumaram para si mesmos, esses bastardos idiotas, e nós bancamos o Tio Sam tolo, tendo de salvá-los de novo. Eu tive a minha vez na última guerra. A grande. A guerra que acabaria com todas as guerras, eles nos diziam. Que piada! Eu culpo por tudo isso aquele louco da Casa Branca. Esse louco do Rosenfeld. Este é seu nome verdadeiro, você sabe. Ele não admite ser judeu, mas. . .

— Pare o carro — disse Geoffrey duramente.

— Ei? O que há? Ainda estamos a seis quarteirões do...

— Sei onde estamos. Farei o resto do caminho a pé. Não quero compartilhar o mesmo carro com alguém tão fanático e ignorante como você.

O chofer freou o carro.

— Está certo, figurão. Claro que pode saltar. Você me deve um dólar, como marca o taxímetro.

— E é exatamente o que vai receber.

— E acha que me importo com isso? — O motorista voltou-se e olhou fixamente para Geoff. — Não preciso de sua maldita gorjeta, coronel. É isso o que você é, certo? Um coronel frangote. Provavelmente tem assistido à guerra sentado em algum lugar seguro, elegante e divertido. Aposto como tem tido todos os bons filés que deseja. E gasolina e pneus à vontade para andar namorando aqui e ali. E um bocado de madames para levar para a cama. Dispensio seus insultos, cara. Vocês, do exército, não perdem tempo em se preocupar com o que está acontecendo de volta ao lar. Vocês pensam que nós devemos beijar seus traseiros por vestirem uniforme. Bem, deixe-me dizer-lhe...

— Cale-se! Pare de dizer imbecilidades! — E Geoff jogou-lhe a nota de um dólar, abriu a porta do táxi e saltou, batendo a porta a seguir.

"Bem-vindo ao lar", pensou sombriamente quando caminhava pela 52nd Street. E então, de repente, parou e riu. Que estava acontecendo com ele, para deixar que um idiota brigado com o mundo o enfurecesse desse modo? Não era assim que agiam as pessoas diante dos que voltavam ao lar. Pelo menos as sadias. Estas apreciavam o que eles, soldados, estavam fazendo.

Então refletiu seriamente. "E o que você tem estado fazendo, Coronel Murray? Terrivelmente pouco. Não está trabalhando como fazia na Madison Avenue. Dispõe agora de bastante tempo para gastar com sua amante. E anda comendo e bebendo do melhor, como aquele chofer disse. Se você fosse James, teria tido o direito de se zangar com aquele motorista de táxi tolo. Mas a verdade é que as coisas têm sido mais fáceis para você do que para aquele sujeito vulgar e grosseiro." Sentindo-se deprimido, Geoff caminhou lentamente para casa, onde Lindsay estava à sua espera.

Quando ele abriu a porta, Lindsay voou para seus braços, meio rindo, meio chorando, cobrindo-lhe o rosto de beijos, chamando-o de "querido", "meu bem", "meu amor" e dizendo repetidas vezes como se sentia feliz por tê-lo de volta, como se orgulhava dele, e como era maravilhoso que pudessem estar ali juntos quando ela mais necessitava dele.

Geoff contemplou aquele rosto ansioso e se sentiu envergonhado. Ela o amava tão profunda, tão completamente, com todo o seu ser. "Graças a Deus, ela não pode ler minha mente", pensou. "Estou contente por revê-la. Realmente alegre. Eu a amo", se disse novamente. "Ela é minha mulher. Mas mesmo quando lhe retribuo os beijos, estou pensando em alguém mais. Não devia. Tenho que encarar as possibilidades. Esta é uma realidade: Lindsay e nosso apartamento e todas as coisas familiares. Quase me esqueci delas naquele outro mundo."

— Você deve estar exausto — ela disse finalmente. — Venha. Deixe-me tirar seu casaco. Sente ali em sua poltrona favorita e estique as pernas. Posso preparar uma bebida para você?

— Gostaria muito.

— Martini, imagino?

— Uísque e água, se não se incomoda.

Lindsay fitou-o com ar divertido.

— Meu Deus, como você ficou britânico! Presumo que você queira dizer "*scotch*", não? Você renunciou ao gelo, também?

Ele riu.

— Certamente. É curioso como se adquirem rapidamente novos hábitos.

— Nada se passou rapidamente nestes três anos. — Ela lhe entregou o copo de uísque e saltou para o seu colo. — Oh, Geoff, quanto tempo! Tem sido um inferno sem você. Sentiu falta de mim também?

— Que pergunta inteiramente desnecessária!

"Está tudo começando", pensou, aflito. As evasivas, as respostas esquivas. Mas Lindsay não parecia dar por isso. Encostou seu rosto no dele e suspirou de contentamento, alisando-lhe o cabelo carinhosamente.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Lindsay, meu bem, acabo de chegar!

— Eu sei, mas não desejo perder um minuto sequer. Por falar nisso... — E significativamente ela ergueu a cabeça e olhou na direção do quarto.

"Oh, Deus", pensou Geoff. "Naturalmente, ela deseja que nos amemos agora mesmo. Foi um período muito longo para ela." Não que ele não desejasse tê-la agora. Sentir o contato de seu corpo, o toque suave de suas mãos, a respiração apressada trazendo de volta os antigos desejos. O corpo de Lindsay podia proporcionar-lhe isso, não importando quão culpado ele se sentisse, ou quão falso soubesse ser. Reagiu como sempre tinha feito, e Lindsay riu cheia de alegria. Por um instante, ele hesitou.

— Meu bem, são duas horas da tarde.

— E daí?

— Tudo o que quero dizer é que... não devíamos dar primeiro alguns telefonemas? Devo dizer ao meu pessoal que cheguei. E ao seu também. E há ainda Adele...

— Ao inferno com eles. Geoff, você está em casa. Estamos juntos. Isto é um milagre. Mal posso acreditar! Deixe que os outros esperem. Que importância tem isso? Desejo você para mim, estar juntinho de você novamente. — Subitamente pareceu incerta. — Não é o que você quer também? — E buscou os olhos dele. — Não há nada errado, há? Quero dizer, achei que você estaria tão ansioso como estou.

— Claro que é isso o que eu desejo, menina. Pensei apenas. . .

Lindsay voltou a sorrir.

— Não *pense*, meu amor. *Aja*.

Para sua vergonha, ele percebeu que a desejava muito. Talvez aquele desejo fosse bom. Talvez fosse o começo das respostas de que necessitava. "Ou talvez", ele pensou, "eu seja exatamente igual aos outros homens, sempre desejando ter ou ser tido por uma mulher apaixonada.

"Mas esta não é simplesmente qualquer mulher apaixonada", lembrou a si mesmo. "Esta é minha mulher. Esta é Lindsay, que esteve esperando por mim e me quer."

Levantou-se, tomando-a em seus braços e levando-a na direção da cama de casal. Por um fugidio instante, pensou em Pamela e quase pôde ouvi-la dizer: "Eu compreendo, Geoffrey. De verdade". "Compreende, Pamela?", ele se perguntou. "Eu não tenho certeza de compreender. Por Deus, desejaria que sim."

Durante dez dias, toda noite, sem falta, Howard foi ver Adele. De início ele a achou tão alheia às suas visitas como se mostrara com Lindsay. Ela simplesmente sentava-se recostada na cama, com ar vago e dando respostas educadas durante a conversa. Howard sentia-se inábil e sem jeito. Não era bom naquele tipo de coisa, e, se não sentisse muita pena da jovem, não teria prosseguido com as visitas. Certamente nada parecia funcionar.

Ele também constatou por que sua filha tinha toda aquela aversão por Louise Tamlin, que vagava pelo apartamento com uma expressão trágica. E fora Louise quem vetara sua sugestão de que Adele poderia se sentir mais forte se se levantasse daquela cama e andasse um pouco, mesmo que não tivesse disposição de sair. Sugeriu *isso* à mãe da moça na terceira visita noturna, quando ela foi levá-lo até a porta e lhe agradeceu por ter vindo vê-las.

— Devia procurar realmente fazê-la sair do quarto, Louise. Não é bom para ela ficar ali deitada dia após dia. Meu Deus, ela vai virar uma sombra.

Os lábios de Louise torceram-se nos cantos.

— Ela sofreu uma grande perda, Howard. Posso apenas respeitar isso. Lembro-me de quando Carl...

— Eu sei que ela sofreu uma grande perda. Todos nós sofremos. E me lembro de seu caso, também. Mas não é a mesma coisa. Carl era seu marido, o pai de sua filha. E ele fez aquilo deliberadamente.

Louise piscou, e Howard se sentiu envergonhado.

— Sinto muito, não quis ser rude. Mas as circunstâncias na verdade são de todo diferentes. Além disso — frisou gentilmente —, ao que me lembro, você não ficou prostrada desse modo. Você seguiu em frente e fez o que tinha de fazer. Adele age como se quisesse morrer também.

Louise mostrou-se indignada.

— Está tentando insinuar que não fiquei arrasada com a morte de Carl? Você mesmo me viu, Howard. Estive perto de enlouquecer!

"Mulheres", ele pensou. "Por que, deliberadamente, distorcem o sentido de tudo? Além disso, ao que me recordo, Louise não precisou de muito tempo para se recuperar. Em menos de um ano estava casada com esse idiota do Tamlin. Do modo como Adele está indo, pode não sobreviver nem um ano. Nunca acreditei que as pessoas pudessem se afligir assim até a morte, mas aquela menina está dando um bom exemplo disso."

— Naturalmente que não quis fazer tal insinuação — retrucou Howard. — Sei que você ficou muito abalada com a morte de Carl. Esperava apenas que, tendo passado por essa terrível experiência, você pudesse ser capaz de ensinar a Adele o que aprendeu sobre a vida ter que seguir adiante.

Louise fez uma expressão tristonha de novo.

— Ela sempre foi uma menina estranha. Reservada. Quieta. Não creio que antes de James ela tenha jamais se interessado por um rapaz. Às vezes penso que ela não voltará a gostar de mais nenhum.

— Isso é tolice! — Howard estava realmente aborrecido agora. — Ela é uma bela moça. Inteligente, encantadora. Muito atraente aos olhos dos homens. Claro que irá gostar de um outro. Mas não enquanto ficar definhando naquela cama! — Moveu a cabeça com força. — Diabo, Lindsey tem razão. Todos temos que ajudar. Você, eu, Lindsay. Todos. Temos que livrá-la do estado em que está!

— Bem, Howard, tenho certeza de que todos estamos tentando.

Ele deixou de insistir.

— Sim. Naturalmente. Bem, voltarei aqui amanhã à noite.

O retorno de Geoff foi uma fonte de alegria para seus pais e para Gandy, também. Pauline tentou mostrar-se feliz, mas, a despeito de seu empenho em contrário, olhava para seu genro e se perguntava por que ele estava vivo e bem enquanto James estava morto. Que pensamentos terríveis! Ela não podia crer que se sentisse desse modo. Deus sabia que ela nunca desejara que algo acontecesse a Geoffrey. Gostava muito dele. "Mas amava mais meu filho", pensava tristemente. "Não posso evitar essa mágoa irracional. É chocante e assustador."

Procurara retribuir o abraço de Geoffrey com entusiasmo, mas só pôde passar flacidamente seus braços em torno dele e aceitar o beijo que lhe foi dado no rosto. Geoff percebeu o que Pauline estava sentindo. "Deve ser um inferno para ela", pensou, "me ver e desejar, a contragosto, que eu fosse James." Não ficava magoado com isso. Percebia a profundidade do pesar de Pauline e desejou que houvesse algo, qualquer coisa, que ele pudesse fazer. Naquele momento, soube que não poderia fazê-la sofrer mais ainda, magoando sua filha. "Não posso ser tão egoísta", pensou. "Essa pobre mulher. Primeiro um marido infiel, e depois a perda do filho. Seria desumano fazê-la presenciar a infelicidade de Lindsay, caso eu requeresse o divórcio."

Mas no instante seguinte, Geoffrey percebia que não poderia amoldar sua vida à conveniência de Pauline. "É somente em Lindsay que tenho que pensar. Lindsay e Pamela. E que Deus me ajude."

Ainda não sabia como se sentia realmente. Desde seu regresso tivera momentos apaixonantes de amor com sua mulher, e deles desfrutara com satisfação, sendo a

alegria amortecida somente pela culpa que sentia ao contemplar o rosto dela, sereno, imperturbável. "Estou representando o tempo todo", pensou, "exceto quando fazemos amor. Ainda sinto aquele êxtase com Lindsay. Mas estou agindo como se tudo ainda fosse o mesmo. Como se só fôssemos descobrir onde estamos assim que a guerra terminar. E não tenho certeza de nada. Ainda não estou certo."

Geoff teria ficado ainda mais perturbado se houvesse percebido que Lindsay o achava muitíssimo mudado. Ela não o disse a ninguém, mas estava inquieta. Aquele não era o mesmo Geoffrey. Algo acontecera com ele. Algo além da atividade militar. Oh, seu jeito de amar era maravilhoso como sempre. Quase mais maravilhoso, pelo que podia se lembrar. Mas por vezes, quando ele não se sabia observado por ela, parecia muito distante, como se seus pensamentos pairassem sobre algo ou outra pessoa. Ela não conseguia desvendar o que era. Na aparência, Geoff era o mesmo rapaz agradável, amoroso, gentil com quem se casara. Mas muito amiúde, quando ele estava distraído, parecia confuso e inquieto, como se estivesse ruminando algo profundamente. Pela primeira vez, sentiu um constrangimento, uma sensação de ser incapaz de sensibilizá-lo. Pensou em conversar sobre o assunto com sua mãe, mas seria impraticável. A própria Pauline se achava num outro e inalcançável mundo. E Gandy não devia ser incomodada com aqueles receios talvez imaginários. A velha senhora era forte, mas estava muito preocupada com a nora. O pai tampouco iria entendê-la. Tratava-se afinal de um tipo de coisa intuitiva, feminina. Ele iria se zangar e ir diretamente a Geoff perguntar-lhe o que estava se passando com ele afinal de contas, ou então não daria importância àquilo, julgando-o mais uma das idéias meio loucas de Lindsay. E isso em nada a ajudaria em seu propósito.

Por fim, desesperada para falar com alguém, decidiu confiar em Adele. "Deus sabe", pensou Lindsay, "que Del não está em condições de assumir meus problemas, mas, por outro lado, ela finalmente saiu daquela cama após uma semana. Talvez as visitas de papai tenham ajudado, afinal de contas. E talvez o fato de ter de se concentrar nos problemas de outra pessoa ajude Adele a sair de seu alheamento. Não lhe farei nenhum mal com minhas confidências. E tenho que tirar essas sombrias dúvidas de meu íntimo, contar com alguém que me diga que estou apenas nervosa e apreensiva por Geoff ter que partir novamente. E ele fará isso logo. Os esforços de papai para transferi-lo para Washington ou Nova York não parecem ter dado resultado. Ele reconhece que as coisas parecem tão tensas na Europa agora, que há muito pouca possibilidade de se remover algum oficial de lá."

No final da tarde daquele mesmo dia, sem avisar, Lindsay foi visitar sua amiga. Adele estava no quarto, mas vestida normalmente e sentada numa cadeira.

— Ora, ora, você está bem melhor! — Lindsay sorriu. — Salve! Quase não a reconheço vestida assim e arrumada de novo.

Adele sorriu levemente.

— Como vai, Lind? Como está Geoff? Foi tão bom revê-lo por alguns minutos na semana passada. Ele está ótimo. — Hesitou. — Quero que você saiba que sinto muito ter-lhe dito aquelas coisas outro dia. Não falei a sério, você sabe. Estava meio louca.

— Esqueça. — Lindsay atalhou as palavras da outra com um leve gesto de mão. — Em seu lugar, eu teria me comportado muito pior. E lhe disse algumas coisas rudes

também. Mas pensava que talvez pudesse sacudi-la, causar-lhe algum tipo de emoção, mesmo tendo que ofendê-la. Seja como for, fico contente em vê-la melhor. Soube que papai tem sido um visitante cortês e assíduo.

— Ele tem sido maravilhoso. É um homem de verdade, o seu pai. Até agora eu não o conhecera realmente como é. Tivemos agradáveis conversas, Lind. Ele é uma boa pessoa.

— Eu sei. Também o acho mudado, desde que James... isto é, penso que ele está muito mais tolerante e compreensivo.

— Ou talvez *nós* é que tenhamos mudado, Lind. Nunca fomos capazes de perceber qualquer sensibilidade nele quando éramos adolescentes. Agora que temos nossos próprios problemas... bem, talvez estejamos mais compreensivas. Ou, pelo menos, mais amadurecidas.

— Pode ser. Eu, porém, não tenho certeza se amadureci.

Algo na voz da amiga alertou Adele. Lindsay parecia tensa e impaciente. Estranho... parecia tão feliz há uma semana atrás.

— Lindsay, você está bem?

— Claro. Ter Geoff de volta é... oh, droga, não vou mentir para você, Del. Há alguma coisa errada. Só não sei o que é. Não poderia descrever-lhe nada de concreto. Mas sinto simplesmente que algo está acontecendo com ele. Está diferente.

— Passaram-se quase três anos, Lindsay. Ele tem visto um bocado de coisas terríveis. Você não pode realmente esperar que ele seja o mesmo de antes.

— Eu sei. Vivo me dizendo isso. Mas existe algo mais. Geoff está tentando ser ele mesmo. Nosso relacionamento sexual é formidável. Temos nos divertido e rido exatamente como costumávamos fazer. Mas às vezes o surpreendo olhando para mim como se eu fosse uma estranha, alguém que ele estivesse vendo pela primeira vez. Ou como se estivesse me comparando com outra pessoa. Não é meio louco? Sei que estou imaginando isso, mas não posso afugentar essa ansiedade. Ela está sempre presente sob a superfície.

Adele não retrucou, mas, como na manhã do ataque a Pearl Harbor, seu olhar involuntariamente se endereçou à escrivaninha onde ela guardava todas as cartas de James. Esse ligeiro olhar não escapou à atenção de Lindsay.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você?

Adele enrubesceu.

— Não. Por que essa pergunta?

— Eu a vi olhar para a escrivaninha e pensei que talvez houvesse alguma coisa ali que você quisesse que eu apanhasse.

E ficou à espera. Estava havendo algo, alguma coisa reveladora no modo como os olhos de Adele tinham se voltado para o outro lado do quarto enquanto ela, Lindsay, falava de suas preocupações. Por que Adele parecera tão sem jeito? Lindsay não tinha a menor idéia. Simplesmente intuía pela atitude inconsciente de Adele que aquilo tinha algo a ver com ela. Ou com Geoffrey. Ou ainda com ambos. E indagou de supetão:

— Del, você sabe de alguma coisa que não quer me dizer? Sobre Geoff, talvez?

A resposta foi veemente:

— Claro que não! O que poderia saber?

— Não tenho nenhuma pista. Mas quando eu estava falando, seus olhos voltaram-se diretamente para a escrivaninha onde sei que você guarda as cartas de James. — Uma suspeita de repente nasceu. — Ele escreveu algo sobre Geoff? É isso? Ele lhe contou alguma coisa? Del, se você sabe de algo que explique o que estou sentindo, por Deus, me diga! Você é a minha melhor amiga. Você me deve isso.

As mãos de Adele começaram a tremer, e ela as apertou com firmeza para evitar que Lindsay percebesse. Naturalmente que sabia do que se tratava. James lhe escrevera sobre o caso de Geoff com a garota inglesa. Ela podia lembrar-se de todas as palavras daquela carta, que logo se seguira à anterior.

"Minha querida, suponho que não deveria contar isso sequer a você, mas sua maravilhosa compreensão de meu conselho dado a Geoff me anima a fazê-lo. Ele conheceu aqui uma boa moça, e isso causou a mudança que eu antevia. Ele está mais calmo, mais capacitado a relaxar sua tensão emocional e a de Lindsay. Trata-se de uma coisa momentânea, nada que ameace seu casamento, mas é claro que Lindsay nunca deve saber disso. Espero que você não me veja como um perfeito canalha por ter levado o marido de minha própria irmã a dar esse passo. Por estranho que pareça, isso é tanto para o bem de Lindsay como de Geoff. Ele estava prestes a explodir de tensão e reagir mal às queixas de Lindsay (sim, eu imagino que isso é o que tem acontecido) de um modo que poderia vir a destruir a ambos. Não conheço a moça, mas Geoff me disse que é boa pessoa, muito calma e nada exigente. Não é uma 'destruidora de lares' em nenhum sentido dessa expressão. Ela simplesmente necessita de uma companhia também. Soube que ela está se sentindo tão infeliz como ele. Seu noivo foi morto em combate recentemente, e suponho que ela esteja tão perdida e solitária como Geoff. Queria que você soubesse disso, não para embarcá-la com essa confidência, mas para lhe dizer que, de modo estranho, isto é a melhor coisa que podia ter acontecido a Geoff e Lindsay. Ele voltará para casa como um homem mais afetuoso, melhor e mais lúcido por causa desse fato. Se eu não pensasse assim, você sabe que nunca teria estimulado essa 'traição' contra minha irmã."

Quando essa carta chegara, Adele tinha ficado chocada. Como James podia aprovar a infidelidade de seu cunhado? "Eu teria entendido isso melhor", ela pensara então, "se Geoff tivesse encontrado casualmente uma mulher para passar a noite. Mas que ele se ligue a uma moça, e solitária como ele, isso me parece uma rematada loucura. Ele irá acabar se envolvendo afetivamente", pensara. Era assim que tais coisas começavam. "Oh, James, por que você foi lhe fazer tal sugestão? Não sabe como os homens são vulneráveis, especialmente quando se acham a milhares de quilômetros do lar? O que fará você se isso destruir o casamento de Lindsay, ao invés de salvá-lo?" Mas não escrevera essas coisas a James. Em vez disso, respondera que estava certa de que ele tinha razão acerca de Geoff, e que rezava apenas para que a tal moça fosse realmente tão ponderada como parecia, e que Geoff tivesse equilíbrio suficiente para tornar aquele caso algo passageiro.

"Sou muito inexperiente nesses assuntos para poder opinar. Confio inteiramente em seu critério, meu amor, e me valho de seu conhecimento dos homens, já que os conheço tão pouco. Mas olhe por ele, James. Não o deixe cometer alguma tolice. Isso deixaria Lindsay arrasada, e eu nunca o perdoaria."

James respondera tranquilizando-a, e não tocara mais no assunto nas cartas seguintes. Ela procurara afastar aquilo de sua mente, sabendo instintivamente tratar-se de algo perigoso e, também, moralmente errado, apesar de todas as tentativas de James para justificá-lo.

E agora aquilo vinha à tona, pensou Adele, inteirando-se dos temores de Lindsay. "É aquela mulher. É o que está acontecendo com Geoffrey. Ele se apaixonou por ela. Lindsay pressentiu algo. Está sondando a superfície dessa revelação surpreendente que poderá explodir como uma bomba em seu rosto, destruir seu casamento e despedaçá-la ao mesmo tempo."

Lindsay estava olhando a amiga com desconfiança.

— Você sabe de alguma coisa, Del. Posso ler em seu rosto. Nunca soube mentir bem. O que sabe que eu não devo saber?

— Nada! Já lhe disse. Como poderia saber algo sobre Geoff? — Torceu para que parecesse convincente. — Lindsay querida, acho que você está uma pilha de nervos, preocupando-se com a próxima partida de Geoff. Tenho certeza de que você andou imaginando todas essas coisas. Para mim, ele parece o mesmo. Se soubesse de algo que pudesse ajudá-la, acha que não lhe diria? Você tem sido tão boa para mim. Todos vocês. Eu nunca esconderia algo de você se achasse que isso poderia resolver seus problemas.

"É uma verdade", pensou Adele. "Se achasse que contar-lhe isso a ajudaria, eu contaria. Mas, só viria a tornar piores as coisas. Não cabe a mim revelar o segredo de Geoff. Cabe a ele. Se, na verdade, seu envolvimento com a jovem inglesa tornou-se mais do que um derivativo para sua solidão e seus receios."

Pela primeira vez desde que soubera da morte de James, Adele percebeu que deixara de lado sua própria desgraça para concentrar-se na de uma outra pessoa. "Vou sobreviver", pensou com surpresa. "Pobre Lindsay. Tão perturbada. E com razão. Mas tenho com ela uma dívida de gratidão. Ela me fez pensar em algo além de mim mesma, pela primeira vez em várias semanas." E no entanto a responsabilidade de manter aquele segredo pesava-lhe muito. E se perguntou se era direito não contar a Lindsay o que sabia. "Não posso fazer isso, de modo nenhum. Nunca poderia ser eu a lhe contar. Nunca. Nem mesmo se ela vier a saber mais tarde e me odiar por não ter sido sincera com ela." E, com esforço, Adele tentou desviar os pensamentos de Lindsay para outras coisas.

— Como vão sua mãe e Gandy?

Lindsay sentiu-se sobressaltada. Não estava propensa a dar por encerrado o tema anterior, o de seus temores, e a brusca mudança de assunto feita por Adele a surpreendeu e a convenceu mais ainda de que sua amiga realmente sabia algo que não queria lhe contar. "Sim, é isso", pensou Lindsay. "Seja o que for, não vou insistir com ela. Simplesmente terei que descobrir do que se trata sozinha."

— Estão no mesmo. Mamãe está trabalhando. Isto é o melhor que posso dizer. Gandy não está bem, receio. Ela nunca confessaria isso, mas sei que está doente. Sei que não irá ao médico, aquela velha teimosa e querida. Penso que ela teme que isso piore o estado de espírito de mamãe. — Sacudiu a cabeça, prossequindo: — Elas não estão bem, Del. Mas pelo menos papai está ajudando, passando pelo apartamento para

vê-las quase diariamente. Nunca imaginaria que ele viesse a manifestar tanto interesse. Foi sempre tão pouco paciente com doentes nervosos. Não acreditava nem em que as pessoas pudessem ficar nervosas. Agora ele parece realmente compreensivo.

— Eu sei. Como já disse antes, ele tem sido a bondade personificada comigo. Além de você, Lind, ele é o melhor remédio com que eu poderia contar. Acho que finalmente me levantei por estar envergonhada de que ele me visse ali deitada naquela cama todas as noites. Ele ficou encantado por eu ter finalmente me movimentado um pouco. E, de fato, disse que irá me levar para jantar fora assim que eu estiver disposta a sair.

— Por Deus, eu espero que você faça isso! Você deve sair daqui, deste ambiente, e essa é certamente uma boa oportunidade. Papai será um bom acompanhante. Nenhum embaraço, nenhuma necessidade de aparentar o que não está sentindo como faria com alguém de sua própria idade. Isso será como sair com seu próprio. . . — e se interrompeu de repente.

Adele sorriu melancolicamente.

— Sim, como se eu saísse com meu próprio pai — concluiu. — Pergunto-me como isso teria sido. Você tem sorte de ter ainda seu pai. Embora divorciado, está sempre por perto quando você necessita dele. — Ficou pensativa um instante. — Você por acaso lhe disse algo sobre Geoff? Quero dizer, sobre o que você sente?

Lindsay riu.

— Deus me livre! Não é o tipo de coisa que se pode conversar com papai. Ele é um homem para o qual tudo é preto ou branco. Não há tons de cinza para ele. Pensaria logo que eu estou louca se lhe dissesse que estou preocupada e não sei o motivo. Ele pode ter mudado, mas não a tal ponto! No máximo, pensaria que sou uma mulher histérica. Ou seguraria Geoff pelo cangote e tentaria obter dele algumas respostas, o que não seria apenas inútil como provavelmente perigoso. Geoff já se ressentiu bastante por papai ter-se metido em seus assuntos. — Olhou seu relógio. — Puxa vida, já é tarde! Tenho que ir. Geoff vai me levar ao Stork Club esta noite.

— Formidável! Alguma comemoração?

Lindsay moveu a cabeça com tristeza.

— Lamento dizer, mas será um prévio *bon voyage*. Sua licença termina depois de amanhã. Sugeri que esticássemos a noite na cidade hoje e passássemos a noite de amanhã em casa a sós. Luz de castiçais, gravações de Glenn Miller, e eu em meu *négligé* transparente, preto e muito sexy. Parece um lembrete apropriado para que ele volte, não acha?

— Sinto muito, Lind. Mas pelo menos ele está vivo. Tente não se afligir. Tudo correrá bem para vocês dois.

O coração de Lindsay se enterneceu.

— Eu sei. Tenho certeza de que assim será. Del, sinto ter vindo aqui fazer tantas queixas. Você já tem muito com que se entristecer. Deve pensar que sou a garota mais mimada e egoísta deste mundo.

— Não. Gosto muito de você. Desejo que seja feliz.

— E você também. Temos apenas que dar tempo ao tempo, todos nós. Prometa-me que tentará fazer um pouco mais de esforço para tirar as idéias tristes de sua mente.

Deixe que papai a leve para um jantar de primeira. Pelo menos isso será um começo. Adele sorriu.

— Veremos. Talvez mais tarde, se o oferecimento ainda estiver de pé.

Sua última noite de licença foi tanto uma agonia como um êxtase para Geoff. Lindsay estava mais terna do que nunca, olhando-o com adoração por cima do castiçal aceso sobre a mesa da sala de jantar, mais tarde fazendo amor com ele, ardente e quase desesperadamente, e depois deitada a seu lado, a «cabeça pousada em seu ombro, sua mão apertando a dele.

— Não será por muito tempo, será, querido? Refiro-me à guerra. Papai diz que comentam que os alemães se renderão na primavera. E uma vez que isso aconteça, os japoneses terão que se render também.

Ele não pôde evitar um toque de ironia.

— Seu papai sabe mais das coisas. Estou certo de que está mais bem-informado do que eu, com todos os seus contatos de alto nível.

Lindsay não retrucou.

"Que canalha você é, Geoff Murray", ele se disse. "Ela ama o pai. Por que você tem que continuar a dizer coisas assim mordazes a respeito dele a toda hora? Droga, esse homem é bem-intencionado, presumo. Tenho que lhe dar um voto de confiança pelo modo como tem-se comportado desde a morte de James."

— Desculpe, Lind — disse então. — Isso foi inoportuno. Não sei por que me mostro tão rude com ele. Sei que está tentando apenas nos ajudar. E ele tem agido muito decentemente nestas últimas semanas com sua mãe e Adele, especialmente. Estou sendo injusto. Perdoe-me, querida.

— Está tudo bem. Eu entendo isso melhor do que você pensa. Você e papai entram em choque constantemente por serem muito parecidos. Vocês são pessoas fortes, independentes. Eis por que eu os amo tanto.

"Muito parecidos? Talvez o sejamos", pensou Geoff amargamente. "Os dois temos ludibriado nossas mulheres. Temos isso em comum. Mas com Howard a coisa nunca foi a sério. Aí está a diferença." Por várias vezes estivera prestes a falar com Lindsay sobre Pamela. Mas com que propósito, afinal? Ainda não tinha certeza se desejava o divórcio, e a menos que o desejasse não haveria nenhum sentido em contar a Lindsay algo sobre a outra mulher. "Outra mulher"? Era uma expressão vulgar para descrevê-la, ainda que ela fosse uma aventura comum que ele mantivesse em sigilo. Como Howard Thresher sempre fizera. Geoff detestava esse segredo, mas revelá-lo à sua mulher, a menos que quisesse casar-se com Pamela, era algo egoísta e cruel. Sua confissão iria fazê-lo sentir-se melhor, mas somente sofrimento traria a Lindsay. E no entanto, sentia-se desonesto, tanto com a mulher como com a amante. Fazer amor com uma e outra era enganar as duas. Meu Deus, que confusão! O que ele estava esperando? Alguma revelação celestial? Algum sinal que lhe indicasse o que fazer? "Espero as duas coisas", pensou com desgosto. "Você, seu estúpido e egoísta de primeira, desejaria poder ajeitar as coisas com ambas sem perder nenhuma das duas."

— Geoff? — Lindsay estava observando aquele rosto perturbado, mal discernível à luz fraca do banheiro, que tinham deixado acesa. — O que há? Sei que algo está acontecendo. Não pode me contar?

Essa era a sua oportunidade. Ela abrira a porta à confissão, mas ele não conseguia dar o passo à frente, receoso do que pudesse acontecer do outro lado. "Não. Ainda não. Pelo menos até que eu reveja Pam, agora que estive estes dias com Lindsay após tanto tempo."

— Não há nada, querida. Nada exceto o fato de que ficaremos longe um do outro novamente. É duro ficar sem você, Lind. Tudo se torna confuso. Para você também, eu sei. Não tem sido fácil, não é?

"O que estou esperando? Que ela confesse que também me foi infiel? É o que eu desejo ouvir?", perguntou-se Geoff. Pensou em James. "Como eu reagiria se Lindsay me contasse que dormiu com outro homem? Poderia me mostrar tão compreensivo como ousou esperar que Lindsay se mostre comigo um dia? Saber que não fui o único a errar aliviaria minha consciência? Talvez. O mais provável é que desejasse matá-la e ao homem com quem ela andou. Meu Deus, estou ficando louco! Não sei o que quero."

— Sim, tem sido difícil — estava dizendo Lindsay. — Tenho sentido tremendamente a sua falta. Confesso a você, querido, que algumas vezes me senti tentada. Mas não podia fazer isso com você, Geoff. Gosto demais de você.

— Eu... eu a teria perdoado, Lind.

— Teria? Suponho que o faria, meu querido. Você é tão maravilhoso. Mas nunca me teria perdoado. Posso parecer muito displicente, mas sou muito firme quanto a promessas. Prometi ser só sua, e não desejo quebrar essa jura. — Hesitou. — Além disso, fiquei escaldada desde criança, lembra-se? Vi o que a infidelidade conjugal causou à minha mãe e a meu pai. Aquilo liquidou com seu casamento. Mesmo que Clark Gable aparecesse diante de mim — disse ela, brincalhona —, eu lhe diria: "Não, amo meu marido".

"Você poderia *me* perdoar?", ele desejou perguntar. "Desse ponto de vista, presumo que não." Suspirou fundo, apertando-a contra si num gesto involuntário. Lindsay interpretou erradamente esse gesto.

— Sim. Faça amor comigo de novo, Geoff — ela sussurrou. — Seremos pessoas muito solitárias uma vez mais. Estas lembranças são tudo o que temos para viver.

Capítulo 13

Geoffrey retornou à Europa no final de janeiro, e lá pelos fins de março o médico confirmou o que Lindsay já sabia,

— Está grávida realmente, Sra. Murray. Há cerca de dois meses. Nós teremos um belo bebê em meados de outubro.

" 'Nós' devemos tê-lo realmente?", ironizou mentalmente Lindsay. "Mal teremos 'nós' um marido nessa ocasião. Ou sequer um bebê, se eu puder evitá-lo."

Aquela notícia era realmente a última coisa que ela desejava ouvir. Grávida! Sob outras circunstâncias teria se alegrado, mas agora não. Não desde duas semanas antes, quando ela descobrira tudo sobre Geoff e a mulher com quem ele estivera dormindo a partir do último verão.

Essa revelação ocorrera de um modo inesperado, e mais terrivelmente porquanto não somente deixara a nu a infidelidade de seu marido, como também causara-lhe uma decepção quanto à sua melhor amiga, e a destruição dos ideais que ela alimentara em relação a seu falecido irmão. Tudo no mundo estava podre, ela pensou. Não traria uma criança a esse mundo tão cheio de mentiras, fingimentos e cinismo. A humilhação a fazia sentir-se doente. James aconselhara seu cunhado a ter uma aventura barata. Adele sabia disso e deslealmente escondera dela o segredo. E Geoffrey. Vindo para casa de licença, fingindo dedicação, fazendo amor com ela quando mal acabara de sair da cama daquela mulher. Que grande tola ela fora! Soubera que algo estava acontecendo, mas afugentara isso da mente, convencendo-se de que estava imaginando apenas ver algo mudado em seu marido. E então, idiota e cega que fora, deliberadamente tentara engravidar enquanto ele estava ainda em casa, deixando de lado suas costumeiras precauções, ansiosa por ter seu filho. "Que piada de mau gosto", pensou Lindsay. "A única coisa por que devo agradecer é ter descoberto a traição dele a tempo de interromper a gravidez causada por esse covarde, esse hipócrita que julguei amar. Graças a Deus, papai me contou o que o idiota do Geoff estava me fazendo. Embora eu duvide de que meu pai agisse assim se pudesse imaginar que estou gerando um filho. Ele teria forçado Geoffrey a 'cumprir seu dever' se tivesse sabido que eu estava grávida. E isso é a última coisa que desejo: ver um homem forçado a permanecer a meu lado por esse motivo."

A revelação acontecera muito estranhamente, naquela noite, duas semanas antes. Seu pai lhe telefonara e a convidara para jantar. Lindsay aceitara, dizendo em tom meio brincalhão:

— Estou surpresa de que você tenha uma noite livre, papai. Adele me disse que vem jantando com você quase todas as noites.

A voz dele soara meio estranha ao telefone.

— Ela faz parte do que eu desejo conversar com você, Lindsay. Quero dizer que, indiretamente, Adele está envolvida nisso.

Mesmo então ela não se sobressaltara.

— Envolvida? Você faz tudo isso parecer um romance de capa e espada, acho eu. O que está acontecendo?

— Conversaremos sobre isso mais tarde. Pode me encontrar na Associação dos Banqueiros por volta de sete e meia?

— Certo. Aguardarei essa hora com prazer. Você é o meu segundo homem favorito.

Howard esperava por ela na entrada, e foram diretamente para a mesa do restaurante.

— Gostaria de beber alguma coisa, Lindsay?

— Acho que não, obrigada.

— Talvez fosse melhor tomar um drinque. As novidades que tenho para você não são muito boas.

Pela primeira vez ela se sentia assustada. Não podia ser algo que acontecera a Geoff. Seu pai não a convidaria para jantar se tivesse que lhe dar uma notícia dessas. Sua mãe? Gandy? Adele? Não, também. Ele não iria usar esse expediente para dar-lhe uma notícia alarmante, de emergência. Confusa, ela pediu um martíni. Howard já fizera o mesmo pedido.

Quando o garçom se afastou, ele olhou para a filha muito sério e disse:

— Nem sei por onde devo começar, Lindsay.

Ela procurou minimizar as coisas.

— Que tal começar com a verdade nua e desagradável? Qualquer que ela seja.

— Muito bem. Geoffrey está tendo um caso com uma garota inglesa. Isso vem acontecendo desde o último verão. Não sei se é coisa séria, mas achei que você devia saber.

Lindsay sentiu-se como se todo o sangue lhe fugisse do corpo. Como se tudo estivesse sendo sugado dela, deixando-a sem forças até para segurar o copo que o garçom pusera à sua frente. Olhou fixa e perplexamente para seu pai.

— De que está falando, papai? — Sua voz soou quase inaudível. — Isso não pode ser verdade. Ele teria me contado. E não disse uma palavra a respeito quando estive aqui.

— Eu sei. Talvez Geoff nunca desejasse mencionar isso, Lindsay. Pensei bastante se devia ou não lhe falar no caso, e não estou certo ainda agora de ter tomado a decisão certa. Mas, que diabos, não posso tolerar esse tipo de procedimento covarde! — E bateu com o punho na mesa. — Não deixarei que ele a faça de tola! Você me conhece, Lindsay. Sabe que me encontrava com outras mulheres quando sua mãe e eu estávamos casados. Mas nunca escondi isso dela. Nunca fingi. Não justifico a infidelidade, no meu caso ou no de outros. Mas pelo menos tinha respeito suficiente pela minha mulher para não traí-la às escondidas, fazendo dela alvo de ridículo.

Lindsay sentiu-se aturdida.

— Alvo de ridículo — repetiu. — É isso o que Geoff fez de mim?

— Num certo sentido, sim. O assunto deve ser comentado somente na base militar. Não se pode ocultar coisas como essa. E a tal mulher... Ela deve divertir-se pensando como eles estão levando à frente sua ligação sem você saber de nada. Geoffrey também, pelo que sei. — Howard estava furioso por causa dela. — Uma centena de pessoas na Europa devem saber do caso. Quanto tempo você acha que os comentários levarão para chegar aqui?

Lindsay estava trêmula.

— Como... como você soube?

Howard tinha uma expressão mais infeliz do que nunca.

— Adele me contou. Estou traindo sua confiança contando-lhe a história. Ela tentou me fazer prometer que não lhe diria. Suponho que Adele simplesmente não pôde suportar mais guardar esse segredo, mas foi minha a decisão de lhe contar tudo, Lindsay. Creio ser direito seu saber disso. Daqui em diante, qualquer que seja sua atitude, ela será tomada com pleno conhecimento dos fatos, pelo menos. Você pode preferir perdoar e esquecer. Ou não. Mas pelo menos, como sua mãe, você terá essa opção.

Lindsay mal ouviu as últimas palavras do pai.

— Então Adele sabia? E não me disse?

— Ela não queria fazê-la sofrer, minha querida. Ela soube, e ainda sabe, que isso é um desses derivativos, coisas do tempo de guerra, necessários para um homem afastado tanto tempo de sua mulher. Pelo menos, foi o que James argumentou com Adele.

— James? Ele sabia?

Howard suspirou, depois disse suavemente:

— James mais do que ninguém. Ele estimulou Geoffrey a fazer o que faz. Ele escreveu a Adele, contando-lhe como Geoffrey andava tenso, perturbado pela sua atitude, Lind. Como não significaria nada para seu marido ter uma pequena "diversão passageira", que somente reforçaria seu amor por você e ajudaria ambos a manter firme seu casamento. Sim, James o influenciou a procurar uma mulher como "terapia". Essa era sua teoria. E Geoffrey aceitou a sugestão. E Adele também acabou aprovando-a, já que sempre pensou que James era a coisa mais parecida com Deus. Só quando viu você na ocasião em que Geoffrey estava aqui de licença é que ela começou a ter sérias dúvidas. E quis falar com você, então. Você estava tão confusa e desassossegada, intuindo algo sem saber o quê. Mas Adele teve medo de que você ficasse arrasada. E decidiu que cabia a Geoff, não a ela, pôr tudo às claras.

Lindsay agarrava-se à borda da mesa. Pela primeira vez em sua vida pensou que ia desmaiar. As coisas pareceram nublar-se e girar à sua volta, mas ela se controlou até que aquela sensação de vertigem passasse e ela pudesse falar novamente.

— Eu nunca os perderei — disse por fim. — A nenhum deles. Foi uma conspiração. Todos eles rindo às minhas costas, tal como você disse.

— Um momento, querida. Adele não. Estava preocupadíssima com você. E, que Deus vele por sua alma, James também não. Talvez seu conselho fosse equivocado, mas quero crer, como Adele, que ele realmente pensava que você nunca viria a saber, e que Geoffrey se tornaria um melhor marido para você. Quanto a Geoff, o que posso lhe dizer? Seria o último dos homens a poder criticá-lo, como já disse. Todos nós estamos sujeitos às tentações da carne, querida Lindsay. Estou zangado unicamente porque ele não se mostrou homem o bastante para se abrir com você. Por não lhe dar a oportunidade de compreendê-lo.

— E por que pensaria ele que eu compreenderia? Mamãe não compreendeu.

Howard olhou-a como se ela o tivesse esbofeteado.

— Isso é uma verdade, suponho. Embora por muito tempo eu tenha pensado que ela reconhecia a diferença entre o que um homem sente por sua mulher e por sua amante. Fui culpado de muitas transgressões, e todas sem necessidade. Pelo menos, Geoffrey teve uma necessidade real. Vocês se achavam a milhares de quilômetros um do outro.

Lindsay disse com ar sombrio:

— Isso não foi culpa minha, foi? Se ele não teimasse tanto em ir para o estrangeiro, não teria tido essas "necessidades", como você as chama. E que diz das *minhas* necessidades, papai? Eu quase morri de ansiedade também, mas não fui dormir com um homem qualquer para satisfazê-la. — Riu, e seu riso soou frio e estranho. — Meu Deus, o velho padrão duplo. Ainda funciona, não é assim? De acordo com você, os homens podem trair suas mulheres, contanto que nunca levem seus casos a sério e tenham a hombridade de contar tudo a elas. Que sujeira, papai! As confissões desses homens são somente um meio de descarregarem sua culpa, tal como as suas, papai. O que você teria feito se mamãe tivesse dormido com outro homem? Eu lhe digo: você a teria matado. Oh, é muito fácil para os homens serem machos, mas é proibido a uma mulher ser algo mais que uma gatinha fiel. Foi assim que você sempre me chamou, lembra-se? Gatinha. Uma

bela, fiel e dócil bichana que tinha em casa. É como vocês encaram as mulheres, papai. Eis o que todos os homens pensam a respeito delas, incluindo James e Geoffrey!

— Não, minha querida. Não seja tão amarga.

— E o que afinal você espera que eu seja? Espera que eu agradeça a Geoffrey por me enganar? Ou a Adele por não ser amiga o bastante para me ter contado a verdade? Ou devo perdoar James, meu perfeito e maravilhoso irmão, por aconselhar meu marido a procurar uma mulher? Suponho que o único a quem posso agradecer é a você, papai. Pelo menos, você teve a lisura necessária para me contar o que os outros mesquinamente omitiram.

Howard ficou calado por um longo momento. Então disse:

— E agora, Lindsay? O que vai fazer?

— Não sei. Minha vontade é requerer o divórcio. Mas talvez não o faça. Talvez vá apenas viver a vida a meu modo, por enquanto. Talvez dê a Geoff uma dose de seu próprio remédio. Para ver se ele irá gostar quando descobrir que sua mulher está fazendo o que melhor lhe agrada com *seu* corpo, também!

— Lindsay, pare! Não diga essas coisas. Você não fala a sério.

— Não, papai? Espere só para ver. E lembre-se de dizer a Adele para escrever contando as novidades a Geoffrey, já que ela é o repositório de todas as confidências!

Howard sentiu-se alarmado.

— Não deve dizer a ela que lhe contei isso, Lindsay. Ela ficaria terrivelmente perturbada. Adele é uma moça muito boa, gentil.

— Naturalmente que é. — Lindsay mostrou-se irônica. — Minha melhor amiga. Querida, leal, patética Adele. Como uma irmã para mim. Ela se apressou logo a apoiar meu irmão nesta história toda, não foi? E "discreta" o bastante para não me alertar sobre o que estava acontecendo. Perturbada? Quem liga para o nervosismo dela?

Howard olhou para seu copo.

— Eu ligo. Preocupo-me muito. Saiba que pedi a Adele que se case comigo.

Por um momento Lindsay esqueceu seus próprios problemas.

— O quê? O que você disse?

— Pedi a Adele para ser minha mulher. Não pretendia dizer-lhe isso esta noite. Acabei dizendo sem querer. Não contamos a ninguém ainda, nem mesmo aos pais dela.

— Nós? Quer dizer que ela aceitou?

Howard fez que sim com a cabeça.

— Sim, aceitou. — Fez um gesto com a mão para que a filha se calasse. — Sei o que você ia dizer; que sou velho demais para ela. Cronologicamente, isto é verdade. Mas algumas vezes os anos não contam. Como se dá com todas as coisas, cada caso deve ser avaliado pelos seus próprios parâmetros. Adele é bastante madura para a sua idade. Nós nos damos bem, sentimo-nos felizes juntos. Ambos desejamos uma vida calma e boa. Farei todo o possível para torná-la feliz. Penso que conseguirei.

Lindsay estava perplexa.

— Papai, você logo estará com cinquenta e sete anos. E ela tem apenas vinte e quatro. Isso é ridículo! Mais de trinta anos de diferença! Meu Deus, você não liga para o que as pessoas irão dizer?

— Pessoalmente não. Você liga?

— Eu me preocupo com o que mamãe dirá. Não terá ela sofrido o bastante? Você ainda tem que humilhá-la desse modo, obrigando-a a ouvir as pessoas rirem e dizerem o que acham dessa mudança de vida? E que você é uma "babá de mocinhas"?

— Você parece se esquecer de que sua mãe e eu estamos divorciados há muito tempo. Não vejo como alguma coisa que eu faça possa causar-lhe embaraço.

— Está sendo tolo, papai. Não pode acreditar que uma jovem da idade de Adele possa realmente se enamorar de você. Não percebe? Ela sempre sonhou com uma figura paternal. Sempre. E finalmente encontrou essa reedição da imagem paterna.

Howard mostrou-se calmo ao retrucar:

— James era uma figura paternal? E ela queria casar-se com ele.

— Certo. E quando isso se tornou impossível, ela decidiu casar-se com o pai *dele*!

— Lindsay se pôs suplicante. — Não faça isso, papai. Por favor, não faça. Você se arrepende disso depois. Os dois serão infelizes.

— Não vejo nenhuma razão para que isso aconteça, Lindsay. Você pode me considerar senil, mas lhe asseguro que não o sou. Posso cumprir muito bem meus deveres conjugais.

— Estou certa de que sim — disse ela, com sarcasmo. — E provavelmente ainda pode oferecer ajuda e conforto a várias outras senhoras fora do lar, como você fazia quando estava casado com mamãe.

— Isso é quase injurioso.

— É mesmo? Não o bastante, penso eu, se atentarmos para essa sua lamentável idéia. Casar-se com Adele! É praticamente um incesto! Você sempre disse que via em Adele uma segunda filha. Porque, afinal, ela é mais moça ainda do que eu. É inconcebível!

Howard olhou-a com certa tristeza, mas mostrou-se inabalável.

— Sinto que você veja as coisas desse modo, minha querida, mas não vou alterar minha decisão. Adele tem bom gosto e inteligência. Será uma encantadora anfitriã e uma boa esposa.

Lindsay olhou-o com ironia.

— Não lhe ocorreu que poderia estar fazendo uma descrição de mamãe? Deve ser mesmo verdade que os homens voltam a casar-se com a mesma mulher, de certo modo. Adele é o que mamãe era aos vinte e quatro anos, presumo. Exceto que você não está mais com vinte e seis. — Sentia-se muito transtornada agora. — E quanto a *ela*, não sinto nada senão desprezo por sua figura de ratinho assustado, sem graça e melancólica como é! Ela nem sequer foi capaz de ser uma amiga de fato, muito menos será uma boa esposa! — Sua voz elevou-se, irritada. — E você? Terá mudado assim completamente, papai? Dessa vez você será um marido fiel? Ou Adele não será excitante também a ponto de agradar-lhe, depois de ter-se acostumado com a idéia de ser capaz de se casar com uma garota com a metade da sua idade?

Inesperadamente, Lindsay se pôs a chorar. Tudo aquilo fora demasiado para ela. Fora traída pelo marido, enganada por aqueles nos quais confiava. Seu casamento estava acabado, quer se divorciasse ou não de Geoff. E agora, aquilo. O caso revoltante de seu pai e Adele. "Ele é um velho sujo", pensou. "E eu estou perturbada. Por que devo me preocupar com eles? Não me preocupo realmente, exceto com o que mamãe sentirá,

e como Gandy sofrerá. Elas já sofrerão o suficiente quando souberem do que houve com meu casamento. E agora acontece isso." Tentou conter as lágrimas, e com o esforço lhe vieram soluços. Howard colocou um copo d'água à sua frente.

— Prenda a respiração e beba uns goles devagar, meu bem. — Falava como se ela fosse uma criança.

— Deixe-me em paz! — Atirou seu guardanapo sobre a mesa e se levantou bruscamente. — Quero ir embora!

— Sente-se, Lindsay. Você nem jantou ainda.

Ela estava ainda de pé, tentando aprumar-se, coisa impossível desde que a cada dez segundos um soluço a sacudia. As pessoas nas mesas próximas os olhavam com ar curioso.

— Vou para casa. Não me importarei se nunca mais voltar a vê-lo.

— Lindsay, você está fazendo uma cena ridícula. Sente-se e comporte-se direito.

— Vá para o inferno, papai!

Cada detalhe daquela noite espocava como *flashes* em sua mente enquanto ela se achava sentada diante do untuoso obstetra que acabara de lhe dar as "boas novas". Calmamente, Lindsay cruzou as pernas e acendeu um cigarro.

— Não quero ter um filho, doutor.

O sorriso alegre do médico se desfez.

— Acho que não entendi, Sra. Murray.

— Que há para entender? Quero interromper a gravidez.

Ele moveu a cabeça negativamente.

— Receio que seja impossível. A senhora é fisicamente saudável e mentalmente sã. De nenhum modo poderia recomendar-lhe um aborto.

— Não acho que haja tal dificuldade. Um psiquiatra pode atestar que dar à luz um bebê prejudicaria meu estado mental. E ele não estaria mentindo. Muito pelo contrário. Meu marido cometeu adultério e vou me divorciar dele. Ter um bebê agora, no auge dessa tensão, certamente me levaria a um colapso nervoso.

O médico voltou a discordar.

— Lamento os seus problemas domésticos, Sra. Murray, mas não vejo na senhora quaisquer sintomas de instabilidade emocional, e duvido que um psiquiatra conceituado também os percebesse. Não há nenhuma razão para que a senhora não possa ter um filho normal, saudável, e passar por todo o processo do parto sem quaisquer efeitos colaterais sérios. É uma infelicidade, naturalmente, o que houve com seu marido. Mas talvez agora, se a senhora levar em consideração essa criança que vai nascer, mude de idéia quanto ao divórcio. Muitos casais agiram assim. Muitas mulheres sentem a disposição íntima de perdoar um erro momentâneo em vista de uma notícia maravilhosa como essa.

"Você me faz sentir vontade de vomitar", pensou Lindsay. "Você e seus nojentos lugares-comuns. Provavelmente engana sua mulher também." Mas manteve uma expressão impassível. E olhou para ele, desorientada.

— O senhor é tão bom, doutor. Tão... compreensivo. Mas é impossível. Meu marido não me ama. Ele não iria querer esse filho.

— Como sabe disso, minha senhora? Disse a ele que desconfiava de que estava grávida?

— Não. Ele está no exterior há quase três anos. — A expressão assumida pelo obstetra a fez rir. — Sei o que está pensando, mas está enganado. Ele esteve em casa, de licença, em janeiro. O filho é dele, certamente. Não lhe fui infiel. — Seu olhar tornou-se patético de novo. — Por favor, ajude-me. Não posso ter essa criança.

— Sinto muito — o médico disse novamente. — Não há nada que eu possa fazer. Sem um atestado firmado por três médicos, a lei não permite o aborto.

Lindsay sentiu o rosto arder.

— Então terei que agir fora da lei, certo? Há médicos menos virtuosos que o senhor. Cobram caro, mas existem. Talvez, quem sabe, tenha a bondade de me indicar algum. Tem minha palavra de que nunca direi como soube desse médico.

— Sabe que não posso fazer isso, Sra. Murray. E nem sonharia em fazê-lo, em quaisquer circunstâncias. A senhora é uma mulher casada, jovem e sadia. Pode não ser conveniente para a senhora ter um filho, mas nada há que se possa a fazer a respeito.

— Claro que há. Não me diga que o senhor ignora os nomes de alguns médicos que fazem abortos.

O médico ficou muito sério.

— Não, não sei. Mas mesmo que soubesse, não enviaria *nenhuma* mulher a tal pessoa.

Lindsay ergueu-se.

— Muito bem, então encontrarei um sozinha. Não deve ser difícil numa cidade tão grande como Nova York.

— Por favor, Sra. Murray, eu lhe rogo...

Lindsay voltou-se e deixou o consultório sem mais palavras.

Era um desses raros dias de março, claro e ensolarado, com uma promessa de primavera. Quando se pôs a caminhar ao acaso na direção da Park Avenue, Lindsay sentiu o sol aquecer-lhe o rosto, mas no íntimo estava fria e temerosa. Apesar de suas palavras desafiantes, não tinha nenhuma idéia de onde encontrar um médico que fizesse aborto. Por onde começaria? Consultando amigas? Não sabia se alguma de suas amigas já recorrera àquela operação ilegal. Com quem poderia falar? Não com sua mãe, obviamente. Nem com Adele. Não falara mais com sua ex-amiga desde aquele jantar com seu pai. Adele tinha telefonado, e acontecera uma troca de palavras desagradáveis.

— Lindsay? Acabo de falar com seu... com Howard. Você está bem?

— Oh, estou ótima, como você bem pode imaginar.

— Sinto tanto. Sobre Geoff, quero dizer. Suponho que eu deveria ter contado tudo a você assim que soube, mas simplesmente não tive coragem. Tinha esperanças de que aquilo terminasse logo e você nunca viesse a saber. James pensava assim.

— Eu entendo — a voz de Lindsay soava friamente. — Foi muito bonito da parte de vocês protegerem Geoffrey desse modo.

— Não foi assim, Lind. Verdade. Essas coisas acontecem em tempos de guerra. Você sabe que elas acontecem. Não pode perdoá-lo? Tenho certeza de que ele a ama. Sei que aquela garota não significa nada para Geoff. Por favor, procure ver as coisas com

sensatez, querida. Não destrua seu casamento por causa de um equívoco. Lembre-se das circunstâncias em que isso ocorreu.

— Quanta amabilidade a sua preocupando-se assim comigo. Está falando como minha amiga ou minha futura madrasta?

Houve uma ligeira pausa.

— Gostaria de conversar com você sobre isso também.

— O que há para conversar? Não preciso ser formada em psicologia para entender você. Ou ao papai. Isso é coisa comum. Muito comum e muito vulgar.

— Lindsay, você não compreende. Eu o amo. Ele é bondoso e gentil, e me faz sentir segura.

— É mesmo? Que surpresa. Há dois meses estava morrendo de tristeza por causa de meu irmão. Que poderes maravilhosos de recuperação você deve ter, para se apaixonar loucamente de novo tão depressa.

A voz de Adele soou sufocada, mas ela se empenhou em dizer:

— Foi você quem insistiu em dizer que eu tinha que seguir em frente, Lindsay. Que eu estava desonrando a memória de James ao não querer reorganizar minha vida.

— Sim, está bem, eu disse essas coisas. Mas nunca imaginei que você fosse escolher meu pai como seu meio de cura!

— Isso é tão terrível assim, Lind? Nós dois estamos solitários e descomprometidos. Não é como se eu estivesse destruindo um casamento ou fazendo mal a alguém.

— Não creio que tenhamos alguma coisa a nos dizer, Adele. Eu realmente não desejo falar com você. Nem agora nem jamais.

E sem aguardar uma resposta, desligou. Adele não voltou a telefonar. E nem ela soube mais notícias de seu pai. Mas naquela noite Pauline telefonou.

— Suponho que você já saiba — disse Pauline sem mais preâmbulos. — Eu me refiro ao seu pai e Adele. Acabei de falar com ele.

Lindsay sentiu pena dela.

— Sim, mamãe. Ele me contou na noite passada. É uma vergonha! Como ele pôde fazer tal coisa? E ela. Eles estão loucos, os dois. Eu os odeio. Nunca mais falarei com nenhum dos dois novamente!

— Tinha receio de que você reagisse desse modo. Não deve, Lindsay. Sei que sempre sonhou que seu pai e eu ficássemos juntos de novo. Você nem precisaria me dizer isso. Eu podia ler em seu rosto, principalmente depois que James... Mas isso nunca poderia acontecer. Eu e ele nos apartamos muito. Você deve acreditar nisso. Nunca o desejei de volta. E ele nunca desejou voltar.

"Você mente, mamãe", pensou Lindsay. "De modo gentil e bonito, com a dignidade de sempre, mas isso ainda é uma mentira. Você ainda o ama. O que não deve estar sentindo intimamente?"

— Sinto muito, mamãe. Gostaria de ser mais tolerante, mas não sou. Não teria me surpreendido com o fato de papai se casar de novo. Isso eu admito. Mas se fosse com alguém apropriado, pelo menos! Alguém quase da sua idade. Mas Adele! É inacreditável!

— Se isso os faz felizes, deve ficar feliz também, Lindsay. Alegrar-se com que outras pessoas sejam afortunadas como você. Você tem Geoffrey. Não pode recusar a outros a oportunidade de fazerem um bom casamento.

"Então papai não lhe contou", pensou Lindsay. "Estou contente com isso. Um golpe já é o bastante para abalá-la. Não lhe contarei nada. Pelo menos até que eu esteja certa do que fazer."

Agora, atravessando a 79th Street, Lindsay ainda não sabia o que faria. Fora penoso ver sua mãe e sua avó e nada dizer-lhes acerca de Geoff, mas não tivera coragem. Não por enquanto. Não escrevera sequer para seu marido. Iniciara umas doze cartas, para depois rasgá-las todas. Logo ele se perguntaria por que ela não lhe escrevia. "Talvez Adele venha a lhe contar por quê", pensou amargamente. "Ela parece muito boa nessas intromissões em meu casamento."

Nervosamente, voltou a concentrar-se no problema mais imediato. O que iria fazer a respeito daquele filho indesejado?

Pamela observou-o atentamente. Ocorrera uma mudança em Geoff desde a sua volta, há dois meses. Parecia mais pensativo, mais inquieto. Pam desejara, sinceramente, que o reencontro dele com a mulher o levasse a se decidir de um modo ou de outro. Naturalmente, esperava que tal decisão resultasse a seu favor, que Geoff sentisse que queria a ela e não a Lindsay. Amava-o profundamente. Mas aceitaria a outra opção, se fosse necessário. Tudo era melhor do que essa indecisão. Acentuara-se desde a sua partida, e estava acabando com ele. E com ela também. Não podia suportar vê-lo sofrer. Preferiria renunciar a Geoff, por mais terrível que fosse.

"O que nos aconteceu?", Pam se perguntava. "Pensamos que podíamos iniciar esse caso e encerrá-lo com o tempo. O amor surgiu entre vocês, sua tola", ela mesma se respondeu. "O que começou como um casual 'Vamos esquecer nossos problemas' evoluiu para algo terrivelmente importante, algo com que não sabemos lidar", ela pensou.

Quando Geoff voltara àquele apartamento pela primeira vez após algumas semanas, ela se pusera à sua frente, com um lindo olhar e um sorriso de boas-vindas. Geoff a abraçara e beijara.

— Senti sua falta.

— Estou feliz. Eu também senti muito. Como vão as coisas por lá? — disse Pam.

Geoff encolheu os ombros.

— A mãe de James está muito abatida. A namorada dele, Adele, também. E Howard está brando como jamais o vi antes.

Pamela esperou um pouco e então disse calmamente:

— E Lindsay?

Por um instante, ele evitou encará-la.

— Está muito sentida com a morte do irmão, naturalmente. Mas... tem a mim. Ficou feliz com a minha visita. — Voltou a fitar Pamela. — Nós fizemos amor, Pam. É difícil dizer-lhe isso.

Pamela sorriu.

— Querido, você pensa realmente em mim como uma criatura tão espiritual? Claro que você a amou. Eu esperava que o fizesse.

— E não está com ciúmes?

Como ele era infantil!

— Ciúmes? Sim, sinto ciúmes, mas é um pouco ridículo de minha parte, não é? Ela é sua mulher. Após quase três anos, ela certamente contava com isso.

Geoff assentiu com a cabeça.

— Não consigo dizer a você como me senti. Envergonhado, realmente. Como se estivesse sendo infiel a você. Mas eu quis, Pam. Isto é o pior. Eu a desejei também. Meu Deus, que tipo de animal eu sou? Não tenho mais controle sobre mim mesmo!

Pam tentou minimizar a situação.

— Você é humano. E generoso. Que há de tão assustador nisso?

— Não, não sou bom. Sou um maldito covarde. Durante a viagem para lá, pensei contar a ela sobre nós. E não pude. Deixei-a pensar que tudo estava muito bem. Que eu era seu marido carinhoso, fiel, sob todos os aspectos. Simplesmente não consegui ter forças para falar sobre você.

Pam ficou calada. Finalmente observou:

— E o que teria dito a ela, Geoff? Que nos amamos? Que você deseja o divórcio? Ou teria feito simplesmente uma honrosa confissão? — Não havia nenhuma censura em sua voz, nenhum traço de sarcasmo. Ela desejava sinceramente ouvir respostas, mas desconfiava de que ele não tinha nenhuma para dar. Sua indecisão confirmava isso.

— Não sei. Não sei o que poderia ter-lhe dito. Sei que amo você. Gostaria de obter o divórcio e casar-me com você. Mas as mesmas velhas indagações me perseguem: Como posso magoar Lindsay? Como posso ser egoísta e indiferente? E aquele não era o momento de ser cruel. Realmente não era, não logo após eles terem sabido da morte de James.

"Magoar Lindsay?", Pamela desejava perguntar. "E quanto a *meu* sofrimento? Pare com isso!", ordenou a si mesma. "Ele lhe disse que a ama e quer casar-se com você. Isso basta por ora."

— Querido, você está de volta. Isto é tudo o que me importa. Não vamos nos preocupar com o futuro. Vamos deixá-lo para lá. Ele virá, de qualquer maneira.

Geoff abraçou-a com mais força.

— Oh, Pam, eu a amo. Sabe disso, não sabe?

Ela o apertou estreitamente.

— Oh, claro que sei, seu grande tolo! — Riu. — Vocês, americanos, Deus os abençoe! Tenho ouvido falar de sua... como a chamam mesmo?... sua consciência da Nova Inglaterra. Suas "culpas remanescentes dos puritanos". Isso o torna muito cativante, você sabe. Muito nobre, completamente diferente do nosso ponto de vista do Velho Mundo, já gasto. É muito revigorante, na verdade.

Ele olhou-a atentamente.

— Não brinque a respeito disso. É muito sério.

Pamela ficou séria.

— Sei disso, querido. Sei muito bem. Você fará a coisa certa, Geoffrey. Qualquer que seja sua decisão final, será a mais acertada.

Capítulo 14

Com a passagem dos dias, Lindsay foi ficando mais inquieta. Não encontrara ainda um médico, e três meses, ela sabia, era o limite máximo em que poderia abortar com alguma margem de segurança. Seria arriscado em qualquer prazo, mas ainda mais depois disso. Além do mais, ela sabia, nessa fase o bebê ainda não estava suficientemente desenvolvido como pessoa. Depois, seria como roubar uma vida. Como se uma mão invisível a guiasse, ela se pôs a caminhar até a cantina dos soldados certa noite. Não ia ali há algum tempo, e uma das moças que conhecera no local cumprimentou-a, surpresa.

— Ora, ora, quem estou vendo aqui. Seja bem-vinda, Lindsay. Os rapazes têm sentido a sua falta.

Particularmente, Lindsay não gostava de Marge Baldwin. A despeito daquela camaradagem superficial na cantina, Lindsay nunca procurara relacionar-se socialmente com Marge. Era um esnobismo de sua parte, presumia. Marge era uma moça bastante simpática, mas de pouca instrução. Era garçonzete, dada a ouvir e contar histórias picantes em meio aos soldados e marinheiros, uma garota robusta, desinibida e vestida com exagero, que Gandy classificaria como uma moça "muito sem-cerimônia". Aquela boa e adorada feiticeira, pensou Lindsay. No entanto, tinha que admirar Marge. Depois de trabalhar o dia todo de pé numa lanchonete, Marge ainda tinha bastante disposição para vir à cantina e dançar e pilheriar com os rapazes, fazê-los sentir-se bem-vindos e estimados. "Ela faz mais por eles do que eu", pensou Lindsay. "E que Deus a abençoe por isso."

Sorriu para Marge e disse:

— Não tenho sido muito cumpridora de meus deveres ultimamente, eu sei. É uma desconsideração de minha parte, mas acontece que meu marido esteve em casa, de licença.

— Que diabo, você esteve fazendo sua parte em favor de um homem de uniforme — brincou Marge. — Deve ter sido bacana tê-lo de volta, ainda que por pouco tempo. — Marge tinha um olhar melancólico agora. — Meu homem está lá também. Naturalmente, ele é apenas um NCO⁷.

— Não sabia que você era casada.

— Não sou. Sam e eu vivemos juntos há cinco anos, mas acho que nunca nos casaremos.

Lindsay perguntou, curiosa:

— E por que não?

— A família dele é muito religiosa. Ortodoxa. Se ele se casasse com uma moça não-judia, isto mataria sua mãe. Enquanto ela viver, Sam não fará isso com ela.

— Entendo. Sinto muito.

— Ora, está tudo bem. De certo modo, respeito Sam por isso. Houve uma época apenas em que me senti irritada, mas dei a volta por cima. — Sorriu abertamente para

⁷ Soldado raso. (N. do T.)

Lindsay. — Eu estava grávida então, e no começo achei que Sam devia se casar comigo. Presumo que ele me atenderia, mas eu sabia que Sam ficaria com remorso de magoar sua mãe. — Ficou pensativa. — Sempre tive a impressão de que você me vê como uma garota leviana, Lindsay. Está enganada, caso tenha pensado assim. Eu me divirto com os rapazes, finjo ser sexy, mas sou fiel àquele tolo que está na Europa. Eu o amo, e gostaria de ter tido aquele filho dele. Talvez um dia ainda o tenha. Não desejo má sorte a ninguém, mas a mãe dele não pode viver para sempre, pode?

Lindsay escutava-a apenas em parte.

— Não — disse com ar ausente —, ela não pode. — Fez-se uma pausa incômoda antes que Lindsay dissesse: — Marge, posso lhe fazer uma pergunta muito pessoal?

— Claro. Diga.

— Você obviamente teve que abortar, já que não podia ter um filho de Sam. Onde você fez... quero dizer, como encontrou um médico?

A moça mais velha olhou-a, desconfiada.

— Há sempre meios — disse prudentemente. — Por que você quer saber? Está precisando de um?

Lindsay confirmou com a cabeça.

— E deseja livrar-se do bebê? Por quê, em nome de Deus? Ele não é de seu marido?

— É dele, sem dúvida. Mas ele não sabe, e não desejo que saiba. Nós... não nos damos bem, Marge. As coisas não vão indo bem entre nós. Não é ocasião de acrescentar um filho ao nosso casamento. — Não ia contar a história toda. Não podia admitir para uma quase estranha que Geoff se ligara a outra mulher. — Será que você não poderia me ajudar? Dê-me apenas o nome do médico, é só. Não direi quem me informou. Ficaria muito grata a você.

Marge olhou-a, preocupada.

— Não sei não, Lindsay. Um aborto não é brincadeira. De fato, é uma coisa brutal. Talvez até demais para uma moça como você. Não irá a um hospital, você deve saber. A coisa é feita na casa ou apartamento de alguém, num cômodo comum. E se houver complicações, é um inferno sair delas. Os hospitais desejarão saber onde você fez a coisa, quem é o médico, toda essa confusão. Eu tive sorte. Não sofri hemorragias, mas algumas mulheres as têm. Meu Deus, não sei. Detesto dar essa indicação. Especialmente a você. Você é casada. Pode permitir-se ter um bebê. Talvez isso a aproximasse de novo de seu marido.

— Não. Não posso ter esse filho. Não o terei. Por favor, você é a minha única esperança. Não sei a quem recorrer.

— Deixe-me dar um telefonema.

Marge voltou alguns minutos depois e disse que estava tudo certo. Um médico de Nova Jersey faria a operação por setecentos dólares, pagos adiantadamente.

Lindsay sentiu uma mescla de emoção: alívio por ter encontrado milagrosamente o que buscava, quando já estava prestes a desistir, medo ao pensar naquele procedimento ilegal, e uma pequena pontada de remorso por não poder ter o filho de Geoff. Se ao menos as coisas fossem diferentes. Se ao menos ele a amasse e desejasse manter seu

casamento e ter aquele filho. Ela ainda o amava, percebeu. Zangada, sentida, ofendida como estava, ele era o único homem a quem já amara.

— Obrigada, Marge. O que tenho que fazer?

— Sua consulta será depois de amanhã. Tomaremos um ônibus até Newark. A coisa toda levará menos de uma hora, e então acompanharei você de volta a seu apartamento e passarei a noite lá. Você vai necessitar de alguém a seu lado, por precaução, nas primeiras vinte e quatro horas.

Lindsay estava surpresa e encantada.

— Fará tudo isso por mim? Marge, não posso exigir...

— Não se comporte como uma mártir. Afinal, você não pode ir sozinha. Depois da operação estará fraca como se tivesse sofrido uma lavagem. E se houver um contra-tempo, que Deus não o permita, quem estará a seu lado? Você vai dizer à sua família?

— Não, mas...

— Nada de "mas", garota. Você é uma garota legal, Lindsay, ainda que não seja muito inteligente. Encontre-me na Penn Station, quarta-feira, às nove da manhã. Tomaremos o trem ali.

— Mas por que de trem? Não podemos tomar um táxi? Não me preocupo com despesas.

Marge olhou-a fixamente.

— Queridinha, tenho certeza de que pode comprar até uma limusine, mas a coisa não funciona desse modo. O "doutor" não irá querer que um táxi estacione perto de sua casa. Tomaremos um trem, depois um ônibus, saltaremos dois quarteirões antes e iremos a pé. Na *ida*, tudo bem. Na volta é que se torna mais duro, mas não podemos evitar isso.

Lindsay mostrou-se assustada.

— Teremos que pegar um ônibus na volta, também?

— Bem, talvez tenhamos a sorte de encontrar um táxi perto do ponto de ônibus, mas não posso garantir. Ouça, Lindsay, tem certeza realmente de que quer fazer isso? Já lhe disse que é uma coisa ruim sob todos os aspectos. O médico é formado, de verdade, mas não é nenhum especialista da Park Avenue. Agirá com rudeza e rapidez, e tudo na moita. O cara pode ir para a cadeia, você sabe. — Marge exclamou, zangada: — Malditas leis! O que faz as pessoas pensarem que podem acabar com o jogo, a prostituição e o aborto simplesmente colocando-os na ilegalidade? Deus, quando penso em quantas mulheres morrem nessas mesas de operação improvisadas, chego a... — fez uma brusca interrupção. Que toupeira ela era! Lindsay já estava assustada com a sua situação e ela ainda tornava as coisas piores. — Não digo que você vá morrer. Estará em boas mãos. Esse cara conhece seu ofício. Não é como alguns desses carneiros que nem médicos são. São médicos como ele que evitam que pobres mulheres que não dispõem de setecentos dólares tenham que fazer aborto em mesas de cozinha. Ou senhoras sem nenhum dinheiro tentem fazer sozinhas a coisa com cabides ou agulhas de tricô. — Estremeceu. — Pelo menos você terá o melhor que se pode arrumar. E vai se sair bem.

Lindsay passou dois dias terríveis antes de se apresentar na estação ferroviária quarta de manhã. Mal conseguira dormir. Não era somente a idéia da operação que a assustava. Apesar de sua decisão, ela tinha escrúpulos em terminar com aquela vida em seu ventre. Será que não teria sempre um sentimento de culpa terrível por esse ato de

egoísmo? Acreditava ser seu direito tomar tal decisão sem consultar Geoff. Sentia que nada devia a ele em razão de sua conduta infiel. No entanto, perguntava-se como ele se sentiria se soubesse que ela estava destruindo seu filho. "Não me incomodo", pensava teimosamente. "Esta... coisa que carrego dentro de mim nunca deveria ter sido gerada. Foi produzida com tanta alegria da minha parte. Mas que dizer de seu pai? Como se sentiu, fazendo amor comigo e sabendo que havia outra mulher aguardando a sua volta? Ele é insensível demais para se preocupar com algo tão 'trivial' como um bebê que nem chegará a nascer. Ele nem sequer se preocupa comigo." Deu de ombros e tentou sorrir para Marge, que a esperava. Durante a longa viagem mal pronunciou uma palavra, e ao caminhar para a casa do médico sentia-se como se estivesse seguindo para a sua própria execução. Não tinha a menor idéia de onde estava. Achava-se sozinha com aquela mulher a quem conhecia apenas ligeiramente, indo ver um médico cujo nome ela nunca ouvira e cujo endereço não lhe fora mencionado.

Tudo o que conseguiu dizer durante a caminhada foram umas poucas palavras de agradecimento a Marge. Lindsay não podia esquecer sua bondade, e procurava expressar-lhe sua gratidão. Marge atalhou:

— Ora, você é como uma criança grande, e seria uma loucura deixá-la fazer isso sozinha.

— Mas vir comigo... ter a extrema bondade de fazer-me companhia... Não sei como posso lhe pagar tudo isso.

— Talvez eu esteja apenas retribuindo o que alguém fez por mim. — Marge estava meio misteriosa. — Ou, quem sabe?, talvez o doutor me dê uma gratificação de seus honorários. Afinal, você sabe, isso pode ser um bico para mim, indicar pacientes para ele.

— Não creio nisso. Sei que você está sendo simplesmente maravilhosa. Talvez esteja retribuindo algo. Isso não me surpreenderia. Talvez eu possa fazer o mesmo por alguma outra mulher desesperada, algum dia.

Venceram o resto do caminho em silêncio, Lindsay atordoada pelo medo. Subiram os degraus da escada de uma casa pequena, de aspecto muito comum, e foram introduzidas numa sala de estar de mau aspecto, com móveis muito usados e estampas baratas na parede. Tudo ali era anônimo, leio e tinha um odor acre e de mofo, como se o local não fosse limpo há muito.

A mulher que as atendeu usava um vestido caseiro e rolinhos no cabelo. Lindsay supôs tratar-se da mulher do médico.

— Ele atenderá num instante — disse ela lacônicamente, e retirou-se.

Em poucos minutos o médico aparecia. Era um homem baixo, troncudo, com uns fiapos de barba. Vestia um jaleco branco sobre as alças do terno, e não sorriu ao olhar para Marge e Lindsay.

— Qual das duas é a paciente?

— Sou eu — disse Lindsay quase sem voz.

— Você trouxe ò dinheiro?

Ela abriu a bolsa e lhe estendeu as notas. Notas pequenas, como Marge lhe indicara, e o médico contou-as meticulosamente antes de voltar a falar.

— Está certo. Venha comigo, Sra. Smith. Você aguarda aqui — disse para Marge. — Ela logo estará saindo.

— Não posso entrar com ela? Acho que se sentiria mais calma.

— Não há necessidade disso. Nós cuidaremos dela. Está pronta, Sra. Smith?

Lindsay se levantou. Teve a sensação de que seus joelhos não a sustentariam. Respirou profundamente e assentiu.

— Por aqui — disse o médico, indicando-lhe um aposento anexo.

Havia ali uma mesa de operação, e o instrumental estava colocado ao lado, numa mesinha. Do outro lado via-se uma cabina com cortinado. O médico entregou a Lindsay uma bata de hospital já usada.

— Dispa-se da cintura para baixo — disse ele. — Pode deixar suas coisas ali dentro.

Lindsay aquiesceu obedientemente e, segurando a bata, acercou-se da cabina oculta pela cortina. Então, devagar, tirou os sapatos, a saia e começou a puxar a liga para tirar as meias. Suas mãos tremiam tão intensamente que ela mal podia afrouxar a liga. "Está tudo bem", tentou dizer a si mesma. Em poucos minutos, conseguiu tirar as meias. E então viu aquilo. No tamborete onde ela deveria colocar suas peças de roupa, estava uma grande barata. Lindsay olhou fixamente, com horror, para o inseto. O que, em nome de Deus, estava ela fazendo naquele pequeno quarto sujo, preparando-se para permitir que seu corpo fosse violado por um médico mal-asseado e ávido por dinheiro? Colocou a mão nos lábios para abafar um grito. Por alguns instantes ficou imóvel, o olhar fixado naquele repelente inseto, o coração batendo furiosamente.

— Sra. Smith, está pronta? Tenho outras pacientes à minha espera.

Ela ouviu tais palavras e soube que não podia fazer aquilo. Não podia degradar-se desse modo. Não podia deixar aquela criatura tirar seu bebê. Esqueceu seus próprios receios. Só conseguia pensar naquela criança que não deveria ser destruída naquele ambiente sórdido. Nem em qualquer outro, decidiu. Nem mesmo na clínica mais autêntica e esterilizada poderia ela negar aquela evidência de seu amor por Geoffrey. Mesmo que nunca mais voltasse a vê-lo.

Lentamente, tornou a vestir-se e voltou para o local da operação. O médico olhou-a com ar aborrecido.

— O que há com a senhora?

— Sinto, mas mudei de opinião.

— Tolice. Está apenas assustada. Não vai doer. Eu lhe darei uma pequena injeção e...

— Não — declarou Lindsay. — Quero ter meu filho.

Ele olhou-a com desagrado.

— Bem, não posso lhe devolver o dinheiro. Você cancelou a consulta.

— Isso não importa. Bom dia, doutor.

Marge escancarou os olhos quando viu Lindsay.

— O que aconteceu?

Lindsay mal podia falar. Aquilo fora muito desagradável, mórbido.

— Eu estava enganada, Marge. Não pude ir adiante. Sinto que você tenha tido todo esse trabalho por nada. Quero ter meu bebê. Entendi isso quando estava ali dentro. Não porque estivesse apavorada. Soube apenas que não estava em mim fazer aquilo. Por favor, perdoe-me por ter tomado seu tempo nessa coisa absurda. Você deve pensar que sou doida.

O rosto da outra se iluminou.

— Doida? Nada disso. Doida eu pensava que você *estivesse*, ao pretender livrar-se da criança! Lindsay, estou muito contente. Por Deus que estou. Você tentou se convencer a fazer algo que na realidade não desejava. Eu *tive* que abortar. Não tinha escolha. Mas seu caso é diferente. Você tem sorte, e seu bebê também. — Passou afetuosamente o braço em volta dos ombros de Lindsay. — Vamos, vamos sair daqui. Vou fazer você pagar algo por esta viagem, contudo. Pode me pagar o almoço mais caro na cidade — e riu, feliz. — E macacos me mordam se pelo menos uma vez na vida não aproveitar isso muito bem, pois não terei que servir o almoço!

A viagem de volta à cidade foi bem diferente da imaginada horas atrás. "Talvez seja uma tolice", pensou Lindsay, "decidir ter esse bebê, que terei que educar sozinha, mas ele já é precioso para mim. Será uma menina", decidiu. "Nenhum filho homem para mentir e enganar mulheres e fazê-las sofrer. Nenhum macho fanfarrão para ir pomposamente para a guerra se, Deus não o permita, tiver que haver uma outra. Embora ame os homens, mesmo aqueles que me são próximos e que têm sido infiéis e arrogantes. Amo Geoff", pensou novamente. "Eu o desejo de volta a despeito do que ele fez. Não tenho pensado a sério em todas as coisas que tenho dito ultimamente. Não posso ser negligente, nem destituída de emoções a respeito de meu corpo, do modo como falei a papai que seria. Equaciono sexo com amor, como faz a maioria das mulheres.

"E não me divorciarei de Geoff. Não ainda, de modo nenhum. Nada há a fazer senão ir levando este período da minha vida. Aguardar, observar e ter esperanças."

Voltou-se para Marge.

— Estive pensando no que você me disse há dois dias. Talvez você tenha razão. Talvez um filho aproxime Geoff de mim. Sei que ter um filho para salvar um casamento é incorreto, mas não fiquei grávida por tal motivo. Menti para você, Marge. Quando meu marido voltou, pensei que as coisas estivessem bem conosco. Só recentemente vim a saber que ele andava com outra, na Europa.

Ela se perguntou por que de repente parecia tão importante fazer essa confidência. Talvez porque não tivesse realmente amigas íntimas, pensou. Não depois de Adele. E franziu a testa. Mesmo sua atitude a respeito de Adele devia agora ser reexaminada. O que, afinal de contas, ela tinha feito? "Procurou unicamente me proteger da revelação do caso amoroso de Geoff", pensou. Quanto a seu casamento com papai, isto é realmente da minha conta? Que complexo freudiano me fez ficar tão zangada com Adele e papai? Estava enganada sobre Adele. Irei vê-la e pedir-lhe desculpas. Ela ficará tão contente, principalmente com o bebê que vou ter."

— Mamãe, vou ter um bebê.

— Oh, Lindsay, que notícia maravilhosa! — Pauline estava radiante. — Geoffrey já sabe? Para quando será?

— Outubro. E, sim, ele já sabe. Escrevi-lhe na semana passada.

— Ele deve estar eufórico!

Lindsay conteve um sorriso amargo. Não confidenciara à sua mãe os seus problemas, e seu pai tivera o bom senso de manter a boca fechada, também. Dava graças a Deus por isso. Especialmente agora, quando pretendia ajeitar as coisas com Geoff. Ela lhe escrevera uma longa carta, desculpando-se por seu silêncio, dizendo-lhe que andara

muito ocupada com seu trabalho em prol dos soldados. Era uma desculpa pouco convincente, mas ela não pudera encontrar uma justificativa melhor. Contara-lhe todas as novidades: o casamento de seu pai com Adele, o estado de saúde precário de Gandy, que tanto preocupava a todos, porque ela parecia estar realmente perdendo seu apego à vida. A carta não fazia referência à outra mulher. Fora difícil escrever de modo alegre e afetuoso, como se o fizesse a um marido dedicado, mas, desde que decidira tê-lo de volta, Lindsay sabia ser esse o melhor caminho.

"Querido, reservei a notícia mais maravilhosa para o final. Você será pai em outubro! Está tudo bem. O médico diz que sou saudável como um puro-sangue e que teremos um grande e vigoroso pimpolho. Como desejaria ver seu rosto enquanto está lendo isto! E, mais ainda, como tenho rezado para que essa maldita guerra termine e que você já esteja de volta, em tempo de paz, quando, na sala de espera da maternidade, fumando um cigarro ansiosamente, ouvir o médico dizer: 'Coronel Murray, o senhor tem agora uma bela filha'. Porque deverá ser uma menina. Tenho um pressentimento de que será assim. Sei que os homens costumam querer um menino, mas você me entenderá, como sempre, não é mesmo?"

Assim, agora, você tem mais motivos ainda para se cuidar bem e apressar sua volta. Não contei ainda a mamãe, a papai e a Gandy, mas eu o farei, agora que você já soube da novidade. Sei que eles ficarão felizes também. Penso que isso pode dar a Gandy algo por que viver. Ela não permitirá que algo a impeça de ver seu primeiro bisneto!"

Contemplava agora a expressão deliciada de Pauline e se sentiu contente, novamente, de que não tivesse feito o aborto. A vinda do bebê daria à sua mãe uma nova ocupação. Ela acolhera serenamente a notícia do casamento de seu ex-marido. Conquanto não fosse "sofisticada o bastante" para visitá-los socialmente como um casal, ela dissera a Lindsay que tinha escrito uma cartinha a Adele, desejando-lhe felicidades. E Howard continuava a aparecer, ocasionalmente, sozinho, para ver sua mãe. Era um tanto embaraçoso, a seu modo de ver, admitia Pauline, mas privá-lo de suas visitas à mãe seria cruel tanto para Gandy como para ele.

— Já contou a seu pai? — perguntou Pauline.

Lindsay meneou a cabeça.

— Ainda não. Quis que você e Gandy fossem as primeiras a saber... depois de Geoff, naturalmente. — "E depois de Marge e daquele terrível charlatão", pensou.

— Howard ficará tão satisfeito. Gosta de Geoffrey, ainda que tenha se aborrecido com ele no passado. Howard virá aqui esta tarde, Lindsay. Por que não fica e então conta a ele?

— Está bem.

— Se ao menos James pudesse saber — disse Pauline, com expressão tristonha. — Teria adorado ser o tio de seu filho, Lindsay. Ele lhe queria muito.

Lindsay não retrucou. "Se James estivesse vivo, as coisas teriam sido diferentes em muitos sentidos. Adele nunca teria violado a confiança dele acerca de Geoffrey. James teria voltado para casa, casado com Adele, e ela seria então minha cunhada, não minha madrasta", pensou. "Eu nunca teria sabido que meu marido me fora infiel. Preferiria nunca ter sabido disso. Tal como desejaria poder ter preservado aquele idealismo de menina acerca de meu irmão mais velho, íntegro e sincero. 'Não chorar sobre o leite derramado.'"

'Águas passadas...' Clichês válidos. Não adianta desejar que as coisas fossem diferentes. Elas acontecem simplesmente, todas. E temos que aceitar as consequências."

— Acho que vou dar as boas novas a Gandy antes de papai chegar.

— Sim, querida, vá. Ela está no quarto.

Lindsay visitava sua avó todas as semanas, mas tinha a impressão de que Sara Thresher envelhecia a olhos vistos a cada sete dias. Era difícil imaginar por quê. Ela estava com setenta e cinco anos. Claro, já era uma idade avançada, mas na época atual não era uma idade que justificasse aquela aparência de estar morrendo sem nenhuma razão. O médico tranqüilizara Pauline dizendo que não havia nada de grave organicamente... isto é, não se tratava de nenhuma doença fatal.

— Ela está apenas cansada — dissera o médico bondosamente. — O corpo é como uma máquina. Suas peças não duram para sempre. Mas no seu caso, eu não me inquietaria, Sra. Thresher. Ela parece frágil, mas tem uma constituição forte. Está simplesmente menos ativa. Todos passamos por isso, receio.

Mas quando Pauline e Lindsay conversaram sobre o assunto, a primeira balançara a cabeça, dizendo:

— Não sei. É como se o coração dela tivesse se extinguido.

— Seja franca, mamãe. Ela ainda está sofrendo por causa de James. Como você. E não me diga que ela está feliz com o caso de papai e Adele. Ela sabe da inconveniência desse casamento, e tenho certeza de que se preocupa com o seu sofrimento.

Pauline não refutou nenhuma das duas observações. Mas disse, inesperadamente:

— Sempre me senti culpada por me divorciar de seu pai, Lindsay, porque esse fato foi mais doloroso para Gandy que tudo o mais. Ela se mostrou maravilhosa na ocasião. Tão forte. Mas, no íntimo, eu sabia que ela odiava aquilo. E depois, quando teve que tomar partido contra seu próprio filho, deve ter sido uma coisa muito dolorosa para ela.

— Mas isso foi há quase dez anos! Ela não procedeu como se o fato a tivesse afetado tão terrivelmente.

— Ela tinha então dez anos menos, Lindsay. Era mais capaz de controlar seus sentimentos, eu suponho. E, como você diz, nestes últimos meses houve a morte de James e... e o novo casamento de Howard. Tudo se acumulou. Sei que ela se preocupa com Geoffrey também. E teme por você, sozinha e ansiosa naquele apartamento.

Essa conversa ocorrera há apenas uma semana. "Talvez minha notícia dê a Gandy novo alento", pensou Lindsay. "Como mamãe, ela não tem nenhuma idéia de que há problemas com o meu casamento."

Sara estava sentada perto da janela, olhando simplesmente para o nada. Parecia muito velha e doente, mas animou-se quando Lindsay entrou, sorriu e lhe apertou a mão.

— Venha cá, menina. Como está, Lindsay querida? Como vai Geoffrey?

— Tudo bem, Gandy. Realmente ótimo. Tenho uma notícia formidável para você.

Lágrimas brotaram nos olhos de Sara quando Lindsay lhe falou sobre o bebê, mas foram lágrimas de alegria. Ela se aprumou na cadeira, seu rosto corou de felicidade, enquanto se punha a fazer uma dúzia de perguntas sobre a gravidez da neta e mostrava-se aliviada ao obter respostas satisfatórias.

— Um bisneto! Uma nova vida para substituir aquela que perdemos. Oh, Lindsay, estou tão feliz por você! — Hesitou. — Posso lhe pedir um favor? Se for menino, você o

chamará James? Este era o nome de meu pai, você sabe. E seria como... bem, um belo tributo a seu irmão, Lindsay.

Lindsay contraiu os lábios. Tinha perdoado a James, ou pelo menos tentara, mas não estava certa de desejar que seu filho ganhasse o nome dele. "Mesquinha!" , ouviu-se dizer. "Ele era seu irmão. Você o adorou durante anos. Além disso, fará Gandy feliz."

— Se for um menino, seu nome será James — prometeu. — Mas devo avisá-la, Gandy, de que pretendo ter uma menina, e ela se chamará Sara Pauline Murray, por você e mamãe.

Sara enxugou seus olhos úmidos.

— É muito justo — disse a seguir. E então, com um toque de sua antiga malícia e vivacidade, acrescentou: — Mas Sara é realmente um nome sem graça. No passado, sempre pensei que se tivesse uma filha eu lhe daria um nome exótico, tal como Salomé ou Mistinguette. Algo com um toque dramático. — Seus olhos piscaram. — Na verdade, se não fosse por seu avô, eu nunca teria dado o nome Howard a nosso filho. É insípido demais. Eu o teria chamado Lancelot, talvez. Ou Louis, devido a Louis Pasteur, que descobrira o tratamento para a raiva três anos antes de seu pai nascer, querida.

Lindsay levou alguns segundos para perceber que sua avó estava brincando. Então riu, encantada de ver que a velha senhora ainda conservava seu senso de humor.

— Você, querida velha mentirosa! Por um instante, pensei que falava a sério. — Abraçou com força a avó. — Gandy, não há ninguém como você. Eu podia comer você todinha com uma colher!

— Meu Deus, não faça isso — disse Sara num cômico protesto. — Você quebraria todos os seus lindos dentes nestes meus ossos velhos e duros!

Geoffrey leu a carta de Lindsay duas vezes. Por momentos não acreditou que Lindsay tivesse estado "ocupada demais para escrever". O silêncio dela o inquietara, e se preocupava com a idéia de que de algum modo Lindsay houvesse sabido da existência de Pamela após o retorno dele a Londres. "Pelo menos", pensou, "ela está bem." Adele lhe escrevia de vez em quando, assim como Pauline! Por elas ele já soubera do compromisso matrimonial de Howard, e ambas tinham informado que Lindsay estava bem e atarefada. Não havia nenhum indício de que soubessem de seu caso com Pam.

E agora isso! Lindsay escrevia dando conta de sua gravidez e de sua felicidade! Por um momento, sentiu-se zangado. "Ela planejou isso", pensou. "Deliberadamente, deixou de lado as precauções habituais." E ele, em seu anseio por ela, não notara isso. Como ela pudera fazê-lo? Não estava certo. Não fora somente por causa da indecisão dele. Lindsay ignorava o motivo disso. Mas conceber deliberadamente um filho com o marido no exterior era pura loucura! Que aconteceria se ele não voltasse? Isso era típico de Lindsay; obstinada e caprichosa como sempre, pensando unicamente no que ela queria.

Mas quase de imediato seu ressentimento se desfez. Eles teriam esse filho porque Lindsay, em sua inocência, estava ansiosa para dar-lhe um, a fim de ter, sempre, uma parte dele. Isso ultimava sua decisão. Compreendeu que teria que voltar para Lindsay. O que sentia por Pamela era uma espécie diferente de amor. Mais arrebatamento do que amor, uma paixão toda feita de maior excitação, dada a sua natureza ilícita. Ele nunca a esqueceria. Nunca. Devia-lhe muito. Pam se entregara a ele por inteiro, sem pedir nada em troca. "E sem ela", pensou Geoff, "eu teria perdido a razão." Mas achava que desde o

começo sempre soubera que seu futuro não era ficar com Pamela, não importando que pensamentos impulsivos lhe tivessem cruzado a mente. Desde crianças, ele e Lindsay tinham pertencido um ao outro. Isso era certo. Nada mais exprimia o mesmo grau de solidariedade.

Quando Pam entrou no apartamento emprestado, soube antes que Geoff falasse que ele já chegara a uma decisão. Reconheceu as folhas azul-claras do papel de cartas de Lindsay. E ele tinha uma estranha expressão, dolorida e feliz ao mesmo tempo.

— Você finalmente teve notícias.

Geoff olhou para Pam de través, uma desculpa muda em seus olhos. "Deus, como ele é bonito!", pensou Pamela. "Como é terno e bondoso, e como odeia o que irá me dizer."

— Lindsay está grávida.

Pam estremeceu. Não se preparara para isso, conquanto se perguntasse no mesmo instante por que não pensara nisso. Estava claro. Lindsay Murray não era tola. Procurou sorrir.

— Bem, meus parabéns, moço! Então será papai. Para quando será o grande acontecimento?

— Outubro. — Sentiu-se angustiado. — Pam, você sabe o que isso significa. Eu não posso... não poderia...

Ela o interrompeu:

— Claro que não pode, querido. Só um patife abandonaria sua mulher quando ela está prestes a ter um filho seu. Geoff, querido, isso não é surpresa para nenhum de nós dois, é? Não falo da gravidez de Lindsay, mas da idéia de que um dia você voltaria para ela. Nós dois sabíamos realmente disso, não sabíamos? Não vem ao caso gruais as fantasias que alimentamos, estávamos plenamente certos desse desfecho. Anime-se, rapaz. Vivemos um período esplêndido, e eu não o modificaria em um segundo que fosse. Eu me lembrarei de você com um tipo muito especial de amor para sempre. Uma espécie de amor belo, feliz, que se dedica a um amigo muito querido.

Geoff sentiu-se cheio de admiração por Pam. Quantas outras mulheres seriam assim tão generosas, tão compreensivas? Pamela estava deixando-o plenamente livre, ansiosa para que ele não experimentasse nenhum sentimento de culpa ou remorso. Quando conseguiu falar, Geoff disse:

— Pam, você sabe o que representa para mim. Isso nunca irá mudar. E sempre gostarei de você. Desejaria que as coisas fossem diferentes para nós. Você é a melhor mulher que jamais existiu. Irá manter-se em contato comido, não é assim?

Ele era, em muitos aspectos, um menino grande, e ela o amava por isso. Moveu a cabeça negativamente.

— Não, querido, não me mantereis em contato com você. Quando for para casa, você deve fazê-lo sem qualquer recordação destas horas e deste lugar. Nada fizemos de mau, Geoffrey. Não me sinto envergonhada do que vivemos, mas não desejaria empanar essa imagem brilhante trocando cartas sigilosas ou planejando pequenas viagens marítimas às escondidas. Não entende? Enquanto você esteve aqui, não era o marido de alguém. Você era um outro adorável ianque, distante de sua terra e solitário. Mas, de volta para lá, você pertence a Lindsay. E é assim que deve ser.

— Mas, e você?

— Querido, apesar do muito que o amo, minha vida não vai terminar. Não terminou quando perdi Charles. Como sofri então! Isso também irá doer, quando a hora chegar. Mas não morrerei. — Sorriu. — Não se preocupe, amor. Não se preocupe.

Capítulo 15

Não era coisa fácil de confessar a si mesmo, e Deus sabe que ele nunca o teria admitido a alguém mais, mas depois de três meses de casamento Howard Thresher soube que cometera um terrível engano. Como pudera ser tão tolo?, perguntava-se. O que pensara ao casar com uma mulher trinta e três anos mais moça que ele, e virgem ainda por cima? Sua lua-de-mel fora um pesadelo. Usando toda a influência que tinha, conseguira um compartimento exclusivo no Twentieth Century Limited, o trem superluxuoso para a Califórnia, porque Adele nunca estivera na costa oeste e ansiava visitá-la. Viagens de qualquer tipo durante a guerra eram difíceis, quase impossíveis para os civis, mas Howard dera um jeito, pensando como seria romântico estar a sós com sua noiva durante três dias e duas noites de Chicago até Los Angeles. Romântico? Tinha sido um inferno. A introdução de Adele no ritual do sexo fora traumatizante para ambos. Ela o detestara e chorava a cada noite, pedindo desculpas o tempo todo.

— Está tudo bem, querida — dissera Howard de início. — Eu compreendo. Seja paciente. Temos, que nos acostumar um ao outro. Vai ver que, quando relaxar, as coisas serão diferentes.

— Sinto tanto, Howard. Sempre imaginei que seria algo maravilhoso, e é tão... tão sujo. — Olhou-o, aflita. — Oh, sei que não é culpa sua. Estou certa de que você é maravilhoso. Acontece apenas que pensei que me sentiria de modo diferente quando fizesse amor. Pensava que seria belo, e é como... coisa de animais.

Howard não soube o que dizer. Era quase impossível acreditar que em 1945 uma moça pudesse ser tão ingênua. E era por demais incrível que ela se tivesse mantido intocável aos vinte e quatro anos. E era ainda mais fantástico que a sua atitude em relação ao sexo fosse tão pudica e vitoriana. Ele se sentia bastante desapontado e não menos confuso. Ou Adele era fria sexualmente ou ele não tivera um desempenho apropriado a um homem da sua idade. De imediato, descartou essa segunda hipótese. Aos cinquenta e sete anos estava tão viril como sempre, e certamente com uma experiência maior do que a que um jovem impetuoso poderia exhibir na cama. Ele conhecia as nuances do ato sexual, e até agora nenhuma mulher deixara de corresponder à sua habilidade. Também rejeitava a idéia da frigidez de Adele. Como a maioria das pessoas esclarecidas, ele não acreditava nessa história. Qualquer mulher poderia ser despertada de modo adequado e pelo homem certo.

E Howard teimosamente se dizia ser esse homem. Durante o mês de sua viagem de núpcias, ele se mostrara cuidadoso, compreensivo, e principalmente gentil, mas isso não adiantara. Era como se estivesse com uma criança assustada, tensa, e mesmo quando tentava fazê-la relaxar com uma bebida, presentes ou propostas sedutoras, Adele se

esquivava, submetendo-se somente com relutância e com um desagrado mal dissimulado, francamente aliviada quando aquilo terminava.

Howard tentava se convencer de que as coisas melhorariam quando eles voltassem a Nova York e se instalassem no apartamento. Mas não foi o que aconteceu. Adele insistira em ter seu próprio quarto, alegando que simplesmente não conseguia repousar bem com outra pessoa no mesmo quarto. Mas quando Howard vinha deitar-se com ela, embora nunca o repelisse, Adele o olhava com tal temor que ele se sentia um agressor. E por fim, após dois meses de casados, ele perdeu a paciência.

— Que inferno, Adele, isto não pode continuar assim! Sexo é uma parte muito importante do casamento, e você o repudia. Ou talvez eu seja repulsivo para você. Seja como for, não podemos viver desse modo. Eu a amo. Você é minha mulher. Em nome de Deus, o que você esperava?

— Eu lhe disse — retrucou ela em voz baixa. — Não se trata de você. A coisa é só comigo. Pensava que seria diferente.

— Diferente como? Você conhece a realidade da vida. Por que essa realidade a ofende tanto?

Com os olhos agora cheios de lágrimas, ela respondeu:

— Não sei, Howard. Sinto muito.

— Sente muito! De que adianta isso? Já se passaram dois meses. Dois meses desmoralizantes e frustrantes por causa dessa tolice infantil! Eu não me surpreenderia se estivesse impotente a esta altura! — Sua voz se elevava, irada. — Tenho feito todo o possível. Tratando você como se fosse feita de açúcar, empenhando-me em ser paciente. Mas agora basta. Ou você se torna uma mulher de fato para mim ou terminamos tudo de uma vez.

Adele olhou-o, muito assustada.

— Oh, não! Não diga isso! Gosto muito de estar casada com você.

— E o que você ama nesse casamento? Ser a esposa de alguém? Oferecer jantares sociais? Ter uma casa sua? Você certamente não gosta de ser uma mulher no sentido normal do termo. O que esperava? — perguntou de novo. — Diga-me, Adele, como esperava que fosse o casamento?

Ela desviou o olhar.

— Achava que nós dois estávamos sozinhos. Solitários. E pensei que faríamos boa companhia um ao outro. Seria bom para nós contarmos com alguém.

Howard riu.

— Boa companhia? Você deve estar louca! Tenho cinqüenta e sete anos, não oitenta e sete. Eu dispunha de uma governanta, e se necessitasse de companhia teria contratado alguém. Não pode meter na sua cabeça que me apaixonei por você? Isso é tão ridículo assim? É muita pretensão que na minha idade eu ainda deseje fazer sexo com minha mulher? Por Deus, Adele, o que você deseja, um marido ou um pai?

Ela começou a chorar, e Howard sentiu-se envergonhado. "Ela não pode evitar isso", pensou. "Algo acontece com ela. Algo que não posso compreender." Esforçou-se para se acalmar.

— Meu bem, acho que devia deixar que o médico a examinasse. Talvez haja alguma coisa... As mulheres às vezes acham o sexo doloroso, e uma pequena cirurgia...

Adele moveu a cabeça.

— Já consultei um ginecologista. Não há nada errado comigo.

— Então tudo isso se passa em sua mente. Talvez algumas sessões com um psicanalista esclareçam toda essa coisa. Talvez seja um bloqueio mental, possivelmente relacionado com a morte de seu pai. Não sei. Não conheço muita coisa sobre psiquiatria. Nunca aprovei realmente a psicanálise, mas a esta altura aceitarei qualquer ajuda que pudermos obter de qualquer fonte.

— Você está pensando que sou louca! Talvez seja. Meu pai se matou, e é necessário estar momentaneamente perturbado para se fazer tal coisa. Talvez eu tenha herdado...

Howard a atalhou:

— Não diga tolices! Naturalmente, não acho que esteja louca! Afinal de contas, eu não a conheço desde que você e Lindsay eram criancinhas de colo?

— Eu gostaria de ser como Lindsay. Ela é cheia de vigor como você. Uma moça como Lindsay lhe daria o que você deseja. E ainda filhos.

Ele estava exasperado com as lamentações de Adele.

— Pelo amor de Deus, não quero saber de mais filhos. Na minha idade? Serei avô dentro de alguns meses. Mas desejo uma mulher de verdade. Se eu marcar uma consulta para você, irá ver o médico e tentar obter ajuda?

— Está bem. Se isso lhe agrada. Mas sei que não adiantará nada, Howard. Simplesmente não consigo suportar...

— Não continue! Não tem noção do que isso me causa? Não pode imaginar como um homem se sente quando é rejeitado ou, ainda pior, tolerado com esforço por uma mulher que acha que deve cumprir uma obrigação e dela se ver livre o mais cedo possível. Onde, em nome de Deus, você foi arrumar suas idéias puritanas? Certamente não foi com sua mãe!

— Minha mãe não é melhor que uma vagabunda. Meu pai mal acabara de ser sepultado e ela o trocava por aquele homem horrível.

Howard sorriu com certa ironia.

— Talvez ela se sentisse solitária também, Adele. Mas teve bom senso suficiente para saber que o prazer físico pode aliviar uma boa dose de emoções dolorosas. — Deu umas palmadinhas na mão da mulher. — Procurarei um médico amanhã, minha querida. Não vou renunciar a isso até que tenhamos esgotado todos os recursos.

Aquela providência foi tão inócua como ele temera, e ainda mais perturbadora. Adele passou um mês indo ao psicanalista e declarou que não havia nada que alguém pudesse fazer quanto ao modo como ela se sentia.

— Você foi vinte vezes a esse analista, Adele. Quer dizer que nada resultou disso? Nada que sirva para esclarecer nossos problemas?

Adele contraiu os lábios com força.

— Nada. Simplesmente sou como sou.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Está me chamando de mentirosa, Howard?

— Não. Claro que não. Pensei apenas que pudesse haver algo que você não tenha me contado. Algo talvez que você mesma não reconheça plenamente. — Não obteve

resposta e, angustiado, prosseguiu: — Bem, se os médicos não podem ajudar, talvez você precise de uma outra mulher com quem conversar.

Pela primeira vez, Adele mostrou-se sarcástica.

— Quem você sugere? Minha mãe? A primeira Sra. Thresher, talvez. Ou possivelmente Lindsay? Tenho certeza de que você ficaria encantado em torná-las cientes de nossos problemas.

Howard ficou calado. Aquilo era verdade, naturalmente. Louise Tamlin não entenderia. E a última coisa que ele desejava era que Pauline ou Lindsay soubessem que tolo tinha sido. Se pelo menos Adele tivesse uma outra amiga. Ela fizera as pazes com Lindsay, ou melhor, Lindsay tinha finalmente se desculpado com a amiga. Mas à parte isso, os novos contatos sociais da nova Sra. Thresher cingiam-se inteiramente aos amigos *dele*. Ela conduzia perfeitamente as reuniões para jantar, quase tão impecavelmente como fizera outrora Pauline. Ela entretinha os amigos de negócios de Howard e era cativante. Os homens com os quais ele se associara olhavam-no com inveja, comparando aquela moça bonita, delgada, com as suas mulheres de meia-idade, batendo-lhe nas costas e piscando sugestivamente ao dizerem: "Você tem uma sorte danada, Thresher". Eles não sabiam de nada. E tampouco suas mulheres. Estas eram todas trinta anos mais velhas do que Adele. Eram gentis, aceitando os convites que ela lhes fazia para os jantares, e os retribuía, mas nenhuma procurara fazer amizade com Adele. Nem esta teria sabido o que dizer-lhes se houvessem tentado. Nem sequer almoçava com elas. A idéia de que ela confidenciasse suas dificuldades conjugais com tais senhoras era ridícula.

Howard achava-se quase desesperado. Cessara até de impor sua vontade à mulher. "É como se tivesse voltado a meu modo de ser de outrora", pensava aborrecido. Desta vez tencionava ser um marido fiel. Já tivera o bastante daquilo, das amantes que mantivera durante todos os anos de seu casamento com Pauline. Não desejava mais isso. Esperara que sua jovem, bonita e nova mulher significasse mais do que o bastante para ele. Em vez disso, ela não significava. E a menos que viessem a resolver seus problemas sexuais, ele começaria a enganá-la. Não que ela fosse se incomodar, ele pensava. Talvez se sentisse até aliviada. Provavelmente, com os infernos! Era quase certo.

No entanto, estava curioso. Não era natural que uma moça saudável, de vinte e quatro anos, fosse tão fria. Não podia acreditar que o médico nada tivesse dito a Adele. E certa manhã, cedendo a um impulso, telefonou para o consultório do psiquiatra e marcou uma hora para conversar sobre as condições de saúde de sua mulher. A data foi marcada para dali a duas semanas.. E nessa oportunidade, já de tarde, ele se apresentou, sentindo-se ligeiramente embaraçado, no consultório do médico, na Park Avenue.

Surpreendeu-se ao verificar que o Dr. Seward Golden era uma mulher. Lembrava-se agora de que seu médico particular, que recomendara o psicanalista, não especificara seu sexo, e ele, Howard, simplesmente tomara por certo que se tratava de um homem. E Adele não mencionara esse detalhe. Era estranho. Especialmente lembrando-se daquela conversa, quando ele falara em Adele precisar de uma mulher para conversar. Ele não fizera a menor idéia. Seward era evidentemente um nome comum, e podia aplicar-se aos

dois sexos. Franziu a testa. De algum modo ele desejara que Adele tivesse consultado um homem, alguém que entendesse a natureza dos apelos masculinos.

A Dra. Golden era baixinha e cinquentona, e tinha cabelos grisalhos cortados curto e maneiras cordiais. Indicou uma cadeira a Howard e o fitou inquisidoramente.

— Em que lhe posso ser útil, Sr. Thresher?

Howard sentiu-se vagamente desconfortável.

— Vim para falar sobre minha mulher. Ela teve sessões com a senhora durante um mês. — A idiotice dessa declaração o fez sorrir. — Mas é claro que a senhora sabe disso. Ela vinha aqui cinco vezes por semana.

A médica assentiu e aguardou que ele prosseguisse.

— O caso é que ela diz não haver nenhuma solução para o seu problema. Nosso problema. Acho difícil acreditar nisso.

A Dra. Golden sorriu amavelmente.

— Por quê?

— Bem, porque... bem, ela é jovem, saudável e normal em todos os aspectos. Isso não é natural. Deve haver alguma explicação. Ela é humana. Tem emoções. Tem de haver algo bloqueando sua plena satisfação...

— Creio que a palavra que está faltando é "sexual", Sr. Thresher. — Pareceu divertida. — Sua mulher não corresponde a seus apelos sexuais, e o senhor acha isso impossível de aceitar. Estou certa?

— Sim. É exatamente isso.

— Diga-me, Sr. Thresher, sua mulher sabe que veio me ver?

— Não, e não desejo que ela saiba.

— Mas deve compreender que o relacionamento entre médico e paciente é confidencial. Deve saber que não posso abordar esse assunto com ninguém, nem mesmo com o senhor, a menos que sua mulher assim o deseje.

Howard sentiu-se aborrecido.

— Não vejo por que não possa tocar no assunto comigo. Sou o marido de sua cliente. Estou igualmente envolvido nisso. Diacho, eu pagarei esta consulta!

— Mas os pensamentos de sua mulher são dela apenas. Ela me fez conhecer alguns deles, mas não tenho a liberdade de trair suas confidências. Seria contra a ética.

Howard procurou acalmar-se. Aquilo era pura conversa idiota de médicos. Um palavreado florido e nobre sobre ética profissional. Procurou mostrar-se o mais cativante possível.

— Posso compreender isto, Dra. Golden. E respeito-a por pensar assim. Não desejo me intrometer nos pensamentos mais íntimos de Adele, mas isso é muito importante para mim. Para nós. Desejo tão-somente compreendê-la e procurar ajudá-la. Ver se há algo que não estou fazendo bem.

— Mas o senhor não acredita que esteja fazendo algo errado, acredita?

Howard enrubesceu.

— Para ser franco, não. Sempre fui atraente para as mulheres, sempre fui capaz de agradar-lhes. Talvez isto pareça pretensioso, mas esta é a primeira vez em minha vida que me defronto com essa espécie de rejeição. Ouça — disse com veemência —, a senhora é uma mulher muito educada. Posso lhe falar com toda a clareza. Sou realmente

um bom amante. Estou fazendo a minha parte. Tentando ter um desempenho como nunca. Não há nada de errado comigo, Dra. Golden, mas obviamente algo de terrivelmente estranho acontece com minha mulher. — Agora mostrava-se suplicante. — Eu a amo. Sei que há uma grande diferença de idade entre nós, mas isto não me afeta fisicamente. E Adele sempre foi uma jovem sossegada, inteligente e amadurecida. Não acho que ela viesse a se identificar com um homem da sua idade... mesmo com meu filho... — e se interrompeu bruscamente.

— Sim, Sr. Thresher? Que há com seu filho?

— Ele foi morto em combate. Adele estava noiva dele. Calculo que já saiba disso. — Hesitou antes de dizer, desafiante: — Mesmo James era um tanto mais velho que Adele. Cerca de nove anos. Ela nunca saía com rapazes, como acontecia com minha filha Lindsay. Adele sempre pareceu muito mais velha. Ela adorava James como um irmão mais velho. E depois que ele morreu...

A Dra. Golden deixou-o prosseguir. Howard tinha um ar acabrunhado.

— Ela se casou comigo por ser eu a coisa mais próxima de James. Foi isso, não foi? Ela esteve negando a morte de James. Mas na cama eu sou... eu sou seu pai, não o marido. — E Howard ocultou o rosto entre as mãos. — Meu Deus, por que não percebi isso antes? Ela estava tão desolada. Agarrou-se a mim então. E eu pensei que ela me amava. Mas ela ama um fantasma. Toda vez que me aproximo de Adele, ela deseja que eu seja meu filho. Deus Todo-Poderoso, fazer sexo comigo deve parecer a Adele um incesto!

A doutora sentiu pena dele. Howard era um homem inteligente, e seu raciocínio o conduziu para bem próximo da verdade. Uma verdade muito penosa. Por um momento, a Dra. Golden teve vontade de dar umas palmadas em Adele Thresher. Ela fizera um mal terrível àquele homem, cujo ego era tão frágil a ponto de fazê-lo aceitar qualquer tipo de devoção, tomando-a como amor. Mas não se podia, na realidade, censurar Adele. Ela se sentia perdida e assustada, desesperadamente solitária e infeliz. O pai do homem que ela amara lhe parecera uma salvação. Como ela poderia saber, em sua inocência sexual, que cada avanço que Howard fazia se parecia como uma traição a seu filho? Adele não era frígida e nem Howard era impotente. Eles eram simplesmente pessoas inseguras, confusas, sem nenhuma consciência de suas motivações. A necessidade de Howard de se certificar de sua masculinidade o impelira para aquela jovem dependente. E a absorção neurótica de Adele de sua perda, a morte de James, cegara-a quanto ao motivo real pelo qual aceitara casar-se com Howard.

Agora Adele sabia disso. Ela o descobrira em suas sessões de análise, mas obviamente não falara sobre isso com seu marido. O que ela planejava fazer?, perguntava-se a Dra. Golden. Tentar manter aquele relacionamento sem esperanças? E quanto a ele? Agora que a verdade fora desvendada, poderia ele prosseguir vivendo com o inevitável fantasma de seu filho?

— Sinto muito, Sr. Thresher, mas talvez tenha sido melhor o senhor saber da verdade. Melhor para ambos.

— Minha mulher sabe?

A Dra. Golden hesitou. Ela nada lhe dissera. Ele tinha simplesmente associado os fatos enquanto falava. Ela ainda manteve seu silêncio. Não havia necessidade de rompê-lo.

— Por que o senhor mesmo não pergunta a ela?

A frase evasiva serviu a Howard de resposta. Adele sabia então. "Ela deve estar vivendo um inferno", pensou Howard, "tentando conviver com esse fato e ocultá-lo de mim, esperando compartilhar meus sentimentos. Desapontado como estou, posso suportar ainda isso. Sempre me resta buscar me divertir na rua, como tenho feito há anos. Mas, e ela? Que tipo de casamento pode ser esse para Adele?" E voltou-se desesperançado para a doutora.

— O que, em nome de Deus, devo fazer?

A Dra. Golden sentiu sinceramente pena daquele homem, lastimando bastante violar seu próprio código de comportamento profissional.

— Duvido que haja muito que *possa* fazer, Sr. Thresher. Não por enquanto, pelo menos. Desejaria que sua mulher continuasse com sua terapia. Poderíamos obter uma ruptura de seu bloqueio, posteriormente, mas soube que ela decidiu suspender as consultas. — Ergueu a mão para interrompê-lo ao notar que ele ia dizer algo. — Não, o senhor não pode forçá-la a continuar a me ver. Seria inútil. A terapia só pode dar certo quando o paciente deseja ser ajudado. Nesse caso, a Sra. Thresher não o quer. Receio que ela praticamente desfrute do pesar que sente, e rejeitar o senhor alimenta tal pesar e acentua sua autopiedade. Não que ela seja uma mulher má. Não pretende punir o senhor pela morte de seu filho, embora seja isto, com efeito, o que ela está fazendo. De um modo distorcido, ela está também se autopunindo, de forma ilógica e sem sentido, é claro, mas também compulsivamente. — Assumiu um olhar tristonho. — Só podemos contar com que o tempo exerça seu proverbial poder curativo. Um dia talvez ela possa perceber como está errada em seus sentimentos para com o senhor e vir a amá-lo como o senhor a ama. Isto é, se o senhor deseja prosseguir com esse casamento nominal apenas.

— Eu posso mantê-lo. Mas qual é sua opinião sincera? Acha que minha mulher entenderá as coisas de modo diferente?

Seward Golden encolheu os ombros.

— Não é meu desejo alimentar falsas esperanças. Mas mesmo na profissão médica, às vezes oramos por milagres. Se o senhor puder ter paciência, e se conseguir controlar seu ressentimento muito normal... bem, talvez a Sra. Thresher chegue a curar-se, mas eu não poderia fixar um prazo para tal. — Fitou-o com ar compassivo. — O senhor deve amá-la muito. Essa não é uma coisa fácil de suportar. Irá exercitar ao máximo sua paciência, e deixá-lo com um vazio que nenhuma estranha poderá preencher. Mas a seu modo ela também o ama, Sr. Thresher. Lembre-se sempre disso.

— Sim. Eu me lembrarei. Obrigado, doutora. Na verdade, eu lhe sou muito grato.

A guerra na Europa terminou em maio, e em junho Geoffrey voltou para casa. Lindsay estava grávida de cinco meses, e, ao vê-la com a bata de futura mamãe, ele se sentiu cheio de felicidade. Vê-la assim, com o ventre já se avolumando, tornava tudo mais real, e quaisquer dúvidas que ele houvesse alimentado nos dois meses anteriores desapareciam à luz dessa percepção. Desde o dia em que recebera a carta de Lindsay,

não estivera mais com Pamela. "Não por iniciativa e mérito meu", pensou. "Fui procurá-la, mas ela não desejava mais ter nada comigo após a decisão ter sido tomada." Ele podia ainda ouvir aquela voz de sotaque inglês adorável, buscando parecer natural e não recrimi-nadora.

— Acho que faremos melhor ao fechar esse nosso livro, querido. Eu me sentiria quase como uma vagabunda, você sabe. Tolice, não é? Provavelmente sou uma grande tola, renunciando às horas que nos restam. Mas agora que já sabemos o final da história, odiaria estragar os curtos e derradeiros capítulos. Vamos ter um bonito, limpo e breve *finale*, querido Geoffrey. Um final feliz.

"Feliz para mim", ele pensara então com amargura. "Para mim está tudo ótimo, voltarei para casa, para Lindsay e o futuro bebê. Há muita ternura à minha espera. Mas e quanto a Pam? Eu compliquei sua vida, não importa como ela procure negá-lo."

— Nunca a esquecerei — ele disse. — Não sei se isto significa muito, mas eu a amo. Lembre-se disso, se você necessitar de mim para alguma coisa.

E agora ele estava em seu antigo apartamento, contemplando sua mulher, mal pensando naquela outra garota. Sorriu para Lindsay e assoviou.

— Sim, você irá se parecer com um barrigudinho amigo meu! Bom Deus, eu me casei com um balão da Goodyear!

Seu tom de voz era afetuoso e brincalhão, e Lindsay o percebeu. Aquela troça encobria suas emoções, tornava o encontro menos sentimental. Ela sentia uma onda de alegria, percebendo quão excitante ele era. "Nunca deixarei que ele tome conhecimento de que eu sabia sobre a 'outra' ", pensou Lindsay. "Aquilo terminou. Não importa mais. Era tempo de guerra. Goisa passageira."

E ela participou da brincadeira.

— Estou barriguda, não é? Bem, não fiquei assim por mim mesma, tenho que lhe agradecer muito!

Geoff riu.

— Você está maravilhosa, Lindsay. Mesmo com esse vestido engraçado. Há quanto tempo vem usando essas coisas?

Lindsay mostrou-se embaraçada.

— Quase dois meses. Muito antes de se tornarem necessárias. Mamãe pensou que eu estava louca. Ela me acusou de estofar minha barriga para parecer mais cheia do que estava realmente. Ela tinha razão quanto a isso. Eu queria que todo mundo soubesse. Aprendi a caminhar de um modo que fazia ressaltar mais minha barriga.

Ela não disse que enfatizara sua gravidez por algo mais que orgulho. Sentia-se tão gratificada por não tê-la sustado. Estivera tão perto de fazer tal coisa, que agora desejava seguir em outra direção, anunciando sua iminente maternidade porque estivera tão próxima de perder a oportunidade de ser mãe.

— Você é louquinha. — Geoff ficou sério. — Sinto-me feliz de estar em casa, Lind. Aqui, com você. Depois dos anos que perdemos. — Balançou a cabeça. — Meu Deus, que desperdício esta guerra foi.

— Mas tivemos sorte. Você voltou, e inteiro. Muitos não foram afortunados como nós.

— Eu sei. Costumava me sentir culpado por estar num lugar razoavelmente seguro. Você sabe disso. Fiquei magoado com a interferência de seu pai, mas agora eu lhe sou grato. — Sorriu. — Ainda que tenha que ficar em dificuldades para explicar a meu filho como assisti de camarote à guerra na Inglaterra.

— Ela não vai ligar. Ela saberá como você é corajoso.

— Presumo então que teremos uma menina?

— Claro. Eu lhe disse que firmei essa convicção.

— E se for um menino?

— Não há problema. Simplesmente o remeterei de volta. Estou acostumada a devolver uma mercadoria quando meu pedido não foi atendido.

Geoffrey tomou-a em seus braços.

— Deixando de lado as brincadeiras — ele disse suavemente —, você sabe que estou muito contente com o futuro bebê. Admito que no começo não estava. Mas foi só por alguns segundos. Pensei que você estava errada em querer ter um filho quando eu estava tão longe de casa. Temi por você, Lind. Ninguém poderia saber com certeza se eu estaria de volta a tempo para assistir ao nascimento do bebê.

— Eu sei. No começo, também não me senti muito emocionada. — Falara sem pensar, mas Geoff captou suas palavras e deu um passo atrás, olhando-a com curiosidade.

— Não senti nenhuma emoção? Não entendo. Você devia estar querendo conceber. Não fez, evidentemente, qualquer esforço para evitá-lo.

Diacho, ele era tão atilado. Como poderia explicar-lhe por que mudara de opinião assim que verificara estar grávida? "Ele nunca deve saber o que estive prestes a fazer", pensou Lindsay. "E não deve saber o motivo."

— Quis dizer apenas que tive de pensar duas vezes. Você tem razão. Procurei engravidar quando você esteve aqui em janeiro. Mas quando você partiu, soube que fora uma tolice. Mantive esperanças de não engravidar realmente, e me preocupei quando isso não aconteceu. — Fitou-o amorosamente. — Mas as dúvidas não duraram muito, querido. Sabia que tudo daria certo, é deus, não deus? — Interrompeu-se de repente, e uma sombra de receio cruzou seu rosto. — Não vão fazer você embarcar de novo, vão? Meu Deus, não me diga que vão enviá-lo para o Pacífico!

— Não. Penso que não. Parece que serei designado para servir aqui mesmo. Acho que você pode contar comigo dando passadas pela sala de espera da maternidade e fumando um cigarro depois do outro, tal como imaginou. As coisas sempre saem a contento para você, querida, não é assim? Você deve ter uma boa estrela.

Haveria um leve traço de amargura em sua voz? Estaria ele pensando em outras coisas? Naquela inglesa, talvez? Lindsay recusou-se a permitir que as antigas dúvidas empanassem seu contentamento. Sim, as coisas sempre davam certo para ela. Geoff tinha toda a razão quanto a isso. Mas isso não acontecia sem sofrimento. E não sem uma forte determinação de *fazer* essas coisas acontecerem. "Sou uma lutadora", pensou Lindsay. "Uma sobrevivente. Tal como todas as mulheres de minha família."

Em julho, Geoff foi desmobilizado, retendo sua patente de oficial da reserva. Voltou para a agência de publicidade Ford, Wheeler e Koch, seu antigo emprego, pensando ter sido uma boa coisa que o governo tivesse lhe garantido seu antigo cargo.

— Tolice — comentou Lindsay. — Aposto como eles não poderiam esperar que você voltasse. Essa maldita agência teria deixado de existir caso você não tivesse voltado!

— Eu admiro sua fé cega, senhora, mas tenho certeza de que *eles* sobreviveriam mesmo que *eu* não voltasse. Devo ainda admitir que eles parecem contentes em me rever. E estou feliz à beça por voltar para lá. Até mesmo Ralph Ford saiu de sua torre de marfim e me apertou a mão.

— O grande homem em pessoa?

— Sem tirar nem pôr. — E Geoff fez uma imitação do sessentão diretor da firma, expulsando o ar dos pulmões e simulando tirar uma baforada. — "É bom tê-lo de volta, meu rapaz! Estamos orgulhosos de nossos excelentes moços." E depois, veio o melhor: Wheeler me contou que eles têm falado muito sobre mim, e insinuou que têm projetos ainda maiores em mente. Portanto, nós nos daremos muito bem, presumo.

— Naturalmente que sim, querido. Melhor que nunca. Nós dois amadurecemos, Geoff. Pelo menos, eu amadureci.

Como já lhe ocorrera antes, Geoff teve a desagradável intuição de que Lindsay sabia acerca de Pam. Se assim era, ela não iria dizer nada, e aparentemente não o odiava por isso. "Ela *amadureceu*", pensou. "A Lindsay que conheci antes não teria se mostrado tão tolerante, tão disposta a perdoar. . . e, Deus sabe, não tão polidamente silenciosa."

Capítulo 16

No dia 14 de agosto de 1945 terminava a II Guerra Mundial, e exatamente dois meses depois Lindsay dava à luz a filha que ela, com tanta convicção, predissera. Sara Pauline Murray pesava três quilos e meio e veio ao mundo gritando muito e com um mínimo de dor, digno de nota, para sua mãe.

De pé à beira do leito de Lindsay, olhando alternadamente para a filha e a netinha, Pauline moveu a cabeça, divertida.

— Você é incrível, querida. Quem mais teria um grande e bonito bebê após somente três horas de esforço? E uma menina, naturalmente. Tal como você esperava.

Do outro lado da cama, Geoff sorriu largamente. Não parara de sorrir desde que a criança nascesse.

— Ela é uma feiticeira, Sra. Thresher. Não sabia? Sua filha exerce um estranho feitiço com a mesma facilidade com que as mulheres lavam roupa. A senhora duvidou sequer por um momento de que teríamos uma menina? Eu não. Eu a conheço bem.

— Suponho que você ficaria contente se eu tivesse falhado — disse Lindsay, fingindo-estar furiosa. — Ou talvez você desejasse que eu sofresse as dores do parto durante quarenta e oito horas, tal como as senhoras finas e sofisticadas sempre padecem.

— Seguramente — disse Geoff. — Desejamos que você sofresse. Não pode imaginar como ficamos desapontados todos nós quando você superou isso tão facilmente. É embaraçoso dizer às pessoas que nossa esposa deu à luz como uma camponesa.

Os três riram alegremente, e Sara Pauline gorgolejou nos braços de Lindsay.

— Sara Pauline — disse sua avó —, estou impaciente para que sua bisavó a veja. Ela está tão feliz por sua causa.

Lindsay mostrou-se preocupada, perguntando:

— Gandy piorou, não é? Sei que deve ser assim, caso contrário ela estaria aqui agora. Nada a não ser uma doença séria a impediria de vir.

— Ela não está bem, Lindsay — disse Pauline com brandura. — Não quis preocupar você nestas duas últimas semanas, mas ela está definhando a olhos vistos. — O nó em sua garganta fazia Pauline falar com dificuldade. — Acho que ela está simplesmente guardando suas últimas energias para poder ver sua bisneta. Ela está vivendo só para isso. Não sei por quanto tempo mais nós a teremos, mas sei que ela está serena agora, e agradeço a Deus por isso.

Os olhos de Lindsay se encheram de lágrimas.

— Não posso suportar isso, mamãe. Não consigo imaginar o mundo sem Gandy.

— Calma, querida. Você não deve se afligir. Isto é ruim para a pequena Sara. E a grande Sara não o aprovaria.

— Dentro de uma semana estarei em casa de novo. E, tão cedo possa, levarei S. P. para ver sua bisavó. E assim que iremos chamar esse bebê: S. P. Há somente uma Sara. E uma Pauline. Portanto, já que ela tem ambos os nomes, pensamos ser melhor usar apenas suas iniciais. — Lindsay animou-se. — Geoff diz que é uma boa coisa que não a tivéssemos chamado Pauline Sara, e portanto P. S. Seria como se nós a estivéssemos chamando de *post scriptum*.

Pauline sorriu, repetindo:

— S. P. Sim, gosto disso. Seu pai já veio ver o bebê?

— Ele já deve estar chegando. Com Adele.

— Ah. Ótimo. — E Pauline imediatamente se preparou para sair. — Bem, querida, tenho que ir agora. Gandy está esperando para saber de tudo sobre vocês duas. — Inclinou-se e beijou Lindsay. — Deus a abençoe. E a você também, S. P., sua divertida criaturinha.

Quando ela saiu, Lindsay suspirou. Geoff tomou-lhe uma das mãos.

— Não fique tão triste por causa de Gandy, meu bem. Nós não desejaríamos que ela sofresse. Façamos votos para que esse maldito câncer a leve antes que ela venha a sofrer dores terríveis.

— Sim. Sei que essa é a maneira correta de ver as coisas, mas é tão duro, Geoff. Três meses atrás nem sequer sabíamos o que ela tinha. E agora tudo se resume a uma questão de semanas, provavelmente. Talvez dias. Procuo me dizer que isso será uma graça divina, mas não posso me acostumar à idéia. Simplesmente não consigo aceitá-la.

— Querida, lembre-se do que sua mãe disse. Você deve procurar manter a calma. — Tentou mudar de assunto. — Pauline seguramente tratou de sair daqui assim que

soube que Howard e Adele estavam para chegar, não foi? Deve ser um bocado constrangedor para ela vê-los juntos.

— Ela nunca os vê juntos. Papai está sempre sozinho quando visita Gandy.

— As coisas vão indo bem para eles? Falo de Adele e de seu pai.

— Não sei. Suponho que sim. Eles parecem contentes. Não eufóricos, mas não se trata, é claro, de um Romeu e uma Julieta.

— Foi mesmo uma grande surpresa. Quem iria pensar que Adele viesse a ser sua madrasta, Lind? Fico feliz que isso não tenha afetado a amizade entre vocês duas.

— Isso quase aconteceu por algum tempo. — Nos meses que tinham se seguido ao regresso de Geoff, eles não tinham conversado seriamente sobre o casamento de Howard, quase como se percebessem ser um assunto delicado que poderia pôr em perigo seu próprio casamento. — Minha reação inicial foi de desagrado — prosseguiu Lindsay. — Por certo tempo deixei de falar com os dois. Mas amadureci também em relação a esse caso. Mamãe me ajudou. Ela não se zangou. Por que deveria eu me aborrecer?

— Adele é uma boa moça. Foi uma tragédia que ela tivesse perdido James. Tudo teria sido diferente se ele estivesse vivo.

Lindsay não retrucou, mas percebeu o eco de seus próprios pensamentos nas palavras do marido. Sim, tudo teria sido diferente, ela se disse novamente. Sob muitos aspectos, meu querido Geoff, de que você jamais saberá.

S. P. nem completara ainda duas semanas de vida quando Lindsay levou-a para ver Gandy.

Sara, presa ao leito agora, com enfermeiras se revezando o dia todo à sua volta, mostrava-se lastimavelmente magra e frágil, mas seu sorriso era tão cordial como sempre, e ela ainda tinha senso de humor, como pôde demonstrar.

— Pode sair — disse ela para a enfermeira do dia. — Você é boa garota, mas quem precisa tê-la aqui andando de mansinho quando estou sendo apresentada à minha xará?

A moça sorriu para Lindsay, dizendo:

— Sua avó é uma grande figura. Nós todas somos loucas por ela, Sra. Murray.

Sara zombou:

— Loucas pelo bom dinheiro que ganham por hora, é o que vocês são. Não sei por que a mantenho aqui. — Mas essas palavras foram ditas em tom afetuosos e acompanhadas por uma piscadela que Lindsay sempre associara ao jeito peculiar da avó. — Agora dê o fora! — disse novamente Sara.

Riram quando a enfermeira fingiu encolher-se de medo antes de fechar a porta.

— Você está sendo má — disse Lindsay —, falando duramente com essa moça gentil. Felizmente, feia sabe que você, no fundo, é bondosa.

— Naturalmente que gosto das três enfermeiras que me atendem. E sou grata a todas, também. É uma bênção passar nossos últimos dias em nossa própria cama. Quantas pessoas idosas morrem em hospitais ou casas de saúde, rodeadas por rostos anônimos. Eu tenho sorte. — Procurou sentar-se apumada, recostando-se nos travesseiros. — Bastante sorte. — E estendeu com esforço seus braços magros. — Deixe-me dar uma boa olhada na minha bisneta. Deixe que eu a segure, Lindsay. Não se preocupe. Ainda tenho forças suficientes.

Delicadamente, Lindsay pousou S. P. nos braços de Sara. O bebê olhou para cima e sorriu. Seus grandes olhos redondinhos tentaram enfocar aquele rosto acima do seu. "Gostaria de ter uma foto das duas como estão agora", pensou Lindsay. Elas compunham uma imagem tão terna, a velha senhora de cabelos brancos em sua camisola rosa-clara, e a criancinha em sua pequenina bata da mesma cor. Com setenta e cinco anos a distanciá-las, uma conhecendo tudo e a outra ainda ignorando tudo, e no entanto havia uma espécie de elo mágico entre ambas.

Sara não podia afastar seu olhar do bebê.

— Ela é muito bonita, Lindsay. E se parece com você.

— Obrigada, Gandy, mas não acho que bebês de duas semanas se pareçam com alguém, exceto com Winston Churchill. Sem o charuto, é claro.

A tirada casual não iludiu Sara. Lindsay já estava sofrendo. "De todos", pensou Sara, "ela é quem sofrerá mais com a minha morte. Mais ainda do que Pauline. Estive perto dessa menina a vida toda e a entendo melhor do que sua própria mãe. Tenho que tornar o mais fácil possível para ela a minha partida deste mundo. Ela deve compreender que não é tão difícil para alguém partir de vez, quando já viu todos os seus desejos se concretizarem. Ou a maioria deles, pelo menos." Colocou um dedo suavemente sob o queixinho de S. P. e ergueu o pequenino rosto na direção do seu.

— Winston Churchill, qual o quê! Não seja tola, Lindsay. Ela é a imagem viva de você nessa idade. Eu me lembro como se fosse ontem. E ela crescerá como você também: difícil de lidar, uma traquinas, mas fazendo jus a cada minuto gasto com ela. — Delicadamente, ela tocou a bochecha do bebê, e S. P. emitiu pequenos sons gorgolejantes. Sara sorriu. — Ela é perfeita. Agradeço a Deus por ter podido vê-la.

— Não fale assim, Gandy. Você a verá crescer, estará a seu lado, tal como estive comigo sempre. Saindo juntas para compras no Saks e *sundaes* no Schrafft's. Ela não irá se privar dessas lembranças maravilhosas.

— Querida, não precisamos fingir, precisamos? A avó de S. P. terá essas alegrias, não eu, e estou feliz por Pauline. É como as coisas devem ser. Formamos quatro gerações, Lindsay, e isso é uma coisa notável. Mas que não pode durar para sempre. — Sara olhou de novo para o bebê antes de dizer: — Entregue Sara Pauline agora para a avó, está bem? Meus braços estão ficando um pouco cansados. Além disso, quero realmente conversar alguns momentos com você sem esta deliciosa distração.

Em silêncio, Lindsay pegou sua filhinha nos braços e levou-a para outro aposento, deixando-a aos cuidados de Pauline. Então voltou ao quarto e sentou ao lado de sua avó, segurando-lhe a mão delgada, o anel de ouro de casamento, largo e fora de moda, ornando o dedo magro. Por um instante ficaram ali silenciosas, cada qual perdida em seus próprios pensamentos. Então, Sara começou a falar, suave mas firmemente, sabendo que aquelas poderiam ser suas últimas palavras endereçadas à jovem que ela amava tanto.

— Lindsay, desejo que saiba como me sinto orgulhosa de você. Tornou-se uma bela mulher e, mais importante que isso, inteligente. O modo como conduz seu casamento é algo maduro e admirável. Sei que não foi uma coisa fácil preservá-lo, silenciando acerca daquela mulher lá em Londres, para não afligir sua mãe e a mim, e, desconfio, para não

deixar que Geoffrey se inteirasse de que você sabia do caso. Mas sua atitude foi correta, firme e digna de elogios. Mais do que louvável. Quase heróica.

Lindsay arregalou os olhos.

— Então você sabia? Você e mamãe sabiam?

— Naturalmente. Não pensa realmente que Howard ficaria calado a respeito de uma coisa dessas, pensa? Ele veio aqui correndo, mal aquela tola da Adele lhe contou tudo. Imploramos a ele, sua mãe e eu, para não contar a você. Mas, oh, não. Meu ajuizado filho achava ser seu dever partir seu coração, Lindsay.

— Eu não fazia idéia de que soubessem. Gostaria de ter sabido disso. Estava precisando desesperadamente de alguém com quem me abrir.

— Sim. Talvez tenhamos errado em não lhe dizer que sabíamos do caso. Mas tanto sua mãe quanto eu tivemos maridos infiéis e resolvemos mal a situação. Dificilmente estaríamos em condições de dar conselhos a você. — Sara sorriu. — Essa não é toda a verdade. Tínhamos tal confiança em você que acreditamos que saberia agir por si mesma, a seu próprio modo. E você assim fez, sem ter uma dupla de mulheres indignadas para confundir seus pensamentos e talvez guiar você na direção errada. Minha própria mãe costumava dizer: "Você nunca terá problemas se mantiver a boca fechada". Pauline e eu decidimos que isso seria o melhor naquela situação. Howard já passara da conta ao nos dizer tudo.

— Foi um período terrível — disse Lindsay. — Odiei Geoff. E papai e Adele também. Até mesmo James. Senti-me traída pelo meu próprio irmão.

— Eu sei. Ninguém poderia recriminá-la. Mas você não deve culpá-lo, Lindsay. James não estava sequer pensando em destruir seu casamento. Deu apenas a Geoffrey o tipo de conselho que os homens dão uns aos outros. Estranhas criaturas, essas. Pensam que o sexo é cura para tudo. Basta notarem que um outro homem está infeliz e logo pensam que encontrar uma mulher resolverá o caso. Basta que vejam uma mulher solitária para de imediato decidirem que o remédio para a sua frustração é arrumar um homem. — Sara meneou a cabeça. — Se isso fosse assim tão simples! Poderia ser, se as mulheres não atribuíssem tanta importância emocional ao sexo. Elas se sentiriam melhor se pudessem encará-lo como uma necessidade física desapaixonada, do modo como os homens o vêem. Sua mãe não pôde, Lindsay, e ela destruiu seu casamento por causa disso. Eu não pude, também, e tive uma vida infeliz, cheia de raiva e ressentimento. Mas você é diferente. Você sabia que a infidelidade passageira de Geoffrey era algo sem importância para ele, e sabiamente esperou a coisa passar. Eu a louvo por isso, minha querida. Sua geração é muito mais inteligente acerca do comportamento humano que a minha ou a de Pauline.

Lindsay pareceu inquietar-se.

— Não tenho tanta certeza disso, Gandy. Os tempos mudam, mas as pessoas continuam as mesmas. Você tem razão. Não disse a Geoff que sabia o que ele esteve fazendo em Londres. Provavelmente nunca lhe direi. Mas não estou certa de que venha a perdô-lo de todo. Estou tentando ser tão inteligente como você acha que sou, mas nisso há um pouco de encenação. Ainda estou magoada porque, enquanto eu lhe permanecia fiel, ele não demonstrou o mesmo respeito por mim.

— Não se apegue a isso. Já faz parte do passado, feito e consumado. Um desvio. Um erro de julgamento. E duvido que isso volte a acontecer. Geoffrey não é tão inseguro como seu pai ou tão frívolo como seu avô. Enquanto ele tiver você, não irá procurar alguém mais.

Respirou fundo. Estava tão cansada, tão terrivelmente exausta. Mas era muito importante para ela concluir aquela conversa com Lindsay. Podia não ter outra oportunidade.

— Há algumas outras coisas que preciso lhe dizer, Lindsay. Por favor, ouça e não me interrompa com essas ridículas e piedosas mentiras com que todos me ofendem nestes últimos dias. Sei que vou morrer em breve. Sei disso e o aceito. Não estou com medo. Mas gostaria de deixar as coisas bem arrumadas. Refiz meu testamento após a morte de James. Tudo o que tenho reverterá para você: a maior parte de meus bens e todos os meus haveres pessoais. Fiz alguns legados específicos daquilo que cabe a Howard, na maioria coisas de seu pai. Ele é um homem rico com o que possui de direito. Não necessita de meu dinheiro, e eu certamente não desejo que aquela garota tola que se casou com ele o tenha.

"Deixo também certos objetos pessoais para sua mãe. Eu a amo bastante, mais do que amo meu filho, que Deus me perdoe. Ela também ficará com este apartamento e a renda de bens sob sua custódia, enquanto viver. Ela ficará independente, e isto é muito importante. Porque sei que, quando eu me for, você vai querer levar Pauline para morar em sua companhia. Não o faça, Lindsay. Não acho que ela vá querer, mas, ainda que queira, não permita isso. Foi um erro que eu cometi. Minha vida na casa de vocês foi boa, muito harmoniosa, mas eu estava errada em permanecer ali. Uma mulher necessita ter sua própria casa, seu modo próprio de fazer as coisas. Ela nunca será feliz sentindo-se como uma hóspede, mesmo na companhia de sua família. Pauline terá condições de morar em qualquer lugar que deseje, neste apartamento ou em outro. Não se preocupe com o fato de ela ficar sozinha. Pauline pode se sentir solitária, mas será independente, e isto é a maior bênção que qualquer mulher pode obter."

Lindsay tentou mostrar-se tão calma como sua avó, mas toda aquela conversa prática acerca de providências após a morte levou-a quase a protestar nervosamente. "Não morra, Gandy", desejou dizer. "Por favor, não nos deixe." Mas simplesmente assentiu, apertando a mão de Sara.

— Querida, eu compreendo — disse por fim. — Não fale mais. Isto a está cansando muito. Podemos concluir esta conversa mais tarde.

Sara fez que não com um gesto de cabeça.

— Estou bem. Direi apenas umas coisinhas mais. Não deixe de ser compreensiva com seu pai, Lindsay. Ele é um homem frívolo e tolo, que nunca reconhecerá seus erros. Casar-se com Adele foi um deles. Eu sei disso, e ele também, mas nunca será capaz de admiti-lo. O fim de Howard será infeliz, querida, e então não haverá ninguém para olhar por ele em seus últimos dias. Ninguém a não ser você e, muito estranhamente, Pauline. Ela ainda o ama, que Deus a ajude. — Falava com esforço agora, como se lhe custasse respirar. — Eu a amo, Lindsay. Lembre-se disso sempre. E lembre-se também do que lhe disse certa vez sobre encontrar uma reluzente moeda de um pêni. Quando quer que a encontre, apanhe-a e diga: "Aí está Gandy, que me ama".

Lindsay começou a soluçar baixinho.

— Que é isto, querida? Não há por que chorar. Você me verá milhares de vezes nos anos vindouros. E sei que guardará com você o que importa para mim, não apenas bens terrenos, mas pessoas. — Forçou um sorriso. — Incluindo essa maravilhosa e pequenina pessoa que tem como nome essas ridículas iniciais. — Fechou os olhos. — Agora, acho que gostaria de repousar um pouco, se você não se incomoda.

— Claro que não me incomodo, querida. Eu a verei amanhã.

Sara assentiu.

— Amanhã e todos os dias, enquanto você viver.

Lindsay nunca mais veria sua avó com vida. Na manhã seguinte, bem cedo, Pauline telefonou e disse com a voz estrangulada na garganta:

— Tudo terminou, Lindsay. Ela morreu. Silenciosamente, enquanto dormia. Sem sofrimento.

Lindsay sentiu uma dor profunda, tal como sua avó havia previsto. Nos dois dias que antecederam o funeral, ela se recusou a se aproximar sequer do lugar onde Gandy jazia recebendo as derradeiras homenagens de centenas de pessoas.

— Não quero vê-la — disse Lindsay a seu pai. — Desejo me lembrar dela viva, conversando e rindo. Ela disse frases espirituosas até o fim, brincando comigo acerca do nome do bebê. Não, papai, não irei, não ficarei olhando fixamente para algo que não é Gandy. Ela detestaria isso. Detestaria o que vocês, estão fazendo com ela agora.

Howard se empertigou com ar arrogante.

— Do que você está falando? Estou providenciando para que ela obtenha as honras que merece. Centenas de pessoas têm comparecido à casa funerária. Tantas são as coroas fúnebres que tivemos que colocá-las num aposento anexo. Ela era uma mulher muito conhecida, Lindsay. Meu pai foi um cidadão importante em Nova York. As pessoas não se esqueceram disso, ainda que já se tenham passado mais de vinte e cinco anos desde sua morte, que sua alma descanse em paz. Eles estão somente, prestando à sua viúva a deferência que ela devia merecer.

— Então isso é tudo o que ela era para você, papai? A viúva de um homem muito conhecido? Ou a mãe de uma outra figura preeminente? E que me diz de todas as coisas que ela era por si mesma? E quanto à dignidade, bondade, compreensão que faziam dela uma grande senhora? Ela não teria desejado essa exibição vulgar de piedade. Você quer assim. Mas eu não tomarei parte nisso.

— Claro que participará! — exclamou Howard, furioso. — Você é a única neta dela. E também sua principal herdeira. — Lindsay captou ressentimento na voz dele ao dizer a última frase. — É de todo conveniente que você esteja presente, recebendo junto comigo os votos de pesar. Deus sabe como é embaraçosa a presença ali de Pauline e Adele, o que na certa provocará falatórios. Sua ausência motivará comentários, fará as pessoas pensarem que há alguma espécie de discórdia em nossa família. Eu não quero isso, Lindsay, entendeu? Simplesmente não vou suportar tal coisa!

"Então é isso", pensou Lindsay. "Você não liga a mínima que eu apareça ou não. Simplesmente não deseja que a minha ausência leve os outros a pensar tolices. Bem, que se dane, papai. Você deseja converter isso em seu próprio *show*. Vá em frente e

banque o filho desolado. Mas não me levará a participar de sua encenação." E então ela pensou nas derradeiras palavras de sua avó, o apelo para que sua neta fosse compreensiva com aquele homem pateticamente imaturo. "Farei por você, Gandy", decidiu. "Serei boa para ele em seu nome, Gandy, como você foi generosa com todos."

— Está bem — disse ela a contragosto. — Irei à casa mortuária hoje à noite. Mas não olharei para ela.

— Como queira — disse Howard friamente —, mas pelo menos esteja lá. E pelo amor de Deus, comporte-se corretamente nos serviços fúnebres amanhã! Não espero que você dê um espetáculo com suas lágrimas. Procure copiar, se for possível, um pouco do autocontrole de sua mãe. Ela se comporta como uma pessoa civilizada, e foi mais íntima de minha mãe do que você jamais foi.

Lindsay captou de novo um travo de ressentimento. "Papai sabe que Gandy tinha mais afeição por mamãe do que por ele", pensou. "Isso deve tê-lo magoado, tanto que está fazendo essa encenação toda para provar sua dedicação à mãe e, de certo modo, sua intimidade com ela."

"Ele se preocupa tanto com a opinião pública", pensou Lindsay. "Pergunto-me como ousou ser tão franco acerca de seus casos quando estava casado com mamãe. E onde encontrou coragem para se casar com uma mulher jovem o bastante para ser sua filha, sabendo que as pessoas iriam cochichar e rir dele pelas costas? Devia estar loucamente apaixonado por Adele para agir assim, sabendo do falatório que viria a seguir. Ou então procedeu assim para dar mais provas de sua grande virilidade. Ele se preocupa mais com isso do que com sua maldita imagem. Sempre se importou mais com sua reputação de conquistador do que com sua posição como marido ou pai." E, no entanto, ela realmente não podia odiá-lo. Nunca o odiara. Era um homem tolo, vaidoso, tal como Gandy dissera. Mas era seu pai. E ela o apoiaria sempre, como Gandy lhe pedira que fizesse.

Segunda parte

Os anos de amadurecimento

Capítulo 17

— S. P., pelo amor de Deus, fique quieta! Não posso ajeitar este véu com você movendo a cabeça desse jeito. Que está querendo, entrar na igreja parecendo uma freira tonta?

A noiva de vinte anos riu e voltou-se, dando um abraço efusivo em Lindsay.

— Desculpe, mamãe. Eu lhe dou um bocado de trabalho, não dou?

— Este é o pronunciamento do ano. Não se preocupe. Eu fui avisada. Sua bisavó me preveniu de que seria difícil controlar você.

— Gandy? Gandy lhe disse isso? Como ela soube? Eu mal acabara de nascer quando ela morreu.

— Ela viu você uma vez apenas. Você estava com duas semanas, mas ela a olhou e soube logo que você ia ser um diabinho. — E Lindsay sorriu, lembrando-se. — Lembro-me de ela ter dito também que você seria tal como eu: irrequieta mas encantadora. E você o tem sido, sua pirralha, ainda que às vezes eu pense que armou uma campanha organizada para deixar doidos a mim e a seu pai.

— Ora, vamos. Não tenho sido má assim, tenho? Além do respeito que sempre tive por você e papai, nunca participei de passeatas de protesto em nome dos direitos civis. Sou estritamente antidrogas. E não fiquei grávida antes de me casar de fato. Isso não é nada mal para uma mulher liberada em 1965, não é mesmo? — S. P. estava brincando com sua mãe, com aqueles seus olhos castanhos como os de Lindsay, brilhantes e risonhos.

— Você é impossível. Uma menina atrevida, petulante, que não teve bom senso suficiente para permanecer solteira.

S. P. ficou pensativa.

— Você e papai não acham que estou cometendo um erro, acham? Quero dizer, vocês me aprovam?

— Faria diferença se não aprovássemos? Suponhamos que eu diga que não aprovo. Você cancelaria seu casamento na semana que vem?

— Mamãe, você está brincando, não está? — S. P. parecia realmente ansiosa.

— Claro que estou brincando! Você sabe que gostamos de Robin. Mas mentiria para você, querida, se não lhe dissesse que preferiria que tivesse esperado um pouco mais. Você é jovem demais para se casar.

— Você era um ano mais moça que eu quando se casou. Tinha apenas dezenove anos.

Lindsay suspirou, retrucando:

— Sabia que você diria isso. O último e irrefutável argumento. E a seguir me dirá que seu pai tinha então somente vinte anos e Robin está com vinte e cinco.

S. P. sorriu.

— E tudo deu certo para você, não deu? No ano passado vocês comemoraram suas bodas de prata.

— Não me lembre disso. Vinte e cinco anos. Meu Deus, é indecoroso viver com o mesmo homem tanto tempo! Sempre pensei que os contratos de casamento deveriam conter cláusulas de renovação, a serem revistas a cada cinco anos, para que se pudesse decidir se nossa opção foi acertada.

— Mamãe!

— Claro, estou brincando. Bem, em parte. Houve ocasiões em que eu poderia não ter renovado meu compromisso. E seu pai, por seu lado, também. Casamento não é um piquenique, garota, não cometa a tolice de pensar que é. Mas é o único modo de se viver, se for perfeito. Ou tão razoável como um relacionamento íntimo pode ser. Temos feito o máximo, seu pai e eu, mas houve momentos delicados no começo. Como durante o período da guerra. Uma separação é dura para casais jovens. Mais difícil do que estando juntos, quando se pode gritar, protestar e discutir as coisas cara a cara. Fico feliz por Robin não ter que se envolver nessa coisa terrível que é a Guerra do Vietnam. E por muitos motivos.

— Sim. Graças a Deus e aos antigos ferimentos dele em jogos de rúgbi. — S. P. franziu a testa. — Acho que se ele sofresse a ameaça de ser convocado, eu o faria fugir para o Canadá. Comigo, naturalmente. Essa é uma guerra tão sórdida, mãe. Por que afinal L. B. J.⁸ não nos livra dela?

— Menina, não me faça perguntas como essa. Tive dificuldades demais para aceitar a enormidade da II Guerra Mundial. Às vezes ainda não consigo crer no que aconteceu. Trinta e cinco milhões de mortos. E mais dez milhões nos campos de concentração nazistas.

— Você deve ter ficado quase doida de aflição por papai.

— Sim — retrucou Lindsay lacônicamente. — Fiquei.

Aquilo parecia ter ocorrido há um século. Tantas coisas tinham acontecido nos últimos vinte anos! Geoffrey ainda estava na agência de publicidade, onde fizera carreira firme e rápida, e da qual era atualmente o diretor, à frente de um negócio de muitos milhões de dólares. E por causa desses negócios é que S. P. conhecera Robin Darnevale, o mesmo tipo de jovem e inteligente executivo de finanças que Geoffrey fora. Num espaço de dois anos, Rob cortejara e conquistara a filha do patrão, e agora, com a aprovação de Geoff, a levaria para Chicago, onde Robin ia dirigir a sucursal da Ford, Wheeler, Koch & Murray.

Lindsay detestava ver S. P. ir viver tão longe. Durante os anos em que S. P. fora crescendo, as duas haviam se tornado muito íntimas, mais do que Lindsay o fora com Pau-line, de certo modo. Não que ela e S. P. fossem como colegas. Lindsay detestava tal idéia. Mães são mães e filhas são filhas, e não se pretende que sejam coleguinhas. Mas ela se sentia à vontade com S. P., e sabia que a garota sentia o mesmo. Iriam sentir falta uma da outra, mas S. P. devia ter sua própria vida, seu próprio lar. Além disso, Lindsay tinha o consolo de saber que Robin viria com frequência à sede da agência em Nova York, e não havia nenhum motivo para S. P. não acompanhá-lo. Havia espaço de sobra para eles no grande apartamento da Park Avenue. Graças a Deus ela e Geoff não tinham tido a mínima necessidade de se mudarem para o interior. Eram gente da cidade, como Pauline, que morava ainda no apartamento que tinha compartilhado com Gandy, somente cinco quarteirões adiante.

Aos setenta e cinco anos, Pauline era uma mulher elegante, equilibrada, decididamente independente, com a disposição e a energia de alguém vinte anos mais moço. Estava sempre ocupada com obras caritativas e ligas femininas e seus "projetos da maior utilidade prática", como os chamava depreciativamente. Após a morte de Gandy, não havia por que Pauline não permanecer no confortável apartamento que era seu agora. Isso nem foi discutido. Pauline simplesmente dissera:

— Gostaria de ficar aqui, Lindsay. Os objetos decorativos são seus. Leve alguns deles, se desejar. Gandy deixou-os para você.

— Não desejo levá-los agora, mamãe — retrucara Lindsay, então com vinte e cinco anos. — Nosso apartamento é muito pequeno. Guarde-os para mim até que eu necessite deles.

⁸ Lyndon B. Johnson, presidente dos EUA (N. do T)

— Muito bem. — Pauline hesitara. — Simplesmente pensei que agora... agora que você é uma jovem muito rica, você e Geoff poderiam se mudar para um apartamento maior. Você podia pagar uma babá para S. P., se dispusesse de um quarto a mais.

Lindsay meneou a cabeça, dizendo:

— Hum... Geoff não irá gostar de que eu use meu dinheiro para algo assim. Ele diz que posso gastar o que quiser em roupas para mim e S. P., mas que é o responsável pelo pagamento do aluguel, da alimentação e de uma empregada. E no momento não estamos em condições de ter luxos.

Pauline olhara para a filha com certa ironia.

— E você não se incomoda com isso?

— Claro que me incomoda. Acho uma tolice. Mas Geoff tem seu amor-próprio, mamãe.

O jovem casal só se mudara quando S. P. já estava com cinco anos e Geoff pôde conseguir um apartamento de três quartos na East 57th Street. Mesmo assim, Lindsay não contratou uma babá. Ela adorava cuidar de S. P., levantar-se cedo para levá-la à escola, primeiro ao jardim de infância e mais tarde à escola primária, até que a menina já fosse crescida o bastante para ir sozinha para o colégio no ônibus escolar. Permaneceram naquele apartamento até S. P. completar quinze anos. Geoff tornara-se então diretor da agência de publicidade, e eles compraram um grande apartamento de cobertura na Park Avenue, contrataram uma empregada que dormia em casa, e finalmente mandaram buscar algumas peças de antiguidade de Gandy. Lindsay não desejara de início levá-las, mas Pauline insistira:

— Você tem espaço e ambiente apropriados para elas agora, Lindsay, e deve desfrutar desses objetos. Gandy gostaria que você fizesse isso.

— Mas e quanto a você, mamãe?

— Querida, onde quer que fiquem espaços desocupados, eu os preencheri. Não com coisas tão valiosas como essas. Na minha idade, não necessito delas. Mas não se preocupe, meu apartamento não terá a aparência de uma casa em que a mobília foi leiloada... Na realidade, há coisas demais nele agora.

Lindsay ficou com aquelas belas antiguidades de sua avó, que incluíam peças de mobiliário, quadros e bibelôs valiosos, e rejubilou-se ao contemplá-los. Além disso, tornaram-se a fonte de um novo interesse para ela. Passou a ler tudo o que podia sobre antiguidades, indo a todas as lojas especializadas e exposições, e se tornou uma perita no assunto. Era um passatempo que a encantava, e ela passou a conhecer mais sobre o ramo que muitos decoradores. Isso acontecera numa época oportuna, também. S. P. era então uma moça, já ocupada com sua própria vida social. Na sua estréia na sociedade fora apresentada a Robin Darnevale, empregado de seu pai. Fora realmente um caso de amor à primeira vista, culminando no casamento a ser realizado dentro de uma semana.

Intimamente, como dissera à filha, Lindsay desejaria que S. P. e Robin tivessem esperado um pouco mais. Geoff concordava com isso. Mas afora uma pequena conversa com o jovem casal, os pais de S. P. não tinham feito qualquer tentativa para dissuadi-los.

— Eles podem acabar fugindo para se casar, como nós fizemos, meu bem — disse Geoff. — Sei que você tem em mente um grande casamento para S. P. Gostaria de pôr isso em risco?

Lindsay negara com um gesto de cabeça.

— Não. Robin é um ótimo rapaz e a ama. Não vai se casar com ela porque é a filha de seu chefe. E S. P. o adora. — Sorriu. — Ela é minha filha, também. Lembra-se de como eu o chantageei para se casar comigo?

— As coisas eram diferentes naquele tempo. Moças de vinte anos normalmente eram virgens ainda. Não tenho certeza de que a mesma tática desse certo atualmente.

— Geoff! Você não está pensando...

— Não me permito tal pensamento, Lind. S. P. é uma boa garota, mas vivemos num mundo diferente.

"Sim, assim é", pensava Lindsay agora, enquanto se ocupava dos últimos preparativos para a recepção aos noivos em casa. "Deus sabe que este é um mundo que papai não pode entender."

Seu pai. Aos setenta e sete anos, Howard Thresher era um velho. Ranzinza, impaciente, hipocondríaco. Ainda estava casado com Adele, e a diferença de idade entre eles, estando ela agora com quarenta e quatro anos, tornara-se excessivamente evidente. Adele era ainda uma bela mulher, conquanto sua personalidade fosse descolorida como sempre. Tratava Howard com a deferência que demonstraria por qualquer homem velho o bastante para ser seu pai, mas havia animosidade entre eles. Isso era evidente. Às vezes, Lindsay o surpreendia olhando para Adele como se a odiasse. O que tinha sido a vida dos dois naqueles últimos vinte anos? Fora uma coisa impulsiva, apaixonante no início? De certo modo ela sentia pena de Adele. Existira uma bela promessa de felicidade muito tempo atrás, quando Adele estava loucamente apaixonada por James. Ela então palpitara de vida e de desejo. Mas quando James morrera ela se tornara aquela criatura assustada, indefesa, que Howard Thresher desejara, por motivos que ninguém jamais entenderia.

Lindsay há muitos anos fizera as pazes com Adele, mas não pôde mais sentir aquela forte amizade por ela de novo, e nem a mesma confiança. Geoff, por outro lado, admirava Adele imensamente, achando-a inteligente, cativante, e mesmo sexy. E Adele mostrava-se tímida perto dele. Por vezes, Lindsay chegara mesmo a pensar que sua amiga de infância gostaria de ter um caso com Geoff. Por que não? Ela era a primeira a saber que ele era vulnerável. Mas o caso dele com a tal inglesa ocorrera há vinte anos. Depois, Geoffrey Murray nunca mais dera motivos a Lindsay de alimentar a menor desconfiança. O tempo tinha quase apagado a lembrança daquela jovem inglesa desconhecida. E Lindsay raramente pensava naqueles dias terríveis, exceto quando via Adele ou quando, poucos dias antes, fizera uma vaga referência aos problemas conjugais em sua conversa com S. P.

Seus pensamentos retornaram a Howard Thresher. Sempre experimentara sentimentos ambivalentes em relação a seu pai. Quando criança, ela o vira como um herói. Literalmente o idolatrara, com a premência de obter a aprovação dele quase agravada pelos modos meio indiferentes de Howard. Mais tarde, quando seus pais se divorciaram, travara uma luta decisiva com seus apelos de lealdade; metade dela simpatizando com Pauline, que chegara ao limite de sua paciência e resignação; a outra metade ainda aderindo ao homem que não desejara ver terminado seu casamento. Por algum tempo, durante sua crise com Geoff, pensara odiar o pai, julgando-o um tolo por se

casar com Adele. Pior que tolo. Ela o encarara como um traidor, ao vê-lo aliar-se à sua inimiga.

Vinte anos mais tarde, ela podia olhar para trás e analisar quase clinicamente as emoções bisonhas daquela época. As pessoas que ela recriminara não eram culpadas, nenhuma delas. Seu rancor por Geoff se diluíra em algo sequer remotamente ligado ao sofrimento que ele lhe causara. O mesmo ocorrera com relação a seu irmão morto na guerra. Pobre James. Silenciosamente, ela lhe implorara perdão e percebera que nunca deixara de amá-lo, como nunca deixara de adorar Howard, com suas fraquezas e tudo o mais.

Nos dois últimos anos, ela e o pai tinham se tornado muito íntimos. Mais próximos um do outro do que em qualquer outra época de suas vidas. Da parte dele, ela presumia, isso se devia à introspecção da velhice, à tardia compreensão de que nunca tinha sido o pai por quem uma menina anseia. Quanto a Lindsay, agora sentia pena daquele homem desapontado. Seu código de honra, seu inflexível orgulho o impediam de falar de seu segundo casamento, mas uma Lindsay madura, mais perspicaz, podia ler nas entrelinhas. Quando o noivado de S. P. já fora anunciado, Lindsay teve uma de suas raras conversas francas com Howard. Ele se opusera claramente àquele casamento.

— Ela é tão jovem! É ainda uma menina!

— Papai, ela está com vinte anos. Sei que é jovem. Geoff e eu também achamos isso. Mas ela procede de uma longa linhagem de mulheres que se casaram cedo: Gandy, mamãe e eu. Não estou em condições de lhe dar lições de moral. Seja como for, suponho que devemos ser gratos ao fato de S. P. e Robin serem a favor do casamento. Milhões de jovens não mais parecem crer nele. Preferem viver juntos apenas, e tenho certeza de que isso iria afligi-lo ainda mais, papai.

— Não necessariamente — retrucou Howard, com azedume. — Pelo menos eles saberiam se são compatíveis. Não é de todo uma má idéia, sob muitos aspectos. Provavelmente evitaria um bocado de sofrimento mais tarde.

Lindsay mal pôde conter o riso. Howard era favorável a que sua neta "vivesse em pecado"? Que caixa de surpresas ele era! Ela nunca entenderia aquele homem complicado.

— Ora vamos, papai. Você não fala realmente a sério. Está é furioso. — Brincava com ele gentilmente. — Não me diga que mudou de opinião quanto ao velho padrão unilateral. Pensei que suas convicções acerca da pureza das mulheres fossem muito rígidas e estreitas. Pode ser isso uma abertura que estou antevendo?

Ele não sorriu. Na verdade, assumiu uma expressão sofrida.

— Moralmente, é difícil para mim justificar tal fato, Lindsay. Você tem razão sobre isso. Mas como um homem prático, tenho tido de me confrontar com o fato de que algumas pessoas não são... fisicamente ajustáveis. Um homem toma como certo que sua mulher terá sentimentos iguais aos dele. Nem sempre isso acontece. Uma jovem sem experiência pode às vezes ficar desapontada, pode até mesmo rejeitar o homem que a desposou. Isso é uma coisa ruim. Ruim para ambos.

Lindsay estava atônita.

— Está dizendo que acha que S. P. e Robin deviam dormir juntos antes de casarem? Você, papai?

Não houve resposta.

Quase com certeza, Lindsay entendeu que ele não estava falando de sua neta. Howard estava se referindo a si próprio e Adele. Meu Deus! Teria ele sido rejeitado por aquela idiotinha durante todos aqueles anos? Como ela pudera? "Rejeitado", ele tinha dito. Que humilhação para aquele homem. Para *qualquer* homem, ela se disse. Mas superado o impacto inicial, perguntou-se por que estava surpresa. Desde o tempo em que elas eram crianças, Adele sempre manifestara desinteresse, até mesmo desagrado, pelo casamento. "Pensei que ela havia se livrado dessas idéias tolas. Parecia tão apaixonada por James. Mas se o ato sexual a revoltava, por que então se casou com papai?", voltou a pensar Lindsay. "Ela devia saber que ele era um homem de desejos fortes. E por que papai permaneceu casado com ela se não se ajustavam fisicamente? Foi o seu maldito orgulho", ela pensou piedosamente. "Como ele deve ter sido infeliz todos estes anos! Mas nunca irá admitir seu erro." Era divertido. Doloroso e divertido ao mesmo tempo. Seu pai, o sedutor, desposando uma virgem e descobrindo então que ela não podia suportá-lo. "Eu seria capaz de matá-la", pensou Lindsay revoltada. "Tudo o que ela queria era segurança. Provavelmente, pensou que ele era velho demais para ser exigente. E ela o destruiu. Fez dele um homem velho e ranzinza."

Mas não podia dizer nada a seu pai. A ferida já era muito antiga e profunda demais para ser curada. Poderia algum homem despertar Adele? Lindsay tinha suas dúvidas. Adele era uma mulher fria, tensa. Adele, a mulher de gelo. Talvez James pudesse tê-la despertado. Isso ninguém jamais saberia. Mas se não tivesse tido sucesso, demonstraria menos falso orgulho que seu pai. Teria dado um chute naquele traseiro gelado, que era o que ela merecia.

Olhou para Howard, que parecia perdido em seus pensamentos.

— Bem, papai, por tudo que sabemos, nossa preciosa "criança" deve saber se ela e Robin são compatíveis. Você, Geoff e eu esperamos que sim, a despeito de nossa moral de 1940. Mas, seja como for, penso que eles serão felizes. Basta você olhar para S. P. para saber que ali está uma jovem mulher com os pés no chão. Ela conhece a realidade da vida. Moças da sua idade são muito sabidas nos dias de hoje. E ela está amando, papai. Conhecerá a alegria de dar e a emoção de receber. Tenho absoluta certeza disso. Está preparada para o casamento? Não posso dizer. Pronta para amar? Sobre isso não há dúvidas.

Ele suspirou, dizendo:

— Faço votos de que tenha razão, Lindsay. Não há nada mais triste do que um casamento sem amor. — Por um momento ele abriu sua guarda. — Sempre amei sua mãe, você sabe. Amei-a realmente. E a fiz sofrer. Eu era então um moço ganancioso e exigi mais compreensão que a que uma mulher pode conceder. Quero que você saiba que lamento o que fiz a ela todos aqueles anos. Lamento profundamente. Aprendi minha lição tarde demais. Mas tenho pago por isso. Realmente tenho. Paguei por meu erro milhares de vezes. Há um inferno aqui na terra, Lindsay. Cada um de nós é punido por seus pecados. E recebemos nosso merecido castigo aqui mesmo, de um modo ou de outro. — Os olhos do homem já idoso se enevoaram. — Espero que Geoff nunca tenha de pagar por seus pecados. Você já o perdoou, não? Espero que sim. Errei ao lhe revelar aquilo. Que tipo virtuoso eu era! Condenando nos outros o mesmo tipo de conduta em que já

incidira. Pensava que aquilo tudo já terminara para mim, e que podia bancar o pregador sobre os erros dos outros. — Deu um risinho mais irônico. — Não há nada pior do que um devasso regenerado, há? E nada mais falso também. Geoff cometeu um erro. Eu cometi dúzias deles. Não o culpará por aquilo, não é, Lindsay? Não o faça pagar para sempre por aquele deslize já superado.

Ele a fez sentir vontade de chorar.

— Já esqueci o que houve, papai. — Que mal haveria em dizer uma meia verdade? — Aquilo aconteceu há vinte anos. Ele era então um soldado solitário e eu me achava muito distante. Geoff tem sido um bom marido. E um bom pai. Se havia alguma expiação a ser cobrada, creio que ele se puniu a si mesmo. Geoff não necessita de que eu o acuse.

— Ótimo — disse Howard. — Você é uma boa garota. Sinto orgulho de você.

Mesmo agora o elogio dele a sensibilizava.

— Não seja tão duro consigo mesmo, papai. Mamãe nunca se mostrou assim severa a seu respeito. Ela compreendeu e sempre o amou também. Tinha orgulho, eis tudo. Como você. E ainda tem.

Howard olhou-a atentamente. Ela compreendia, tudo bem. Mas ele não desejava a sua piedade. Não podia suportá-la, partisse de Lindsay ou de qualquer pessoa.

— Não interprete mal tudo o que eu disse. — Agora parecia fechar a guarda de novo. — Sou um homem muito feliz, a despeito do que quer que eu lamente ter feito. A vida tem sido boa para mim. Não tenho queixas. Absolutamente nenhuma. Tenho uma mulher dedicada, uma filha encantadora e uma bela neta.

— Naturalmente. Você é um ser humano afortunado. Todo mundo o ama.

Ele pareceu gratificado.

— Sim, eles me querem, não querem? Saber disso é uma boa coisa.

O casamento foi um sonho. S. P. estava radiante ao entrar na igreja pelo braço de seu elegante pai. Lindsay desviou seu olhar da noiva o bastante para contemplar Robin, cujo rosto parecia estar colorido de amor e deslumbramento. "Eles se darão bem", pensou Lindsay, enxugando uma lágrima. "Há mais do que apenas desejo entre eles. Há compreensão e respeito, e um sentido maravilhoso de integração. Ao contrário das gerações anteriores, estão se casando por todos os motivos certos."

Lindsay esticou a mão e tocou a de Pauline, que estava sentada perto dela. Sua mãe correspondeu, pressionando-lhe os dedos e dizendo com o olhar: "Isto é bom. É como deve ser".

Pauline estava realmente feliz por ver sua amada neta unir-se ao homem de quem ela gostava tão profundamente. Essa alegria tornava mais suportável sua situação. Ela nunca se acostumara à idéia de ver Howard com outra mulher. Nem sequer após aqueles vinte anos. "Ele parece tão envelhecido", pensou. "Tão cansado e desalentado. É como se estivesse pronto para desistir da vida." Sentiu uma pontada de dor. "Esse não é o meu Howard, esse homem curvado, envelhecido, de olhos sem vida, esse cavalheiro já velho e temeroso que, como me disse Lindsay, consulta seu médico particular quase diariamente, controla sua alimentação, vai dormir às dez da noite, e não fuma nem bebe."

"Ele está com setenta e sete anos", pensou Pauline com uma leve surpresa. Estranho. Raramente ela pensava em termos de idade. E nunca pensara em si mesma ou

em Howard como "pessoas idosas". Que expressão desagradável. E no entanto uma premonição inquietante a acometeu. Howard já estava com dois anos a mais do que sua mãe tinha ao morrer. De repente, experimentou a certeza de que ele logo iria seguir Gandy. Que idéia mórbida, terrível, e logo no meio de uma cerimônia de casamento! O que, afinal, acontecia com ela? "Eu sei", pensou, e involuntariamente estremeceu.

Lindsay sentiu que a mão que ela segurava estremeceu. Por um instante voltou a cabeça e olhou interrogativamente para sua mãe. Pauline sorriu e fez um leve gesto, indicando que não era nada. Rezou para que assim fosse. O que quer que Howard tivesse feito, ela o amaria por toda a sua vida, e se possível além desta.

S. P., já vestida para partir, parou no alto da escada que levava ao segundo andar do duplex de seus pais. Rindo, fazendo gestos simulados de jogar seu buquê de noiva para as mulheres mais abaixo, ela finalmente voltou-se de costas e arremessou o buquê por sobre seu ombro. Ouviu o som de risos contidos e aí se voltou, para então ver Adele segurando o pequeno ramalhete.

Por um instante, S. P. olhou-a fixamente. Nunca simpatizara com a segunda mulher de seu avô. Pauline era a única avó que ela reconhecia como tal, agora que seus avós paternos estavam mortos. Que dizer de Adele ter apanhado o buquê da noiva? Era ridículo. O que ela estava fazendo em meio àquele mundo de gente? O certo era que unicamente moças solteiras ficassem postadas perto do lugar onde o buquê podia cair.

— Belo arremesso, querida — disse Robin baixinho. — Continue exercitando esse braço e no ano que vem verei se posso conseguir um contrato para você jogar com os Dodgers.

S. P. sorriu e participou dos risos de todos, mas ainda assim não pôde deixar de dizer entre dentes:

— Afinal de contas, o que ela está fazendo ali? Por que não ficou mais atrás, com mamãe e vovó, no lugar que lhe pertence?

Ainda sorrindo e acenando para os convidados, Robin disse:

— Não a censure, lançadora. Você arremessou aquela coisa com tanta força que poderia aterrissar na Lexington Avenue.

Desceram a escada juntos, mão na mão, o retrato vivo da felicidade. "Como são jovens", pensou Geoff. "Como são fortes e convictos. Esta é a minha menina. Por sua causa, estou aqui agora. Se não tivesse sido por ela, quem sabe? Eu poderia ter ficado com Pamela. Curioso, ainda penso nela. Tenho sido feliz com Lindsay e não lamento minha decisão. Mas há momentos em que anseio por alguém que necessite de mim. Pam nunca o disse, mas ela necessitava de mim. Lia-se isso em seus olhos, no jeito corajoso, imperturbável com que dissimulou seu desapontamento. Lindsay é tão auto-suficiente. Tem sido uma esposa maravilhosa, uma mãe sensacional. Mas nunca senti nem por um momento que ela dependesse de mim. Não apenas por ela ter seu próprio dinheiro. Ela tem sido o que era quando nos conhecemos: positiva em sua crença de que as coisas sempre funcionam do modo que ela deseja. Por que iria ela duvidar do contrário? Elas sempre funcionaram assim. Eu a amo. Ela sempre atendeu aos meus desejos. E, no entanto, sinto-me o mais fraco dos dois. Este é o ponto nevrálgico de nosso casamento, o conhecimento indesejado de que não sou o protetor galante que gostaria de ser."

Também tinha uma impressão incômoda de que a vida para Lindsay e ele iria mudar agora que S. P. estava de partida. "Ela nos ajudou a nos mantermos juntos mais do que supomos", pensou Geoff. "Lindsay não sabe que o bebê de então é que me trouxe para casa, e que sua existência fez de mim um homem melhor, mais honesto. S. P. tem sido meu amor real, a voz da minha consciência, a única mulher em minha vida que precisou de mim. Robin toma meu lugar agora", pensou com tristeza. "Perdi minha garotinha."

S. P. acercou-se dele e o beijou, jogando os braços em volta de seu pescoço.

— Obrigada, papai. Foi um belo casamento. Obrigada por tudo.

— Não foi nada — disse Geoff suavemente. — Eu o teria feito pela noiva de qualquer jovem publicitário. — Abraçou-a por um momento. — Seja feliz, Sara Pauline — disse a seguir. — Seja muito feliz, meu bem.

Ela olhou-o com adoração.

— Serei, papai.

Ela destinou abraços apertados e beijos para sua mãe, para Pauline e Howard, e para os pais de Robin. Depois deu um abraço menos espontâneo e sem entusiasmo em Adele, que ainda segurava o buquê da noiva.

— Peço desculpas por isso — e S. P. olhou para as flores. — Errei o alvo por falta de pontaria.

Adele sorriu.

— Sim, algo saiu errado. Mas eu é que devo pedir desculpas. Devia ter me abaixado.

Uma hora depois, os convidados já tinham partido, após os agradecimentos dos pais da noiva. Os encarregados do bufê já haviam removido os últimos vestígios do caviar e do bolo de casamento, e a empregada retirara os copos de champanha e limpou os cinzeiros. Na quietude reinante de novo na sala de estar, Lindsay mergulhou numa poltrona e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Cansada? — perguntou Geoff. — Quer que lhe prepare um drinque?

— Eu adoraria. Cada vez que aproximava minhas mãos de um copo, alguém me tomava a frente. Sou a mãe da noiva mais sóbria desde que Carrie Nation⁹ promoveu o casamento de seu "afilhados".

Geoff sorriu.

— Não sabia que ela tinha "afilhados".

— É apenas uma figura de retórica, meu querido. Nem eu sei disso, pouco me importa. — Bocejou. — Tudo funcionou bem, não foi? Quero dizer, a igreja estava linda, e as coisas correram sem um senão aqui em casa. — Franziu a testa. — Tudo exceto aquela idiota da Adele. A calma dela, recolhendo o buquê! O que afinal de contas a levou a fazer uma coisa tão tola? Ela sabe muito bem que quem apanha o buquê da noiva será a próxima a se casar.

— Não acho que ela pretendesse realmente apanhar o buquê, Lind. Penso que simplesmente reagiu involuntariamente diante daquele arremesso sem pontaria de S. P. Ela atirou o buquê de costas.

— Bem, o certo é que foi embaraçoso. E tolo. Mas ela é idiota mesmo. Sempre foi.

⁹ Amelie Moore, líder da campanha pela temperança nos EUA (N. do T)

— Engraçado, eu sempre achei que você admirava muito Adele. Você se mostrava tão impressionada com o trabalho de que ela se ocupou após se formar. E não lhe poupava elogios nas cartas que me escrevia durante a guerra, dizendo como ela era maravilhosa, referindo-se a seu serviço no *awvs*. Francamente, querida, você chegou até a sonhar em vê-la casada com seu irmão.

Lindsay franziu a testa, retrucando:

— Adele mudou muito. Além disso, eu queria que ela se casasse com meu *irmão*, não com meu *pai*.

— Ora, vamos, Lind. Por que você persiste em recriminá-la por isso? Todos estes anos! Eles estavam apaixonados. Está bem, foi como se a primavera se unisse ao inverno. Mas você não pode odiar Adele por causa disso.

Lindsay não retrucou. Mas pensou: "Eu a detesto por algo mais do que você supõe. Eu a odeio pelo que fez a ele. E, sim, ainda a odeio por aquilo que ela quase fez a nós".

— Você sempre se enganou com Adele, não é assim, Geoff? Na realidade acha que ela é terna, cordial e indefesa. Talvez devesse ter-se casado com *ela*. — Sabia que estava sendo ridícula e irritante, mas não podia se controlar. — Acho que ela tem uma queda por você há anos.

Geoff corou de indignação.

— Se eu não soubesse que você está exausta e não pode ser responsabilizada pelo que está dizendo, eu até lhe daria uma bofetada! Nada posso fazer se você tem ciúmes de alguém que seu pai ama, Lindsay. Isso é problema *seu*. Mas, por Deus, não tente me envolver nele!

Ele tinha razão. Ela estava se comportando como uma mulher irascível. A tensão emocional daquelas semanas de preparativos para o casamento de S. P., mais aquela reveladora e desconcertante conversa com seu pai tinham deixado Lindsay com os nervos à flor da pele. E a figura de Adele segurando o buquê de noiva de sua neta-enteada fora a gota d'água que faltava. Mas isso não era motivo para magoar Geoff. Ele não tinha feito nada... ultimamente.

Sorriu como se pedisse desculpas.

— Desculpe-me, querido. Estou exausta. A noite para mim acabou. Vamos subir?

— Acho que vou trabalhar um pouco. Trouxe alguns documentos do escritório que devo examinar. Boa noite, querida. Eu a vejo pela manhã.

— Boa noite. — Deu-lhe um beijo rápido. — Não vá se deitar muito tarde.

Não pretendo, pensou Lindsay. Nos últimos dois anos eles dormiam melhor sozinhos. Geoff roncava alto, o que a incomodava. E ela tinha o mau hábito de despertar durante a noite e acender a luz, o que perturbava o sono de Geoff. Fora ela, na verdade, quem sugerira que não compartilhassem mais o mesmo quarto, envolvendo essa sugestão num toque de coquetismo.

— Isso provavelmente fará reflorir nosso romance — ela dissera. — Você deslizando para a minha alcova e se retirando altas horas, como um amante secreto.

Geoff não fora favorável a essa sugestão, mas não se perdera em argumentos. Acabara por dizer simplesmente:

— Nunca necessitamos de muito estímulo quando éramos jovens. E gosto de saber que você está a meu lado quando acordo.

— Eu sei. Mas você gosta realmente de me ver com creme no rosto e rolos nos cabelos? Ficarei muito mais sedutora todas as noites, esperando que você entre em meu quarto. — Flertava com ele, mesmo quando sentia uma pontada causada por uma recordação incômoda. — Podemos fingir que eu sou sua amante e você é um marido carente, com uma esposa terrível em Westchester.

Geoff acabara rindo e concordando, já que ela achava que era o melhor. E durante meses ele a procurara quase todas as noites. Tinha de admitir que havia algo de excitante naquilo. Pessoas casadas há muito tempo costumam considerar tudo como já garantido, principalmente seu relacionamento amoroso. Mas quando se aproximou o dia do casamento de S. P. e o sentimento de perda se aprofundou em Geoff, a força de seu desejo arrefeceu um pouco. Agora, quase que por obrigação, ele fazia o papel de amante de Lindsay somente uma vez por semana, ou até menos. Tinha certeza de que Lindsay o notara, embora não tivesse feito qualquer comentário. Ela sempre o recebia de braços abertos e com a mesma ânsia demonstrada naquela noite em que tinham fugido para se casar. Lindsay nunca se cansara dele, e nem Geoff dela. Mas aquilo tinha se tornado inevitavelmente banal e, infelizmente, um tanto rotineiro. Para ele ou para ambos, presumia Geoff.

Observando-a subir a escada rumo ao quarto, Geoff pensou novamente em como ela era bonita. Aos quarenta e cinco anos, Lindsay ainda possuía um rosto jovem, sem vincos, e um corpo perfeito. Ela sempre tivera um porte maravilhoso, cheio de graça. "Lindsay se conduz como uma imperatriz", dissera sua avó certa ocasião. "E com frequência, ela se comporta também de modo imperativo", Pauline acrescentara secamente. Geoff sorriu dessa lembrança. "Eles a amam sem reservas, todos eles. E eu também. É uma mulher incrível."

Por que, então, ele sentia aquela sensação vaga de desolação e vazio? O que estava ele buscando? Não seria Pamela. Ela era agora apenas um sonho distante, há muito extinto. Não tivera mais notícias dela desde o dia em que partira de Londres. Devia estar casada agora, com filhos. Não, ele não ansiava por sua amante dos tempos de guerra. Nem sequer sentia um anseio consciente por alguma mulher.

"É a menopausa masculina", pensou, pesaroso. "Você provavelmente se encaminha para isso. Está se aproximando dos cinquenta. É algo que acontece a inúmeros homens. Esqueça-o. Não fique terrivelmente descontente como muitos camaradas de meia-idade." Sozinho, subitamente riu alto. Bom Deus, talvez estivesse sofrendo da "síndrome do vazio", essa terrível sensação que ocorre quando os filhos crescem e deixam o lar! Estava sendo absurdo. Era um pensamento sem pé nem cabeça. Os *país* são sofrem essa síndrome. Era uma doença emocional reservada às mães "abandonadas", que ficam sem nenhum interesse pela vida. "Sou um homem que dispõe de tudo para se manter ocupado e feliz", pensou. "Por que me compadeço de mim mesmo como uma dona-de-casa entediada e abandonada?"

Bruscamente, subiu a escada e, sem bater, entrou no quarto de Lindsay. Ela acabava de vestir a camisola. Geoff olhou-a apreciativamente, e então, assumindo uma atitude descontraída enquanto se encostava na madeira da porta, ergueu uma sobrancelha e disse:

— Seu marido está fora da cidade, senhora?

Entrando no jogo, Lindsay deixou escorregar a camisola ale o chão e disse:

— Venha, soldado. Meu caro marido só voltará amanhã.

Capítulo 18

O ano que seguiu ao casamento de S. P. se escoou lentamente, ocasionando com sua passagem mudanças sutis na vida de todos. A inquietude de Geoff tornara-se mais evidente. Ele começou a viajar mais. Lindsay tinha a impressão de que Geoff passava cada vez mais tempo numa das sucursais da agência, fosse em Los Angeles, Dallas, ou, mais freqüentemente, em Chicago. Não sem uma certa dose de ciúme, Lindsay percebeu que ele inventava viagens àquela cidade com o expresso propósito de visitar a filha. Ocasionalmente, levava Lindsay, mas na maioria das vezes não a convidava, dizendo, quando ela reparava nisso:

— É uma viagem tão rápida, querida, e estarei tão ocupado em reuniões o tempo todo.

— Isso não é problema. Eu poderia visitar S. P. enquanto você estivesse ocupado.

— Lind querida, você sabe que ela está trabalhando. O que você iria fazer sozinha o dia todo? Há tantas pessoas se acotovelando no pequeno trecho de Marshall Field que nem um inveterado comprador pode olhar com vagar as vitrinas e escolher algo.

Lindsay não retrucou. S. P., que nunca demonstrara nenhum interesse em seguir uma carreira, subitamente se mostrara entusiasmada com um emprego. Para total surpresa de sua mãe, S. P. chegara a Nova York seis meses antes e anunciara que iria trabalhar como vendedora de cosméticos da Estee Lauder, nas lojas Bonwit Teller de Chicago.

— Eles me fizeram vir a Nova York para um período de aprendizado, mamãe. Posso ficar com você por uma semana? Eles me arrumaram acomodações num hotel, mas prefiro ficar aqui.

— Naturalmente. Ficamos encantados com isso, querida, mas do que se trata, afinal? Você, trabalhando fora? É realmente uma surpresa.

S. P. sorriu largamente.

— Sim. Não tenho de contribuir com minha parte? — Então, mais séria, acrescentou: — Tinha de fazer alguma coisa, mamãe. Estava morrendo de tédio. Não conheço ninguém em Chicago e ficava apenas de mãos abanando matando o tempo o dia todo. Quando cheguei a ponto de ficar saturada de ouvir novelas de rádio, disse para mim mesma: "Assim não dá pé, garota. Já basta!" Então, como quem não quer nada, fui à Bonwit, e não é que o pessoal da Lauder estava procurando uma representante? Não pensei de saída em aceitar o lugar. Não tinha experiência nenhuma. Mas eles me aceitaram e aqui estou, prontinha para meu período de experiência. Não é ótimo?

Lindsay não participava desse entusiasmo, embora tentasse dissimular sua contrariedade. Não se oporia à idéia de S. P. ter um emprego, se assim desejava. No fundo seria bom. Ela acreditava firmemente que toda moça devia aprender como se manter sozinha caso tivesse que fazê-lo um dia. Não que S. P. tivesse tais preocupações. Mesmo no caso, que Deus não o permitisse, de que ela viesse a enviuvar, contaria com

ótimo amparo financeiro de seus pais. Sim, se ela ficasse sozinha, não teria que se afligir, como acontece a algumas mulheres. De passagem, Lindsay se lembrou da mãe de Adele, forçada a fazer um casamento precipitado por não saber como assumir a responsabilidade de manter a si mesma e à sua filha. Isso não aconteceria a S. P. "Mas ela pode se transformar em alguém como eu", pensou Lindsay. "Uma senhora de meia-idade e inútil, com os filhos já crescidos e casados, e o marido absorvido em seu trabalho." Sim, um aprendizado em qualquer tipo de profissão era uma coisa muito sensata. Mas uma vendedora de cosméticos? Isso lhe parecia um emprego sem futuro.

— Sim, é muito bom — concordou por fim. — Mas por que escolheu esse tipo de trabalho, meu bem? Por que não um lugar num escritório, onde você teria uma oportunidade de progredir? Vender produtos de beleza não é exatamente o que eu imaginaria para uma moça do seu meio. Quero dizer, não há nada de errado nisso, mas...

— Mas para você parece ser algo próprio de classes menos favorecidas, certo? Bem, não é assim. Eu lhe asseguro. Há muitas senhoras chiques naquele departamento. E falo sério. Tive uma sorte danada em ter sido escolhida. Como já disse, não tinha experiência. Você tem uma idéia antiquada de vendedoras, mamãe. O trabalho de vendas não é mais feito por moças de pouca instrução, usando lúgubres vestidos pretos e sapatos grandalhões. As moças do departamento de produtos de beleza são atraentes. Algumas são como eu: trabalham para ocupar a mente com alguma coisa, mais do que pelo interesse por um bom salário ou a oportunidade de fazer carreira.

— Muito bem, admito que sou meio antiquada. Afinal de contas, sou uma velha senhora caduca, com idéias arcaicas de outra geração.

— Mamãe, sabe que não quis dizer isso! Detesto quando você se mostra sarcástica. Quis dizer apenas...

Lindsay sorriu.

— Sei o que você quis dizer, querida. E está com razão. Minha língua ferina sempre me traz problemas. Pensei simplesmente que você poderia realmente fazer carreira. No ramo de publicidade, talvez. Tenho certeza de que seu pai...

— Não. Não desejo que alguém me dê emprego porque sou a filhinha do papai, ou a mulher de Robin. E não tenho qualificação para qualquer tipo de trabalho de escritório. Não sei bater à máquina, tomar ditados ou fazer cópias de documentos. E francamente, mamãe, não tenho nenhuma inclinação para ser uma mulher de carreira. Em poucos anos vou querer ter um filho, ou três. Estou apenas procurando me manter ocupada por enquanto. E esse emprego será divertido.

Lindsay abrandou-se.

— Estou certa de que sim. Não quero parecer esnobe, S. P. Não penso realmente que vender numa loja signifique medir uma peça de tecido que vá da altura de seu nariz até o final de seu braço. — Sorriu. — Na verdade, eu a invejo. Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Isto aqui tornou-se muito solitário. Você distante, seu pai viajando a metade do tempo. Mesmo sua avó nunca se sente ociosa em meio a seus projetos de benemerência. E eu fico aqui, parada. Já fiz tantas almofadas bordadas que dariam para encher o harém de um sultão. Tantos livros já li, que sou candidata a uma cegueira precoce. Visitar galerias de arte e lojas de antiguidades já foi suficiente para

gastar as solas de meus sapatos italianos. — Riu. — E nem sequer obtenho pagamento por isso.

E agora, quando Geoff lembrou-lhe que S. P. estaria ocupada o dia todo, Lindsay suspirou. A ociosidade era uma coisa terrível. Tornava uma pessoa envelhecida e tola. Seu coração se apertou quando se perguntou se Geoff a achava tão aborrecida quanto ela mesma se sentia. Ele procurava passar o máximo de tempo possível longe dela, sempre que podia. E quanto à sua vida sexual. . . bem, tornara-se limitada ao mínimo, ela pensou. Esse fato por si só a fazia sofrer. Era uma mulher apaixonada, e o ardor denotado pelo marido sempre rivalizara com o seu. Mas não naquele último ano. Sem zangar-se, ela se perguntou se Geoff se encontrava com mulheres em suas viagens de negócio. Era bem possível. Estavam casados há vinte e sete anos. Tinham celebrado suas bodas de prata. Lindsay fez um muxoxo. Prata era o termo apropriado. Era fria, dura e espessa. Um meio-termo em matéria de metal. Um aniversário de bodas de *ouro*, pouco provável, pelo menos pareceria mais cordial e ameno. E um improvável jubileu de diamante teria sido cintilante, embora eles não esperassem viver o bastante para comemorá-lo.

— Geoff — ela disse de repente —, eu gostaria de trabalhar fora.

Ele não teria ficado mais surpreso se ela tivesse dito que gostaria de pular da Brooklyn Bridge.

— Você quer *o quê*?

— Tenho que fazer alguma coisa. Alguma coisa interessante. Você vive enterrado naquela agência. S. P. está longe e muito ocupada. Até mesmo mamãe trabalha a todo o vapor. Estive pensando que me agradaria ser mais ativa.

Geoff se recuperou rapidamente da surpresa.

— Bem, está certo, Lind. Tem alguma idéia do que deseja fazer?

— Infelizmente, não. Como S. P., não tenho nenhuma prática, e acho que não suportaria ficar de pé nem um dia no salão de vendas da Bendel. Mas deve haver algo mais que eu possa fazer.

— Talvez você deva apenas dedicar-se a uma tarefa voluntária, beneficente, como faz sua mãe. Há muita coisa boa que você pode fazer, como trabalhar num hospital ou levantar fundos para alguma obra de caridade. Que tal o Serviço de Assistência aos Cegos?

Lindsay meneou a cabeça, retrucando:

— São coisas muito boas, necessárias e meritórias. Admiro as mulheres que as fazem. Mas desejo algo mais excitante. — Sorriu. — A verdade é que, a meu ver, desejo obter um reconhecimento de alguma espécie. Realizar algo e ser paga por isso. Não que necessitemos de dinheiro, mas ele é o padrão do sucesso. Não desejo apenas preencher o tempo. Quero fazer algo mais... mais profissional. Alguma coisa em que sinta que estou conquistando meu caminho.

"Você deseja ser uma líder", pensou cinicamente Geoff. "Como de hábito, você deseja dar as cartas." No mesmo instante sentiu-se envergonhado de si mesmo. Estava sendo injusto. Lindsay estava apenas sentindo o que inúmeras mulheres sentiam atualmente: que, se empregassem seu tempo, deviam ser recompensadas por isso. Mas, como ela dizia, o que poderia fazer? Com exceção daquele curto período, quando ele

ainda estava na universidade, Lindsay nunca estivera empregada. Pensando nisso, ele disse:

— Você detestava trabalhar quando estávamos em Cambridge, lembra-se? O que a faz pensar que gostaria de fazê-lo agora?

Lindsay sorriu.

— Eu detestava aquele trabalho porque *tinha* que fazê-lo. Necessitávamos de dinheiro porque você não queria aceitar ajuda de Gandy. Eu o detestava porque estava trabalhando para a sua independência, meu amor. Agora é diferente. Eu *quero* fazer isso por mim mesma. Além disso, como já disse, não tenho intenção de voltar a vender coisas. Isso pode ser bom para S. P., mas já não tenho mais idade para um trabalho tão duro.

— Nenhum trabalho é fácil, Lind.

— Eu sei. Mas deve haver um emprego em que você possa sentar-se de vez em quando.

Geoff brincou com ela:

— Por que você não se torna uma telefonista? Ou que me diz de trabalhar como caixa numa lanchonete? Eles lhe arrumariam um belo tamborete alto.

Ela não riu.

— Falo muito a sério, Geoff.

Geoff procurou retrucar no mesmo tom.

— Eu sei. Desculpe-me. Não quis dar a impressão de estar zombando de você. Mas, macacos me mordam se sei por onde você deve começar. Seus interesses são estéticos: arte, antiguidades. . .

Lindsay atalhou:

— Ei, talvez seja isso! Antiguidades. Por que não? Sei mais sobre elas do que a maioria das pessoas. Graças a Gandy, meti a cara no assunto, perdoe-me a expressão. Por que eu não poderia abrir uma loja, Geoff? Importar antiguidades e vendê-las aos decoradores? Ou talvez ao público? Pelo menos esse é um setor em que me sinto confiante. Que você acha?

Geoff não pôde conter uma expressão de dúvida.

— Não sei. Você certamente conhece antiguidades, mas não tem a menor idéia de como dirigir um negócio desses. Não é algo tão simples como comprar e vender. Pode tornar-se algo complicado, com questões de locação, balanço de estoque e despesas gerais. Isso para não falarmos do negócio complexo de importação, com fretes, passagem pela alfândega e todas essas coisas. — Balançou a cabeça. — É algo um tanto ambicioso para uma principiante, querida. Mesmo para alguém tão entusiasmada como você. Talvez deva trabalhar por algum tempo numa loja de antiguidades. Para aprender sobre o negócio antes de se lançar por conta própria.

— Não. Posso fazê-lo. — Os olhos de Lindsay brilhavam de entusiasmo. — Posso contratar gente boa para me ajudar com toda essa escrita comercial. O que era mesmo que papai costumava dizer sobre alguém ser um executivo bem-sucedido? "Delegar incumbências, supervisionar, criticar." Eu posso fazer isso, Geoff. Eu mesma farei as aquisições. Isso pode significar três ou quatro viagens à Europa por ano, mas você não se incomodaria, não é? Você mesmo passa tanto tempo ausente daqui.

Geoff olhou-a com dureza, mas não havia nenhuma recriminação na voz dela. Lindsay estava simplesmente mostrando que aceitava as ausências do marido.

— Bem, suponho que não haja mal algum em tentar. Qual o capital de que irá necessitar para os gastos iniciais?

Ela olhou-o meio desconcertada.

— Gastos iniciais?

— De quanto você precisará para inaugurar a loja e mantê-la em funcionamento no primeiro ano ou mais? Lind querida, você tem que fazer muitas sondagens antes. Tem que encontrar um local adequado e, logicamente, de aluguel razoável. Pense em suas peças de antiguidade e no balanço do estoque, despesas fixas, entre outros detalhes. Você precisará gastar muitos blocos de papel e fazer ponta em muitos lápis antes de dar o primeiro passo. Se quiser, posso pedir a um dos rapazes da contabilidade da agência para lhe dar uma ajuda. Então, quando souber de quanto irá necessitar, eu a ajudarei a obter financiamento.

— Financiamento? Que tipo de financiamento?

— Querida, ninguém emprega seu próprio dinheiro para abrir um negócio. Temos que fazer um empréstimo num banco. Ou conseguir que algumas pessoas se interessem em investir numa aventura arriscada.

Lindsay sacudiu a cabeça.

— Não. Farei isso com meu próprio dinheiro. Não desejo ter sócios, e nem ficar devendo dinheiro a bancos.

— Lind, isso é loucura! Não posso deixar que faça isso. Não é o modo como se operam negócios nos dias de hoje.

— Mas é o modo como *meu* negócio vai funcionar — retrucou obstinadamente. — Gandy me deixou esse dinheiro, e não posso imaginar outro investimento que lhe agradasse mais. Na verdade, é por isso mesmo que darei à minha empresa o nome de Gandy Inc. — Ela fervia de entusiasmo. — Como vê, já tenho o nome. Agora é simplesmente uma questão de afixá-lo numa placa, na porta da loja.

— Você é impossível. Não posso deixá-la pôr em risco sua herança. É uma tolice, Lind. Muito bem, você não quer sócios, mas pelo menos vamos tentar obter um empréstimo do banco para inaugurar esse negócio. É o que todo mundo faz. Dever dinheiro dá a você uma boa margem de crédito. Você tem de entender isso. A coisa não funciona mais do modo como acontecia quando éramos crianças. Gente que é gente tem um crédito bancário. É o usual. Do mesmo modo que as pessoas não liquidam mais a hipoteca de suas casas. Uma propriedade tem mais valor sob hipoteca, para não falarmos das vantagens das taxas. Lindsay, afaste suas mãos dos ouvidos! Você deve me dar atenção.

— Não quero. Não ligo para as suas malditas normas de negócios. Gandy Inc. será toda minha. E terei sucesso com ela também. Espere e verá.

Geoff suspirou.

— Estou tentando apenas ajudá-la. Você é tão terrivelmente independente.

— Cabeçuda, obstinada e independente dos homens. — Sorriu para ele largamente. — Pobre Geoff. Você devia realmente ter-se casado com uma moça tolinha e desprotegida. Não com uma mula como eu. — Acercou-se mais e sentou no colo dele. —

Não se preocupe, querido. Sei que sou um pouco biruta, mas amo você. — Começou a fazer avanços sedutores. — Vamos festejar minha grande idéia — sussurrou. — Sei que são quatro horas de uma tarde de domingo, mas posso tornar meu quarto bem escurinho. Não aprova a idéia de dois magnatas irem para cama juntos?

Por um momento ele correspondeu-lhe às carícias, mas sua última frase decepou bruscamente todo o desejo. Disse rudemente:

— Não, obrigado. Nunca faço amor com outro negociista.

Lindsay olhou-o como se ele a tivesse maltratado.

— Entendo — disse calmamente. — Sinto ter ofendido seu ego de macho. — Levantou-se e se afastou dele.

"Droga! O que me fez dizer uma coisa tão idiota?", pensou Geoff. "Ela estava tão terna e feliz e eu estraguei tudo. Por que detesto quando ela se mostra forte, auto-confiante e independente? Esta é Lindsay. Em nada diferente do que sempre foi." Sorriu como um pedido de desculpas:

— O que acabei de dizer foi uma coisa meio idiota e grosseira, Lind. Perdoe-me. — Aproximou-se de onde ela estava sentada e tentou abraçá-la. — Gosto de suas idéias, de todas elas. Incluindo a de irmos lá para cima.

Lindsay deu de ombros, esquivando-se do abraço.

— Foi uma idéia tola. Esqueça, Geoff. Acho que vou arrumar papel e alguns lápis. — Parou no umbral. — Você detestaria que eu tivesse sucesso, não é? Gostaria que eu fosse um capacho. A mulher boazinha em casa, aguardando com a respiração presa a volta de seu amo, incapaz de ter um pensamento ou ambição próprios. Bem, estamos em 1966, mas suponho que ainda haja mulheres assim, as que gostam de ser ociosas, sem miolo e patéticas, mas você terá que buscar alguma assim em outra parte. Não — acrescentou com sarcasmo — que já não o tenha feito, estou segura disso.

E retirou-se antes que ele pudesse retrucar. "Foi melhor assim", pensou Geoff. Que sentido teria uma discussão sobre algo que ele não poderia realmente explicar? "O que aconteceu conosco, Lindsay? O que nos empurra para longe um do outro?" Era muito simplista dizer que as necessidades e valores das pessoas mudam quando elas amadurecem. Outros casais haviam atravessado um quarto de século sem esse abismo ampliando-se cada vez mais entre ambos. "Por que estamos vivendo afastados? Deve ser porque nunca combinamos, desde o começo. É um pouco tarde para essas cogitações", pensou com pesar. "São perguntas que deviam ter sido feitas nos primeiros anos de casamento. Bem pouco valerá que as façamos agora. Nós dois." Quase que pela primeira vez entendeu que Lindsay devia estar tão confusa como ele. Essa premência por um interesse fora do lar era um indício que nem um cego deixaria de perceber. Ele nunca se perguntara se Lindsay estava ou não contente. Simplesmente dera-o como certo, assim como tinha como garantidos o amor e a fidelidade de Lind. "Meu Deus", pensou, "sou tão ruim como Howard Thresher! Sempre espero que Lindsay concorde comigo em tudo, passe por cima das coisas que digo quando me irrita, suporte minha negligência e a infidelidade da qual suspeita com razão."

Essa última questão o fez pestanejar. Ele se encontrara com várias mulheres no ano anterior. Antes, nunca. Desde seu caso com Pamela. Lindsay se ressentia disso, embora não tivesse tocado no assunto até aquela tarde. "Eu a magoei muito", pensou Geoff, "e

para quê? Elas nada significam para mim, essas conquistas fáceis fora da cidade." Supunha que isso fosse uma espécie de rebeldia infantil contra a rotina de sua vida. Uma busca sem sentido por algo que preenchesse o vazio deixado por S. P. "Seu grande idiota!", ele se disse. "O *que* você espera alcançar? *Do que* afinal de contas está fugindo?"

Pauline, muito chique em seu vestido azul-marinho primaveril e de chapéu, abriu a porta da Gandy Inc., e parou, imóvel, observando Lindsay trabalhar em sua pequena mesa no fundo da loja. Em um ano apenas, sua filha tinha estabelecido um negócio que estava começando a ser bem comentado. A Sra. Murray era objeto de atenção dos decoradores mais categorizados de Nova York, que sabiam que podiam encaminhar à loja mesmo os clientes mais exigentes e vê-los todos se renderem ao fascínio do gosto e encanto pessoal de Lindsay. Nada havia naquele lugar que não fosse elegante, valioso e desejável, conquanto caro. "Ela teve sucesso", pensou Pauline, feliz. "Sinto orgulho dela."

Observando Lindsay sem que esta percebesse, Pauline desejou que sua filha fosse tão feliz em sua vida íntima como o era em seu trabalho. Lindsay mostrava-se relutante em falar nisso, mas Pauline sabia que o casamento da filha era tão frágil agora como uma casca de pão. "Ela está se sentindo quase pior do que eu, quando estava casada com seu pai", pensou Pauline. "Pelo menos eu tinha um motivo concreto para minha desgraça: o interesse absorvente de Howard por outras mulheres. Mas se Geoff é infiel, ninguém pode saber com certeza." Ele era discreto e não tão auto-indulgente a ponto de sentir necessidade de púrgar-se com confissões de seus pecados. Havia simplesmente aquele abismo entre Lindsay e Geoff, segundo o que Pauline apurara.

— Não estamos mais interessados nas mesmas coisas, mamãe. Somos gentis um com o outro. Até afeiçoados. Mas agimos como dois estranhos.

— Por quê, Lindsay? Não sou tola a ponto de pensar que um idílio dure para sempre. Vocês estão casados há vinte e oito anos. Mas na maioria desses anos você e Geoff pareciam dedicados um ao outro. O fato de S. P. deixá-los fez uma diferença tão sensível?

— Não sei — disse Lindsay vagamente. — Talvez. Deixou um vácuo terrível em nossas vidas, mas isso não poderia causar tal mudança. Se vivêssemos juntos unicamente por causa de uma filha, isto não seria um bom começo para um casamento.

Pauline franzira a testa.

— Você não está pensando em se divorciar, está?

— Não. Não acho que nenhum de nós deseje isso realmente. Para quê?, me pergunto. Não há nenhum outro homem em minha vida. E, ao que suponho, não há ninguém importante na de Geoff.

— Mas você está com apenas quarenta e sete anos, Lindsay. Ainda é uma mulher moça. Deve sentir-se solitária e ansiosa por... por amor. Vai viver desse modo o resto de sua vida?

Lindsay sorriu.

— Posso parecer moça ainda para você, mamãe, mas às vezes sinto-me como se tivesse cento e quarenta e sete anos. Seja como for, o que há para uma mulher da minha idade, mesmo se eu estivesse interessada? Os homens de meu círculo de relações ou já

são casados ou, como diria S. P., uns "desmunhecados". Você os chamaria de homossexuais. Não, realmente não vejo por que mudar as coisas.

— Deus é testemunha de que não lhe proponho deixar Geoffrey. Desejo apenas tornar claro que, se você pensa numa separação, deve se decidir enquanto ainda tem uma oportunidade de refazer sua vida.

— Mamãe, perdoe-me por lhe dizer isso, mas você se divorciou de papai em 1936. E era então mais moça do que sou agora. Você não voltou a se casar. Por que pensa que eu o faria?

— Nunca desejei uma nova união, Lindsay. Talvez, se cogitasse disso, eu viesse a encontrar alguém mais, mas nunca fiz essa tentativa.

Lindsay a contemplou carinhosamente. Era difícil crer que sua mãe já tivesse setenta e cinco anos. Pauline era aprumada e ativa e não tinha nenhum dos achaques das mulheres da sua geração. "A única vez que a vi prostrada", pensou Lindsay, "foi quando James morreu. Mesmo quando da morte de Gandy, desolada como mamãe estava, soube se controlar. Eu me pergunto como ela se sentirá quando papai se for para sempre."

Elas se achavam sentadas no terraço do Hotel Plaza quando essa conversa tivera lugar, um mês atrás. Lindsay tinha olhado à sua volta e suspirara nostálgicamente.

— Eu adoro este lugar. Nunca mudou para mim. Se eles o remodelaram, eu nem sequer notei. Está como era quando Gandy costumava me trazer aqui para lanchar. Eu me sentia tão crescida e importante!

— Ela sentiria muito orgulho do que você está fazendo, Lindsay. É o tipo da coisa que imagino que ela gostaria de ter feito, se lhe tivesse sido possível. Ela era uma senhora maravilhosa, sua avó. Foi como uma mãe para mim. Após todos estes anos ainda sinto a sua falta. Eu a revejo em você às vezes, Lindsay. A mesma flama. E, naturalmente, a mesma sensibilidade em relação à beleza. Você certamente não herdou esse gosto por objetos antigos e valiosos de seu pai ou de mim. Foi um dom herdado de Gandy. Uma dádiva muito grande.

— Nada há de errado com seu gosto, mamãe. Ele é irrepreensível.

— Obrigada, mas não é a mesma coisa. Sei apenas o que vai bem em mim. Nunca pude dirigir um negócio. Seu pai costumava se aborrecer comigo por eu não ter cabeça para fazer cálculos. Ele nunca me permitiu ter uma conta bancária. Dizia que eu retiraria além da conta, sem poder repor. Suponho que ele estava com a razão, embora depois eu tenha tido que aprender a fazer cálculos sozinha. — Sorriu. — É surpreendente o que se pode fazer quando se é obrigada, não é mesmo?

— Sim. É surpreendente.

Imóvel agora, na entrada da loja, um mês mais tarde, Pauline pensou que a filha era realmente surpreendente. Fizera tudo aquilo por si só, aceitando ajuda dos "calculistas" de Geoff somente no início. Agora ela dirigia os negócios sozinha, com a colaboração apenas de um guarda-livros durante parte do expediente e de um contador para ajudá-la nos detalhes das vendas. Contratara os serviços de duas pessoas, uma mocinha inteligente para trabalhar na loja e um moço talentoso para auxiliá-la no atendimento aos clientes. Lindsay trabalhava quase o dia inteiro, exceto aos domingos. E punha mais do que amor naquele trabalho. Era, verdadeiramente, a sua salvação.

Assim que finalmente deu pela presença de sua mãe, Lindsay ergueu o olhar dos papéis que examinava e acenou para Pauline.

— Ei! Você já está aí há algum tempo?

— Somente há alguns minutos. Você parecia absorvida em seu trabalho.

— Não tanto a ponto de não poder dar uma saída para um bom almoço. Reservei uma mesa no Lutece. Está bem para você?

Pauline ergueu as sobrancelhas.

— Muito bom. Trata-se de uma ocasião especial?

— Sim, na verdade são duas comemorações especiais. No pequeno e elegante restaurante elas fizeram seus

pedidos ao garçom, e então Lindsay recostou-se, com ar contente.

— Aí vai: em primeiro lugar, vou ser capa da *Vogue*. Gloriosamente, em cores. Vão fazer uma reportagem sobre mim, meu apartamento e a loja. Vai me valer uma fortuna. Todas as madames de Nova York, San Francisco e Houston insistirão com seus decoradores para obterem algo da Gandy Inc.

— Isto é magnífico, querida! Não poderia ficar mais contente do que estou! Não me diga que ainda me reserva algo mais entusiasmante!

— Pois então prepare-se. Como se sentiria ao saber que vai ser bisavó, Sra. Thresher?

Pauline conteve a respiração.

— S. P. vai ter um bebê?

Lindsay sorriu.

— Não vejo outro modo de você poder ganhar o título de bisavó.

— Lindsay, mas isso é maravilhoso! Imagino que eles estejam muito contentes.

— Aparentemente encantados. Eu também estou. — Piscou maliciosamente. — Quanto a Geoff, não tenho tanta certeza. Não acho que o papel de avô se ajuste à sua nova imagem. Para lhe ser franca, mamãe, às vezes penso que Geoff gostaria de acreditar que, apesar de casada, S. P. é ainda virgem. Ele parece cultivar uma obsessão acerca da garota. Como se ela fosse sua única e exclusiva propriedade paternal. Seja como for, teremos um presente de Natal. S. P. espera o bebê para dezembro.

— Estou emocionada, Lindsay. Realmente estou. Você contou a Howard?

Uma sombra cruzou o rosto de Lindsay.

— Ainda não. Eu... eu não lhe disse nada ainda, mamãe, mas ele está muito doente. Conversei com Adele na semana passada. Não acho que ele sobreviva até o nascimento do filho de S. P.

O pesar refletiu-se nas feições de Pauline, mas sua mão continuou firme, segurando o copo de vinho, quando o levou aos lábios. Ela bebeu um pequeno gole antes de dizer:

— Quanto tempo acham que ainda lhe resta?

— Não podem dizer com certeza. Mas receio que não seja muito. O câncer se alastrou pelo seu organismo, querida.. Só nos resta esperar que seu fim seja breve, como o de Gandy.

— Sim — disse Pauline com ar triste. — Pobre Howard. Ele sempre disse que viveria cem anos. Agora suponho que não chegará aos oitenta. Oitenta! Parece impossível que ele esteja com essa idade. Como... Adele está encarando a situação?

"Por que você se preocupa com ela?", foi o que Lindsay desejou perguntar. "Por que se preocupa com o que acontece com aquela bruxa sem coração?" Mas, naturalmente, sua mãe não sabia o que a segunda mulher de seu ex-marido fizera com ele. "Ela procurou sempre reconfor-tar-se pensando que Howard era feliz", pensou Lindsay.

— Adele está bem. — Foi sincera mas evasiva.

— Você deve lhe contar logo sobre o bebê. Tenho certeza de que a notícia lhe agradará. Talvez, se nascer um menino, S. P. lhe dê o nome de Howard. Ele gostaria disso, Lindsay. Você acha que S. P. faria isso?

— Não sei, mamãe, mas não custa nada prometer.

— Não custa realmente, não é mesmo? Ele não saberá que a sugestão partiu de mim. — Enxugou rapidamente uma lágrima. — Vai ser o fim de algo para mim. Não parece tolo? Estou divorciada há trinta e um anos e ainda sinto que ele faz parte da minha vida.

— Eu a invejo, mamãe. Como deve ser maravilhoso amar tanto alguém!

Pauline procurou sorrir.

— Maravilhoso? Não sei. Acho que Freud diria que isso é doentio. Talvez seja. Mas é uma doença da qual nunca desejei me curar.

Lindsay ficou pensativa um momento. Na verdade, Pauline era surpreendente. Imaginar uma mulher de sua geração consciente de teorias psicanalíticas. Nos últimos anos, Lindsay passara a apreciar qualidades que nunca reconhecera em sua mãe. "Em minha maturidade, tornamo-nos mais amigas", pensou, divertida. "Provavelmente porque sob muitos aspectos somos iguais. Sempre amarei Geoff do modo como ela ama papai. Ainda que saiba que nosso casamento arrefeceu, vivo na esperança de que nos reencontremos novamente. É uma pálida esperança, realmente, mas talvez nosso primeiro neto nos reaproxime." Sabia que estava jogando com a sorte. "Desejo meu marido de volta", pensou com obstinação. "Até que ponto?", uma vozinha interior lhe perguntou. "Está disposta a ser o tipo de mulher que ele deseja? Não será muito tarde para você mudar? Se Geoff lhe fosse trazido de volta, você renunciaria a essa florescente e tardia carreira que a faz se sentir importante?" "Não sei", respondeu Lindsay ao seu eu profundo. "Deus me ajude, pois realmente não sei."

Lindsay aprumou-se, conversando com espontaneidade até o fim do almoço, empenhando-se em distrair a mente de Pauline, que estava sob o impacto da terrível notícia acerca de Howard. Enquanto pagava a conta, disse:

— Está um dia tão bonito, mamãe. Que acha de voltarmos a pé juntas à loja? Você dispõe de tempo?

— Aceito com prazer. Teria mesmo de voltar por aquele caminho. Há uma reunião às quatro horas no hospital para uma palestra sobre métodos especiais de cirurgia.

Lindsay de repente repensou sua sugestão.

— Talvez a caminhada até lá seja longa. — Elas tinham vindo de táxi até a 50th Street. — São vinte e cinco quarteirões mais ou menos.

Pauline riu.

— Tem receio de que sua velha mãe não consiga chegar até lá? Querida, você se esquece de que sou uma genuína nova-yorkina? Esta é a única cidade do mundo onde as pessoas andam a pé. Em todos os outros lugares, elas se metem num carro para

percorrer dois quarteirões apenas. Eu aprecio uma boa caminhada. Especialmente se passarmos pela Madison. Nunca me canso de ver as vitrinas das lojas.

Elas se puseram a caminhar na direção norte, como boas companheiras, tagarelando e olhando as vitrinas. Já na altura da 60th Street, Lindsay subitamente bateu os olhos num delicado porta-retratos.

— Veja isto, mamãe. Não é um encanto? Você se incomodaria de esperar um minuto enquanto eu entro nesta loja?

— Vá. Ficarei aqui fora tomando um pouco de sol.

Lindsay apressou-se a entrar na loja e indagou o preço do porta-retratos.

— Quinze dólares — disse o balconista amavelmente. — É todo feito à mão. — Olhou para Lindsay apreciativamente. — Ficaria perfeito para o retrato de um netinho.

A observação feita sem cerimônia subitamente deixou Lindsay deprimida. "Meu Deus, devo parecer velha o bastante para ser reconhecida logo como uma avó!" Essa consciência lhe veio como um choque, e com ele a percepção de que odiava tal idéia. Curioso. Ela sempre pensara em si mesma como jovem. Mesmo já tendo uma filha moça e casada nunca fizera de si mesma uma imagem de matrona, muito menos de avó. Mas para aquele balconista de vinte anos, ela era obviamente velha o bastante para ainda ter filhos pequenos. Foi um detalhe comum apenas, mas o impacto causado foi grande. "Enfrente a realidade", disse Lindsay a si mesma. "Você representa agora a geração mais velha. E que há de mau nisso?"

Sorrindo, ela pagou o porta-retratos. E disse:

— Obrigada. É justamente a moldura adequada para o retrato de meu neto. É a que irei usar para tal fim. Estou muito contente por tê-la visto na vitrina.

Ainda parecendo divertida, reuniu-se à mãe na calçada.

— Qual foi a piada? — perguntou Pauline.

Lindsay lhe contou então a conversa com o balconista.

— Talvez seja hora de ver minha verdadeira face. Aparentemente não é aquela a que estava acostumada.

— E isso a preocupa muito, Lindsay? Quero dizer, envelhecer. Não que você seja velha, pelo amor de Deus! Quarenta e sete, mas você poderia passar por uma mulher de trinta e cinco, no máximo. Mas isso a incomoda, não é? A idéia de ser avó é um choque. Lembro-me de como me senti quando S. P. estava para nascer.

Lindsay olhou-a meio incrédula.

— Foi assim, mamãe? Você se sentiu deprimida e ao mesmo tempo feliz? Eu não sabia disso.

Pauline sorriu.

— Não acha que eu a deixaria perceber, acha? Do mesmo modo como você não deixará que S. P. perceba. É uma reação estranha esta, ao sabermos que nosso primeiro neto vai nascer. Você se sente encantada com a notícia, mas no íntimo surge aquele leve mas persistente sentimento de autopiedade. Como se de algum modo a criança que você ama viesse apagar o último vestígio de sua mocidade. Por apenas alguns segundos, ficamos ressentidos com ela. Como você se sentiu na loja. Mas isso passa, querida. É como saltar numa piscina de água gelada. O primeiro momento é terrível, mas depois você se sente mais leve que o ar.

Venceram mais um quarto antes que Lindsay retrucasse:

— Você é uma sábia, uma sábia dama, Sra. Thresher. A segunda em destaque na minha vida. Tenho uma sorte danada. Você e Gandy sempre me compreenderam, mesmo quando eu estava nos meus piores momentos.

— Isso não exigiu nenhuma sabedoria, minha querida. Nós sempre a amamos muito.

Capítulo 19

Howard Thresher não tinha pressa em deixar este mundo. Durante todo o verão, aferrou-se ao fio de vida que lhe restava. Magro e enfraquecido como se achava, mostrava-se também voluntarioso e impaciente. Pediu a Adele que o levasse do hospital, pois estava determinado a voltar para casa.

— Tenho dormido na mesma cama há mais de sessenta anos — disse ele. — Que eu venha a morrer ali, como um cavalheiro. E não em um desagradável quarto de hospital, com todo esse aparato médico me cercando! Não é digno. Não quero isso!

Em desespero, Adele recorrera a Lindsay e Geoff.

— Não sei o que faço com ele — disse ela no apartamento do casal, naquela noite. — O lugar dele é no hospital, onde tem os cuidados adequados. Se eu o levar para casa, teremos que manter enfermeiras em tempo integral. E um equipamento especial. Não que eu me incomode com isso — apressou-se a observar —, mas ele não poderá contar com os mesmos cuidados. E eu nunca me perdoaria se viesse a abreviar o tempo de vida dele.

— Sabemos como você se sente — disse Geoff, reconfortando-a. — Você tem sido uma mulher maravilhosa e dedicada, Del. Tem dado a ele tudo, durante mais de vinte anos. Não irá prejudicá-lo pelo simples fato de levá-lo para casa. É o que ele quer. O que significa o seu desejo também, Del.

Lindsay sentia-se como se fosse ficar doente, com náuseas. Ela dissera que nunca se perdoaria? Deus, como Adele era falsa! Provavelmente estava ansiosa para que seu marido morresse logo. Não lhe dera outra coisa senão desgostos. E agora, fingia que não se incomodaria que um pequeno hospital fosse montado naquele apartamento! Ela não se importava... essa é boa! Adele detestava tal idéia, não porque viria a privar Howard de cuidados especiais, *mas* sim porque seria um transtorno, um inconveniente para ela. "Desgraçada! Nunca a perderei pelo que fez a papai", pensou Lindsay. "Ele tinha seus defeitos, muitos até. Mas não merecia o sofrimento que você lhe causou."

— Não há nenhum problema em levá-lo para casa, Adele — disse Lindsay friamente. — Nem sei por que estamos discutindo isso. É o último desejo de papai. Suponho que você possa aceitar que seu apartamento fique meio fora de ordem por um certo tempo. Que não vai ser longo, claro. Naturalmente, se isso for um transtorno muito grande para você, traremos papai para cá, ainda que não seja a mesma coisa. Ele não morreria em sua própria cama, mas pelo menos estaria cercado de pessoas que realmente gostam dele.

— Lindsay! — exclamou Geoff, chocado e irritado. — Como pode falar desse modo com Adele? Sabe que ela está pensando unicamente no que é melhor para seu pai.

Lindsay nem sequer tentou dissimular seu sarcasmo:

— Claro. Ela sempre pensou assim, não é, querida Adele?

— Eu tentei, Lindsay. — Adele olhou para outra direção, como se não quisesse que eles vissem sua expressão de infelicidade. — Não tem sido fácil. Seu pai é um homem exigente, e eu sou... eu sou muito mais moça. Mas tenho procurado fazê-lo feliz. Tentei, de todos os modos que conheço, agradá-lo.

Sentado perto de Adele no divã da sala de leitura, Geoff tocou-lhe a mão pequena. E disse de novo:

— Nós sabemos disso. Ninguém teria sido mais leal ou afetuosa. Você deve perdoar Lindsay. Ela está muito nervosa. Nós a ajudaremos em tudo o que pudermos, Adele. Seja o que for de que precise, a qualquer hora, basta telefonar e estaremos aqui.

— Contanto que Geoff não esteja no interior da Mongólia a negócios.

Geoff olhou fixamente sua esposa. O que afinal de contas acontecia com Lindsay? Uma coisa era não gostar de sua madrastra, mas outra, muito diferente, mostrar-se tão ferina, tão deliberadamente cruel. Ela aproveitara aquele momento para criticá-lo por causa de suas viagens! Era ultrajante, pensou Geoff.

— Nas próximas semanas não terei que viajar muito — disse ele finalmente, com calma. — Estarei aqui, Del, não se preocupe quanto a isso.

Adele olhou-o desconsolada.

— Obrigada, Geoff. É maravilhoso saber que há alguém por perto a quem podemos recorrer. Sinto-me tão só, tão perdida e assustada. — Delicadamente, levou aos olhos a ponta do lenço. — Estou contente por contar com você. Com vocês dois. Nós nos conhecemos há muito tempo. Lindsay me ajudou a aceitar a morte de meu pai quando éramos crianças. Agora ela está me ajudando durante o transe pelo qual seu pai está passando. Você é maravilhosa, Lindsay. Tão forte e convicta. Desejaria ter metade de sua autodisciplina.

Lindsay mal pôde conter-se, desejosa de dizer aquela palavra de quatro letras. Se fossem atribuídos prêmios da Academia de Arte Dramática para atrizes trágicas não-profissionais, Adele seria uma das agraciadas. Que atriz ela era! E Geoff ia na conversa, apreciando aquele elogio falso, acreditando piamente que Adele era a encarnação da mulher desolada, patética. "Não posso suportar isso!", pensou Lindsay. "Não posso ficar aqui calada e deixá-la interpretar seu número, fazendo meu marido de tolo, talvez mesmo pensando que está me iludindo."

— Você é forte a seu modo, Adele — disse Lindsay, no mesmo tom. — Você vai superar tudo isso muito bem. Lembro-me de como foi rápida e admirável sua recuperação após a morte de James. Foi algo digno de aplausos. Tenho certeza de que todos nós sentiremos igual admiração pelos seus poderes de recuperação quando papai morrer.

Geoff não podia crer no que estava ouvindo. Lindsay estava se mostrando deliberadamente insensível. Afinal, Adele fora sua amiga de infância e, gostasse disso ou não, era a mulher de seu pai. Como podia se comportar tão mal? Pobre Adele. Sua expressão agora era tão sofrida, como se Lindsay a tivesse golpeado. Não era justo. Aquela mulher estava com o marido à beira da morte. Ninguém tinha o direito de lhe falar

daquele modo, nem mesmo alguém que a detestava. "Lindsay a odeia", ele pensou. "Ela a odeia de um modo quase irracional. Nunca imaginei que essa aversão fosse tão profunda. Mas isso não é uma justificativa. Qualquer que seja o motivo, agora não é o momento de se voltar contra Adele."

— Eu a levarei para casa, Adele — disse Geoff. — Você deve estar exausta. E assim que estiver pronta para levar Howard do hospital para o apartamento, avise-me. Terei prazer em ir ajudá-la. Lindsay também, naturalmente.

Com um suspiro profundo, Adele levantou-se.

— Não sei como lhes agradecer por esse apoio. Vocês são toda a minha família desde que mamãe se foi. — Sua voz ticou estrangulada. — Você é muito afortunada, Lindsay. Ainda tem seu marido e sua mãe a quem recorrer. E uma filha e um genro maravilhosos.

— E entre as bênçãos que você enumerou, não se esqueça de incluir o neto que está para nascer. Não gostaria que você deixasse de fora uma das personagens do elenco.

— Lind — disse Geoff —, já chega.

— Está tudo bem, Geoff. — Adele procurou parecer magnânima. — Conheço Lindsay. Ela foi sempre capaz de ocultar seu sofrimento sob uma capa de irreverência. Sei que gostamos uma da outra. E sei que ela já sofre antecipadamente pelo pai, embora se recuse a demonstrar isso. Não sou tão controlada como você, Lindsay. Nem tão capaz de seguir em frente. Não sei o que irá ser de mim depois... — Tocou o braço de Geoff. — Você tem razão. Estou exausta. Farei melhor em repousar um pouco. — Aprumou-se e assumiu um ar de falsa coragem. — Levarei Howard para casa amanhã. Ficarei muito agradecida se vocês me ajudarem.

— Naturalmente que a ajudaremos, não é mesmo, Lind?

Lindsay sorriu com azedume:

— Eu não poderia faltar a isso.

Já tinham decorrido duas horas quando Geoff voltou. Lindsay estava furiosa. Com o passar do tempo, ela se dissera que não devia demonstrar o quanto estava zangada, mas quando finalmente ele entrou na sala, ela ali estava, sentada numa cadeira à sua espera, os olhos fuzilando.

— O que você fez, levou-a para casa depois de passarem pelo El Morocco?

Geoff ignorou o sarcasmo.

— Caminhamos um pouco.

— Por seis quarteirões? Devem ter andado de rastos!

Geoff perdeu a calma.

— O que há com você, afinal? Nunca vi alguém se comportar do modo como você se exibiu esta noite! Pelo amor de Deus, Lindsay, o marido dessa mulher está morrendo e você fez tudo, exceto agredi-la fisicamente, para feri-la! Não pode perceber o estado em que ela se encontra? Sei que você sempre teve queixas dela por ter-se casado com seu pai, embora eu não saiba por que isso seja motivo de uma vingança de sua parte. Mesmo que fosse, não há nenhum motivo para despedaçá-la desse modo. Ela não é tão inteligente como você. Isso é como tirar vantagem de uma criança. Adele não sabe como deve replicar quando você a castiga com essa sua língua ferina!

- Tudo isso não explica onde vocês estiveram durante duas horas.
- Deus! Você é incrível! Tem-se a impressão de que está com ciúmes dela.
- E deveria?

Geoff preparou um drinque.

— Nem penso em responder a isso. Não merece uma resposta. — Sentou-se e disse, mais calmo: — Ouça, meu bem, sei que você está muito nervosa por causa de seu pai. Mesmo quando nossos pais já são idosos, rebelamo-nos à idéia de perdê-los. Mas Howard está com setenta e nove anos. Você não pode tê-lo para sempre. Eu me recordo de quando meu pai morreu. Senti-me como se o mundo tivesse afundado. Mas é assim que as coisas têm que ser. Não adianta ficar revoltado. E não é bom descarregar sua raiva nos sobreviventes. — Olhou de esguelha para sua mulher. — Talvez você tenha direito a uma explicação sobre estas duas últimas horas. Fomos a pé para a casa de Adele. Eu a levei até a porta. Ela perguntou se eu não me incomodaria em me sentar a seu lado, na sala, até que ela se acalmasse um pouco. Bebemos algo e conversamos. E então eu saí. Eis tudo.

— E você lhe pediu desculpas de novo pelo meu comportamento?

— Droga, Lindsay, você simplesmente não dá uma trégua, hein? Não, não apresentei desculpas, embora provavelmente devesse tê-lo feito. Você se comportou como uma mulher desbocada. Na verdade, não falamos a seu respeito. Adele esteve evocando o tempo em que éramos jovens, quando James e eu estávamos na guerra. Ela falou principalmente sobre ele, se você quer saber. Disse-me o quanto se sentira frustrada por não lhe ter sido possível demonstrar a James que o amava muito. E que tinham se aproximado ao trocarem correspondência, mas também que ela desejara que houvessem se conhecido melhor. Intimamente, ela quis dizer.

Lindsay riu.

— Intimamente? Isso é divertido! Realmente engraçado. Meu Deus, como papai riria se pudesse ouvir isso!

— O que quer dizer com isso agora?

— Geoff, ela nunca deixou que papai a tocasse. Ela é sexualmente fria. Ela o repeliu.

— Do que está falando? Não creio nisso nem por um instante! Você deve estar louca, Lind. Eles estão casados há mais de vinte anos. Está tentando me dizer que não houve nenhum relacionamento sexual nesse casamento? Talvez não nestes últimos anos, naturalmente, mas antes deve ter havido. Adele é muito feminina. E seu pai sempre se acreditou um grande amante. O que a levou a alimentar essa idéia idiota?

— Papai me contou. Oh, não de modo tão explícito, mas ele deixou claro que seu casamento foi um fracasso total nesse aspecto. Isso o magoou profundamente. Realmente arrasou-o, eu penso. Ele não podia aceitar essa rejeição. Não podia suportá-la. — Sacudiu a cabeça. — Nunca esquecerei aquela conversa. "Não há nada pior que um casamento sem amor", ele me disse então. Essas foram exatamente suas palavras. E se pôs a falar no desapontamento que algumas virgens sentem. Como isso era terrível para elas e seus mandos. Nunca mencionou Adele, mas estava se referindo a ela. E a ele mesmo. Tenho tanta certeza disso como de que me chamo Lindsay.

— Pois não acredito nisso — voltou a dizer Geoff. — Lind, acho que você *quis* acreditar que ela procedeu de modo tão terrível com seu pai porque não aprovou o casamento deles. Desculpe-me, mas você nunca conseguirá me convencer de que Adele é uma mulher fria. Acho é que ela errou ao se casar com um homem muito mais velho. Talvez tenha ficado desapontada por ele não ser o amante que ela intuía que James poderia ter sido. Mas ela é boa demais, e muito honesta para descarregar seu desapontamento no marido. Mesmo se detestasse fazer sexo com ele, e eu duvido disso também, teria cumprido sua obrigação conjugal. Adele é o tipo de mulher conscienciosa.

Lindsay perdeu o controle.

— Ora, pare com isso! Deixe de ser tão cego e tolo! Você sempre se portou como um bobão diante de mulheres suplicantes. Você mimou S. P. demais. Ela sempre conseguia tudo o que desejava de você. E o que dizer daquela mulher na Inglaterra... — interrompeu-se de repente. A expressão assumida por Geoff lhe disse que ela fora longe demais.

"Bem, tudo certo", pensou, desafiante. "Talvez seja a hora de trazer a verdade à tona. Que diferença faz isso agora? É uma história antiga. Tenho convivido com ela todos esses anos. Nunca pretendi dizer-lhe que a conhecia, mas que importância tem isso agora? Obrigada de novo, Adele", pensou com sarcasmo. "Não fosse por essa conversa sobre você e papai, eu nunca teria deixado escapar meu segredo."

— Como você soube disso? — A voz de Geoff estava tensa.

— Não adivinha? Por intermédio dessa mulher que você tanto admira. James contou a Adele, que contou a meu pai, que se sentiu na obrigação de me contar. Muito nobre! Eu podia ter passado o resto da minha vida sem essa notícia! Mas, oh, não. A querida Adele tinha que fazer a confidência com todos os detalhes. Ela sabia muito bem que papai viria correndo me contar. Ela sempre me odiou, Geoff. Sempre me invejou. E não só a mim. Ela odeia o mundo. Presumo que um psiquiatra diria que isso ocorre porque ela odeia a si mesma.

Geoff mal prestou atenção às últimas frases ditas por Lindsay.

— Você soube disso estes anos todos — ele disse, pensativo — e nunca o mencionou. Por quê, Lindsay?

Ela recostou-se na poltrona, após o desabafo.

— Porque decidi que você era mais importante para mim que meu orgulho. Resolvi esquecer o fato, contanto que você voltasse para casa, para mim. Além disso, naquela ocasião, eu estava grávida. Estive pensando em abortar. Cheguei mesmo a ir ao consultório de um médico, mas não pude levar meu propósito adiante. E quando você voltou e S. P. nasceu, e eu o vi feliz com ela, tive certeza de que nosso casamento poderia sobreviver ao seu caso passageiro do tempo da guerra.

Ele olhou-a aturdido.

— Você pensou em destruir nosso bebê? Você quase assassinou nossa filha?

Lindsay deixou escapar uma leve exclamação de dor.

— Não encare as coisas desse modo, Geoff, pelo amor de Deus! Ela não era ainda uma pessoa. Era apenas uma coisa. Um feto. E eu estava muito confusa, temerosa. Não sabia se você voltaria realmente para mim. Não tinha certeza se você não estava apaixonado por aquela criatura, na Inglaterra. — Começou a soluçar. — Maldita Adele! Se

eu tivesse me livrado do bebê, a culpa seria dela. Quando penso em como estive perto de fazer aquilo, fico arrepiada. Adele quase nos custou a perda de S. P., porque ela não pôde resistir à tentação de criar problemas. Ela perdeu seu homem e não pôde suportar que eu tivesse você. — Esfregou os olhos. — Sinto que meu irmão tenha morrido, mas estou contente de que ele haja escapado àquela mulherzinha de gelo. Só desejaria que papai pudesse ter tido a mesma sorte.

— E você a tem odiado todos estes anos. — Era mais uma declaração do que uma pergunta.

— Odiá-la? Claro que a odeio. Ela é uma delatora, mexeriqueira e uma pequena criadora de problemas. E quando eu vejo você se derretendo todo diante dela, e sendo iludido por essa encenação que ela está fazendo, sinto até vontade de matar os dois!

— Sinto muito que você tenha sabido daquele caso — disse Geoff serenamente. — Não vou mentir. Aquilo era importante para mim, Lindsay. Houve ocasiões em que não tinha certeza do que fazer. Você teve razão em se inquietar. Mas tinha esperanças de que você nunca viesse a saber. É difícil explicar o que se sente durante uma guerra. Uma atitude do tipo "que tudo vá para o inferno" parece dominar nossa mente, como se cada dia pudesse ser o último para nós. É uma frase já batida, mas verdadeira. Mas uma vez ciente de que era você que eu queria, desejei que você nunca viesse a saber do caso. Para ser franco, não pensei que você me perdoasse, sendo a pessoa leal que você é. E também porque eu sabia como a afetara o que Howard fizera com sua mãe. — Falava em voz baixa, muito contido. — Você soube durante todos estes anos — repetiu.

— E pôs a culpa em Adele. Está errada, Lindsay. Está enganada quanto a ela. Não acho que Adele pretendesse que Howard contasse a você sobre mim. Por que ela iria querer isso? Penso que Adele deve ter feito aquela confidência num momento em que necessitava se abrir com alguém. Howard é mais culpado nesse caso, por ter passado adiante a confidência. Não, não me interrompa. Deixe-me terminar. Quanto ao fato de ela ter rejeitado seu pai, Lind, realmente não posso aceitá-lo. Acho que Howard tentou conquistar sua simpatia, Lind. Ou talvez estivesse tentando justificar sua própria inabilidade. Quem pode saber? A única coisa que sei é que ele é um homem egoísta demais para ter passado mais de vinte anos com uma mulher que não retribuía sua afeição. E Adele é honesta demais para tê-lo feito passar por tal dissabor. Não me agrada falar mal de seu pai agora que está à morte, mas aposto que a culpa de todas as coisas de que você acusa Adele foi dele. Por que ele lhe contou aquilo sobre mim? Ele era o *último* dos homens a poder jogar pedras em alguém! Quanto ao casamento dele, talvez Adele tenha se sentido desapontada, mas somente por ser uma pessoa tão afeiçãoada, tão dedicada, e Howard Thresher nunca ter sido um homem desinteressado. Se ele não pôde ter um bom desempenho conjugal, para mim deve ter posto a culpa disso na mulher. Sinto, querida mas esta é a minha opinião. Lindsay olhou-o fixamente.

— Ela realmente o hipnotizou, hein? Você está enganado, Geoff. Terrivelmente enganado. Aquela criatura é má. Não confiaria nela longe de minhas vistas. O caso ficará muito sério se você tomar o partido de Adele contra mim.

— Que partido? — ele disse, irritado. — Não há partidos a tomar. Está tudo encerrado. Nossos problemas aconteceram há mais de vinte anos. O mesmo vale para o casamento dela com seu pai, Lind, há tantos anos passados. Meu Deus, Lindsay, como

pode uma mulher de quarenta e seis anos ter qualquer tipo de vida ativa com um homem de setenta e nove anos? Ela, em primeiro lugar, nunca deveria ter-se casado com ele, mas o fez. Deve tê-lo amado muito. Pelo menos esteve junto dele todo esse tempo. Reconheça-lhe esse mérito!

— Não reconheço nenhum valor nela, exceto que é uma intrometida de primeira e uma fingida. Quando papai morrer, espero não vê-la nunca mais. Que Deus tenha pena dela, se começar a dar palpites como uma madrastra quando o bebê de S. P. nascer! Eu lhe arrancarei os olhos! — Lindsay ficou com o rosto afogueado. — Tentarei me comportar enquanto papai viver, para o bem dele, mesmo que a todo momento a encenação dela me deixe doente. Mas depois, Geoff, acabou; nunca mais quero vê-la nesta casa.

Em outubro, Howard morria em seu próprio leito. Geoff e Lindsay foram chamados às pressas no meio da noite. Enquanto se vestia rapidamente, Lindsay se perguntou se devia telefonar para sua mãe. Quase imediatamente, decidiu em contrário. Uma cena fúnebre com a presença das duas viúvas de seu pai era inconcebível. Pauline nunca voltara a pôr os pés naquele apartamento desde o dia em que o abandonara, há mais de trinta anos, e reentrar nele agora num papel secundário seria quase indecente. "Nem sequer lhe direi que ele está morrendo", pensou Lindsay. "Para quê?" A mente lógica de Lindsay nunca entenderia por que as pessoas deviam ser despertadas de seu sono à noite por más notícias, quando nada havia que elas pudessem fazer a respeito. A notícia podia ser adiada para uma hora mais adequada da manhã seguinte. Não havia necessidade de perturbar Pauline agora.

Pareceu estranho a Lindsay voltar ao lugar onde crescera. Embora tivesse feito as pazes com Adele anos atrás, pelo menos superficialmente, Lindsay nunca procurara visitar o antigo apartamento após o segundo casamento do pai. Não teria sido má idéia visitá-lo quando Howard ali estava, sozinho, Após o divórcio. Mesmo quando ele redecorara o apartamento, convertendo-o num recanto de solteiro, ela não pensara em ir lá, já que ainda via o fantasma de sua mãe em todos os cantos. Mas agora, assim que entrara sem muita disposição na sala de estar, não reconhecera o lugar. Adele o convertera numa habitação só para si mesma, pensou Lindsay. Tudo ali era em tom pastel: paredes pintadas de cores pálidas, tapetes brancos, mobília de um tom esmaecido, dúzias de almofadinhas delicadas em *petit-point* e tapetinhos orientais felpudos. "O lugar de moradia de uma virgem", pensou Lindsay, zangada. "Este ambiente nada tem a ver com papai. Como ele pôde viver aqui? Seria como viver dentro de uma casquinha de sorvete."

Somente o quarto dele conservava os traços da imagem forte e máscula que Howard sempre se empenhara em projetar. Havia bonitas gravuras com tema de caçadas nas paredes, uma grande cômoda de mogno com as escovas de prata com o monograma de Howard, uma cadeira com assento de couro, e uma mesa sobre a qual se via uma pilha de exemplares do *Wall Street Journal*. E Howard jazia ali, os olhos fechados, em sua cama antiga de quatro colunas de mogno, a mesma que compartilhara com Pauline. Estava tão magro e frágil, tão sem vida, que Lindsay recebeu que não tivesse chegado a tempo. Ela estava trêmula quando sussurrou para o médico:

— Ele está...?

— Ele ainda vive, Sra. Murray. Quase inconsciente, mas acho que a reconhecerá se a senhora lhe falar.

Ela nem tomou conhecimento da presença de Adele, parada a um canto do aposento, soluçando baixinho. Quietamente, Lindsay acercou-se da cama e segurou entre as suas a mão direita quase sem vida de seu pai.

— Papai — disse suavemente. — Papai, estou aqui.

Por um instante ele não respondeu. Então abriu os olhos e tentou focalizar aquele rosto feminino. A sombra de um sorriso se esboçou em seus lábios finos.

— Pauline... Você voltou. Eu sempre soube que você voltaria. — As palavras fluíam lentamente, com esforço, quase inaudíveis, mas podendo ser captadas pelos demais ali, pensou Lindsay. Ela abriu a boca para dizer seu nome, mas, antes que pudesse falar, Howard apertou-lhe a mão com toda a força que lhe restava e disse: — Fique junto de mim, minha querida. Não se vá. Perdoe-me. Eu a amo. — Deu um profundo suspiro. — Pauline...

Lindsay sentiu os dedos dele flácidos. Por alguns segundos permaneceu junto à cama. E disse silenciosamente: "Ela o perdoa, papai. Ela o ama também". Pousou suavemente a mão inerte de seu pai sobre as cobertas e se ergueu com ar sofrido assim que o médico se aproximou.

— Ele está morto — disse Lindsay.

Adele deixou escapar um gemido angustiado e tentou precipitar-se para o leito, mas Geoff a conteve, acalmando-a e dizendo-lhe palavras de conforto.

Lindsay olhou-os com desdém. Então, sem nada dizer, voltou-se e deixou o quarto.

— Eu devia ter ido a Nova York para o enterro de vovô — disse S. P.

Lindsay meneou a cabeça, dizendo:

— Não, não devia. O médico lhe disse isso. Senhoras grávidas de sete meses não devem andar correndo ou viajar de avião.

Lindsay decidira, ao sabor do momento, ir a Chicago para fazer uma visita à sua filha, dizer-lhe que sentia sua falta e que precisava vê-la de perto e certificar-se de que estava passando bem. S. P. estava evidentemente saudável, mas suas formas estavam avultadas. Lindsay olhou para aquele ventre avantajado e disse:

— Tem certeza de que não vai ter gêmeos?

— Deus me livre! Um já é mais que o bastante.

Havia um toque estranho na voz de S. P., uma entonação inquietante.

— Está tudo bem com você? — perguntou Lindsay. — Não parece muito feliz.

— Robin está feliz o bastante por nós dois, mamãe.

— Quer dizer que você não está?

— Quer a verdade? Não, não estou. Não tinha intenção alguma de engravidar tão cedo. Foi um infeliz acidente. Eu estava apenas começando a desfrutar a vida aqui. Meu emprego era interessante e eu estava indo bem. Esperava mesmo ser promovida a gerente de compras numa das lojas da empresa. E aí veio isto. — E olhou com desagrado para seu ventre avultado. — Tive de renunciar a tudo aquilo. Só posso sentir náuseas agora. Implorei a Robin para me deixar abortar, mas ele reagiu como se eu tivesse sugerido dançar nua na Michigan Avenue. Nunca vi ninguém ficar tão horrorizado. Eu lhe

disse que ele era um hipócrita nojento. Com toda aquela cantilena dele sobre controle populacional quando se reúne com nossos amigos. Mas quando o caso é com *ele*, a coisa muda de figura. Desde que o filho seja dele, fica muito bem trazer ao mundo mais uma boca faminta!

Lindsay empalideceu.

— Querida, não fazia idéia de que você se sentisse desse modo. Pensei que estava muito contente. Conhecendo você, imaginei que tivesse programado esse filho. Sinto muito que você não quisesse ter um bebê, S. P., mas não devia sequer pensar em abortá-lo. É algo ilegal e perigoso. Tenho certeza de que Robin estava pensando mais em você do que em qualquer outra coisa quando a proibiu de abortar.

S. P. não se abrandou. E repetiu:

— Proibir-me. É aí exatamente onde a injustiça começa. Este é meu corpo, mamãe. Tenho o direito de decidir o que fazer com ele!

"São os ecos do passado", pensou Lindsay. "Minha mente funcionou assim quando eu a carregava em meu ventre, S. P. Graças a Deus não abortei. Você nem tem idéia de que estive próxima de não nascer."

— Quanto a ser um ato ilegal — prosseguiu S. P. —, isso não será verdadeiro por muito tempo. Espere e verá, mamãe. Um dia desses o aborto será legalizado. Junto com um bocado de outros direitos a que as mulheres fazem jus.

— Talvez — retrucou Lindsay, pensativa —, mas ficarei muito surpresa no dia em que essa lei for aprovada.

— Mas você seria a favor dela, não?

— De um ponto de vista prático, sim. Sei que é algo que as mulheres sempre farão, legalmente ou não. E me corta o coração saber aquilo por que elas têm que passar. A humilhação e o aviltamento, como também o perigo que suas vidas correm nas mãos de algum charlatão. Meu Deus, fico doente só em pensar nisso. Mas posso entender o outro lado também. A vida não tem preço. Pergunto-me em que ponto ela realmente começa, e se é moralmente aceitável terminar com o que pertence a outra pessoa.

S. P. fitou-a com curiosidade:

— Você parece ter pensado bastante no assunto, mamãe. Não estará isso ligado a alguma experiência pessoal?

— Não, claro que não — mentiu Lindsay. — Mas tenho boas amigas que passaram por essa experiência. Cheguei até a acompanhar uma delas a um daqueles carneiros de Nova Jersey, anos atrás. Foi uma odiosa experiência. Ainda tenho pesadelos a esse respeito.

— Sua amiga fez o aborto?

— Não. Ela mudou de opinião, graças a Deus.

"Ela está falando de si mesma", pensou S. P. Sentiu um calafrio ao recordar de como Lindsay lhe falara amiúde sobre os meses anteriores ao nascimento dela, S. P., quando seu pai se achava no exterior e ela tinha medo de que ele não voltasse a tempo. "Meu Deus! Ela quase me abortou! Ela deve ter sofrido as torturas do inferno. Pergunto-me por que chegou sequer a pensar num aborto. Ela e papai sempre me pareceram tão felizes." Deliberadamente, riu.

— Eu realmente estou fazendo isso parecer um melodrama de terceira classe. Não sou tão infeliz como pareço, mamãe. Já me acostumei praticamente com essa idéia. E, naturalmente, ficarei toda boba com o bebê quando ele nascer, tão encantada como Robin já está. Espere até vê-lo. Vive rindo à toa. Você pensaria até que ele inventou o "princípio da procriação", como diz o Velho Testamento.

Lindsay relaxou. Por um momento temera que tivesse deixado trair algo. S. P. era esperta. Fora perigoso dizer algo além da conta. Recriminou-se por ter falado sobre Nova Jersey e aquele médico. Talvez mesmo agora S. P. já estivesse tirando suas conclusões, embora não as manifestasse.

— Voltando a falar em vovô — disse S. P. —, eu realmente devia ter ido ao funeral. Ele não era uma má pessoa, e devia ter estado lá por respeito a você e a vovó.

— Sua avó não foi ao enterro.

S. P. arregalou os olhos:

— Vovó não foi? Como assim? Ela não está doente, está?

— Não, está ótima fisicamente. Mas emocionalmente a morte de papai a afetou bastante. Eu praticamente nunca a vi chorar do modo como chorou quando lhe dei a notícia. Ela apenas não podia se obrigar a ser a ex-mulher em meio a uma cerimônia pública. Disse-me que tal direito pertencia a Adele, e que ela não iria embarçar ninguém ao apresentar-se como uma segunda viúva. — Lindsay sorriu tristemente. — Uma mulher completa, sua avó.

— Ela ainda o amava, não é?

— E muito. Acho que tê-lo deixado anos atrás foi a coisa mais penosa que ela teve que fazer. Creio que se sentiu casada com ele até o fim.

— Isso é triste, e belo a seu modo.

— Suponho que sim. Eu lhe disse a mesma coisa há muitos anos, e ela me respondeu que um psiquiatra talvez dissesse que ela estava simplesmente doente ao conservar acesa uma velha chama por tanto tempo.

— Está brincando! Vovó disse isso?

— Sim. Sei o que ela quis dizer. Às vezes continuamos a amar um homem muito depois de sabermos que não devíamos mais querê-lo.

"Droga! Lá vou eu de novo", pensou Lindsay. S. P. vai tirar conclusões disso. Ela saberá que estou me referindo a mim mesma novamente. Por que fiz um comentário tão tolo? Talvez subconscientemente eu deseje, que ela saiba como estão as coisas entre Geoff e mim. Talvez tenha vindo aqui por essa razão, para desabafar."

S. P. olhou-a fixamente, daquele modo penetrante, o mesmo olhar que mantivera quando Lindsay falara tão emocionadamente sobre ter ido com sua "amiga" a um médico que fazia abortos.

— Mamãe, você e papai estão tendo problemas?

— Não é nada, querida. Vai passar.

— Você não sabe mentir, mamãe. Posso ler em seu rosto como num livro. O que está acontecendo?

— Querida, não é hora de preocupar você com meus problemas tolos. Não nas condições em que você se encontra.

— Oh, dane-se o meu estado! Terei o bebê no próximo mês. Isso afeta unicamente meu ventre, não meus ouvidos!

Insensivelmente, Lindsay sorriu. Que pessoa maravilhosa, divertida era S. P. Muito franca, solícita, ansiosa por dar atenção e ajudar. "Mas ninguém pode me ajudar nisso", pensou Lindsay. "Tenho que viver com esse problema e contorná-lo do melhor modo que possa, caso eu não queira perder Geoff. Ainda assim, anseio por falar com alguém. Não posso fazer essa confidência a mamãe. Não realmente. Ela está envolvida demais."

— Bem — disse Lindsay, procurando parecer despreocupada —, seu pai e eu não vemos Adele com os mesmos olhos. Eis aí o problema.

S. P. pareceu intrigada.

— Adele é o problema? Aquela "lâmpada apagada"? O que ela está querendo? Criar problemas sobre o testamento do vovô ou algo parecido?

— Não. O testamento está perfeitamente em ordem, pode crer. Ele deixou seus bens para Adele, mamãe e eu, sendo que a maior parte será posteriormente legada a você. Não se trata disso... é o modo como ela age com seu pai, S. P. Ela não dá um passo sem ele. Telefona para Geoff uma dúzia de vezes por dia. Consulta-o sobre cada detalhe de sua vida. Você devia tê-la visto durante o enterro. Geoff esteve praticamente agarrado a ela ao pé do túmulo de meu pai. — Lindsay sorriu sem alegria. — Ela está se divertindo muito fazendo o papel da pobre viuvinha. Que farsa! Adele nunca amou meu pai. Ela tornou a vida dele um inferno aqui na terra. Mas agora está assumindo esse comportamento falso para atrair Geoff. Só Deus sabe o que Adele tem em mente. Ela me despreza, e esse sentimento é mútuo. Eu disse a Geoff que não quero mais vê-la em minha casa. — Lindsay estremeceu. — Essa foi minha última decisão tola. E agora ele corre para ela.

Sua filha ficou indignada.

— Que está me dizendo, mamãe? Ela está dando em cima do papai? Não posso acreditar! Ela é uma chata, mas não é inescrupulosa *assim*.

— Você não sabe como ela é má. Não vou me alongar nisso agora, mas ela já fez coisas ruins antes. Não seria essa a primeira vez que tentaria me ferir. Já o conseguiu no passado, mas, que diabos, desta vez não conseguirá!

— Claro que não! Meu Deus, mamãe, você sabe que papai não está caído realmente por aquela coisa. Ele está apenas compadecido. Tenho certeza de que ele está somente sendo bondoso, gentil. Assim que ela se refizer, ele não lhe dará mais atenção.

— Ela nunca se *recupera*, meu bem. Acredite em mim. Adele é sempre a imagem de alguém abalado e indefeso. Ela está fazendo uma grande imitação de Lizzie Borden¹⁰. E seu pai, S. P., a aceita. Geoff acha realmente que ela necessita dele. Ele tem uma queda por mulheres desprotegidas, e esse infelizmente é um papel que eu nunca soube interpretar.

S. P. sentiu-se pesarosa. A última coisa em que poderia pensar era um conflito entre seus pais. Ela sempre os apresentara, durante conversas sobre o casamento, como um exemplo vivo de pessoas genuinamente felizes após vinte e oito anos de vida conjugal. Acreditara nisso. A idéia de seu pai interessado em uma outra mulher era inaceitável,

¹⁰ Personagem de romance e filme americanos (N. do T)

impossível. "Mamãe está imaginando isso", pensou. "Ela está com ciúmes sem razão. Papai é inteligente demais para jogar fora um bom casamento. E nunca por uma tola como Adele."

— Mamãe, tenho certeza de que você está exagerando. Não estará se sentindo culpada porque tem uma idéia tola de que não vem dando atenção a papai? Talvez gastando muito tempo em sua loja? Querida, acho que está enganada quanto a ele se achar seriamente interessado em Adele ou outra mulher. Ele a ama. Sempre lhe quis e sempre há de querer-lhe.

Não havia nenhum sentido em prosseguir com o assunto, concluiu Lindsay. S. P. não toleraria nem sequer a idéia de que seu pai simplesmente olhasse para outra mulher. Não era bom remontar ao passado. Ao passado dele e ao seu. Geoff era o pai-modelo, o marido perfeito aos olhos da filha. E Lindsay não tinha nenhuma intenção de destruir tal ilusão. S. P. iria somente odiá-la, caso o fizesse. "Seja como for", pensou Lindsay, "não tenho intenção alguma de renunciar a Geoff. Não o fiz antes e não o farei agora. Não repetirei o erro de minha mãe. Lutarei por ele, se for necessário, deixarei que me odeie, se for o caso, mas nunca, nunca abandonarei o lar.

— Tenho certeza de que você está com razão, querida — disse Lindsay. — Estou apenas cansada, suponho. A loja e a morte de papai. E estou ansiosa com a próxima chegada de meu neto. Acho que ando exagerando esse caso de Adele. Fico contente de termos tido essa conversa. Você é um amor por ter dado atenção aos temores imaginários de sua mãe. — Sorriu. — Sinto-me muito melhor agora. Obrigada, filha. Você tem um bom senso formidável. Às vezes sinto que nossos papéis foram invertidos e que você é a mais sábia e mais experiente.

— Parece que também chorei um pouco no seu ombro. Desculpe-me por isso. Não estou perturbada como dei a entender a respeito do bebê. Juro por Deus. Na hora fiquei fervendo, mas, passado o choque, realmente esfriei. Não tinha tido uma explosão de desabafo como essa desde o terceiro mês de gravidez, acredite ou não. — Sorriu amplamente. — Você é que me fez desabafar, sabe disso. Conversar com você é tão fácil e agradável! Sei que entenderá tudo o que lhe disse.

Lindsay retribuiu o sorriso.

— Digo o mesmo a você, minha querida. Acho que nos fez bem desabafar assim, como duas mulheres vividas. As coisas parecem menos assustadoras quando se pode discuti-las com uma amiga. Obrigada, amiga.

— Geoff, não sei como teria sobrevivido este último mês sem você. — E Adele olhou-o com gratidão do outro lado da mesa de jantar. — Você tem sido como uma fonte de absoluta força.

Ele minimizou aquele agradecimento dizendo:

— Nem pense nisso. Não fiz nada de mais, e você sabe disso. Você contou com advogados e contadores competentes. Eles fizeram todo o trabalho.

— Há outros tipos de ajuda. E ainda mais importantes. Apoio moral, por exemplo. E foi o que você me deu, e eu lhe sou profundamente grata.

— Esqueça-o — disse ele novamente. — Afinal de contas, você é da família. Adele suspirou.

— Quisera sê-lo realmente. Se pelo menos Lindsay não me detestasse tanto! Sei que não tem sido fácil para você. Estou certa de que veio em meu auxílio apesar de grandes objeções da parte dela.

— Oh, não, não tem sido assim. Lindsay não se incomoda.

— É um mentiroso adorável. Sei o que ela pensa. Você não estaria aqui jantando em minha casa esta noite se Lindsay não estivesse em Chicago.

Geoff não retrucou.

— Ela não pode me perdoar, pode? — A pergunta de Adele era óbvia. — Gostaria que ela procurasse compreender. Já fomos tão íntimas. Como duas irmãs. Mais ainda, porque escolhemos uma à outra. E agora Lindsay acha que sou sua inimiga. Só Deus sabe o que ela pensa. Talvez imagine até que estou tentando roubar-lhe o marido.

Geoffrey riu, pouco à vontade.

— Ora, vamos, Adele. Não seja tola. Lindsay sabe que você nunca tentaria fazer uma coisa dessas. Nem sequer teria tal idéia. Você parece estar com a imaginação tão doentia como a dela.

Interrompeu-se bruscamente e se maldisse a si mesmo. Era uma coisa terrível de ser dita sobre sua esposa. Mas que não estava longe da verdade, admitiu Geoff consigo mesmo. Lindsay *mostrava-se* paranóica em relação a Adele. Bastava que ele tocasse no nome dela para que a atmosfera ficasse carregada de eletricidade. Ele costumava ver Adele nos fins de tarde em seu caminho do escritório para casa, raramente mencionando tais visitas a Lindsay. Deus era testemunha da lisura dessas visitas, mas Lindsay ficava furiosa mesmo assim.

Como já ocorrera antes com freqüência, ele se perguntou como Lindsay podia justificar aquele rancor interminável contra sua amiga de outrora. Ela era inteligente e sensata demais para se ater a esses ressentimentos antigos, ainda que acreditasse que Adele fora deliberadamente malévola. Ele não aceitava isso. Adele era gentil, bondosa e, mesmo, uma boa criatura. Ela acalentava o ego de um homem. Em seu íntimo, ele invejara o velho Howard em todos aqueles anos por viver com aquela mulher bonita, graciosa. Ela não tinha espírito competitivo, como ocorria com Lindsay, com aquele seu maldito negócio de decoração, ou o que quer que fosse. Adele não o fazia pedir desculpas por ser muito indulgente com sua filha ou por estar mais ansioso ainda do que Robin pelo próximo nascimento do bebê de S. P. Se Adele pensava que ele tinha defeitos, não dava mostras disso. Às vezes o ar de adoração que ela lhe dedicava o fazia sentir-se quase sem jeito. Era como se ela o visse como um super-homem que não podia fazer nada errado. De certo modo isso era enervante; no entanto, ele tinha que admitir que gostava daquela expressão. Sentia-se bem por ser admirado, ainda que não tivesse feito nada para merecê-lo.

E Adele era sensível, cheia de tato, também, pensava ele ao ir para casa após o jantar. Adele nem sequer dera mostras de ter ouvido sua observação de mau gosto acerca da "imaginação doentia" de Lindsay. Eles tinham tomado café e um licor e conversado com espontaneidade até às onze da noite. Então ele lhe dera um beijo leve, de irmão, na face e saíra. Estava uma bela noite, ele pensou. Relaxante e calma.

O telefone tocava quando Geoff abriu a porta da frente. Foi rapidamente até a sala de estar e atendeu. Era Lindsay do outro lado do fio.

— Geoff? Você demorou tanto para atender que já-ia desligar.

— Acabei de chegar. O que houve? Por que você está telefonando tão tarde? Já passa de onze horas aqui.

— Não aconteceu nada. Liguei para você mais cedo, mas ninguém atendeu. Onde você esteve?

Sem pensar, ele respondeu:

— Na casa de Adele.

— Ah! — Um silêncio gelado antecedeu a pergunta: — Qual foi o problema de hoje? Ela espetou algo numa das unhas?

— Lind, precisa ser sempre tão sarcástica quando se trata de Adele? Não houve nenhum problema. Ela soube que você estava fora e me convidou para jantar por gentileza. Que tem isso de mais?

— *Muito*. Como ela soube que eu estava fora? Será que o colunista Earl Wilson o anunciou em sua coluna?

Geoff suspirou. Até quando aquilo iria se prolongar? Até o fim de suas vidas? Adele soubera que Lindsay estava em Chicago porque ele lhe dissera. Mas não ia dizer isso agora e ter uma briga a longa distância com sua mulher.

— Não sei como ela soube. Que diferença isso faz? Ela me convidou para um bom jantar. Estava simplesmente demonstrando seu apreço por uns poucos favores que procurei prestar-lhe desde a morte de Howard. Bom Deus, não faça disso uma tragédia! Essa mulher está sendo grata, só isso.

— Acredito. Como ela expressou toda a sua gratidão?

Geoff sentiu-se furioso.

— Não seja vulgar! Lind, isto tem que ter um basta. Você está francamente possessa! — Respirou profundamente e tentou se controlar. — Esqueça — disse a seguir. — Podemos conversar sobre isso quando você voltar. A propósito, *quando* estará de volta?

— Foi por isso que telefonei. Estarei no Aeroporto Kennedy às quatro e quinze amanhã à tarde. Há inconveniente para você me encontrar lá?

Droga. Ele tinha um compromisso. Mas Lindsay provavelmente iria pensar que ele estava mentindo.

— Infelizmente não poderei encontrá-la, querida. Tenho um encontro às quatro com um cliente importante. Mas mandarei um carro apanhá-la.

— Certo. Obrigada.

Ela estava prestes a desligar e Geoff gritou:

— Ei! Só um minutinho. S. P. está aí? Posso falar com ela?

— Ela já foi se deitar. Quis falar com você, mas não o encontrou em casa na hora em que telefonou.

— O que você quer dizer? Aí em Chicago devem ser pouco mais de dez horas. É cedo ainda para ir dormir.

— Geoffrey, sua filha está grávida, lembra-se? Ela necessita de repouso. Está prestes a torná-lo um avô, no caso de você ter-se esquecido disso ao se envolver nessa aura de herói diante de sua madrastra. Boa noite. Eu o verei amanhã.

Geoff ficou parado um momento, segurando o fone, antes de repô-lo no gancho. "Por que está agindo assim, Lindsay?", pensou. "Está, deliberadamente, cavando a nossa destruição?"

Não lhe ocorria pensar que Lindsay estava reagindo, defensivamente, ao seu próprio estado de espírito irracionalmente descontente. Ele se sentia como a parte ofendida naquela guerra não-declarada entre os dois. Mas nem por um momento intuiu que as diferenças entre ambos se resumiam a uma escaramuça menor. Esperava somente que Lindsay logo recuperasse seu bom senso.

Capítulo 20

Época aprazada. Nós lhe atribuímos muitos nomes: Destino, Fado, Vontade Divina. Como quer que o chamemos, nossas vidas são mudadas e amoldadas por ele, de modo suave ou drástico, sem nosso controle. A estranha e precisa influência desse tempo desloca as pessoas para novas posições tão seguramente como o surgimento da primavera dá novo toque à paisagem. É algo tão inevitável como a vida. Ou a morte.

A viuvez de Adele era um exemplo do poder do destino. Tivesse Howard Thresher escolhido para morrer dois dias antes ou, quem sabe, dois anos depois, o efeito de seu desaparecimento poderia não ter afetado tanto os outros. Infelizmente, a mão que rege nosso destino escolhera o exato momento em que Lindsay estava no auge de sua ansiedade e Geoffrey se mostrava mais vulnerável. E no momento em que Adele alcançara o limite de sua resistência.

Para Adele, a morte de Howard fora uma bênção recebida com atraso. Ela sentia vergonha de admitir para si mesma que desejara aquela morte. E era verdade. Com a experiência vivida naqueles vinte anos, ela percebia que aquela psiquiatra tivera razão. Ela tinha sido como uma nadadora afogando-se na desgraça da morte de James. Então, na busca de algo que fosse o mais possível parecido com ele, casara-se com o pai de James para ater-se em desespero a algum vestígio do futuro que perdera. Procedera como uma tola e pagara por isso, muito mais do que seu marido. Após um período relativamente curto de infelicidade, Howard tinha simplesmente aceitado seu erro, não sem amargura, mas com realismo. Se sua esposa não lhe dedicava nenhum carinho, outras mulheres o fariam. Não era o tipo de vida que ele almejava, mas fez o melhor que pôde para contornar a situação com o mínimo de desconforto.

A enormidade do engano que cometera quase esmagara Adele. Fora um pecado, ela o sabia, não ser uma mulher de verdade para Howard, mas tentara e não pudera acolhê-lo como amante. A seus olhos ele não passava de um velho. Era ainda bastante viril, mas seu corpo já tocado pela idade em contato com a juventude e maciez do dela a horrorizara. Cada avanço dele era como uma violência, e ela se sentira aliviada quando Howard, cheio de raiva e desgosto, acrescidos de um amor-próprio ferido, cessara de tentar aquelas aproximações que terminavam tão desastrosamente para ambos.

Mas o sentimento de culpa de Adele era sincero. No segundo ano do casamento, ela reunira coragem para sugerir o divórcio.

— Isso não é justo para você, Howard — ela dissera então. — Não sou aquela de quem você necessita. Cometemos um erro. Nada há de vergonhoso em admiti-lo.

Ele se enfurecera.

— Não! Nem pense nisso! É bastante fácil para você, minha pequena, deixar que os outros pensem que se casou com um homem que não pôde satisfazê-la. É o que todos vão pensar, bem sabe. Dirão que sou velho demais para você. Não permitirei que riam às minhas costas e me julguem um fracasso. Já não me basta o ridículo de me ter casado com uma mulher mais moça que minha filha? Não darei a essa gente o gosto de acharem que estavam com a razão, que fui um tolo.

Adele o olhara com surpresa.

— Você se incomoda tanto assim com o que os outros dizem? O bastante para arruinar o resto de sua vida, e o da minha?

— Se é esse o modo como você encara as coisas, sim, eu me incomodo muito. Tenho meu orgulho. Ninguém chamará Howard Thresher de perdedor duas vezes.

— Mas isto não é um casamento de fato. Você não pode ser feliz vivendo desse modo!

— Já faz muito tempo que desisti da idéia de ser feliz. — Seu tom era de indulgência. — A felicidade é para os tolos, os pobres de espírito. Há somente uma carência total ditada pela desgraça, um compromisso com o absurdo da vida. Faria bem em aprender a assumir esse compromisso, Adele. Isso, pelo menos, você deve a mim.

Com relutância, ela aceitara sua sentença, seu poder de raciocínio mais enfraquecido que o remorso que sentia por ter certo dia encorajado Howard a crer que ela o amava. E nos vinte anos seguintes, permanecera a seu lado, ainda fiel a ele, tão forte era a sua crença na fidelidade de urna mulher a seu marido. Aos quarenta e seis anos, ela era, em tudo exceto no sentido técnico, ainda uma virgem, não tocada pela paixão, com seus apelos sexuais sublimados a ponto de se tornarem inexistentes.

Foi, portanto, com vergonha que, durante os últimos meses da doença de Howard, ela se descobriu atraída por Geoffrey Murray. Em sua presença, ela sentia uma vibração excitante. Inquieta com essa descoberta e incapaz de resistir à tentação de estar perto dele, soube que nada poderia resultar disso. Ele era o marido de Lindsay, seu próprio enteado. E embora sonhasse com ele, estremecia ao sentir aquele braço rodear-lhe os ombros quando Geoff a confortava. E ansiava por aproximar seus lábios dos dele quando Geoff a beijava ligeiramente na face. Era chocante, vergonhoso. Seu sentimento de culpa em relação a Lindsay era pior do que tudo o que ela sentira diante de Howard, embora nesse caso sua noção de estar agindo errado só existisse em sua mente.

E sempre estaria, ela se disse com firmeza. Essa depressão nunca desapareceria, mesmo que ela se esforçasse. Persistentes como eram, seus desejos ainda assim deviam ser superados, esquecidos se possível, e certamente nunca revelados. Mas, como se não tivesse forças para tal, inventava pretextos para ver Geoff, ainda procurando convencer-se de que aquilo era somente uma demonstração de conforto que não poderia prejudicar ninguém.

Adele não era o demônio que Lindsay acreditava que ela fosse. Nunca tivera em mente fazer mal à amiga. Sob o peso daquela confiança sobre o caso que Geoff tivera durante a guerra, achara seguro confiar o segredo a Howard, e se sentira profundamente

inquieta quando o senso de retidão levava Howard a trair sua confiança. E nem pretendia realmente fazer seu marido infeliz ao rejeitar seus carinhos. Ela o desposara por inexperiência e má orientação, não por despeito, como Lindsay supunha.

Mas não era também o anjo que Geoff pensava que ela fosse. Mesmo sentindo-se culpada, detestara Howard. E sentia inveja de Lindsay. Sempre sentira. Desde a infância a vida de Adele fora árida. A perda de seu pai, a vida ao lado de uma mãe sem juízo e um padrasto desagradável, James tinha sido sua única esperança, mas a ela não fora concedida sequer essa dádiva de amor. Lindsay, por outro lado, tivera tudo: pais dedicados e uma avó generosa e magnífica; casara-se com o homem desejado e tivera uma filha bonita e feliz, que logo lhe deu um neto. E até mesmo uma profissão ela tinha, pensou Adele, com amargura. Uma profissão iniciada tarde e que fizera Lindsay prosperar da noite para o dia, convertendo-a não só numa mulher mais rica do que já era, como em uma pessoa conhecida e respeitada. O homem de Lindsay voltara da guerra incólume. O dela, Adele, não. Sim, Lindsay sempre tivera tudo o que desejara. E ainda tinha. Era injusto. Adele ia à igreja e rezava para que seus pecados lhe fossem perdoados, mas ainda cobiçava tudo o que pertencia a Lindsay, incluindo seu marido.

Naquela noite em que Geoff jantara em sua casa, Adele estivera perto de fazê-lo saber como se sentia. Quando ele saíra, ela se despira diante de um espelho grande, examinando-se com ar crítico, e imaginando se pareceria bonita aos olhos de Geoff. Enrubescera, sozinha em seu quarto. O que significava aquela loucura? Não havia nenhuma esperança. Geoff não a via senão como uma velha amiga. No entanto, ele tinha demonstrado, pela primeira vez, que estava longe de ser totalmente feliz. Chegara a chamar Lindsay de paranóica. Talvez as coisas não andassem em entre eles. Talvez houvesse uma pequena chance... e se apegou a isso. Tola. Traidora. Que absurdo era aquele? Aquele desejo era uma coisa terrível, impensável. E mesmo que por algum milagre Geofírey viesse a querê-la, Lindsay nunca deixaria que algo acontecesse.

"Ela me mataria antes", pensou Adele, quase em pânico. "Lindsay arranjará uma pistola e me mataria."

De volta do escritório, Geoff encontrou sua mulher em casa. Ela estava no quarto, desfazendo as malas.

— Como está S. P.?

Lindsay desviou o olhar do guarda-roupa e olhou o marido, dizendo:

— Não se usa dizer mais "bem-vinda ao lar"?

Geoff retrucou, embaraçado:

— Desculpe. Fui um tanto brusco. Seja bem-vinda, querida. Fez uma boa viagem?

— Sim, ótima. — Lindsay abrandou sua expressão. Não devia ser tão rude. Naturalmente, Geoff estava preocupado com a gravidez da filha. — S. P. está ótima. — Sorriu. — Grande como uma casa. Ou até duas. Eu lhe perguntei se tinha certeza de que não terá gêmeos. Ela parece até estar pesando uns cem quilos... O médico está furioso com ela, mas S. P. diz que está tão frustrada que não faz outra coisa senão comer.

— Frustrada? A respeito de quê?

Lindsay se perguntou se devia dizer a Geoff que o bebê não era desejado. Para quê? S. P. tinha dito que já aceitara o fato. Geoff simplesmente ficaria preocupado se

pensasse que sua filha era infeliz. Ele nunca desejara que S. P. se sentisse infeliz com coisa alguma.

— Nada de especial. Você sabe o que acontece quando se leva um bebê no ventre durante oito meses. — Riu. — Não, você não pode saber, não é mesmo? Mas pode imaginar. Ela se sente desconfortável e entediada, aguardando o grande momento. As mulheres têm dessas coisas. É perfeitamente natural.

Geoff pareceu satisfeito com aquilo.

— Eles nos telefonarão assim que o parto começar, certo? Você disse a Robin que já alertei a companhia aérea? Mesmo que haja nevoeiro, eles providenciarão nossa viagem até lá. Graças a Deus, temos certos recursos, e, assim, posso mexer os pauzinhos se necessário. Chicago em dezembro! Que época para se ter um bebê!

Lindsay ia dizer que S. P. não planejava as coisas desse modo. Nem pensara em ter um filho tão cedo. "Ao diabo com isso", pensou. "Geoff já está preocupado em demasia. Ele a ama muito. Eu a amo também, mas não a protejo de forma tão extremada. É algo quase fora do normal, embora nada tenha de pecaminoso ou doentio. Ela é a luz de sua vida. Se algo viesse a acontecer a S. P., não sei o que seria do equilíbrio mental de Geoff. Nem é bom pensar nisso", ela se disse. "Nada irá acontecer de grave, exceto que estando com excesso de peso ela provavelmente terá um parto difícil. Robin e Geoff me deixarão louca se o parto de S. P. durar algumas horas."

— Então você teve uma estada agradável — disse Geoff com vivacidade. — Estou contente com isso. Tenho certeza de que foi bom para você ausentar-se daqui por alguns dias.

— Sim. Eu estava precisando de umas pequenas férias. Estou certa de que você também... De mim, quero dizer. — Mexeu nervosamente num cabide forrado de veludo. — Geoff, lamento ter-me comportado tão mal ao telefone na noite passada. Sinto muito ter procedido tão mal nestes últimos meses. É uma infantilidade de minha parte alimentar rancor contra Adele. Durante o vôo para cá, decidi me curar de meu ressentimento. E de meus ciúmes. Não gosto das coisas que ela me fez, ou a papai, mas resolvi enterrar essa rixa. Quanto à idéia de Adele estar dando em cima de você, é ridícula. Não que você não seja atraente, e nem que ela não esteja interessada... Mas sei que não pode. Conheço você muito bem. — E o olhou, implorante. — Você me perdoa? Eu realmente estava fora de mim.

Geoff sorriu. Tratando-se de Lindsay, pedir desculpas era algo sem precedentes, e ele se sentiu realmente contente. Graças a Deus ela finalmente percebera que toda aquela história era pura infantilidade! Tudo agora seria infinitamente mais fácil para eles. Mas fora uma mudança súbita de disposição íntima. Quase repentina demais. "Ela deve ter conversado a respeito com S. P.", pensou. "Por Deus, espero que Lindsay não lhe tenha contado sobre o meu caso durante a guerra." A idéia de parecer menos perfeito aos olhos da filha o perturbava, mas não prosseguiu no assunto. Se Lindsay fizesse as pazes com Adele, já seria uma ótima coisa. Detestava ver a madrastra de Lindsay às escondidas. Não que houvesse algo de censurável naquelas visitas, mas seria menos embaraçoso se ele pudesse dizer a Lindsay aonde ia, ou se ela voltasse atrás em sua decisão de não receber nunca mais Adele em sua casa.

— Claro que está perdoada — disse Geoff por fim. — Não há muita coisa a perdoar. Nunca compreendi por que você ficava tão fora de si em relação a Adele.

Ele acabara de dizer a coisa errada. A pior. A expressão de Lindsay endureceu.

— Você ainda não acredita em nada do que lhe disse, não é? Sinceramente, não acredita que ela jamais tenha feito algo de prejudicial e maldoso.

— Por favor, Lindsay, não recomeçemos com isso. Você acabou de dizer que decidiu perdoar e esquecer qualquer mal que Adele possa ter feito. Vamos nos ater a isso, está bem?

— Vocês dois — disse Lindsay, carrancuda. — Estou sempre em luta com vocês dois. Por que não aceita os fatos, Geoff? Por que não é franco e diz logo que está apaixonado por ela?

— Porque não estou, pelo amor de Deus! Não pode meter isso em sua cabeça? Não sabe que é possível para um homem e uma mulher se tornarem amigos?

— Não. Não quando essa mulher é Adele. E também não quando o homem em questão é você. Tenho boa memória. Posso me lembrar ainda de 1945.

Geoff sacudiu a cabeça.

— Você é um caso perdido. Absolutamente perdido. Estou condenado a pagar pelo resto de minha vida por uma única transgressão?

— Somente uma? Que me diz das aventuras que teve fora desta cidade nos dois últimos anos? Posso não ter provas, mas uma esposa sempre sabe dessas coisas sem precisar ser informada. Parece que já não o satisfaço mais. O que há, Geoff? Desprezo pelo que já é familiar? Freqüentar o mesmo corpo conhecido é tedioso?

— Lindsay, pelo amor de Deus, o que há com você? Às vezes, penso que você gostaria que nos separássemos.

— Não — ela retrucou pausadamente —, não gostaria disso de modo algum. Mas talvez você gostasse.

— Não sei onde você arrumou essas idéias loucas. O que significa isso? Está ocorrendo uma mudança em sua vida?

Ela o olhou, desgostosa.

— Pergunto-me se algum dia você me compreendeu de fato. Quando surgem as dúvidas, vocês, homens, se voltam para os velhos lugares-comuns. Se uma mulher solteira tem um temperamento difícil, ela é vista como uma criatura emburrada, solitária, que necessita de sexo. Se ela se mostra justificavelmente irritada na meia-idade, o motivo é a menopausa. Meu Deus! O que vocês, homens, fariam sem essas explicações estúpidas e convenientes?

— E o que fariam as mulheres sem o seu maldito ciúme? — ele gritou. — Você nunca me perdoou, não foi? Você acha que sim, mas aquilo sempre esteve presente, bem no seu íntimo, corroendo-a. Não é com Adele que você está zangada, é comigo! Eu e aquela garota inglesa, que agora já pode até estar morta! Lindsay, você tem que parar com isso! Senão, juro que...

— Jura que fará o quê? Vai me deixar? Correr para Adele? O que está procurando, Geoff? Uma justificativa?

Ele voltou-se e saiu batendo a porta. "Não queria que as coisas acontecessem desse modo", pensou Lindsay desconsolada. "Queria um feliz regresso ao lar e votos de

boas-vindas. Queria que as coisas ficassem bem para nós dois. Desejo que elas sejam como costumavam ser. Odeio-me quando esse veneno começa a me corroer. Geoff está enganado. Já o perdoei há muito tempo. Tudo se complica quando o nome de Adele é mencionado. Uma palavra áspera leva a outra, e nossas brigas tornam-se mais sérias."

Lindsay jogou-se na cama e ficou imóvel, olhando fixamente o teto, perguntando-se o que estava por acontecer. "Talvez, quando o bebê de S. P. nascer, as coisas se acalmem", pensou como um consolo. "Talvez nosso primeiro neto nos aproxime de novo."

E então percebeu que fora isso mesmo o que ela pensara quando sua filha estava a caminho. Bem, aquilo funcionara, não é? Por algum tempo, pelo menos, pensou.

Durante um mês, os Murrays mal se falaram, exceto por polidez, e rapidamente. Não foi feita menção a Adele, e não havia indício da parte de Lindsay de que voltaria a recebê-la em sua casa. Geoff continuava a visitar a viúva de Howard. E cada vez mais tais visitas lhe agradavam. Adele tinha uma conversa agradável, era relaxante e amena. As conversas nunca se tornavam pessoais. Como se houvesse um acordo tácito, eles evitavam os assuntos controversos, incluindo Lindsay. Adele não perguntava por ela, e Geoff voluntariamente nada dizia. Até uma manhã de dezembro, quando Lindsay lhe telefonou para lhe dizer que Robin ligara avisando que S. P. estava na maternidade. Então ele telefonou para Adele.

— Lindsay e eu seguiremos para Chicago no vôo noturno. S. P. vai ter o bebê. Pensei que você gostaria de saber.

— Oh, sim! Obrigada, Geoff. Fico contente que você tenha me informado. Dê um abraço meu em S. P. — Hesitou. — E diga a Lindsay que sei que tudo sairá muito bem.

— Direi a ela — mentiu Geoff. — Logo você saberá se sou avô de uma menina ou de um menino.

Adele riu alegremente.

— Seja um menino ou uma menina, você adorará ser avô.

Já era tarde da noite quando Lindsay e Geoff chegaram. Correram para a maternidade e encontraram Robin na salinha privativa. Bastou-lhes contemplar por um instante aquele rosto muito pálido e os olhos avermelhados para compreender que houvera uma tragédia. Lindsay segurou nervosamente o braço de Robin.

— Robin, o que houve? Foi o bebê? Ele não está bem?

Robin meneou a cabeça.

— Oh, não S. P.! Pelo amor de Deus, Robin, não me diga que algo aconteceu a ela! Ele irrompeu em soluços violentos, lastimosos.

— Eles... eles não sabem o que aconteceu. O parto foi terrível, mas o bebê finalmente nasceu. — Robin mostrava-se quase incoerente devido ao sofrimento. — O coração dela... simplesmente parou. Eles... eles não puderam salvá-la, mamãe. Tentaram tudo. — Apoiou-se em Lindsay como um homem embriagado. — Oh, Deus, a culpa foi minha! Ela não quena ter essa criança. Eu a matei. Nunca me perdoarei! Meu Deus, não quero mais viver!

Apesar do choque sofrido, Lindsay amparou aquele homem soluçante com todas as suas forças e tentou consolá-lo.

— Não, meu caro Robin, não deve dizer isso. Não foi sua a culpa, S. P, não gostaria que você se sentisse desse modo. Ela gostaria que você fosse forte para cuidar do bebê.

Ela mal tinha noção do que estava dizendo. Achou que Robin estava prestes a perder a razão. E Geoff. Por que ele estava ali parado como uma estátua de gelo? Não se movera nem dissera uma palavra, 'Ele está em estado de choque', percebeu Lindsay. "Em completo e terrível estado de choque."

Ainda que ela pensasse assim, Geoff moveu-se. Havia uma expressão quase de demência em seus olhos quando os fixou em Robin.

— Você, seu desgraçado! Seu grande animal! Você não devia viver! Você matou minha filha! E eu o matarei. Tendo Deus como meu juiz, eu o matarei, assassino!

— Geoffrey, pare com isso! — E Lindsay soltou Robin e precipitou-se para seu marido. — Não diga tais coisas! Você não sabe o que está dizendo! — Parou a meio caminho entre ele e Robin. — Isto não tem sentido. Não trará S. P. de volta, Geoff, por favor, não pode ver que Robin está fora de si de tanta dor? Meu Deus, não torne isso mais terrível do que já é!

— Ele está certo — disse obtusamente Robin. — Eu desejaria que ele me matasse. Gostaria de poder me matar — Estava se acalmando agora, mas era profundo seu pesar. — Não é possível. Tudo parecia tão bem. Eu não entendo. Uma pequena anomalia — disse com raiva. — Foi o que eles disseram. Não havia nenhum histórico de fraqueza do coração. Nenhum indício. E então... — Começou a soluçar novamente. — O que posso dizer? O que posso dizer para vocês?

Lindsay deixou-se cair numa cadeira. S. P. morta? Não era possível. Há apenas poucas semanas ela se mostrara tão terna e divertida como sempre fora. As duas tinham tido um encontro tão agradável. Tinham trocado confidências, como duas meninas. "Minha querida", pensou Lindsay. "Minha adorável e linda filha." Por fim, as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Permaneceu sentada naquela cadeira de couro, e as lágrimas deslizaram pelo seu rosto.

Após sua explosão de ira, Geoffrey nada mais dissera. Acercara-se da janela e ficara olhando para fora, cada fibra de seu corpo contorcida demais por uma dor que não cabia em palavras. Lindsay o via de costas, lembrando que há poucas semanas ela pensara que Geoff enlouqueceria se algo acontecesse com sua filha. Temia por ele agora. Embora sua própria angústia fosse profunda, Lindsay sabia que podia contê-la melhor do que Geoff. De repente, ele disse, sem olhar para sua mulher e para Robin:

— Que história foi essa de S. P. não querer o bebê?

Lindsay interveio:

— Isso não importa agora, querido.

— Importa, sim. O que quis dizer, Robin?

— Ele... não fora planejado. Ela queria abortar. Eu não permiti. — Sua voz estava rouca. — Devia ter permitido. Ela estaria aqui, agora. Tive medo de que algo lhe acontecesse — acrescentou com raiva. — Temi por sua vida, caso ela fizesse o aborto. E eu queria um filho. Egoisticamente, queria um filho. — Seu corpo todo estremeceu. — Bem, tenho um agora, e amaldiçoo o dia em que ele nasceu.

— Não! — protestou Lindsay. — Ele é seu filho, Robin. E dela. Você tem algo de S. P. Uma coisa preciosa que ela lhe deixou.

— Eu queria era *ela* — retrucou Robin. — Nada tem valor sem ela.

Geoffrey disse algo irônico, o que irritou Lindsay.

— O que você teria feito, Geoffrey? Permitiria que ela abortasse? Como pode fazer pouco, desse modo, do sofrimento de Robin? Acha que é a única pessoa que a amava? Por que não pensa no marido dela e no filho em vez de se entregar à autopiedade?

Geoff voltou-se para a mulher, irritadíssimo:

— Que diabo, Lindsay, você não tem coração? É tão forte que nem sequer a morte de sua própria filha consegue anular sua capacidade de acusar? Não me passe um sermão. Não me diga como devo me sentir a respeito dele ou de você! Robin teve culpa, e nunca me esquecerei disso. Devo pensar nele? Gostaria de poder esquecê-lo!

— E a seu neto também? — disse Lindsay com brandura. — Vai dar as costas ao filho de S. P.?

Geoff desviou o olhar.

— Não desejo vê-lo. Nunca vou querer conhecê-lo. — Começou a soluçar sem ruído, as lágrimas escorrendo-lhe entre os dedos, pois cobrira a cabeça com as mãos.

Lindsay nunca tinha visto Geoff chorar. As lágrimas vertidas por um homem são terríveis, tanto mais quanto ele delas se envergonha. As mulheres choram com frequência, às vezes sem nenhum motivo, exceto um abençoado alívio. Mas um homem se contém, relutante em demonstrar emoção, receando de algum modo que isso deponha contra a sua masculinidade. Por que Geoff não deveria chorar? Por que não deveria desabaiar e dar vazão às lágrimas? "Perdemos nossa criatura mais querida, nossa filha, nossa alegre e adorável Sara Pauline. Como iremos prosseguir agora? Como suportaremos os dias sem fim, pensando nela, sentindo sua falta, perguntando a Deus repetidamente qual o sentido disso? Por que logo ela?, perguntaremos então. Por que ela?"

Acercou-se do marido e passou os braços em volta de seus ombros, tentou encostar seu rosto ao dele, desejosa de que suas lágrimas se mesclassem com aquelas que deslizavam pelo rosto de Geoff. Nada havia para dizer, nada para oferecer, exceto um mútuo consolo. Geoff continuou imóvel, irredutível. Mesmo agora, o horror daquela perda não fora de todo assimilado por uma mente incapaz de aceitá-la. Mais tarde seu sofrimento seria pior, embora aquele assomo de raiva contra Robin fosse arrefecendo com a compreensão de sua inutilidade. "Esta dor pode arrasá-lo", pensou Lindsay novamente. "Não sei se poderemos sobreviver a esse golpe Pobre Robin. Nunca deixará de acusar a si mesmo. Ele dispensa as violentas recriminações de Geoff. Está sendo mais duro consigo mesmo do que qualquer outro ser humano poderia ser. E o bebê, essa pobre criança sem mãe." O coração de Lindsay se apertou ao lembrar-se do neto que ela ainda não vira. "Geoff não fala a sério quando diz que nunca vai querer ver o neto. É claro que vai querer. Ide o amará no devido tempo, tanto em nome do menino como em memória de sua mãe."

Respirou profundamente. "Tenho que me controlar", ela se disse. O tempo de luto viria depois. Agora havia várias coisas a serem feitas, e nem Geoff nem Robin estavam em condições de levá-las a cabo. Providências tinham que ser tomadas para trasladar o corpo de S. P. para Nova York, para o jazigo da família Murray, no cemitério de Queens.

A menos que Robin desejasse algo diferente. Esse era um direito seu: ele era o marido de S. P. A ele cabia decidir.

"Não posso suportar isso", pensou Lindsay, os braços ainda contornando seu marido indiferente. "Sou a mãe, a mãe desolada. A filha que saiu das minhas entranhas está morta, mas ninguém está pensando em mim."

Seu senso de injustiça e autopiedade se esfumaram tão depressa quanto tinham se manifestado. Ela não podia se dar ao luxo de fraquejar. Não por enquanto. Em meio a uma crise, ela agia primeiro, entregava-se à dor depois. Geoff pensava que isso era demonstração de força. Não era. Tratava-se, como sempre, de enfrentar a realidade. A realidade e a necessidade de prosseguir vivendo.

Levaram S. P. para Nova York e deixaram-na repousar para sempre em seu jazigo. Um casal amigo — o marido trabalhava com Robin na agência de Chicago — tomaria conta do bebê até que ele voltasse.

Intimamente, Lindsay esperara que Robin pedisse aos pais de sua falecida esposa que cuidassem da criança, mas ele não o fez. Na verdade, na noite da morte de S. P., Robin se acercara de Lindsay, dizendo:

— Mamãe, desejo ficar com meu filho. Pensei em lhe pedir para tomar conta dele. Seria mais cômodo para mim e talvez melhor para ele. Mas esse menino é tudo o que tenho. Eu o educarei o melhor possível, arranjarei uma boa babá para ficar com ele durante o dia e à noite estarei a seu lado. Tentarei ser pai e mãe ao mesmo tempo para ele. Acho... acho que é isso o que ela teria desejado.

Lindsay ocultara seu desapontamento e suas dúvidas. Um homem jovem, sozinho, tentar educar uma criança? Não estava segura de que isso daria certo para ambos, mas talvez fosse o único meio. No hospital, Geoff nem quisera dar uma olhada no bebê. Talvez nunca fosse capaz de contemplá-lo. Na melhor das hipóteses, decorreria um tempo bastante longo antes que ele pudesse aceitar aquela criança que, segundo sua mente angustiada, deveria ter sido sacrificada em vez de nascer à custa da morte de sua mãe. Certa vez Lindsay pensara que o filho de S. P. poderia dar novo alento a seu casamento. Que tolice! O bebê só fizera com que Geoff se mostrasse mais distante. E se a criança viesse viver com eles, sua simples presença intensificaria a amargura do avô. Não seria nada bom para a criança. E, egoisticamente, Lindsay sabia que isso provocaria um atrito terrível entre ela e Geoff.

Contemplando Robin, ela viu que, acima de tudo, ele realmente desejava educar seu filho. Mesmo que ela pudesse, não o privaria disso. Ela teria matado qualquer um que houvesse tentado afastá-la de S. P. A despeito do muito que ansiava cuidar de seu neto, aquela era a melhor solução.

— Naturalmente — ela acabou por dizer. — Ficaríamos felizes em cuidar dele, mas você é quem deve ficar com essa criança, Robin. Sua intenção é correta. Não será uma tarefa fácil para você, claro. Terá que se sacrificar bastante, mas valerá a pena. — Fez uma pausa. — Já escolheu um nome para o bebê?

Robin assentiu com a cabeça.

— John Geoffrey. O nome de meu pai e o do pai de S. P.

— É um bonito nome, Robin.

— Nós... nós já tínhamos feito essa escolha, Se fosse menino seria John Geoffrey. Se nascesse uma menina, seria Jean Lindsay, os nomes das avós. — Os olhos de Robin encheram-se de lágrimas. — Tenho algo a lhe perguntar. Geoff me odeia. Não posso criticá-lo. Afinal, odeio a mim mesmo. Não seria melhor eu deixar o emprego na sua empresa? Posso arrumar uma outra colocação Voltar, talvez, para Nova York. O que você acha?

— Não posso responder por ele, Robin — disse Lindsay após curta hesitação. — Ele passou o dia todo sem dizer uma palavra sobre o que quer que fosse. — Relanceou o olhar pelo quarto da suíte do Hotel Drake. — Ele tem permanecido ali desde o começo da tarde. Está sofrendo terrivelmente. E algo indescritível. Mas, apesar de sua aflição, não creio que ele o odeie, Robin. Realmente não. Geoffrey está em luta com um pesadelo agora. Ninguém poderá consolá-lo, muito menos você. Mas o tempo abrando dará isso, Robin. Ele compreenderá que não pode culpar você. Meu Deus, quem poderia prever tal coisa a respeito de uma moça tão saudável? Quando ele se acalmar, não vai querer que você deixe a agência de publicidade. Isso seria mesquinho e infantil, e Geoff nunca o faria. Dê-lhe tempo. Não decida nada por enquanto. Mais tarde, se a situação for incômoda realmente para ambos, peça demissão. Mas não agora — frisou. — Você tem um bom emprego. E necessita dele para tomar conta de John.

Depois que Robin saíra, Lindsay batera de leve na porta do dormitório. Não houve resposta, e quando ela abriu a porta encontrara o quarto às escuras. Por um momento se sentira em pânico, acossada pelo insensato temor de que Geoff tivesse se suicidado. Pôde reconhecer o vulto dele na cama, ainda vestido e encolhido, muito curiosamente, numa posição fetal, como se desejasse se esconder do mundo. Mas então ouviu a respiração dele, forte.

— Geoff, você está bem? Não quer comer alguma coisa, querido?

Não houve resposta.

Lindsay acendeu a luz do abajur e ficou chocada com o rosto sofrido de seu marido. Geoffrey parecia ter envelhecido dez anos em poucas horas. "Talvez eu também pareça tão arrasada", pensou Lindsay. "Ainda não me olhei no espelho."

— Robin esteve aqui — ela disse. — O menino se chamará John Geoffrey. Ele e S. P. já o tinham decidido. E Robin pretende educar seu filho do modo como S. P. aprovaria.

Silêncio novamente.

— É muito corajoso da parte dele, não acha, querido? Um homem sozinho assumindo toda a responsabilidade por uma criança.

Inesperadamente, Geoffrey sentou-se no leito. A tristeza em seu rosto foi substituída por um esgar de zombaria.

— Corajoso? Não seja tola, Lindsay! Ele se casará de novo dentro de uns seis meses. Não tem nenhuma intenção de cuidar do menino sozinho, pode apostar nisso. Uma esposa fora de circulação e outra pronta para ocupar a vaga, é o que lhe digo. Ele provavelmente já escolheu a substituta!

— Geoffrey, isso é horrível! Como pode ser tão maldoso a respeito do marido de sua filha? Você sabe que Robin a adorava. E sabe também que ele está quase fora de si. Mas está tentando fazer a coisa certa. O que ele crê que S. P. desejaria.

— Puro sentimentalismo! Ele está procurando apenas ganhar a sua simpatia dizendo que irá educar sozinho a criança.

— Pare de ignorar essa criança! — gritou Lindsay. — Ela tem nome. Chama-se John Geoffrey!

— Seu nome não significa nada. Não desejo que ele tenha meu nome.

— Você não pode impedi-lo. — Estava mais calma agora. — Geoff, sei como você se sente. Acha que não sinto o mesmo? Pensa que sua angústia é maior do que a de Robin ou a minha? Estamos arrasados, e você sabe disso. Não seja tão duro. Por favor. Está tornando tudo ainda mais sombrio para todos nós. Sei o quanto você gostava de S. P. E ela o adorava. Ficaria muito desapontada com você se pudesse vê-lo desse modo. Ela desejaria que você fosse forte e sensato, mesmo agora. E esperaria que você se compadecesse de seu marido e de seu filho.

— Vá embora, Lindsay. — Ele parecia derrotado. — Estou farto de seus discursos. Estou cansado de seu modo heróico de suportar sofrimentos. Vá embora e deixe-me só. Se quero sofrer, sofrerei. E se meu desejo é odiar, odiarei.

Magoada e ressentida, Lindsay voltou-se para sair.

— Sinto pena de você, Geoff. Temi, hoje, que você perdesse a razão. Aparentemente, estava certa. Você *está louco*. E chego até a desejar que sim. Detestaria pensar que um homem lúcido pudesse ser tão egoísta, tão inteiramente voltado para si mesmo. Em você não há nem um grama de compaixão, por mim ou por aquele moço que tanto sofre. Você não liga a mínima para ninguém. Vá em frente. Atole-se mais em sua desgraça. Pelo menos nós outros temos decência suficiente para procedermos como seres humanos civilizados em nome de S. P.

Geoffrey ergueu-se da cama e se acercou da mulher. Com expressão suplicante, segurou-lhe a mão, murmurando:

— Ajude-me, Lindsay. Não sei se poderei suportar isso.

Ela apertou a mão dele com firmeza e pensou: "Eu o amo tanto. Parece que posso perdoar-lhe tudo".

— Está tudo bem, querido — disse suavemente. — Eu sei. Nós o suportaremos juntos, Geoff. Vamos superar isso, de algum modo, se ajudarmos um ao outro.

Capítulo 21

Aquele foi o período natalino mais triste de que Lindsay podia se lembrar. Para ela, que sempre sentira tanto prazer nos preparativos para as festividades do Natal, a imagem de Nova York enfeitada de acordo com aquela ocasião era uma ironia. A grande árvore de Natal iluminada no Rockefeller Center; as vitrinas engalanadas da Saks, da Lord & Taylor, e da Bonwit Teller; o Papai Noel em frente à Tiffany's; a banda do Exército de Salvação à porta da Bloomingdale; e até mesmo os rostos levemente cordiais de estranhos na rua pareciam uma reprovação. Onde está a alegria quando se perde uma filha querida? Onde, na realidade, estaria o próprio Deus?

A expressão profundamente deprimida de Geoffrey a assustava, por ele e por ela mesma. Após aquela patética cena de reaproximação em Chicago, ele voltara a ser aquele homem calado e melancólico que ela vira deitado na suíte do Hotel Drake, mal lhe dirigindo uma palavra, recusando-se a ir ao escritório, raramente deixando o quarto, e deixando-se ver barbado e de olhos pisados. Geoff bebia da manhã até o fim da noite. Naqueles dias que se seguiram ao sepultamento de S. P., ele se confinara em algum inferno particular do qual Lindsay temia que nunca viesse a sair.

Todas as suas súplicas a ele endereçadas foram vãs. Qualquer tentativa para fazê-lo raciocinar resultava inútil. Era como se ele também estivesse morto, ou desejasse estar. Desesperadamente, Lindsay atirou-se ao seu trabalho na loja, mas mesmo isso lhe oferecia pouca chance de escape, pois naqueles dias de festas todos os negócios estavam praticamente parados. Às vezes ela ficava sentada no interior de sua loja o dia inteiro, sem nenhum cliente para atender. Dera férias a seus dois auxiliares. Não havia nada a fazer naquela época, assim poderiam desfrutar dos festejos natalinos. Pauline era sua única fonte de conforto. Desolada como se achava intimamente, a mãe de Lindsay pusera de lado seu próprio sofrimento para ajudar a filha. Todas as noites vinha jantar com Lindsay. Jantavam sozinhas. A refeição de Geoff era servida no quarto. Ficava no prato, quase intocada, quando a empregada trazia a bandeja de volta.

Na véspera de Natal, Lindsay não pôde mais conter um desabafo:

— Mamãe, o que vou fazer? Acho que Geoff morrerá também, se algo não for feito. Ele não pode continuar desse modo. Meu Deus, não o censuro por estar sofrendo tanto, eu também tenho a minha dor, mas não podemos parar de viver! — Irrompeu em lágrimas. — Não posso agüentar mais — e soluçou aos arrancos. — Eu faria tudo para ajudá-lo. *Tudo*.

Pauline sentiu-se intimamente impotente. As perdas anteriores que elas tinham tido de suportar haviam sido terríveis, mas podiam ser aceitas. Gandy era idosa. E também Howard. Mesmo James, moço como era, tivera um encontro com a morte que podia ser explicado. Mas a morte de S. P. era algo além dos limites da compreensão. Lindsay contara tudo à sua mãe, inclusive a intenção inicial de S. P. de abortar e o remorso terrível de Robin por não ter permitido esse aborto. E já passados tantos anos, Lindsay revelou sua própria intenção de abortar quando estava para ter S. P.

— Graças a Deus nunca contei isso a S. P. — disse Lindsay —, embora ache que ela desconfiou que a tal "amiga" de quem falei fosse eu. O fato de que eu quase a impedir de nascer deve tê-la magoado.

— Não penso assim — retrucou Pauline. — Acho que ela provavelmente percebeu o quanto você a amava mesmo antes que ela nascesse. Não a reprovo por isso, querida. Sinta-se feliz por ter dado a ela vinte e dois bons anos de vida.

— Vinte e dois anos — repetiu amargamente Lindsay. — Isso foi tudo. Um tempo tão curto. Por quê? Como se pode ter fé em algo quando Deus é tão cruel? Estamos sendo punidos, Geoff e eu, por nossos próprios pecados? Ou Robin? E quanto àquele pobre bebê desprotegido?

Todos os lugares-comuns acerca da vontade divina e um desígnio supremo brotaram dos lábios de Pauline, mas ela os refugou. Palavras nada diziam. Vontade de sobreviver era tudo a que as pessoas tinham que se agarrar em épocas como aquela.

— Talvez *eu* devesse conversar com Geoffrey — disse Pauline. — Não o vejo desde o dia do enterro. Não que eu tenha muitas esperanças de poder ajudá-lo. Ele necessita de conselhos de um médico, mas como você diz que Geoffrey nem quer ouvir falar nisso...

— Não, ele não quer mesmo. Tentei persuadi-lo a tratar-se. Para o bem de nós dois. Ele disse não, simplesmente. Nem sequer quis tocar no assunto. Mas talvez ele a ouça, mamãe. Geoff sempre teve tanto respeito por você. — Lindsay suspirou. — Deus sabe como esse golpe o abalou. Ele não tem tido vontade de falar com ninguém. Nem mesmo com seus melhores amigos. — Um leve e triste sorriso bailou no rosto de Lindsay. — Às vezes penso até em pedir a Adele para vir vê-lo. Ele gosta tanto dela! Talvez Geoff necessite ser reconfortado por uma mulher mais doce e gentil que eu. — E olhou em desespero para sua mãe. — Isso mostra como estou desesperada. Tão fora de mim que traria até aquela mulher aqui, se ela pudesse fazer algo por Geoff. Uma loucura, não é? Tenho sentido ciúmes de Adele desde a morte de papai. E ainda a detesto. Mas se ela pudesse reanimar Geoff, eu engoliria meu orgulho e lhe pediria ajuda.

"Ela está arrasada", pensou Pauline. "Tanto, meu Deus, que chega até a cogitar de uma coisa que tanto a contraria! Como está consumida pelo medo! E ama tanto esse homem a ponto de nutrir a idéia de implorar ajuda a Adele!"

— Deixe que eu tente conversar com ele, Lindsay. Como você mesma disse, não há nada a perder.

Pauline sentia-se nervosa quando bateu de leve na porta do quarto de Geoffrey. "Tenho que fazê-lo reagir", pensou. "Geoff está se matando e arrastando nisso minha filha. Não posso deixá-la envolver Adele nisso. O que acontecerá se Adele conseguir reanimar Geoff, coisa que Lindsay não conseguiu. Será o fim de tudo para eles." E, no entanto, ela sabia que Lindsay preferia arriscar seu casamento a ver seu marido autodestruir-se.

— Geoff? Abra a porta. Sou eu, Pauline. Desejo falar com você, meu caro. Por favor, deixe-me entrar.

Houve um curto silêncio, e então ela ouviu o ruído da chave girando na fechadura, e Geoff abriu a porta. Pauline ficou impressionada com a aparência dele. Estava macilento e despenteado. O quarto estava em desordem. Lindsay dissera que ele nem sequer deixava a empregada fazer a limpeza. Pauline fingiu não notar o odor de mofo, a cama desarrumada, o cinzeiro atulhado de pontas de cigarros. Calmamente passou por ele e sentou-se numa cadeira. Pôde perceber que Geoffrey estava mais do que ligeiramente bêbado.

— Se veio para me dizer palavras estimulantes, não se dê a esse incômodo.

Pauline olhou-o fixamente, retrucando:

— Não vim aqui para isso, Geoffrey. Se você deseja cometer suicídio, é assunto seu. Tenho que pressupor que é um homem maduro e que sabe o que está fazendo. Mas não vou permitir que você destrua a vida de minha filha com seu egoísmo. Você tem merecido toda a simpatia e solidariedade que alguém possa desejar, mas sua auto-indulgência já foi além de um sofrimento normal. Você está matando Lindsay, e isso não tolerarei.

Geoffrey olhou-a fixamente, surpreso. Não contara com uma conversa nesse tom severo. Pela primeira vez, cie se sentiu agredido.

— Ela pode ir embora. Ninguém está lhe pedindo que fique a meu lado.

"Isso é bom", pensou Pauline. "Pelo menos consegui fazê-lo reagir." Era sua única esperança: fazê-lo lutar contra aquela apatia suicida.

— Sim, claro. Ela pode. Se não fosse uma pessoa tão decente, iria embora. Qual a mulher dotada de amor-próprio que suportaria viver sob o mesmo teto com um bêbado vadio? — E aproveitou a oportunidade: — Talvez seja você quem deva partir, Geoffrey. Seu comportamento atual é mais digno da Bowery do que da Park Avenue. Se o único modo com o qual você pode tratar sua autopiedade é se afogando em uísque, por que não ir até o fim? Estou certa de que seu neto ficará orgulhoso, um dia, de saber que o pai de sua mãe foi um tipo fraco e desagradável, que não ligava para ninguém exceto para si mesmo.

Geoffrey abriu a boca para gritar com Pauline, mas subitamente se conteve, e pela primeira vez em semanas um resquício de seu antigo e suave sorriso surgiu em seus lábios.

— Você sabe como me pegar, hein? Falando duro. Sem piedade nem rodeios. A tigresa lutando por sua cria — Geoffrey respirou profundamente. — É assim que pareço a você? Um bêbado, fraco, egoísta e com pena só de si mesmo? Bem, talvez tenha razão. Talvez eu seja tudo o que você disse.

Pauline ficou desapontada. Por alguns segundos atrevera-se a considerar que aquilo daria certo. Esperara que Geoffrey ficasse muito zangado. Furioso o bastante para provar que ela estava enganada. "Fracassei", pensou Pauline. "Fracassei com Lindsay e com ele." E aí, como por milagre, Geoff segurou-lhe a mão, dizendo:

— Obrigado, mamãe. Isso não deve ter sido fácil para você. — Beijou a delicadamente no rosto. — Diga a Lind que vou me trocar para me reunir a vocês duas. E o mínimo que posso fazer na véspera de Natal.

No segundo dia de janeiro de 1968, o porteiro ligou para o apartamento de Adele.

— O Sr. Murray deseja saber se pode subir, Sra. Thresher.

— Claro que sim, Frank. Peça-lhe para subir agora mesmo.

"Graças a Deus, chegou a minha vez", ela pensou. Apressadamente, ajeitou seu cabelo e borrifou o pescoço com água de lavanda antes de abrir a porta. Quando Geoff saiu do elevador, ela já estava à sua espera. "Como ele emagreceu", pensou. "Como parece triste e cansado." Não o via desde alguns dias antes da viagem a Chicago, quando do nascimento do filho de S. P. Amigas comuns tinham lhe contado o que acontecera então, e ela lera o anúncio fúnebre no *Times*, mas não fora ao enterro. "Sou a última pessoa que Lindsay desejaria ver", ela pensara, mesmo tendo sempre gostado de S. P.

Não tentara telefonar a Geoff. Enviara flores e um bilhete para ele e Lindsay, expressando suas condolências e oferecendo ajuda no que fosse possível. Mas a única resposta que obtivera fora um cartão impresso, formal, do tipo que é enviado às centenas para agradecer a estranhos por votos de pêsames. Ela soubeta, indiretamente, que Geoff tornara-se quase um recluso, mas não ousara indagar por seu estado de saúde. Sentia-se muito contente por re-vê-lo agora, satisfeita por ele ter saído de sua concha, e ainda mais deliciada por ter decidido inesperadamente vir visitá-la.

— Entre — ela disse muito cordial. — É tão bom vê-lo, Geoff. — Sentaram-se na sala de estar. — Posso preparar-lhe um drinque?

Ele moveu a cabeça, recusando.

— Estou de regime. Não bebo há mais de uma semana. Como está você?

— Tudo bem. — Adele procurou pelas palavras certas. — Eu sinto tanto — disse finalmente, de modo inadequado. — Quis telefonar para você, mas... bem, você sabe.

— Sim. Obrigado.

Houve um silêncio incômodo antes que ela perguntasse:

— Como vai Lindsay?

— Muito bem. Ela tem mais fibra do que eu. Ficou muito abalada, mas soube se dominar. Fiquei feito um trapo por quase um mês inteiro. — Seus lábios torceram-se como se ainda estivesse sofrendo muito. — Sim, Lindsay é notável — frisou. — Ela pôde suportar tudo.

— Mas tenho certeza de que ela sofreu horrivelmente também. Foi uma coisa tão terrível, tão trágica. Como está Robin? E o bebê?

— Vão se arranjando, presumo. Lindsay foi a Chicago esta manhã para vê-los. Ela queria que eu fosse também, mas não pude. Ainda não posso olhar para eles. Nenhum dos dois. — Ocultou a cabeça entre as mãos. — Oh, Adele, não sei o que tem sido pior, minha dor ou minha raiva.

— Eu sei — ela disse em tom compreensivo. — É muito humano.

Geoff ergueu o olhar.

— É! Ninguém mais parece pensar assim. Lind e sua mãe não entendem. Elas são tão fortes, as duas! Não quero dizer que não tenham sido maravilhosas. Lindsay tem-se mostrado tão paciente, e Pauline finalmente me espetou tanto por eu beber daquele modo que me envergonhei de mim mesmo o bastante para voltar à atividade de novo. Mas sei que elas me desprezam.

— Oh, não, elas não o desprezam! Estou segura disso, Geoff. Elas o amam. Simplesmente é difícil para algumas pessoas compreenderem a dor dos outros. Elas sofrem também, mas as manifestações de pesar assumem formas diferentes. Ainda assim, essa dor não é menos profunda e real. O sofrimento de Lindsay deve ser tão terrível como o seu, Geoff, mas ela não é o tipo de mulher que o deixa transparecer. Lembra-se de como ela se comportou quando Howard morreu? Sei que ela estava triste, mas manteve-se sob controle, até mesmo ao pé do leito dele. Sua zanga comigo faz parte de sua dor, eu sei. Sempre acreditei nisso.

Geoff olhou-a aprovadoramente.

— Você tem tanta compreensão, Adele! Tanta capacidade de perdoar!

Ela sorriu diante do elogio.

— Obrigada, mas acho que me valoriza demais. Não sou tão competente como algumas outras pessoas. Não sei contra-atacar. Fica mais fácil inventar desculpas.

— Você tem desculpado Lindsay estes anos todos. Gostaria que ela pudesse entender isso.

Adele meneou a cabeça

— Ela não entenderá, Geoff, mas não importa. Nós entendemos. Isto é um grande consolo para mim.

— Adele, nestes últimos meses houve ocasiões em que desejei... — Fez uma curta pausa. — Esqueça, não é nada importante. Fico contente de que você seja minha amiga. Preciso de uma pessoa amiga. — Olhou-a com ar triste. — Será que eu poderia vir aqui de vez em quando? Apenas para conversar, do modo como costumávamos fazer. Você poderia me suportar?

— Naturalmente que sim. A qualquer hora que você quiser. Sinto orgulho de ser sua amiga. Tenho orgulho de você. Você é gentil, sensível e leal. Não acredite se outra pessoa quiser convencê-lo do contrário.

Geoff levantou-se, dizendo:

— Virei vê-la em breve.

— Sim. Venha, por favor. E com frequência.

Felizmente, com o passar dos dias o horror daquela perda converteu-se, como era de se esperar, numa espécie de dor amortecida e latejante, sempre presente mas suportável. Como um tecido cicatrizando sobre uma ferida profunda, com as exigências da vida cotidiana ajudando a preencher a cavidade sob a cicatriz deixada pela morte de S. P. Não houve um dia, nem mesmo uma hora, em que Geoff não pensasse em sua filha, mas voltara a trabalhar, sem entusiasmo mas com algum indício de normalidade. Em meados de janeiro, começou a ir ao escritório, passando ali algumas horas diariamente. Temera o primeiro dia de retorno ao trabalho. Se seus companheiros de diretoria demonstrassem compaixão, ele tinha certeza de que não seria capaz de permanecer ali. Receava recair em desespero e começar a soluçar se alguém se pusesse a lhe dizer palavras de conforto.

Não precisava ter tido tal preocupação. Sua secretária, Gladys O'Reilly, previra aquilo e se incumbira pessoalmente de alertar os chefes de departamento da empresa para não tocarem no assunto da morte de S. P. com seu chefe.

— Tratem-no como sempre — ela sugeriu. — Nem melhor, nem pior. Ele vai querer cuidar dos negócios como de costume. A Sra. Murray diz que ele ainda está um tanto abalado, mas a melhor coisa para ele será ficar interessado e ser forçado a pensar em outras coisas. Certifiquem os outros disso, está bem?

— Certamente — disseram os executivos. — Não se preocupe, Gladys.

Gladys, que trabalhava para Geoffrey há quinze anos, conhecia-o bem. Ainda solteira aos trinta e três anos, Gladys o amava, ainda que jamais tivesse revelado isso a Geoffrey, quer por palavras ou atitudes. Era uma mulher de boa aparência, alta e cheia de viço. Atualmente vivia com um homem ao qual não amava. Tratava-se apenas de um relacionamento físico saudável, sem maiores exigências, que atendia às necessidades de ambos. Mas o coração de Gladys estava no escritório, sob vários aspectos. Seu amante sabia dessa paixão recolhida e de bom humor costumava dizer a Gladys:

— Se Geoff Murray chegar um dia a lhe dar um pingo de esperança, você logo me dará um chute, não é? Pobre e querida Glad. Não vê que a mulher desse homem de seus sonhos nunca o soltará? Ele é uma de suas posses mais valiosas, mais jovem que as antiguidades que ela negocia, mas ainda assim de extremo valor.

— Não seja idiota. O Sr. Murray nem sabe que existo. Sou parte da engrenagem da empresa, como a máquina de fazer café e a de xerox.

— Ora vamos, ele não poderia passar sem você. Talvez você tenha uma oportunidade agora, por causa do que houve. Não há nada mais vulnerável do que um homem sofredor. Uma mulher compreensiva, paciente, que esteja a seu lado o dia todo, compartilhando do seu trabalho, atenta a ele como uma galinha zelosa de seus filhotes... bem, isso pode facilitar as coisas, garota. Pode ser a sua grande oportunidade.

Gladys riu.

— Se eu não o conhecesse bem, pensaria que você está com ciúmes.

— Talvez esteja. Sei que Murray é dono da melhor parte de você, o seu íntimo. Não que eu me queixe da minha parte.

— Você é um idiota que só pensa em sexo. Não sou tola, Harry Thaw. Nestes quinze anos, o Sr. Murray tem-se mostrado um perfeito cavalheiro. Ele depende de mim, é certo. Mas como sua secretária, nada mais. E é assim que ele me trata.

— Ou *tratava*. — Harry estava com ciúmes, embora tentasse dissimular. — Os homens têm certas idéias insensatas, especialmente nessa fase da vida. Com quantos anos ele está, cinqüenta? Uma idade inquietante. E tendo passado pelo que passou nos últimos dois meses, os valores podem ter mudado para ele. Não tem mais de ser a figura do pai-herói, você sabe. Pode decidir dar uma virada agora, não perder mais tempo. A morte de alguém às vezes intensifica nos outros uma ânsia pela vida, assim que o impacto sofrido passa. Pense nisso, Glad. Ele pode começar a perseguir você em torno da mesa de trabalho.

— Oh, pelo amor de Deus, cale-se! E saiba que o Sr. Murray não é um cinqüentão. Ainda não completou quarenta e nove anos. E, pode crer, ele é um homem sério, com filha ou sem ela. Você é nojento, Harry!

— Está bem, está bem. Não precisa recorrer a seu sangue quente irlandês! Seu chefe é um santo, um padrão de virtudes, sem os desejos dos homens normais.

Gladys estava aborrecida com aquela conversa, principalmente porque o que fora dito se aproximava bastante de alguns pensamentos e anseios que ela alimentara nas últimas semanas. O Sr. Murray *estava* diferente desde que retornara ao trabalho. Mais quieto e triste, o que certamente o tornava mais atraente. Parecia solitário e necessitado de conforto. Murmurava-se no escritório que ele e a Sra. Murray não estavam se dando muito bem. Não que isso constituísse uma complexa novidade. Nos últimos dois anos, algo se tornara tenso entre o casal. Gladys não precisava de um informante para confirmar os falatórios. Ela soubera, através das secretárias dos executivos que viajavam com Geoff, que este tivera casos passageiros aqui e ali. Uma ou duas mulheres tinham telefonado para ele de lugares como Detroit e Atlanta, declarando tratar-se de um assunto "pessoal" quando ela, Gladys, indagara-lhes sobre o motivo do telefonema. E não podia deixar de ouvir algumas das conversinhas acerca da Sra. Murray. Mais de uma vez o casal discutira pelo telefone, e o Sr. Murray às vezes terminava dizendo, muito zangado: "Discutiremos *isso* quando eu chegar a casa, Lindsay".

E tinham acontecido, durante meses a fio, aqueles estranhos e freqüentes telefonemas da ainda jovem viúva de seu sogro. Desde a morte de S. P., Adele não voltara a telefonar, mas antes o fazia mais de uma vez por dia.

Ainda assim, Gladys não acreditava que houvesse algo de mais sério. A Sra. Murray era bonita, inteligente, bem-sucedida. A namoradina de infância e a esposa perfeita. Eles

estavam casados há quase trinta anos. Por Deus, duas pessoas não entram em litígio após trinta anos *de* vida em comum a menos que aconteça algo dramático, como o fato de um dos dois encontrar alguém mais e se apaixonar. Ou então algum incidente traumatizante que modifique sua atitude em relação à rotina conjugal.

Deveria a recente morte de S P, ser encarada por esse ângulo? Seria o Sr. Murray levado a perseguir e agarrar o que pudesse da vida, afetado coino o fora recentemente pela percepção da brevidade da existência?

Não era provável, dissera-se Gladys. Mas se tal acontecesse, ela estaria ali. Ele não seria o primeiro homem a cair de amores por sua "mulher do escritório". "Somos as mulheres mais chegadas a eles", pensou Gladys. "Nós os entendemos melhor do que suas mulheres de fato, compartilhamos mais de suas horas de atividade, sabemos como atender às suas necessidades."

"Sua tola!", ela se disse com zombaria. "Nada disso acontecerá com urn cavalheiro como o Sr. Murray. Seja realista. Você, como pessoa, não existe para ele. Mesmo que ele se separasse da mulher não iria fazê-lo por você", disse-se irônica de novo. Ele iria viver com alguma jovem inconseqüente de vinte e dois anos. Alguém cheia de dengos e alegre, que o fizesse sentir-se mais moço e sexy. "É o que os homens costumam fazer quando se aproximam dos cinqüenta anos." Harry estava certo quanto a isso. Era uma idade perigosa. Mas para outros homens, não para Geoffrey Murray, pensou Gladys.

Em princípios de março, Geoff voltara a trabalhar em tempo integral, grato às exigências dos negócios, que o impediam de pensar em assuntos pessoais. Nao se iratava apenas de S. P. O afastamento entre ele e Lindsay, que se iniciara há muito tempo, ganhara proporções quase de um abismo. Eles não faziam sexo desde muito tempo antes da viagem a Chicago. E nos dois anos anteriores fazer amor fora algo raro entre eles. Geoff sabia que Lindsay estava magoada com sua falta de desejo por ela. Lindsay era uma mulher sensual, e a falta de um relaxamento físico a frustrava. Mas esperara que seu marido desse o primeiro passo, sem se conscientizar de que ele não podia fazê-lo. Nem com ela nem com outra. Geoff parecia ter perdido todos os vestígios do apelo sexual desde a morte de sua filha.

Geoff se perguntava, com freqüência, acerca do motivo daquele celibato que impunha a si mesmo. Sempre sentira seus desejos serem despertados com facilidade, sempre tivera forte necessidade de uma mulher. Afora Pamela, Lindsay atendera a essa necessidade até ele completar quarenta e cinco anos, quando por algum motivo sem importância começara a procurar variedade. Mas agora nem isso lhe interessava. Nenhuma mulher o atraía. Presumia, como se fosse um psicanalista amador, que em algum recanto profundo de seu subconsciente ele equacionara o sexo com a morte de S. P. Isso era esquisito, mórbido, mas era uma possibilidade definida, conquanto absurda pela lógica. Nem sexo, nem gravidez. Nem gravidez nem morte. Sabia que isso não tinha sentido, mas que outra explicação haveria? Chegou até a se perguntar se realmente culpava Lindsay pela morte de S. P. Era, de novo, uma idiotice. Na ocasião em que S. P. dissera à mãe que tinha desejado abortar, já era tarde demais. Mas, enquanto se revirava na cama à noite, insofie, pensava com raiva que poderia ter havido algo que Lindsay devesse ter feito quando estivera com a filha em novembro. Lindsay poderia ter conversado então com o médico de S. P. Talvez houvesse uma explicação para aquela

inesperada parada cardíaca, alguma coisa que S. P. decidira ignorar. Sabia que esse era um modo de pensar insensato, mas em sua angústia ele se aferrava a qualquer tipo de explicação que pudesse se relacionar com o seu problema, torná-lo tangível e, desse modo, solucionável.

Sentia-se realmente desconfortável na presença de Lindsay naqueles últimos dias, ressentindo-se da recriminação silenciosa de sua mulher. E perguntou-se quanto tempo levaria ela para arranjar um amante. Lindsay tinha sido fiel durante os tempos de guerra. Ele acreditava nisso. Mas estava mais velha agora, mais experiente acerca de tais questões. Não poderia censurá-la se ela procurasse outro homem. Odiaria isso, mas entenderia.

"Voltarei a ser eu mesmo de novo?", perguntava-se Geoff. "Voltarei a reencontrar o antigo êxtase? Quando esses demônios sem forma se afastarão de minha mente e me deixarão em paz?"

Pensou em seu neto, a criança que ele nunca vira. "Devo me recusar a vê-lo porque foi a causa da morte da *minha* menina? Ou ele é, também, uma reminiscência viva da paixão que não sinto mais?" Amargamente, imaginou se Robin já não estaria dormindo com outra mulher. Era provável. E invejou a maldita virilidade de Robin, sua juventude e elasticidade de movimentos. Lindsay estava em constante contato com Robin, e o visitava, e ao pequeno John, nos fins de semana. Quando ela voltava, Geoff não queria ouvir falar naquelas visitas, mas Lindsay lhe dava notícias assim mesmo.

— O bebê é um encanto, Geoff. Ele se parece com S. P. quando tinha essa idade. Todo sorrisos, dengos e uns olhos grandes. E Robin tem sido maravilhoso com ele. Está dedicando a vida a seu filho. Fica junto dele todas as horas de folga. Até demais, penso eu. Robin devia sair um pouco, tentar esquecer seu pesar. Ele é jovem, jovem demais para não fazer outra coisa senão trabalhar e ser uma babá para John todas as noites e fins de semana.

Geoff sentia-se enfurecido com a maneira racional com que Lindsay encarava a vida. Como podia ser assim? Sua própria filha morrera não fazia ainda quatro meses, e ela desejava realmente que seu genro esquecesse tal fato!

— É obrigação dele cuidar de seu filho — acabou dizendo em tom brusco.

— Oh, não seja tão caturro assim! Claro que ele deve cuidar de John, mas não tem que se converter num escravo dele! S. P. lhe daria um puxão de orelhas se soubesse disso! — Lindsay abrandou a voz. — Geoff, não podemos trazê-la de volta levando uma vida anormal. Nenhum de nós. Nem Robin, nem você nem eu. Já não é hora de voltarmos ao normal, querido? Não sinto mais que tenho um marido. E isso há bastante tempo.

Geoff se sentiu como um canalha.

— Lindsay, não é que eu não goste de você. Acontece apenas que não consigo, ao que parece, despertar em mim um interesse por sexo. Acho que não dará nada certo se eu tentar. Não há explicação alguma para isso. Resta apenas você me deixar.

Fora quase patético, mas Lindsay não podia sentir pena dele. Era mais uma dose de auto-indulgência, de auto-piedade. Ela se sentira orgulhosa e feliz quando Geoff parara de beber, segura de que era o primeiro passo para derrubar aquela misteriosa parede entre eles. Mas os meses se passaram e nada mudara. Ela vivia com um estranho cortês,

um homem sóbrio em todos os sentidos. Era algo tão deprimente como compartilhar uma casa com um monge. A injustiça desse fato a fazia agora espicaçá-lo asperamente.

— E o que devo fazer enquanto você aguarda que sua masculinidade reapareça? Já se vão meses, Geoff. Muitos meses. Você era bastante viril quando tinha seus casos fora da cidade, durante suas viagens. Surpreendo-me mesmo de você ter conseguido fazer sexo comigo nos intervalos de suas atividades em outras cidades! Meu Deus, eu devia mesmo acabar com isso agora! Seria melhor do que viver com um eunuco!

Geoff não replicou. Limitou-se a murmurar:

— Eu sei. Sinto muito.

— Sente! E de que isso adianta? Não sei o que se passa em sua cabeça esses dias, mas será melhor você fazer um esforço... ou então...

— Ou então você arranjará um amante? — completou Geoff, com brandura. — Eu não a reprovava, Lindsay. Você é uma mulher atraente, saudável. Tem de haver um limite para a sua paciência. Surpreendo-me até que não tenha tomado essa resolução antes

Lindsay olhou-o fixamente.

— Chegou a este ponto, Geoff? Você está tão acabado que nem ligaria se eu dormisse com outro homem?

— Eu ligo, sim, mas entendo sua atitude.

— Você é incrível! Acho que retira prazer de seu próprio sofrimento!

— Não, eu o detesto. Não desejo me sentir desse modo. Simplesmente não posso evitar.

A sinceridade dele finalmente a convenceu.

— Geoff, não desejo mais ninguém a não ser você. Nunca senti o contrário, em toda a minha vida. Por favor, querido, vamos tentar uma reaproximação. Procederemos devagar, como se estivéssemos namorando. Mas retomemos aquilo que sempre foi tão bom para nós. E pode voltar a sê-lo. Sei que pode, se pelo menos tentarmos.

— Não ainda, Lindsay! — E meneou a cabeça. — Algum dia, eu espero.

Ela sentiu vontade de chorar. Ele estava fora de seu alcance, talvez para seu bem, desta vez. Mostrando a maior calma possível, disse:

— O que será de nós?

Geoff olhou-a inquisitivamente, desejando de todo o coração que pudesse dizer algo de reconfortante com um mínimo de convicção. Mas não podia. Ela fazia parte de um tempo que ele desejava esquecer. Sabia-o agora. Essa percepção o feriu como um golpe surdo.

— Eu não sei — disse por fim. — Lind, se você deseja sua liberdade, pode tê-la. Na forma de um divórcio, se isso a fizer feliz.

— Não desejo o divórcio. Quero que você volte para mim!

— Nada mais tenho a oferecer — disse Geoff. — Não sei sequer se poderei amar alguém de novo.

Capítulo 22

Em junho, Lindsay fez uma viagem de negócios à Inglaterra para adquirir antiguidades que atendessem ao insaciável mercado americano. Já estivera na Europa antes com tal propósito, mas sempre apressadamente, ansiosa por voltar ao aconchego do lar. Dessa vez ela planejava uma estada mais longa, desejosa de escapar e distanciar-se dos problemas familiares., Todos poderiam arranjar-se muito bem sem ela. Pauline gozava de uma saúde excelente para a sua idade. Robin estava se comportando admiravelmente, e o bebê já estava crescendo, convertendo-se numa coisinha rechonchuda, alegre, com uma personalidade que já prenunciava a de um vencedor. Quanto a Geoff, não havia nada a se fazer por ele. Lindsay e ele viviam num clima de estranheza polida, vendo-se muito pouco, não tendo voltado a ter outra conversa séria sobre o futuro de seu casamento. Geoff estava trabalhando maior número de horas do que antes, e fazendo mais viagens em visita às sucursais de sua agência em outras cidades, embora agora, pensava Lindsay com mordacidade, ela não tivesse que se preocupar com o que ele fazia em suas horas de folga. A inapetência sexual de Geoff causara em ambos uma terrível angústia: em Geoff porque se sentia menos homem, e em Lindsay porque ela ansiava ser amada e se sentia incrivelmente carente, como se a cada novo dia se encontrasse mais próxima da época em que seria menos desejável para qualquer homem.

Ela pensara muito a sério e quase clinicamente em ter um amante. A indagação, muito simples, era a de onde poderia encontrar um. Martin Wylie, o moço que trabalhava para ela na loja, ficaria muito feliz se fosse o escolhido. Marty estava evidentemente apaixonado por ela, mas Lindsay resistia a essa solução conveniente, não porque ele tivesse apenas vinte e sete anos (ela não tinha prevenção contra um caso de amor entre uma mulher de meia-idade e um homem jovem), mas sim por considerar que seria um mau negócio manter qualquer tipo de envolvimento pessoal e íntimo com um colega de trabalho. Isso poderia levar a um eventual mal-estar da parte de um ou de outro, ou talvez de ambos.

A maioria dos clientes de Lindsay, decoradores simpáticos, eram evidentemente do "terceiro sexo". Para eles tudo bem, para ela azar. Os "clientes exclusivos" enviados a ela por aqueles decoradores de interiores eram na maioria mulheres, ricas e inseguras viúvas, muito aflitas por não terem as peças antigas "certas" em suas luxuosas residências. Ocasionalmente, traziam seus maridos à loja para sacramentar uma compra de vulto. Lindsay percebia os olhares apreciativos que esses homens abastados lhe dirigiam. E em mais de uma ocasião eles encontraram um jeito de lhe falarem a sós, dizendo que ficariam encantados se ela lhes telefonasse, talvez para almoçarem ou tomarem um drinque depois. Lindsay sempre sorria polidamente e lhes agradecia o convite, mas não aceitava. Não era uma questão de elevados princípios, pois ela era realista. Haveria em qualquer parte do mundo um marido que não enganasse sua mulher? Mas um pequeno caso furtivo e passageiro não servia para ela. Não que pensasse sequer num relacionamento fora do lar. Desejava verdadeiramente permanecer casada com Geoff e esperava, contrariando todos os prognósticos, que eles redescobrissem a felicidade que tinham vivido em outros tempos.

"Sou fiel a despeito de mim mesma", pensava às vezes com ironia. "E gostaria de continuar sendo." Parecia não haver quaisquer candidatos adequados, mesmo para o tipo de encontro impessoal e "terapêutico" que ela poderia aceitar. Pertencia a uma faixa de idade que tornava as coisas mais difíceis. Quarenta e oito anos a tornavam velha demais para ter um caso com um homem solteiro. E ainda não estava na idade de desejar um viúvo que estivesse casado durante quarenta ou cinquenta anos. Os homens de sua idade às vezes se divorciavam, mas não eram realmente livres. Ela raramente ouvia falar de um homem maduro que se tivesse divorciado, a menos que já tivesse escolhido a sucessora de sua mulher.

No voo para Londres, Lindsay olhou com curiosidade para os passageiros da primeira classe. Na maioria eram homens de negócios, presumiu. Seria possível iniciar uma conversa com um deles, talvez desfrutar de uma noite na cidade, encerrando-a com um drinque em sua suíte de hotel e o inevitável ritual amoroso. Ao diabo com isso, ela se disse aborrecida. Era algo complicado demais. E se perguntou como Geoff costumava encontrar suas mulheres quando viajava. Escolheria ele aeromoças nos aviões? Ou secretárias nas filiais da sua agência de publicidade? Pediria a um *boy* no hotel para lhe providenciar uma garota? Era mais provável que seus auxiliares da agência localizassem essas garotas para Geoff, discreta e apropriadamente. Geoff nunca se interessaria por uma prostituta comum, do mesmo modo como ela, Lindsay, não toleraria a idéia de pagar para ter sexo, mesmo se soubesse onde tal transação podia ser feita.

Lindsay tinha que rir. Em sua juventude, quando nem sonhava com tal coisa, teria sido bem mais fácil encontrar um rapaz ansioso para ir para a cama com ela. Agora que estava preparada, ninguém se apresentava. Era difícil acreditar que ela até agora só dormira com um único homem. Na época atual, da liberação sexual, era quase embaraçoso confessar isso. Mas o que dissera a Geoff era verdade. Nunca desejara outro homem senão ele. E ainda era assim. Mas agora sabia como se sentem os homens quando não há ninguém para confortá-los fisicamente. Era uma necessidade humana premente, básica, nada tendo a ver com amor ou compromisso, ou mesmo, muito estranhamente, com fidelidade. Era uma ânsia indefinida de sexo.

Ela pediu um carro com chofer a fim de apanhá-la no Aeroporto Heathrow. Ao passar pela alfândega, avistou o chofer à sua espera. Ele usava um uniforme muito limpo com um emblema: CORONET TOWN CARS.

— Olá. Sou a Sra. Murray.

Ele tocou a aba do boné respeitosamente.

— Boa tarde, madame. Meu nome é Marks. O carro está aqui perto. Cuidarei da sua bagagem.

No longo trajeto para o centro da cidade, Lindsay pôde notar pelo espelho retrovisor que chofer lhe dirigia olhares furtivos. Também podia ver o rosto dele. Não era bonito, mas interessante. Traços vigorosos. Calculou que ele devia ter uns quarenta e cinco anos. Robusto, de ombros largos. Provavelmente um homem muito sexy, ela pensou, e então se disse: "Meu Deus, o que estou fazendo? Já estou começando a olhar para cada homem como se fosse um candidato?" Afastou o olhar e o fixou na paisagem vista pela janela do carro. Havia em seu íntimo um excitação, uma vibração que eram assustadores e torturantes. Suas próprias reações a assustaram. "Meu Deus, um chofer!"

Ouvira falar de mulheres carentes de amor que tinham casos passageiros com *boys* e camareiros. Ela não era esnobe. A ocupação ou o cargo de um homem não lhe importavam. Não depreciava nenhuma profissão. Mas deixar-se atrair por um completo estranho era algo que se chocava com o temperamento e a moral exigente da Sra. Geoffrey Murray. Além disso, o que ela sabia sobre aquele homem? Ele provavelmente tinha mulher e seis filhos. Podia nem mesmo gostar de mulheres. Nos dias atuais tornava-se impossível garantir quem se acha "no papel de quê". De qualquer modo, ele poderia ser um oportunista, ou pior, um chantagista, dos que exploram americanas de meia-idade. Senhoras solitárias como ela, em busca de umas poucas horas de evasão pelas quais viriam a pagar muito caro

Mas, a despeito de todos os argumentos inteligentes que opunha a isso, Lindsay se pôs a imaginar se aquele inglês silencioso poderia corresponder às suas necessidades.

— Marks.

— Sim, madame?

— Você ficará à minha disposição permanentemente? Durante minha estada em Londres, quero dizer.

— Creio que isso pode ser acertado, madame, se for satisfatório para a senhora. Muitos de nossos clientes preferem contar com o mesmo chofer.

"Aposto que sim", pensou Lindsay, com malícia.

— Será ótimo — ela acabou dizendo. — Desejo fazer um bom número de viagens através do país. Compro peças antigas. Será possível para você passar algumas horas fora de Londres, por uns poucos dias de cada vez?

— É perfeitamente possível, madame.

Haveria um duplo sentido por trás daquelas quatro palavras corteses? Lindsay procurara falar de modo impessoal, como uma mulher de negócios, mas talvez ele tivesse intuído seus pensamentos. "Esse homem está lendo em minha mente", pensou Lindsay, com desgosto. "Ele já deve ter lidado com pessoas como eu muitas vezes. Assim como eu?", repetiu para si mesma. "Em que categoria degradante eu me coloquei! Mas é uma verdade. Há milhões de mulheres como eu, famintas de afeição, ansiosas por um homem que sequer tencionam amar. Por que não?", decidiu friamente. Era, de longe, a melhor solução. Ter um caso a milhares de quilômetros de casa. Um amante anônimo que nunca voltaria a rever. Seriam duas semanas de faz-de-conta com uma pessoa com quem ela nada tinha em comum a não ser o apetite sexual. Ela sabia, de algum modo, que eles partilhavam isso. Marks podia ser um parceiro fabuloso. Entretanto, ela disse:

— Por acaso você tem um prenome, Marks?

— Reginald, senhora. Meus amigos me chamam Reg.

Houve uma pausa significativa.

— Posso considerá-lo um amigo?

No espelhinho retrovisor desenhou-se um leve sorriso. A compreensão se fez naqueles olhos escuros. E uma inflexão ineludível envolveu a curta resposta:

— Sem dúvida, madame.

A estada de duas semanas que Lindsay planejava alongou-se para três. Ela estava incrivelmente contente e despreocupada. Tudo saía muito bem no tocante ao propósito

comercial de sua viagem. Encontrara peças maravilhosas de mobiliário eduardiano em Petworth e percorrera o condado de Sussex para ali descobrir adoráveis estantes antigas de bambu e mesas de *papier-mâche* que valeriam uma fortuna em Nova York. Como uma mulher de negócios, sentia-se realizada. E como mulher sensual que era, estava agora liberada e plenamente satisfeita.

Fora para a cama com Reg Marks na terceira noite de sua estada na Inglaterra. Embora pudessem ter retornado com facilidade a Londres de Brighton, onde se encontravam, Lindsay deliberadamente sugerira que passassem a noite no pequeno hotel à beira-mar.

— Podemos comprar escovas de dentes na farmácia aqui perto — ela dissera.

Ela empregara o termo americano usual para "farmácia", isto é, "*drugstore*", e Reg com muita polidez a corrigira, usando a palavra "*chemist*".

Lindsay riu como o faria uma mocinha.

— Tudo bem. *Chemist*. você é um defensor obstinado da correção, Reg. Não posso sequer conseguir que você me chame pelo meu nome. Ora vamos, somos companheiros de viagem. Não podemos deixar de lado as formalidades? Se o ouvir dizer madame uma vez mais, eu grito!

— O que devo dizer então? Sra. Murray?

— Que tal Lindsay? — Ela sabia exatamente o que estava fazendo. Aquele simples pedido lhe revelaria o que ele desejava saber. Se é que realmente queria saber algo.

Reg lhe dirigiu um sorriso leve, compreensivo, mas mostrou-se cauteloso.

— Não tenho certeza de que isso seja o mais apropriado. A senhora é minha empregadora.

Lindsay fingiu estar amuada.

— Você também disse que eu podia ser sua amiga. — Deixou de encenar e o olhou fixamente. — Você é um homem muito atraente. Tenho certeza de que não sou a primeira de suas clientes que o acha interessante. Não é verdade?

Ele não retrucou.

— Oh, eu sei, eu sei. Não devia ter feito essa pergunta. Um cavalheiro não revela coisas íntimas, certo? E você é um cavalheiro. Galante, de belas maneiras. Você sabe como tratar uma mulher, como o sabem a maioria dos ingleses. Os americanos vivem ocupados demais para se preocupar com amenidades. Galanteios é algo que fica num plano muito secundário em suas listas de prioridades. Especialmente tratando-se de uma mulher com a qual já estão casados há quase trinta anos. Você é casado, Reg?

Ele a ouvia atentamente. Estivera observando-a de perto naqueles últimos três dias. Ela não era uma criatura leviana, disso tinha certeza. Desconfiava de que essa devia ser mesmo a primeira vez em que ela cogitava ter um caso. Sua alegria fingida era uma camuflagem para o seu nervosismo, já que ela decidira ser infiel a seu marido mas sentia-se atemorizada por essa resolução. Ela era uma dama, não havia dúvida. Mas era, também, uma mulher cheia de saúde.

Tinha havido outras antes dela. Em seus vinte e cinco anos como chofer, Reginald Marks tinha conhecido dúzias delas, e fora para a cama com algumas. Mas não tinham a classe de Lindsay Murray. Ela devia estar com... talvez uns quarenta e tantos anos. Mas

havia um quê de inocência nela, uma vulnerabilidade que o impedia de corresponder prontamente àquele convite óbvio que ela lhe fizera.

— Tenho conhecido muitas mulheres — disse prudentemente —, mas nunca me casei. Acho, porém, que se fosse marido de alguém, nunca me esqueceria de ser um amante também. — Sorriu. — Onde eu nasci, as pessoas são pobres, de pouca instrução. Não o tipo de pessoas que a senhora frequenta. Mas elas sabem mais sobre o amor do que pessoas das classes altas. Falo da parte física e emocional. Minha mãe e meu pai foram como namorados até o dia em que ele morreu. Tiveram seis filhos, uma vida dura e dinheiro muito curto. Lutaram como demônios para sobreviver. Tinham brigas, sim. Mas eles se entendiam.

Do outro lado da mesa, naquela pitoresca sala de jantar do pequeno hotel, Lindsay tomava pequenos goles de vinho e prestava muita atenção a Reg.

— Onde você conseguiu essa boa educação, essa sua polidez?

— Tive muito pouca instrução. Se tenho alguma polidez, como diz, eu a obtive aproximando-me de pessoas educadas durante os últimos vinte e cinco anos. Não sou um cavalheiro. Não no sentido literal com que empregamos esta palavra aqui. Não possuo o que a senhora tem: refinamento social. — Olhou para a mesa com ar divertido. — Às vezes, não sei que talher devo usar, e não ousaria pedir vinho. Mas aprendi por conta própria a falar razoavelmente bem e me livrar em grande parte do meu sotaque londrino, embora ninguém imagine que estive numa universidade como Eton ou Cambridge. Ganho para viver decentemente fazendo um trabalho interessante, o que não posso dizer de meus irmãos. Eles são operários das docas e motoristas de caminhão. Bons sujeitos, mas sem ambição. Desde que comecei a dirigir profissionalmente, aos dezoito anos, venho tentando aprender boas maneiras com pessoas que nasceram com elas. Tenho sido afortunado em alguns aspectos, em outros talvez não. Minha mãe diz que me coloco acima da minha posição, que não conheço meu lugar. Talvez ela esteja certa. Tenho certeza de que é por isso que nunca pude me casar com uma garota da minha própria classe, ainda que eu saiba que, com toda a probabilidade, nenhuma mulher bem-nascida olharia para mim duas vezes. Isto é, como um provável marido.

— Uma mulher seria tola se não olhasse para você — disse Lindsay.

— Você olharia? — perguntou Reg, desafiante. — Se não fosse casada, poderia se imaginar casando com um homem como eu? Não. Você me aceitaria como amante, talvez. Ou mesmo gostaria de mim como amigo. Mas poderia me apresentar a seus amigos? Chegaria a me apresentar a seus pais, dizendo: "Aqui está meu marido, de pouca instrução e muito limitado, um homem que veio ao mundo ao som dos sinos de uma igreja pobre do East End e nunca foi além disso"?

Embaraçada, Lindsay evitou olhar para ele. Reg sorriu gentilmente.

— Eu estava falando somente... qual é mesmo a palavra? Ah, hipoteticamente. Você é adorável. Graciosa, cheia de encantos e muito gentil. Sei que é infeliz e sinto muito por isso. Uma mulher bonita e cheia de vida como você merece algo melhor.

— Sim — disse simplesmente Lindsay. — Penso que sim.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes. Então Lindsay se levantou da mesa e disse, quase timidamente:

— Vou deixar minha porta aberta, se você quiser...

Reg foi procurá-la naquela noite e nas seguintes. Lindsay nunca experimentara tal abandono dos sentidos. Mesmo nos primeiros dias de seu casamento nunca sentira essa explosão de alegria. Inexperiente, achava que Geoff era o melhor parceiro sexual deste mundo. Agora, com admiração e um sentimento de culpa surpreendentemente pequeno, percebia seu engano. Aquele homem era terno mas vigoroso, gentil mas exigente, viril e insaciável. Lindsay correspondeu-lhe de um modo que não imaginara possível, deleitando-se em meio à sua admiração e desejo, perdendo-se na descoberta de um excitação físico que não sabia que pudesse existir.

Ela floresceu, parecendo vários anos mais moça, até verificar que necessitava de um pouco de sono reparador. Do fim da noite até o alvorecer, eles tinham feito amor, e então se aquietaram, cada um confidenciando ao outro passagens de suas vidas, antes que Reg suavemente a deixasse repousar por algumas horas. Quando ela falara da morte de S. P., Reg a apertara contra si, acariciando-lhe os cabelos.

— Pobre e adorável Lindsay — ele disse. — Minha pobre querida.

Ela tentou dissimular a dor daquela angustiante evocação com um humor ligeiro:

— Sua pobre e querida avó — brincou. — Que chocante e velha senhora eu sou!

— Sim — ele caçoou. — Uma coroa sexy como nunca vi.

— Sou cinco anos mais velha que você. E tenho um neto.

Reg riu.

— Isso é muito tocante. Posso ajudá-la empurrando sua cadeira de balanço?

Ela riu também, mas a brincadeira lembrou-lhe que teria que voltar para casa muito em breve. Aquele idílio tinha de terminar. Fora uma experiência, nada mais que isso. Resultara num interlúdio que restaurara sua autoconfiança e a ajudaria a enfrentar o que a aguardava em Nova York. Seu dever estava lá. Apesar de toda a sua indiferença, Geoff necessitava dela. E tinha, também, que pensar em Pauline. E em Robin e no pequenino John. Tantos elos, mais fortes do que se poderia imaginar.

Além disso, como Lindsay reconhecia com relutância, tudo o que compartilhara com Reg fora o ato sexual. Ele tinha razão. Nunca se adaptaria ao ambiente dela, mesmo que ela fosse indiferente o bastante para não se importar com isso. Realista como era, sabia que não haveria futuro para eles. Não que Reg tivesse mencionado isso. Mas ele o sabia também.

Estavam deitados no amplo leito da suíte de Lindsay no Savoy. Ela gostava das acomodações caras da sua suíte de hotel londrino: o estilo de 1930 do toucador alto, com suas lâmpadas foscas com anteparos de folhos; as cadeiras estofadas e os cinzeiros à moda antiga na pequena sala de estar anexa; o pequeno vestíbulo curioso, com sua armação de cabides para casacos e o porta-chapéus. Fosse como fosse, aquilo tinha estilo e elegância. Havia um toque de permanência reconfortante já há muito ausente dos hotéis americanos, com suas conveniências ultramodernas e uma evidente ausência de charme.

Ela se perguntou como seria o apartamento de Reg. Pedira-lhe que a levasse lá, mas ele se recusara.

— Não seria uma coisa certa, Lindsay.

— Por que não? Eu gostaria de ver onde você mora. — "Assim poderei imaginar você lá", ela pensou, "quando eu for embora."

— Para começar, eu não deixaria você arriscar sua reputação.

— Oh, Reg, pelo amor de Deus! Eu venho arriscando minha reputação por toda a Inglaterra nestas três semanas!

— Não é o mesmo que ir ao recanto de um solteirão. É algo impróprio, querida.

Ela riu, meio exasperada, meio divertida.

— Sempre tão correto. — Meneou a cabeça. — Você está sendo realmente ridículo, meu querido. Do mesmo modo como ao insistir que eu me sente no banco traseiro quando estamos no carro.

— Quando estamos no carro, eu sou seu empregado, senhora.

— E na cama?

— Aí sou seu servo ardente, devotado e sempre fiel. De um modo diferente.

Ela esticou a mão e o acariciou ligeiramente.

— Vou sentir terrivelmente a sua falta. Vai me escrever?

— Não. Melhor não.

Ela não perguntou por quê. "Ele se envergonha de suas poucas noções de gramática", ela pensou com tristeza. "Como se eu me incomodasse com isso."

— Estarei de volta dentro de seis meses — disse Lindsay por fim. — Você estará aqui?

Reg a abraçou.

— Pode contar com isso, madame.

Gladys O'Reilly estava inquieta e, talvez, tinha que admitir, meio desapontada também. A mulher de seu chefe achava-se na Europa há quase três semanas e ela se permitira ter esperanças de que Geoffrey pudesse lhe pedir para lhe fazer companhia. Gladys não sabia ao certo por que chegara a pensar em tal coisa, exceto que, nas poucas semanas após a morte de sua filha, Geoffrey lhe parecera mais acessível do que durante todos aqueles anos em que ela lhe servia de secretária. Às vezes ele a chamava à sua sala apenas para conversar, quase como se não houvesse ninguém mais com quem pudesse aliviar suas mágoas. Geoffrey falava principalmente de S. P., da criança maravilhosa que tinha sido, da alegria que tinham desfrutado à medida que ela crescia. Chegara até a confidenciar, inesperadamente, que aquela grande perda modificara seu relacionamento com a Sra. Murray; que estavam ambos absorvidos em sua própria mágoa, quase incapazes de se comunicar.

Caso se tratasse de um outro homem, Gladys teria encarado isso como o clássico chavão: "Minha mulher não me compreende". Mas, tratando-se de Geoffrey, ela sabia que era uma confissão sincera, não destinada a fazê-la sentir-se tentada a reconfortá-lo na cama. Não que ela não se sentisse feliz em consolá-lo assim. Estava louca por ele, tanto que se permitira pensar que Geoffrey a convidaria para jantar ou para um teatro. Atrevera-se a esperar que ele viesse finalmente a vê-la como uma pessoa, e quando Lindsay partira para aquela longa viagem, tal esperança crescera.

Mas, pelo contrário, as semanas de uma quase intimidade cessaram bruscamente. E foram substituídas por telefonemas, às vezes dois por dia, de Adele Thresher. Gladys sabia que eles se viam todas as noites. Pelo menos, era certo que Adele era a pessoa para quem ela, Gladys, fizera aquelas reservas num restaurante, e para quem também

reservava lugares para *shows* na Broadway. Sabia muito bem que as llores que ela encomendava junto com cartões, que ditava para o florista duas vezes por semana, eram para Adele. Cartões que de início diziam: "Muito obrigado por uma noite adorável. Geoff", e depois, de modo mais inquietante: "O que eu faria sem você?" De modo significativo, essas últimas manifestações de sentimento não levavam assinatura. Nem sequer iniciais.

"Ele deve estar tendo um caso com ela", pensou Gladys, com tristeza. De certo modo, era quase indecente. Ela era sua madrasta, por Deus! Bem, sua ex-madrasta, o que dava quase no mesmo.

Ainda assim, tinha de admitir com relutância que Geoffrey parecia mais relaxado, menos tenso do que se mostrara por longo tempo. Ficou imaginando o que aconteceria quando a Sra. Murray voltasse da Europa. Era fato sabido que havia animosidade entre Lindsay e a mulher que seu pai desposara. Dizia-se que Adele não era bem-vinda na casa dos Murrys, conquanto Gladys não soubesse ao certo como os "informantes" sabiam disso. Simplesmente os comentários circulavam por Nova York. Sendo uma grande cidade, parecia no entanto surpreendentemente pequena, pois as pessoas estavam a par de detalhes muito íntimos da vida de outros, graças a falatórios em reuniões e coquetéis ou via "amigo do amigo".

— Tenho a impressão de que haverá o diabo quando a Sra. Murray voltar — disse Gladys para Harry Thaw. — O Sr. Murray tem visto sua madrasta constantemente, e Lindsay vai perder a esportiva.

— O que a faz pensar que ela saberá? — perguntou Harry, com espírito prático. — Não imagino que ele seja tolo a ponto de contar a ela. E duvido que a outra o faça.

— Oh, Lindsay saberá dessa história. Não há segredos que vinguem nesta cidade. Harry olhou-a com desconfiança.

— Espero que você não pretenda deixar que algo transpire.

Gladys assumiu um ar ofendido, inocente.

— Eu? Não seja louco. Sou leal a meu chefe. Por que faria uma coisa dessas?

Harry riu, retrucando:

— Você é quase tão convincente como uma cortesã num jantar em casa paroquial. Se julga ter uma chance junto ao grande Geoffrey, fará tudo o que puder para criar problemas entre ele e sua esposa. Não negue, Glad. Você é louca por ele. Aposto que chegou a supor que ele poderia convidá-la a sair enquanto estava temporariamente viúvo... Provavelmente ficou furiosa por ele não ter feito esse convite.

— Nada disso! Como ousa me dizer essas coisas?

— Não há nada de mais nisso, garota. Todos nós somos propensos a alimentar sonhos, mesmo os mais impossíveis.

Seriam mesmo impossíveis? "Nada é impossível", pensou Gladys, zangada. Geoffrey Murray era um tolo. Não sabia reconhecer a dedicação que ela manifestava, sentada durante nove ou dez horas praticamente todos os dias à sua frente. Não era justo. Ela havia sido tão correta e tão boa para ele! Melhor do que senhoras cheias de fantasias e mimos como Adele Thresber. Ou outras aborrecidas que só pensavam em suas carreiras, como Lindsay. "Deve haver algum meio de fazê-lo me ver como algo mais do que uma secretária", pensou. "Até agora tenho estado sonhando, mas já é hora de dedicar mais atenção a esse assunto."

Adele não sabia o que pensar daquelas últimas três semanas. Quase diariamente, desde que Lindsay viajara para a Inglaterra, Geoff fora uma presença constante a seu lado. Eles tinham se entretido maravilhosamente, e ela lamentava que isso terminasse. Quando Lindsay regressasse não haveria mais jantares nem idas aos teatros, nem passeios de carros a East Hampton aos domingos, nem almoços aos sábados e giros despreocupados pelo Central Park. Lindsay estaria de volta no dia seguinte. Aquela seria a última noite que Adele passaria na companhia de seu "enteado".

Fez uma careta ao pensar nessa palavra: "enteado". Era ridículo. Por que lhe viera à mente? Nunca pensara nele desse modo. Ele era Geoff. Amigo de infância seu e de James. Um homem agradável e gentil. E, infelizmente, o marido de Lindsay.

Ao que Adele sabia, era estranho o relacionamento de Lindsay e Geoff. Era como se a paixão dos primeiros anos tivesse se convertido numa aceitação tolerante. Eles se gostavam do modo como velhos amigos que compartilharam boas e más experiências costumam fazer. Provavelmente continuariam casados para sempre. Tendo suportado tantas coisas juntos, não cogitavam de uma vida separados, e no entanto essa não era uma boa solução. Eram ainda moços para se fixarem numa existência rotineira, sem o elo da atração física para abrandar as arestas incômodas da indiferença.

Geoff nunca o declarara, mas Adele desconfiava com razão de que há muito tempo ele e Lindsay não tinham um relacionamento sexual. Geoff costumava fazer certas brincadeiras acerca de sua "vida virtuosa", comparando-a com seu caso de muitos anos atrás, com Pamela.

— Você amou realmente aquela inglesinha, não?

— Sim, muito. Pelo menos, acho que sim. Foi há muito tempo. E tantas coisas aconteceram desde então. Eu mudei. As vezes, mal consigo me lembrar do jovem Capitão Murray. — Deu de ombros. — Não foi importante. Lindsay estava grávida e eu tinha que voltar para casa. Não me entenda mal. Não estou pleiteando um halo de santidade. Eu queria mesmo regressar. Sabia que meu lugar era junto de Lindsay, e escolhi permanecer em meu lar. — Olhou para Adele com carinho. — É tão fácil conversar com você, Adele. Parece entender tudo sempre. Curioso o fato de eu não ter amigos íntimos. Nem Lindsay os tem. Não realmente íntimos, quero dizer. Não o tipo de pessoa que você pode procurar se as coisas se mostram realmente críticas. Conhecemos muitas pessoas, mas amigos? Você é a única amiga que tenho. E a pobre Lindsay não tem nenhuma, a não ser Pauline. — Assumiu um ar mais sério ao acrescentar: — Um pensador disse certa vez que todos deviam ter nove bons amigos: três mais velhos, três mais moços e três de sua própria idade. Não lembro quem disse isso. Acho que foi Thoreau. É algo que tem sentido, mas não conheço ninguém que tenha esse número de amigos. Talvez fosse mais fácil encontrá-los em Walden Pond¹¹.

Adele sorriu.

— Eu defino amizade como o ato de alguém que nos acolhe quando não dispomos de um teto. Quando você vê a coisa desse modo, não se lembra de quase ninguém desse

¹¹ Nome do lugar e do chalé onde viveu Thoreau. (N. do T.)

feito, não é mesmo? Curioso o caso de nós três. Tão solitários. É uma pena. Todos nós precisamos de um dependente, alguém que nos ame a despeito de nossas falhas e fraquezas. — Parecia melancólica. — Nunca contei com ninguém assim. Nunca. Talvez James viesse a ser essa pessoa. Nunca poderei saber. Pensei em Lindsay sob esse aspecto, outrora, mas destruí essa possibilidade. Bem — disse em tom brusco —, não adianta lamentar o que passou, não é mesmo? Todos cometemos erros, mas temos vivido com eles. Podia ser muito pior, Geoff. Muitas e muitas pessoas têm tido uma vida mais dura do que nós. Procuro ter isso em mente e ser grata.

Ao vestir-se para a sua última saída com Geoff, Adele podia rever o olhar pensativo e estranho que ele lhe dirigira enquanto ela lhe falava. "Sou sua amiga", ela pensou com dissabor. "Nada mais." Não acontecera entre eles um simples gesto ou palavra que indicasse algum interesse além do sentimento de companheirismo tranquilo e satisfeito. Mas ela estava apaixonada por Geoff. E desconfiava haver uma vibração íntima semelhante nele. Aquilo era um tabu, algo proibido. Uma idéia a não ser acalentada nem por um simples momento. Mas eles combinavam muito mais do que Geoff e Lindsay. Ela não fizera nenhuma aproximação mais íntima, nem ele. A afeição de ambos por Lindsay era bastante forte. Para Lindsay, sentindo-se como se sentia em relação a Adele, seria um golpe final, arrasador. "Quer ela acredite ou não", pensava Adele, "ainda sou *sua* amiga. Sempre fui."

De algum canto em sua mente ela extraiu a lembrança de uma antiga lenda judia. Algo a respeito de um criminoso ser apedrejado pela multidão, como era costume nos tempos bíblicos. Ele nada dissera quando pesadas pedras lhe foram arrojadas, mas quando uma pedrinha o atingiu, gritou de dor. Indagado por que suportara o impacto das pedras maiores e somente se ressentira da menor, ele respondeu: "Essa pedra pequena foi atirada por um amigo".

"Nunca atirarei essa pedra", pensou Adele, "Já magoei demais Lindsay."

Capítulo 23

Durante o vôo de regresso, Lindsay pensou em como era irônico que somente depois de vinte e três anos ela finalmente entendesse um pouco do que Geoff sentira por aquela moça na Inglaterra. Ela não desejava abandonar seu marido. Aquele era seu lugar, seu santuário; era seu dever voltar para casa e para o homem que necessitava dela. E rio entanto parte de seu ser permanecera na Inglaterra. As semanas junto a Reg fluíuavam em sua mente. Por causa dele, ela poderia viver mais em paz com Geoff. Teria seu marido sentido algo semelhante quando regressara do *front*? Será que a lembrança do amor ilícito reforçara sua ligação com sua companheira legal? Talvez. Isso porque durante muitos anos após a guerra eles tinham vivido em harmonia, dedicados um ao outro e à sua filha. Só recentemente aquela estranheza começara, aprofundando-se com a absorção de um e de outro em suas diferentes ocupações. Ela se sentia suficientemente forte para mudar isso agora, se pudesse.

"Serei uma mulher melhor." Lindsay forçava-se a acreditar nisso. "Serei mais paciente com ele. Menos competitiva." Sentia-se purgada e relaxada, e não

envergonhada. Seu caso não roubara nada de Geoff. Não o deixava ameaçado. Fora, ela assim raciocinava, realmente positivo, porque calara suas frustrações e a impediria de fazer exigências fúteis e cheias de ressentimento a Geoff. Ela podia existir pacificamente como uma "companheira de quarto" sem sexo, até que pudesse escapar e retornar para Reg.

"Devo voltar de dois em dois meses à Inglaterra", decidiu. Seis meses seria um tempo longo demais para esconder o que sentia. Geoff não alimentaria desconfianças, pois a viagem de compras que ela fizera fora tão bem-sucedida que justificaria facilmente outras mais freqüentes. Sentia enganá-lo, mas sequer sonhava confessar sua infidelidade, assim como seu pai fizera com Pauline. Não, não ofenderia Geoff abertamente daquele modo, ainda que sentisse uma necessidade egoísta de aliviar sua consciência transferindo sua culpa para os ombros dele.

Geoff viera encontrá-la no aeroporto, e Lindsay sentiu um toque de remorso ao ver aquele rosto familiar. Mas seu pensamento seguinte foi o de que ele parecia mais bem disposto, mais relaxado. E então, sentindo-se intimamente quase infeliz, raciocinou: "O fato de eu não ter estado junto dele deve ter sido um motivo a menos de tensão".

Ele beijou-a rapidamente e disse:

— Como foi a viagem?

— Maravilhosa. Muito bem-sucedida. Como vão as coisas aqui?

— Nada más. Tenho estado ocupado. Conseguimos aquele contrato de publicidade que estava pendente. Foi conseguido em Chicago. Dez milhões de dólares.

— Meus parabéns! Isso é formidável!

Então hesitou. A filial de Chicago era da responsabilidade de Robin. Ele devia ter trabalhado para a obtenção daquele importante contrato. Ela acertara no conselho que dera a Robin, pelo menos nisso acertara. Não importava que Geoff se sentisse ressentido em relação a seu genro, ele era um homem de negócios lúcido demais para querer se desfazer de um valioso empregado. Era maravilhoso o modo como os homens podiam separar sua vida pessoal de seu trabalho, pensou ela com certo desdém. Geoff podia recriminar injustamente Robin pela morte de S. P., mas Lindsay presumira que ele admiraria a capacidade do rapaz, mesmo que o fizesse de má vontade.

— Cabe a Robin o crédito por isso?

Geoff franziu a testa, retrucando:

— Sim, naturalmente.

— Suponho que você não o tenha cumprimentado por isso.

E no mesmo instante lamentou tê-lo dito. Não fazia nem cinco minutos que chegara e já estava provocando uma outra discussão. "Que diabo, Lindsay", censurou-se ela, "não pode controlar essa sua língua ferina?"

Mas Geoff não pareceu ligar para a crítica acerba. E disse pausadamente:

— Não, diretamente não. Enviei um memorando, dando parabéns à equipe, mas não falei com ele pessoalmente.

Lindsay segurou-lhe o braço e perguntou gentilmente:

— Será que não poderia cumprimentá-lo? Já se passaram sete meses, Geoff. Não persista nesse rancor para sempre. Você está se punindo tanto quanto a Robin. E tem que pensar no bebê. Não gostaria que fôssemos uma família de novo?

— Isso é impossível, Lindsay. Não posso esquecer...

— Nem eu posso. Mas podemos aceitar. Temos que aceitar o que não pode ser mudado.

Ele a ajudou a entrar no carro. E disse, sentando-se no banco traseiro, ao lado dela:

— Falaremos sobre isso mais tarde.

O chofer dirigiu o carro na direção de Manhattan. Ficaram em silêncio alguns momentos, e então, com certa malícia despreocupada, Lindsay disse:

— Bem, o que você tem feito para se entreter? Marcou encontros com sua secretária?

Geoff soltou um risinho.

— Seria inviável. Gladys não é meu tipo. E mesmo que eu resolvesse dar umas escapadas na sua ausência, sou bastante esperto para conseguir alguém fora do escritório.

— E fez isso? Fora do escritório, quero dizer.

"Estou louca!", pensou Lindsay. "Por que estou iniciando uma discussão nesse terreno? Tenho eu um desejo subconsciente de me confessar? Ou minha culpa me faz quase desejar que ele seja culpado também?"

Geoff assumiu uma expressão sofrida.

— Tenho sido fiel. Quase sinto pena ao dizer isso. Ridículo, não é?

Lindsay não retrucou. Geoff estava tentando dizer-lhe que seu problema pessoal ainda existia, que ele não podia fazer amor com ela. Lindsay desejara de todo o coração que ele pudesse. Então "a outra coisa" não seria mais necessária. Deliberadamente, mudou de assunto e começou a falar sobre sua viagem. Marty tinha feito um bom trabalho na loja, na sua ausência, ela explicou. Tinha se comunicado com ele por telefone uma vez por semana e as coisas estavam sob controle. De fato, prosseguiu dizendo, ela provavelmente faria viagens de negócios mais freqüentes dali em diante, já que sabia que o movimento de vendas na loja não sofreria com sua ausência. Havia outros centros além da Inglaterra que ela desejava explorar: França, Itália, Espanha. O mercado europeu era muito flutuante.

Geoff ouvia tudo quase com ironia.

— Parece que você está planejando se converter no viajante-mor da família.

— Oh, realmente não — ela disse com precipitação. E então: — Mas talvez devesse. Minha ausência parece fazer bem a você. Há anos que não o vejo tão bem-disposto.

Geoff respirou profundamente. Naquelas poucas semanas chegara a sentir, em certos momentos, que poderia ser um homem másculo de novo. Com Adele. Ela era tão tranquilizante, tão sem exigências, e no entanto essa sua serenidade quase fria provocara a primeira vibração de um excitação que ele deixara de sentir há longo tempo. Procurara afugentar essas sensações, não só por causa de Lindsay, como também porque não podia ter plena certeza de que suas intenções seriam acolhidas por Adele, embora tivesse a impressão de que sim. Acima de tudo, sentia um grande temor de fracassar. Essa era a verdade. Que aconteceria caso abordasse Adele, fosse aceito, e depois a desapontasse e a si mesmo? A humilhação seria terrível demais. Mas sentira-se feliz de ter, pela primeira vez em meses, desejado alguém. Por que, entre tantas mulheres, tinha de ser aquela a despertar sua sensualidade? Por que pressentia que

Adele estava fisicamente atraída por ele também? Não houvera nenhuma iniciativa, quer de um quer do outro, mas tratava-se do tipo de coisa que duas pessoas adultas sabem sem necessidade de palavras.

E Geoff afastara a idéia de ter um caso com Adele. Não era certo. Se a paixão retornasse, devia ser dedicada a Lindsay. Ela havia sido fiel e paciente. Agir de outra forma seria positivamente injusto. Ainda assim, ele não lhe contou que andara saindo com Adele, apesar do platonismo de tal relacionamento. Lindsay não acreditaria nisso. Embora acreditasse que Adele era sexualmente fria, Lindsay estava certa de que ela tentaria seduzi-lo se pudesse, quando mais não fosse apenas por despeito. "Lindsay é intolerante demais em relação a Adele", pensava Geoff, pesaroso, "tanto quanto eu o sou no tocante a Robin. Talvez ela tenha razão. Talvez nenhum de nós deva alimentar nosso rancor para sempre."

Na noite anterior ele dissera a Adele que Lindsay estava para chegar.

— Não vou poder vê-la com a mesma frequência — disse Geoff. — Sentirei falta de sua companhia, mas... bem, você sabe como é isso.

Se Adele sentira-se infeliz, soubera ocultá-lo.

— Claro, Geoff. Vou sentir sua falta também, mas entendo a situação. Talvez você possa passar aqui de vez em quando para um drinque, em seu caminho do escritório para casa.

— Gostaria que as coisas fossem diferentes. Desejaria que pudéssemos todos ser amigos.

Adele sorriu melancolicamente.

— Sim, isso seria bom, não é mesmo?

Sem pensar, ele fizera uma ousada observação final:

— Não, não seria. Estou mentindo. Gostaria de continuar a ver você a sós, como tem acontecido. Na verdade eu gostaria de... conhecer você melhor.

Adele não se mostrara nem surpresa nem zangada. Simplesmente sorria de novo e balançara a cabeça, sem responder.

Ao pensar naquele curto episódio, Geoff disse inesperadamente:

— Quanto a Robin... suponho que você esteja com a razão, Lindsay. Tenho deixado que meu sofrimento me absorva. No íntimo, sei que... a morte de S. P. não ocorreu por culpa dele, mas tinha que culpar alguém, alguma coisa. Ele era a única pessoa a quem eu podia incriminar. É terrível saber que se está sendo injusto e que somos incapazes de mudar o modo como nos sentimos. Eu... eu posso tentar voltar às boas com Robin, se você acha que é isso o que ele deseja. Você sabe que nunca é fácil para mim admitir que estou errado. Mas tenho agido mal e lamento isso.

Lindsay olhou-o muito surpresa, para logo dizer muito contente:

— Querido, é claro que ele deseja isso! Robin sente-se tão triste com o modo como você o trata! Ele o aprecia muito, você sabe. — Inclinou-se um pouco e beijou o marido no rosto. — Está fazendo a coisa certa, Geoff. Isso é digno de um grande homem. Mas sei que você ficará contente. — Recostou-se, os olhos brilhando. — Você não poderia ter-me dado melhor presente de boas-vindas!

Mal acabara de falar, percebeu o efeito de suas palavras. O mesmo pensamento ocorreu a ambos: desejá-la de novo seria um presente ainda melhor. Lindsay chegou a

enrubescer. Não devia se preocupar. A incapacidade física de Geoff fora causada certamente pelo seu estado emocional. Se ele soubesse controlá-lo, o resto viria naturalmente. E segurou-lhe a mão, dizendo:

--- Estou orgulhosa de você.

— É muito pouco para ser um motivo de orgulho. Não posso prometer dar nele um abraço apertado, você sabe. Procurarei apenas agir como uma pessoa civilizada.

Lindsay assentiu. Então disse serenamente:

— Geoff, não gostaria de ver o bebê?

Ele hesitou antes de responder:

— Sim, um dia irei vê-lo.

Ela cruzou os dedos.

— Por que não vamos juntos a Chicago na próxima semana?

— Tão cedo? Não sei, Lindsay. Não tenho certeza de já estar preparado para isso. A perda que sofremos; Ele vai me fazer recordar tantas coisas...

— Você está enganado. Ele o fará se sentir feliz, Geoff. S. P. teria desejado que você conhecesse seu neto. Pode oferecer-lhe tanto, Geoff. E receberá de volta muitas alegrias. Você sempre foi um pai maravilhoso. S. P. iria querer que você dedicasse esse mesmo tipo de amor a John.

Geoff ainda hesitava. Aquilo lhe parecia precipitado, talvez ainda fosse cedo demais. Mas quem podia asseverar isso?

— Está bem. Vamos tentar — ele acabou por dizer.

— Adivinhe quem vem ver você, Johnny! — E Robin ergueu no ar seu filho de sete meses. — Seu avô, sim, senhor! O pai de sua mamãe. Que me diz disso, companheiro? Não é uma grande notícia?

O bebê riu, movendo os bracinhos, muito contente, quando Robin o ergueu e depois o baixou euforicamente.

— Vamos mostrar a ele que garotão rijo você é, não vamos?

Robin contemplou seu filho, intimamente explodindo de afeição, como sempre lhe acontecia quando os dois estavam juntos. "Graças a Deus decidi conservá-lo comigo", pensou. "De início, pensei que não poderia estar com ele, sem me lembrar, angustiado, de S. P. Mas ele me deu uma razão para viver, e mesmo de ser feliz, quando eu já chegara a pensar que não conheceria outra coisa senão o desespero."

Ele também tivera a sorte de encontrar Jane Graham. Uma mulher jovial de sessenta e cinco anos, que vinha todas as manhãs antes de Robin ir para o trabalho e tomava conta de John até ele voltar. Ela era uma espécie de avó, muito eficiente como babá, e gostava sinceramente da criança. John era para ela mais do que uma simples criança de quem cuidava. Ela o tratava como se ele fosse um de seus netos.

— Pobre criancinha sem mãe — disse Jane Graham na primeira vez em que viu o bebê. — Olá, Johnny querido. Não se preocupe. Tia Jane irá cuidar bem de você. — Voltara o rosto suave, enrugado, para Robin. — E não se preocupe também, Sr. Darnevale. Criei seis filhos, que Deus os abençoe, e tenho dez netos espalhados por cada canto do país. Não os vejo com frequência. Será bom ter um bebê que faça um belo alvoroço de novo.

— Fico imensamente agradecido à senhora. Ele ainda é tão pequeno. Eu não tinha certeza de poder cuidar dele até a senhora aparecer.

— Bem, então não se aflija mais. Estarei aqui todos os dias, chova ou faça sol.

— Serão apenas cinco dias por semana. Cuidarei dele na parte da noite e nos fins de semana.

— Certo, mas posso vir sempre que o senhor quiser ir a algum lugar à noite, ou num sábado ou domingo. Estou muito contente em ter algo que ocupe meu tempo. Sou viúva, e os programas de tevê aos domingos são terríveis. Não há *shows* com concursos e prêmios e nem novelas. — Sorriu.

— Sinto falta de meu marido. Está morto há oito anos, e eu ainda procuro por ele pela casa, como um autômato.

— Minha mulher... minha mulher morreu faz seis semanas, Sra. Graham. Até ontem uma enfermeira tomava conta de John, mas agora ele realmente precisa de bons cuidados maternos.

— E ele certamente os terá de mim, eu lhe prometo. — Pareceu embaraçada ao dizer: — Sinto muito quanto à sua esposa. Ela devia ser muito moça. Foi um acidente, se posso lhe perguntar?

— Não. Ela morreu ao dar à luz.

— Meu Deus! Que coisa terrível! E tão rara. Dificilmente se sabe de um caso desses hoje em dia.

Robin engolira em seco antes de dizer:

— Os médicos fizeram tudo o que podiam.

— Estou certa de que sim, senhor. E não deve se culpar de nada. As pessoas costumam fazê-lo. Especialmente um homem, presumo, num caso como esse. Mas o senhor tem de acreditar que foi a vontade de Deus, Sr. Darnevale. Não há outro modo de explicar o acontecido.

Robin pensara, na ocasião, no aborto que S. P. tinha desejado fazer. Fora, também, a vontade do Senhor que ele tivesse negado a S. P. aquilo que lhe poderia ter salvo a vida? Tentava acreditar nisso. Procurava acreditar que existira um desígnio divino em toda a sua infelicidade, e que John fora destinado a fazer grandes coisas, ou que S. P. fora poupada de algum terrível acontecimento no futuro. Ali estava tudo a que ele tinha que se aferrar: a fé cega. Sem ela, teria que se debater num fosso profundo de sufocante mágoa, sem jamais voltar à superfície.

Como são notáveis os poderes de recuperação dos seres humanos, pensava agora Robin. Não que sua tristeza tivesse desaparecido. Longe disso. Ele pensava em S. P. todos os dias, ansiava por ela, soluçava à noite porque ela não estava a seu lado. Mas ele era jovem e saudável e tinha John. "Graças a você", ele murmurou, evocando S. P. "Obrigado pela preciosa dádiva que você me legou."

Os amigos, seus e de S. P., tinham insinuado que *ele* voltasse a levar uma vida "normal". Todos tinham amiguinhas atraentes, descompromissadas, cuja companhia ele poderia apreciar. Não era nada bom que ele se dedicasse somente ao trabalho e a fazer companhia ao pequenino John à noite.

Robin agradecera-lhes o interesse e educadamente recusara a sugestão. Não se achava disposto a procurar outra mulher, nem mesmo casualmente. Ainda era cedo

demais. A lembrança de S. P. ainda estava muito presente, e o impacto de sua morte inesperada, muito vívido. Ele necessitava curar-se daquilo. Por enquanto, as exigências de seu trabalho na firma e o encanto exercido pelo bebê eram suficientes. Sentia-se solitário, mas isso ainda era preferível ao papel de "pretendente aceitável", pois estava ainda muito sofrido para manter uma conversa sobre amenidades e interessar-se pela vida social. E se sentia cheio de remorso, também. Apesar do muito que adorava seu filho, ele era a prova inconsciente do egoísmo de seu pai. "Se eu não tivesse insistido em que S. P. tivesse essa criança", ele pensava constantemente, "ainda a teria. E que Deus me perdoe, mas se tivesse oportunidade de voltar atrás, teria sacrificado John." Robin não era religioso, mas orava para que S. P. o perdoasse, já que considerava impossível perdoar a si mesmo.

Quando Lindsay telefonara dizendo que ela e Geoíf gostariam de vir vê-lo e ao bebê, Robin acolhera essa notícia com alegria, mas com certa inquietude. Naqueles últimos meses não tivera nenhuma conversa com seu sogro. E agora, ele e Lindsay estavam a caminho para uma visita familiar! E perguntou-se por que Geoff concordara em vir. Esperava que tudo saísse bem. Ficara realmente embaraçado com a notícia. Lembrava-se com muita nitidez daquela cena terrível na maternidade, quando Geoff o chamara de assassino e o teria até agredido caso Lindsay não tivesse conseguido acalmá-lo. "Ela agirá de novo como uma espécie de pára-choque", pensou Robin. "Que Deus a abençoe por sua sensatez e equilíbrio."

Deliberadamente, ele não lhes providenciou acomodações no Hotel Drake, onde tinham passado juntos aqueles dias terríveis de fins de dezembro. Conseguira-lhes uma suíte no pequeno e elegante hotel em Lakeshore Drive, não muito distante de seu apartamento, enviando flores horas antes da chegada do casal e providenciando um carro com chofer para recebê-los no Aeroporto O'Hare. Iria junto no carro para dar-lhes as boas-vindas. Pensou em levar John consigo, e então percebeu que isso seria insensato. Afinal, não se leva um bebê de sete meses a um aeroporto, nem mesmo com a Sra. Graham para cuidar dele. Fosse como fosse, isso pareceria um truque, como se ele planejasse um encontro em público entre Geoff e seu neto para evitar um confronto particular e emocional.

Robin se achava ali, sozinho, quando o casal desceu do avião. Lindsay tinha uma aparência maravilhosa. Parecia ter remoçado dez anos. Abraçou o genro e o beijou no rosto, em ambas as faces, com efusão. Geoff ficou em suspenso um momento e então apertou-lhe quase formalmente a mão.

— Estou feliz em revê-lo, senhor — disse Robin.

— É um prazer vê-lo. — E a voz de Geoff pareceu quase rude.

Lindsay segurou a ambos pelo braço e caminharam em direção ao setor de bagagens.

— Você está muito bem, Robin. Parabéns pelo novo contrato de publicidade! Geoff diz que você fez um trabalho magnífico conseguindo isso para a agência. Ele me contou que foi preciso enfrentar a competição de quatro outras firmas. Você deve ter-se empenhado a fundo!

— Obrigado. Foi um trabalho de equipe. Todos colaboraram.

— Bem, é claro! Quero dizer, essas coisas nunca são levadas a cabo por uma única pessoa, certo? É como os prêmios da Academia Cinematográfica. Por mais maçantes que sejam essas homenagens para o público, fico sempre contente quando um astro tem humildade bastante para reconhecer que deve muito a outros.

Lindsay tinha consciência de como tal tagarelice parecia fora de propósito, mas não podia evitá-la. "Estou nervosa", pensou, "nervosa como um felino. Como Geoff reagirá ao ver o pequeno John? Ele e Robin voltarão a se sentir à vontade um com o outro? O que Geoff dirá e fará quando vir o bebê de sua filha? Sairá tudo bem", tentou tranquilizar-se. "Ele quis vir. Eu não o arrastei até aqui."

Geoff e Robin estavam igualmente conscientes de que Lindsay falava sem parar, num esforço para disfarçar a tensão entre eles, e sentiam-se ambos gratos por isso. Mas cada um, a seu próprio modo, mostrava-se ligeiramente aborrecido.

"Por que ela sempre tenta interferir em todas as situações difíceis?", perguntou-se Geoff quase irritado. "É como se ela temesse que eu saia da linha, como se não tivesse nenhuma confiança em meu autocontrole. Não, isso não é justo. Ela tem toda a razão de ficar apreensiva devido ao modo como me comportei da última vez em que aqui estive. Estou tenso também. Talvez tenha sido um erro ter vindo."

"Quando perguntarão por John?", perguntou-se Robin. "Ela, deliberadamente, não fala sobre ele, como se temesse abordar o assunto. E Geoffrey está tão calado, quase mal-humorado. Por que afinal ele veio, se ainda me odeia tanto?"

No carro, as coisas não se apresentaram melhores. Lindsay olhava fixamente para as costas do chofer, pensando em Reg. Pensava nele todas as vezes que se achava num táxi, sentindo sua falta, desejando que aqueles ombros largos que ela conhecia tão bem estivessem atrás do volante. Mergulhara em silêncio, e o mesmo fizeram seus dois acompanhantes. A viagem até o centro da cidade parecia interminável, e a cada metro vencido a apreensão de Lindsay crescia. Geoff não se achava preparado para aquilo, como ela supusera. E Robin estava com a língua presa. Se por nervosismo ou ressentimento, ela não saberia dizer. Nenhum deles chegara a se referir ao bebê. E ele era o motivo principal de se reunirem agora. Mas era como se o menino simplesmente não existisse. "Ao diabo com isso", pensou Lindsay. "Alguém tem que pôr fim a essa ridícula charada."

Quando o carro se acercava do Michigan Boulevard, ela disse calmamente:

— Quando veremos John, meu caro Robin?

— Assim que vocês desejem. Estou certo de que a Sra. Graham o preparou muito bem para essa ocasião.

— Vamos lá agora, antes de conhecermos o hotel onde nos hospedaremos — disse Lindsay olhando para Geoff. — Está bem para você, querido? Mal posso esperar para ver John. — Olhou expectante para o marido, ansiando pela sua anuência.

— Claro — disse Geoff. — Por que não?

O encontro entre Geoff e seu neto foi um desastre. A Sra. Graham tinha, na verdade, vestido o garotinho com o seu macacão mais vistoso, o mesmo que Lindsay enviara de Nova York. O bebê parecia adorável naquela roupinha amarela com a figura de Snoopy bordada na gola, e estava sorridente e traquinas quando sua babá o trouxe para a sala de

estar. Ciente de que era a primeira visita que o avô fazia a John, ela se dirigiu diretamente a Geoff, oferecendo-lhe o bebê.

— Aqui o tem, Sr. Murray. Aqui está seu belo menino.

Involuntariamente, Geoff deu um passo atrás.

— Pode segurá-lo, senhor — disse a Sra. Graham. — Ele é pesadinho, mas o senhor não deve ter receio de deixá-lo cair. Veja só como ele sorri para o avô, Sr. Darnevale! Ele é esperto, nosso pequeno John. Sabe quem gosta dele.

"Meu Deus, ele não vai segurá-lo!", pensou Lindsay com desalento. Geoff parecia paralisado, como se lhe estivessem oferecendo alguma coisa diabólica. Seu rosto se contorcia de angústia, mas Lindsay notou que os olhos dele estavam meio úmidos, e então, mecanicamente, Geoff estendeu os braços e deixou que a Sra. Graham pousasse neles o pequeno John. De repente, quando ele olhou para a criancinha sorridente, sua expressão se conturbou.

— Ele... ele é bonito — disse Geoff, com a voz estrangulada. — Meu neto. O filho da minha menina. — Segurou com tanta força o bebê, que ele começou a se agitar e o riso se converteu em gemidos de protesto.

— Querido, você o está espremendo — disse Lindsay suavemente.

— Como? Oh, sinto muito. — Afrouxou o aperto. — Não me dei conta... Eu via... eu via sua mãe. Foi como se a abraçasse de novo. — E Geoff estava com uma expressão sofrida. — Sra. Graham, seria melhor segurá-lo. Estou sem prática.

— Deixe-me segurá-lo. — E Lindsay retirou o bebê dos braços de Geoff, acalentando-o, murmurando algo até que ele parasse de choramingar e os presenteasse a todos, de novo, com seu sorriso cálido. — Vamos, queridinho, seu vovô não queria assustar você. Ele está apenas muito... muito feliz por vê-lo, querido. Aquilo foi um abraço de urso, Johnny. — Por cima da cabeça do bebê ela sorriu para Geoff, como se lhe agradecesse por ter reagido como ela esperava. Mas foi apenas um curto momento de alívio.

Geoff parecia tudo, menos feliz. Não retribuía o olhar agradecido da mulher e nem olhara de novo para o bebê. Ao acaso, começou a andar para cá e para lá na sala de estar, tocando em pequenos objetos, olhando ligeiramente para uma foto de S. P. em seu vestido de noiva e rapidamente deixando-a de lado, como se não pudesse suportar aquela visão. Ele não permitira que Lindsay mantivesse fotos de sua filha no apartamento em Nova York. "Ele não quer nenhuma lembrança", pensou Lindsay com tristeza. "Nem sequer deseja ver o neto."

Robin nada disse, mas sabia, tanto quanto Lindsay, que, embora Geoff tivesse parecido enternecer-se por um instante, era incapaz de aceitar John. Em sua mente, o menino, como seu pai, tinha tirado dele a coisa mais preciosa do mundo. Geoff não conseguia tolerar a presença de Robin. E nem mesmo estar próximo daquela inocente criança. "Eu tinha tantas esperanças", pensou Robin. "Desejava que os dois se afeiçoassem um ao outro. Não há jeito. Geoff não pode dominar-se."

— Acho que devemos ir para o hotel, Lindsay. Ainda não vimos sequer nossas acomodações. Eles podem até ceder nossa suíte para outra pessoa.

— Está bem, Geoff. — E Lindsay devolveu o pequeno John à babá. — Obrigada por cuidar dele tão bem, Sra. Graham. Posso notar o quanto a senhora quer bem a ele.

— Eu lhe quero muito, realmente, Sra. Murray. Ele é uma criança tão boa! E o Sr. Darnevale é um pai excelente. Não é comum encontrar-se um homem tão paciente e dedicado como seu genro, senhora. Ele dá a vida por este menino. A senhora devia ver Johnny quando o Sr. Darnevale chega a casa à noite. Seu rostinho se ilumina como uma árvore de Natal acesa!

Robin se esforçou por rir.

— Está exagerando, Sra. Graham. Ele a ama mais do que a mim.

— Não creia nisso nem por um minuto, Sra. Murray, John fica esperando pelo pai. Isso pode parecer loucura minha, sendo ele tão pequeno, mas é um fato. Sou testemunha disso.

— Estou certa de que é assim — disse Lindsay. — O Sr. Darnevale está simplesmente sendo modesto.

— Lindsay! — A voz de Geoff era quase ríspida. — Temos que ir.

Lindsay assentiu.

— Janta conosco esta noite, Robin?

Ele hesitou antes de dizer:

— Bem, se vocês não estiverem muito fatigados...

— Que conversa é essa? — interveio a Sra. Graham. — O senhor bem que esperava jantar com seus sogros. Estou preparada para ficar aqui esta noite.

— Ela me dirige um bocado — disse Robin, sorrindo. — Está certo. Apanho vocês por volta das oito, está bem? Acho que podemos jantar no Maxime's. — Voltou-se para Geoff. — Isso está bem para o senhor?

— Ótimo. Adeus, Sra. Graham. Tive prazer em conhecê-la.

— Tenho certeza de que o verei de novo, Sr. Murray. Estarão de volta amanhã, não? Geoff já estava a meio caminho da porta e fingiu não ter ouvido a pergunta.

Lindsay e Geoff partiram de Chicago na tarde seguinte. Lindsay foi ao apartamento de Robin para lhe dar uma explicação, mas ele a interrompeu:

— Não precisa me dizer nada. Percebi tudo ontem. Ele não pode aceitar John. Dói-lhe muito ver o filho de S. P. Eu entendo.

— Sinto muito — disse Lindsay, constrangida. — Ele agiu como um surdo-mudo durante o jantar de ontem. Deve ter sido uma agonia para você também. Peço-lhe desculpas. Ele não consegue evitar isso. Geoff, como você sabe, é um homem sensível. Talvez um dia venha a se sentir forte o bastante para se resignar com o que aconteceu. Pensei que ele estava preparado para tal. Parecia estar realmente quando conversamos sobre essa viagem, em Nova York. E ontem mesmo, por alguns minutos, esperei que...

Robin a interrompeu:

— Eu sei. Todos nós esperávamos que as coisas se passassem de modo diferente. *Ele* inclusive, mas só que não pôde controlar-se. — Assumiu uma expressão compreensiva — Deve ser duro para você viver com esse tipo de mágoa. Sei que já tem sofrido bastante, mas sabe enfrentar os fatos, mesmo quando são detestáveis. Eu faço o mesmo, também, o melhor que posso. Temos que seguir em frente. Mas o que dizer dele?

Lindsay balançou a cabeça, dizendo:

— Não sei, Robin. Simplesmente não sei.

No avião de volta para Nova York, Geoff, meio embaraçado, tentou se desculpar:

— Sei que está desapontada, Lind. Eu também. Queria ser capaz de me afeiçoar àquela criança. Mas não consigo. — Sua voz estava quase inaudível. — Ontem, quando você disse que eu o estava esmagando em meus braços, quase desejei matá-lo, que Deus me perdoe. Sei que ele é inocente, mas, quando o contemplei, eu o odiei. No primeiro momento fiquei comovido e pensei que estava errado, que poderia amá-lo. Mas então eu... eu a vi. E tudo me voltou à mente, toda a indignação de recordar que se não fosse por aquele bebê ela ainda estaria viva. Sei que sou um idiota ao me sentir desse modo, mas nunca conseguirei mudar.

Esperou que Lindsay o recriminasse, que lhe dissesse que era egoísta e cruel e virtualmente insano. Esperara ouvir isso na noite anterior, quando dissera a ela que queria voltar logo para casa. Mas Lindsay não ficara zangada. E nem agora. Somente triste, penalizada. E incrivelmente compreensiva.

— Você não pode evitar sentir o que sente, Geoff. Lamento por você; está perdendo algo maravilhoso. Mas não consegue ordenar à sua mente que aceite o que seu coração não deseja.

A delicadeza dela o surpreendeu. Naqueles dez dias desde a sua volta da Inglaterra, Lindsay parecia outra pessoa. A antiga Lindsay, zangada, rebelde, desaparecera. A mulher que voltara da viagem era quase serena, como uma irmã dedicada. O que teria acontecido lá?, ele se perguntou. O que provocara aquela mudança completa de atitude? Na noite anterior dissera-lhe que poderia ficar mais tempo em Chicago, ainda que ele não pudesse permanecer ali, mas ela recusara.

— Não, voltarei com você. Posso vir aqui de novo se sentir vontade. Acho que você necessita mais de mim do que Robin e John. Não quero que você volte sozinho para aquele apartamento vazio.

Teriam aquelas três semanas distantes dele causado tal alteração de personalidade? Era difícil acreditar nisso. E mais difícil ainda pensar que se tratava de algo permanente. Ele sentia alegria e pena ao mesmo tempo. Àquilo tornaria a vida mais agradável no lar, mas também o faria sentir-se mais culpado por não mais amar Lindsay.

E fazia com que pensar em Adele se tornasse inteiramente impossível.

Capítulo 24

Em meados de agosto, Lindsay resolveu voltar à Europa. Estava em casa há apenas seis semanas, mas tinham sido semanas de angústia. Seu relacionamento com Geoff era de uma placidez enervante. Nada de discussões, nem cenas, mas também nenhum calor. "Nosso casamento tornou-se algo totalmente descolorido", pensava Lindsay com mágoa. "Apagado. Liquidado. Como é possível amar de dois modos diferentes? Pois é o que estou fazendo. Ele aí está, meu marido, e eu ainda o amo, mas a vida com ele é como um desenho esfumado. Uma pálida e monótona imagem, de cores suaves demais."

Essa comparação a fez evocar Adele e o apartamento dela, todo mergulhado em penumbra e suavidade mórbida. Lindsay não voltara àquele apartamento desde a noite em que seu pai morrera. Geoff tinha voltado lá. Ele gostava daquela mulher, E Lindsay ficou imaginando se ele ainda a visitava de vez em quando na volta do escritório para casa. Geoff não lhe contava se estava indo lá, tal como fizera naqueles dias após a morte de Howard, quando Adele não preenchia nem mesmo um cheque para pagar a conta do telefone sem pedir a opinião dele. Lindsay não sabia se tais visitas prosseguiram. Riscara Adele de sua vida, raramente pensava nela. Por algum motivo, imaginava que Geoff teria feito o mesmo. Evidentemente, ele não estava interessado em nenhuma mulher, nem mesmo em sua esposa.

Um mês após a infeliz viagem a Chicago, Lindsay tinha, mais uma vez, sugerido que Geoff consultasse um psicanalista. Já mencionara isso antes e Geoff rejeitara com irritação a idéia de que sua impotência pudesse ser curada terapêuticamente. Dessa vez ele simplesmente movera a cabeça com resignação, sem sequer retrucar. Lindsay teve então o primeiro assomo de zanga desde a sua volta da Inglaterra.

— Que diabo, Geoff, você não quer ficar bom? Nem sequer tem curiosidade em saber o que provocou esse seu problema?

Ele não reagiu com irritação. Disse apenas:

— Eu sei qual é a causa. E você também.

— Não. Está errado em atribuir isso à morte de S. P. Antes, você já estava desinteressado de mim. Mas mesmo que eu aceitasse nossa perda como um motivo para a sua total abstinência sexual, ainda diria que há algo fora do normal. Essa situação já perdura há oito meses. As pessoas nunca se recuperam inteiramente do choque da morte de um filho, mas não cessam de viver como mulheres e maridos normais. Pelo contrário, costumam ficar ainda mais unidos, pelo menos por um conforto mútuo, se não por outro motivo.

— Sinto muito, Lind, mas as coisas não têm funcionado assim para mim. Sei que isso é duro para você, que é uma pessoa sadia. Mais cedo ou mais tarde, você encontrará um homem que a ame. Sei disso. Eu a estou arrastando para esse caminho.

"Pare de se fazer de mártir!", ela desejou dizer-lhe. "Seja homem, como costumava ser!" Mas evitou essas palavras de exasperação.

— E isso não o incomodaria?

— Já lhe disse certa vez que sim. Mas teria que aceitar o fato.

Ela sentiu-se tentada a dizer-lhe que já encontrara um amante. Mas por que dizer isso? Não acreditava que ele acolhesse calmamente tal revelação. "Ninguém agiria assim, a menos que ele não ligue a mínima para mim", pensou Lindsay, e ela não podia crer que isso fosse verdade. Sentia que ainda era amada por ele. Não desejava fazê-lo mais infeliz do que já era.

Quando ela anunciou que ia voltar à Europa, Geoff simplesmente disse:

— Tão cedo assim?

— Deixei muitas coisas pendentes lá. Desde que voltei, tenho ouvido falar de outros lugares onde ainda não estive, no norte da Inglaterra. E devo ir à França também, ainda que estejamos na temporada de turismo e provavelmente o país esteja formigando de

gente. — Sentiu-se um pouco envergonhada, afinal Geoff não demonstrava nenhuma desconfiança. — Você não se importa, não é?

— Não. Você é livre para fazer o que deseje. Lindsay ansiava por dizer que desejava realmente estar com ele, na intimidade. Em Reg ela só encontrava a simples satisfação sexual, e teria deixado de lado aquela aventura para sempre se pelo menos Geoff demonstrasse amor por ela. Sabia que estava usando Reg. Tal como Howard usam outras mulheres, e assim como Geoff outrora usara Pamela. Reg preenchia uma necessidade. Era uma conveniência, nada tendo a ver com os seus sentimentos mais profundos. E se perguntou se isso fazia dela uma "mulher imoral". "Não", pensou, "isso me torna uma mulher moderna, livre de antigas restrições e tabus. Como um homem, posso fazer sexo sem envolvimento emocional."

Mas não podia crer sinceramente, como fazem algumas livres-pensadoras, que um caso extraconjugal ajudasse a manter um casal unido. Algo em algum canto de sua consciência a molestava. Na verdade, aquela liberação tornara-lhe possível permanecer casada com Geoff. Mas não do modo como teria preferido estar casada. Absolutamente não.

"Tudo bem", ela se disse severamente, "já basta dessa história! Vá ao encontro de Reg e deixe de lado essas ansiedades e angústias. Você não tem outra alternativa."

Telegrafou para a agência de carros Coronet, em Londres, dando o número de seu voo e a hora de sua chegada. Também acrescentou: SOLICITO OS SERVIÇOS DE REGINALD MARKS DURANTE MINHA ESTADA. ELE É MUITO COMPETENTE E PRESTATIVO.

Bem, aquilo era uma verdade. Ela esperava que mostrassem o telegrama a Reg. Ele acharia aquilo divertido. Era mais pitoresco "contratar seus serviços" daquele modo. Pelo menos isso lhes daria assunto de conversa.

Durante duas semanas após a partida de Lindsay, Geoff não foi ver Adele. Decidira não vê-la mais. Com que objetivo o faria? Sentia-se receoso de ficar realmente envolvido. Nem sequer lhe telefonara desde que Lindsay voltara da viagem anterior, em fins de junho, exceto para lhe dizer que iria a Chicago com sua mulher. Depois não voltara a telefonar, quase envergonhado de admitir como se sentira em relação a seu próprio neto. Mais do que isso, não se arriscaria mais a ver Adele a sós. Seria injusto para com Lindsay, que se mostrava tão boa e paciente.

Mas se sentia terrivelmente só. Embora agindo como estranhos educados, ele sentia falta de sua mulher. Sentia falta da presença de uma outra pessoa no apartamento vazio, daquele rosto encantador do outro lado da mesa de jantar, do estímulo da conversa animada de Lindsay acerca dos progressos notáveis de seu negócio de antiguidades.

Tinha dificuldade para dormir, e certa noite, quase de madrugada, subitamente percebeu, para sua alegria e surpresa, que a desejava. Essa descoberta o encheu de júbilo. Evocou seu relacionamento amoroso de antes, em todos os seus detalhes, e sentiu voltar a antiga ansiedade. "Droga", pensou então, "não foi realmente uma sorte voltar a sentir essa necessidade, agora que ela se acha a milhares de quilômetros de distância." Mas se aquela premência voltasse, ele a amaria de novo. Teria que dizer a ela. Talvez Lindsay encurtasse sua viagem e voltasse para casa para se unirem de novo.

Consultou o itinerário de viagem que ela lhe dera, para o caso de surgir alguma emergência. Lindsay devia estar agora no sul da França, em Beaulieu, num hotel chamado La Reserve. Consultou seu relógio. Meia-noite. Seriam seis da manhã lá. Era cedo para um telefonema, mesmo tratando-se de uma ocasião especial. Mas ele não podia esperar mais para compartilhar aquela boa nova com Lindsay.

Com um sentimento de júbilo, fez uma ligação de pessoa a pessoa. Após uma curta pausa, ouviu a telefonista francesa falar com o porteiro da noite do La Reserve.

— Ligação de Nova York para a Sra. Murray.

Uma voz masculina com um forte sotaque soou distante, mas audível.

— *Attendez, s'il vous plaît*¹². Ah, sim. Suíte 16. Desejam falar com Mme Murray ou com M. Murray?

Como se Geoff não tivesse podido ouvir a conversa, a telefonista de Nova York perguntou:

— O senhor deseja falar com a Sra. Murray ou com o Sr. Murray?

"Idiotas!", pensou Geoff.

— Não há nenhum Sr. Murray lá, telefonista. Estão enganados. — Esqueceu por um instante que o porteiro francês também poderia ouvi-lo. — Esse tolo desse francês. Diga-lhe que está equivocado. Meu Deus, será que eles não podem fazer uma ligação correta?

Antes que a telefonista pudesse repetir a chamada, o porteiro respondeu friamente:

— Peço desculpas, madame, mas não cometi nenhum engano. O engano parte daí. Mme e M. Murray ocupam a suíte 16 deste hotel. Com qual deles o cavalheiro deseja falar?

— Senhor? — era a voz da telefonista de novo. — É mesmo com a Sra. Murray que deseja falar?

A mão de Geoff retesou-se em torno do fone.

— Não tem importância. Cancele a ligação, por favor, telefonista.

Repôs o fone no gancho, sentindo-se paralisado. Lindsay estava com um homem no hotel. Algum canalha que estava até usando seu nome. "Como ela ousou...?", pensou furioso. "Por que não?", respondeu uma vozinha em seu íntimo. "Você contava com isso há muito tempo. Chegou quase a encorajá-la. Por que se sente tão ofendido, agora que isso aconteceu?" "Por causa do modo como ela procedeu", ele concluiu, procurando racionalizar o fato. "Meu Deus, se tinha que ter um caso, que tipo de homem resolveu escolher? Ela deve tê-lo atraído, deve estar lhe pagando a seu modo. Qualquer homem com alguns trocados no bolso teria alugado um quarto e usado seu próprio nome para registrar-se no hotel. Que homem de respeito e amor-próprio se prestaria a uma farsa dessas?"

Sentiu uma terrível desolação, visualizando Lindsay na cama com outro homem. Não estava preparado de maneira alguma para essa realidade. Mostrara-se bastante liberal com suas pretensas teorias sobre as necessidades de Lindsay, mas agora, quando a coisa o atingia, odiava a idéia de Lindsay pertencer, mesmo que temporariamente, a alguém que não ele. "Ela é sua mulher, que diabo! E você tem sido um marido

¹² "Aguarde um momento, por favor" Em francês no original. (N. do T.)

desagradável para ela", pensou logo a seguir. "Você provocou isso. Se tivesse dado a Lindsay aquilo de que ela necessitava, isso nunca teria acontecido."

Tudo bem, ela lhe perdoara suas infidelidades. Ele esqueceria as dela. Nem sequer lhe revelaria o que soubera há instantes atrás. Quando ela voltasse, ele estaria à sua espera pronto para amá-la de um modo que a faria esquecer quem quer que tivesse conhecido na Europa.

"Meu Deus", ele orou, "permita que tal aconteça. Não deixe que minha imaginação se interponha entre nós. Não quero visualizar essas imagens de Lindsay junto de um outro homem. Permita que eu me recupere de todo, para o bem de nós dois."

Ignorando aquela ligação telefônica, Lindsay estava feliz. O sul da França era tão belo, tão romântico; era tudo aquilo de que ela ouvira falar. A Côte d'Azur era o *play-ground* de gente elegante. Ela e Reg fizeram uma excursão pela região campestre, visitando aldeias mais afastadas. Dessa vez, ela sentava-se na frente, ao lado dele, no Mercedes que alugara.

— Não irei viajar através da França parecendo uma matrona idosa e ricaça refestelada no assento traseiro de um grande carro negro — disse ela quando Reg a encontrara em Londres. — Fiz o contato necessário com a Coronet visando a algo menos principesco, pelo amor de Deus! E pedirei a eles que deixem você me acompanhar à França. Eles o permitirão, não?

Reg sorria, retrucando:

— É algo muito normal, madame. Frequentemente somos contratados para prestar tais serviços fora do país. — E a olhara com desejo. — Tenho sentido sua falta, amor. Você não pode imaginar como me sinto feliz por vê-la de volta tão cedo.

— Tinha medo de que você encontrasse alguma garota se eu não viesse logo — brincara Lindsay então. — Um homem bonito e cheio de vida como você... Deve ter que se esquivar dos ataques das damas com bastões de beisebol... ou serão pás de críquete?

— Nem um nem outro. Não encontrei ninguém como você. Acreditaria se lhe dissesse que não estive com nenhuma mulher desde junho?

Lindsay sentiu um leve sinal de alarma. Ele não devia ir mais longe do que ela pretendia que ele fosse. "Claro que ele me entende", ela se disse. Reg era alguém que se ajustara ao papel de amante. Mas não devia interpretar mal o fato de ela ter retornado tão depressa. Ela não o amava; simplesmente necessitava dele. E não lhe diria que não tinha tido nenhum outro homem também. Isso pareceria como se estivesse comprometida com ele.

— Acho que você é um mentiroso adorável — disse, alegre e casual. — Você é um amor por não querer melindrar meus sentimentos, mas não precisa fazer isso. Não espero merecer fidelidade, pelo amor de Deus, exceto quando vivo com alguém! E aí então, por Deus, eu a exijo! E o mesmo vale para você, meu querido.

— Você é bonita, Lindsay.

— Claro — ela retrucou em tom jocoso. — Todo mundo sabe disso.

Mas havia algo diferente nele dessa vez. Não discutira quanto a nenhuma das gestões que ela fizera, nem mesmo quando se registraram nos hotéis sob o nome de Sr. e Sra. Geoffrey Murray. Não fora fácil fazer isso. Era necessário apresentar passaportes,

mas Reg, com uma nota de vinte ou cinqüenta dólares, do bolso de Lindsay, conseguia sempre convencer o gerente a "abrir uma exceção".

— Você poderia registrá-la como Sra. Marks — dissera ele calmamente ao gerente —, mas a senhora não deseja que alguém no hotel venha a saber de nosso... arranjo. Por isso ela quer que a suíte seja registrada em nome de M. e Mme Murray. — E Reg sorria com ar cúmplice para o gerente do hotel. — O senhor sabe como são os americanos. Tão preocupados com as aparências...

O francês acreditava que devia fechar os olhos a certas coisas quando se tratava de questões de amor. Além disso, sabia, como seus outros colegas, que todos os americanos eram peculiares, especialmente as mulheres ricas que faziam uma *tourné*e com seus amantes. Mas tudo aquilo parecera a Reg uma idiotice. Teria sido simplesmente mais fácil para ele alugar um quarto e passar as noites na suíte de Lindsay, mas ela tinha um modo estranho e obstinado de encarar esse fato.

— Desejo acordar com você ao meu lado. Sei que os garçons e camareiras de hotel não ligam a mínima — ela dissera —, mas ficarei mais à vontade se a gerência e todos os demais que encontrarmos aqui pensarem que somos casados. — Sorria ao acrescentar: — Parece uma ingenuidade, não é? Mas faz com que me sinta mais relaxada.

"Muito bem", pensara Reg. "Se isso a torna feliz, que diferença faz?"

— Você é uma tolinha, sabia? Toda esta confusão e dinheiro gasto à toa. Por que não nos registramos como Sr. e Sra. Reginald Marks? Podíamos explicar que seu passaporte foi emitido em seu nome profissional ou algo assim. Por que temos que ser os Murrys? Eu não me importo, realmente, mas se você me chamar Geoffrey em público provavelmente não responderei.

— Querido, tenho que ser conhecida aqui por meu próprio nome, para o caso de haver alguma emergência em minha casa. Minha mãe já está com setenta e oito anos. Nunca se sabe o que pode acontecer. E tenho um netinho. E também há meus negócios. Lá na loja podem querer me telefonar.

— E seu marido?

Estaria ele demonstrando um certo ciúme?

— Ele não vai telefonar. Não temos muito a dizer um ao outro, mesmo quando frente a frente.

Tudo funcionara às mil maravilhas. Permaneceram naquela região durante todo o mês de setembro. Finalmente, fizeram calmamente de carro o trajeto de volta da bela zona rural francesa até Paris, pernoitando aqui e ali em alguma encantadora hospedaria, comendo pratos interessantes, bebendo ótimos vinhos e fazendo amor apaixonadamente. Lindsay procurou fazer muitas compras para justificar depois a viagem de negócios. Na verdade, ela não necessitava de nada. Já adquirira muita coisa na Inglaterra, em junho, para atender ao movimento de vendas durante todo o outono, mas deparara casualmente com algumas adoráveis peças antigas de mobiliário francês. E estava encantada com seus novos tesouros.

Em Paris, decidira que aquela coisa de "Sr. e Sra. Murray" era arriscada demais. Havia muita possibilidade de esbarrar com alguém que conhecesse de Nova York. Além disso, no Plaza Athénée não seriam tão compreensivos acerca de "facilidades" quanto a passaportes pouco ortodoxos. Ela e Reg providenciaram quartos separados, passando as

noites junto na suíte de Lindsay, mas tomando o cuidado, como haviam feito no Savoy, de que ela estivesse sozinha em seus aposentos na hora do desjejum.

Em Paris, Lindsay resolveu tomar o avião de volta a Nova York, enquanto Reg levaria o Mercedes de volta a Londres. Tinham estado juntos por cerca de seis semanas. Era início de outubro, e Paris mostrava-se doce e mais romântica, de certo modo, do que a quente e ensolarada Côte d'Azur.

— Detesto a idéia de me separar de você, querido — disse Lindsay em sua última noite em Paris.

— Tem que partir?

— Você sabe que sim. Nada mudou, Reg querido. Eu ainda tenho uma família. Tenho que ir para casa.

— Eu sei. Tem sido maravilhoso, Lindsay.

— Perfeito.

Reg não lhe perguntou quando ela voltaria. Segundo um acordo tácito, eles se comportavam como se soubessem de antemão que haveria um reencontro, não havendo assim nenhuma necessidade de formular perguntas. Às vezes, Lindsay sentia a injustiça daquele acordo. Tudo estava bem e era bom para ela ter dois mundos distintos. Mas e para Reg? Ela lhe perguntara certa vez se ele não viria a se casar algum dia.

— Você sofreria com isso? — disse ele, brincando.

— Somente um pouco. Sou desagradavelmente egoísta, mas somente até certo ponto. Você *devia* se casar, Reg. Seria um marido maravilhoso.

— Lindsay, eu lhe disse da primeira vez em que nos encontramos que não posso ter o tipo de mulher que desejo. — Com uma franqueza inabitual nele, acrescentou: — E agora sei que isso é uma verdade. Encontrei a única mulher que desejo e não posso tê-la, a não ser de quando em quando.

— Não diga uma coisa dessas! Você não fala a sério. Sabe que não é possível. Não me faça sentir pior do que já me sinto.

Ele a abraçou com mais força, dizendo:

— Não estou contando com nada, meu amor. Você sabe disso. Nós nos entendemos perfeitamente. — Riu com naturalidade. — Acredite em mim, todos os meus amigos sabem que sou um solteirão inveterado. Não seria correto desapontá-los.

Ela sorriu do modo como ele imitara o jeito de falar da aristocracia inglesa, mas sentiu um aperto no coração. "Se pelo menos Geoff me amasse desse modo", pensou. "Ou se ao menos eu amasse Reg o bastante para ousar tentar uma vida a dois com ele." Ambas as hipóteses eram, lamentavelmente, impossíveis.

Embora contrariando sua determinação anterior, no dia seguinte ao do telefonema feito para Paris, Geoff rey resolveu procurar Adele. Discutiu muito consigo mesmo antes de fazer isso. Era perigoso. E injusto para ela. Ele era um desprezível idiota, mas estava solitário e, apesar da atitude superior que tentava assumir, sentia-se magoado e desapontado com a infidelidade de Lindsay. Por outro lado, não devia ignorar o retorno de seus apelos sexuais. Não havia uma explicação para isso. Talvez, como dissera Lindsay, ele finalmente houvesse superado a crise da perda de S. P., e com a sua recuperação emocional seu bem-estar físico tivesse sido restaurado.

"Faz quase nove meses", pensara tristemente, "que perdemos S. P. Nove meses de gestação, nove meses de pesar." Como uma mulher ao gerar um bebê, talvez ele também tivesse encerrado o ciclo.

O curioso é que poderia ter mantido sua resolução de aguardar a volta de Lindsay não fosse a intervenção de Gladys O'Reilly. Na manhã seguinte à sua descoberta de que havia um outro "Sr. Murray", ele chegara cedo ao escritório, conturbado e com os olhos vermelhos. Passara uma noite insone e sabia que sua aparência era tão terrível como seu íntimo.

— O senhor está bem? — perguntou a secretária com solicitude. — Não está com um ar bem-disposto, Sr. Murray. Há algo que eu possa fazer?

— Não, obrigado. Estou apenas um pouco indisposto. Provavelmente foi algo que comi e não me fez bem.

— Ou que *não* comeu. Não creio que esteja se cuidando bem, já que a Sra. Murray se acha ausente. Aquela sua cozinheira estará alimentando-o adequadamente?

Gladys estava se parecendo tanto com uma mãe preocupada que Geoff chegou a sorrir.

— Não se aflija por minha causa, Gladys. A comida tem estado ótima. Acontece apenas que não tenho muito apetite. Comer sozinho é um bom modo de se perder peso. Talvez venha a escrever um livro sobre isso. Manuais sobre dietas costumam virar *best sellers*. Eu poderia intitulá-lo: *Emagreça graças à solidão*. Ou talvez: *Receitas para os abandonados*. O que você me diz?

— Não acho que isso seja divertido.

— Desculpe. Presumo que tenha razão. Esta não parece ser uma manhã propícia para tiradas humorísticas. O fato é que não consegui dormir ontem à noite. Hoje à noite pretendo compensar isso. Irei me deitar às oito, apagarei a luz às nove, e amanhã estarei tão bem como qualquer outro homem de meia-idade um tanto desconjuntado. Não se preocupe, Gladys.

"Não se preocupe" era a frase predileta de Pamela. Raras vezes pensava nela. Mal conseguia evocar perfeitamente seu rosto. Mas podia lembrar-se ainda do jeito dela, de seu riso e do seu modo de amar. O rosto de Geoff suavizou-se com essa evocação, fazendo-o parecer mais moço e vulnerável.

Impulsivamente, Gladys saiu de seu natural pela primeira vez em quinze anos.

— Sr. Murray, gostaria de jantar comigo hoje?

Geoff ficou surpreso:

— Como?

— Por que não janta em meu apartamento? Posso não ser tão boa cozinheira como a que o senhor tem em sua casa, mas sou uma companhia melhor. Vou preparar dois filés e uma salada. Pode levar uma garrafa de vinho, se assim desejar. O senhor necessita de companhia. — Hesitou e então disse, objetivamente: — Companhia *feminina*, eu presumo. — E não havia senão um sentido óbvio em seu olhar.

Geoff ficou olhando-a fixamente. "Meu Deus, Gladys está me fazendo um claro convite! Após todos esses anos. Nem posso acreditar. Ela está com pena de mim. Caramba, devo estar realmente parecendo uma cesta de roupa usada para merecer tanta piedade!" Tentou levar para o terreno da brincadeira aquele convite declarado.

— Que é isso? Estamos no Dia de Seja-Gentil-com-Seu-Patrão? — Sorriu. — É muita delicadeza sua, mas já basta ter que me aturar o dia todo aqui. Ter que me tolerar à noite também é algo acima e além dos limites do dever. Seja como for, muito obrigado, Gladys. Talvez você e Harry possam ir jantar comigo uma noite dessas.

— Não pensei em incluir Harry. Seríamos apenas o senhor e eu. Uma noite agradável e sossegada em casa. Harry está no interior visitando a mãe. Como vê, estou tão solitária como o senhor.

O significado de tais palavras era óbvio, mas Geoff ainda tentou fingir que não entendera.

— Nenhum de nós dois irá morrer por causa dessa solidão passageira. Aprecio realmente sua bondade, mas o convite fica para outra ocasião. Você não deve se preocupar comigo, embora isso seja uma qualidade sua e eu a aprecie. Você é uma boa amiga.

Gladys olhou-o como se desejasse feri-lo.

— Amiga? É esse o único modo como sempre me encarou? Como uma amiga? O senhor estará cego, por acaso? Não pode perceber que sempre o amei...

Geoff a interrompeu.

— Não diga nada que ambos possamos lamentar depois. Estou muito lisonjeado e agradecido. Você é uma mulher compreensiva. Meu Deus, trabalhamos juntos num convívio tão permanente que você parece fazer parte de mim mesmo. Não suportaria perder sua colaboração. Não jogue isso fora. Não torne impossível para nós continuarmos a trabalhar juntos.

"Não se humilhe", ele pensou, mas não disse. "E não diga coisas que me farão sentir um patife, porquanto não a desejo como você parece me querer. Estou desvanecido, isso é verdade. Desejo alguém, mas não dessa maneira. Não como um pequeno caso vulgar que se converteria num transtorno na manhã seguinte."

Gladys aprumou-se com ar orgulhoso.

— Eu lhe peço desculpas, Sr. Murray. Por favor, perdoe-me por esquecer o meu lugar.

— Gladys, sabe que não falei nesse sentido. Acontece simplesmente que eu...

— Não tem importância. Cometi um engano. Vamos esquecer isso, está bem? — E passou a se ocupar com a arrumação de papéis que estavam sobre a mesa de Geoffrey.

— Acho que seria conveniente o senhor retribuir aquelas chamadas telefônicas em primeiro lugar. E Ben Barker deseja vê-lo para tratar da campanha publicitária na Rádio Mammoth. Deseja alguma coisa mais?

Geoffrey sentia-se meio tolo e desconfortável.

— Não. No momento não. — Procurou de novo se explicar: — Por favor, não fique zangada. Você é muito desejável. Acontece apenas que sei que você... isto é, que nós iríamos lamentar esse envolvimento. Esses romances de escritório nunca dão certo. Além disso, você tem Harry.

— E o senhor? O que tem? Uma esposa aborrecida que o ama tanto que corre para a Europa em qualquer oportunidade que lhe apareça? Ou talvez aquela tola desenxabida, que desejaria ter podido casar-se com o senhor em vez de com seu sogro? O que o faz

tão terrivelmente puro, Sr. Geoffrey Murray? É indigno do senhor ser amado por uma secretária? Vai para a cama unicamente com mulheres que figurem nas colunas sociais?

Ele sentiu-se aborrecido. Por que deixara aquilo chegar a tal ponto? Por que simplesmente não a deixara sair da sala com dignidade quando ela procurara fazê-lo? Não, tivera que tentar se explicar, minimizar sua recusa, e agora ela acabara desabafando. Após aquelas palavras explosivas, ela não iria se conter. Qual, as mulheres! Não pôde deixar de maldizer também sua falta de tato. Respirou fundo antes de dizer:

— Gladys, se pensa desse modo, não sei como poderemos continuar trabalhando juntos.

— Não tem que se preocupar quanto a isso. Aceite minha demissão a partir deste momento.

Quis retê-la, dizer-lhe que aquilo era uma tolice, que ocorrera apenas um mal-entendido idiota. Talvez ele estivesse errado e devesse ter aceitado o convite dela. Gladys era uma mulher inteligente. Talvez pudesse vir a agradá-lo. "Mas eu poderia?", perguntou-se. "Não. De modo nenhum." Não podia se imaginar como o patrão que faz amor com sua secretária e depois entrega-se totalmente aos negócios do escritório.

— Muito bem, sinto muito, Gladys. Sinto terrivelmente o que houve.

— Não lhe pedirei desculpas — ela retrucou francamente. — Estou contente por ver agora o esnobe que o senhor realmente é.

Depois que ela saiu, Geoffrey ficou sentado muito tempo, olhando fixamente para a porta fechada de seu escritório. Presumiu que deveria sentir uma espécie de orgulho ridículo de macho por ser alvo de um desejo tão veemente. Muitos homens ficariam contentes em saber-se ainda atraentes o bastante para serem convidados a fazer amor sem ter que pedi-lo. Mas ele se sentia apenas vazio e desconfortável. Teria Gladys razão? Haveria alguma espécie de consciência de classe em jogo que o capacitava apenas a relacionar-se com mulheres de seu próprio meio? Isso parecia verdade. Lindsay era alguém de seu ambiente social. Pamela procedia de uma família distinta. Ele não estava computando aquelas mulheres sem rosto que costumava encontrar em suas andanças fora da cidade. Elas não contavam com um caso duradouro; eram o entretenimento de uma única noite, não significando mais do que se presenciasse um *show de striptease*.

Ele tinha consciência do desejo despertado. Por quê? Seriam as lembranças dos atos amorosos do passado ou o excitamento de ver Gladys se oferecendo a ele? Ouvira falar que muitos homens ficam mais apaixonados após uma discussão. Isso nunca acontecera com ele, mas agora estava quase fremente de desejo. Antes que viesse a mudar de disposição, discou o número do telefone de Adele.

— Gostaria de ver você esta noite, se não tiver compromisso.

Ela deu a impressão de estar aguardando aquele telefonema.

— Gostaria também de vê-lo. Pode vir para jantar?

— Ótimo. Às sete?

— Ficarei à sua espera, Geoff.

Ele desligou o telefone e recostou-se em sua grande poltrona, imaginando por que acabara de fazer aquilo que justamente decidira não fazer. "Apetite sexual", pensou,

irritado. "Você é um velho sedutor devasso." Sabia que iria para a cama com Adele naquela noite, se ela deixasse, e duvidava muito de uma recusa.

"Por que não?", pensou, zangado. "Lindsay faz o que deseja. Não posso eu fazer o mesmo?" E quanto a Adele... Acreditava que ela jamais tivesse sabido o que era estar com um homem viril. Desconfiava de que por trás daquela aparência recatada houvesse uma mulher apaixonada, acessível, que nunca fora despertada plenamente pela figura paternal que ela desposara.

Por um curto momento, o antigo receio de que não pudesse ter um bom desempenho sexual voltou a incomodá-lo, mas foi apenas uma aflição momentânea. Dispunha de algo mais que indícios de que tudo estava bem com ele de novo. Sua pulsação se acelerara. "Meu Deus", pensou, "se Adele não me quiser, ficarei louco!"

Não precisaria ter-se preocupado. Tudo se passou como se Adele tivesse adivinhado seus pensamentos pelo telefone, ainda que as palavras por eles trocadas tivessem sido tão casuais. Ela o recebeu à porta vestindo um cafetã que era quase um convite à visualização de suas formas, e essa acolhida revelou a Geoff o que ele precisava saber.

— Dispensei a cozinheira esta noite — disse Adele. — Ela deixou preparado para nós dois um prato frio. Poderemos jantar quando desejarmos.

Geoffrey olhou-a, maravilhado com a sua naturalidade. E Adele sorriu.

— Nós nos conhecemos há muito tempo para agirmos com timidez, não é assim, Geoff? Sua voz ao telefone disse tudo. Você não sabia disso, sabia? Foi a voz mais sedutora que jamais ouvi. — Enlaçou-lhe o pescoço com seus braços. — Há anos que esperava ouvir essa voz, Se você não acredita, tentarei convencê-lo.

Ele a abraçou com firmeza, sentindo a tepidez do corpo dela sob a túnica diáfana.

— Tem certeza, Adele? Não posso lhe propor casamento. Nós dois o sabemos.

Ela sorriu, compreensiva.

— Não estou contando com casamento. Somente com amor. — Recuou a cabeça e riu. — Nem mesmo com amor, talvez.

Geoff beijou aquele pescoço esguio e alvo, e então, mais apaixonadamente, aqueles lábios entreabertos. Como estava faminto. Como se achava ansioso e carente de carícias.

— Fico contente em saber que o jantar pode esperar — ele sussurrou. — Não tenho certeza de quando estarei pronto para apreciá-lo.

Adele rodeou-lhe as costas com seus braços e disse suavemente:

— Carregue-me.

Geoffrey a segurou em seus braços, surpreso ao sentir o quanto ela era leve. Os olhos de Adele estavam fechados agora, um sorriso adejava em seus lábios. Apesar dos anos já vividos, ela era como uma criança sensual.

"Vai ser maravilhoso", pensou Geoff enquanto se acercava do quarto de Adele. "Como é fabuloso sentir-me deste modo de novo. E saber, com certeza, o que irá se passar..."

— James deve ter sabido — ele disse mais tarde. — Ele devia ter intuído perfeitamente que você era a mulher mais excitante do mundo. Por Deus, Adele, por que você gastou sua juventude com aquele homem idoso?

Ela pôs o indicador levemente sobre os lábios dele.

— Silêncio! Não vamos falar do passado, ou do futuro.

E Geoffrey engoliu as palavras que desejava dizer.

"Seja prudente, Geoff. Reflita bem antes de falar. Assegure-se de que deseja que isso dure mais do que uma noite. Talvez você esteja empolgado pelo triunfo de um momento. Não se precipite. Há muitas coisas a considerar. Espere. Vá devagar."

Mas quando Lindsay voltou, ele já sabia que estava plena e voluntariamente cativado por Adele. Restava somente contar tudo a ela.

Capítulo 25

Lindsay voltou para casa decidida a refazer seu casamento. Sentiu-se um pouco desapontada por Geoff ter enviado um carro com chofer ao aeroporto para apanhá-la. Ela teria preferido que ele fosse pessoalmente recebê-la. "Sinto realmente falta dele", pensou. "Reg é maravilhoso, mas sinto falta de Geoff e da vida que ele representa. Temos vivido *bem* juntos. Houve alguns anos ruins, os mais recentes, mas se eu tentar com empenho sei que posso ajeitar as coisas, porque este é o caminho que desejo seguir. Não tenho sido dedicada o bastante e nem tenho me dado o suficiente. De hoje em diante, vou me dedicar a ele, a nós."

Chegara até a pensar em renunciar a seu antiquário. "De certo modo, isso ameaça Geoff. Os homens não gostam de mulheres bem-sucedidas, independentes. A não ser que eles estejam tão seguros de si mesmos que não se ressintam de uma competição. Ao inferno com os negócios", pensou Lindsay. "Provei que podia ser uma negociante e isso já é o bastante para mim. Não necessito prosseguir com o negócio."

E não prosseguiria, também, com seu caso com Reg. Ele era afetuoso, dedicado, mas ela não o amava. Fora quase um alívio despedir-se dele. Aquele romance era intenso demais, muito absorvente. "Estou com quarenta e oito anos", pensou. "É demasiado para continuar agindo como uma moça de vinte e um, muito sexy. Gosto de ser amada, mas terei esse amor de novo com Geoff, e será algo familiar e satisfatório." Estava convencida de que graças a uma mudança de suas atitudes o antigo excitação poderia ser revivido. Não seria mais aquela paixão transbordante de sua juventude, mas um desejo mais moderado, mais firme, mais seguro, construído sobre a fundação sólida de anos compartilhados a dois.

Eram três da tarde quando ela chegou ao apartamento. Cumprimentou a empregada, tirou o casaco, deixou a mala no quarto e telefonou para o escritório a fim de dizer a Geoff que chegara bem. Então uma voz estranha soou pelo telefone privativo de Geoff.

— Gladys? É você? Sua voz parece diferente.

— A Srta. Reilly não trabalha mais aqui. Sou a Sra. Pawling. A secretária do Sr. Murray. Quem está falando?

Gladys não estava mais lá, após quinze anos? Lindsay não podia acreditar nisso.

— Sou a Sra. Murray. Meu marido está?

— Oh, Sra. Murray, seu marido deixou um recado para a senhora. Disse que vai chegar um pouco mais tarde a casa esta noite, mas estará aí a tempo para jantar.

— Entendo. Obrigada, Sra....

— Pawling.

— Sim, é claro. Sra. Pawling. — A curiosidade a acometeu. — O que houve com Gladys O'Reilly?

— Não sei dizer. Ela deixou o emprego muito de repente. Já estou trabalhando aqui há seis semanas.

— Está bem. Espero que esteja apreciando o serviço.

— Muito obrigada. É ótimo trabalhar para o Sr. Murray.

Como aquilo era estranho, pensou Lindsay assim que desligou. Não podia imaginar Geoff sem Gladys. O que afinal poderia ter acontecido? Tinha certeza de que Geoff não despedira Gladys, não após todos aqueles anos. Ele dependia dela para encaminhar a rotina daquele escritório. Nunca a deixaria ir. "Os homens não apreciam mudanças de qualquer espécie", pensou Lindsay. "Eles odeiam até quando se muda um móvel de lugar. Não gostam de ter que se acostumar a uma nova secretária. E permanecem ao lado de mulheres às quais não amam mais porque é um grande transtorno pensar em mudar de hábitos ou de residência." Não, Gladys devia ter-se demitido por algum motivo pessoal. Talvez tivesse se casado com aquele homem com o qual vivia, embora, pelo que Lindsay sabia, Gladys não fosse desistir de seu emprego mesmo que tivesse legalizado seu caso com aquele homem. E não teria aceitado um outro emprego mesmo que lhe oferecessem algo melhor. Era dedicada a Geoff. Às vezes Lindsay chegara a pensar que aquela mulher estava apaixonada por ele. Fazia votos para que Gladys não estivesse doente. Ela era uma boa pessoa, apesar de seu ar, às vezes irritante, de proprietária do patrão. Aquilo era um mistério. Teria que perguntar a Geoff tão logo ele chegasse.

Também se perguntava, admirada, o que haveria de tão importante para fazer Geoff chegar mais tarde a casa na primeira noite em que ela estava de volta. Talvez ele simplesmente não estivesse ansioso por revê-la. Afinal de contas, a idéia de uma vida nova era estritamente dela. Esperava que Geoff sentisse o mesmo, mas não sabia ao certo. Tinha escrito para ele da Europa, mas não obtivera resposta. Na ocasião isso não a preocupara. Afinal, estivera se movimentando tanto lá que era quase impossível que o correio a alcançasse. Mas agora sentia-se vagamente apreensiva. E se Geoff não desejasse um recomeço? Tólice. Naturalmente que ele ia querer. Por que não, se ela estava preparada para fazer todas as concessões?

Pensara em desfazer as malas, mas resolveu telefonar primeiro para sua mãe. E a voz ainda jovem de Pauline a fez sentir-se melhor.

— Seja bem-vinda, querida! Quando chegou? Como foi de viagem?

— Cheguei há dez minutos apenas. Tudo foi ótimo. Como você está?

— Muito ativa para a relíquia que sou. — Pauline tinha um toque divertido na voz. — Ainda longe de me aposentar e ficar em casa fazendo croché.

— E nunca vai parar. Você vai morrer com as suas botinhas Gucci, bem em meio a um debate em alguma reunião do comitê feminino.

— Lindsay, você é uma criança irreverente, mas eu a amo demais.

— Eu a amo também, mamãe. Pode vir jantar aqui amanhã?

— Darei um jeitinho de ir. Como está Geoff?

— Bem, eu suponho. Ele não pôde ir me receber no aeroporto e ainda não chegou. Você chegou a vê-lo enquanto eu estava fora?

Pauline hesitou.

— Não. Realmente não.

— O que quer dizer com "realmente não"? Você o viu ou não?

— Quis dizer apenas que ele telefonou várias vezes, mas não tivemos oportunidade de nos encontrar.

— É mesmo? Não sabia que ele andava tão ocupado. Eu o imaginava sentado aqui, sozinho, sentindo a minha falta. Ou, pelo menos, chorando no seu ombro, mamãe. — Estava brincando somente em parte. Geoff adorava Pauline. Da última vez que Lindsay viajara, ele a levava para almoçar várias vezes e a convidava para jantar em duas ocasiões. Por que se mostrara tão indiferente dessa vez? Por um instante ela se sentiu nervosa. Poderia isso ter algo a ver com Gladys O'Reilly? Isso poderia explicar o fato de Gladys ter deixado o emprego. Se ela e Geoff estavam tendo um caso, ele não iria deixar que ela continuasse a trabalhar no escritório. Esse não era o estilo dele, como não era o de Lindsay. Ela recordou que o ouvira dizer certa vez, acerca de um colega de trabalho: "Esse camarada é um idiota. Se ele tem que flertar com sua secretária, por que diabo não arruma um emprego para ela em outro lugar?" E Lindsay sentiu-se inquieta.

— Mamãe, você acha que Geoff está bem?

— Que quer dizer com "está bem"? Você teria sabido se houvesse algo com ele.

Lindsay suspirou, aliviada. Claro, estava sendo tola. Disse até-logo à sua mãe e desligou. "Só porque você tem-se comportado mal, Lindsay Murray", disse, troçando de si mesma, "não vá pensar que Geoff faz o mesmo." Tomou um banho repousante e demorado de banheira e usou o perfume que Geoff sempre apreciara. Vestiu um chambre justo de jérsei que realçava bem suas formas e caprichou bastante no penteado e na maquiagem. Sorriu largamente para si mesma diante do espelho ao terminar de se aprontar. "Sua feiticeira sabida", ela se disse. "Macacos me mordam se você não seduzir seu próprio marido!"

Pauline franziu a testa ao desligar o telefone. Evidentemente, Lindsay ignorava o que o resto de Nova York já sabia: que Geoff era visto em toda parte com Adele. Ela mesma não acreditara quando ouvira o primeiro comentário de uma velha amiga, que sentiu um prazer quase perverso ao fazer a fofoca.

— Achei que você devia saber, Pauline, que seu genro anda saindo com a viúva de seu falecido marido. Longe de mim querer espalhar por aí histórias desagradáveis, mas não toleraria que você viesse a saber disso por alguma pessoa estranha e maldosa.

Pauline olhara a outra fixamente, de boca aberta. Então rapidamente se recuperara, dizendo:

— Tolice! Não creio nesse falatório. Geoff e Adele sempre foram bons amigos.

— Pelo que ouvi, são muito mais que isso. — E a mulher adotou uma expressão pesarosa. — Oh, querida, por que tive de ser eu a lhe contar essa história? Posso imaginar como isso a afetou. Trata-se do marido de sua filha, e logo com aquela mulher terrível que roubou Howard de você.

— Ninguém roubou Howard de mim — disse Pauline friamente. — Eu me divorciei dele quando Adele e Lindsay ainda eram crianças. Quanto a Geoffrey ser infiel, estou certa de que se trata simplesmente de conjecturas maliciosas feitas por um bando de mulheres idosas e desagradáveis que nada têm de melhor para fazer do que inventar escândalos.

— Bem! Sinto muito se você me inclui nesse rol! Este é o agradecimento que recebo por quarenta anos de amizade! Estava tentando apenas alertá-la para que você pudesse prevenir Lindsay. Céus, não vale certamente a pena tentar ser bondosa!

— De boas intenções o inferno está cheio.

A mulher ficou escandalizada.

— Como pode ser irreverente numa ocasião como esta, Pauline Thresher? Todas as suas amigas estão tão sentidas com a humilhação que você sofreu!

— Aposto que estão. Elas provavelmente se desmancharão em lágrimas e estarão atentas a cada boato torpe que possam captar.

A amiga se afastara apressadamente para ir contar às outras, sem dúvida, que Pauline estava desolada. "Bem, pelo menos isso não será uma mentira", pensou Pauline. "*Estou* mesmo desolada, embora não o tenha demonstrado a essa velha fuxiqueira. Essa história não pode ser verdadeira. Geoffrey não poderia... Não com *ela*. Não com essa incômoda Adele, que já causou tantos dissabores."

Mas, no íntimo, ela sabia que aquilo era verdade. E sabia também que Lindsay teria um sofrimento sem remédio. Podia apenas rezar para que se tratasse de algo passageiro e que Lindsay não viesse a saber. "Deus sabe que *eu* não lhe contarei", pensou. "Não considero isso meu 'dever', como Howard certa vez pensou."

— Contarei a Lindsay hoje à noite.

Adele olhou-o com ar desolado.

— Oh, Geoff, odeio que você tenha que fazer isso. Tem certeza de que não quer que eu esteja presente?

— Certeza absoluta. Sei que sua intenção é boa, mas isso somente tornaria as coisas piores. Esse assunto tem que ser resolvido entre Lindsay e mim.

— Eu sei. Foi uma sugestão ridícula. Acontece apenas que me atemoriza a idéia de vê-lo enfrentar isso sozinho. Deus sabe como Lindsay irá reagir. Uma coisa é certa: ela poderia suportar melhor a situação caso se tratasse de outra mulher que não eu.

— Mas *trata-se de você* — disse Geoff, levantando-se. — É melhor eu ir agora. Já são quase sete horas. Telefone mais tarde para você, querida.

— Sim, faça isso, por favor. Vou ficar tão nervosa!

Ele beijou-a ternamente.

— Não fique assim. Lindsay constantemente me surpreende. Ela pode aceitar isso muito melhor do que possamos imaginar. Pode até sentir-se aliviada. Não tem sido nada interessante para ela nesses últimos anos continuar casada comigo. Pelo que sei, ela pode querer uma separação tanto quanto eu. — Tentou sorrir. — Certamente ela fará uma boa representação da mulher saudosa após essa última viagem. Procure não se preocupar, Del. Telefone para você assim que puder.

— Não vou me preocupar. Eu o amo, Geoff.

— E eu a você, querida.

"Não vou me preocupar?" E Adele quase chegou a rir assim que fechou a porta atrás de Geoff. Estava mais do que preocupada. Estava tensa como se andasse numa corda bamba. Temia mais a esperteza de Lindsay do que sua ira. Tinha muito menos certeza do que Geoff de que Lindsay aceitaria com agrado ficar livre. Ainda que Lindsay não amasse mais seu marido — do que Adele duvidava —, era viva demais para renunciar a ele sem luta. Qual a mulher de quarenta e oito anos, casada há quase trinta, que iria querer ficar sozinha? Era uma perspectiva desalentadora para uma mulher de meia-idade, não importando que fosse atraente. Homens adequados eram poucos e raros naquela quadra da vida, um fato que Adele podia, muito bem, atestar.

"Ficarei com os nervos à flor da pele até ele me telefonar", pensou Adele. "Que acontecerá se Lindsay usar todo o seu charme e Geoff ficar atraído por ela de novo?" Fechou os olhos e estremeceu, imaginando Geoff na cama com sua mulher, esquecido momentaneamente de seu novo amor e telefonando mais tarde para dizer, em tom de desculpa, que aquilo fora um engano, que ele e Lindsay tinham voltado a se entender. Tudo era possível. Lindsay era encantadora e tinha talento para amar. "Mais do que eu", pensou Adele. Geoff lhe dissera que ela era maravilhosa, mas se sabia ainda inexperiente e um tanto fria, embora achasse Geoff menos desagradável como amante do que seu marido o fora. E se perguntou de novo como pudera suportar Howard, ainda que tão raramente, como ocorrera nos primeiros dias de seu casamento. Se pelo menos fazer sexo não fosse tão importante para os homens! E Lindsay gostava tanto de sexo como ela, Adele, o detestava.

"Chega de pensamentos sombrios!", ordenou a si mesma. "Geoff a ama realmente. Não importa o que Lindsay faça, ela não pode afastá-lo de você. Dessa vez, as coisas estão se encaminhando do modo como você deseja. Desta vez *você* será aquela que tem tudo." Seria uma vitória, ela supunha, e tentaria desfrutá-la. Mas havia detalhes desagradáveis também. Ela sabia do que Lindsay a chamaria: destruidora de lares, vagabunda, uma bruxa ardilosa. "Não me incomodo", pensou Adele. "Pela primeira vez em minha vida tenho uma oportunidade de me casar com o homem adequado. É a minha necessidade e meu direito."

Geoff receava aquela conversa, mas não havia como adiá-la. Não podia representar durante dias, fingindo ser o mesmo Geoff que Lindsay conhecia há tantos anos. Ele não era digno de admiração, mas pelo menos se mostraria sincero.

Lindsay ouviu a porta ser aberta e correu para receber Geoff, sorrindo com alegria. Jogou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou, aquele corpo tão conhecido colando-se ao dele, o perfume tão familiar envolvendo-o.

— Geoff, meu querido, estou tão feliz por estar de novo em casa! Senti tanto a sua falta! — E ergueu o rosto para que ele a beijasse. Geoff roçou-lhe os lábios com um beijo rápido e se afastou dela. Lindsay fingiu não perceber essa falta de correspondência.

Ela deu alguns passos pela sala e ocupou-se em preparar um drinque, falando sem parar:

— Você não se incomoda que eu tome um martíni, não é? Gostaria de abrir uma garrafa de champanha para comemorar minha volta, mas já que você não está bebendo mais, estou certa de que acabaria ficando absolutamente tonta bebendo por nós dois. — Olhou-o amorosamente. — E não quero ficar inconsciente esta noite. Temos tanto o que conversar, querido. Tenho pensado bastante sobre nós dois. De agora em diante tudo será diferente. *Eu* serei diferente. Acho que vou vender minha loja. Os negócios já começam a me cansar, de certo modo. E devíamos fazer uma longa viagem juntos, se você puder tirar umas férias. Iremos ao Havaí, talvez. Podíamos ter uma segunda lua-de-mel. Nem chegamos a ter a primeira, não foi? Assim...

— Lindsay, tenho algo a lhe dizer. Sente-se e me ouça com atenção, por favor. É importante.

Lindsay sentiu um calafrio, mas dissimulou seu susto. Devia tratar-se de algo insuportável. Ainda sorrindo, acomodou-se na poltrona e olhou para ele inocentemente, como se aguardasse boas novidades.

— Sim, querido?

As palavras saíram com esforço dos lábios dele, como se as arrancasse de seu íntimo.

— Lindsay, quero o divórcio.

A expressão de Lindsay foi de puro desconcerto, indizível. Fez-se uma longa pausa antes que ela perguntasse:

— Por quê?

Geoff respirou profundamente.

— Eu me apaixonei por outra mulher. Desejo me casar com ela. — Nervosamente, mergulhou em explicações: — Lind, as coisas não andam bem entre nós há muito tempo. Não sei por que exatamente, mas nós dois sabemos que há anos não vivemos realmente como marido e mulher. Não nos sentimos felizes juntos. Separados, pelo menos teremos uma chance.

Lindsay não se moveu.

— Quem é ela?

— Isso é importante?

Pela primeira vez ela exibiu um brilho de rancor no olhar.

— É Gladys, não é? Aquela secretariazinha ordinária. Calculei isso ao saber que ela se demitira. Como pôde fazer isso, Geoff? Como pôde se deixar envolver por uma mulher tão vulgar? Meu Deus, você deve estar louco! Que tenha um caso, tudo bem, eu posso aceitar. Mas se divorciar de mim para se casar com aquela criatura insignificante? Não. Absolutamente não! Não deixarei que você cometa um erro tão idiota.

Ele olhou-a fixamente, tomado de surpresa.

— Não se trata de Gladys, Lindsay. Ela se imaginava apaixonada por mim, mas quando eu lhe disse que não estava interessado nela, largou o emprego. Você sabe que nunca tive caso algum com uma empregada minha.

"Ao diabo com Gladys", ele pensou. "Por que você está perdendo tempo explicando isso?", disse uma voz interior. "Você está ganhando tempo, Geoff, seu grande covarde. Tem medo de dizer a ela quem é a 'outra'. Vá em frente. Fale logo."

— É Adele. Nós nos amamos.

Lindsay olhou-o como semeie tivesse jogado água fria em seu rosto: sobressaltada, incrédula. Então pôs-se a rir. Mas não um riso natural, e sim irregular, áspero, quase louco.

— Adele! — e riu de modo incontrollável. — A doce, inocente e muito bondosa Adele? — Seu corpo foi sacudido por aquele riso terrível. — Oh, é muito engraçado! Realmente muito engraçado! Você e Adele? É de morrer de rir! É ridículo demais para merecer ser discutido! Meu Deus, Geoff, por que você não rapta uma madre superiora e se casa com ela? Daria quase no mesmo!

— Pare com isso! — ele ordenou. — Controle-se, Lindsay! Não é uma brincadeira. Pare de rir como uma demente ou terei que esbofeteá-la para acabar com esse acesso de histeria! Preste atenção! Falo a sério. Sei o que você pensa de Adele. Você está errada, naturalmente, mas isso não vem ao caso agora. O que importa é que fiquemos livres, que é o que ambos desejamos.

Lindsay procurou controlar-se, retrucando:

— Você fala por si mesmo. Isso não é o que *eu* desejo. Eu o amo, Geoff. Nunca desejei ninguém senão você.

Ele não queria tocar naquele assunto, simplesmente as palavras lhe escaparam:

— Ah, sim? E que me diz do misterioso "Sr. Murray" que tão obsequiosamente compartilhou sua suíte no La Reserve? Não vá me dizer que não o queria. E só Deus sabe a quantos mais você desejou.

Por fim, os olhos de Lindsay se encheram de lágrimas.

— Então é isso. Você descobriu acerca de Reg. Aí está o motivo de você agir desse modo. Não sei como veio a saber, mas juro que aquilo nada significou para mim. Em absoluto. Eu estava apenas solitária. Você não me queria e eu necessitava da companhia de alguém. E ele foi o único. Não houve outros. — Acercou-se dele e ajoelhou-se em frente da poltrona, olhando-o com ar suplicante. — Geoff, não nos destrua a ambos por causa de um erro. Sim, eu errei. Peço-lhe humildemente perdão e juro que nunca mais verei Reg de novo. Eu já decidira isso antes de voltar da Europa. E tinha feito planos para nós, Geoff. Eu ia me mostrar diferente, mais ponderada, menos egoísta. E ainda posso sê-lo. Podemos ser felizes de novo, Geoff, se você me perdoar. — Estava soluçando descontroladamente agora, as mãos aferrando-se aos joelhos de Geoff. — Posso entender por que você correu para Adele. Estava magoado e zangado comigo. Não o reprovo. Mas estou de volta agora, e tudo ficará bem de novo.

Geoff sentiu-se muito penalizado, mas disse suavemente:

— Não, Lindsay, não foi por causa desse tal homem. Você me perdoou no passado por uma falta minha; eu não deixaria de perdoá-la, portanto, agora. Isso nada tem a ver com fidelidade, querida. Estamos falando é sobre incompatibilidade. Encontrei a paz junto a Adele. Sinto-me necessário e admirado.

— Eu necessito de você. Eu o admiro, Geoff, posso dar-lhe essa paz, se é o que você deseja. Deus sabe que posso gratificá-lo mais do que aquela criatura assexuada e calculista!

A pena que ele sentia cedeu lugar à raiva.

— O que você sabe sobre Adele? Nada! Você a retrata do modo como deseja vê-la: como a mulher que roubou seu pai e ameaçou seu próprio casamento. Você está errada,

Lindsay. Ela não fez nenhuma dessas coisas. Adele tentou ser sua amiga. Ela sempre a admirou, mas você não é generosa o bastante para acreditar nisso.

Lindsay cessou de chorar e olhou-o friamente.

— Adele é exatamente o que penso que ela é: uma grande mentirosa, desleal e ordinária. Ela sempre ambicionou tudo o que eu tinha. Ela se alimenta de inveja e despeito. Preferiria ver você morto a vê-lo casado com ela! Adele! — Pronunciou esse nome como se cuspiisse. — Toda romântica acerca de James e contando histórias sobre você e aquela inglesinha. Fazendo-se de sedutora com um homem velho o bastante para ser seu pai. E depois negando-lhe os direitos maritais por ser frígida. Você acha realmente que eu o deixarei unir-se a uma criatura assim?

A expressão de Geoff resultou tão fria como a dela. Ele não insultaria Adele ao levar a sério aquela explosão de cólera irracional de Lindsay, que a acusava, envolvendo James e Howard. Mas não podia resistir à necessidade de refutar a última acusação.

— Está enganada, Lindsay. Adele está longe de ser fria. Ela é fabulosa na cama. Muito melhor, sinto dizer-lhe, do que você.

Lindsay deixou escapar uma exclamação de raiva.

— Seu patife! Seu estúpido e grande tolo! Você não pode perceber a atriz que ela é, pode? Você é tão cego como meu pai o foi. Mas irá descobrir a verdade assim que ela o tiver fisgado. Tal como meu pai descobriu. — Então, bruscamente, sem aviso, desistiu de argumentar. — Muito bem — disse em tom inexpressivo —, não há nenhuma esperança para nós dois. Não sei como você pôde ser tão cruel. Meu Deus, como aquela mulher ofuscou sua mente! Terá o divórcio que deseja, Geoff. Vá adiante e case-se com Adele. E que Deus o ajude.

Ele vencera. Por que não se sentia feliz com isso? Levado pela raiva, dissera uma coisa terrível a Lindsay. E que nem sequer era verdade. Adele não era uma parceira melhor, mas oferecia coisas que Lindsay não podia ofertar: uma presença serena, uma atenção mais concentrada nele e, em especial, uma adoração cega. Aos olhos de Adele ele não poderia fazer nada de errado. Por mais de vinte e nove anos ele se sentira manejado, exatamente a partir da noite da fuga com Lindsay. "Estou sendo injusto com Lindsay", pensou. "Ela não pode se controlar. Mas tem sido uma luta conviver com ela." Com Adele não haveria nenhuma batalha. Desejou dizer a Lindsay que mentira ao declarar que Adele era mais sensual do que ela. E que, a seu modo, ele ainda a amava, mesmo não podendo viver mais com ela. Mas de que serviria isso? Ele e Lindsay não poderiam ser felizes novamente. Separados, podiam ter esperanças quanto a um melhor tipo de vida, tal como ele lhe dissera há pouco. Acreditava nisso. E também lamentava a situação.

— Vou recolher alguns pertences meus e irei embora esta noite — disse Geoffrey calmamente. — Estou certo de que você prefere assim. — Ergueu-se da poltrona e olhou-a do alto, com tristeza.

— Sim — Lindsay parecia quase indiferente.

— Estarei no clube se você desejar falar comigo.

Lindsay não retrucou. Permanecia sentada no chão, uma figura fatigada, acabrunhada, encolhida, como uma folha de papel de seda amassada que ele tivesse jogado fora, pensou Geoff, envergonhado. Uma onda de náusea o acometeu. Vinte e

nove anos. Uma filha nascida e morta. Um neto. E lembranças... tantas. Por um momento vacilou, inseguro quanto à possibilidade de fazer o que dissera. Nunca fora um homem insensível, e o desespero de Lindsay era-lhe quase insuportável. Adele tinha sobrevivido sozinha. Ela estava melhor preparada para tal. Mas o que aconteceria a Lindsay? Ela não era tão forte e auto-suficiente como desejava que todos acreditassem. "Não posso fazer isso", decidiu Geoff, com relutância. "Não posso ir embora e abandoná-la. Desejo ir, mas não posso. Ficarei e tentarei fazer com que tudo funcione do modo que Lindsay planejou." Inclinou-se sobre ela e murmurou:

— Lindsay...

Ela ergueu a cabeça, os olhos fuzilando.

— Desapareça daqui! — disse furiosamente. — Eu o odeio! Nunca mais quero ver de novo seu rosto nojento e mentiroso!

— Quais são seus planos, querida? — perguntou Pauline.

Corria o mês de janeiro de 1969. Geoff providenciara o divórcio no México, em dezembro, e ele e Adele pretendiam casar-se em fevereiro. Exceto quando no escritório do advogado, Lindsay não falara com Geoff desde aquela áspera troca de palavras em seu apartamento. Ela estava mais amarga do que jamais estivera até então. Pela primeira vez se isolava do mundo, nutrindo-se de seu orgulho ferido, e pensando constantemente em se vingar.

— Planos? — ela repetiu. — Não sei, mamãe. Não sei ao certo.

— Querida, sei como está magoada. E como se acha zangada. Mas não há razão para ficar tão desalentada. Você já passou por coisas piores, Lindsay, e nunca fraquejou. Não posso suportar vê-la desse jeito.

— Piores? O que é pior do que ser abandonada pelo marido? Meu Deus, que humilhação, mamãe! Ele me fez parecer uma idiota. Os *dois* fizeram isso!

— Então é só isso o que a incomoda, Lindsay? O modo como é vista pelos outros? Ou o modo como imagina que a vêem? Deixe que lhe diga uma coisa, minha querida. As pessoas têm memória fraca. Ninguém permanece tema de conversa por muito tempo, graças a Deus. Tive uma prova disso. Seu problema lhe parece muito absorvente, mas lhe asseguro que a maioria de suas amigas muito pouca atenção dão a ele. Elas vão mexericar durante alguns dias, e então um *prato* mais novo e succulento aparecerá e elas já nem se lembrarão de seu caso, e muito menos perderão tempo comentando-o. Acho que você está sendo supersensível. Você levou um tempo notavelmente longo até se defrontar com sua primeira rejeição. Isso é o que a torna mais difícil de suportar, eu penso, mas é uma sorte também.

— Eu já tinha sido rejeitada antes! — exclamou Lindsay. — Você parece ter-se esquecido daquela inglesa e das outras com quem ele andou.

— Mas Geoff sempre voltou para casa e para você, não voltou? — perguntou Pauline suavemente. — Ele não voltará para casa desta vez, querida. Você deve aceitar isso e organizar uma vida nova para si mesma sem ele. Você tem deixado de lado seus negócios de antiguidades desde outubro. Não visitou mais Robin e John, nem sequer quando o bebê fez seu primeiro aniversário. Tudo o que tem feito é ficar aí sentada nutrindo e desenvolvendo mais rancor em seu íntimo. Chega uma hora em que tal

amargura se torna autodestrutiva, tanto física quanto emocionalmente. Você é tudo o que eu tenho, Lindsay. Por egoísmo meu, não posso suportar ver você adoecer.

Lindsay meneou a cabeça teimosamente.

— Não vou ficar *doente*, mamãe. — Esboçou um leve sorriso sombrio. — Citando uma frase de Kennedy, estou fazendo um ajuste de contas.

Capítulo 26

Em meados de janeiro, Reg recebeu um telegrama de Lindsay, anunciando sua chegada dali a dois dias. Ficou surpreso e contente, e um pouco desconcertado. POR FAVOR, PRECISO VÊ-LO EM PARTICULAR, dizia o texto do telegrama. É MUITO IMPORTANTE. Entendeu corretamente o que a mensagem queria dizer; que ele fosse recebê-la em seu carro particular e não no da agência, embora ele ignorasse ainda o motivo. E perguntou-se também o que haveria de tão importante a ser dito. Não tivera mais notícias de Lindsay desde outubro, quando a vira pela última vez. Chegara a ter como certo que ela nunca mais entraria em contato com ele. Após a viagem que haviam feito, tão longa e tão íntima, ela poderia ter percebido que ambos estavam ficando muito comprometidos. Ele aceitara isso fleumaticamente, como aceitava muitas coisas em sua vida. Sabia a que podia aspirar, e um amor duradouro com uma mulher como Lindsay Murray não se incluía nessas aspirações. Geograficamente, eles se achavam a milhares de quilômetros um do outro. Social e intelectualmente, viviam em planetas diferentes. De certo modo, ele preferiria que nunca a tivesse conhecido. Se tivesse vindo de um mundo diferente, podia esperar que Lindsay se enamorasse dele. Mas sabendo ser isso impossível, sonhar com algo fora de seu alcance tornava-se mais difícil, e as opções a seu dispor mostravam-se menos atraentes do que nunca.

Reg vestiu suas roupas "civis" e ficou esperando por Lindsay, como já o fizera antes, do lado de fora do recinto da alfândega. Ela o viu de imediato, e seu sorriso já familiar o animou. Mas foi só por um segundo. Havia um sorriso nos lábios de Lindsay, sim, mas seus olhos, quando ela se aproximou mais, mostravam-se inexpressivos, quase vazios. E ele nunca vira neles essa expressão. Lindsay fora sempre a imagem da alegria, mesmo naqueles primeiros dias sombrios, quando seus olhos ficavam às vezes enevoados devido à dor causada pela perda de sua filha. Desta vez ela tinha um ar magoado. Meio sentida, meio zangada.

Para maior espanto de Reg, ela correu para ele, enlaçou-lhe o pescoço com seus braços delicados e lhe deu um beijo apaixonado, ignorando os olhares divertidos dos outros passageiros. Até então Lindsay nunca exibira em público sua afeição. Mas antes, Reg raciocinou, ele nunca se encontrara com ela no aeroporto exceto em seu papel de motorista de empresa.

— Querido — disse Lindsay, abraçando-se a ele. — Mal posso crer que estou aqui! Você não sabe como estou feliz em vê-lo!

O abraço efusivo o fez sentir-se um pouco embaraçado, mas abraçou-a com força, no entanto, e disse:

— Bem, amor, isto é uma surpresa!

Por um instante, a velha malícia de Lindsay retornou.

— A minha chegada ou o meu cumprimento?

Reg sorriu.

— As duas coisas, suponho. Vamos sair daqui. Meu carro está aqui perto. É um bocado menos elegante do que aquele a que você está acostumada, mas entendi ser isso o que quis dizer com um encontro informal e reservado.

Lindsay fez sinal ao carregador para acompanhá-la com suas malas. Deu o braço a Reg e disse:

— Sim. Esta é uma viagem diferente. Não estou aqui a negócios.

Nada mais disseram até se acharem no carro, seguindo para Londres. Reg guiava em silêncio, aguardando uma explicação de Lindsay. Ela ficou calada por longos minutos. "Deve estar refletindo sobre o que deseja me dizer", pensou Reg. "Deve estar decidindo como dizer o que há de tão importante."

Nisso ele estava enganado. Durante a maior parte da viagem de avião, Lindsay tinha analisado o que tencionava fazer. E esperaria até que chegassem ao Savoy. Aí então, depois de um drinque reconfortante, ela revelaria sua surpresa. Já decidira até as palavras que usaria.

Mas no carro, ela mudou de opinião. Por que esperar por um clima mais apropriado? A resposta se limitaria a um sim ou não.

Voltou o rosto para contemplar aquele perfil másculo.

— Reg, quer se casar comigo?

Se ele não fosse um chofer experiente, provavelmente teria feito o carro sair da estrada. Mas como o era, lançou apenas um olhar de relance para Lindsay, como se desejasse saber se ela estava brincando. Mas ela parecia terrivelmente séria.

— Eu não a entendo, Lindsay.

— Não entende uma proposta? Ora, vamos, querido, você deve ter ouvido outras assim antes. Estou lhe pedindo para fazer de mim sua legítima mulher. — Sorriu com malícia. — Esta é a segunda vez que tenho que fazer isso. Declarei-me a meu marido também. — E emendou logo: — Meu ex-marido, devo dizer.

Reg ficou quase tão surpreso com isso como com a proposta de casamento. .

— Seu ex-marido? Está falando de Geoffrey?

— Ele é o único marido que tive. Nós nos divorciamos no mês passado. De mútuo acordo, naturalmente. Tudo muito amigável e altamente civilizado. Simplesmente não deu certo. Minha presença aqui certamente o comprova.

— Mas, eu pensei... isto é, você sempre disse...

— Eu sei. Estava com medo de admitir que me apaixonara por você. Quase não pude suportar me despedir de você em Paris. E tentei, realmente, ao voltar para casa, afastar você de minha mente. Não lhe escrevi, escrevi? Mas isso não adiantou, Reg. Eu sabia que você era o único homem que eu queria.

Reg estava inteiramente confuso.

— Mas nós dois sabemos... quero dizer, não sou a pessoa certa para você, Lindsay. Já falamos sobre a diferença de nossos ambientes. E como seria impossível uma união. E

esta mudança brusca... bem, não consigo entendê-la de todo. É a última coisa com que eu contava.

Ela tocou-o no braço suavemente.

— Reg, você não me ama?

— Sabe que a quero.

— Então fará o favor de se casar comigo imediatamente?

— Imediatamente?

— Por que não? Certamente que não precisamos de galanteios. Para usar uma frase de uma amiga minha: "Já os fizemos". Já nos conhecemos. Conversamos, viajamos juntos e fizemos amor. Se gostamos um do outro e somos ambos livres, por que esperar? Não somos juvenzinhos que precisam noivar primeiro. Cada minuto é precioso. — Fez uma pausa, franzindo a testa. — É isso o que o incomoda, Reg? Que eu seja cinco anos mais velha?

— Pelo amor de Deus, Lindsay, essa é a *última* de minhas preocupações! Incomoda a você que eu seja cinco anos *mais moço*?

— Claro que não. Não seja tolo.

— Não desejo ser tolo. E não quero que você o seja. Esta é a minha grande preocupação. Não sei se você será feliz comigo. Não estou seguro de poder viver o papel de marido de uma rica senhora americana. Posso vir a cansá-la quando a atração física entre nós declinar. Temos realmente bem pouco em comum. Isso é inquietante.

— Não para mim. Sempre sei o que quero. Toda a minha vida tenho sabido o que é certo para mim. E nunca me engano.

Reg manobrou pelo amplo estacionamento do Savoy..

— Você se enganou quanto ao seu casamento — ele disse suavemente. — Isso não deu certo para você.

Lindsay moveu a cabeça com impaciência. E disse:

— Ninguém é perfeito.

Uma semana depois, Pauline recebia um telegrama de sua filha: REGINALD MARKS E EU NOS CASAMOS HOJE. ESTOU MUITO FELIZ. TELEFONAREI DEPOIS DANDO MAIS DETALHES.

Pauline quase desmaiou. Quem era afinal Reginald Marks? Lindsay nunca chegara a mencionar que conhecia alguém com esse nome. Casada? Era inacreditável! Lindsay lhe dissera que iria a Londres a negócios. Não dissera uma só palavra sobre aquele homem. Quem era esse estranho? Que coisa irrefletida, impulsiva, teria Lindsay feito? Pauline pegou o fone e fez uma ligação para o Savoy.

— Não, sinto, senhora, mas não há nenhuma Sra. Murray registrada no hotel. Nem um casal Marks, tampouco. Espere — disse a telefonista. — A Sra. Murray esteve no hotel uma semana atrás, mas já o deixou. Não, sinto, mas não temos o seu novo endereço.

Pauline estava meio louca de ansiedade. Não havia ninguém com quem falar, ninguém a quem indagar sobre o misterioso Reginald Marks. A menos, talvez, que Geoff soubesse algo. Hesitou. Parecia uma insensatez telefonar ao seu ex-genro para lhe indagar se conhecia o homem com quem sua ex-mulher se casara. Mas a essa altura

Pauline já estava tão aflita que apelaria para qualquer fonte de informação. Conseguiu localizar Geoff no escritório. Ele pareceu muito contente ao atender.

— Pauline! Que surpresa agradável! Como está, minha querida?

— Eu... não estou muito bem neste momento, Geoffrey. Telefonei porque... bem, Lindsay está na Inglaterra e...

Captou um sobressalto na voz de Geoff.

— O que houve? Você está doente? Quer que eu vá aí agora?

— Não. Não, estou bem.

— É Lindsay, então? Aconteceu alguma coisa com ela?

— Não. Isto é, não exatamente. — Incapaz de se conter, Pauline começou a soluçar.

— Geoff, ela se casou com alguém. Um homem chamado Reginald Marks. Não sei quem é esse homem. Nunca ouvi falar dele.

— Lindsay se casou? — Geoff parecia perplexo.

Pauline procurou recompor-se.

— Sim. Em Londres, ontem, fá ouviu falar nele, Geoff? Estou tão preocupada! Não é natural em Lindsay ser tão sigilosa. Não faço nenhuma idéia do que houve. Pensei que você talvez... talvez ela lhe tenha dito algo quando voltou de sua última viagem. Simplesmente não sei o que fazer. Nem sequer posso saber onde ela está agora.

— Não se aflija, querida. Acalme-se. Onde ela estiver, tenho certeza de que se acha bem. Ela disse algo mais?

— Simplesmente que está feliz e que telefonará depois dando maiores detalhes. Geoff, como ela pôde...? Onde ela ia conhecer alguém e se casar assim numa semana?

Não fora coisa de uma semana apenas, pensou Geoff, e sim meses. Reginald Marks devia ser o misterioso "Sr. Murray" que se registrara com Lindsay naquele hotel do sul da França.

Mas não podia dizer à mãe de Lindsay aquilo de que suspeitava. Não podia sequer afirmar isso com certeza. No entanto, era muito provável. Lindsay não se casaria com um homem que conhecesse há apenas uma semana, nem mesmo para provar algo.

Repetiu a última frase. Seria possível que Lindsay fizesse aquilo somente para esfregá-lo em seu nariz? Seria esse seu jeito de devolver uma humilhação? Imaginaria ela ser isso uma desforra? Ridículo! Mas a suspeita persistiu. Podia quase imaginá-la dizendo para si mesma: "Vou mostrar-lhes uma coisa. Farei com que todos acreditem que eu quis o divórcio para me casar com outro homem. Fui eu quem rejeitou Geoff, que, em contrapartida, foi fisgado por Adele". Meneou a cabeça. Se isso fosse verdade, seria uma pena. "Pobre Lindsay", pensou.

— Geoffrey? Você está me ouvindo?

A voz de Pauline arrancou-o de suas divagações.

— Sim, querida, estava apenas tentando pensar no que se pode fazer. Acerca de localizá-la, quero dizer. Aguarde um momento, Pauline, e deixe que eu dê um telefonema. E procure não se afligir. Sabemos que ela está bem.

Foi um tanto demorado, mas Geoff conseguiu entrar em contato com o gerente de sua agência em Londres e lhe pediu para ligar para todos os Reginald Marks que existissem naquela cidade e apurar se havia ali uma Sra. Lindsay Marks.

O homem do outro lado do fio teve a nítida idéia de que Geoffrey estava meio louco. E disse:

— Em nome de Deus, Geoffrey, meu caro, tem noção de quanto tempo isso levará? Saiba que há dúzias de Reginald Marks dentro e nas cercanias de Londres. Seria como ligar para todos os John Smiths de Nova York. Não pode me adiantar mais alguns dados? Um endereço, talvez? Ou a atividade profissional desse homem?

— Se eu pudesse dar-lhe essas informações, Desmond, não estaria lhe pedindo para ter esse trabalho todo, estaria? — Geoff estava visivelmente aborrecido. — Pelo amor de Deus, homem, você deve ter uma secretária a quem possa pedir para cuidar disso. Tente se arrumar sem sua secretária por um dia ou dois, se puder passar sem ela para marcar seus compromissos sociais!

O sarcasmo causou surpresa a Desmond. Geoff tinha que ter um motivo tremendamente importante para justificar aquela estranha e demorada busca. Era a primeira vez que ele se mostrava tão rude.

— Muito bem. Cuidaremos disso. Não posso dizer quanto tempo vai levar, mas faremos o melhor que pudermos.

Geoff já estava envergonhado de sua rispidez.

— Desculpe, Des. Não queria ser ríspido. Trata-se de um assunto pessoal. Você me entende.

Desmond não entendia absolutamente, mas uma ordem era uma ordem. Assim que deu instruções à sua surpresa secretária, ele se perguntou o que motivara aquilo tudo.

A jovem secretária perguntou-se o mesmo, mas não discutiu a incumbência. Perguntou apenas:

— Se eu localizar essa senhora, que devo fazer a seguir, Sr. Desmond?

Era uma boa pergunta.

— No momento, desejamos apenas localizá-la, Srta. Yardley. Em Nova York cuidarão do assunto.

"Se é que isso tem algum sentido", ele pensou. Quem afinal de contas era Lindsay Marks? A mulher de Geoff Murray chamava-se Lindsay. Não era um nome comum, mas não podia ser ela. Ou podia? "Isso não é da minha conta", pensou Desmond. "O que o patrão deseja, o patrão obtém. Talvez."

Foi somente na tarde seguinte que a Srta. Yardley apareceu, com ar triunfante, no escritório de Desmond.

— Acho que a localizei, senhor.

— É mesmo?

— Sim, senhor. Há um Reginald Marks que reside em Hampstead, Christchurch Hill.

— E deu a Desmond o endereço e o número do telefone. — A pessoa que atendeu disse ser a Sra. Marks e chamar-se Lindsay. Tinha sotaque americano.

— Entendo. Você apurou algo mais?

A Srta. Yardley deu a impressão de se ofender.

— O senhor não me disse o que eu devia indagar. Seja como for, aquela senhora pareceu um tanto desconfiada. Ela quis saber por que eu estava telefonando. Eu lhe disse que era uma pesquisa para a tevê. Espero que tenha me saído bem.

— Ótimo, Srta. Yardley. Obrigado. Fez um magnífico trabalho.

"E agora?", Geoff perguntou-se quando Desmond lhe telefonou para dar a informação desejada. Tratava-se, sem dúvida, de Lindsay, mas o que fariam agora que a tinham localizado? Que droga! Por que ela não telefonava para a sua mãe? Por que aquele segredo todo, tão idiota, a respeito do assunto? Telefonou então para Pauline.

— Meu pessoal lá de Londres conseguiu localizar Lindsay, querida. Temos o endereço e o número do telefone.

— Não consigo entender isso, Geoff. Por que ela não me telefona? Ela foi sempre tão atenciosa! Deve estar acontecendo algo grave. Lindsay não iria me deixar preocupada assim, a menos que estivesse impossibilitada de falar comigo, ou com medo.

Pela primeira vez, Pauline aparentava ser uma frágil senhora idosa. Sua voz estava trêmula e ela se mostrava evidentemente perturbada.

— Você deseja telefonar para ela? Ou prefere que eu o faça?

Pauline não dissimulou seu alívio diante dessa sugestão.

— Você faria isso, Geoff? Eu ficaria tão agradecida! Eu mesma poderia telefonar para ela, mas estou tão nervosa. Provavelmente me poria a chorar e não adiantaria nada.

— Não me incomode de telefonar. Talvez seja melhor. Vou me assegurar de que ela telefone para você.

Na verdade, ele se incomodava. Terrivelmente. O que alguém diria a sua ex-mulher, que tivera de ser procurada como uma criminoso, que agira tão irrefletidamente a ponto de não revelar à mãe seu paradeiro? Estaria Lindsay envergonhada de alguma coisa? Seria possível que tivesse sofrido um colapso nervoso? Talvez nem tivesse se casado. Para o diabo com tudo aquilo. Decidiu ligar para Londres, para o número que Desmond lhe dera. Depois de alguns minutos, escutava a voz de sua ex-mulher. E, sem preâmbulos, foi logo dizendo:

— Lindsay, o que afinal está acontecendo com você? Sua mãe está preocupadíssima! Já faz dois dias que ela recebeu seu telegrama.

Lindsay parecia muito contida, mas disse com fria naturalidade:

— Olá, Geoffrey. Como vai você? Como vai sua noiva?

Ele a teria até estrangulado se a tivesse à sua frente.

— Não tive todo esse trabalho insano para localizar você para conversar sobre minha saúde ou a de Adele. Pelo amor de Deus, Lindsay, o que está acontecendo?

— Mamãe sabe. Telegrafei para ela anunciando que me casei. Por que estão todos tão alvoroçados? Eu ia telefonar para ela amanhã.

Geoffrey mordeu os lábios.

— Não lhe ocorreu que ela é uma senhora idosa e que essa *bomba* quase a matou? Você podia ter tido a delicadeza de avisá-la antes. Explicar tudo com calma. Quem é esse Reginald Marks? O que ele faz? O que a levou a se casar com ele ao sabor do momento? Por Deus, Lindsay, você está se comportando como uma criança irresponsável!

Lindsay pareceu divertir-se com a situação.

— Meu caro, não estamos mais em crise conjugai! E você parece mais meu *pai* do que um homem com quem já estive casada. — Então ficou zangada, e disse: — O que lhe dá o direito de se intrometer na minha vida? Nada temos mais a ver um com o outro. Não *lhe* anunciei meu casamento, portanto não se meta em *meus* assuntos!

— Não ligo a mínima que você tenha se casado! — Estava realmente exasperado.
— Não fique pensando que teria todo esse trabalho para localizá-la se não fosse por causa de sua mãe! Ela estava nervosa demais para telefonar para você. Eis por que eu telefonei. Agora, pelo amor de Deus, dê-me alguns detalhes para que eu possa transmiti-los a Pauline, e ponto final nessa confusão toda entre nós!

— Está certo. Casei-me com um inglês chamado Reginald Marks. É um cidadão livre, branco, de quarenta e três anos. Eu o conheci há aproximadamente um ano. Foi meu motorista enquanto estive na Europa a negócios. Estamos morando agora no seu pequeno apartamento até que eu possa encontrar um outro mais adequado. Reg é honesto, decente e sexy. Há algo mais que deseje saber?

Geoff estava atônito.

— Seu chofer? Lindsay, fala a sério?

— Por que não? O que há de errado nisso? Ele não é um traficante de tóxicos nem um alcoviteiro. Não precisa ser tão esnobe.

De repente ele se lembrou do que lhe dissera Gladys O'Reilly ao se demitir.

— Não me considero um esnobe, Lindsay. Simplesmente me surpreende de que um homem da classe proletária possa reunir as qualificações para ser seu marido. O que sabe você sobre ele? Já conheceu sua família, seus amigos? Você vai viver em Londres? O que a fez tomar essa decisão precipitada?

— Bem, na minha idade certamente não iria perder tempo com um noivado, meu caro — ela disse, com irreverência. — Eu vinha mantendo um caso com ele praticamente desde o dia em que nos conhecemos. Você devia ter deduzido isso. Teve experiência do assunto... Além disso, você sabe muito bem que eu era sua mulher só no nome.

— Certo. Isso não vem ao caso agora. Eu sabia que havia um outro. Mas por que se casou com ele, Lindsay?

— Por que você se casou com Adele? Eu estou apaixonada. Pensa que isso é prerrogativa sua apenas? Você certamente não perdeu muito tempo para marcar a data de seu casamento.

Geoffrey sentiu-se inteiramente frustrado. Não adiantava explicar as diferenças entre os dois casamentos. Lindsay se casara *para provar algo*. Agora ele tinha essa desalentadora certeza. Tentou falar com sensatez:

— Espero que você saiba o que está fazendo. Só desejo o seu bem, sabe disso.

— Obrigada. O mesmo lhe digo eu.

— Vai telefonar logo para Pauline?

— Telefonarei. Prometi que o faria. Diga-lhe para não se preocupar, Geoff. Estou felicíssima. Devia ter tomado essa decisão há um ano atrás.

Lindsay repôs o fone no gancho e procurou conter o choro. Suas respostas sarcásticas tinham sido um esforço para camuflar seu sentimento de infelicidade. Quando fizera aquela proposta a Reg, tinha somente uma idéia em mente: preservar seu orgulho e provar a Geoff e a todo mundo que ela podia se casar antes dele. Mas mesmo antes da cerimônia ela soubera que estava cometendo um terrível engano. E estava certa de que Reg sabia disso também. Na semana anterior, ele tudo fizera para alertá-la sobre o que ia fazer, dando-lhe uma oportunidade de mudar de opinião. Teimosamente, Lindsay fingira não se desapontar com o humilde e sombrio conjugado no qual Reg morava, com sua

mãe desalinhada e de linguajar meio grosseiro, com seus irmãos motoristas de caminhão e ignorantes, e ainda com os outros motoristas e suas mulheres vulgares, que eram amigos seus da empresa de táxis. Reg fez todas essas apresentações a Lindsay como se estivesse procurando chocá-la. Mas ela se empenhara em não parecer sequer levemente contristada.

Mostrara-se gentil e despretensiosa, tratando com cordialidade aquelas pessoas que achava vulgares e aborrecidas. Saíra de seu natural para tentar fazer com que gostassem dela. Não fora fácil. Eles nada tinham em comum com ela, exceto Reg, mas se empenhou em conversar com aqueles homens e mulheres que quase literalmente não falavam a sua língua. Ela mal pôde entender-lhes o sotaque, captar-lhes a gíria, e desesperou-se procurando encontrar algum tema que pudesse abordar numa conversa com seus futuros parentes e seu novo "ambiente social". Contudo, permaneceu cordial e sorridente, tomando consciência dos sorrisos forçados e cochichos, sabendo plenamente que eles pensavam que Reg fora esperto ao encontrar uma americana rica, divorciada e extravagante, que seria para ele como uma apólice de seguro para toda a vida.

Quando os dois retornaram ao Savoy após a primeira e detestável refeição no apartamento superpovoado de mamãe Marks, Reg olhou para Lindsay com ar triste.

— Viu, querida? Não vai dar certo. Você não conseguirá se relacionar com meus parentes e amigos.

— Não diga tolices. Eles são pessoas práticas, autênticas. Do tipo que chamamos "o sal da terra". Gosto deles. Só espero que gostem de mim.

— Ah, Lindsay, não finja. São ignorantes e rudes. Você estava ali, entre eles, como uma orquídea num canteiro de verduras.

— As verduras alimentam. Orquídeas são graciosas mas inúteis. — Sorriu. — Não fique nervoso, querido. Está certo, reconheço que eles são diferentes. Já esperava que o fossem. Mas iremos em frente, Reg. Não vou me casar com *eles*; vou viver com você.

— Mas eles são parte de mim, não entende? São as pessoas com quem vivo. O outro lado meu, aquele que você viu antes, não é o que sou na realidade. Aprecio estar entre pessoas ricas, de boas maneiras, fina educação, mas não são reais para mim, pois nunca serei uma delas.

— Será, querido. Você se ajustará a meu mundo melhor do que eu ao seu. Você tem uma classe inata. Eu lhe disse isso na primeira vez em que nos vimos. Você tem a polidez e as boas maneiras de um cavalheiro.

Ele retrucou, meneando a cabeça:

— Isso é uma loucura, Lindsay. Não posso sequer imaginar por que você deseja fazer essa tentativa. Não consigo me ver em Nova York, visitando sua mãe na Park Avenue, sendo apresentado aos amigos importantes de seu genro em Chicago. Toda essa idéia de ir para a América me deixa apavorado, pode crer. — Balançou a cabeça. — Não, não vai dar certo. Eu a amo, mas não sou o marido certo para você.

Reg simplesmente presumira que eles iriam para Nova York. Lindsay tinha pressuposto isso também, mas agora reconsiderara tal idéia. Ela era mais inteligente do que Reg, e se adaptaria melhor a um novo ambiente. Por que não deveriam viver em Londres? Ela adorava aquela cidade. Nada havia que a obrigasse a voltar para Nova York. Já vendera a loja de antiguidades para Marty, permitindo-lhe pagar a prazo. Se

Pauline quisesse, Lindsay a traria para Londres também. Duas vezes por ano ela poderia visitar Robin e John. Mais tarde, o menino poderia ir visitá-las. Sim, essa era a solução. E era perfeita. E ela nunca teria que se preocupar em topar casualmente com Geoffrey e Adele.

O ciclo se completara, pensou Lindsay, sem regozijo. Há aproximadamente vinte e cinco anos atrás ela temera que Geoff viesse a trocá-la por outra mulher e um lar na Inglaterra. Agora era ela quem faria isso. Não iria ser uma transição fácil, mas era, de longe, melhor do que assumir o papel de mulher rejeitada e divorciada em seu próprio apartamento em Nova York.

No instante seguinte, ela se dissera: "Pare de brincar, Lindsay. Está se envolvendo em algo de que não pode dar conta. O que fará de sua vida em Londres? Quem serão seus amigos? Como irão viver você e Reg?" Dinheiro não era problema. Ela tinha posses. Mas satisfação era algo que ela não podia comprar. "Droga, farei com que tudo dê certo", decidiu. "Teremos um apartamento encantador. Farei novas amizades. Eu e Reg viajaremos bastante." Naturalmente, Reg teria que renunciar a seu atual emprego. Ela não podia se imaginar como a mulher de um chofer. Bem, estava tudo certo. Ele não precisaria trabalhar, graças a Gandy, a Howard e à habilidade para os negócios que ela, Lindsay, demonstrara ter nos últimos anos. Seriam amantes e companheiros, e que tudo o mais fosse para o inferno.

Capítulo 27

A favor de Lindsay deve ser dito que ela tentara com o maior empenho adaptar-se à sua nova vida nos primeiros meses de seu casamento com Reg. E quase docilmente, ela cedera a respeito de certas coisas e se comprometera quanto a outras, lançando mão de uma gentil persuasão, nela inabitual, para superar a oposição de Reg acerca de mudanças necessárias à sua vida. E, por assim dizer, ela se viu numa posição de quem faz uma constante troca de favores.

Havia, por exemplo, a questão de onde eles iriam morar. Reg achava que deviam permanecer em seu apartamento conjugado, com cujo aluguel ele podia arcar. Lindsay ficou atônita ante essa idéia. Viver naquele lugar desagradável, acanhado? Impossível! Nem sequer se ela tentasse remodelá-lo e mudar a decoração, do escuro e pequeno vestíbulo ao igualmente sombrio banheiro.

— Querido, não seja teimoso, por favor — ela dissera. — Desejo para nós uma casa nova, agradável. — Seus olhos rebrilharam. — Andei fazendo umas sondagens. Há um apartamento adorável em Albany, que, com uma boa conversa, eu posso conseguir.

— Albany! Não seja tola, Lindsay! Trata-se do bairro mais elegante de Londres. Por que não sugere que nos mudemos para o Palácio de Buckingham, para ficarmos junto da rainha? Ouvi dizer que o Príncipe Philip irá solicitar ao Parlamento um aumento da pensão de Sua Majestade. Talvez eles estejam em dificuldades e queiram nos alugar alguns aposentos palacianos...

Lindsay riu.

— Não estou pensando em nada tão suntuoso, meu querido, nem sequer em Albany. A idéia não é nem um pouco a de uma americana que está convertendo sete apartamentos num único, imenso. Penso apenas em algo confortável. O único que cheguei a ver tem três quartos e dependências para os criados, mas é realmente muito modesto.

— Modesto! Você poderia colocar na metade de um apartamento como esse toda a minha família!

"Deus me perdoe", pensou Lindsay, "mas as noites na companhia dos familiares de Reg são "ainda piores do que as passadas na taberna favorita dele, barulhenta e apinhada, junto a seus amigos." Ela se sentia tão estranha naquele ambiente. O que ela sabia, ou desejaria saber, a respeito de Henry Cooper, Johnny Pritchett e Howard Winstone? Quando esses nomes vieram à baila certa noite em meio às conversas do grupo de Reg, ela inocentemente indagara se eram amigos que ainda não conhecia. Todos caíram na risada, os homens dando palmadas nas coxas e as mulheres achando muita graça da pergunta.

— Não os queira conhecer — disse um dos motoristas da empresa de táxis —, a menos que você tenha saco para exercitar pugilistas em sua sala de estar.

A resposta zombeteira deve ter sido muito divertida, pois levou todo o grupo, incluindo Reg, a uma nova série de gargalhadas. Lindsay ficara sentada, muito quieta, perguntando-se que piada era aquela.

— São campeões de boxe, amor — Reg esclareceu finalmente.

Lindsay ficou aborrecida.

— Bem, como esperavam que eu soubesse disso? Você não ficaria no ar também se eu mencionasse Lee Trevino e Jack Nicklaus?

— Sim, ficaria. Quem são eles? — perguntou Reg.

— Trevino desafiou Nicklaus e venceu o torneio aberto de golfe dos EUA no ano passado.

O grupo olhou-a em silêncio por um momento.

— Golfe? — um deles finalmente disse. — É um jogo para grã-finos. Velhos cavalheiros andam para cá e para lá batendo em pequenas bolas com bastões. Golfe é um jogo para ricos. Agora, se você deseja falar em críquete ou boxe, é diferente.

Lindsay não respondeu. E pensou: "Não desejo conversar sobre coisa alguma com vocês. Nem sequer desejo estar em sua companhia". Mas simplesmente sorriu e fingiu não notar a condescendência deles. Agora, ao recordar aquela e outras noites maçantes que tivera que suportar, decidira não concordar com Reg sobre a questão de onde deviam morar. Já fizera muitas concessões. Eles se *mudariam* para Albany, não importa o que ele dissesse.

— Querido, tentei realmente agradar a você nestes últimos meses. Sei o homem orgulhoso que você é, e o adoro por querer prover nosso sustento. Mas não posso ser feliz neste lugar. Realmente, não posso. Deixe que eu faça minha escolha nesta questão.

Reg se sentiu como um patife. Sabia de antemão que ela não poderia viver ali. Continuara a insistir sobre o assunto apenas para aferrar-se a um sentimento de independência. Tal como já o fizera ao recusar-se taxativamente a deixar seu emprego na Coronet, mesmo ciente de que Lindsay desejava o contrário. Ele teria apreciado uma vida

de homem rico, a mesma que ela lhe descrevera: viajando e se divertindo, comprando roupas finas na Bond Street e cigarros importados na Dunhill. Mas sentia receio de vir a ser o cãozinho de estimação de Lindsay, sua propriedade. Ele a desposara porque a amava verdadeiramente. Não o fizera pelo seu dinheiro. O dinheiro nada mais faria senão destruí-lo, se ele permitisse que ela se apossasse de sua vontade.

— Albany — Reg murmurou dessa vez. — Imagine se esse é um lugar para um motorista de táxi e sua mulher! Vou me sentir como um peixe fora d'água naquele lugar requintado.

"Não tanto como você se sentiria na parte mais aristocrática do East Side, em Nova York", Lindsay desejou dizer. Ela conservara o apartamento, aquele que comprara com Geoff. Isso fazia parte do acordo de divórcio, e quando ela decidira viver em Londres algo ainda a prendia àquele apartamento. Era como uma escapatória contra um possível fracasso, refletira. Um abrigo para o qual correria, se seu casamento com Reg não der certo. Era um pensamento terrível. *Daria* certo. Ainda assim, não podia desatar todas as amarras que a ligavam ao lugar que sempre encarara como um lar. Um dia eles talvez quisessem viver lá. Quem poderia dizer?

Para seu alívio, Reg acedeu em se mudar. Tal como ela cedera quando reconhecera a necessidade dele de continuar trabalhando. Isso não importava no momento. Ela não tinha nenhuma amiga ali que pudesse erguer as sobranceiras e torcer o nariz ao saber da profissão de seu marido. Mais tarde, pensava, quando nós dois estivermos instalados, conversaremos sobre essa parte de nossa vida. Uma vez bem refestelado num bom apartamento, cercado de todo o conforto, as idéias de Reg sobre muitas coisas mudarão.

— Bem, está certo — disse finalmente Reg. — Sei que você deseja se mudar. Não sou a favor de um homem viver acima de seus recursos, mas seria estupidez de minha parte esperar que você vivesse cem por cento a meu modo. O apartamento e o condomínio ficarão por sua conta, Lindsay. Mas eu continuarei a pagar a comida e a arcar com os gastos mensais. De acordo?

— Sim, querido, naturalmente. — Era uma mentira. Ele não poderia se permitir pagar as despesas mensais. Não quando ela pensava nas reuniões que daria quando comesçassem a fazer amigos que merecessem ser convidados para o apartamento de Albany. Não tinha importância. O que era mais uma pequena mentira? Ela não lhe contara a verdade desde o dia em que vovô fora à Inglaterra. Fizera-o acreditar que fora ela quem desejara divorciar-se de Geoff. E que voltara para ele, Reg, por amá-lo apaixonadamente e não poder viver sem sua companhia. Mesmo quando soubera por Pauline que Geoff e Adele estavam casados, fingira desinteresse, e até comentara com agrado:

— Meu ex casou-se com uma amiga minha.

— Ah, sim? Ele não esperou muito, hein? — retrucou Reg.

— Mais do que eu esperei — disse incisiva. Então, dando-se conta do efeito de suas palavras, riu: — Naturalmente sabia o que *eu* queria quando nos divorciamos. Pobre Geoff, teve que começar tudo do princípio.

Reg desconfiara de que Lindsay estava escamoteando a verdade, mas dissera simplesmente:

— Quem é ela?

— Ninguém especial. Crescemos juntas. Ela era viúva.

"Por que não posso lhe contar a história verdadeira?", perguntou-se Lindsay. "Ele provavelmente descobrirá tudo um dia e nunca mais acreditará em mim. Mas simplesmente não posso contar essa história, toda essa sordidez que envolveu o casamento de Adele com meu pai e depois com meu marido. Reg saberia, então, a verdade sobre o meu divórcio. Será melhor manter minha boca fechada. Tenho que avisar mamãe, se ela vier aqui alguma vez, para não deixar escapar a verdade."

Em setembro, Pauline decidiu fazer uma visita a Lindsay. Não a via há oito meses e não chegara ainda a conhecer o novo marido de sua filha nem o apartamento onde moravam, e que Lindsay descrevera numa carta em termos tão elogiosos. Pauline estranhava que as cartas de Lindsay se referissem tanto a Albany e muito pouco a Reginald Marks. No início, Pauline insistira em que sua filha voltasse a Nova York pelo menos para uma curta visita, já que, lamentavelmente, resolvera instalar-se em Londres.

"Desejo muito conhecer Reg. É estranho que, tendo eu um genro, você não possa sequer me descrevê-lo, enviar-me uma foto dele. Se você o ama, querida Lindsay, estou preparada para fazer o mesmo, mas a meu ver sentir-me-ia muito mais à vontade se ele e eu pudéssemos nos sentar e conversar, procurando conhecermos um ao outro."

Pauline não disse que estava com setenta e nove anos e que não lhe restava muito tempo para viver. Na verdade, ela desfrutava de boa saúde, e uma vez refeita do choque causado pelo inesperado casamento de Lindsay, recuperara quase toda a sua antiga energia e interesse pela vida. Mas sentia saudades de sua filha, e desejava certificar-se de que aquele estranho que Lindsay escolhera como marido era um bom homem.

"Não que eu possa fazer algo a respeito", ela pensava, "caso ele não seja boa pessoa." Lindsay não a consultara. Era improvável que a ouvisse agora, mesmo se aquele homem fosse alguém em quem ela, Pauline, não pudesse confiar. Não tinha nenhum motivo para pensar que não gostaria de Reg. Em suas primeiras cartas, Lindsay se referira a Reg com muito entusiasmo. Enaltecera sua delicadeza, seu senso de honra, sua relutância em tocar no dinheiro dela para isso ou aquilo.

"Reg é tão orgulhoso. Tive que pedir e implorar para que me permitisse alugar este apartamento. Ele só concordou porque sabia que eu desejava muito isso. E nem quis ouvir falar em largar seu emprego, embora eu deteste seu horário incerto de trabalho mais ainda do que me desagrade a idéia de sabê-lo subserviente diante de um bando de turistas exigentes. Bem, acertaremos todas essas coisas com o passar do tempo. No momento, estou me dedicando a decorar o novo apartamento. Vai ficar uma beleza, mamãe. E quando eu estiver devidamente instalada nele, você virá nos visitar. Sinto muito a sua falta, querida, e espero que esteja se cuidando direito. Se você vier, posso até persuadi-la a ficar aqui. Tomara que sim. Não seria maravilhoso? Você vai gostar de Londres. Obviamente, a cidade mudou desde que você e papai aqui estiveram, mas certas coisas nunca mudam, incluindo a cortesia e a afabilidade dos ingleses."

Pauline notara que Lindsay nem sequer se referira à possibilidade de visitar Nova York. Essa omissão a intrigou. Por algum motivo, Lindsay não desejava levar o marido ao seu país natal. Por trás daquelas frases cheias de entusiasmo acerca das boas

qualidades de Reg, Pauline captara um traço de algo semelhante a embaraço. "Subserviente", escrevera Lindsay. Estaria ela envergonhada de estar casada com um simples trabalhador? Nunca percebera em sua filha nenhum preconceito de classe. Pauline não tinha tal preconceito, embora Deus soubesse o quanto Howard fora intolerante a tal respeito. "Ele se ergueria de seu túmulo", pensou Pauline, meio divertida, "se soubesse que sua filha se casou com um proletário. Provavelmente ficaria mais furioso a respeito disso do que acerca de sua segunda mulher e seu ex-genro."

Incrível como sua mente divagava naqueles últimos dias. Por que desviara seus pensamentos para Howard quando era com Lindsay que se achava preocupada? Bem, era uma progressão natural. O casamento de Adele a levava a pensar em Geoff, que parecera chocado quando soubera do casamento de Lindsay com seu ex-chofer. "Ele é um pouco preconceituoso também", pensou Pauline. "A seu modo, Geoff é tão formal quanto Howard. Não me surpreende que ele e Howard tenham achado Adele atraente. Os dois sempre apreciaram mulheres muito dóceis e insípidas. Provavelmente porque ambos se casaram pela primeira vez com mulheres de personalidade mais forte."

E voltou a pensar em Lindsay. A medida que novas cartas iam chegando durante toda a primavera e verão, Pauline fora percebendo com mais intensidade a falta de naturalidade de sua filha. Havia referências constantes aos amigos de Reg, que "têm uma linguagem toda deles", e à taberna favorita de Reg, descrita como "algo extraído de um filme sobre a classe média inglesa". Não havia nenhuma queixa explícita, mas captava-se um toque lamentoso, um jogo de palavras soltas que pretendiam ser naturais e divertidas. Fora, porém, a última carta de Lindsay que fizera Pauline decidir empreender a viagem à Inglaterra.

"O apartamento está muito bonito, quase pronto, e, deixando a modéstia de lado, está um primor. Agora tudo de que preciso são pessoas às quais possa exibi-lo. Os amigos de Reg viriam, eu suponho, mas não os vejo senão raramente agora. Receio que eles não gostem muito de mim, mamãe, e não posso dizer, com sinceridade, que também os aprecie. Reg continua a se encontrar com seus companheiros, o que para mim está ótimo. É melhor deixá-los à vontade, juntos, na taberna, bebendo cerveja e conversando sobre esportes ou carros sem que eu fique ali sentada e profundamente entediada. Não pense que estou me queixando. Reg é maravilhoso para mim e estamos muito felizes juntos sob muitos aspectos. Estou pensando em apresentá-lo a algumas pessoas interessantes que- conheci: decoradores e gente da imprensa, na maioria. Ele ficará pouco à vontade entre esse pessoal, como me sinto entre os amigos dele, mas nós compreendemos as necessidades um do outro."

"Será que entendem mesmo?", pensou Pauline. Um casal com dois grupos separados de amigos e tão diferentes como água e vinho? Não era nada bom. E sua preocupação aumentou. Escreveu a Lindsay perguntando se seria conveniente para ela ter uma hóspede por umas duas semanas em setembro. E Lindsay respondeu com entusiasmo que nada lhe agradaria mais que isso.

Pauline não viu nenhuma necessidade de dizer a Geoff que ia viajar. Ultimamente eles se falavam raramente, porque, apesar de ainda continuarem amigos, o papel de Adele como a nova Sra. Murray tornava o convívio social entre eles fora de questão. Assim, Pauline telefonou apenas para Robin e o informou de sua viagem.

— Isso é ótimo! — disse Robin. — Sei o quanto sente falta de Lindsay, e tenho certeza de que ela sente o mesmo. Quando esteve pela última vez em Londres?

— Oh, meu Deus, já faz quase sessenta anos! Você pode acreditar numa coisa dessas? O Sr. Thresher e eu percorremos a Inglaterra em nossa lua-de-mel. Acho que verei muito poucos cavalos e carruagens desta vez. E pouquíssimas alcovas — acrescentou com malícia.

Robin riu. Era surpreendente aquela senhora já próxima dos oitenta anos. Tinha sempre um toque espirituoso, vivaz. Ele a adorava. E John também. Em junho, Robin levava o menino a Nova York para ver a avó. O pequeno John, então com oito meses, passara dias adoráveis com Pauline, agarrado a ela como se soubesse quem ela era. Pauline tinha ficado alegre como uma criança também, em-balando-o, brincando de esconder, fazendo John sorrir deliciado.

— Como vai meu queridinho? — ela perguntava agora.

— Está formidável. Crescendo a olhos vistos. A Sra. Graham diz que ele será um jogador de rúgbi. Acho mais provável que se torne um ás do basquete.

Do outro lado do fio, Pauline franziu a testa. A Sra. Graham sabia cuidar maravilhosamente bem de John, mas aquela criança necessitava de uma mãe. Já fazia tempo que S. P. morrera. Era hora de Robin ter-se interessado por alguém. Nem ele nem seu filho deviam ficar mais sozinhos.

— Robin — disse meio hesitante —, você nunca pensou em... uma nova mãe para John? Não desejo interferir, mas você é moço ainda, e se houvesse alguma boa moça que...

— A senhora é adivinha — disse Robin, carinhosamente. — Será que lê a minha mente? Vinha hesitando em falar nisso. Bem, não sabia como a senhora e Lindsay iriam se sentir. Mas há alguém em quem estou interessado. Seu nome é Constance Bellman. Eu a conheci há dois meses. Não sei se algo sairá daí, mas é a primeira vez que encontro alguém que possa... — sua voz sumiu.

"Que possa substituir S. P.", concluiu por ele, mentalmente, Pauline. E se sentiu contente.

— É sério, Robin?

— Está chegando a esse ponto. Ela é agenciadora de anúncios de um de nossos clientes. Uma moça inteligente, bonita. Vinte e seis anos e ainda solteira.

Pauline sentiu-se ligeiramente desapontada. Uma mulher que trabalhava? Por que não outra moça, que se dedicasse a John, uma jovem que desejasse dar outros filhos a Robin? Mas as coisas eram diferentes nos dias de hoje. Todas as jovens inteligentes trabalhavam, e muitas delas conduziam bem seus assuntos profissionais e seus lares e famílias.

Agora coube a Robin dar a impressão de ler os pensamentos de Pauline.

— Ela adora John. Diz que gostaria de ter mais três iguaizinhos a ele.

— Ótimo. Isso me deixa muito feliz, Robin, especialmente por você. Virá com ela me visitar, quando eu voltar de Londres?

— Naturalmente. E se a senhora assim desejar, conte a Lindsay, está bem?

Evidentemente, Robin pretendia casar-se mesmo com Constance.

— Sim. Direi a ela. Isso a fará feliz, tenho certeza.

Robin não se referira a Geoff, pensou Pauline ao desligar o telefone. E nem Geoff tocava no nome dele ou no de John. Aquilo era triste, realmente. Pauline estava a par daquela visita que Geoff e Lindsay haviam feito a Chicago para ver o neto, e de seu resultado desastroso. E se perguntava se Geoff enviara um cartão de Natal e presentes de aniversário para o menino, como Lindsay fizera. Presumia que Adele encararia isso como uma coisa muito natural. "Ela sempre teve boas maneiras", admitiu Pauline a contragosto. "Pelo menos posso creditar-lhe isso."

Prosseguiu fazendo seus planos para a viagem, pensando no quanto ela e Lindsay teriam que conversar, inclusive sobre a novidade contada por Robin. Lindsay ficaria feliz por ele e pelo garotinho, ela sabia. Quanto a Geoff, ao saber das intenções de Robin iria encará-las somente como mais uma evidência da índole "bestial" de seu genro. Pobre homem, nunca perdoaria Robin pelo desejo natural e humano que gerara o seu neto e que ele, Geoff, jamais deixara de encarar como a sentença de morte de sua filha.

"Não posso me preocupar com a obsessão mórbida de Geoffrey", decidiu-se Pauline. "Estou bastante preocupada é com Lindsay."

Lindsay foi receber a mãe no aeroporto e providenciou a colocação da bagagem no porta-malas do Bentley marrom-brilhante que ela dirigia habilmente.

— Um bonito carro — disse Pauline, fungando levemente. — Nada como o cheiro de couro verdadeiro... ou de dinheiro.

Lindsay riu.

— Foi uma extravagância minha, com que presenteei a mim mesma no meu quadragésimo nono aniversário. Gosto dele. Um carro nos dá uma sensação de liberdade.

— Você dirige bem, embora eu não saiba como se acostumou com a mudança de mão aqui, e não pega o lado errado da estrada.

— Não foi fácil, mas ou aprendia ou desistia de andar sobre rodas. Parecia haver algo errado com a idéia de a mulher de um chofer contratar um chofer...

Havia na voz de Lindsay o mesmo laivo de desdém que Pauline pudera captar ligeiramente nas cartas de sua filha. Resolveu não insistir nesse ponto.

— Trago lembranças de Robin para você.

Lindsay animou-se.

— Como ele está? E John?

— Muito bem, os dois. — Pauline hesitou. — Acho que Robin pretende casar-se. Não está nada definido ainda, mas parece que ele tem esse propósito em mente. Quis que eu dissesse a você que ele acha ter encontrado alguém que dará uma boa mulher e uma boa mãe para John.

— Sim? — Os lábios de Lindsay contraíram-se quase imperceptivelmente. — Bem, presumo que não deveria me surpreender. Mas pergunto-me por que ele simplesmente não passa a viver com ela, em vez de se casarem. Não é a moda atualmente?

— Lindsay, por favor! Eles podem querer ter outros filhos. E você desejaria que seu neto crescesse em meio a esse tipo de situação?

— Por que não? Isso não o *tornaria* ilegítimo. Além disso, mamãe, não acho que o casamento seja uma idéia animadora. As pessoas parecem se dar melhor quando não

estão unidas por um vínculo legal. Isso poderia favorecer até um lar mais agradável para John, tanto como para eles dois. — Deu de ombros ao completar: — Mas Robin é muito convencional para aceitar essa idéia, eu suponho. Ou jovem demais. Quem é ela?

— Cuida do setor de anúncios de uma firma cliente de Robin, ele me informou. Tem vinte e seis anos. Seu nome é Carolyn. Não, eu me enganei. Chama-se Constance. E agora não consigo me lembrar do sobrenome dela. — Pauline balançou a cabeça. — Ultimamente, estou com a síndrome das pessoas idosas. Posso recordar nitidamente coisas que aconteceram há quarenta ou cinquenta anos, mas não sei o que comi no almoço ontem. É uma maçada. Faço votos para que o tempo corra depressa e eu complete logo os oitenta.

Lindsay olhou-a cheia de curiosidade.

— Mas por quê?

— Oitenta anos é um marco divisório, e as pessoas nos tratam diferentemente do que fazem quando estamos com setenta e nove. Aos setenta e nove, se você deixa cair alguma coisa, simplesmente fica onde caiu. Aos oitenta, as pessoas se apressam a apanhá-la para você. Você se torna algo de especial, eu penso, como um objeto antigo, frágil, que precisa ser cercado de cuidados, pois, do contrário, pode fragmentar-se.

Lindsay riu.

— Mamãe, não há ninguém como você. A cada dia que passa você me lembra mais Gandy. Sabe que ainda me abaixo para apanhar reluzentes moedas de um *pêni* quando as vejo? Ainda que aqui se chamem *pence*. Tenho um pote cheio dessas moedinhas, centenas de reminiscências de Gandy, tal como ela me dizia. — E ficou mais séria. — Ela era formidável, não era? Apoiando você, decididamente, quando você se divorciou de papai. E depois tornando a vida confortável e independente para nós duas. Que grande dama! Desejaria me parecer mais com ela. Gandy sabia amenizar qualquer situação difícil e jamais se queixava de seus próprios problemas. Imagino que ela não teve uma vida feliz, teve? Vovô deve ter sido um problema, tal como papai. Claro que, naqueles tempos, as mulheres nada faziam para remediar um mau casamento. Eram sufocadas por eles. Você e eu vivemos numa época melhor.

Pauline não respondeu de imediato.

— Não sei, Lindsay — disse finalmente —, talvez estivéssemos em situação melhor quando não tínhamos tanta liberdade de escolha. Oh, sei que isso soa como uma heresia nos dias de hoje, mas às vezes penso que a sociedade tinha razão ao ver o divórcio com desagrado. Talvez aquelas mulheres se empenhassem ao máximo tentando fazer o casamento dar certo, sabendo que não havia escapatória. Talvez elas fossem mais felizes vivendo uma união imperfeita do que nós o somos dispendo de livre escolha.

Espicaçava deliberadamente Lindsay, esperando apurar mais detalhes sobre o seu casamento. Estava defendendo uma causa em que não acreditava. Naturalmente, as mulheres deviam ter a liberdade de deixar a companhia de homens que as maltratassem fisicamente ou lhes fossem claramente infiéis. Ou com quem elas nada tivessem em comum. Ou ainda com quem tivessem casado apressadamente por orgulho ferido ou ainda por espírito de vingança. Ficou aguardando, mas Lindsay resolveu passar por alto sobre o assunto. E disse bruscamente:

— Mal posso esperar a hora de você ver o apartamento.

— Estou mais desejosa de conhecer o *seu* Reg.

Lindsay segurou o volante com mais força.

— Ele é... ele é diferente, mamãe. Quero dizer que não se parece nada com Geoff, no caso de você pensar assim. Dizem que as pessoas costumam casar-se com o mesmo tipo de pessoa repetidamente, mas eu não fiz isso. Reg é, em primeiro lugar, fiel. — Olhava fixamente para a estrada. — É um cavalheiro, a seu próprio modo. Isto é, é educado. Mas é também uma espécie de... — Procurou achar a palavra certa.

— Um diamante bruto? — sugeriu Pauline. E sorriu. — Gostaria de poder encontrar uma expressão mais original, mas é o que você queria dizer, não é?

Lindsay assentiu:

— Ele é bondoso e gentil. Procura me entender, mas sei que é difícil para ele. Reg detesta meus amigos, os que tenho feito desde que estou morando aqui. E ele bebe muito, talvez demais. Tenho andado bebendo muito também, receio. — Forçou uma risada. — Tenho que parar com isso. Já ganhei uns cinco quilos este ano, você notou?

— Não, querida. Para mim você está bonita como sempre.

— Está sendo parcial apenas.

— Digo a verdade. E sempre a direi.

A simples idéia da chegada de sua sogra colocara Reg em pânico. O que iria ela pensar a seu respeito? Iria fechar os olhos ao seu linguajar comum, à sua falta de classe, ou ainda a seus modos à mesa, que Lindsay às vezes procurava corrigir com delicadeza? Como Pauline iria se sentir na presença de um genro que fora ensinado a dizer "Sim, madame" e tirar o boné para senhoras como ela?

Reg serviu-se de mais uma dose de uísque com água, a quarta que tomava desde que Lindsay saíra para o aeroporto. Sabia que estava ficando um tanto bêbado. Para quê? Bem, necessitava de coragem para enfrentar aquele encontro. Lindsay desejara que ele a acompanhasse ao aeroporto, mas ele recusara, dizendo estar certo de que ela gostaria de ficar alguns momentos a sós com sua mãe.

— Prepare o espírito dela quanto a mim — ele dissera a Lindsay.

Ela se mostrara preocupada, mas dissera:

— Não seja tolo. O que há para "preparar"? Ela está doida para conhecer você, querido. Ela vai gostar de você.

— Você quer dizer que ela vai me tolerar.

— Oh, pare com isso! — exclamara Lindsay, aborrecida. — Por que você fica sempre mal-humorado quando está prestes a conhecer alguém relacionado comigo? Tem acontecido isso com meus amigos. Você fica sempre irritado quando convido alguém a vir aqui. Fica tenso e bêbado — acrescentou friamente. — Pelo amor de Deus, Reg, esteja sóbrio quando minha mãe chegar.

— Sim, madame — ele zombou, fazendo uma mesura. — Certamente, senhora. Como quiser, madame.

Lindsay sentia pena dele. Reg estava realmente receoso de encontrar-se com Pauline. Ela passou os braços em torno do pescoço dele e o beijou, dizendo então:

— Tudo sairá bem, querido. É verdade. Vocês serão bons amigos.

"É muito improvável que tal aconteça", pensava agora Reg enquanto tomava outra dose de uísque. Lindsay tinha, porém, toda a razão sobre uma coisa: ele ficava nervoso entre os amigos dela. Que amigos! Um bando de almofadinhas do negócio de antiguidades. Ele não sabia o que dizer-lhes. Tinha certeza de que riam dele pelas costas, todos eles, com seus maneirismos e roupas elegantes. "Pelo menos meus amigos são homens de fato", pensou com irritação. "Podem não ter diplomas universitários, mas sabem um bocado mais sobre a vida real do que esses tipos extravagantes com os quais Lindsay se relaciona."

Por que devia preocupar-se com eles? Ou com a Sra. Thresher? Eles podiam aceitá-lo ou deixarem-no em paz. Lindsay sabia o que podia acontecer quando se casou com ele. Por que se incomodar com o resto?

Satisfeito com esse raciocínio, tomou outra dose de uísque, desta vez no próprio gargalo. Quando Lindsay e Pauline entraram no apartamento, Reg estava parado em frente à lareira da sala de visitas, meio cambaleante, uma expressão tola de bêbado no rosto.

O coração de Lindsay se apertou. Ela temera isso. Reg estava tão nervoso por causa daquele encontro com sua sogra que ela não se surpreendeu realmente por ele ter passado da conta. "Tudo para ganhar uma falsa coragem", pensou. "Pobre Reg, isso se tornou um hábito para ele." Sorriu amplamente, procurando fingir que não notara o estado em que ele se encontrava.

— Querido, esta é minha mãe.

Reg acercou-se com passos meio trôpegos e fez uma mesura ao segurar desajeitadamente a mão de Pauline.

— Estou encantado por conhecê-la, Sra. Thresher. Seja bem-vinda a Londres.

As palavras tinham sido quase mastigadas e os gestos praticamente cômicos, mas Pauline soube dissimular seu desapontamento.

— Fico muito feliz de conhecê-lo também, Reg. E chame-me de Pauline, por favor. Fará com que me sinta muito mais à vontade.

Reg riu.

— Certo, Pauline. Bonito nome. Bonita senhora.

Lindsay, nervosamente, interveio:

— Deve estar muito cansada da viagem, mamãe. Não gostaria de descansar um pouco? Vou mostrar-lhe o seu quarto. — Ansiava por afastar sua mãe de Reg. — Fizemos tantos planos para quando você estivesse aqui! Iremos ao teatro, é claro. Os americanos não costumam ir logo a um teatro quando vêm a Londres? Há vários deles aqui! E tão bons! E as entradas são muito baratas comparadas com as de Nova York. E as lojas, naturalmente são uma maravilha. Estou louca pela Fortnum & Mason. Pode imaginar uma mercearia onde os empregados usam sobrecasaca e calças listradas enquanto providenciam mercadorias para cavalheiros de chapéus-coco?

Pauline riu.

— Disso, pelo menos, posso me lembrar. Dava-se o mesmo há cinquenta anos. E quanto a *Knightsbridge*? Continua tão movimentada como a *Times Square*?

— Quase, mas ainda mais atraente e refinada. A *Harrods* é maravilhosa. Em nosso país não temos nada parecido, mesmo remotamente. E desconfio de que não há nada

igual no mundo todo. Sabia que os clientes podem receber cartas a eles enviadas aos cuidados das lojas? E há nelas um canil para os animais de estimação das freguesas e um lugar para os motoristas enquanto seus patrões fazem as compras... — interrompeu-se, olhando de relance para o rosto de Reg. — Eu quero dizer...

Reg deu mostras de ter recuperado a sobriedade de modo notável.

— Não fique embaraçada, amor — ele disse. — Pauline sabe o que faço para ganhar a vida.

— Naturalmente — disse Pauline. — E nada vejo de estranho nisso. Na verdade, Reg, espero que você me leve para dar uma volta pela cidade, se dispuser de tempo. Você certamente deve conhecer mais sobre esta cidade do que a maioria das pessoas. E certamente mais do que minha filha desmiolada, que talvez não saiba distinguir um edifício público de outro.

— Ficarei honrado em levá-la no meu carro. Não só conheço cada palmo desta cidade por ser um chofer, como também nasci aqui, numa parte de Londres que a maioria dos turistas nunca viu de perto. Diga-me quando deseja que eu lhe sirva de *cicerone*, Pauline, e eu lhe conseguirei uma apresentação para a rainha em pessoa, que Deus a abençoe.

Lindsay sorriu com alívio. Tudo ia sair bem. Podia até dizer a si mesma que Reg estava encantado com Pauline. E ela conseguiria fazê-lo sentir-se à vontade.

— Muito bem, vocês dois. Planos ficam para mais tarde. Agora, mamãe vai repousar!

Lindsay caminhou à frente de sua mãe pelo corredor que levava ao quarto de hóspedes, belamente decorado. Pauline não conteve sua admiração.

— É uma beleza, Lindsay! Que coisas tão encantadoras! Gandy tinha razão. Sabia que você era a única pessoa de nossa família que realmente apreciava as coisas finas que ela tanto amava. Onde você encontrou todos esses tesouros?

— Tive muito tempo para adquiri-los, aqui e ali. Visito com tanta freqüência os antiquários de Camden Passage e Portobello Road que os donos das lojas pensam que ainda negocio com antiguidades. — Sorriu. — Eu os deixo pensar assim. Os objetos saem mais baratos.

— Sente falta de seu trabalho, Lindsay?

— Sinto, sinto. Mas não voltarei a me entregar a ele, pelo menos não em tempo integral, como antes. É importante para mim estar por perto quando Reg precisa de mim. Ele... ele não é muito firme, você viu. Pelo menos, não desde que nos casamos. Receio que o tenha tornado dependente em demasia. Acrescentar a isso uma ocupação em tempo integral seria como a gota d'água final.

Pauline hesitou antes de dizer:

— Eu me preocupo com esse seu casamento, querida.

— Sei que se preocupa. Não vou mentir, mamãe. Eu me preocupo também. Reg é um homem diferente. Ou talvez não o seja. Não acho que o conhecesse realmente bem quando me casei com ele. Tem sido difícil para ele. Droga, é difícil para nós dois! Mas vamos realizar o que queremos de qualquer jeito. Estou determinada a isso. Penso que ele também está, mas não é realmente tão forte como eu. Isso não é estranho? Ele, um homem vindo de um ambiente rude, é mais sensível do que eu, que fui praticamente

envolta em fraldas de seda quando bebê. — Parecia estar longe dali. — Tudo deveria ser tão diferente. Tudo se passou de modo tão louco após a morte de S. P. Você acha que Geoff é feliz?

— Não sei. Não tenho tido muitas notícias dele, embora ainda sejamos amigos. Espero que você não se incomode com isso.

— Não, claro que não me incomodo. As pessoas não devem tomar partido em relação aos que se divorciam, nem sequer as mães. Seja como for, você está sendo maravilhosa com Reg, e fico-lhe grata. Sinto muito por tê-lo encontrado nesse estado. E estou certa de que ele o lamenta também. Sei que ele vai tentar cair nas suas boas graças.

— E tenciono perfeitamente deixá-lo agir assim. Falei muito a sério sobre um giro de carro pela cidade. Sei que isso a aborrece, mas eu realmente gosto de ver lugares históricos, e, como disse antes, ninguém pode conhecê-los melhor do que Reg, que há anos vem levando em seu carro turistas por toda Londres. Você pode fazer compras na Bond Street enquanto eu vejo coisas mais importantes.

— Desconfio que você também gostaria de ficar algum tempo a sós com Reg, não gostaria?

— Bem, sim. Não estou me intrometendo, Lindsay, mas talvez ele se abra um pouco comigo quando ficarmos a sós. Se você não quiser, claro que desistirei desse passeio pela cidade.

— Faça o que pretende, mamãe. Você pode descobrir algumas coisas de que eu necessite saber também.

Mas tal não ocorreu. Reg estava desejoso de agradar Pauline, orgulhoso de sua cidade, e encantado em mostrá-la à sogra, mas manteve a conversa no plano impessoal, como um guia turístico. Pauline pôde notar como aqueles prédios estavam muito mais limpos e vistosos do que quando os vira muitos anos atrás, e Reg a informou, num tom recitativo, sobre as normas baixadas em meados de 1950 contra a poluição do ar. Toneladas de pó de carvão foram removidas, disse ele, fazendo Londres resplandecer como outrora, antes que anos a fio de fuligem e nevoeiro enfumaçado a cobrissem. Mostrou a Pauline a estátua de George Washington na Trafalgar Square e levou-a para ver os garbosos Cavalarianos da Rainha cavalgarem em meio ao tráfego urbano em seu caminho até Whitehall e o edifício da Guarda Cavalariana.

Seguiram ao acaso, divertidos, pela Carnaby Street, onde eram exibidas as últimas novidades da moderna geração. E Reg, empenhando-se em ser agradável e espirituoso, explicou que o caminho de pedra do Hyde Park, chamado Rotten Row, tinha sido batizado com tal nome porque os londrinos nunca tinham aprendido a pronunciar seu nome francês: "*Route du Roi*".

— Isso quer dizer "Estrada do Rei", você sabe — disse Reg.

Pauline, cujo francês era impecável, sorriu e disse:

— É mesmo? Acho que prefiro Rotten Row. É menos pretensioso.

Reg também sentiu grande prazer em dizer-lhe que Londres era realmente uma coleção de pequenas cidades, cada uma tendo seu próprio nome, tais como Chelsea, Primrose Hill e Lambeth, todas dentro dos limites londrinos.

— E há ainda a Londres dos Dockworkers¹³ — ele disse tranqüilamente. — Diferente das outras. Com um dialeto londrino próprio e gente trabalhadora. Minha família ainda vive lá.

Finalmente, Pauline viu sua oportunidade.

— Ah, sim? Gostaria de conhecê-los, Reg. Não podemos ir visitá-los? Afinal de contas, somos parentes agora.

— Não, acho que não. Tenho certeza de que seria amável com eles, mas não saberiam como se portar com uma dama como você. Sentiram-se muito pouco à vontade junto de Lindsay, por falar nisso, embora procurassem não demonstrá-lo.

Pauline ficou calada um instante. Então, disse:

— Reg, você não é feliz, é?

Com o olhar fixo na estrada, Reg simplesmente sorriu meio forçado.

— Feliz? Bem, o certo é que não conheço muitas pessoas que o sejam. Tentamos pelo menos ficar contentes, embora nem sempre consigamos sequer isso. — Seu olhar se entristeceu. — Não é com minha felicidade que me preocupo, você sabe disso. Ela é quem realmente importa.

Ele se referia a Lindsay, naturalmente. Pauline não retrucou.

— Sou a pessoa errada para ela, você sabe. É muito fácil perceber isso. Mas eu a amo, Pauline. Seja o que for que pense, lembre-se disso. Eu amei Lindsay desde a primeira vez em que a vi. Isso é o bastante para nos manter juntos.

— Ela sabe que você a ama, Reg. Tente ser bom para ela, promete? — Suspirou. — Não é fácil lidar com Lindsay. Está acostumada a agir de acordo com sua própria vontade. Mas suponho que você seja assim também. E me arrisco a dizer que é aí que está o problema.

— Problema? — Reg se fez de inocente. — Não há nada de errado entre nós, senão o que ocorre comumente entre marido e mulher, imagino eu. Venceremos as dificuldades, Pauline.

— Sim — mentiu Pauline. — Estou certa de que o farei.

Capítulo 28

Duas semanas depois, quando voltou a entrar em seu apartamento, Pauline deparou com a correspondência acumulada à sua espera. Passou os olhos pelas contas a pagar, folhetos de propaganda, pedidos de auxílio, e colocou-os de lado, abrindo somente aqueles envelopes que tinham um toque pessoal, entre eles uma cartinha de Robin, escrita havia apenas três dias.

"Acho que nossa conversa pouco antes de a senhora ter viajado para a Inglaterra deve ter me dado o empurrãozinho que faltava, querida. Pedi Connie em casamento e ela aceitou. Aleluia! Pensamos em uma cerimônia rápida e íntima, mas os pais dela desejam algo mais tradicional, embora, felizmente, modesto. Assim, foi marcada a data de 10 de

¹³ Estivadores. (N. do T.)

novembro e espero contar com sua presença. Estou escrevendo para Lindsay, também, e espero que ela e seu marido venham. Farei, também, com que Geoff receba um convite, mas, cá entre nós, não acredito que ele compareça. O que é mais provável ainda caso Lindsay esteja presente."

Robin acrescentara um parágrafo sobre Connie e o quanto ela se sentia feliz.

"John a adora tanto como ela o ama, e, assim, tudo está praticamente perfeito. Mesmo a Sra. Graham está contente. Temia que ela se aborrecesse, pois, afinal, toma conta de John e da casa há tanto tempo. Mas Connie a conquistou logo e a deixou muito grata ao pedir-lhe para continuar como babá de John. Assim está tudo cor-de-rosa para todos."

Pauline sorriu palidamente. "Para todos em Chicago", pensou. "Não aqui ou em Londres."

Sua viagem fora tão contristadora quanta temera. Desde aquele embaraço inicial, com a apresentação a um Reg bêbado, até o dia da partida, tudo se passara como se eles estivessem desempenhando um papel. Lindsay representara a mulher dedicada e jovial, fingindo não notar o ridículo comportamento de Reg. Este mostrara-se quase obsequioso. "Praticamente se desmanchou em cortesias e mesuras", pensou Pauline, "como se eu não fosse sua sogra, mas alguma cliente americana rica a quem tinha de agradar."

"E eu? Fiz um papel pior ainda", refletiu. "Aderi à farsa, fingindo ignorar a infelicidade do lar de minha filha. Não tocamos no problema de novo senão pouco antes de minha partida."

Foi quando Lindsay disse:

— Esse é o pouso que escolhi e nele vou permanecer, mamãe. As coisas entrarão nos eixos.

Entrariam? "Mas como, meu Deus? Lindsay tem um marido alcoólatra e a mais estranha coleção deste mundo de homens ainda jovens à sua volta. Ela está abrigada em um dos mais belos apartamentos que já vi, mas podia, muito bem, estar vivendo num museu cheio de visitantes que não se preocupam mais com ela do que os turistas em saber quem foi o curador da Rainha Vitória e do Rei Alberto. Lindsay não tem uma vida real. Sozinha ou com aquela gente, quando Reg está ausente para uma de suas tarefas esporádicas, ou ainda quando ele está confraternizando com seus velhos amigos. Quando Reg está em casa ela fica tensa, humilhada com o tratamento obsequioso dele em relação a mim e sua atitude hostil diante dos parasitas e papa-jantares que ela, movida pelo desespero, acolhe em seu apartamento."

Somente numa ocasião, Pauline sentiu que poderia abordar o assunto. Foi quase ao chegarem ao aeroporto, de carro, quando então ela disse:

— Reg a ama, Lindsay, mas você o ama?

— Casei-me com ele, mamãe.

— Isso não é resposta.

— Mas é a única que tenho para dar.

— Meu Deus, você não pode admitir que cometeu um erro? O que você é, uma oriental? Proteger sua reputação é a coisa mais importante de sua vida?

Foi então que Lindsay disse que as coisas entrariam em seus eixos.

— Volte para casa, querida — suplicou Pauline. — Isso não é vida para você. Se não quer se separar de Reg, por que vocês dois não viajam juntos para Nova York? Será melhor para ambos. Eu estarei por perto, e também todos os seus velhos amigos. Vocês serão mais felizes lá.

— Não. Não posso fazer isso, mamãe. A única coisa que Reg tem é seu emprego. Você não vai querer realmente que ele fique trabalhando como chofer de táxi em Nova York, vai? Que acontecerá se ele for indicado como chofer de alguma de suas amigas, mamãe? Vai querer vê-lo no carro estacionado junto do Caravel enquanto você janta com suas amigas? Ou vai gostar de que minhas conhecidas dêem uma gorjeta a ele por conduzi-las em sua limusine? — Sacudiu a cabeça. — Ele pertence a esta cidade, mamãe. Este é o lugar onde Reg vive.

"E onde ele vai morrer de tanto beber", pensou Pauline. Sentia pena daquele homem. Reg também sabia que seu casamento fora um erro, mas, como Lindsay, pretendia levá-lo até o fim, por mais amargo que pudesse ser.

E não havia nada que ela ou alguém mais pudesse fazer.

Certo dia, em meados de outubro, Adele entregou a Geoff um envelope que já fora aberto.

— Isto chegou hoje, querido. Está endereçado a nós dois.

Geoff pegou o envelope com desinteresse. Mais um convite, supôs. Felizmente não se tratava de um daqueles jantares de homenagens a duzentos dólares o prato e aos quais era sempre instado a comparecer. Ou uma das enfadonhas festas de caridade de Adele, promovidas constantemente, com leilões e exposições de prendas, tudo em benefício dos mangustos em extinção ou dos moluscos ameaçados pela poluição. Aquele convite não se enquadrava em nenhum desses casos. E com uma leve pontada de surpresa, leu:

"O Sr. e Sra. Crawford Bellman sentir-se-ão honrados com sua presença no casamento de sua filha Constance com o Sr. Robin Matthew Darnevale, no sábado, quinze de novembro de mil novecentos e sessenta e nove, na Igreja de St. Chrysostom, Chicago, Illinois".

Havia também um cartão especial para a recepção, acompanhado de um envelope selado a ser devolvido — se fosse o caso — ao casal Bellman no mesmo endereço. Geoff perguntou-se de passagem se aquela seria uma pequena recepção numa casa modesta ou uma recepção de gala numa mansão. Então Robin ia casar-se de novo. E Geoff ficou desapontado ao sentir uma sensação incômoda na boca do estômago. Afinal, que lhe importava o que Robin fizesse ou deixasse de fazer? "Mas eu me incomodo", pensou de modo pouco razoável. "Eu me incomodo por ele estar substituindo minha filha por outra mulher. Fico indignado em ver outra pessoa tomar o lugar de S. P. Bem, isso é uma loucura de minha parte. Certo, então que seja. É ainda como me sinto."

— Devemos ir ao casamento?

Geoff disse, impulsivo:

— Onde está com a cabeça, Adele? Ir a esse casamento? Há dois anos praticamente não falo com esse homem. Por que deveria eu querer ir ao casamento dele?

— Ele é seu genro.

— *Era*. Minha filha morreu, lembra-se? — No mesmo instante se arrependeu do seu tom ríspido. Pobre Adele. Por que tinha que ser rude com ela? Adele não podia ter idéia de seu doentio sentimento de revolta. — Não — disse mais calmo —, não iremos. Tenho certeza de que esse convite foi feito apenas por cortesia. Robin não conta conosco.

— Bem, acho que devíamos ir — disse Adele, afeta-damente. — Ele é o pai de seu neto, Geoff. É muito ruim que você prefira ignorar John. É sua própria carne e sangue. Seria uma afronta não ir ao casamento do pai dele.

— Uma afronta? — Geoff riu. — Até parece que estou insultando meu amigo mais querido! Já lhe disse, Adele, Robin e eu nem sequer nos falamos. O único motivo pelo qual eu o mantenho na agência é o fato de ele ser um elemento muito útil lá em Chicago. Não vamos esquentar a cabeça com esse assunto, está bem? Não pretendo ir; portanto, por favor, escreva uma cartinha gentil, lamentando nossa ausência, e envie alguma coisa bonita da Tiffany como presente, se isso servir para acalmar sua consciência.

Adele fitou-o timidamente, dizendo:

— Acho que você está com medo de ir lá.

— Medo? De quê? — sua voz estava começando a soar como a de um papagaio! — Por que estaria com medo?

Adele deu de ombros, retrucando:

— Talvez você esteja preocupado com a presença de Lindsay lá. — E voltou a fitá-lo com brandura. — Acho que a idéia de se encontrar com ela o apavora. E com o marido dela. Penso ser essa a verdadeira razão de você não querer ir.

— Não seja idiota! Lindsay não significa nada para mim. Ela poderia casar seis vezes, andar por toda a Europa, e isso não me incomodaria nem um pouco! Caramba, se eu tivesse um pinga de vontade de ir a esse casamento, não seria Lindsay que iria me impedir. Você sabe disso, Adele.

— Ainda que *eu* acredite no que você diz, ninguém mais acreditará. Todos acham que você vive assim arredio porque está com receio de vê-la e a esse tal Marks.

— E quem, posso saber, são esses *todos*?

— Robin, Pauline. Provavelmente todo o pessoal da chefia da agência aqui em Nova York e em Chicago. Para não mencionar Lindsay, que provavelmente gosta desses falatórios.

— Isso é tolice. Você simplesmente deseja ir e pa-vonear-se diante de Lindsay como a nova Sra. Murray. Eis no que se resume a questão, não é assim?

Adele demonstrou indignação.

— Você sabe que não, Geoff. Como pode ser tão desagradável? Simplesmente sei o que são boas maneiras. Goste dele ou não, Robin ainda faz parte de sua família, Geoff. É o pai de seu neto. Detesto ver você proceder como um homem rancoroso. Ou, pior ainda, como um covarde. Acho que seria um erro de sua parte não comparecer. Isso o faria parecer mesquinho.

Geoff franziu a testa. Que diabo, Adele tinha razão. Haveria mais falatórios se ele não fosse ao casamento do que se comparecesse. Além disso, Lindsay provavelmente não estaria presente. Duidava que ela viesse da Inglaterra para tal.

E havia outra coisa. Nos últimos meses, ele admitira — somente para si mesmo — que se comportara mal em relação a seu genro. Não era natural pensar que Robin matara

S. P., Deus sabia o quanto ele a amara. Era o tipo de coisa que podia acontecer a qualquer homem, mas o pesar sofrido então por Geoff o deixara cego para esse fato. Ele parecera perder seu equilíbrio em tudo o que se referisse a S. P.: sua morte, seu filho, e agora o novo casamento de Robin. Não era um modo lógico de pensar. Já era hora de dar fim àquela rixa unilateral. E pensou, de repente: "Gostaria de ver John novamente. Posso enfrentar isso agora. Bastante tempo já se passou. Nunca mais terei outro neto. Ou outro filho. Adele já passou da idade de procriar, ainda que ela viesse a dormir comigo com a frequência necessária para conceber um filho". E afastou da mente esse pensamento triste. Com voz pausada, disse:

— Talvez você tenha razão. Nunca pensei muito em como os outros me encarariam. Como um tipo esquisito, suponho. Um homem que nunca vai ver seu neto nem mantém qualquer contato com o marido de sua filha. Não que me preocupe com o que as pessoas pensem — apressou-se a acrescentar —, mas suponho que seria um acinte não comparecermos. Está certo, escreva acusando o recebimento do convite e aceitando-o. Terei que providenciar a reserva de uma suíte no hotel.

Adele sorriu. Contava com que Lindsay fosse ao casamento. Gostaria de dar uma olhada naquele inglês. Mais do que isso, gostaria de ver a cara que Lindsay faria quando elas se reencontrassem, agora que ela, Adele, era a Sra. Geoffrey Murray.

Com um sentimento de culpa, porque o convite para o casamento de Robin fora endereçado ao Sr. e Sra. Reginald Marks, Lindsay não o mencionou a Reg. Em vez de fazê-lo, inventou um pretexto para ir a Nova York, algo como acertar a venda de sua parte na loja a Marty.

— Ele deseja ampliar o negócio — ela contou a Reg —, e já que ainda sou parte interessada no assunto, ele gostaria que eu fosse ver o novo local.

Reg não demonstrou qualquer desconfiança. Não parecia, ultimamente, ligar muito para o que ela fazia. "Com que rapidez os laços desse casamento se desataram", pensou Lindsay, com tristeza. Mas na verdade esses laços nunca tinham sido firmes, desde o início. Fora uma união baseada no sexo, e o relacionamento sexual era ainda a única coisa que os mantinha juntos. Na cama, eles sabiam fazer a felicidade um do outro, mas isso era uma parte muito pequena da vida. Importante, certamente, mas deixava a maioria das horas vazias e incompletas. "No entanto, necessitamos um do outro", ela se disse. "Eu necessito dele porque não posso suportar a idéia de ficar só, como fiquei durante a guerra. E Reg necessita de mim porque, suponho, represento algo ou alguém que ele nunca sonhou ter."

Também não era nada agradável perceber que ela chegara a representar algo mais para Reg: sua garantia de subsistência. Seu gosto pela bebida era, agora, um problema inegável. Amiúde, quando telefonavam da empresa de táxis, Reg se achava bêbado e não podia trabalhar. Lindsay atendia às chamadas, mentindo ao dizer que ele estava doente ou fora da cidade no momento. Não demorou muito para que ela soubesse que Reg já figurava na "lista negra" da empresa. Só o mantinham ainda como um "chofer extra". Isso significava que ele não tinha direito a nenhum salário regular e trabalhava somente quando os motoristas fixos estavam sobrecarregados de serviço. Reg passou a não ganhar praticamente nada, e o pior de tudo é que nem parecia se preocupar com

isso. Começara a aceitar suas comodidades, sua boa vida, como coisas já asseguradas. Contava com uísque à vontade, uma cama macia e uma mulher complacente. Nunca se mostrava abusado ou grosseiro, mas convertera-se aos poucos numa presença aparentemente resignada, quase silenciosa e dependente ao extremo. Lindsay sentia uma pena terrível dele e de si mesma. Não fora isso o que pretendia ao se casar por desforra. Não desejava aquela criatura submissa, indefesa. "Modifiquei completamente o homem atraente e cheio de vitalidade que conheci um dia", ela pensava com tristeza. "Eu o afastei de seus amigos e de sua família e o empurrei para um tipo de vida que ele detesta, e que só aceitou por minha causa. Ele se sente infeliz, e por isso bebe para esquecer aquilo em que se converteu. E quanto mais ele bebe, mais desesperançado se torna. E nós dois somos colhidos nessa armadilha desesperante."

Sabia que não devia abandoná-lo, mas havia momentos em que tinha de se ausentar, e o convite para o casamento de Robin era algo irresistível. Estava envergonhada por não desejar que Reg a acompanhasse na viagem, mas isso prejudicaria tudo. Ele poderia embebedar-se e constrangê-la como ocorrera durante a visita de Pauline. E ela não suportaria que isso acontecesse na presença de estranhos. E morreria de vergonha, caso Geoff e Adele estivessem presentes. Era improvável que comparecessem. Geoff odiava Robin. Dificilmente iria ao seu casamento. A verdade é que Lindsay não queria que ninguém soubesse que seu casamento fora um lamentável fracasso, e, se Reg estivesse com ela, isso ficaria por demais evidente. Ela não conseguira enganar Pauline. Mas Pauline não riria dela, nem faria comentários. Quanto aos outros, ficariam muito contentes em passar adiante a notícia de que a altiva Lindsay Thresher Murray se casara com um tolo palhaço de classe baixa.

Odiava-se por fazer essa cruel descrição de Reg, mas às vezes chegava a detestá-lo também, por sua apatia e suas súplicas patéticas para obter amor. Reg parecia quase indiferente ao que ela fazia ultimamente, embora estivesse mais apegado a ela do que antes. Raramente Reg saía, e agora, quando Lindsay lhe sugeria visitar seus velhos amigos e passar uma noite na taberna, ele se limitava a menear a cabeça.

— Por que não, Reg? Você sempre gostou disso.

— Não me identifico mais com eles. Só conversam sobre carros.

— Bem, querido, se recomeçasse a trabalhar, você poderia conversar sobre isso com eles, também. — E pensou que estava se parecendo mais com um pai indulgente do que com uma esposa.

— Você detestava quando eu passava muito tempo trabalhando. Agora que não trabalho, você odeia isto também.

Lindsay suspirou. Ambas as coisas eram verdadeiras. "Droga", desejou dizer, "há um meio-termo satisfatório, você bem sabe. Se não está saindo para trabalhar, então se mostre sóbrio e agradável. Pelo menos, apresentável, pois assim poderíamos receber visitas, nos entreter." Ela não vinha recebendo mais visitas. Era muito arriscado convidar alguém. A última vez que reunira amigos no apartamento fora um desastre. Reg ficara terrivelmente bêbado, caíra sobre uma cadeira Chippendale e quebrara uma estatueta de porcelana de Sèvres. Ela tivera que ajudá-lo a ir para o quarto e pô-lo na cama. E tentara disfarçar, rindo e dizendo que ele estava apenas "animado" demais.

— Estarei ausente por duas semanas — disse Lindsay enquanto se preparava para sair. — Você ficará bem? Prometa-me que irá se alimentar. A Sra. Withers fará bons pratos para você, Reg. Ela ficaria muito sem jeito se você não os apreciasse.

Reg estava sóbrio mas desalentado naquela manhã.

— Eu ficarei bem, não se preocupe. Cumprimente Pauline por mim. E divirta-se. E não demore a voltar. Você pretende voltar, *não é?*

— Meu querido, que coisa mais fora de propósito! Claro que vou voltar! Quem pôs tal idéia em sua cabeça?

— Não a recriminaria se não voltasse. Não há muito aqui para você, há, minha querida?

Lindsay sentiu o coração doer. E murmurou:

— *Você está aqui.* — Beijou-o com ternura. — Cuide-se bem, querido. Talvez... talvez você possa diminuir um pouco as doses de uísque, hein? Vai me fazer uma boa surpresa quando eu voltar?

— Certo. Farei isso.

— E divirta-se um pouco, também. Por que não procura a sua velha turma? Ria um pouco na companhia deles. Não desejo ver você solitário. — "Céus, estou cacarejando como uma galinha mãe! Sentimento de culpa", ela pensou. "Você está envolvida por ele." — Telefone para você — acabou por dizer. — E se precisar de mim, telefone para a casa de mamãe. — Disse até-breve à empregada. — Cuide bem do Sr. Marks, Sra. Withers.

— Cuidarei, senhora. E aproveite a viagem. Divirta-se.

— Vou viajar a negócios, como sabe. Não acredito que me sobre muito tempo para diversões. — Tolice! Por que estava dando explicações para a empregada?

— Sim, senhora, eu sei. Mas, de qualquer modo, procure relaxar um pouquinho. — E a Sra. Withers olhou de relance para Reg antes de dizer: — Essas pequenas férias lhe farão bem, senhora.

"Sim", pensou Lindsay, sentada agora na poltrona do avião, "essa viagem me fará bem. Faz quase um ano que não me sinto *livre*." Embarçada, perguntou-se por que escolhera essa palavra. Pretendera se dizer: "Há quase um ano que estou longe *de casa*". Dava no mesmo, talvez. América, o lar dos bravos e a terra da liberdade. Mal podia esperar para revê-la. Fora uma tola ao abandoná-la.

A cerimônia de casamento foi tão bonita que Lindsay mal pôde conter sua emoção, sentada perto de Pauline na antiga e adorável igreja decorada com flores, observando Constance acercar-se devagar do altar, conduzida pelo braço por seu pai. Era uma noiva encantadora, e Robin, aguardando ao pé do altar, tinha uma expressão gentil e protetora, mais atraente ainda do que o fora numa ocasião semelhante há pouco mais de quatro anos.

Quatro anos. Tinham-se passado apenas quatro anos desde que Lindsay ajustara o véu de S. P. e lhe pedira para parar de mexer a cabeça? Parecia ter decorrido muito mais tempo, tão diferente se tornara o mundo. Os olhos de Lindsay encheram-se de lágrimas, ao pensar em sua filha. "Por quê?", perguntou-se, como já o fizera tantas vezes. "Por que teve que acontecer a ela?"

Não se atrevia a voltar o rosto, mas quase podia sentir o olhar de Geoff. Ele e Adele estavam sentados na fila logo atrás dela. Vira-os quando entrara com Pauline na igreja, mas tão de longe que não trocaram nem uma palavra, sequer um olhar atento. Constance demonstrara muito tato ao não colocar toda a "família" no mesmo banco da igreja. O pior seria se não pudessem evitar um encontro na recepção, mais tarde.

Lindsay estava muito surpresa de ver Geoff ali. Olhara-o apenas de relance, mas ele parecia mais velho, mais cansado. "Suponho que eu dê a mesma impressão", pensou Lindsay, "embora não sejamos velhos. Geoff tem somente cinqüenta anos. Meu Deus, como éramos ambos jovens quando nos casamos! Adolescentes tolos, ansiosos por sexo, já prontos e capacitados para o amor, mas imaturos demais para assumir as responsabilidades de um casamento. E no entanto, nós o levamos adiante, por um longo tempo. Desejaria que pudesse ter sido para sempre."

Era bom perceber, sentada ali, naquele ambiente tranqüilo, que sua animosidade contra seu ex-marido desaparecera. "Não o odeio mais", pensou. "Acho que nunca o odiei realmente. Estava zangada e cheia de mágoa, mas sempre o amei."

Pauline moveu-se ligeiramente. E Lindsay se disse, entretida: "Sou tal qual mamãe. Só houve um homem para ela também. Ainda que não tenha podido continuar a viver com ele."

— Olá, Lindsay.

A voz tão conhecida soando às suas costas sobressaltou-a tanto que ela quase derramou o champanha. Voltou-se e procurou sorrir naturalmente.

— Olá, Geoff. Como vai você?

— Muito bem, obrigado. E você?

— Simplesmente ótima.

Fez-se um curto silêncio embaraçoso, e então eles disseram quase ao mesmo tempo:

— Não foi um casamento lindo? — e se puseram a rir juntos.

— Eu sempre lhe disse para parar de roubar minhas falas — disse Geoff sorrindo.

Ela lhe retribuiu o sorriso.

— E eu sempre lhe disse para arrumar um novo autor de argumentos.

O sorriso desapareceu do rosto de Geoff.

— É ótimo vê-la de novo, Lindsay. Penso muito em você.

Lindsay olhou para a sua taça, evitando o olhar de Geoff, e não retrucou.

— Seu marido não veio?

Ela se empenhou em recuperar seu equilíbrio emocional, dizendo:

— Não. Sentiu muito, mas estava com muito serviço. Não podia fugir a seus compromissos.

— É uma pena. Ele ainda está no mesmo ramo de trabalho?

Ela olhou-o já na defensiva.

— Sim. Ainda trabalha como chofer. — Havia um toque de desafio em sua voz. — E dos bons.

— Estou certo de que sim. Você sabe valorizar o melhor de qualquer homem.

Essas palavras, ditas de modo bastante amável, irritaram-na.

— Você não parecia pensar assim, ao que me lembro. Parece que eu realçava apenas o pior em você.

Geoff não devolveu a provocação.

— Não, eu é que realcei a parte pior de mim mesmo. Andei terrivelmente confuso durante nossos últimos anos de casamento.

Lindsay sentiu-se nervosa. A conversa adquirira um caráter demasiado íntimo. E também já se alongara demais. Relanceou o olhar pela sala e viu Adele a observá-los apreciativamente, com um sorriso enfatuado pendurado em seus lábios. "Diabo de mulher", pensou Lindsay, "dá a impressão de estar se divertindo com isso. Como deve estar segura de si. E de Geoff. Não a deixarei perceber o quanto isto tudo me enerva." E sorriu, um sorriso luminoso, social.

— Adele está bem. Sua nova vida deve se harmonizar com ela.

A expressão de Geoff nada revelou.

— Ela parece bastante feliz.

"E você, meu querido?", Lindsay teve vontade de perguntar. "Você é feliz? Ou está arrependido também? Desejaria que pudéssemos apagar tudo; todos os desentendimentos e a estranheza, toda a dor e o orgulho ferido?"

— Estou deveras surpresa de vê-lo aqui, Geoff. Não pensei que você viesse.

— E eu esperava, por Deus, que você não viesse.

Ela o olhou, espantada. Não havia nenhuma dúvida quanto ao sentido do que ele dissera.

— Quando vai partir de Chicago? — ele perguntou.

— Amanhã à tarde. Desejo passar algumas horas com John. Eu e mamãe chegamos ontem à noite, e não tive tempo e vagar para vê-lo. Mamãe e eu pensamos em visitá-lo amanhã pela manhã. — Hesitou. — E você?

— Quer saber quando vou embora ou quando irei ver John? — Fitou-a intencionalmente. — Já que estou aqui, aproveitarei o tempo como puder. E na segunda-feira tenho alguns encontros de negócios. — Fez uma pausa. — Curioso, eu pretendia visitar John amanhã de manhã, também, mas suponho que seria embaraçoso...

Lindsay sentiu o olhar de Adele incomodando-a. Ao inferno com ela.

— Por quê? Somos seus avós, e educados o bastante para sermos amáveis, embora estejamos separados. Não vejo nada de errado em irmos vê-lo juntos. Adele e mamãe nos serviriam de "damas de companhia", para salvar as aparências.

— Eu não pensava em levar Adele.

— Oh, bem, mamãe será uma respeitável dama de companhia, suponho.

Geoff sorriu.

— Talvez você possa almoçar comigo depois, que acha? Vocês duas, quero dizer.

Lindsay olhou-o serenamente.

— Adele aprovaria isso?

— Não vejo por que se oporia. Mas isso tem importância?

— Não, realmente não tem.

— Onde estão hospedadas?

— No Watergate Tower.

— Ótimo. Passo por lá para apanhar você e Pauline por volta das dez, está bem?

Lindsay não pôde resistir.

— Tem certeza de que Adele não vai se incomodar de ficar sozinha no domingo? As lojas estarão fechadas. O que fará ela para se distrair?

— Não continue, Lindsay — disse gentilmente. — O sarcasmo nunca combinou com você.

— Percebi que você procurou não falar com Adele — disse Pauline secamente quando as duas tomaram o táxi para o hotel —, mas certamente teve uma boa e longa conversa com Geoffrey.

Lindsay sorriu.

— Notei que você também deu um jeito de ficar do outro lado da sala, afastada dela. Nós duas fingimos muito bem que Adele estava invisível, não foi?

Pauline deu um pequeno suspiro antes de retrucar:

— Você sabe que eu realmente não ligo mais para ela. Não a odeio, não estou ressentida com ela, simplesmente ela me é totalmente indiferente. — Tocou na mão de Lindsay. — E você? Vê-la de novo ainda a incomoda?

— Não tanto como tinha imaginado. Dei pela presença dela, especialmente enquanto eu e Geoff estávamos conversando, mas isso não me incomodou muito. Ela é um nada. Não consigo sequer ficar zangada por causa dela. — Franziu a testa. — E me pergunto por quê. Pensava que a desprezaria até o dia da minha morte.

— Talvez seja porque você sabe que ela nunca foi feliz um só dia de sua vida. E nunca será, desconfio. Você não pode odiar alguém assim. Pode unicamente sentir pena. Ou não sentir absolutamente nada.

Lindsay continuou sentada, pensativa por um momento, antes de dizer:

— Geoff vai ver John amanhã.

— É mesmo? Bem, estou encantada com isso. Fico feliz por ele ter mudado de atitude. Seu comparecimento ao casamento decerto já indicava uma mudança. Estou muito contente por causa dele, como também por Robin e John. Pobre Geoff. Suponho que precisava apenas de algum tempo. Sua dor foi tão intensa. Não mais do que a sua, minha querida, mas ele não tinha tanta autodisciplina. Ele se entregou ao sofrimento, Lindsay. Os homens o fazem, às vezes, ainda mais que as mulheres. E é algo terrível.

— E mais difícil ainda é conviver com isso. Gostaria de ter tido mais paciência, mamãe.

— Eu sei, querida.

Já estavam chegando ao hotel.

— Geoff deseja apanhar-nos aqui pela manhã e levar-nos para visitar Robin e John. Depois, gostaria que almoçássemos com ele. — Fez uma curta pausa. — Adele não irá com ele.

— Entendo.

Lindsay voltou-se para sua mãe, meio divertida.

— O que isso quer dizer agora? Quando você diz "entendo", isto tem mais significação do que uma frase inteira de outra pessoa.

Pauline pretextou inocência:

— Do que você está falando?

— Ora, convenhamos, mamãe, não faça esse jogo comigo. Você acha que há algo de especial nesse convite? Não seja tola.

— Eu não o serei, se você não for.

Lindsay riu.

— Não está pensando que sou doida o bastante para tentar recomeçar algo com Geoff, está? Esqueça-o então, mamãe querida. Uma criança que já se queimou uma vez teme o fogo, para citarmos um lugar-comum. Não, eu estou casada. E ele também. Somos apenas um par de pessoas de idade dispostas a visitar um garotinho e ter depois uma conversa sociável sobre ele. Eis tudo. Tudo mesmo.

— Naturalmente. Então vocês não se incomodarão se eu não almoçar com vocês? É que prometi visitar uma velha amiga. Uma das últimas "reliquias" remanescentes, além de mim. Prometi almoçar com ela.

— Velha amiga? Não sabia que você tinha alguma amiga dos velhos tempos aqui em Chicago.

— Oh, tenho sim, minha querida. Conhecemo-nos desde a Era Glacial. Telefonei-lhe esta manhã, antes do casamento, enquanto você se vestia.

Lindsay fitou-a, desconfiada. E perguntou:

— Qual é o nome dela?

— Sophie. Frequentamos o mesmo colégio.

— Sophie — repetiu Lindsay. — Mamãe, não está inventando essa Sophie, está? Espero que não esteja alimentando a idéia maluca de ver Geoff e eu unidos de novo. Porque isso não vai dar certo, você sabe. A vida não é uma novela romântica, onde tudo acaba bem no final.

— Quem, eu? Lindsay, como pode pensar tal coisa?

Lindsay olhou-a carinhosamente. E disse:

— É, não posso pensar isso. Perdoe-me. Deve ter sido o efeito de todo aquele champanha. Dê lembranças minhas a Sophie. Promete?

Pauline manteve uma expressão natural.

— É claro que sim, querida.

Geoff caprichou no nó da gravata, enquanto dizia:

— Você não se incomoda que eu vá sozinho ver John, não é? Sei que essa visita só iria aborrecê-la.

Adele folheava os jornais de domingo. Por que os jornais de outra cidade eram sempre tão estranhos? Quem é que se preocupava com o Prefeito Daley? As notícias tinham um cunho exclusivamente local.

— O que você disse, Geoffrey?

— Disse que esperava que você se distraísse por umas poucas horas enquanto visito John.

— Oh, é isso. Está perfeitamente certo, querido. Já vi o bastante de sua família no casamento. Além disso, não tenho certeza de que suportaria presenciar a cena de sua confissão de culpa diante de seu neto há tanto tempo esquecido.

Geoff contraiu os lábios. Como fora unir-se tão irremediavelmente àquela mulher insuportável? "Porque é uma excelente atriz", pensou. "Tão terna, dócil e compreensiva

quando Lindsay e eu estávamos quase nos esganando. Tão sexy quando eu necessitava disso. E agora, tão ferina e fria. Meu Deus, ela é a mulher mais fria que jamais conheci. Lindsay tinha razão, Adele é sexualmente fria. Que grande tolo fui ao pensar que a culpa cabia a Howard. Ela não se animaria nem nos braços de Cary Grant. Ela é uma egoísta, um *iceberg*. E igualmente impassível. Já se vão nove meses desse casamento sem amor. Que tortura deve ter sido para ela fingir-se apaixonada por mim poucos meses atrás!"

Adele passeou os olhos pelos anúncios. Na Marshall Field havia um modelo de vestido que não parecia mau. Talvez desse uma saída na segunda-feira para dar uma olhada. Graças a Deus, seu manequim era ainda 44.

— Lindsay está um tanto gorda, não acha, Geoffrey? Parece ter ganho alguns *quilos*. Suponho que isso se deva à terrível comida inglesa. Ela provavelmente tem abusado de creme e gorduras. Ou talvez ande bebendo. Se quer saber, ela está com ares de boa bebedora... Bem, por que não? Pobre criatura. Se eu estivesse casada com um chofer seguramente beberia bastante também, embora tenha orgulho demais para me mostrar diante de meus velhos amigos assim inchada e gorducha.

Geoff passou para seus bolsos o que estava numa gaveta da cômoda, sem retrucar.

— Suponho que você achou que ela estava bonita — disse Adele.

— Para ser sincero, achei.

— Oh, é mesmo, Geoff? Você é tão romântico! Ainda a vê como se ela tivesse dezenove anos. Bem, Lindsay está agora com quarenta e nove, e seus encantos se foram — Chutou as chinelas e olhou para seus pés bem pedicurados. — Graças a Deus, tenho cuidado de mim mesma. Penso que é uma obrigação feminina.

— Lindsay sempre esteve mais interessada em outro tipo de obrigações — resmungou Geoffrey.

— Como? O que você disse, querido?

— Nada, Adele. Eu a verei mais tarde.

— Dê lembranças minhas a Lindsay.

A meio caminho da porta, Geoffrey voltou-se e a olhou fixamente. Adele sorriu.

— Querido, sei que você vai vê-la. Que quadro encantador vocês formam! Os afetuosos avós arrulhando junto ao bebê. Estou comovida.

— Como afinal você soube...

A expressão de Adele mudou.

— Então você *vai mesmo* vê-la. Já desconfiava. Geoff, você é tão ingênuo. Caiu direitinho nessa pequena armadilha, hein? Eu o observei ontem à noite. Você estava hipnotizado. Sei que você estava procurando um meio de vê-la de novo. Bem, vá em frente. Isso não lhe servirá de nada, você sabe. Talvez possa persuadi-la a ir a um hotel esta tarde, mas nunca será livre para se casar de novo com ela. Isso eu lhe garanto.

Geoffrey estava lívido de raiva.

— Você... sua inqualificável...

— Isto é mau, muito mau. Um cavalheiro não xinga sua mulher amada.

Capítulo 29

Durante o almoço, Lindsay mostrou-se eufórica.

— Ele não é maravilhoso, Geoff? Você já tinha visto um garotinho mais bonito e bonzinho?

— E tão difícil de pegar. Aquele diabinho pode andar de gatinhas quase mais depressa do que eu correndo.

— Ele se parece com S. P., você não acha? Os mesmos olhos, o mesmo sorriso. É uma alegria vê-lo. Um consolo. É como se alguma coisa de sua mãe ainda estivesse viva.

— Lindsay, como pode...? Como pode pensar assim? Olhar para ele me faz sentir uma dor danada.

Sem sentir, ela pousou seus dedos na mão dele. E disse:

— Eu sei. Também sinto o mesmo. Mas ela gostaria que nós o amássemos e se alegraria em deixá-lo para Robin. E para nós.

Geoffrey inclinou a cabeça e rapidamente beijou aquela mão pequena, tão conhecida. Lindsay recuou como se a carícia a tivesse queimado.

— Não faça isso, Geoff.

— Desculpe. — Olhou-a fixamente. — Eu a amo, Lindsay. Nunca deixei de querê-la. Acho que estive mentalmente enfermo por algum tempo. Deixar você foi o pior erro de minha vida. Nunca desejei estar casado com outra a não ser você.

Uma centena de perguntas afloravam aos lábios de Lindsay. "Então por que você foi embora?", teve ímpetos de gritar. "Por que deixou de fazer amor comigo? Por que me empurrou para aquele homem que nunca desejei desposar? E por que se deixou iludir por Adele? Como pôde, Geoff? Como pôde arruinar nossas vidas desse modo?" Após um instante, ela disse serenamente:

— Nunca desejei ninguém senão você, também. O que aconteceu simplesmente aconteceu. Está feito e não pode ser remediado.

— Não pode mesmo? Outras pessoas se casam em segundas núpcias.

— Não pessoas como nós, Geoff. E não nas circunstâncias em que vivemos. — Sentou-se mais ereta. — Está certo, aparentemente nós dois cometemos um erro. Eu admito o meu. Nunca ameí Reg. Casei-me com ele para mostrar a você que alguém me queria, ainda que você não me desejasse. Loucura, não? Mas isso é o que a rejeição pode fazer com um ser humano presumivelmente racional.

Ele assentiu num gesto lento de cabeça.

— Desconfiava disso. Quanto a mim, cometi igual insensatez ao pensar que Adele era uma espécie de deusa mitológica que você nunca poderia ser. Pensar que desejei uma mulher sem espírito, sem vida. Eu devia estar louco. — Segurou de novo a mão dela, murmurando: — Mas ainda não é tarde demais, Lindsay. Adele vai me fazer pagar caro por isso, mas não me incomodo. Conseguirei o divórcio. Você pode se divorciar também.

Lindsay moveu a cabeça em negativa.

— Eu não posso, Geoff. Você não sabe o que se passa com Reg. O que tenho feito com ele. Reg era feliz antes. Ele não queria se casar comigo. Sabia que era uma união impossível. Mas eu estava tão obstinada! E agora eu o afastei de sua família e de seus amigos, tornando-o tão infeliz que passa a maior parte do tempo bebendo. Não consegue sequer firmar-se mais num emprego. Eu o precipitei num mundo que ele não entende, e o

impossibilitei de retornar àquele em que vivia antes. Não, não posso abandoná-lo agora. Ele nunca conseguirá firmar-se de novo. Tenho que cuidar dele.

Bruscamente, Geoff largou a mão de Lindsay.

— Isto é absurdo. Não se converte um homem em algo que ele não deseja ser. A culpa não é sua, Lind. Não passe o resto de sua vida como uma mártir! Ele vai sobreviver. Já o fez antes e o fará de novo.

— Não o fará. Ele não pode. Como eu poderia viver em paz comigo mesma se simplesmente o deixasse, dizendo: "Tchau, queridinho, foi ótimo conhecer você"? Sabe que ele realmente me perguntou se eu retornaria após esta viagem? Ele estava patético. E disse: "Não há muito para você aqui". Quase cortou meu coração ouvi-lo.

— Mas ele está com a razão, Lind. Não há nada lá para você. Está tudo aqui. Seu lar, sua família. Mesmo eu, se você me quiser de novo. — Olhou-a, suplicante. — Por favor, querida. Erramos, mas será que ternos que pagar por esse erro para sempre? Dê dinheiro a Reg. Ofereça-lhe o necessário para viver. Eu não me incomodo. Mas, pelo amor de Deus, pense em seu próprio futuro também! Mesmo que você não volte para mim de novo, não posso suportar vê-la presa a alguém somente por piedade. Você nada tem em comum com ele. Estaria lhe fazendo um favor ao deixá-lo voltar para o ambiente onde ele se sente feliz e à vontade.

Ela julgou que iria morrer, sentada exatamente ali, naquele restaurante. A tentação era quase irresistível. Tudo poderia ser reatado, vivido como devia ser. Uma vida juntos. Um amor autêntico. "Deus, dê-me forças", pensou Lindsay. E então disse:

— Sinto muito, mas não posso. Você não entende como lamento. Ele necessita de mim, Geoff.

— Eu também.

"Onde estava quando *eu* necessitei de *você*?", pensou Lindsay.

— Tenho que ir. Mamãe está me esperando. Temos que tomar o avião.

— Lindsay, por favor...

Ela apanhou seu casaco, vestindo-o.

— Não diga mais nada. Eu não resistiria.

— Verei você de novo?

Aquele nó na garganta quase estrangulou sua resposta:

— Não sei. Não entre em contato comigo, Geoff. Seja bondoso. Pense em mim, não torne isso mais difícil do que já é.

Onde estava ele? E Lindsay olhou em volta, no aeroporto. Nenhum sinal de Reg. Estranho. Ela lhe telegrafara dizendo em que vôo chegaria. Telefonou para o apartamento e falou com a empregada.

— Estou no aeroporto, Sra. Withers. O Sr. Marks está vindo para cá?

— Não, senhora. Ele está aqui.

— Aí? O que houve? Ele está doente?

— Não exatamente, senhora.

Claro que não. Reg provavelmente estava bêbado demais para guiar. Ou se esquecera de que ela estava de volta. Ou simplesmente nem ligara para isso.

— Entendo — disse Lindsay por fim. — Obrigada. Tomarei um táxi.

Uma hora depois chegava ao seu apartamento. Tudo estava tão quieto. Onde estaria Reg? Curtindo a bebedeira em sua cama? Desmaiado na sala de estar? Lindsay ganhou forças e passou para o salão. Reg estava adormecido num sofá perto da lareira. Por um momento ficou parada, olhando-o. Tudo estava errado. Ele, aquela figura corpulenta de homem que mal cabia no pequeno sofá georgiano, não pertencia àquele ambiente. Reg estava fora de sintonia com a mobília delicadamente trabalhada, as paredes de cor suave, as cortinas de seda nas janelas. Ele pertencia a um lugar onde os móveis eram de estofamento pesado, adquiridos a prazo, e onde havia sempre um olor de couve e repolho cozidos. E não àquele aposento cheio de peças antigas e valiosas, onde o delicado aroma de rosas quase murchas em jarros especiais e finos perfumava o ar. "Ele não se encaixa em minha casa", pensou Lindsay. "Deus nos ajude, ele não se ajusta mais a nenhum lugar."

E no entanto, adormecido, Reg mostrava-se tão pacífico, tão vulnerável, que ela se sentiu envergonhada. A culpa não era dele. "Reg não pode se impedir de ser o que é", pensou. "Ou o que eu procurei fazê-lo ser." Deu mais alguns passos e tocou nele suavemente.

— Reg. Reg, cheguei.

Ele abriu os olhos lentamente e procurou firmar a vista. Então, bruscamente, percebendo quem ali estava, sentou-se e moveu a cabeça como se tentasse clarear a mente.

— Lindsay! Como foi que...? Que horas são?

— Quase meia-noite.

— Mas... — esfregou o rosto. — Oh, não! Devo ter pegado no sono, esperando a hora de ir apanhar você. Ah, sinto tanto, amor! Como fez para chegar aqui? Tomou um táxi, calculo. — Ergueu-se, meio cambaleante, e beijou-a. — Perdoe-me. Eu estava tão cansado, simplesmente peguei no sono. A Sra. Withers devia ter-me acordado. Diabo de mulher!

O hálito dele, que recendia a bebida, com um cheiro acre, revoltou-a. Cansado, dissera ele. De quê? De esvaziar uma garrafa inteira? "Peguei no sono", qual! Cheio de uísque era o mais exato. E ainda culpava a Sra. Withers por não tê-lo acordado! Ele não teria senso de responsabilidade sequer para permanecer sóbrio e desperto e ir receber sua mulher sem ter que irritá-la desse modo? Sua expressão pareceu delatar seus pensamentos, e Reg, de olhos turvos, pôde captá-los.

— Você está zangada e eu não a censuro por isso.

Sem responder, Lindsay voltou-se e se afastou, aborrecida. Ele foi atrás dela, tentando retê-la, as mãos aferrando-se a seu corpo.

— Senti tanto a sua falta, querida. Isto é terrível sem você. — Segurou-a com força, pelas costas, a voz baixa e muito íntima. — Você é tudo o que eu tenho, minha querida. Deixe-me colocá-la na cama e agasalhá-la.

Ela voltou-se e disse:

— Nas condições em que você está, tenho certeza de que é tudo o que será capaz de fazer.

Reg recuou como se ela o tivesse golpeado.

— Você está bêbado, Reg. Como sempre. É esta a imagem que você faz de uma volta ao lar? Que eu tome um táxi no aeroporto e chegue aqui para encontrar você dormindo, embriagado? Pensa que pode ajeitar tudo indo para a cama comigo? Meu Deus, é essa sua idéia de casamento: bebida e sexo? — Uma vez tendo começado, ela não pôde parar: — Presumo que você andou se embriagando desde o dia em que viajei. Deus sabe há quanto tempo vem vivendo nesse estado. Há vários meses. Deitado por aí, o dia todo, preguiçoso demais para ir trabalhar, sem disposição sequer para sair um pouco! Quando você ainda andava por aí, pelo menos era melhor. A situação era mais suportável quando você passava o tempo naquela suja oficina mecânica trocando piadas torpes com os outros motoristas! Era mesmo um alívio quando você saía com seus amigos idiotas e depois sentavam-se para beber cerveja naquela taberna vagabunda! Suponho que eles não querem mais sua companhia, não é assim? Sei que na oficina e na empresa de táxi não o querem. Para mim não seria surpresa se seus amigos estivessem fartos de... — Ela se interrompeu, horrorizada consigo mesma. Como podia ser tão cruel, tão mordaz? Ao contemplar o rosto sofrido de Reg, pôs-se a chorar. — Oh, querido, perdoe-me. Não quis dizer tudo isso. Estou apenas exausta e desapontada por você não ter ido me receber. Não sei o que deu em mim. Pode me perdoar?

Reg parecia inteiramente sóbrio agora. Nem por sombra zangado.

— Está tudo bem. Tudo o que você disse é verdade. Não sou bom para ninguém. Não posso conseguir trabalho, e meus amigos não me estimam mais. Para eles, sou o marido de uma mulher rica. Um grã-fino. Eles já não me tratam como antes. E eu não me sinto mais identificado com eles, também. Reparo agora em coisas que não notava antes. O modo como eles se vestem, comem e falam. E como são grosseiros. — Riu com amargura. — Como se eu não fosse assim. Mas antes eu não conhecia nada de diferente.

— Reg, sinto muito. Não devia ter dito realmente...

— Não. Está tudo certo. Eu sabia disso antes de você tê-lo dito. Quer saber de uma coisa, Lindsay? Enquanto você estava ausente, eu me senti tão terrivelmente só que tentei entabular conversa com a Sra. Withers, na cozinha. Pensei oferecer-lhe um drinque, contando com que ela falasse um pouco comigo. E você sabe o que ela me disse? "Lamento, senhor, mas não é correto para mim ter intimidades com o patrão." Engraçado, não? Já não faço mais parte do ambiente de meus amigos. Nem sequer me encaixo entre os que fazem serviços domésticos. Que diz disso, Lindsay? Não é o que chamam de estar ne limbo? É essa a palavra, não é? Estou simplesmente flutuando nele, na metade do caminho de tudo.

Lindsay estava paralisada. Não tinha idéia de que ele fosse tão perspicaz. "Não me surpreende que ele beba tanto. Ele sabe que está perdido. Temos que sair daqui", ela pensou. "A consciência de classe é ainda muito forte na Inglaterra. Pelo menos, na geração de que procedemos. Iremos para os Estados Unidos. Recomeçaremos tudo. Lá seremos apenas o Sr. e a Sra. Reginald Marks. Não o Reggie Marks que se casou com uma americana rica. Nem a Lindsay Marks que desposou seu chofer muito sexy. Nova York é um cadinho de raças e culturas diversas. Todos se ajustam lá. Quem são nossos pais, onde fizemos nossos estudos, todas essas coisas não importam muito na América." Naquele momento crítico, ela acreditava verdadeiramente que fosse a solução. Sim, viver

lá seria bom para os dois. Um novo começo longe do desastre que se avizinhava a cada dia.

— Querido, estive pensando...

Martin Wylie sentou-se na sua grande cama e contemplou a jovem sonolenta deitada a seu lado. Era uma nova empregada da loja de antiguidades, muito jovem e muito bem-disposta. Fora admitida no emprego há uma semana, e dois dias depois ela e seu patrão já eram amantes. "Que coisinha bonita", pensou Marty. "Não muito dotada de inteligência, mas por outro lado..."

— Ei — disse Marty —, recebi uma carta esta manhã, Lindsay vai voltar. Deseja que preparemos seu apartamento para ela.

Joyce não abriu os olhos ao perguntar:

— Quem é Lindsay?

— Minha sócia.

Dessa vez Joyce entreabriu os olhos pesados de sono.

— Não sabia que você tinha sociedade com alguém. Julguei que fosse o único patrão.

— Bem, eu sou. Isto é, adquiri a loja de Lindsay quando ela se mudou para a Inglaterra. Mas ela ainda tem participação no negócio. — Acendeu um cigarro e olhou fixamente para o teto. — É estranho. Não pensei que ela fosse voltar.

— Em primeiro lugar, por que ela foi para a Inglaterra?

— Seu primeiro marido deu-lhe o fora. Ela não pôde suportar isso. Viajou às pressas e casou-se justamente com o cara que costumava ser seu chofer quando ela fazia viagens de negócios à Inglaterra.

Joyce espantou o sono e mostrou-se curiosa:

— Não brinque! Ela se casou com seu chofer? Essa não!

— Pois é. E está vindo para cá com ele. Eu me pergunto como poderão viver com a mãe dela e suas amigas elegantes.

— E o que aconteceu com o "ex" dela?

— Oh, ele se casou com a mulher pela qual a trocara. Isso foi um impacto também. Ela fora casada com o pai de Lindsay.

Joyce franziu a testa.

— Não estou certa de ter entendido bem. Ele se casou com sua... o quê? Sua madrastra?

— Acertou.

— Isso não é incesto ou algo parecido?

Marty riu.

— É quase isso, presumo. Especialmente porque a nova esposa de Geoffrey fora a melhor amiga de infância de Lindsay.

— Você está me enrolando. Para mim você inventou essa história toda.

— Eu poderia inventar uma coisa dessas? O que pensa que sou, um escritor de folhetins? É a verdade. Sem tirar nem pôr. Fico imaginando apenas o que Lindsay fará agora, com um marido que não sabe outra coisa senão dirigir um carro. Só espero que ela

não tenha a idéia louca de dar a ele um emprego na loja. Era só o que me faltava: um inglês pateta sem nenhuma experiência.

— Como é Lindsay?

— Bonita e esperta. Sexy, também. E não a chame de Lindsay. Para você ela é a Sra. Marks.

— Ela já tem idade, não tem?

— Sim, um pouco. Deve estar perto dos cinqüenta.

Quando Pauline soube que Lindsay ia voltar, ficou encantada. Mas não tanto como teria ficado algumas semanas atrás. Sentia-se feliz por Lindsay ter recuperado o bom senso, por estar de volta ao lugar ao qual pertencia, ainda que ela, Pauline, sentisse desgosto por sua filha continuar casada com aquele homem alcoólatra e tão patético. Mas se Lindsay não podia abandoná-lo, pensou, pelo menos estaria perto das pessoas que a amavam.

As pessoas a amavam. Estranhamente, aí estava o problema. Lá num cantinho da mente de Pauline estava a incômoda e inquietante idéia de que o encontro entre Lindsay e Geoff em Chicago poderia ter tido algo a ver com a sua decisão repentina de retornar. Nesse caso, aquela notícia era ruim, Pauline lamentava admitir. Nada a teria agradado mais do que ver Lindsay e Geoff juntos novamente, mas isso era inteiramente impossível. Lindsay lhe contara no vôo para Nova York sobre seu almoço com Geoff. Ao ouvi-la, Pauline desejou não ter inventado aquela "Sophie". As coisas não teriam ficado tão difíceis se ela tivesse estado presente ao almoço.

— Geoff ainda me ama, mamãe — dissera então Lindsay em tom inexpressivo. — Ele quer que obtenhamos nossos divórcios e voltemos a nos casar.

Pauline não se surpreendera. Na verdade, naquele momento se sentira esperançosa.

— E o que você disse a ele?

— Que era impossível, naturalmente. Não posso deixar Reg. Sou má, mas não a esse ponto.

— Mas você ama Geoff.

— Amor não é sempre a coisa mais importante. Sim, eu o amo. Desejaria não ter sido tão precipitada. Se tivesse ficado quieta no meu canto, agora estaria livre, agora que ele reconhece o erro que cometeu ao casar-se com Adele. Mas a realidade é outra. E eu devo muito a Reg. Pequenas coisas como dever e lealdade. O tipo de coisas em que você e Gandy me ensinaram a acreditar.

Pauline manteve-se em silêncio.

— Sabe que estou tomando a única atitude decente, mamãe. Reconheça. Sei que você desejaria que Geoff e eu ainda estivéssemos juntos. Eu também. Mas não iria gostar muito de mim se eu simplesmente mandasse passear um homem a quem arrastei para a bebida, gostaria? Diga a verdade. Você honestamente aprovaria esse tipo de comportamento insensível, irresponsável?

— Querida, eu aprovaria tudo o que você fizesse. Fosse o que fosse, continuaria a gostar de você.

— Talvez. Mas eu não gostaria mais de mim mesma. — Balançou a cabeça. — Não. Vou voltar e levar tudo até o fim. Fiz Reg construir sua vida em função da minha. Eu o comprei e não posso jogá-lo fora como a um sapato usado.

Ao recordar aquela conversa, Pauline sentiu-se inquieta. Fora bastante fácil, antes, insistir com Lindsay para vir com seu marido para Nova York, mas agora tinha dúvidas. "O que ele fará aqui?", ela se perguntou. "Como disse Lindsay, ele não poderá trabalhar como chofer aqui. As pessoas não entenderão isso, é inútil pretender que sim." Mas acima de tudo, preocupava Pauline o fato de que o estado de espírito perturbado de Lindsay pudesse induzi-la a pensar que podia ter a ambos, Reg e Geoff. Era possível que ela imaginasse que podia permanecer casada com Marks e avistar-se ainda com Geoff, tendo talvez um caso com seu ex-marido? Pauline não se deixava impressionar pelo lado moral da questão. Era uma mulher experiente para ficar chocada com casos extraconjugais, como tinha ficado quase trinta e cinco anos antes. Simplesmente sabia que haveria uma tragédia, de algum modo, se Geoff e Lindsay brincassem com aquele fogo reaceso. Quem precipitaria a tragédia, isso ela não sabia. Talvez Reg, num momento de embriaguez. Ou Adele, num assomo de fúria. Estremeceu, rezando para que Lindsay não tivesse a idéia de desafiar tal perigo, e que ela e Geoff tivessem o bom senso suficiente para sequer pensarem em tal coisa.

Mas quem conhecia a fundo aquelas duas almas aflitas? Quem poderia prever o que aconteceria quando não houvesse mais um oceano entre eles?

"Qual", pensou Pauline, "estou quase lamentando que ela volte para casa."

Uma vez tomada sua decisão, Lindsay agira com presteza. Após a terrível cena com Reg no dia de seu retorno, mostrara-se mais afetuosa do que nunca, cheia de remorsos e decidida a recompensar seu marido pelas coisas de que o tinha privado.

Para sua relativa surpresa, Reg começou a comportar-se melhor também. Ainda bebia, mas não tanto como antes, e fazia um esforço para ser cordial e agradável diante dos poucos amigos que Lindsay tinha. "Provavelmente", pensava Lindsay, "a situação entre nós se esclareceu. Dissemos um ao outro o que sentíamos, todos os maus espíritos foram exorcizados, e pudemos chegar a um melhor entendimento mútuo."

E não só Reg não se opusera à idéia de viver em Nova York, como na realidade tal perspectiva até pareceu agra dar-lhe. Preocupava-se unicamente quanto à questão de emprego.

— Não posso ser um chofer de táxi lá — disse ele. — Seria embaraçoso para você.

— Por que não inicia seu próprio negócio de serviço de táxis de luxo? Não há nada de errado nisso. Um dos mais famosos homens da alta sociedade de Nova York é dono de uma frota de táxis. Por que não pensa em montar seu próprio negócio?

— Com o seu dinheiro?

— Por que não? Não poderia imaginar um melhor investimento. Você pode pagar o empréstimo quando estiver tendo lucros. Eu até posso cobrar juros.

— Seria altamente dispendioso, amor. Limusines custam os olhos da cara.

— Então comece modestamente, com duas apenas, e vá progredindo aos poucos.

— Você pensa realmente que eu poderia fazer isso?

— *Poderia*, não. Eu sei que você *pode*. — E Lindsay riu. — Oh, Reg, será maravilhoso para nós dois! Graças a Deus não me desfiz de meu apartamento. Tudo o que tenho a fazer é escrever para Marty, para que o prepare bem.

— É o apartamento que você compartilhava com Geoff?

— Bem, sim. Você se incomoda? — Sentiu-se confusa. — Se é assim, podemos procurar um outro apartamento. Claro que ele está todo mobiliado e é muito confortável. Deve estar ainda com muito bom aspecto, embora eu já não more lá há um ano. Mas se isso o incomoda...

— Não. Não me incomoda. Palavra de honra. — E sorriu. — Reggie Marks instalado na Park Avenue. Minha velha mãe nem irá acreditar. Claro que ela nunca chegou a acreditar, também, que moramos em Albany. Ela nunca esteve aqui.

Lindsay pôs-se na defensiva:

— Bem, a culpa não foi nossa. Nós a convidamos várias vezes.

— Eu sei. Mamãe é da velha guarda. Diz que não tem nada a fazer num lugar como este. Ela sabe onde moramos, certo. Eu não quis dizer isso. Mas ela sempre pensou que eu passei da conta. — Seu rosto se toldou. — Talvez ela tenha razão. Nunca me senti muito à vontade aqui, Lindsay, para lhe ser inteiramente franco.

Lindsay beijou-o no rosto com ternura.

— Vai ser diferente em Nova York. Espere e verá. Tudo será diferente.

De volta ao seu antigo lar, Lindsay sentiu que as coisas felizmente iriam dar certo agora. Entusiasmada, levou Reg a ver o apartamento, mostrando-lhe os antigos e maravilhosos objetos e peças de mobiliário que tinham sido de Gandy, destacando os tesouros com os quais convivera a maior parte de sua vida. Houve somente um momento ruim, quando entraram no dormitório que fora de Geoff.

— É aqui que ele dormia, hein? Vocês ocupavam quartos separados?

— Nos últimos anos, sim.

— Não aprovo isso. Não me surpreende que vocês tenham se divorciado.

Ela tentou dar pouca importância a esse ponto.

— Querido, quartos separados não provocaram nosso divórcio. Na realidade, é uma idéia muito boa. Muito mais romântica, como um encontro entre amantes com hora marcada.

— Não vou dormir no quarto dele.

— Meu bem, não é dele. É seu.

— Você não me quer em sua cama?

Lindsay disfarçou sua exasperação.

— Reg, pare de se comportar como uma criança. Afinal de contas, quartos separados é um costume muito europeu.

— Um costume da Europa continental — ele emendou. — Não inglês. Não sei se é americano, também.

Lindsay se pôs a rir.

— Oh, por tudo que há de mais sagrado, se isso é tão difícil, esqueça. Simplesmente pensei que você ficaria mais confortável. — Aconchegou-se ao peito de Reg. — Sabe que adoro dormir com você. Sempre adorei.

Reg pareceu abrandar-se, mas Lindsay intimamente estava um pouco irritada. Uma coisa de que ela sentira falta no último ano fora sua privacidade. Reg estava a seu lado dia e noite, sempre compartilhando sua cama em Albany. E ali ela esperava ter um quarto só para si. Não que não desejasse que ele a "visitasse" com frequência, a qualquer hora. Lembrava-se de como fora infeliz no período final de seu casamento com Geoff, quando ele se mantinha sempre em seu próprio quarto. Ainda assim, era uma coisa mais conveniente para pessoas de sua idade. Uma cama para dois era para recém-casados.

"Que pensamento esquisito! Nós nos casamos recentemente", refletiu Lindsay. "Faz somente pouco mais de um ano. Por que parece que foi há muito tempo? Porque tem sido como uma prisão", respondeu a si mesma. Resolutamente, afugentou da mente tal pensamento pérfido. "Tem sido ruim, mas ficará melhor agora."

De mãos dadas, eles vagaram pelos aposentos amplos e espaçosos.

— Marty fez um magnífico trabalho aqui — disse Lindsay. — Pensou em tudo. — Tocou as pétalas das rosas brancas de haste comprida. — Até em minhas flores preferidas.

Seus olhos atentaram então para a ponta de um cartão que sobressaía sob o vaso de rosas. Não o notara antes. Reg estava apreciando a paisagem vista da janela. Rapidamente, Lindsay pegou o cartão.

"Bem-vinda ao lar", lia-se no cartão. Como assinatura um simples G.

Reg voltou-se quando ela estava lendo o cartão.

— Foi outra pessoa que enviou as flores?

Lindsay rasgou em pedacinhos o cartão de modo casual, retrucando:

— Não. Foram enviadas por Marty, tal como pensei. Muita delicadeza dele, não é mesmo?

— Sim — assentiu Reg, com ar divertido. — Foi gentil da parte dele. Deve gostar de você, Lindsay.

— Sim. Ele me estima muito.

Ela se perguntou se Reg poderia perceber que seu coração batia com violência. Tinha a impressão de que ele estava prestes a saltar-lhe do peito. "Geoff, deixe-me em paz! Nem sequer queria que você soubesse que eu estava aqui. Foi mamãe", pensou. "Mamãe deve ter contado a ele." Bem, por que não? Nova York era enorme, mas ela não podia se esconder para sempre. E não havia necessidade disso. Geoff fazia parte de seu passado. E nele, por Deus, teria que permanecer.

Capítulo 30

Era fevereiro quando retornaram a Nova York, o mês mais ventoso, nevoento e melancólico. Como muitas pessoas, Lindsay detestava fevereiro, meados do inverno, pois era ainda muito frio e escuro, sem a promessa primaveril de março. "Esta é uma das coisas mais inteligentes que Deus fez: tornar fevereiro o mês mais curto do ano." Era o que ela costumava dizer a Geoff.

E Geoff a olhava, divertido, e retrucava: "Deus não fez fevereiro. Foram os homens". E ela replicava: "Bem, então dessa vez pelo menos e/es usaram a cabeça".

Dirigindo-se agora ao escritório de seu advogado, próximo da Grand Central, Lindsay sorria àquela recordação. Ela não detestava aquele fevereiro de 1970. Até mesmo o vento cortante e o céu escuro não a deprimiam. Ela estava em casa. Sentia-se forte e satisfatoriamente bem.

— Você parece muito mais animada — disse o advogado. — Prazer em vê-la de volta, Lindsay. Como está Pauline?

Daniel Fields sempre fora seu advogado. Um velho amigo de Howard, zelara pelos bens dele e de Gandy, e continuava a fazê-lo com relação às "Sras. Thresher", como continuava a chamá-las.

— Mamãe está ótima. Faz oitenta anos em agosto próximo, você sabe. Daremos uma festa. Ela deseja uma comemoração. — E lhe disse o que Pauline comentara sobre alguém alcançar tão expressiva idade.

— Ela nunca perde seu senso de humor — disse Fields. — E o único engano que ela cometeu até hoje foi ter deixado de tolerar as escapadas pueris de Howard. Ela devia ter continuado simplesmente a não lhes dar importância.

— Isso é fácil de dizer, mas difícil de fazer, Dan.

— Sim, eu sei. O ego é uma coisa frágil. — Pôs os óculos. — Bem, agora o que temos para tratar? — E passou a folhear as páginas dos documentos arquivados relativos a Lindsay. — Tudo parece em boa ordem. Seus investimentos são muito sólidos. Nenhum problema com impostos. Graças a Deus que você não cometeu a tolice de renunciar à sua cidadania quando tornou a se casar. A propósito disso, como está seu marido? Estou ansioso por conhecê-lo.

— Você irá conhecê-lo. Na realidade, ele é o motivo que me trouxe aqui. Ele deseja montar uma empresa. Vai começar com um serviço de táxis, usando limusines. Vou financiar a operação. Mas tudo será feito no nome dele: Reginald Marks.

— Ah? — Dan fitou-a por trás das lentes bifocais. — Será esse o nome da firma?

— Sim. Pensamos em algo britânico e meio esnobe. A melhor coisa que conseguimos imaginar foi Reginald Marks Ltda.

Ao dizer isso um pensamento pérfido lhe veio à mente. "Limitada" era algo apropriado para Reg. "Pare com isso! Brincadeiras à custa de seu marido não são engraçadas." Era um nome perfeitamente bom para o negócio em questão. Anos-luz melhor do que as coisas que ele sugerira. Sua escolha recaía sobre "Reglind". Reg julgara essa idéia muito inteligente, por combinar os nomes dos dois. Ela rira até perder o fôlego. E repetira:

— Reglind? Isso é terrível! Soa como os nomes que as pessoas dão a seus barcos. Sinceramente, Reg! Se um dia comprarmos uma casa de praia, você provavelmente irá querer chamá-la "Recanto Praiano".

Reg não achara graça e dissera:

— Muito bem, Lindsay, o que você sugere então?

— Por que não o seu nome? Não é mais simples?

— Mas o negócio é na verdade seu, e não meu.

Ela ficara impaciente.

— Oh, pelo amor de Deus, não seja tão literal! Somente o dinheiro é meu. Nosso dinheiro, prefiro considerá-lo assim. Quanto ao negócio em vista, ele é *seu*. Você é quem irá convertê-lo num sucesso.

— Espero que sim.

Agora, Dan estava tomando notas.

— Em que termos quer que a firma figure? Como uma sociedade?

— Sim. Bem, não deveria ser a firma de Reg? No nome dele?

— Há todo tipo de implicações, Lindsay. Coisas que temos que providenciar para proteger você. Seguro, indenizações contra ações legais, os limites de sua responsabilidade...

— Dan, você sabe que eu não entendo dessas coisas. Prepare, simplesmente, os documentos necessários, está bem? Na forma de um empréstimo, penso eu. Alguma coisa simples. E tão rápido quanto possível. Estou ansiosa para ver Reg entrar em atividade.

Fields tirou os óculos e recostou-se em sua poltrona.

— Posso lhe falar como amigo? Uma espécie de tio?

— Certamente. Fale.

— Tem plena certeza de que deseja fazer isso? Um serviço de táxis de luxo é algo altamente competitivo. Terão que enfrentar a Fugazy e a London Town Car, além de muitas outras empresas já estabelecidas e prósperas. Isso é arriscado, Lindsay. Você pode perder muito dinheiro. Há um grande investimento a ser feito em carros e em consertos numa oficina mecânica. Há uma folha de pagamentos, taxas de manutenção, fundo de garantia, taxa de desemprego... — hesitou. — Vocês vão precisar de pessoal de escritório, como também de motoristas. Sei que o Sr. Marks é um chofer experiente, mas é ele também um homem de negócios? Isto é, você tem certeza de que ele pode dirigir esse negócio?

Lindsay enrubesceu.

— Mamãe esteve conversando com você, não esteve?

Dan Fields não respondeu.

— Está bem. Compreendo o sigilo existente nas relações entre advogado e cliente. Você provavelmente já sabe que Reg teve um problema relacionado com bebida. Mas ele já superou isso. Ele não tem muita instrução, mas é inteligente, Dan. E eu quero incentivá-lo a voltar a ser o que era. Reg necessita de algo de que se orgulhar. É ruim para ele ser sustentado por mim.

— E ele ainda o será.

— Apenas no início. Mas ele se obrigará a restituir-me o dinheiro investido, com juros. — E brincou nervosamente com a alça da sua bolsa. Então disse: — Droga, que mais posso fazer? Ele tem que trabalhar em alguma coisa e não conhece nada a não ser carros.

"Será inútil argumentar", pensou Fields. "Ela é uma mulher desesperada, pelo que posso notar." Pauline lhe confidenciara suas preocupações com a filha, e ele desconfiava seriamente de que não diziam respeito apenas ao sucesso ou não daquele negócio.

— Muito bem, Lindsay. Aprontarei os papéis necessários, e você e o Sr. Marks poderão assinar uma espécie de acordo que virá a proteger o orgulho dele e seu dinheiro, Lindsay. Deixe que eu cuide disso.

Lindsay sorriu, agradecida.

— Obrigada, Dan. Sabia que você ia concordar.

Ele a levou até a porta e beijou-a no rosto.

— A propósito, você chegou a ver Geoff depois de sua volta?

— Não. Por quê?

— Nada. Perguntei por perguntar. Ele é meu cliente também, você sabe. A única vez em que não o representei foi no divórcio de vocês.

Lá fora, o vento parecia mais furioso, as nuvens mais ameaçadoras. Tremendo de frio, Lindsay tomou um táxi, admirada por de repente sentir-se tão nervosa. Nada do que Dan dissera acerca do êxito problemático daquele negócio era novidade para ela. Também tinha dúvidas, mas estava disposta a arriscar. O que a perturbava fora aquela imprevista referência a Geoff. Teria ele consultado Dan também? Ou simplesmente ela imaginara que o advogado enfatizara ligeiramente as palavras "de vocês" quando mencionara o divórcio?

— Não — disse Adele friamente. — Franca, absoluta e inequivocamente não, Geoffrey. Não concordarei com o divórcio.

— Del, foi um erro. Você sabe disso tão bem como eu. Eu a trato com boa vontade, mas não combinamos, minha querida. A culpa não cabe a nenhum de nós isoladamente. Há um desacordo. Ambos nos enganamos.

Adele continuou, calmamente, a embrulhar os presentes de Natal.

— Não quero, sequer, conversar sobre o assunto. Está fora de questão.

— Por quê, pelo amor de Deus? Isto é uma farsa! Você não deseja dormir comigo. Não temos o que conversar, nenhum interesse em comum. Por que devemos continuar casados?

— Por que não? — ela perguntou com presteza. — Qual a vantagem de *não* permanecermos casados? Eu certamente não pretendo me casar de novo. Já tive duas experiências desanimadoras com essa sagrada instituição. — Ergueu o olhar. — Isso não tem nada a ver com o fato de Lindsay ter regressado, tem? Todos estão falando sobre isso. Que descaramento, o dela! Voltar aqui, atrevidamente, com aquele criado com quem se casou!

— Ele não é um criado, Adele. É um motorista profissional.

— De quê? De carros de corrida? — Riu. — Você o faz parecer um *playboy* em vez de chofer. Você nunca pára de defendê-la, hein? Nunca se desligou dela realmente. Bem, meu querido Geoffrey, se tem a louca idéia de que ambos obterão seus respectivos divórcios e caminharão de mãos dadas rumo ao paraíso, esqueça. Não vou ceder meu lugar a Lindsay.

Geoff ficou furioso.

— Você é louca! Eu não a vejo desde o dia do casamento de Robin.

— Deixe que o corrija: desde um dia *após* o casamento, pelo que sei. Você encontrou um bom motel em Chicago naquela tarde? Como foi? Tão excitante a ponto de você não poder se esquecer?

— Cale-se! Você está insuportável! — Respirou profundamente. Enfurecer-se não ia adiantar nada. — Del, juro que isso nada tem a ver com Lindsay. Está bem, admito que conversei com ela sobre a possibilidade de nos casarmos pela segunda vez, mas ela nem quis me ouvir. Acha que tem uma obrigação com esse Marks. Vai continuar junto dele, lutando contra a maré e a qualquer custo.

— Que santidade! Ela deve ficar adorável em sua túnica de mártir... Provavelmente encomendou uma sob medida na Hardy Amies. — Ela segurava com o braço estendido uma caixa muito bem embrulhada. — Não acha que John irá gostar disto? Não é um papel de presente lindo, com todos esses desenhos coloridos do Snoopy?

Geoffrey olhou-a estupefacto. Poderia uma mulher mostrar-se tão fria e indiferente quando seu marido lhe dizia que propusera à sua ex-mulher casarem-se em segundas núpcias? Meu Deus, era incrível! E soltou uma risada surda.

— John está com dois anos apenas, Adele. Acho muito difícil que ele aprecie esse envoltório fantasioso que você preparou.

— Sei disso. mas Constance vai apreciá-lo. Ela aprecia o meu gosto. — E passou a falar quase num sussurro.

— Eu adoro o Natal. Encontrei o presente ideal para você. É difícil comprar algo para você. Nunca sei o que devo lhe dar.

"Dê-me ternura", pensou Geoff. "Dê-me amor. Ou, se não for possível, pelo menos, por misericórdia, conceda-me o divórcio."

No dia seguinte, ele foi ver Dan Fields.

— Ela vai arruiná-lo — disse o advogado após ouvi-lo. — Vai arrancar-lhe cada centavo.

— Não me importo.

— Vai, sim, Geoff. Você trabalhou bastante para obter o que tem. Por que jogar tudo fora? — E o advogado olhou-o inquisidoramente. — E com que fim, afinal? Você está casado há menos de um ano. Há outra mulher, por acaso?

— Nenhuma. Pelo menos nenhuma que me queira. Simplesmente quero me separar de Adele, Dan. Ela é indiferente, fria. Incapaz de amar.

— E é também fiel e sofrida. Ou pelo menos o juiz irá encará-la assim, se ela contestar o pedido de divórcio. O que ela fará.

— Dan, o que vou fazer? Não posso continuar vivendo com ela.

— Podemos tentar uma separação legal. Ver se dá resultado. Talvez ela venha a conhecer alguém e peça o divórcio. Isso doeria menos ao seu bolso...

Geoff sorriu com ironia.

— Que belo consolo. Ela nunca se casará de novo. — Analisou a opção por um momento. — Bem, isso é melhor do que nada, suponho. Também não pretendo me casar de novo. Quero apenas respirar aliviado.

— Respire com cuidado — disse Dan. — E não a deixe surpreendê-lo ofegando de paixão.

— Talvez eu devesse fazer isso. Pelo menos ela me daria o divórcio.

— E aí você lhe pagaria uma exorbitância pelo resto da sua vida.

Geoff voltou a reiterar:

— Droga, lá vem essa questão de dinheiro de novo! Eu daria tudo para ficar livre dela. Meu Deus, quando penso em como Lindsay se comportava bem...

— Não compare uma estrela com sua substituta, meu caro. Você está lidando com a substituta de uma primeira atriz. É algo muito diferente. Lindsay o amava o bastante para deixá-lo livre. E ela tinha muito amor-próprio para retê-lo contra a sua vontade. Não é o caso de Adele, evidentemente. Ela tem um pedaço de gelo onde devia estar seu coração.

Quando saiu do escritório do advogado, Geoff sentia-se um pouco melhor. Pelo menos achava-se um pouco livre. E mais em paz, embora legalmente cerceado. Dan Fields era extraordinário. Ele devia estar quase com a idade de Pauline, mas continuava arguto como sempre.

"Ele sabe que no fundo estou pensando em Lindsay", pensou Geoff. "Não pude enganá-lo. Talvez a única pessoa a quem eu esteja enganando seja a mim mesmo."

A despedida de Adele foi absurdamente discreta.

— Vou conseguir uma separação legal — disse Geoff —, já que você não concorda com o divórcio.

— É mesmo? — Ela parecia tão inexpressiva como se ele tivesse dito que ia comprar um terno novo. — Bem, não posso forçá-lo a viver comigo, suponho. Quem está tratando disso para você? O advogado de Lindsay?

— *Meu* advogado.

Adele sorriu, retrucando:

— Dá no mesmo. Seja como for, diga-lhe para ir se preparando. As despesas com meu sustento são bem elevadas.

— Isso eu já tenho notado.

— Geoff, você é realmente muito tolo.

— Eu sei. Há um ano sei disso.

Geoffrey alugou um apartamento mobiliado na East 63th Street e esperou pelo regresso de Lindsay. Mantinha-se em contato com Pauline, simulando fazer perguntas casuais acerca da volta de Lindsay, mas não conseguiu iludi-la nem por um instante.

— Geoff — disse finalmente Pauline —, você não está alimentando falsas esperanças, está? Lindsay vai continuar unida àquele homem, você sabe. Ela acha que esse é o dever dela.

— Tenho consciência disso, querida. Não me separei de Adele por esse motivo.

— Sinceramente, espero que isso seja verdade, para seu próprio bem. E o de Lindsay. Não torne as coisas difíceis para ela, Geoff. Ela ainda o ama.

— Não vou complicar a vida dela. Mas você *me avisará* quando eles chegarem?

— Por quê?

— Desejo saber onde ela está, eis tudo. Juro que não irei procurá-la.

Pauline olhara-o com simpatia. Era terrível não ser capaz de esquecer alguém. Ela sabia disso por experiência própria. E Lindsay também, infelizmente. Desejou dizer a

Geoff que não o deixaria saber da chegada de Lindsay, mas ele tinha uma expressão tão patética que ela, com relutância, concordara.

— Dê-lhe uma oportunidade, Geoff. Não torne a vida de Lindsay tensa de novo.

— Não farei isso, prometo. Ela me pediu a mesma coisa em Chicago.

E ele manteve a promessa. Além das rosas brancas (ele não jurara não enviar flores, mas unicamente não procurá-la), Geoffrey não deu um passo a mais. E não esperava, também, que ela o procurasse. Continuou a ter notícias de Lindsay por intermédio de Pauline e dos amigos comuns com os quais sua ex-mulher entrara em contato após seu retorno. Envergonhava-se por dar ouvidos aos comentários dos amigos, mas ansiava por cada palavra deles, e sentia-se intimamente feliz por eles não compreenderem como Lindsay pudera casar-se com alguém como Reginald Marks.

— Ele é tão... tão classe média inferior — diziam eles. — Não tem um assunto de conversa que valha a pena. Realmente não consigo entender o que Lindsay vê nele.

Mas uma companheira de jantar de Geoff, certa noite, foi menos sutil:

— Esse homem positivamente transpira sexo. Não sei por que todos se surpreendem tanto. Eu mesma ficaria com ele se estivesse descompromissado. Que importa que não saiba conversar?

Geoff teve vontade de feri-la. Retrucou com rudeza:

— Estou certo de que Marks pensa em algo mais do que em sexo.

A mulher olhou-o com ar divertido.

— E por quê? Ele já leva vantagem sendo tão sexy. Pode-se passar por cima de um bocado de coisas quando estamos na penumbra com alguém assim.

— Ele está começando a gerir um serviço de táxis — disse uma mulher do outro lado da mesa. — Lindsay está financiando-o, é claro. Assim, todos temos que usar seus serviços.

— Ouvi dizer que ele tem queda para a bebida — disse um homem próximo a ela. — Acho que não vou querer usar o carro de um motorista embriagado.

— Ele não vai guiar nenhum carro, idiota! Além disso, dizem que ele já está curado.

— Provavelmente interferia em sua vida sexual — comentou a companheira de mesa de Geoff.

— Desculpem-me — Geoffrey levantou-se. — Acabo de me lembrar de que tenho de dar um telefonema. Voltarei logo.

— Você não ousaria dizer nada contra Lindsay quando Geoff está por perto — disse a segunda mulher, em tom baixo, quando Geoff já se afastara.

— E quem tem algo a dizer contra Lindsay? Eu até a invejo. Ela teve fibra bastante para "comprar" o que queria. Gostaria de ter essa coragem!

— Norma, você é terrível! O que a faz pensar que Lindsay não se casou por amor?

Norma deu de ombros, retrucando:

— Pense o que quiser.

Durante os quatro primeiros meses após o regresso de Lindsay, as coisas transcorreram sem dificuldades. Ambos estavam profundamente interessados em pôr em atividade a Reginald Marks Ltda. Compraram dois carros, contrataram motoristas, encontraram uma garagem com espaço para montar o escritório e empregaram uma

mocinha para atender aos telefonemas. Lindsay redigiu e fez publicar anúncios no *The New Yorker* e no *Cue*, e isso, mais a propaganda feita por conhecidos, começou a atrair clientes. Durante maio e junho, Reg e Lindsay mal podiam atender ao grande número de pedidos de reserva. Lindsay estava radiante. E mesmo Reg teve de reconhecer que tinham em mãos um ótimo negócio.

— Não sei como você conseguiu fazer isso ir em frente tão depressa, meu amor. Deve ter custado uma nota providenciar tudo em tão pouco tempo — dizia Reg.

Lindsay não lhe revelara o quanto custara aquela operação. Graças a generosas "gratificações", tudo podia andar mais depressa, desde a entrega dos carros até o material para o escritório, e ela não hesitara em usar de muita lábia e propinas, tudo a seu jeito, já que a firma teria que entrar em atividade a 1.º de abril.

— Aqui é a boa e querida América — disse Lindsay. — Aqui nós nos movimentamos mais depressa. — Sorriu. — Você já ouviu falar da ingenuidade dos ianques, não?

— E também dos dólares dos ianques. Isso me preocupa, Lindsay. Levarei anos para lhe restituir tudo o que gastou.

— E daí? Temos muitos anos pela frente.

Ela sentia-se feliz pela primeira vez em muito tempo. Reg continuava sóbrio e trabalhava bastante. "Aí está a resposta às suas dúvidas, Dan Fields!", ela se disse. Até mesmo Pauline parecia ter mais confiança em Reg agora.

— Devo admitir que ele está me surpreendendo, Lindsay. É um homem diferente do que conheci em Londres.

— Eu lhe disse que não se preocupasse, mamãe.

— Bem, fico contente por ter-me enganado. Ele evidentemente sabe o que faz nesse ramo de trabalho. Estão procurando se divertir um pouco, também?

Lindsay fez uma careta.

— Bem, se está querendo saber se Reg tem bom convívio social, sinto dizer que não. Ele se mostra terrivelmente sem jeito em meio a meus amigos. Praticamente não fala nada. Mas vai superar isso também. É apenas uma questão de confiança em si e de se acostumar aos nossos hábitos. Quando a firma for um grande sucesso, ele deixará de ser tão tímido.

"Tímido? Lindsay está sendo muito generosa", pensou Pauline. "Reg não é assim tão tímido, e sim consciente de suas limitações. Ele não sabe o que conversar com os amigos de Lindsay. Já não o sabia em Londres. Aqui dá-se o mesmo." O fato de as pessoas se mostrarem francamente maldosas a respeito do "caipira" com quem Lindsay se casara afligia Pauline. Os comentários corriam de boca em boca. Ela sabia o que diziam do novo marido de Lindsay: "Bronco mas sexy". Esperava pelo menos que sua filha não viesse a saber daquele comentário ridículo.

"Pelo menos ele não anda bebendo", pensou Pauline, gratificada. Era muito desagradável viver com um homem que não sabia se expressar. Mas um homem quase mudo e apatetado era algo inconcebível. E Lindsay parecia razoavelmente contente. Mostrava-se tão feliz por estar de volta a Nova York, por ver o negócio inaugurado por Reg funcionar bem, e por vê-lo longe da bebida. Pauline pensara que sua filha poderia voltar ao negócio de antiguidades do qual ainda era sócia, mas Lindsay dissera que estava bastante ocupada ajudando Reg no momento.

— Além disso, Marty está dirigindo tudo otimamente. Não aprovo seu gosto em questões de amor. Dormir com aquela garota da loja é uma idéia tola, mas isso é assunto dele.

Agradava muito a Pauline ver sua filha ativa e entusiasmada de novo. Graças a Deus, aparentemente Geoffrey cumprira sua palavra. Não telefonara nem tentara ver Lindsay. Evitava, de fato, encontrá-la.

— Sou tão bom escoteiro — disse a Pauline certa tarde —, que ao ser convidado para alguma festa ou reunião procuro saber se Lindsay não foi convidada também. Que me diz da nobreza de minha atitude?

— Você faz jus a uma medalha de ouro. Obrigada, Geoff. Como vão as coisas para você?

— Não muito más. Pelo menos, vivo em paz. Naturalmente, sou agora uma pessoa indefinida: nem um marido de fato, nem tampouco um solteirão de fato. É o tipo de situação esquisita, mas tem suas vantagens.

— Tem visto Adele?

— Não. Nós nos comunicamos através dos advogados. Ela solicita e eu assino os cheques.

— Sinto muito.

— Não lamente. Acho que chamam a isso arcar com as conseqüências. — Sorriu. — Sou um cidadão aposentado, você sabe. Tenho ido a Chicago uma vez por mês desde o casamento de Robin com Connie. Eles são muito felizes, o que faz com que me sinta bem ao visitá-los. E aquele meninão do John! Que garoto! Está bem crescido, é muito esperto e tem bons modos. — Deu uma piscadela ao fitar Pauline. — Pareço por acaso um avô coruja?

— Sim.

— Acertou. E gosto disso. Sou louco por aquele menino. Como pude rejeitá-lo até pouco tempo atrás? Agora isso me parece inconcebível.

— Você nunca o rejeitou realmente, Geoff. Isso fazia parte de seu pesar pela morte de S. P. Não era nada de pessoal contra o garotinho. Ou contra Robin.

Geoff revelou uma leve tristeza.

— Eu me comportei como um patife, e paguei por isso, também. Foi a gota d'água na situação difícil entre Lindsay e mim. — Hesitou antes de perguntar: — Está tudo bem com ela realmente, não está?

— Sim — tranquilizou-o Pauline. — Melhor, francamente, do que eu supunha.

— Boas notícias para uns, ruins para outros. Gostaria de dizer que estou feliz, mas desisti de mentir para me consolar. Suponho que você não dará lembranças minhas a Lindsay quando estiver com ela, dará?

— Não.

Geoff sorriu largamente.

— Sim, creio que não.

Julho chegou, quente, mormacento e trazendo maus presságios. O negócio de táxis de luxo, como tudo o mais em Nova York, entrou em declínio, e Reg mostrava-se nervoso e irritado.

— Que houve? — ele perguntou a Lindsay. — Estávamos indo tão bem em maio e junho.

— Meu querido, esta é uma cidade deserta no verão. Não é como Londres, cheia de turistas nesta época. Todo mundo vai para fora. O movimento será pequeno até depois do Dia do Trabalho, em setembro. Você não deve se preocupar. As coisas melhorarão de novo no outono. Perto de outubro provavelmente precisaremos de mais carros e motoristas.

Reg não acreditava nela.

— Inúmeras pessoas ricas visitam Nova York no verão. Simplesmente não se utilizam de nossos serviços.

— Reg, não é assim. Ninguém que aluga limusines vem a Nova York em julho e agosto. E lhe digo mais: o pessoal daqui corre para as montanhas. Ou para as praias. No momento não há um só de nossos amigos nesta cidade.

— *Seus* amigos.

Lindsay olhou-o com desconfiança. Era aquele mesmo tom de voz queixoso que ela já conhecia, meio hostil, meio patético. E percebeu que ele estava ligeiramente bêbado.

— Oh, Reg, você não começou de novo!

— Começou o quê?

— Você sabe o quê: a beber.

— Droga, tomei apenas uns goles esta tarde no escritório, com os rapazes. Não tínhamos nada para fazer. O maldito telefone nunca toca.

— Reg, você não pode agir assim! Lembre-se de seus empregados! Você não deve dar mau exemplo. Beber em serviço! Oh, não, querido. Não faça isso. Por favor, para seu próprio bem, não recomece a beber. Você estava indo tão bem! E eu estava tão contente!

— Não me diga como devo tratar os motoristas. Sei mais sobre eles do que você.

Lindsay ficou irritada:

— Sabe mesmo? O que você sabe acerca de ser um *patrão* desses motoristas?

— Nada. Você é a proprietária de *tudo*. — Deu alguns passos. — Deixe-me em paz, Lindsay. Se um homem deseja beber, que beba. Meu Deus, não seja tão ranzinza! Talvez com uns goles de uísque eu possa suportar as coisas melhor: este país louco e este negócio nojento! Talvez eu possa até tolerar seus amigos prçtensiosos. Posso até ser capaz de suportar ser seu ridículo macaquinho amestrado!

Lindsay olhou-o fixamente, sem fala. Reg corou e procurou desculpar-se:

— Sinto muito, não queria dizer nada disso. Você é maravilhosa. Estou apenas muito assustado. Terrivelmente receoso. Gosto tanto de você que isso me assusta. Sei que você tem toda a razão. Eu não devia beber. Não devia fazer camaradagem com meus empregados. Mas não pode me entender? Estou solitário. Num raio de milhares de quilômetros não há ninguém que dê a mínima bola para o que me aconteça. Exceto você, meu bem. Não fique zangada comigo. Sinto muito. Se me ajudar, nunca voltarei a aborrecê-la.

Lindsay o abraçou e disse docemente que estava tudo bem. Ela compreendia aquele desabafo. Era fruto do calor terrível que estava fazendo. Reg não estava acostumado a isso. E havia a preocupação natural em iniciar um negócio, viver em outro país, fazer novos amigos. Disse suavemente todas as palavras certas, como alguém faria com uma

criança assustada. Mas não acreditava em nada do que disse. Aquilo nunca daria certo. Reg nunca estaria à altura das expectativas que ela nutria. Nunca confirmaria suas esperanças. Reg era um menino grande e chorão, e ela sentia pena dele.

E, naquele momento de desapontamento, esteve perto de odiá-lo.

Capítulo 31

— De que tipo de festa você gostaria no seu aniversário, mamãe?

Pauline se sentiu aliviada por Lindsay não poder ver seu rosto naquele momento. "Deus queira que nunca aperfeiçoem a idéia de telefonemas televisados em que andam pensando agora", pensou Pauline. "Seria um pesadelo: as pessoas se vendo umas às outras enquanto se falam ao telefone." Como naquele momento, por exemplo. Era uma sorte que Lindsay não pudesse ver como sua mãe temera tal pergunta.

— Já estou velha demais para festas de aniversário, querida. É muita bondade sua, mas realmente não desejo uma reunião festiva como você está pensando. Por que simplesmente não jantamos juntos, você, Reg e eu, se vocês não tiverem outro compromisso?

— Nada disso. Essa é uma ocasião pela qual você mesma disse uma vez que ansiava, lembra-se? O grande marco dos oitenta. Que foi feito de seu interesse em alcançar logo essa idade, celebrar o feito? Que tal começarmos com uma grande festa no dia 22 do próximo mês? Estou pronta para organizar uma comemoração à sua escolha.

Pauline mostrou-se evasiva.

— Sinceramente, não desejo nada especial. Preferiria algo mais tranqüilo. Não estou com disposição para participar de festas.

Lindsay ficou preocupada.

— O que há? Você não está doente, está? Há alguma coisa que não quer me contar?

— Não, claro que não. Estou perfeitamente bem. Saudável até demais.

— Bem, então você não deixará de ter sua festinha de aniversário. Se você não decidiu ainda como ela será, *eu* cuidarei disso. Dê-me apenas uma lista de pessoas a serem convidadas.

— Na verdade, Lindsay, não há nenhuma. Quando você alcançar a minha idade, verá que seus amigos mais chegados já morreram ou se mudaram para a Flórida. Não dificulte as coisas, querida, por favor.

— Não as dificulte *você*, mamãe! Não há ninguém que você deseje convidar? Nunca ouvi maior absurdo! Você tem montes de amigas!

Tinha, pensou Pauline. A verdade é que nos últimos tempos ela só via uma ou duas pessoas de seu outrora amplo círculo de amizades. Velhas comadres faladeiras! Sempre fazendo comentários velados acerca de Lindsay e de seu novo marido. Ou tentando, com jeito, descobrir se Pauline se sentia vingada por Adele não ter podido reter Geoff. Como se ela ligasse a mínima para Adele! Mas ligava para Geoff, que ela considerava seu verdadeiro genro. Mas não queria conversar sobre o casamento passado ou atual de Lindsay com qualquer de suas "boas amigas". A curiosidade delas a aborrecera e aos

poucos deixara de encontrá-las. Aquelas velhas senhoras abelhudas não eram pessoas com as quais desejaria comemorar seu aniversário. Mas Lindsay não ia desistir da idéia de promover algum tipo de celebração. E Pauline suspirou, dizendo por fim:

— Está bem, querida, estou de acordo. Mas que seja algo íntimo e apropriado.

— Não estou pensando em alugar o Madison Square Garden — brincou Lindsay, parecendo aliviada. — Muito bem. Vá dizendo os nomes.

— Bem, Dan Fields, naturalmente.

— Nosso eminente advogado. Certo. E...

— Rae Walters, e Lucille e Tom Grove.

Lindsay tomou nota.

— Sim, já anotei. Continue, mamãe.

— E é só, querida.

— Só esses? Querida, você mencionou quatro pessoas. Com Reg e eu, seremos sete ao todo. Isto não dá para uma festa; cabemos quase numa cabine telefônica!

Sem pensar, Pauline disse:

— Ou numa limusine.

Do outro lado do fio, Lindsay ficou calada. Então disse:

— Entendo. Então é isso, não é? É por causa de Reg. Você teme que ele nos deixe embaraçadas diante de nossos amigos.

— Oh, não, Lindsay! Não quis dizer tal coisa! Nem por um instante. Nem sei por que disse limusine, a não ser por comportar sete passageiros. Foi apenas um lapso de linguagem.

— E bem freudiano. — Lindsay parecia mais triste do que zangada. — Você está certa, naturalmente. Tolice a minha ignorar o óbvio. Compreendo por que não deseja uma festa de arromba, mamãe: pelo mesmo motivo que não ofereci nenhuma desde que voltei. Temo que ele se embebede e dê um escândalo. Ou ainda — acrescentou amargamente — que permaneça calado, sóbrio e frio como uma pedra e parecendo um peixe fora d'água. Apenas me esqueci disso neste momento. A idéia de reunir um monte de pessoas que gostam muito de você me pareceu muito boa. Mas vejo que é impraticável. Eu a tornei impossível, não?

— Lindsay, não diga tolices! Pare de fazer disso um melodrama. Você entendeu tudo mal. Eu já lhe disse a verdade! Simplesmente não me sinto ligada mais a muitas pessoas. Isso nada tem a ver com Reg. Ou com você. Ou com tudo o mais, exceto com a minha idade.

— Mamãe, você nunca teve jeito para mentir. É muito provável que tenha se afastado de suas velhas amigas por elas andarem falando de Reg e de mim. Deve ser difícil para você. Sinto muito.

— Lindsay, se estivesse agora aí, eu lhe daria umas palmadas! Você está torcendo o sentido de minhas palavras, e não suporto isso! Por acaso lhe disse a mínima coisa que a levasse a tal dedução? Isso tudo é imaginação sua. Agora, pare com isso, pelo amor de Deus! — Estava perturbada pela exatidão do comentário que sua filha fizera, mas tentou não levar aquilo a sério. — Está bem, sua garota teimosa. Se você insiste em me conduzir ao centro do palco, como um exemplo vivo de que alguém pode sobreviver oito décadas e não ficar trôpego e gagá, eu aceito. Farei uma lista de convidados e a enviarei a você.

Quantas pessoas? Vinte? Cinquenta? Quinhentas? Pena que não haja um circo na cidade. Você poderia alugar três picadeiros e nós atuaríamos em todos eles.

Lindsay procurou rir.

— Você é incorrigível!

— Em absoluto — retrucou Pauline, com irônica altivez. — Estou apenas mostrando na prática como serei uma pessoa difícil quando realmente *fizer* oitenta anos. — Sua voz se abrandou. — É muita delicadeza sua querer me oferecer essa festa. E vou adorá-la. Terá a lista de convidados amanhã. Ou, o mais tardar, depois de amanhã. E vou escolher algo bem vistoso para vestir. Um desses modelos longos bordados de lantejoulas criados por Norell, talvez. E num vermelho brilhante, é claro. De que vale ser uma anciã se não se pode ser extravagante?

Elas se despediram em meio a esse clima de humor, mas por longos minutos depois Lindsay ainda se deixou ficar sentada, olhando pensativa para o telefone. Pauline tinha razão em se mostrar apreensiva, embora se empenhasse em dissimular isso. Reg era um embaraço. E agora mais do que nunca. Como sua mãe sabia, Reg voltara a beber incontrolavelmente. Lindsay tivera que empregar alguém responsável para cuidar da empresa, embora o movimento estivesse fraco naquele mês. Dan a aconselhara a liquidar o negócio e tentar se ressarcir dos prejuízos, mas ela se opusera teimosamente, insistindo em que as coisas melhorariam no outono. Não o disse ao advogado, mas no fundo esperava também que Reg viesse a se recuperar quando estivesse ocupado e interessado de novo no trabalho. Era uma tênue esperança. Reg estava mais infeliz ainda do que ela. Não tinham mais nada em comum. Até mesmo as tentativas de fazer amor com ela eram uma lástima, devido à embriaguez. E constituíam uma humilhação para ambos. O fato de beber demais o afetava fisicamente. E quando ele se acercava, Lindsay se sentia nauseada pelo cheiro de álcool que parecia brotar de cada poro do corpo dele. Era terrível ver a destruição de um homem. Sentia-se impotente para fazê-lo reagir, e ele rejeitara todas as sugestões que ela lhe fizera, como a de experimentar alguma terapia apropriada ou procurar os Alcoólatras Anônimos.

— Você é tudo de que necessito, Lindsay — ele dizia. — Você é a minha vida.

Às vezes ela tinha vontade de gritar que não podia assumir a responsabilidade pela vida de ninguém. E que ele devia divorciar-se dela e voltar para o meio ao qual pertencia. "Eu lhe daria o dinheiro necessário", ela pensou, "se pelo menos acreditasse que não teria de vê-lo morrer aos poucos sabendo que me cabe a culpa disso."

Pensava amiúde que Deus a estava punindo por ter sido infiel a Geoff. Ou por usar Reg para resguardar seu orgulho tolo. Ou ambas as coisas. Não era uma pessoa religiosa, mas temia que o Todo-Poderoso a estivesse fazendo pagar pelos seus pecados. E estava pagando. Não sendo de índole paciente ou tolerante, custava-lhe cada grama de suas forças permanecer junto a um homem a quem não amava, e nunca amara, a não ser por um apelo físico cego.

Mas, costumava raciocinar, Deus devia esperar também que ela sofresse, para que não pudesse, para seu próprio bem, dizer àquele homem arrasado e triste que a farsa de seu casamento devia terminar. Horrorizada com seus próprios pensamentos, por vezes desejava que Reg morresse. Seria a paz que ele jamais conhecera. "Meu Deus, perdoe-

me!", ela rezava. Mas o que valia Reg, até para si mesmo? E, o que era pior, ela temia que Reg soubesse disso também.

Havia também momentos tão sombrios, em que ela se achava tão deprimida a ponto de pensar em se suicidar, mas era covarde para tal. A vida, qualquer tipo de vida, era preciosa. E havia coisas pelas quais valia a pena continuar vivendo. Pauline não sobreviveria a tamanho choque. E havia o pequeno Johnny. Ela o queria apaixonadamente, ainda mais profundamente do que, imaginava, o amaria se S. P. estivesse viva. Ele ia completar três anos, e era uma criança feliz e encantadora. Os únicos momentos realmente felizes tinha-os passado em Chicago, quando lá estivera visitando John, Robin e Connie, que eram uma família feliz. "Tão feliz", ela pensava com frequência, "como Geoff e eu éramos quando S. P. estava crescendo."

Não se permitia pensar amiúde em Geoff. Ele não estava divorciado, mas que diferença faria se o estivesse? Lindsay tinha um compromisso com Reg, um contrato a cumprir. Se Geoff ficasse livre amanhã ela ainda permaneceria casada com aquele homem que se tornara dependente dela. Não fora nada de heróico ou um martírio aquilo que a determinara a proceder assim. Separar-se de Reg destruiria o último resquício de auto-respeito que ela possuía. Isso era masoquismo, supunha, mas de outro modo seria egoísmo. Tinha que ser autêntica em relação a algo, mesmo que fosse somente perante si mesma.

— Lindsay dará uma festa para comemorar os oitenta anos de Pauline — disse Connie. — Ela nos quer em Nova York para essa festa. E que fiquemos com ela e seu marido. E, naturalmente, que levemos Johnny.

Robin leu a carta endereçada a eles.

— Ela alugará o terraço do St. Régis, leio aqui. — Assoviou. — Cento e sessenta convidados para jantar e dançar! Caramba!

— Nós iremos, não iremos?

— Sem dúvida. Pauline e Lindsay são duas das pessoas que mais aprecio. — Olhou de relance para sua mulher. — E iremos conhecer, presumo, o misterioso Sr. Marks.

— Sim, eu me pergunto como ele é. Lindsay raramente fala dele em suas cartas ou mesmo quando nos visita. Até quase me esqueço de que ele existe.

— Por vezes tenho a impressão de que Lindsay gostaria de esquecê-lo também.

— Robin, que coisa terrível está dizendo! Você não pode saber disso. Provavelmente ele é um homem muito bom.

— Pode ser. Mas se você tivesse um marido quase perfeito não gostaria de vir em sua companhia a Chicago? Ou pelo menos não falaria mais sobre ele? Mas Lindsay age como se se envergonhasse dele.

— Você pensa realmente assim?

— Não sei. Tem havido falatórios. Pessoas lá de Nova York dizem que o negócio dele de táxis de luxo é um fracasso. E que ele, pessoalmente, também o é. O que dizem por lá é que é um perdedor e um homem da classe baixa.

Connie exclamou, irritada:

— Os nova-yorkinos são tão esnobes!

Robin riu.

— Não jogue toda a metade da América contra mim, querida. *Eu* não disse isso.

— Bem, o fato é que não creio nessa história. Lindsay não se casaria com alguém assim. Ela é a senhora de mais classe que conheço.

— Até mesmo as senhoras de classe cometem enganos, e as de mais classe têm dignidade demais para admiti-los. — Franziu a testa. — Sempre achei que ela nunca amaria ninguém a não ser Geoff. Meu palpite é que seu segundo casamento foi um ato precipitado porque ela estava magoada e muito zangada quando Geoff a abandonou. Aposto que Lindsay lamenta o que fez, mas nunca deixará ninguém saber disso.

— Se essa é a verdade, é muito triste — disse Connie.

— Claro que é. Porque Geoff ainda a adora.

— Você acha que ele irá à festa?

Robin moveu a cabeça em negativa.

— Nem por sombras. Sei que ele não a vê desde o *nosso* casamento, Connie. Ele me contou. Não foi sua a escolha, mas dela.

— Como podem as pessoas torcer o rumo de suas vidas por inteiro?

— A resposta é simples, minha querida. Vaidade, orgulho ferido, rejeição, amor-próprio. Poderia enumerar uma série de pequenas alfinetadas que acabam finalmente produzindo um ferimento largo, profundo. Eis aí como casamentos e amizades se rompem. É triste mas verdadeiro.

Connie beijou-o suavemente.

— Nunca deixaremos que isso nos aconteça. Se eu começar a sentir essas alfinetadas, arrumarei um boneco vodu.

Robin sorriu.

— Boa idéia. Se essa ocasião chegar, arranje dois. Com o seu monograma e o meu. Como nas toalhas de banho.

Nas duas semanas seguintes, Lindsay ocupou-se com os preparativos para a festa. Endereçou todos os convites de próprio punho, sem poder deixar de notar que havia pessoas na lista de convidados nas quais não pensava ou ouvia falar há anos. Muitas delas, lembrava-se, remontavam à sua infância, quando seus pais estavam juntos ainda, James era vivo e Adele era a sua amiga mais querida. "Conheci essas pessoas antes de conhecer Geoff", pensou, "e sinto como se o tivesse conhecido por toda a minha vida."

"Não deve pensar nisso", disse-lhe uma voz interior. "Você deliberadamente nem sequer lhe agradeceu pelas rosas que ele lhe enviou em fevereiro. Você está com medo, Lindsay. Terrivelmente receosa, lembrando-se daquele almoço em Chicago. A melhor coisa é fingir que não há nenhum Geoffrey Murray. E nenhuma Adele, também."

Pensar naquela mulher egoísta e cruel fez suas faces arderem. Apesar dos limitados contatos sociais que ainda mantinha, Lindsay não pudera deixar de saber as coisas maldosas que Adele dissera a seu respeito. E as coisas terríveis que dissera também sobre Geoff: que ele era sádico, egoísta, sem consciência. Tal como se fizera passar pela esposa muito sofredora de Howard Thresher, Adele dava agora a impressão de ser uma esposa amorosa que se empenhara em viver com um homem presunçoso e despótico. "Essa bruxa!", pensou Lindsay. "Alguém devia silenciar aquela boca diabólica." Mas

ninguém o fazia. As pessoas preferem acreditar no pior, e Adele era hábil em fingir ser o que não era.

Zangada, Lindsay selou o último envelope. Desejaria poder convidar Geoff para a festa de Pauline, mas era impossível. Ele e Pauline devotavam-se uma grande afeição. Pauline gostaria muito de tê-lo presente à festa, e Geoff adoraria ir e desejar-lhe muitos outros aniversários felizes. "*Eles* podem se encontrar, mas *eu* não posso. Ficaria angustiada se o visse. Já basta a inquietação quanto ao provável comportamento de Reg. Não desejaria além disso ouvir falatórios sobre meu ex-marido e mim."

Juntou os envelopes em maços e atou-os com pequenos elásticos, disposta a pô-los no correio em seu caminho para o St. Régis. Animou-se ao pensar em como a festa seria bonita. O terraço, conquanto coberto, propiciava uma vista magnífica dos arranha-céus de Nova York, o pano de fundo perfeito para uma senhora que sempre vivera no coração daquela cidade. O interior tinha uma decoração elegante e romântica, com toalhas cór-de-rosa, enfeites em dourado e lustres de cristal. Custara uma pequena fortuna alugar aquele local por uma noite, mas valia a pena. MacDonald Forbes faria arranjos florais delicados para o centro das vinte mesas. Ela contratara a orquestra e indicara o cardápio: musse de lagosta, bife à Wellington, salada com queijo. O prato predileto de Pauline. Serviriam somente champanha francês. Para o diabo com os tradicionais vinho branco e tinto. Seria uma noite de champanha. Agora ela ia conversar com o *maître* acerca da sobremesa a ser servida. Era um problema. O mundo todo parecia estar fazendo dieta. E, fosse como fosse, Pauline seria capaz de matá-la se houvesse o tradicional bolo com oitenta velinhas. Ela se sentiria bastante embaraçada quando a orquestra tocasse *Parabéns pra você*, mas, que diabo, Pauline tinha que tolerar essa tradição, pelo menos. "Teremos deliciosas frutas frescas e sucos variados", decidiu Lindsay, enquanto caminhava pela Madison Avenue. E em cada mesa uma travessa de quatro pés pequenos, cada uma ostentando a inicial *P* em glacê. Certo, era um pouco tosco, mas tinha de haver algo assim.

Absorvida por tais pensamentos, caminhando de olhos baixos, um leve sorriso em seus lábios, Lindsay, desatenta, chocou-se com um homem alto quando atravessava a 70th Street.

— Sinto muito — ela disse automaticamente, antes de erguer o rosto.

— Não se desculpe, Lindsay. Deixe isso para mim.

— Geoff! Bem, imagine só que casualidade!

— É verdade. — Sorriu para ela. — Como vai você?

— Muito bem. E você?

— Neste momento muito bem, embora ache que podemos ser mortos a qualquer instante se não sairmos do meio da rua. — Pegou-a pelo braço e guiou-a até a calçada. — Você parece muito preocupada, ou está apenas tentando não torcer um tornozelo nos buracos do calçamento de nossa maravilhosa Nova York?

Lindsay ficou parada num canto, sorrindo para ele.

— As duas coisas. Caminhar nas ruas de Londres é infinitamente menos arriscado para a saúde, mas viver em Nova York é melhor, apesar de tudo. A propósito, obrigada pelas rosas. Meu agradecimento está com alguns meses de atraso, mas... — e sentiu-se de repente envergonhada.

— Eu sei. Não contava com isso. Foi um prazer enviar-lhe as flores. — Transeuntes apressados quase roçavam neles ao passarem. — Parece que estamos bloqueando o tráfego. Permite que lhe pague um drinque em algum lugar longe deste movimento?

— Às onze da manhã?

— Ah, tem razão. Um café, então? Ovos quentes? Torradas? Qualquer coisa que você desejar, mesmo fora da estação?

Lindsay não pôde deixar de rir.

— Está certo, tomaremos café. O Polo Bar fica ali adiante; se puderem nos servir uma xícara antes que a multidão de fregueses chegue para o almoço...

A temperatura amena e a leve penumbra do restaurante eram reconfortantes após o calor causticante da rua, e Lindsay sentou-se agradecida numa banquetta. Então disse:

— Só posso ficar aqui um instante. Tenho que passar no St. Régis. Darei uma festa para mamãe no dia 22. Ela estará fazendo oitenta anos.

— Eu sei.

— Robin, Connie e Johnny virão de Chicago. Estou certa de que você irá visitá-los quando eles estiverem aqui. Eu gostaria que pudesse... isto é...

— Gostaria de ir a essa festa, mas pode ser embaraçoso para você. Não se preocupe com isso, querida.

Lindsay olhou-o com curiosidade.

— Você não acharia a situação realmente embaraçosa? Com as pessoas cochichando sobre nós e se fazendo perguntas?

— Minha querida Lindsay, duvido muito que a maioria das pessoas se lembrem de nós. Somos a novidade de ontem.

— É isso, mais ou menos, o que mamãe disse certa ocasião.

— Ela tem razão. Oh, eles podem fazer um ou outro comentário quando acontece de nossos nomes virem à tona numa conversa, mas garanto a você que mal darão pela minha presença numa reunião de gala. Não que você precise me convidar, e nem deve.

— Bebeu um gole do café. — Sabe, se me permite dizer isso, não acredito que sejam essas pessoas que a preocupam. Penso que, por algum motivo, você não deseja que eu conheça seu marido. Ou que ele me encontre. Duvido que você ligue a mínima para o que os outros digam ou pensem.

Lindsay demorou um pouco a responder.

— Acho toda essa mistura moderna de ex-esposos um pouco sofisticada demais para meu gosto.

— Tolice. Não acredito. Você poderia ter um bom desempenho mesmo que suas calcinhas caíssem durante uma audiência com a rainha. — Sorriu para ela, completando:

— Você não teve ocasião de passar por isso, teve?

Ela não queria ser desviada do assunto. E disse:

— Geoff, sinto muito. Mamãe adoraria vê-lo presente à festa, mas simplesmente não posso...

— Está bem. Vamos falar de outras coisas. Como vai a loja?

— Desisti dela. Vendi finalmente o negócio para Marty.

— Ah, sim? Não lhe agrada mais?

Ela evitou fitá-lo ao responder:

— Não é isso exatamente. Tenho andado muito ocupada com... com o serviço de limusines de meu marido. Ele não está bem, e tive que conseguir alguém para cuidar dos negócios e ficar atenta a eles também.

— Entendo. Sinto muito. Refiro-me a ele não estar bem.

De repente, Lindsay empurrou para um lado a xícara e o pires.

— Droga, por que estamos nós nesta brincadeira de gato e rato? Reg bebe. Tenho certeza de que você sabe disso.

— Ouvi falar — disse Geoff calmamente. — Eu também passei uns tempos bebendo demais, você deve se lembrar.

— Sim. E de certo modo fui eu quem levou vocês dois a procederem assim.

— Não seja ridícula, Lindsay. A autoflagelação não combina com você.

— Mas é verdade. Sou impossível. Mimada. Egoísta. Meu Deus, nunca paro de pensar em mim mesma!

— Eu a conheço melhor, querida. Sei como se empenhou em me reanimar, e eu não quis aceitar sua ajuda. Não se culpe por tudo de errado que possa ter feito. Culpe a mim.

Lindsay pescou um lenço na bolsa e enxugou os olhos.

— Agora, para coroar tudo, estou chorando como uma criancinha.

Geoff olhou-a amorosamente.

— Sabe, isso é muito bom. Você provavelmente estava precisando chorar. Eu choro, e bastante, Lind.

Ela o olhou fixamente.

— Geoff, você irá à festa de mamãe, não irá? Significaria muito para ela.

— Tem certeza, Lind? Sinto-me como se a tivesse obrigado a isso. Não desejo estragar sua noite.

— Não estragará. Tenho sido uma tola.

— E quanto a seu marido? Ele não vai se incomodar?

Lindsay sorriu desconsoladamente.

— Infelizmente, é bem provável que ele nem se dê conta de sua presença.

Capítulo 32

Reginald Marks não era um homem tolo. Apesar de todas as suas limitações, de seu ambiente de origem e da carência de estudos regulares, era um ser humano intuitivo, consciente de suas próprias motivações e das dos outros.

Desde aquele dia, havia mais de um ano e meio, quando Lindsay chegara a Londres com sua repentina proposta de casamento, Reg sabia que um amor arrebatador não fora a força propulsora de sua decisão. Fingira crer em tudo o que ela lhe dissera, porque a amava de verdade, profundamente. Mas soubera desde o começo que ela agia com a irracionalidade de uma mulher ferida em seu orgulho. Sua consciência o obrigara a tentar dissuadi-la. Não lhe fizera ele notar as diferenças existentes entre os dois e a disparidade de seus interesses e afinidades em tudo, exceto na cama? Ele sabia muito bem que seriam pequenas as chances que teriam de formar um casal feliz.

Mas Lindsay se mostrara tão obstinada que ele acabara concordando com o casamento. E, sinceramente, a despeito de sua relutância, ficara seduzido pela sua boa sorte. Como dissera a Lindsay mais de uma vez, ela era tudo a que ele aspirara sem nunca haver sonhado em consegui-lo realmente. Ela era bonita, sensual e rica. E, acima de tudo, era uma dama, algo que homens de origem humilde como Reg estavam acostumados a admirar somente à distância. Tentara convencer-se de que, com um compromisso de ambas as partes, aquela união desigual poderia dar certo.

Bastaram apenas umas poucas semanas para que ele soubesse que aquilo era impossível. Sentia-se tão pouco à vontade no ambiente de Lindsay como ela no dele. Morar num apartamento luxuoso em Londres não se ajustava a ele. Nunca superara o sentimento de ser um criado penetrando na casa de alguém muito rico. Os amigos de Lindsay eram tão estranhos para ele quanto os dele para ela. Gostava da mãe dela. Pauline era uma mulher bondosa, sempre gentil com ele, mesmo quando estava em seus piores momentos. Mas por trás daquela voz amável e olhos sorridentes, Reg intuía seu desgosto. Não podia censurá-la. Sua única filha casara-se com um homem que mal falava a sua língua, não podia ajustar-se a seu modo de vida e nada tinha para oferecer-lhe social ou economicamente. Pauline sabia o que motivara a atitude impulsiva de Lindsay. E isso a entristecia.

Em muitas ocasiões, muitas mesmo, naqueles primeiros dias, Reg pensara em ter uma conversa franca, calma e esclarecedora com sua mulher. Após uma conversa inteligente e amadurecida chegariam à conclusão de que sua união fora um ato impulsivo, emocional. Mas nunca tivera forças para tentar tal conversa definitiva. Não só porque a amava, e apesar de todas as condições adversas desejava estar com ela, mas também porque supunha, com razão, que o orgulho de Lindsay seria arrasado por um segundo fracasso matrimonial. Por mais tolo que fosse esse orgulho, era importante para ela. Era importante para ela simular diante de todo mundo que não amava Geoffrey, Murray. E que amava Reg Marks. E também que criara para si uma vida nova e maravilhosa. Era um jogo terrível aquele, que não lhe traria nenhuma felicidade real, mas era o jogo dela, e Reg nele cooperaria da melhor maneira que pudesse.

Mas tratava-se de um papel que nem mesmo um excelente ator poderia desempenhar indefinidamente. Apaixonado demais para poder abandoná-la, preocupado demais em não permitir que ela sofresse uma segunda humilhação, Reg fizera a única coisa que pudera: buscara esquecimento na bebida, tentando camuflar seus sentimentos de desajustamento sob a falsa confiança de um bêbado.

Não era uma solução, e ele o sabia. Mas não podia explicar a Lindsay que, quando sóbrio, ele não podia enfrentar o homem fracassado e despreparado em que ela, com suas atitudes bem-intencionadas, o convertera. Bêbado, seus próprios fracassos não o faziam sofrer tanto. E talvez, no seu subconsciente, desejasse que ela passasse a desprezá-lo cada vez mais, o bastante para abandoná-lo, colocando seus próprios sentimentos acima da piedade que sentia.

Em que terrível confusão eles tinham se metido. Não se davam mais um com o outro, e no entanto tinham mergulhado cada vez mais profundamente numa situação que parecia insolúvel. De um modo insensato, preocupavam-se tanto um com o outro que não

podiam se separar; ele, preso ao amor e à preocupação em preservar-lhe o respeito próprio; e ela, dominada por um sentimento de culpa por tê-lo arrancado de seu ambiente.

Naquela manhã de agosto em que Lindsay e Geoff se encontraram por acaso, Reg, desesperadamente ocioso, dava passadas pela sala do apartamento da Park Avenue e tentava visualizar seu futuro. Como estariam eles dali a dez anos? Ou vinte? Ele seria um bêbado incurável e ela continuaria a tentar curá-lo. Reg inutilizara a única oportunidade de se converter num homem de negócios. Achava-se a milhares de quilômetros de alguém com quem pudesse conversar. Não tinha amigos naquela terra estranha e não era provável que viesse a fazer alguma amizade que Lindsay pudesse aceitar. Deus era testemunha de que os amigos dela não o aceitavam. Eles tinham tornado isso claro, embora de modo condescendente. E no entanto, mesmo sabendo que no final das contas deixá-la a faria mais feliz, ele não podia suportar tal solução, pois Lindsay mais uma vez se veria rejeitada, e sua humilhação seria ainda pior, porque dessa vez seria abandonada por um João-ninguém. Seria ainda mais degradante do que a separação do primeiro marido, tido como um parceiro certo para ela.

Zangado, perturbado, indefeso, Reg tomou uma dose dupla de uísque. Era a primeira coisa que devia evitar, naturalmente. Sabia muito bem disso. Mas não podia parar. Sem a falsa coragem impingida pelo uísque ele estaria perdido. "Eis um círculo vicioso", pensou Reg. "Quanto mais bebo, mais infeliz Lindsay fica. E quanto mais infeliz Lindsay se torna, mais eu bebo. Ela pensa que eu necessito dela. E necessito, sinceramente. Mas ela precisa mais ainda de mim. Porque sou o único homem que a adora."

Por um momento, Pauline perdeu sua compostura. Durante o almoço no Le Cote Basque, quase engasgou com a sua lagosta fria.

— Você fez o quê?

— Convidei Geoff para sua festa de aniversário, mamãe — disse Lindsay calmamente. — Esbarramos um no outro esta manhã na Madison Avenue, e depois tomamos um café num bar. Resolvi deixar de agir como uma tola. Ele é meu ex-marido, certo, mas não há nenhum motivo para que não possamos ser amigos. As pessoas não prestam atenção a esse tipo de coisa hoje em dia. Conheço casais que se dão melhor após terem se divorciado do que quando viviam juntos. — Pôs na boca, delicadamente, um pouco do seu picadinho de carne de vitela. — Além disso — completou depois —, ele a adora, mamãe. E você a ele. Por que ele não deve participar da comemoração?

— Estou muito surpresa de que ele tenha aceitado.

Lindsay olhou-a curiosa.

— Por quê, pode me explicar? Lá estarão muitas pessoas que ele conhece.

— Exatamente por isso. Minha querida, sabe que o fato de Geoff comparecer à festa que você e Reg estão dando será o tema das conversas? Está querendo realmente mais falatórios envolvendo você?

— Querida, sua maneira de pensar sofreu uma reviravolta de cento e oitenta graus. Não era você quem dizia que as pessoas não dão nenhuma atenção às novidades da véspera? Geoff disse a mesma coisa. Foi isso o que me fez perceber que eu estava sendo excessivamente sensível aos falatórios. E agora você acaba de me afirmar

justamente o oposto. — Sorriu abertamente. — Se eu não a conhecesse bem, pensaria até que você está com medo de que roubemos o espetáculo da estrela do *show*.

— Lindsay, não brinque. Você sabe que não é isso o que me preocupa.

Lindsay parou de pilheriar.

— Eu sei. O que a preocupa é que Reg fique embriagado e faça alguma cena ridícula. E que, mais do que tudo, eu não queria que Geoff visse a triste figura de homem em que Reg se converteu. Pensei nisso. E então disse a mim mesma: "E daí? Esse homem é meu marido. Se eu posso aceitá-lo como ele é, os outros também podem aceitá-lo. Inclusive Geoff. Tudo bem, Reg tem um problema com a bebida. Milhões de pessoas têm. Geoff me lembrou esta manhã que ele certa vez passou pelo mesmo problema. Ele seria, assim, o último a jogar pedras em alguém".

— Mas Geoff superou seu problema.

— E Reg irá superar o dele. — Lindsay ergueu o queixo com firmeza. — Ele estava indo muito bem até o negócio de limusines decair. Reg não sabe como enfrentar as situações neste país, mas ele aprenderá. Temos que lhe dar tempo. Afinal, ele está aqui há seis meses apenas. Também não foi fácil para mim acostumar-me com a vida na Inglaterra.

Pauline suspirou.

— A quem está tentando convencer, querida, a mim ou a você mesma? Reg nunca será o que você deseja que ele seja. Sinto pena dele, Lindsay. São problemas demais que ele tem que enfrentar. E não sei por quanto tempo você poderá continuar fingindo que tudo irá mudar.

— Para sempre, se necessário for. Não vou fracassar de novo, mamãe. E Reg me ama. Não vou desampará-lo.

— Às vezes você me lembra seu pai. Howard tinha essa mesma espécie de tenacidade de buldogue. Nunca aceitou o fato de eu tê-lo deixado. E você nunca conseguirá recuperar-se do fato de Geoff tê-la abandonado. Diga a verdade, Lindsay, você está ainda muito inclinada a provar que tem alguém que a adora, não está? Não deixe que sua vaidade arruíne sua vida, minha querida. Você viu o que Howard fez a si mesmo. Pobre Howard. Tão lisonjeado por poder casar-se com uma mulher jovem o bastante para ser sua filha. E tão infeliz depois, durante anos junto dela, mas cabeçudo demais para admiti-lo.

Lindsay enrubesceu.

— Não acho pertinente essa comparação, mamãe. Não me casei com alguém da idade de Robin.

— Não, mas você se casou com igual disposição de espírito, e irá aferrar-se a isso mesmo sabendo que está errada.

— Bem, acontece que não concordo com você — disse Lindsay, zangada. — E sinceramente não necessito de um sermão. Estou com cinqüenta anos. Velha o bastante para saber com exatidão o que estou fazendo, sem precisar de que minha mãe me diga como proceder. Pelo menos *eu* tenho um segundo marido!

— Sim, você tem — concordou Pauline serenamente.

Lindsay sentiu-se imediatamente envergonhada.

— Oh, que droga, mamãe, não quis dizer algo tão horrível. Por favor, perdoe-me. Você sabe que eu a amo mais do que tudo neste mundo. Acontece apenas que dói quando... quando você me critica.

"Ou quando chego tão dolorosamente perto da verdade", pensou Pauline. E disse:

— Não é nada. O calor provavelmente nos deixou irritadas. Seja como for, não sei como nos alongamos tanto sobre esse assunto. Vamos falar sobre a minha festa. Diga-me o que está programando.

— Nada disso. A festa não é uma surpresa, mas pelo menos os detalhes serão. Desejo que seja uma bela festa para você, querida. Sinto ter convidado Geoff. Espero que esse fato não vá estragar tudo para você. Pensei que isso lhe agradaria.

— Naturalmente que me agrada. Gosto muito de Geoff, apesar de tudo.

Lindsay demorou a responder. Olhou Pauline nos olhos, e disse:

— Eu também, mamãe.

Robin, Constance e Johnny chegaram dois dias antes da festa, trazendo com eles, de comum acordo, uma radiante Sra. Graham. Pelo telefone, quando Constance sugerira a vinda da boa senhora, Lindsay apoiara a sugestão com entusiasmo. E comentara:

— Sinto-me muito melhor sabendo que ela ficará tomando conta de Johnny quando sairmos. Estou contente por não ter que deixar Johnny aos cuidados de uma pessoa estranha. Você e Robin podem ficar no quarto de Geoff... quero dizer, o segundo quarto, e colocaremos a Sra. Graham e Johnny no outro. Fica um pouco apertado para dois, mas estou certa de que se ajeitarão ali.

— Claro! — E Connie riu. — A Sra. Graham está quase subindo pelas paredes de tanto entusiasmo. Ela nunca esteve em Nova York, e mal pode conter sua ansiedade. Acho que ela dormiria até no chão da cozinha, se fosse o único modo de passar esses dias aí.

Jane Graham estava, evidentemente, fervilhando de entusiasmo. Ficou impressionada com a Park Avenue, excedendo-se em elogios ao apartamento de Lindsay, impaciente para ver a cidade.

— Estou morrendo de vontade de ir ao topo do Empire State e ver a Estátua da Liberdade bem de perto — ela disse quando já estavam instalados no apartamento. — E ouvi dizer que se vai de barca até Staten Island e se pode visitar o túmulo de Grant e tomar o barco de turistas que contorna toda a ilha de Manhattan! Suponho que já tenha feito todas essas coisas milhares de vezes, Sra. Marks.

— Sinto-me envergonhada de confessar que nunca fiz nada disso, Sra. Graham — disse Lindsay, sorrindo. — Os cidadãos nova-yorkinos são terríveis. Não prestam nenhuma atenção aos pontos de maior atração de sua própria cidade. E tenho certeza de que ocorre o mesmo com naturais de qualquer cidade. Como se dá com tudo o mais, consideramos natural, muitas vezes, o que nos é familiar. Mas a senhora terá tempo bastante para tais passeios. Desejo estar com meu neto cada minuto do dia, e assim, se a Sra. Darnevale concordar, a senhora terá tempo livre para passear pela cidade.

— A Sra. Darnevale também fará seus próprios passeios — disse Connie, sorrindo. — Henri Bendel, aí vou eu!

— E à falência irei eu! — exclamou Robin, com humor. Voltou-se, com ar jovial, para o silencioso Reg. — Essas mulheres! Já nascem com uma lista de compras nas mãos. Podem gastar dinheiro mais depressa do que ganhamos, não acha?

— Eu não saberia responder. Não sou eu quem paga as contas aqui.

Houve uma pausa embaraçosa, durante a qual Robin mentalmente se recriminou por sua estupidez e Lindsay teve vontade de esbofetear Reg por sua falta de tato. Connie rapidamente rompeu a tensão.

— Não busque solidariedade, Robin. Sou uma mulher que trabalha, lembra-se? Minha mania de vestir-me na moda é problema meu.

O momento difícil passou e todos relaxaram, conversando então sobre outras coisas. Somente Reg não tomou parte na conversa. Levou Johnny para um canto da ampla sala e começou a mostrar-lhe um grande livro com fotos de carros de várias épocas, detalhando cada um para o garotinho, encantado mas novo ainda para compreender tudo aquilo. A Sra. Graham, satisfeita por ver a criança em boas mãos, foi até a cozinha para fazer amizade com a empregada.

De vez em quando, Lindsay olhava de relance para seu marido e seu netinho, ambos absorvidos nas fotografias de carros. Connie acompanhou esses olhares.

— Ele se dá bem com crianças, não é?

— Aparentemente — disse Lindsay. — Esta é a primeira vez que o vejo com uma. Eles parecem se conhecer há muito tempo.

— Ele é um bom homem, Lindsay — disse Robin em tom baixo. — Tímido, mas tem um ar digno.

— Sim — retrucou Lindsay, quase surpresa por constatar que acreditava nisso.

Fazia tanto tempo que Reg não se mostrava assim calmo e sóbrio. Ela chegara quase a esquecer a pessoa contida, serena que ele podia ser. "Se pelo menos ele se comportasse desse modo todo o tempo", pensou. Ouvia Reg rir junto com Johnny. "Há quanto tempo não vejo Reg rir!" E, em voz baixa, disse:

— É difícil para ele: um país estranho, pessoas desconhecidas, e ainda um estilo diferente de fazer negócios. É muito bom vê-lo feliz como agora.

Connie e Robin nada disseram. Não tinham certeza de terem se preparado para o que viam. Tinham suposto que Reg fosse alguém meio rude, maçante. E não aquele homem discreto, com gestos brandos e olhos tristes.

Mais tarde, a sós no quarto, conversaram sobre ele.

— Certamente não é como Geoff — disse Robin.

— Não, mas gostei dele. Não sei exatamente por quê, mas sinto pena dele. Parece tão perdido! Pode-se dizer que adora Lindsay. Basta observar o jeito como ele a olha. Mas é como se estivesse com medo de algo. Talvez de amá-la tanto assim.

Robin assentiu.

— É curioso. Eu contava com alguém totalmente diferente, a julgar pelo que as pessoas diziam dele. Um tipo meio apalermado e bêbado, foi o que imaginei. Ele pode não ter tido uma fina educação, mas é um cavalheiro.

— E sóbrio — acrescentou Connie. — Eu lhe disse que você não pode dar crédito ao que as pessoas dizem. Especialmente as nova-yorkinas.

Robin fez uma imitação de Jack Benny:

— Vamos parar por aqui!

Connie riu.

— Certo. Peço desculpas. Mas estou do lado de Reg.

— Querida, não há lados nessa questão. Ele é o marido de Lindsay, e nós gostaremos do que ela gostar.

Connie beijou-o e disse:

— Bom menino.

Mas intimamente estava intrigada com Reg. Ele parecia desorientado, assustado como uma criança, empenhando-se em se comportar o melhor possível. Com exceção daquele comentário amargo acerca de não pagar as contas, Reg não demonstrara nenhum antagonismo. Mas Connie sabia que ele era um homem desapontado, e mesmo zangado. "Tem razão de ser assim", ela pensou com tristeza. "Estou certa de que Lindsay, por mais que o deseje, não consegue amá-lo."

Enquanto se vestia para ir almoçar com os recém-chegados de Chicago, Geoff sentiu-se ridiculamente feliz pela primeira vez em muitos anos. Talvez fosse um desejo subconsciente, mas era como se tudo voltasse a ser como antes. Tudo começara com aquele encontro casual com Lindsay. Embora fortuito, parecera no entanto um fato marcante. Ela ficara contente em revê-lo. Chegara até a convidá-lo para a festa de Pauline. Na verdade, quase a persuadira a fazer isso, mas o fato é que ela o fizera, e ele encarara o convite como um bom sinal. "Se podemos nos comunicar", pensou, "será possível ajeitar as coisas de novo. Ela me perdoou por aquele meu caso com Pam. Certamente pode compreender como eu estava inseguro quando me envolvi com Adele. De certo modo, Lindsay me levou a tal atitude. Se ela não tivesse dormido com Marks na França, eu nunca... Não, não estou sendo justo. Lindsay tinha todo o direito de procurar outro homem. Eu a arrastei a isso com meu comportamento infantil. Eu a empurrei para esse casamento. Adorável tolinha, precisando fingir que não se incomodava com a nossa separação."

Ela se incomodara. Estava seguro disso. Negava-se a acreditar que fosse tarde demais para eles. Outras pessoas se casavam em segundas núpcias. "Seja como for, conseguirei que Adele me conceda o divórcio", pensou com firmeza. "Para começar, nunca devia ter dado ouvidos a Dan Fields. Que diferença faria se o divórcio me custasse tudo o que tenho? Posso ganhar mais. Exceto nos primeiros dois anos de nosso casamento, o dinheiro nunca foi problema para nós. Talvez tivesse sido melhor se nós dois dispuséssemos de menos dinheiro. Ou que Lindsay fosse menos rica. Então ela não teria condições de *comprar* aquele inglês."

Como podia pensar numa coisa tão torpe? "Quem disse que ela o comprou?", pensou. E se sentiu subitamente sombrio. "Talvez esteja vendo unicamente o que desejo ver. Talvez Lindsay estivesse realmente apaixonada por ele e não quisesse me ver a seu lado de novo, mesmo que eu estivesse livre. Foi o que ela me disse em Chicago. Pode ser verdade ainda. Ela pode não se separar dele, mesmo sendo possível voltar para mim."

"Seja como for, conseguirei o divórcio. Adele não se importa em continuar casada ou não, contanto que disponha de muito dinheiro. Não posso crer que seja tola ou vingativa. Para todos os efeitos, ela não tem mais marido. Estamos separados. Seu padrão de vida

não sofrerá nada com o divórcio. Eu a verei na próxima semana e lhe implorarei esse divórcio, se for preciso. E serei esperto o bastante, uma vez na vida, para mentir acerca de Lindsay."

Deixou seus pensamentos retornarem à sua ex-mulher, imaginando se haveria uma oportunidade de fazê-la mudar de opinião sobre o que dissera no restaurante. Quando telefonara para Geoff na noite anterior, Robin se mostrara surpreso, e com razão, quando a conversa seguira aquele rumo. Robin telefonara para dizer que ele e Connie estavam em Nova York e gostariam de convidá-lo para almoçar no dia seguinte.

— Boa idéia — disse Geoff —, mas vocês serão meus convidados. De outro modo não aceito.

Robin riu.

— Está bem, discutiremos sobre a conta do almoço depois. O importante é que queremos vê-lo enquanto estamos na cidade.

— Vocês me verão na festa de Pauline. Mas isso não quer dizer que não queira almoçar com vocês.

— Ah, eu não sabia que você iria à festa. Isto é, suponho que Lindsay tenha se esquecido de mencioná-lo. De qualquer maneira, isso é ótimo. Duas visitas são melhor do que uma, e duvido que tenhamos muita oportunidade de conversar durante a festa, que, pelo que sei, promete ser de arromba.

Geoff sentira-se vagamente desapontado por Lindsay não ter dito que ele fora convidado. "Bem, por que deveria ela dizê-lo, seu velho tolo? Provavelmente não é algo tão importante para ela. E, sejamos realistas, não é um assunto que pudesse ser ventilado na presença do marido." E Geoff se perguntou se Lindsay tocara no assunto com Reg Marks.

— Certamente — disse com veemência. — Tenho certeza de que metade de Nova York estará no St. Régis. Onde vocês gostariam de almoçar?

— Escolha você.

— Que tal o Waldorf? Peacock Alley? É sossegado e um bom lugar para crianças. Suponho que *levarão* John, não é?

— Se pudermos afastá-lo de Lindsay — disse Robin, sorrindo. — Ela está planejando enviar a Sra. Graham a uma excursão de um dia por Nova York, para que possa ter "John, o Temível", só para ela.

— Bem, se ela não pode separar-se dele, talvez possa juntar-se a nós no almoço. — Procurara falar em tom causal, mas seu coração batera acelerado.

Foi então que Robin pareceu surpreender-se.

— Juntar-se a nós? Bem, não sei dizer, Geoff. Isto é... preciso falar com ela, mas não conte muito com um sim. É melhor fazer a reserva para quatro.

— Certo. Não há problema. Meio-dia e meia está bem? Mas você promete que levará John?

— Prometo. Ele é seu, também.

"Palavras gentis", pensou Geoff ao desligar. "Graças a Deus, consegui me sair bem, apesar do meu nervosismo." Estremeceu, recordando como seu pesar pela morte da filha quase o levara a um afastamento irremediável de seu neto. Procedera como um insano naqueles primeiros meses após a morte de S. P. Compreendia agora como uma dor

quase insuportável podia perturbar a mente. E como pudera, em seu caso, manifestar-se em uma raiva assassina,. injusta, mas talvez compreensível. Sua dor não fora maior do que a de Lindsay ou de Robin. Ele simplesmente não tinha o autocontrole admirável de ambos.

Enquanto enfiava um lenço no bolsinho do paletó, torceu para que Lindsay estivesse presente ao almoço. Via algo de simbólico na presença dela. Como se isso significasse que Lindsay desejava que eles fossem uma família novamente.

Naquela manhã, Connie buscara uma oportunidade de falar a sós com Lindsay. Na metade da manhã, enquanto a Sra. Graham estava vestindo Johnny, e Robin e Reg estavam tomando banho, ela abordou Lindsay, que acabava de vir da cozinha.

— Podemos falar a sós um minuto?

— Claro. O que é?

— Geoff nos convidou para almoçar com ele hoje.

— Nós? Quer dizer você e Robin? Isso é ótimo, querida.

Connie hesitou.

— Bem, ele gostaria que John fosse também.

— Oh — fez Lindsay, parecendo desapontada. — Reg e eu íamos levá-lo ao zoológico no Central Park.

— Eu sei. Robin disse que você desejava passar o dia com John, mas, naturalmente...

— Mas Geoff tem tanto direito a ele como eu, é o que você quer dizer. Bem, não posso discutir isso. Terei vocês aqui durante dois dias. Suponho que duas horas possam ser destinadas a Geoff.

— Ele disse que desejava que você se reunisse a nós, Lindsay.

Ela ficou pálida.

— Não. Não, não posso fazer isso, Connie. Quero dizer, não poderia desapontar Reg. Planejamos sair juntos hoje. Ele ficará muito decepcionado por não sair com John. Ele tomou-se de uma afeição súbita por esse menino. Foi tudo o que conversei comigo quando fomos dormir ontem à noite: de como Johnny é maravilhoso. — Suspirou. — É pena que Reg não tenha tido filhos. Realmente ama as crianças. Fiquei surpresa ao ver como ele se dá bem com John. Ele... ele não bebeu um só drinque desde que vocês chegaram.

Connie nada disse.

— Sinto muito — falou Lindsay —, não queria tocar no assunto, mas presumo não ser mais novidade para você que Reg bebe demais.

— Ouvimos algo a respeito, mas não dei crédito a isso.

— Mas é um fato, infelizmente. Reg é um alcoólatra. Tem seus motivos, Deus sabe. Suponho que todos os que enfrentam esse problema tenham suas razões para beber. Desejaria somente que ele contasse com alguma ajuda, Connie. Reg é no fundo um bom homem, muito amável. Eu... eu gosto muito dele. — E respirou profundamente. — Bem, já basta. Agradeça a Geoff por mim e diga-lhe que lamento não poder ir.

— Lindsay...

— Sim, querida?

— Por que você convidou Geoff para a festa de amanhã à noite?

— Por que não devia convidá-lo? Ele e mamãe sempre se estimaram muito. Estou até surpresa com essa sua pergunta. Sua geração é muito mais liberal a respeito de ex-maridos e ex-mulheres do que a minha. Acha que há algo de errado no fato de eu ter incluído Geoff entre os convidados? Pelo amor de Deus, afinal ele é apenas uma das cento e sessenta pessoas convidadas!

— É isso? Apenas mais um convidado?

Lindsay não se perturbou.

— Claro que sim. Que mais poderia ser?

— Não sei. Gostaria de me dizer? Não quero parecer intrometida, mas estou certa de que você não tem ninguém com quem se abrir. Há Pauline, naturalmente, mas é diferente. Tenho uma intuição de que há muitas coisas em sua cabeça, e desejo somente que saiba que, se quiser confiá-las a mim, tudo ficará estritamente entre nós duas.

Lindsay sorriu carinhosamente.

— Você me é muito cara, Connie, e aprecio sua bondade. Há problemas, não vou negá-lo. Mas todo mundo os tem. Os meus não são piores do que os da maioria. — Seu sorriso desapareceu. — Há uma coisa, contudo, que gostaria de dizer. Não sei se já lhe disse como sou feliz por Robin e John a terem conhecido. Você se parece mais do que ninguém com minha própria filha. O amor que você proporciona a esse homem e a esse menino é algo de especial. Presumo que deva ser especialmente grata em nome de Johnny. Acho que estou maluquinha por essa criança. E Geoff também, ao que sei. Isso é bom, e sei que você é uma das principais responsáveis por essa situação. — Animou-se de novo. — Aí está. Discurso encerrado. Tenha um bom almoço, querida.

— Está certa de que não deseja almoçar conosco?

Lindsay moveu a cabeça afirmativamente.

— Plena certeza. De vez em quando sou dominada pela necessidade de ser uma boa mulher. E esta é uma dessas ocasiões.

Capítulo 33

Às dez da manhã, quando Adele estava terminando seu desjejum espartano, com a bandeja à sua frente, o telefone sobre a mesa-de-cabeceira tocou. Era Janice Carlton, uma das poucas mulheres com quem Adele se dava.

— Alô — disse Janice —, o que há de novo?

— Nada. Ainda estou na cama. O que a fez despertar tão cedo?

— Paul e seu maldito jogo de golfe. Ele andou fazendo barulho por aqui antes das oito. Não pude pegar no sono novamente. Paul diz que, se não começarem as primeiras tacadas cedo, terá uma insolação quando chegarem ao terceiro buraco. Às vezes eu penso ser essa uma catástrofe pela qual fervorosamente anseio.

Adele sorriu com ironia.

— Há vantagens em se estar sozinha. Geoff sempre me deixava quase louca pela manhã. Ele se punha a andar pelo quarto, dando-me todo o tipo de instruções entediadas para serem cumpridas durante o dia. Nunca consegui convencê-lo de que as mulheres detestam conversa ao romper do dia.

— Nem todas, ao que parece. — A voz de Janice tinha um leve toque de malícia. — A ex-mulher de Paul obviamente não detesta isso. Ah, Peggy Rodgers viu Geoff e Lindsay entrando no Polo Bar, na Westbury, outro dia de manhã. Ela disse que eles estavam rindo e com ar muito animado...

Adele pousou a xícara cuidadosamente no pires. Geoff e Lindsay? Manteve o tom casual ao responder:

— Oh, *isso*. Sim, sei. Deve ser algo a respeito do neto deles — mentiu. — Geoff disse que iam se encontrar para conversarem sobre bens em custódia.

— Oh, sim? Não sabia que você e Geoff estavam se falando.

— Claro que estamos. Foi uma separação amigável. — Uma vez forjada a mentira inicial, Adele não pôde resistir à tentação de aprimorá-la. — Não desejo que essa novidade se espalhe, Jan, mas Geoff e eu estamos prestes a nos reconciliar. Ele prometeu se corrigir e... bem, talvez seja uma tolice da minha parte, mas praticamente concordei em dar-lhe uma nova oportunidade.

— Não diga! Isso é maravilhoso, Adele! Nesse caso, suponho que você irá com ele à festa de aniversário de Pauline Thresher, amanhã à noite. Nós iremos. E Geoff disse a Paul, no clube, que Lindsay o convidou.

Adele contraiu os lábios com força, mas ainda assim procurou parecer indiferente.

— Não, não irei. Geoff me pediu para ir, naturalmente, mas parece inoportuno. Você se esqueceu de que Pauline e eu fomos casadas com o mesmo homem?

— Claro. Eu *tinha* me esquecido. Isso aconteceu há séculos, não é?

— Nem tanto, queridinha. Ainda assim, não desejo deixar embaraçada a velha senhora. Disse a Geoff que fosse sem mim.

Janice sorriu. Adele estava mentindo descaradamente. Não tinha a menor idéia de que Geoff estava se encontrando com Lindsay. E toda aquela história sobre uma reconciliação! Qual, Adele devia estar furiosa. Era bem-feito para ela. Adele era realmente uma detestável farsante.

— Desejaria ter sua segurança — disse Janice, com voz doce. — Eu teria um ataque se Paul estivesse de intimidades com sua "ex", mesmo que estivéssemos separados. É maravilhoso que você e Geoff tenham um entendimento tão perfeito. Quando acha que voltarão a viver juntos?

— Não fixamos uma data, mas arrisco-me a dizer que será muito breve. Claro que você será a primeira a saber, Janice querida. Isto é, se você já não tiver sabido por intermédio de uma de nossas solícitas amigas.

— Bem, isso é uma novidade magnífica — repetiu Janice. — Estou tão feliz por você, Adele. Todas ficamos terrivelmente preocupadas quando soubemos que ele poderia voltar para Lindsay. Isso seria muito humilhante para você, querida. Estou encantada por saber que o boato é infundado.

— Exatamente. E você pode contar isso às outras.

Adele desligou, furiosa. Então ele estava vendo Lindsay de novo! Possivelmente fazia isso desde que ela voltara da Inglaterra. E agora estavam se encontrando às claras, desavergonhadamente. Como Geoff ousava ir à festa de Pauline Thresher? Mentiroso! Fingindo que o regresso de Lindsay nada tivera a ver com seu desejo de se divorciar. Bem, ele podia dizer adeus ao divórcio. Se ela alguma vez cogitara em conceder-lhe a

liberdade, agora ele a fizera mudar de idéia em definitivo. Geoffrey Murray ficaria casado com ela pelo resto de sua vida inútil. E Lindsay que continuasse a viver com *aquilo!*

— Você está francamente arrebatadora, mamãe — disse Lindsay, estendendo-lhe a mão enquanto o porteiro do edifício ajudava Pauline a entrar na limusine.

— Obrigada. Gosto de ser uma das "damas" de Bill Blass, ainda que esteja certa de que ele normalmente não cria modelos para senhoras de oitenta anos. — Olhou para os outros. — Vocês todos parecem ótimos. Constance, que vestido lindo o seu! E Reg e Robin. *Dinner jackets* os fazem parecer ainda mais elegantes. Acho que deviam vesti-los sempre.

Robin riu.

— Tenho certeza de que eu interromperia o tráfego da Michigan Avenue às oito da manhã.

Reg, sentado no banco da frente, com o chofer, nada disse, mas voltou a cabeça e sorriu para sua sogra.

— Como está meu bisneto? — perguntou Pauline assim que o carro se pôs em marcha.

— Todo bobão — disse Connie. — Vai levar uma semana para esquecer esta viagem. E um ano para se recuperar dos mimos de seus avós. Já foi para a cama e sob a ameaça de receber um castigo indescritível se ousar pôr um de seus pezinhos fora dela.

— Por que, afinal de contas, faria isso?

— Johnny é incrível, mamãe — disse Lindsay. — Você o põe para dormir e daí a duas horas já está de pé, olhando com aqueles olhinhos vivos para todo lado. Inteiramente desperto e desejando brincar. A Sra. Graham anda louca com ele desde que chegou. Está tão excitado que não consegue dormir. E ela se acha tão exausta depois de suas andanças turísticas que mal pode permanecer acordada para vigiá-lo.

— Acho que ele será um astro do *rock* ou um vigia noturno — disse Robin. — O garoto dá o máximo depois do anoitecer.

— Acho que ele será um piloto de carros de corrida — disse Connie, inclinando-se um pouco para bater no ombro de Reg. — Seu avô torto lhe ensinou os nomes de tudo o que tem rodas.

Reg falou pela primeira vez até ali;

— Ele é um garotinho inteligente. Sabe exatamente em que prateleira se acham os livros sobre carros, e me obriga a mostrá-los um por um.

— E você *detesta* isso — brincou Lindsay. — Falemos, sinceramente, sobre mimos! Se algum *dano* foi feito nesse aspecto, Connie, pode culpar esse inglês. Ele é o escravo de Johnny.

— É muita bondade sua, Reg — observou Pauline.

— Gosto disso. Faz com que me sinta importante. Como se tivesse uma pequena participação na educação desse garoto.

Pauline olhou de relance para Lindsay.

— Ele tem sido ótimo — murmurou Lindsay.

Pauline assentiu com satisfação.

— Ainda acho maravilhoso de sua parte gastar tanto tempo com ele, Reg — disse Connie. — E isso é instrutivo. Tudo o que Robin sabe sobre um carro é que se não puser gasolina nele, não anda. Acho que teremos que comprar um livro ilustrado sobre carros para John assim que voltarmos para Chicago. E uma frota de modelinhos de carros, nos quais ele provavelmente trepará e quebrará uma perna...

— Você possivelmente verá isso acontecer — assentiu Robin. — Mas eu concordo, Reg. Você tem sido um herói. Conversar com crianças exige paciência. Não se pode esquecer como é limitada a compreensão dos garotos.

— Talvez por isso seja tão fácil para mim — disse Reg. — Sou um garoto grande. Muito infantil, suponho.

Pauline sentiu Lindsay enrijecer-se no assento a seu lado.

— Ser *como* uma criança é completamente diferente de ser *infantil* — disse gentilmente Pauline. — Na verdade, é uma qualidade maravilhosa, e muito poucas pessoas a possuem. John tem sorte de você ser uma delas.

— Amém — acrescentou Connie. — Você preservou nossa sanidade com esses livros, Reg. Nós devemos isso a você.

Reg voltou-se e curvou a cabeça numa mesura.

— O prazer foi meu, senhora.

O coração de Lindsay deu um salto. Reg se expressara exatamente como quando tinham se encontrado pela primeira vez: com aquela voz agradável, meio brincalhona. Mostrara-se tão diferente nestes dois últimos dias. Totalmente sóbrio, relaxado, aparentemente em paz consigo mesmo. "Por favor, meu Deus, permita que ele continue assim", ela rezou. "Quando Connie, Robin e Johnny forem embora, não o deixe voltar ao que foi durante meses a fio."

Foram os primeiros a chegar ao St. Régis, e quando Pauline deu uma olhadela ao lugar onde se realizaria a festa, suspirou de satisfação.

— Lindsay, isto é simplesmente uma beleza! As mesas estão lindas! Você já observou esses centros de mesa? Nunca vi arranjos florais tão originais. — Deu um rápido beijo em sua filha. — Você faz com que eu me sinta uma debutante.

Lindsay estava muito contente. Aquilo se parecia com um reino de fadas, por dentro e por fora, onde mesmo os arranha-céus pareciam ter colaborado com as luzes que cintilavam em milhares de janelas. E tudo ficaria ainda mais belo com a presença de mulheres vestidas elegantemente e de homens em *dinner jackets*. O ambiente ficaria deliciosamente perfumado e animado com o som de conversas e, ao fundo, uma música acalentadora. Ela se esforçara ao máximo para tornar tudo perfeito, arranjando ainda lugares marcados para cento e sessenta convidados. Quando eles chegassem, receberiam os números correspondentes às suas mesas, formando fila para cumprimentar Pauline e sua família, indo depois para o lugar destinado ao coquetel, que seria servido antes do jantar. Tudo transcorreria feliz e serenamente, e Pauline saberia quantas pessoas a amavam.

Por um fugaz momento a mente de Lindsay enfocou alguém que seguramente viria: Geoff. Em parte, ainda se arrependia de tê-lo convidado, sentia-se ainda apreensiva devido às conjecturas que sua presença ali provavelmente despertaria, e mesmo mais inquieta, tinha que admitir, por essa aproximação dele. Não havia dúvidas de que Geoff a

convidaria para dançar. "Que tola eu sou", pensou. "Após todos esses anos ainda me sinto nervosa só de pensar em estar nos braços dele, mesmo de modo impessoal, numa pista de danças."

Colocara Geoff duas meses adiante da que ela e Reg compartilhariam com Pauline, fazendo-o sentar-se, deliberadamente, de costas para eles. Não queria erguer o olhar durante o jantar e vê-lo observá-la daquele seu jeito todo especial. E não desejava que Geoff olhasse para Reg, e notasse provavelmente que seu novo marido não tinha a elegância natural de homens como ele.

Aguardara até o último minuto, quase na hora de saírem de casa, para dizer a Reg que seu ex-marido iria à festa.

— Oh, a propósito, querido, não sei se cheguei a dizer, a você que Geoff foi convidado para a festa. Vocês finalmente irão se conhecer.

Os olhos de Reg encontraram os dela. E ele disse:

— Isso seria interessante.

Lindsay forçou um sorriso largo.

— Particularmente, penso que não. Não o teria convidado não fosse o fato de ele apreciar tanto minha mãe. Você não se importa, não é?

— Eu? Por que deveria me importar? Ele pertence ao seu passado, certo?

— Claro! Ele se inclui na mesma categoria dos meus livros do curso secundário e da II Guerra Mundial; fazem parte de minha juventude perdida.

De repente, Reg se mostrou zangado, dizendo:

— Lindsay, não me ofenda ao tentar me convencer de que não sente mais nada por um homem com o qual viveu durante trinta anos. Posso ser ignorante, mas não sou cego. Noto a sua expressão quando alguém menciona o nome dele. Sei quem enviou suas flores favoritas no dia de nossa chegada. E tenho certeza de que não partiu de Pauline a idéia de convidá-lo a essa festa. — Acalmou-se. — Está certo. Refiro-me à presença dele lá. Não se preocupe, não a deixarei embaraçada diante dele. Serei um perfeito cavalheiro. Tentarei até usar o talher certo, no caso de ele estar observando.

Lindsay empalideceu.

— Isso não é justo! Não o via desde o dia em que parti para a Inglaterra e não pretendia vê-lo mais, mas aconteceu que nos encontramos por acaso na rua e... — Hesitou. — Reg — disse com veemência —, está tudo acabado entre Geoff e mim. O fato de eu me unir a você não prova nada? Já fiz alguma coisa para levá-lo a pensar que lamento essa união?

— Não, Lindsay, não fez. Você tem procedido como uma dama. — Tocou-lhe o queixo de leve e o ergueu, beijando-a então suavemente. — Sou eu que me arrependo do que tenho feito a você. Se não fosse por mim, você poderia voltar para o homem que, sob todos os aspectos, é o mais indicado para você.

— Não é assim! Oh, droga, como chegamos a esta discussão? Estamos fazendo uma tempestade num copo d'água!

— Sim, é verdade — retrucou Reg, calmamente. — Vamos, querida, já está na hora de sairmos.

Lindsay pensava naquela curta e reveladora conversa enquanto ela, Reg, Robin e Connie ladeavam Pauline diante do elevador de onde iam saindo os convidados. Reg

soube mostrar-se simpático e polido com todos. Percebia o nervosismo de Lindsay. Ela percebeu que, naquela noite pelo menos, Reg estaria sóbrio e comportando-se o melhor possível. Sentia um pouco de pena dele. Reg se sabia fora de seu ambiente. Ele provavelmente temia essa imersão numa sociedade dada à crítica, seu primeiro contato desse tipo desde sua vinda para Nova York. Mas sua polidez britânica inata deveria ajudá-lo a superar essa experiência. E Lindsay soltou um suspiro de alívio. Mesmo Geoff veria que ela se casara com um homem encantador.

Lindsay se postara mais à frente, apresentando os convidados a seu marido antes que eles se adiantassem para cumprimentar Pauline, que os encaminhava então até Robin. Este, por sua vez, os apresentava à sua mulher. Tudo se passou sem problemas. Lindsay apertava a mão de cada convidado e dava um leve beijo formal nas mulheres, dizendo em tom muito cordial: "Não sei se já conhece meu marido, Reginald Marks". Ela já estava começando a relaxar quando finalmente Geoff chegou. Já se esquecera de sua elegância em trajes de cerimônia, que lhe assentavam bem e lhe davam um ar distinto. Sorriu e apertou a mão que lhe estendera, rezando para que a sua não tremesse.

— Geoff, estou tão contente de que tenha vindo. — Voltou-se para Reg. — Querido, este é Geoffrey Murray. Geoff, este é meu marido, Reginald Marks.

Os dois homens trocaram um aperto de mãos, sorrindo.

— Prazer em conhecê-lo — disse Geoff. — Aceite meus cumprimentos, embora tardios.

Reg mostrou-se igualmente calmo.

— Obrigado. Sei que ganhei o que você perdeu.

Geoff olhou de relance para Lindsay.

— Sim. Você é um homem de sorte. — Então moveu-se e foi beijar Pauline.

Lindsay apertou de leve e rapidamente o braço de Reg. Ele piscou discretamente e sussurrou:

— Tudo bem?

— Perfeito — respondeu baixinho Lindsay.

A Sra. Graham despertou sobressaltada, incerta quanto ao que a arrancara bruscamente de seu sono profundo. Fora uma batida de carros que ela ouvira? A Park Avenue era tão barulhenta às vezes. Consultou o relógio da mesa-de-ca-beceira. Onze e quinze. Instintivamente desperta agora, ela se levantou e vestiu seu robe. Aonde poderia ter ido aquele diabinho? Foi espiar no banheiro. Nada. Ele devia estar andando pelo apartamento. Ela nunca lhe dava palmadas, mas agora lhe passaria um bom sermão e o poria de novo na cama. Que menino! Estava sempre em movimento.

Aborrecida, continuou a busca. Havia uma luz acesa na sala de estar. Precipitou-se para lá. Deus o ajude se ele estiver brincando com um dos valiosos bibelôs da Sra. Marks! John sabia que não devia tocar em objetos que se achavam sobre a mesa, mas a Sra. Graham não se surpreenderia se...

Já no umbral da sala, ela sentiu-se gelada e então soltou um grito. John estava caído de bruços, perto da estante, sobre o tapete, com um filete de sangue deslizando de sua cabeça. À sua volta estavam uns doze livros grandes e um pesado porta-livros de metal com o feitio de um elefante.

Correu para examinar o menino. Ele estava inconsciente mas respirava, e havia um grande e feio corte em sua testa. Por um instante, ela ficou paralisada pelo susto. Não havia ninguém no apartamento. E a empregada estava de folga aquela noite. Pôs a mente para funcionar com rapidez. Pensou em correr para o elevador. Não. Melhor seria ligar para aquele número de emergência, 911, e chamar uma ambulância. Ou devia telefonar primeiro para os pais de John? Anotara o número do St. Régis, para o caso — como eles tinham dito — de "necessitar de alguma coisa". Tentou estancar a hemorragia com a bainha de sua camisola, mas o corte fora muito profundo. John estava terrivelmente pálido. E ela temeu que o menino estivesse morrendo.

"Para obter ajuda, chamar 911", ela pensou. "Oh, meu Deus, não posso me lembrar do endereço exato!" Quase histérica, correu para o elevador e apertou o botão. Pareceu-lhe horas o tempo gasto até o térreo.

— O menino — ela foi logo gritando para o porteiro, surpreso. — Ele está ferido. Por favor, chame uma ambulância! Depressa!

— Vou chamar o zelador...

— Não, não! Polícia. Hospital. Chame alguém, por favor!

— Está certo. Volto já.

Deixando aberta a porta da frente do apartamento, a Sra. Graham voltou para junto de Johnny. Ele estava tão pálido, tão imóvel. "Doce Jesus, não o deixe morrer!", ela orou. Ajoelhou-se ao lado do menino, tentando em vão deter a hemorragia, falando-lhe como se ele pudesse ouvi-la. Por que alguém não vinha logo? Não se atrevia a afastar-se do menino, ainda que fosse tão assustador vê-lo ali caído no assoalho.

Em menos de cinco minutos o zelador do prédio entrava na sala. Era um homem calmo, quase cortês, simpático apesar de estar despenteado e ter sido tirado da cama. Falou gentilmente com a Sra. Graham.

— Tudo vai se resolver. A ambulância já está a caminho e o Lenox Hill Hospital fica a apenas poucos quarteirões daqui. Procure apenas acalmar-se. Eles cuidarão do menino.

— Seus pais... Sim, devo telefonar para o pai dele.

— Qual o número do telefone? Farei a ligação.

— Está anotado ali... na mesa. Eles foram a uma festa... oh, meu Deus, nunca me perdoarão. E nunca me perdoarei também. — Permaneceu junto de Johnny, emba-lando-o, soluçando. Ouviu o homem telefonar para o St. Régis e então, depois do que lhe pareceu uma eternidade, ele aparentemente conseguiu comunicar-se com o Sr. Darnevale.

— Não, senhor, não tenho certeza do que aconteceu. A ambulância do Lenox Hill Hospital já está a caminho. Sinto não poder dar-lhe mais detalhes. Sim, o ferimento é na cabeça. Parece que ele bateu com ela em alguma coisa. Sim, senhor, direi a ela.

Depois de desligar, o homem disse:

— Os pais do menino estão indo para o hospital. Chegarão lá quase ao mesmo tempo que a senhora. — Ajudou a Sra. Graham a erguer-se. — Vamos agora. Pegue um casaco e vista-o. A senhora vai querer ir na ambulância com ele, não vai?

Connie olhou assustada para Robin quando ele voltou para a mesa.

— Que houve? Por que telefonaram?

— Não fique nervosa, senão deixará todos aqui assustados. Trata-se de Johnny. Sofreu um pequeno acidente. Estão levando-o para o hospital.

— Um acidente? Que aconteceu? Ele está bem?

— Não sei, querida, confio em Deus que sim. O zelador do prédio telefonou. Parece que a Sra. Graham irá na ambulância com Johnny.

— Ambulância! Qh, meu Deus!

— Procure ficar calma, meu bem. Felizmente não é coisa grave, mas temos que sair imediatamente. — Olhou à sua volta. Connie estava sozinha à mesa no momento. — Onde estão os outros?

— Pauline está dançando. E Lindsay também, com Geoff. Eu... não sei onde estão os outros. Acho que Reg foi ao reservado.

— Tenho que lhes dizer para onde estamos indo. Fale com Pauline. Vou falar com Lindsay.

Nesse momento, Reg se aproximava. Notou o ar inquieto do jovem casal e perguntou:

— O que houve?

Robin resumiu o ocorrido.

— Oh, não! — exclamou Reg. — Oh, Deus meu! — Deixou-se cair numa cadeira e se levantou de imediato. — O que desejam que eu faça?

— Ainda não sei — falou Robin. — Pode esperar aqui mesmo um momento, enquanto eu e Connie falamos com os outros?

Connie deu alguns passos e, procurando mostrar-se calma, acercou-se de Pauline perguntando se ela não se incomodaria em voltar à mesa. Robin viu Lindsay e Geoff dançando. Mesmo em meio àquele momento de pesadelo ocorreu-lhe pensar como aqueles dois pareciam bem juntos, como estavam embevecidos um com o outro.

Geoff fingiu ficar molesto.

— Desista, rapaz. Não se permite uma troca de par.

— Geoff, é importante. Preciso de você e de Lindsay ali na mesa por um instante.

Sua voz lhes revelou que a coisa era séria. Rapidamente acompanharam-no até a mesa.

— É John — explicou Robin, quando todos tinham se sentado. — Está ferido. Estão levando-o para o Lenox Hill. Não sei qual a gravidade do acidente, mas Connie e eu iremos ao hospital agora. Telefonaremos para vocês tão logo tenhamos uma idéia exata do que houve.

Pauline levou a mão ao coração, e Reg, instintivamente, passou o braço em torno dos ombros dela. Lindsay também estava sem fala, muito assustada. Somente Geoff reagiu de imediato, autoritário.

— Lindsay e eu iremos com vocês. Marks, leve Pauline para casa. Dê a todos a melhor desculpa que puder, mas leve-a daqui. Peça a Janice Carlton, aquela que está ali de vestido rosa, para dizer aos convidados que houve um pequeno problema, e que podem permanecer aqui e continuar se divertindo. Jan é muito calma. Ela saberá ajeitar a situação. — Voltou-se para Lindsay. — Vamos, querida. Não se preocupe. Estou certo de que John está bem. As crianças têm grande resistência. Seja o que for, tudo ficará bem.

Lindsay aferrou-se ao braço dele, dizendo:

— Geoff, o bebê! Que faremos se algo acontecer a *ele* também? — Tentou não soluçar. — Robin, por favor, vamos logo. Sei que você e Connie estão mais aflitos ainda do que nós. Oh, meu Deus, o nosso precioso Johnny! Geoff, *ele vai ficar bom*, não vai? Diga que vai ficar!

— Ele ficará bom, meu bem. Eu lhe prometo.

Pauline só ouvia em parte a conversa, mas Reg, amparando-a, ouvira tudo, sofrendo não só pelo menino como por si mesmo. Naquele terrível momento Lindsay não se voltara para ele em busca de reconforto. Agira como se Reg Marks não existisse.

— Pode ir, Geoff — disse Reg. — Leve Lindsay. Falarei com a Sra. Carlton e levarei Pauline para casa. Telefone para lá tão logo possa.

Geoff assentiu com ar ausente. Já estava ajudando Lindsay a levantar-se. De repente, Lindsay parou.

— Mamãe, você está bem?

— Sim, querida. Reg cuidará de mim. Vocês quatro devem apressar-se.

Capítulo 34

Embora aquela noite de agosto estivesse abafada e úmida, Lindsay tremia à medida que o carro corria pela Park Avenue rumo ao hospital. Lembranças terríveis de um hospital de Chicago a acometiam, mescladas com seu temor em relação a Johnny. "Que não venha a acontecer de novo, Senhor, rezou em silêncio. Não com o filho de S. P."

Tinham tomado o primeiro táxi que passara à porta do St. Régis, deixando o carro para Pauline. E Geoff inclinava-se nervosamente, pedindo ao chofer que dirigisse o mais depressa possível até a entrada de emergência do hospital. Lindsay sabia não estar sozinha com seu temor. Geoff e Robin também deviam estar evocando aquela outra ocasião. E a pobre Connie estava excessivamente pálida e tensa. "Ela ama Johnny como se fosse seu próprio filho", pensou Lindsay. Todos eles adoravam o garotinho. Inclusive Reg. Nos dois últimos dias, Lindsay pudera constatar uma nova faceta de seu marido, o traço de ternura, paciência e delicadeza de um homem bondoso com as crianças.

"Mal falei com ele quando saímos do St. Régis", refletiu Lindsay. "Foi para Geoff que me voltei de modo automático, instintivo." Mas isso era natural, não era? Geoff era o avô de John. Reg *era* um estranho. Reg se mostrara calmo, controlado, enquanto Geoff dava as ordens. Tomara conta de Pauline, fazendo o que lhe fora dito, permanecendo em segundo plano como se ele, também, soubesse que esse era seu lugar.

O táxi mal parara e Robin já saltava correndo como um louco para a recepção do hospital. Geoff pagou a corrida ao chofer e então todos se apressaram a saltar. A Sra. Graham estava absorta, caminhando pelo corredor, e Robin a segurou pelo braço, perguntando meio ríspido:

— Como está ele?

A mulher irrompeu em lágrimas.

— Eu não sei. John está aí dentro. Eles ainda não me disseram nada. Oh, Sr. Darnevale, nunca me perdoarei! Se algo acontecer com esse menino...

Connie passou o braço em volta dos ombros da chorosa senhora.

— Tudo vai sair bem — disse Connie, tranquilizando-a. — O que quer que tenha acontecido, não foi culpa sua, tenho certeza.

— Mas foi! Não o ouvi sair da cama. Não sei se ele tentou subir numa cadeira para poder apanhar um daqueles livros sobre automóveis. — E continuou a soluçar descontroladamente. — Ele deve ter puxado um dos livros grandes e ele caiu, ferindo-o. E outros mais o atingiram. E aquele porta-livros pesado... feriu sua pobre cabecinha. Johnny estava sangrando muito quando eu o encontrei caído. Oh, meu Deus, por que não fui capaz de retê-lo?

Nervosíssima como estava, Lindsay não pôde sentir outra coisa senão pena daquela mulher. Jane Graham amava Johnny também. Por ter cuidado do menino desde que ele contava apenas poucos meses de vida, estava mais ligada a ele que qualquer um deles, exceto Robin. "Deus sabe que Geoff e eu não fizemos praticamente nada por ele", pensou Lindsay. "Esta mulher cuidou do bebê de minha filha e lhe deu o amor e o desvelo que o tornou a feliz criaturinha que é." Fechou os olhos, tentando não visualizar o garotinho subindo numa cadeira para alcançar a prateleira alta. A culpa era de Reg! Por que ele tinha que deixar Johnny tão entusiasmado com aquelas ilustrações idiotas? Não. Não era justo. As horas mais felizes do menino tinham sido as passadas com aquele homem alto que compartilhara de sua alegria. Reg tinha falado com Johnny como se fossem ambos crianças, compreendendo a viva curiosidade de alguém tão pequeno.

Robin sumira de vista. Lindsay o vira falando com veemência com uma enfermeira que se mantinha calada, movendo a cabeça e apontando para algum quarto distante. Mas depois, Robin reapareceu andando lentamente.

— Ele está na sala de raios X — explicou. — A enfermeira não pôde adiantar-me nada. Temos que aguardar a palavra do médico.

— Ele está consciente? — perguntou Geoff.

Robin encolheu os ombros.

— Não sei. Meu Deus, sinto-me tão desorientado!

Lindsay acercou-se dele, procurando reconfortá-lo como já o fizera em outra oportunidade num outro hospital.

— Robin querido, ele vai ficar bom. Sei que vai. Johnny é um garotinho forte.

Robin fitou-a fixamente.

— Já vivemos uma situação parecida antes, não foi, Lindsay?

— Não. — Fez sua voz soar firme. — Não será como daquela vez. — Pegou-lhe a mão e disse baixinho: — Por favor, fale com a Sra. Graham. Pobre mulher! Pode imaginar como ela está se sentindo culpada?

Robin demonstrou irritação.

— E por que não se sentiria culpada? Nós o deixamos a seus cuidados. Ela devia tê-lo vigiado. Ou estaria ocupada demais em desfrutar de uma boa noite de repouso para fazer aquilo para que é paga?

— Robin, está sendo injusto! Ela não pode permanecer acordada vinte e quatro horas por dia. E você sabe que criança levada é Johnny.

— Ou era.

Lindsay teve vontade de gritar.

— Não diga isso! Ele não vai morrer! Deus não o permitirá!

— Sinto muito. Você tem razão. A culpa não cabe a ninguém. Estou apenas fora de mim. E você deve estar assim, também. Todos nós. — Respirou profundamente. — Vamos nos sentar ali e esperar pelo médico.

Geoff, que até então se mostrara tão expedito e lúcido, agora parecia mais perdido do que qualquer um dos demais. Não dissera uma palavra nos últimos momentos. Lindsay levou-o a um canto, e perguntou:

— Você está bem? Parece doente, Geoff.

— Você crê em castigo, Lindsay? Será esta a minha punição por ter recusado acolher Johnny no início? Quando me lembro de como me senti... e do que disse a Robin naquele dia... como não podia sequer olhar para esse menino...

"Tudo está de volta para *você, não está?*", Lindsay de repente percebeu. "Você não está pensando no menino ou no pai dele. Não está pensando em mim. Tudo o que lhe interessa é você mesmo: se é a *você* que Deus está ferindo." Mas não disse essas coisas. Esse era o Geoff de sempre: voltado para si mesmo, introvertido a despeito da fachada de segurança que mostrava ao mundo. "Eu o amei tanto que nunca pude reconhecer seu egoísmo", pensou. "E ainda o amo, embora deplore esse fato."

— Querido, não deve pensar assim. Você já levou longe demais seu desgosto certa vez. Não era sequer revolta e zanga, Geoff. Era mágoa e a recusa de aceitar a realidade. Ninguém pode ser punido por esses sentimentos, muito humanos.

— Não sei — ele retrucou, e ela viu lágrimas em seus olhos. — Tenho sido tão arrogante. Tão farisaico.

— Cale-se — disse Lindsay. — Venha, sente-se conosco. Nada há que possamos fazer agora senão aguardar e ter esperanças.

Os minutos pareceram uma eternidade antes que um homem de ar cansado e avental branco se aproximasse deles.

— Sr. Darnevale?

Robin ergueu-se de um salto.

— Seu filho ficará bom. Sofreu uma pancada feia, e houve uma leve concussão, mas sem nenhum dano interno. Garoto de sorte. Um centímetro e meio acima e o problema teria sido grave. Ele poderá ficar com uma cicatriz bem acima do olho esquerdo, mas estou certo de que isso não lhe causará transtorno. — E o médico sorriu. — Pode fazê-lo mais sedutor, como se tivesse enfrentado alguém num duelo...

Todos soltaram quase ao mesmo tempo um suspiro de alívio. Geoff e Lindsay ergueram-se, de mãos dadas, enquanto Connie, de pé ao lado do marido, sorria, lágrimas de felicidade em seus olhos. Somente a Sra. Graham continuou sentada, estática, de cabeça baixa, agradecendo silenciosamente a Deus.

— Podemos levá-lo para casa? — perguntou Robin.

— Acho que será mais sensato deixá-lo ficar aqui o resto da noite. Não creio que haja qualquer complicação, mas é melhor mantê-lo sob observação por mais umas doze horas.

Connie franziu a testa.

— Mas ele é tão pequeno, doutor! Ficarà muito assustado sozinho. Não posso ficar com ele?

— Em seu lugar não me preocuparia, Sra. Darnevale. Ele vai dormir a noite toda. E amanhã cedo poderá ir para casa.

Robin assentiu.

— Faremos o que o senhor diz. Posso vê-lo agora, com minha mulher?

— Claro. Dêem-lhe um olá, e depois nós o levaremos para o pavilhão de pediatria, onde passará a noite.

Ainda segurando a mão de Geoff, Lindsay deu um passo à frente.

— Podemos, todos, vê-lo? Somos seus avós. E a Sra. Graham é a babá de John. Estávamos muito aflitos.

O doutor assentiu.

— Está bem, mas apenas um instante. Ele ainda está meio tonto.

Robin estendeu a mão ao médico, dizendo:

— Não sei como lhe agradecer, doutor.

O médico, jovem e amável, declinou dos agradecimentos, dizendo:

— Não foi nada, Sr. Darnevale. Ele representou uma variação nas nossas atividades. A maioria de nossas noites aqui são consumidas no atendimento a casos de embriaguez ou tentativas de suicídio. Ou vítimas de acidentes de trânsito. Esse tipo de coisas. De certa forma é um alívio tratar de um simples galo na cabeça. Especialmente um que não foi causado por algum agressor. Um pavilhão de emergência não é geralmente um lugar tão rotineiro. Estou feliz, pelo menino e pelos senhores, de que tenha sido somente um acidente sem maior gravidade no meio da noite.

"Quanto sofrimento ele deve presenciar!", pensou Lindsay. "Vítimas de tiros e facadas e situações de vida ou morte, como os ataques cardíacos. Somos muito afortunados. Quando penso no que podia ter acontecido..."

— A enfermeira vai mostrar-lhes onde está o menino — disse o médico. — Lembrem-se de que ele está meio atordoado ainda; por isso não se assustem.

Mas quando viram Johnny, não puderam deixar de se assustar. Ele parecia tão pequenino na grande maca na qual seria conduzido ao andar superior! Sua cabeça estava envolta em bandagens, e ele estava imóvel. Robin e Connie lhe falaram baixinho, mas ele simplesmente abriu os olhos, aturdido, como um homenzinho que não conseguisse imaginar o que lhe acontecera.

Ainda que o médico os tivesse tranqüilizado, Lindsay fez força para se convencer de que o menino estava realmente bem. Geoff afastara-se, incapaz de olhar para a criança indefesa. A Sra. Graham recusara-se a sequer entrar no quarto.

— Vou esperar aqui — ela disse. — Não posso suportar ver o que eu provoquei.

Lindsay sentiu vontade de reconfortá-la de novo, mas estava por demais ansiosa para ver Johnny. "Mais tarde", pensou, "Connie e eu poderemos fazer com que a Sra. Graham supere essa crise de auto-acusação absurda. Tenho certeza de que eles permanecerão mais algum tempo em Nova York: John poderá recuperar-se em meu apartamento. Amanhã de manhã nosso médico particular virá examinar Johnny, apenas para ficarmos duplamente seguros de que tudo está bem."

Permaneceram apenas cinco minutos com Johnny, até que a enfermeira e um atendente entraram para levar o menino. Connie exclamou, assim que a maca foi posta em movimento.

— Robin, não podemos ficar longe dele! Pelo menos, devem deixar-nos ficar aqui, na sala de espera, até de manhã.

— Querida, está tudo bem. Você ouviu o que disse o médico. Voltaremos aqui amanhã cedo. Agora, querida, vamos para casa, tentar repousar um pouco. Todos passamos por um susto terrível. Graças a Deus, não foi nada grave.

Lindsay concordou, dizendo:

— Sim, Connie, minha querida, vamos para casa.

Caminharam pelo corredor até onde a Sra. Graham estava ainda à espera. Robin, agora já mais tranquilo, voltou a seu natural e disse com muita delicadeza:

— Ele vai ficar bom, Sra. Graham. Não foi nada de mais sério do que se tivesse caído de uma gangorra. Venha conosco. Vamos para casa. Amanhã a senhora virá conosco ver Johnny e depois terá suas mãos ocupadíssimas com ele por alguns momentos. — Ajudou-a a levantar-se. — A senhora não deve se acusar pelo que aconteceu. Nada de diferente teria ocorrido se nós todos também estivéssemos em casa.

Encontraram um táxi grande o bastante para cinco passageiros, mas Geoff se despediu deles, parado junto à janela, olhando para Lindsay.

— Você não quer vir conosco? — ela perguntou.

— Não, obrigado. Falarei com você amanhã cedo. — Ainda estava pálido. — Sinto não tê-los ajudado muito.

— Você foi maravilhoso — disse Lindsay. — Tomou todas as providências, do modo como sempre fez.

Geoff meneou a cabeça, retrucando:

— Agi por puro reflexo. Estava arrasado quando chegamos ao hospital.

Robin estava ajudando a Sra. Graham a entrar no carro e disse:

— Não diga tolices. Está ouvindo? Você esteve ótimo, Geoff. Obrigado.

Foi somente quando entraram no apartamento que Lindsay se lembrou de que Pauline e Reg deviam estar muito aflitos, aguardando notícias sobre Johnny. Deviam estar pensando que acontecera o pior ao menino. Sentiu-se envergonhada por seu esquecimento e falta de atenção. "Esqueci-me deles", pensou. "Tive a impressão, nas últimas horas, de que estava ao lado dos únicos parentes que tenho."

Quando vira aquelas quatro pessoas saírem às pressas do St. Régis, Reg não sentira somente apreensão, mas um sentimento terrível de abandono. Visões assustadoras do que poderia ter acontecido a Johnny lhe vieram à mente, mas, mesmo preocupado como estava naquela emergência, percebera que fora a Geoff que Lindsay recorrera. "Ela ainda o ama", pensou. "Ainda pensa nele como seu marido. Sou unicamente um substituto, e muito insignificante, para o que ela deseja."

Não era hora agora de pensar em si mesmo ou em Lindsay. Deixou Pauline sentada, meio aturdida, numa cadeira, e foi falar com Janice Carlton, como Geoff lhe pedira. Levou-a a um canto e disse calmamente:

— Sra. Carlton, houve um acidente. Algo aconteceu com o filho de Robin. Ainda desconhecemos os detalhes, mas Robin, sua mulher, Geoff e Lindsay foram para o hospital. E eu vou levar a Sra. Thresher para casa. Geoff me recomendou que pedisse à

senhora que dissesse, por gentileza, o que houve aos convidados. Diga-lhes que podem continuar com a festa, está bem?

Janice olhou-o muito espantada.

— Mas o que houve realmente?

— Não sabemos ainda. Provavelmente um acidente sem maior gravidade.

— Mas ninguém vai acreditar... Quero dizer, como podem essas pessoas permanecer aqui quando Lindsay, Geoff e os outros foram embora? Por que não anunciamos o fato simplesmente e deixamos que todos partam?

Reg suspirou.

— Não sei. Concordo com a senhora que é o fim da festa, mas Murray quis as coisas assim. Estou apenas transmitindo suas determinações. Sinto, Sra. Carlton. Faça o melhor que puder, está bem? E muito obrigado por sua cooperação.

Afastou-se em seguida e voltou para junto de Pauline, ajudando-a a sair do recinto. Olhares curiosos os seguiram, mas eles continuaram a caminhar, sem dar explicações a ninguém. Pauline apoiava-se em Reg, e foi somente quando já estava no interior da limusine que ela começou a chorar.

— Oh, Reg, se algo acontecer ao menino, isso matará Lindsay e Geoff. Primeiro, perderam sua filha. Agora, isto.

Reg deu umas palmadinhas na mão de Pauline, dizendo:

— Ora, ora. Tenho certeza de que não é nada sério. Ficarei com a senhora até eles telefonarem. Devem fazer isso assim que chegarmos ao seu apartamento. Disseram que telefonariam.

Pauline manteve-se silenciosa no trajeto pela Park Avenue e também quando chegaram ao apartamento. Quando Reg lhe sugeriu que fosse se deitar, Pauline simplesmente moveu a cabeça numa negativa e sentou-se numa cadeira da sala de estar, para aguardar o telefonema. Reg sentou-se à sua frente, tão silencioso como a velha senhora. A espera fez-se cruciante e as horas foram passando. A certa altura, Pauline rompeu seu mutismo para pedir a Reg que lhe trouxesse um conhaque. Ele fez isso e depois voltou a sentar-se.

— Você não vai tomar alguma coisa, também?

— Não, obrigado — retrucou Reg após sacudir a cabeça.

"Curioso", ele pensou, "não sinto realmente vontade de beber pela primeira vez há muito tempo. Quero ficar lúcido. Desejo pensar claramente." E deixou que seus pensamentos retornassem àqueles momentos terríveis após o telefonema recebido por Robin. Lindsay mal tomara conhecimento dele. Apelara para Geoffrey Murray como se para ela fosse a coisa mais natural do mundo voltar-se para o homem que lhe era mais íntimo em todos os aspectos.

"Sempre soube que ela não me amava realmente", pensou Reg. "Sempre intuí que ela casou comigo para provar algo a Murray. Mas pensei que podia mudar isso porque a amo muito. Fingi para mim mesmo que poderia fazê-la feliz, mas não a fiz. Não sob todos os aspectos que são importantes para ela. E saber que estava fracassando me fez tentar cada vez menos. Lindsay não depende de mim para nada. E as minhas bebedeiras e o meu ressentimento pela ajuda dela. Eu e minha recusa pueril a tentar sequer me adaptar a uma vida diferente. É como se eu calcasse meu dedo sobre um botão de autodestruição

todo o tempo. Tenho estado destruindo Lindsay, assim como a qualquer oportunidade que algum dia pudéssemos ter tido."

Reg fechou os olhos com ar fatigado. "Tenho que deixá-la. Ela é bastante leal, e tem muita pena de mim para tomar a iniciativa. Retornarei à Inglaterra. Lindsay pode se divorciar de mim e voltar a se casar com Geoffrey. É o que ela deseja. E é o mínimo que posso fazer por ela. Eu não tinha o direito de aspirar a uma mulher como ela. Mas eu a desejava demais."

Olhou para Pauline, para aquele perfil aristocrático e a delicada e esguia mão da velha senhora aproximando dos lábios o cálice de conhaque. "Elas têm autodisciplina", pensou. "Ela e Lindsay. São mulheres nobres. Presas às suas obrigações como só pessoas bem-educadas conseguem ser. Não há lugar para mim em suas vidas. Nunca tinha percebido isso com tanta clareza como nesta noite."

Em que estaria pensando Pauline Thresher?, ele se perguntou. Em seu bisneto, naturalmente. "Mas não estará pensando também em Lindsay e no que ela fez de sua vida? Pauline gosta muito de Geoffrey. Por isso é que ele compareceu à sua festa de aniversário. Ela tem sido gentil comigo. Atenciosa, tal como se portou no carro, no início desta noite. Mas deve me odiar por arruinar a vida de Lindsay, já que sabe que sua filha devia estar unida a alguém de sua própria classe."

O som do telefone interrompeu-lhe os pensamentos. Olhou o relógio. Quase duas da madrugada! Teriam a notícia que aguardavam.

— Atenda, por favor, Reg. Eu... eu estão tão receosa.

Era Lindsay ao telefone.

— Está tudo bem — ela disse rapidamente. — Diga a mamãe.

Reg voltou-se para Pauline.

— Lindsay diz que está tudo bem.

Pauline respirou profundamente.

— Graças a Deus. Que aconteceu?

Reg voltou a falar com Lindsay.

— O que houve com ele?

Assim que Lindsay explicou o acidente, o rosto de Reg empalideceu e gotículas de suor surgiram em sua testa.

— Oh, não! Meu Deus, a culpa é minha! Se não o tivesse interessado tanto por aqueles livros ilustrados! Nunca sonhei que... não me ocorreu... Lindsay, tem certeza de que ele vai ficar bom? — Ouviu por alguns momentos a resposta e então disse: — Sim, pedirei a ela. Tudo o que você quiser. Espere só um minuto. — E uma vez mais voltou a falar com Pauline: — Lindsay quer lhe falar.

Pauline pegou o fone, e Lindsay voltou a relatar o acidente. Pauline franziu a testa, e então disse:

— Naturalmente que a Sra. Graham não deve se culpar pelo ocorrido. Ela entenderá isso melhor à luz do amanhecer. O quê? Não, claro que ele também não deve se julgar culpado. Ninguém teve culpa. Devemos simplesmente dar graças a Deus por não ter sido nada grave. Não, não vou precisar de que alguém fique comigo aqui, agora que sei que John não corre nenhum perigo. Não, querida, você não tem um quarto disponível para mim aí. Seja como for, prefiro mesmo ficar aqui. Sei que vou conseguir dormir agora.

Faça o mesmo, filha. Reg irá diretamente para aí. — Desligou e disse a Reg: — Somos afortunados. E você não deve sentir-se culpado. É um absurdo. Lindsay e Robin nem sonhariam em culpá-lo. Nem ninguém mais. E você fez essa criança sentir-se tão feliz, ao mostrar-lhe aqueles livros sobre carros! Ele adorou aprender isso de você.

— Se ele não tivesse desejado aprender mais, o acidente nunca teria acontecido. — A voz de Reg traía amargura. — Eu destruo tudo o que toco. Arruinei a vida de Lindsay. Sabe disso, Pauline.

— Não sei do que está falando. Você está nervoso. Todos estamos. Passamos algumas horas terríveis, e todos estamos exaustos. Vá para casa agora, Reg, Lindsay está à sua espera. E obrigada, meu querido, por ser tão compreensivo com todos nós. — Olhou-o afetuosamente. — Você pode mudar as coisas, sabe disso. Cabe somente a você.

— Não — Reg retrucou com tristeza. — Eu não posso. Daria tudo para poder, mas é tarde demais. — Beijou Pauline no rosto. — Mas obrigado por tentar me fazer, acreditar nisso. Gostaria de poder fazer o que me disse. Mas não adiantará. Você viu isso hoje à noite. Sabe quem Lindsay deseja.

— Eu nada vi a não ser uma mulher muito nervosa, em desespero. Alguém que estava pensando unicamente num garotinho. Não pretenda descobrir significados no que as pessoas fazem quando estão em pânico, Reg. Em ocasiões como essa, as reações não são racionais ou necessariamente significativas.

— Daria minha vida para crer nisso. Mas é hora de eu parar de enganar a mim mesmo. Boa noite, Pauline. Lamento que seu aniversário tenha terminado com essa nota tão triste. Lindsay desejou tanto fazer deste dia algo de que a senhora pudesse lembrar-se para sempre!

— E é um dia que provavelmente não esquecerei. E teve um final feliz. Nosso precioso garotinho está bem. Este é o melhor presente de aniversário que eu poderia almejar.

Pauline ficou encostada por um instante à porta que acabara de fechar. Pobre homem. Ele tomara contato com a realidade no exato instante em que Lindsay recorrera a Geoff. E Pauline se perguntou se Reg acreditara no que ela lhe dissera sobre o fato de as pessoas terem reações emocionais freqüentemente opostas aos seus reais sentimentos.

A propósito disso, ficou imaginando se ela mesma acreditava no que dissera.

Capítulo 35

O casal Darnevale e a Sra. Graham já tinham ido dormir quando Reg voltou ao apartamento, mas Lindsay ainda estava de pé, esperando por ele. Parecia exausta, mas sorriu com esforço e disse:

— Foi uma noite daquelas, não foi?

Reg assentiu.

— Você deve estar cansadíssima. Por que não se deitou?

— Pensei que pudéssemos tomar um drinque juntos antes de dormir.

— Vou preparar um para você.

— Não me acompanha?

Reg percorreu o aposento com o olhar. A cadeira permanecia revirada e os livros espalhados no chão, junto com o porta-livros de metal.

— Não. Depois desta noite não sei se algum dia vou querer outro drinque.

Lindsay olhou-o, intrigada.

— Não entendo. O fato de você beber nada tem a ver com o acidente sofrido por Johnny. Não que eu não fique contente por ver você beber menos, mas não entendo qual a relação...

Reg estendeu-lhe o copo com uísque e água, dizendo:

— Talvez seja melhor conversarmos sobre isso amanhã, Lindsay. Você teve uma noite difícil. Todos nós tivemos.

Ela captou uma faceta nova, estranha, na voz dele. E disse:

— Não. Conversemos agora. Estou excitada demais para poder dormir.

Reg sentou-se.

— Está bem, conversemos então. — Fez-se um curto silêncio, como se ele estivesse procurando pensar em como devia começar. Por fim, respirou profundamente, cruzou as mãos diante do peito, inclinou-se para a frente em sua cadeira e disse: — Lindsay, vou deixá-la. Não pense que é por sua culpa, de modo algum. Foi apenas um terrível engano o que houve entre nós.

Ela o olhou fixamente, momentaneamente sem fala. Então disse:

— Não entendo. Sei que você não tem sido feliz aqui em Nova York, mas julguei que me amava e... e necessitava de mim.

— Eu a amo e amarei sempre. Mas necessitar de você tem sido a pior coisa para mim. E para você também. Isso me converteu numa criança: alguém que você tem que cuidar e proteger e a quem desculpar. Tal como uma criança. Nada acrescentei à sua vida, Lindsay, e nunca acrescentarei. Tenho sido somente uma dor de cabeça e um motivo de desgosto para você. E pela primeira vez em minha vida me senti inútil e indesejado. Um intruso. Um estranho a quem você se apegou num momento de depressão. Não pertenço a este lugar, e não posso ser o que você espera que eu seja. Nunca serei nada senão o que já sou. Não posso ser fino, espirituoso e bem-sucedido do modo como lhe agradaria que eu fosse. Não posso ser um Geoffrey Murray.

Lindsay ergueu a mão em protesto.

— Nunca esperei que você fosse como ele. Alguma vez eu...?

— Não. Você tem sido uma senhora distinta demais para chegar a dizê-lo. Mas sei que é o que você deseja. Sua mãe me disse para não julgar as pessoas quando estão emocionalmente perturbadas, mas senti-me ferido hoje à noite, quando telefonaram avisando sobre o acidente com John. Não foi em mim que você buscou apoio. Foi nele. Eu nem sequer figurei em seus pensamentos. Admita-o, Lindsay. Murray era a pessoa forte e segura a quem você sabia que podia recorrer. — Cruzou e descruzou as mãos. — Eis aí por que vou deixá-la. Não há outra solução. Ambos precisamos ficar livres.

— Reg, você não sabe o que está dizendo! Penso que de algum modo você se sente responsável pelo que aconteceu a John, e esse sentimento ridículo de culpa provocou essa idéia confusa sobre nós dois.

Reg moveu a cabeça numa negativa.

— Está enganada. Naturalmente que me sinto um tanto culpado pelo acidente sofrido por John. Fui eu quem o interessou por aqueles livros. Mas será que não percebe, Lindsay? Ele foi o único ser humano que tomou conhecimento de mim desde o dia em que nos casamos. Uma criaturinha de dois anos e meio. A única pessoa com quem pude realmente me comunicar. Isso não lhe diz algo sobre as nossas vidas?

— Não. É uma tolice. Relacionar sua mentalidade com a dele! O que compreendi, isto sim, quando notei sua delicadeza e solicitude com Johnny, foi que homem afetuoso e maduro você é. Realmente um bom homem. E me senti triste por você não ter nenhum filho. E por ser velha demais para dar-lhe um. Você daria um pai maravilhoso, Reg.

Reg sorriu, retrucando:

— Talvez. Mas eu quis me casar com uma mulher a que não podia aspirar. E lhe disse muitas vezes que não podia fazer isso. — Assumiu um ar solene de novo. — Mas tudo isso não importa. O importante no caso é que tivemos um passado diferente e desejamos coisas diferentes, e que nunca encontraremos a paz juntos. Não tenho agido bem, Lindsay. Tenho sido um beerrão e um tipo grosseiro e lamuriento, zangado com você e com o mundo, mas principalmente zangado comigo mesmo por desapontá-la. Bem, isso terminou. Tive um sonho que não deu certo. Talvez nós dois tenhamos tido um sonho. Mas é hora de despertar, Lindsay, e o sonho que se converteu em um pesadelo está acabado.

Fora a fala mais longa que ele já proferira em sua vida, e a mais ponderada. Sentia-se insuportavelmente triste e, no entanto, aliviado. Nada mais de fingimentos. Nem de ter que representar um papel. E nada mais de autopiedade. Ele sempre a desejara, mas a melhor coisa para ambos seria uma separação.

Lindsay começou a chorar baixinho. Reg sentiu vontade de tomá-la em seus braços e reconfortá-la, assegurar-lhe que ela não fracassara, que tinha feito o que julgara certo para ambos. Mas controlou-se. Sabia o que isso significaria. Ele a abraçaria e ela corresponderia e fariam amor e tudo recomeçaria. Todos os problemas, desentendimentos e humilhações.

— Vamos encerrar a noite, minha querida — disse por fim Reg. — Vamos tentar dormir um pouco.

Lindsay ergueu o olhar para contemplá-lo.

— Quando... quando você partirá?

— Não sei ainda. Dentro em breve. Mas não até que John esteja bem a ponto de poder voltar para Chicago. Posso ser capaz de distraí-lo enquanto ele estiver aqui.

— Reg, não podemos... quero dizer, devemos conversar mais sobre o assunto. Foi tão repentino, tão sério!

— Conversaremos o quanto você desejar, mas não ira adiantar nada, Lindsay. — Sua voz soou carregada de arrependimento. — É terrível enfrentar isso, mas o fato é que não adiantará nada.

Quando o despertador tocou às sete da manhã, Lindsay não pôde acreditar que dormira. Tinha a impressão de ter chorado o resto da noite, de não ter fechado os olhos nem um minuto. Mas, exausta, possivelmente cochilara nas primeiras horas da manhã. Agora, ao despertar, pensou que talvez tudo o que ocorrera na noite passada tivesse sido

um sonho; que John não se achava no hospital e que Reg não lhe dissera realmente que ia embora. Mas não, não fora um sonho. As duas coisas eram verdadeiras, e ela teria que se defrontar com ambas o melhor que pudesse.

Reg, Robin e Connie já estavam à mesa tomando o desjejum quando ela entrou na sala. Todos pareciam ainda cansados, mas inteiramente normais e ansiosos para irem ao hospital. Ela tentou sorrir, evitando o olhar de Reg assim que se sentou à mesa.

— Conseguiu dormir um pouco, querida? — perguntou Reg.

Ela não o fitou ao responder:

— Sim. E vocês?

— Quase não dormi — disse Robin. — Quando trouxermos John para casa acho que voltarei para a cama e dormirei horas a fio.

— Foi uma noite terrível — disse Connie —, mas temos muito que agradecer. Como deixou Pauline, Reg? Espero que ela esteja bem. Lindsay, acha que ainda é muito cedo para telefonar para ela?

— Vamos esperar um pouquinho. Ainda não são oito horas. Espero que esteja dormindo ainda.

— Ela estava bem quando a deixei — disse Reg. — É uma mulher forte. — Olhou afetuosamente para Lindsay. — Como a filha.

— Amém — disse Robin. — Lindsay nos tem valido em algumas ocasiões difíceis.

Houve um curto silêncio, e então Connie disse inocentemente:

— Geoff vai ao hospital conosco esta manhã, Lindsay?

Lindsay sentiu seu rosto arder.

— Não faço nenhuma idéia. Ele disse que se manteria em contato conosco, mas acho que não há nenhuma necessidade de invadirmos o hospital como se fôssemos um batalhão. Nós quatro e a Sra. Graham já formamos um grupo mais do que suficiente para remover um garotinho — sorriu.

— Concordo — disse Reg. — Na verdade, não vejo necessidade alguma de eu ir também. E mesmo a Sra. Graham podia permanecer aqui, não acham?

— Oh, não! — protestou Connie. — Ela está tão cheia de remorsos que o mínimo que podemos fazer por ela é deixá-la ver Johnny receber alta. Quanto a você, Reg, eu lhe asseguro que é a pessoa a quem Johnny mais gostará de ver. Ele está absolutamente doido por você. Nem quero pensar em como ele irá reagir quando tiver de voltar a Chicago e dizer adeus a seu amigo "Wedge", como ele o chama. — E Connie sorriu. — Talvez você e Lindsay devessem se mudar para Chicago. Seria, possivelmente, o único meio de manter a paz na família!

Lindsay ergueu-se, precipitadamente, dizendo:

— Seria melhor eu me trocar. A que horas acham que devemos ir ao hospital? Vou chamar um táxi.

— Acho que podemos chegar lá por volta das dez — disse Robin. — Telefonei cedinho para o hospital e me informaram que John pode sair a essa hora.

— Eu me encarrego de conseguir um táxi — disse Reg. — Sei de uma boa empresa. Chama-se Reginald Marks Ltda., e ouvi dizer que dispõe de limusines.

Robin e Connie riram, mas Lindsay simplesmente assentiu com a cabeça, dizendo:

— Parece uma boa escolha. Mas ouvi boatos de que essa empresa vai fechar.

O jovem casal olhou com curiosidade para Reg assim que Lindsay saiu da sala.

— Isso é verdade? — perguntou Robin. — Você está pensando realmente em encerrar suas atividades?

— Receio que sim. A firma não tem sido um grande sucesso, pode-se dizer.

Robin franziu a testa.

— Sinto muito, Reg. É uma pena. Mas na ocasião me pareceu ser uma excelente idéia.

Reg ergueu-se, dizendo:

— Sim, parecia. E assim aconteceu com outras coisas mais. Boas num dado momento.

Quando Reg já se afastara, Connie voltou-se para Robin.

— Que significa tudo *isso*? Os dois estão agindo de um modo muito curioso.

— Não sei — disse Robin, com ar preocupado. — Algo não vai bem aqui, e tenho um mau pressentimento de que não se trata propriamente do negócio de táxis de luxo. Não tenho captado boas vibrações no ambiente nestes últimos dois dias. Geoff ficou muito em evidência, e você mesma viu como ele e Lindsay trataram Reg ontem à noite: como se fosse um criado deles. Aposto que há um problema no ar, querida, e sinto muito saber disso. Reg pode ser um diamante bruto e nada ter de intelectual, mas é um bom sujeito. Ele e Lindsay não estão se dando bem. Espero que Lindsay não faça alguma loucura.

Naquela mesma tarde, Lindsay foi visitar sua mãe.

— John está ótimo — foi logo dizendo. — Meu Deus, que resistência a das crianças. Se uma de nós tivesse batido com a cabeça como aconteceu com ele, ficaria um mês no hospital! E no caso de Johnny, mal conseguimos mantê-lo quieto na cama! Ele tem que ficar deitado, naturalmente, mas só conseguimos isso praticamente à força! Graças ao bom Deus e a Reg, com seus livros sobre automóveis! Reg é o único que consegue manter Johnny quieto.

— Reg tem uma boa dose de paciência — disse Pau-line. — Há nele uma delicadeza que eu ainda não tinha percebido realmente. Ele e eu conversamos sobre inúmeras coisas ontem à noite, Lindsay. Temo que eu tenha subestimado seu marido como ser humano. Ele está muito perturbado com o que considera seus fracassos, particularmente no tocante a você e ao seu casamento. Há uma sensibilidade inata, admirável, nele. Algo que todos, inclusive eu, não tínhamos notado.

Lindsay tinha uma expressão sofrida.

— Eu sei. Não temos sido justas com ele, nenhuma de nós. Eu menos ainda. — Fez uma pausa. — Mamãe, Reg e eu conversamos também ontem à noite. Ou melhor, foi ele quem falou mais. Disse que vai me deixar. Que não podemos encontrar a paz juntos. Reg crê que eu amo Geoff e que só serei feliz ao tê-lo de volta.

— Entendo. E isso é verdade, Lindsay?

— Não sei. Por algum tempo pensei que sim. Sei que comparei Reg com Geoff, e senti-me desapontada por não poder ter tido um segundo marido tão inteligente, fino e bem-sucedido como o primeiro. Mas nunca pensei em abandonar Reg. Sabe disso,

mamãe. Não daria o fora nele nunca, não importa quão infeliz eu fosse. Realmente o forcei a casar comigo, e a ficar preso a um compromisso.

— E agora ele está se despedindo de você — disse Pauline. — E isso não a deixa feliz? Agora, você e Geoff podem unir-se de novo. Não haverá necessidade de sentir pena de Reg, ou de você mesma. E nem terá que dar explicações às pessoas, se acha isso importante. Reg está lhe fazendo um favor, e a ele mesmo, também. Não deve ter sido muito divertido para ele tentar viver de acordo com os ideais de outra pessoa. Não me surpreende muito que ele tenha passado a beber, tornando-se anti-social e realmente hostil por vezes. Precisaria ser um santo para permanecer alegre e sorridente sabendo que todo mundo, incluindo sua esposa, mal o tolera.

Lindsay não argumentou.

— É assim que tem sido, não é? Eu me sentia tão deprimida, tão magoada, mas no fundo Reg foi quem sofreu mais. Tudo tinha que ser feito ao meu modo: onde moraríamos, o que ele faria para ganhar a vida, até mesmo a escolha das pessoas que devíamos ver ou não. Eu o separei de seu meio, de suas raízes, acreditando que estava "procurando o melhor" para ele. Todo esse tempo desejei unicamente as coisas que me agradavam. — Soltou um grande suspiro. — O que farei agora, mamãe?

— O que é que você *quer* fazer?

Lindsay nada argumentou.

— Suponho que sei melhor o que *não* desejo fazer. Não quero Geoff de volta. Acho que até ontem à noite ainda não compreendera isso plenamente. Pude ver como ele é realmente egoísta, e tão voltado para si mesmo. Tudo o que pôde pensar sobre o que houve ontem foi se Deus não o estaria castigando. Isso era mais importante para ele do que saber se seu neto estava à morte ou não. Oh, sei que ele não pensou desse modo. Geoff estava também receoso quanto à sorte de Johnny, mas o fato é que se manteve preso a seus próprios sentimentos. No passado acusei Geoff de muitas coisas: infidelidade, crueldade. Mas nunca cheguei a perceber como ele é fraco. Você sabe que ele não pôde sequer olhar para John ontem à noite, no hospital? Voltou-se para si mesmo, do modo como agiu quando S. P. morreu. Não pensou em como nós estávamos nos sentindo. Realmente não pensou. É como se qualquer fato trágico fosse uma afronta a ele. Geoff ou fica zangado ou se afasta. Ou faz as duas coisas ao mesmo tempo.

— E após perceber tudo isso, você ainda o ama?

Lindsay recostou-se na poltrona e fechou os olhos.

— Suponho que de certo modo sempre o amarei. Ou talvez ame a imagem dele. Geoff não é o homem em que posso me apoiar, como tenho idealizado e fixado em minha mente todos esses anos. Ontem à noite voltei-me automaticamente para ele quando recebemos aquele telefonema urgente. Você viu como ele se mostrou eficiente e decidido, dizendo a todos o que deveríamos fazer. Más isso foi porque no momento tudo era quase impessoal e irreal. Mais tarde, pôs-se à parte, preso aos seus temores de que era ele quem estava sendo punido. — Sorriu de modo forçado. — É irônico, não? Os fatos que foram para mim uma revelação, no fim de contas fizeram Reg achar que eu desejava voltar para Geoff. Meu velho hábito de buscar ajuda e apoio em Geoff pareceu a Reg um indício evidente de que ele e eu não pertencíamos um ao outro.

— E pertencem, Lindsay? Acha que você e Reg pertencem um ao outro? Não permita que essas horas traumatizantes obscureçam seus pensamentos. Nada acerca de Reg mudou por você ter entendido Geoff tão claramente. Ainda há todas aquelas diferenças entre vocês dois. O ajustamento que vocês nunca atingiram. Deve ser realista, minha querida.

— Eu sou, mamãe. Talvez pela primeira vez na vida. Sei que ambos temos que mudar, eu mais do que Reg. Tenho que dar a ele a oportunidade de se firmar por si mesmo, de recuperar a autoconfiança que tinha quando nos conhecemos. Tenho de mostrar-lhe que eu o respeito pelo que ele é, e parar de tentar moldá-lo de acordo com o que eu pensava que um homem devia ser. Reg é mais homem do que qualquer outro que já conheci. Estava enganada sobre ele. Usei-o inicialmente para me vingar e nunca busquei uma oportunidade de amá-lo realmente. E agora o amo. Quando ele me disse que ia embora, pensei que ia morrer. Não porque isso significasse que eu fracassara nesse segundo casamento. Mas sim porque gosto muito dele. Porque Reg é decente, indulgente e másculo no sentido exato da palavra.

Pauline deixou escapar um suspiro e disse:

— Sei que fala inteiramente a sério, Lindsay, mas não é fácil para pessoas maduras mudarem. É até possível que você não consiga reajustar seus valores. E Reg pode não estar disposto a fazer uma nova tentativa.

— Eu sei, mas deve haver um meio de convencê-lo. Não pode ser tarde demais, mamãe. Simplesmente não pode ser!

— Sou uma velha senhora, querida, e não muito dada a contar com finais felizes. Mas estou com você, Lindsay, porque acredito que está pensando acertadamente. Não sei como fará para conseguir que Reg mude de opinião, mas, que diabo, tente! E lembre-se disto: você conta com duas coisas a seu favor, amor e lealdade. Reg sempre as devotou a você. Agora, demonstre a ele que pode retribuí-las. Você tem um homem fiel, devotado. Sempre gostei de Geoff, mas ele carece dessas duas coisas. E nada neste mundo tem valor maior. Eu sei disso. Às vezes penso que são estas as qualidades que você esteve procurando toda a sua vida, duas coisas que, na verdade, seu pai nunca foi capaz de ter. Reg carece de refinamento, de charme, mas, por Deus, ele tem coração! E você andou machucando esse coração. Todos nós fizemos o mesmo, esnobes como somos. Mas você pode reparar esse erro em nosso nome. E se tentar isso, pode fazê-lo feliz, tornando-se o tipo de esposa que ele merece. Faça-o entender isso, Lindsay. Custe o que custar, não perca o único tipo de união íntima que realmente importa.

Lindsay assentiu com ar compenetrado.

— Vou tentar, mamãe. Com todas as minhas reservas de humildade, eu tentarei.

Ao sair do apartamento de Pauline, Lindsay não foi diretamente para o seu. Em vez disso, dirigiu-se ao apartamento de Geoff. Fez-se anunciar ao porteiro e subiu até o décimo quinto andar. Geoff estava esperando à porta de seu apartamento, surpreso com a visita.

— Não consegui me comunicar com você o dia inteiro — ele disse. — Sei que foram buscar John no hospital, mas Connie me disse que você saiu logo após. Ela me contou que está tudo bem, graças a Deus. — Sorriu, aquele mesmo sorriso quente, encantador.

— Mas, meu Deus, onde estão minhas boas maneiras, deixando você ficar aí parada? Entre, querida. Diga-me o que acha de meu recanto de solteiro.

Lindsay deu alguns passos pelo vestíbulo e olhou de relance para a sala de espera, dizendo:

— Muito bonito.

— Deixe-me mostrar-lhe o resto, o que há mais aqui para se ver.

— Não. Obrigada, Geoff, mas esta não é exatamente uma visita social. Passei aqui apenas para lhe dizer algo importante.

— Bem, pelo menos sente-se um pouco. Preparo um drinque para você?

Lindsay fez um gesto de cabeça negativo.

— Estou a caminho de casa. Fui visitar mamãe. Um impulso me trouxe aqui de passagem.

Geoff parecia muito tranquilo.

— Eu lhe digo que foi um impulso agradável. Espero que sinta outros com mais frequência.

— Na verdade, vim aqui para lhe dizer que não desejo vê-lo de novo, Geoff. Nem desejo saber mais notícias de você. Nunca devia, sequer, ter tomado aquele café com você ou tê-lo convidado para a festa. Foi idiotice minha. E isso causou uma confusão terrível.

Ela o viu ficar tenso.

— Do que está falando? Pensei que as coisas seriam diferentes. Depois da noite passada...

— A noite de ontem foi um horror por causa do acidente de John. E porque fez com que Reg pensasse que eu ainda amava você.

— E não ama?

— Não, Geoff, não. Pensei que amava. Mas quando Reg me disse ontem à noite que ia me deixar para que assim eu pudesse voltar para você, soube que não desejava isso. Tivemos nossa fase, você e eu, nossos bons e maus momentos. E tudo isso ficou no passado. E não pode ser repetido.

— Está enganada, Lindsay. Nós nos amamos. — Procurou tocá-la. — Nem eu nem você jamais amamos outra pessoa.

Lindsay recuou.

— Isto não é verdade. Durante anos acreditei que fosse, mas não é. Eu amo Reg Marks. E você, Geoff, ama unicamente a si mesmo.

A expressão de Geoff tornou-se sombria.

— Esse maldito inglês! O que ele andou lhe dizendo? Qual é o plano nojento dele?

— Ele não tem nenhum plano. Pretende sair da minha vida. E vou fazer tudo o que puder para retê-lo.

— Lindsay, você enlouqueceu! Ele não é a pessoa certa para você! É um palhaço. Uma piada. Você não pode querer um homem como ele!

— Posso e quero. — Caminhou até a porta. — Você é como papai, Geoff. Egoísta, desafiador e excitante. Mas eu amadureci. Não necessito mais de meu pai ou seu substituto. Preciso de alguém fiel e sempre afetuoso.

Geoff deu uma risadinha desagradável.

— Você poderia descrever assim um cão pastor: fiel, afetuoso e tolo. Alguém a quem se pode dizer para sentar ou levantar, suplicar e obedecer sob comando.

Ela o olhou penalizada e retrucou:

— Você nunca me entenderá. Desejaria que pudesse. E que, ao menos uma vez, tivesse um gesto de desprendimento.

De repente Geoff se enfureceu.

— Desprendimento? Oh, é muito engraçado. Satisfiz todos os seus caprichos, desde o dia em que você explorou meu sentimento de honra e me fez casar com você! Cheguei até a renunciar à mulher que desejava porque tive que voltar para casa e para minha esposa grávida! Tolerei sua infidelidade com esse paspalhão com quem você finalmente se casou! Não tive desprendimento? Você tem muita audácia, Lindsay! O que você deu de si mesma?

— Não muito — ela retrucou calmamente. — Esse é o meu problema, também. Mas meu pecado é pior. Maltratei um homem que não o merecia. — Abriu a porta da frente. — Adeus, Geoff. Boa sorte para você. Talvez Adele seja a pessoa certa para você, afinal de contas. Sob muitos aspectos, vocês são parecidos.

Lindsay caminhou durante uma hora após a visita a Geoff, buscando desesperadamente uma solução. "Como?", ela se perguntava sem cessar. "Como posso convencer Reg de que o amo e só a ele? Como posso fazê-lo acreditar que desejo continuar casada com ele? E que meus tolos e superficiais valores ficaram para trás?

"Se pelo menos pudéssemos recomeçar tudo", pensou. "Em algum lugar novo e estimulante." Não na Inglaterra novamente. Havia muito da antiga Lindsay, resíduos dos dias em que ela tentara afastar Reg mental e socialmente, tanto como fisicamente, daquela parte de Londres que ele conhecia. E não ali também, no seu ambiente, entre seus amigos, num apartamento povoado pelo espectro de Geoff e um outro modo de vida. Não ali onde ela tentara sem sucesso transformar num magnata um homem simples que nem mesmo se sentia feliz em ser patrão. Algumas pessoas poderiam chamar isso de falta de ambição. Geoff certamente era uma delas. Mas havia aqueles que podiam ser felizes sem *status* e poder. E Reg era um deles.

"Quanto a mim", refletiu Lindsay, "não necessito de todas essas comodidades supérfluas. Não sou tola o bastante para achar que poderia viver na pobreza. Já é muito tarde para me tornar uma mulher desalinhada, usando vestidos baratos e sapatos com salto gasto. Mas se Reg pudesse ganhar o suficiente para pagar o aluguel e comprar nossos mantimentos, suprimindo as necessidades de sobrevivência, então ele poderia ser generoso o bastante para me permitir usar meu dinheiro para as pequenas comodidades que sempre apreciei. Sei que ele faria isso. Ele pode ser um chofer de novo. Choferes ganham a vida decentemente, e eu não me incomodo mais com o que meus pretensos amigos pensem. Além disso, se formos para outra cidade, faremos novas amizades. Mesmo que involuntariamente volte a provocar algum problema, que Deus não o permita, isso sucederá entre estranhos.

"Reg acreditará em mim se eu lhe disser todas essas coisas? Acreditará. Porque eu acredito nelas. Aprendi a minha lição, do modo mais difícil. Droga! Que estou dizendo? Eu mesma a tornei difícil."

Caminhou devagar na direção de casa. "Para onde podemos ir?", perguntou-se então. "Para qualquer cidade grande, presumo. E que não me deixe longe demais de mamãe. Tenho que poder sempre acorrer rapidamente se ela precisar de mim."

De repente, parou, acometida por um pensamento. O que Connie dissera em tom de brincadeira a Reg durante o desjejum naquela manhã? "Talvez você e Lindsay devessem se mudar para Chicago. Poderia ser o único meio de assegurar a paz na família..." Bem, e por que não? Os dois eram tão apegados ao pequeno Johnny. Ele era quase o filho que Reg nunca tivera. Seria um ambiente diferente mas não estranho.

Começou a caminhar mais depressa. Era uma boa idéia. "Por favor, Senhor, faça com que Reg concorde. Permita-lhe perceber como sou sincera. E como expulsei de mim as antigas idéias. Por favor, faça-o acreditar no argumento mais forte e verdadeiro de todos: que aprendi a amar."

Sentiu-se otimista e quase impetuosamente feliz, como uma mocinha com a sabedoria de uma mulher feita. "Sempre há tempo para se começar tudo de novo", pensou, "Estou com cinqüenta anos. E daí? Não há razão para sentir nostalgia do passado quando há ainda um futuro a ser alcançado."

Na esquina da 68th Street com a Park Avenue ela parou, aguardando o sinal abrir. A espera pareceu-lhe interminável. Ela sentiu-se irritada, ansiosa para chegar a casa. E então, ao olhar para baixo, viu algo perto do ralo. Lágrimas vieram-lhe aos olhos e sorriu ao evocar Gandy. Um sorriso que iluminou seu rosto. "Sou amada", pensou.

Lentamente, quase numa reverência, abaixou-se e apanhou uma reluzente moeda de um pêni.

Fim